602

MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU

MONUMENTA BRASILIAE

I

(1538-1553)

POR

SERAFIM LEITE S. I.

ROMA

"MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU"

VIA DEI PENITENZIERI 20

1956

Sala 6
Gab. –
Est. 18
Tab, 1
N.º 1

Barata Feyo sculpsit

manoel dantobrega

MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU

MONUMENTA BRASILIAE I

MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU
A PATRIBUS EIUSDEM SOCIETATIS EDITA

VOLUMEN 79

MONUMENTA MISSIONUM
SOCIETATIS IESU

VOL. X

MISSIONES OCCIDENTALES

MONUMENTA BRASILIAE I
(1538-1553)

"MONUMENTA HISTORICA S. I."
VIA DEI PENITENZIERI 20
1956

MONUMENTA BRASILIAE

I

(1538-1553)

POR

SERAFIM LEITE S. I.

ROMA

"MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU"

VIA DEI PENITENZIERI 20

1956

À CIDADE DE SÃO PAULO

IMPRIMI POTEST

Romae, die 2 Februarii 1956.

R. MENDIZÁBAL S. I.
Delegatus P. Generalis

IMPRIMATUR

E Vicariatu Urbis, die 8 Februarii 1956.

† ALOISIUS TRAGLIA
Archiep. Caesarien. Vic. Ger.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Coimbra — Tip. da Atlântida, Rua Fernandes Tomás, 46

ÍNDICE GERAL

Pág.

ÍNDICE GERAL 9*
BIBLIOGRAFIA IMPRESSA 33*
ABREVIATURAS 46*

INTRODUÇÃO GERAL

CAPÍTULO I. PRESSUPOSTO HISTÓRICO. 3
Art. 1. Os Portugueses no Brasil até ao Governo Geral. 3
Art. 2. Missão e Província da Companhia de Jesus. . 7
Art. 3. Os Índios do Novo Mundo e os Jesuítas do Brasil. 9
Art. 4. Os Índios Tupinambás. 14
CAPÍTULO II. AUTORES DAS CARTAS. 19
A. *Na Europa.* 20
Art. 1. P. Inácio de Loyola, Fundador da Companhia de Jesus. 20
Art. 2. P. Pedro Fabro, Primeiro sacerdote da Companhia de Jesus. 23
Art. 3. P. Juan Alfonso de Polanco, Secretário da Companhia de Jesus. 24
Art. 4. P. Pedro Doménech, Fundador do Colégio dos Órfãos de Lisboa. 25
Art. 5. D. João III, Rei de Portugal. 26
Art. 6. Dr. Diogo de Gouveia, Principal do Colégio de Santa Bárbara e Reitor da Universidade de Paris. 32
Art. 7. D. Pedro Mascarenhas, Embaixador de Portugal em Roma e Vice-Rei da Índia. 33
B. *No Brasil.* 34
Art. 8. P. Manuel da Nóbrega, Fundador da Província do Brasil. 34
Art. 9. P. Leonardo Nunes, Fundador do Colégio de S. Vicente. 37
Art. 10. P. Juan de Azpilcueta Navarro, Missionário dos Índios. 38
Art. 11. P. António Pires, Mestre de obras e Vice-Provincial. 38
Art. 12. P. Vicente Rodrigues, Primeiro Mestre-Escola do Brasil. 40
Art. 13. P. Diogo Jácome, Torneiro e Catequista. . . 41

Pág.

Art. 14. P. Afonso Brás, Fundador do Colégio do Espírito Santo. 41
Art. 15. P. Francisco Pires, Fundador da Igreja da Ajuda em Porto Seguro. 42
Art. 16. P. Brás Lourenço, Superior do Espírito Santo. 43
Art. 17. Ir. Pero Correia, Protomártir da Companhia na América. 44
Art. 18. P. António Rodrigues, Primeiro Mestre-Escola de São Paulo. 45
Art. 19. D. Pedro Fernandes, Vigário Geral de Goa e Bispo do Salvador da Baía. 46
Art. 20. Tomé de Sousa, Governador do Brasil e Vedor da Casa Real. 52
CAPÍTULO III. EXPANSÃO DAS CARTAS DO BRASIL PELA EUROPA E O EXTREMO ORIENTE. 53
CAPÍTULO IV. CÓDICES MANUSCRITOS. 61
CAPÍTULO V. EDIÇÕES DAS PRIMEIRAS CARTAS DO BRASIL. 69
CAPÍTULO VI. NORMAS SEGUIDAS NA PRESENTE SÉRIE. . . 78
Art. 1. Recomendações do Congresso de Francoforte. 78
Art. 2. Método de MHSI. 79
Art. 3. Qualidade dos documentos. 80
Art. 4. Leitura dos textos. 81
Art. 5. Dois excertos autógrafos de Nóbrega. . . 82
CAPÍTULO VII. GRATIARUM ACTIO. 83

DOCUMENTOS

1538

1. *Carta do Dr. Diogo de Gouveia a D. João III Rei de Portugal, Paris 17 de Fevereiro.*

TEXTO: 1. Introdução. — 2. Defesa do império português contra os piratas franceses. — 3. Dinheiro pedido emprestado ao Rei de Portugal pelo Rei de França, que deu carta de marca a João Ango contra Portugal. — 4. Negociações entre os Reis de Portugal e França: propõe-se a colonização efectiva do Brasil. – 5. «Pragmatica Censio» dos estudantes de Paris. — 6. Grande movimento de conversão na Índia e deve-se promover mais. — 7. Os «Clérigos reformados» são aptos para esta conversão. — 8. Trate o Rei de Portugal de os angariar por meio do seu Embaixador em Roma; basta escrever a Simão Rodrigues, Pedro Fabro e Ínigo. – 9. Os Mestres portugueses de Paris. – 10. Alunos do Doutor Gouveia que entraram em diversos Institutos Religiosos. . . 87
1a-b. Cartas perdidas. 97

Pág.

2. *Carta do P. Pedro Fabro e companheiros ao Dr. Diogo de Gouveia, Roma 23 de Novembro.*
TEXTO: 1. Responde o P. Pedro Fabro ao Dr. Gouveia que ele e os seus companheiros estão prontos a ir para as missões, mas o assunto deve-se tratar com o Sumo Pontífice. 98

1539

3. *Carta de D. João III Rei de Portugal a D. Pedro Mascarenhas, Lisboa [4 de Agosto].*
TEXTO: 1. A intenção principal do Rei de Portugal é a conversão dos infieis à fé católica tanto na Índia como em todas as suas conquistas. — 2 Soube pela carta do Dr. Diogo de Gouveia que os «Clérigos reformados», que estão em Roma, são idóneos para essa conversão. — 3. Averigúe o Embaixador se assim é; e, se for, convide-os e dê-lhes o que for necessário para a missão. . 101

1540

4. *Carta de D. Pedro Mascarenhas a D. João III Rei de Portugal, Roma 10 de Março.*
TEXTO: 1. O Embaixador de Portugal recebeu as cartas do Rei e do Dr. Gouveia; falou com os «Clérigos reformados» (Companhia de Jesus) e conseguiu dois para as missões, um português e um castelhano, aos quais se juntou um terceiro, italiano. 104

1549

5. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Baía [10? de Abril].*
TEXTO: 1 Chegada à terra brasileira do P. Nóbrega e dos seus companheiros. — 2. Primeira missa do P. Nóbrega e confirmação dos votos de todos. — 3. Nóbrega Vigário interino e pregador dos Portugueses fundadores da nova cidade, Navarro pregador dos antigos moradores da terra. — 4. O Ir. Vicente Rodrigues, Mestre-Escola. — 5. Boa disposição dos Índios para receber a fé cristã. — 6. Religião e língua dos Índios e ajuda dum português morador antigo da terra. — 7. Índio principal já cristão. — 8. Roupa para vestir os Índios. — 9. Que venham muitos Padres de Portugal. — 10. O P. Leonardo Nunes com o Ir. Diogo Jácome destinados a Porto

Pág.

Seguro. — 11. Os outros ficam na Baía. — 12. É preciso que venha de Portugal um Vigário Geral. — 13. A terra é sã. — 14. Insiste Nóbrega que venham mais Padres. — 15. O Governador, escolhido de Deus. — 16. Que o Provincial de Portugal abençôe a todos. . . . 108

6. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Baía [15 de Abril].*

TEXTO: 1. Devem-se enviar para o Brasil clérigos bons, não maus. — 2. Conversão dum índio principal. — 3. Lendas de S. Tomé e da origem do pão. — 4. Espanto e devoção dos Índios durante os ofícios divinos. — 5. Um bom vale para o futuro Colégio. — 6. É necessário um Vigário Geral. — 7. Cartas dos Irmãos. 115

6a-e. Cartas perdidas 118

7. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Baía 9 de Agosto.*

TEXTO: 1. Cartas para Portugal. — 2. Faltam mulheres para os moradores se casarem e conviria que viessem do Reino. — 3. Em prol da família cristã. — 4. Contra os blasfemadores. — 5. Defesa da liberdade dos Índios. — 6. Libertação dos injustamente cativos. — 7. «Esta terra é nossa empresa»: que venham operários evangélicos. — 8. Pede a Bula do Santíssimo Sacramento e faculdades da Santa Sé, entre as quais a de levantar altares, fazer comutações e que as leis positivas não obriguem os Índios recém-convertidos. — 9. É preciso um Bispo ou pelo menos um Vigário Geral. — 10. Escolhe-se lugar apto para o Colégio fora da cerca da cidade, sem medo dos Índios. — 11. Terra fácil para viver; não para pagar a oficiais mecânicos que há poucos. — 12. «É mal empregada esta terra em degredados». — 13. Necessita-se de roupa para vestir as mulheres índias. — 14. Da saúde e ocupações dos Padres. — 15. Festas solenes. — 16. Ornamentos; Nóbrega faz de Vigário. — 17. Os homens da governança, amigos e benfeitores. — 18. Ferramenta, sementes e livros. — 19. Vida espiritual. . . 118

8. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao Dr. Martín de Azpilcueta Navarro, [Baía] 10 de Agosto.*

TEXTO: 1. O que Nóbrega pensa de si mesmo. — 2. Fundação da Cidade do Salvador [Baía] e louvor da terra. — 3. Religião, cosmogonia, antropofagia e outros costumes do gentio do Brasil. — 4. Começa a evangelização dos Índios, cujos filhos aprendem a ler e escrever. — 5. Trabalhos do P. João de Azpilcueta Navarro

Pág.

que aprende a língua brasílica [tupi]. — 6. Aldeia ao pé da Cidade [Monte Calvário], onde está um da Companhia. — 7. A terra do Brasil dá esperanças de muito fruto, mas faltam operários. — 8. Um gentio mata um cristão e é castigado. — 9. Prega-se o nome de Jesus nas Aldeias dos Índios. — 10. Um feiticeiro quer ser baptizado. — 11. Nóbrega pede o conselho e a bênção do Dr. Martín seu mestre 132

9. *Informação das Terras do Brasil. Do P. Manuel da Nóbrega, [aos Padres e Irmãos de Coimbra, Baía Agosto?]*.

TEXTO: 1. Grandeza, clima, fertilidade e abundância do Brasil. — 2. Índios «Guayanases, Carijós, Gaimurês, Tupeniques, Tupinambás», suas moradas e costumes. — 3. Religião, «Tupana», cerimónias e feiticeiros. — 4. Rito antropófago da morte em terreiro. — 5. Rito funerário e sobrevivência. — 6. Comunidade de bens e vida social e familiar. — 7. Tradição do Dilúvio. — 8. Dificuldade na propagação da fé. — 9. O que se diz de S. Tomé e das suas pegadas. — 10. De outras coisas escreverá depois quando tiver mais conhecimento delas. 145

9a. Carta perdida 154

1550

10. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Porto Seguro 6 de Janeiro.*

TEXTO: 1. Cartas que escreveu para Portugal. — 2. O P. Navarro ensina a doutrina aos Índios nas Aldeias. — 3. Nóbrega dispõe as coisas para que Diogo Álvares [Caramuru] seja pai e governador dos Índios. — 4. Perturbações e mortes feitas por Índios contrários. — 5. Os Irmãos Vicente Rodrigues e Simão Gonçalves numa Aldeia de Índios amigos. — 6. O P. António Pires trabalha na Cidade. — 7. O P. Navarro aprende a língua dos Índios e trabalha com eles. — 8. Os Padres contra a antropofagia dos Índios. — 9. O P. Leonardo Nunes e Ir Diogo Jácome em Porto Seguro. — 10. Pazes em Porto Seguro. — 11. O P. Leonardo Nunes vai para São Vicente. — 12. Nóbrega fica em Porto Seguro e com ele o Ir. Diogo Jácome. — 13. Aldeias de Tupinaquins e esperança de lhes ensinar os filhos. — 14. Os cristãos dão maus exemplos e escândalos aos Gentios. — 15. Dois Religiosos de Santo António que andaram

Pág.

em Porto Seguro. — 16 Zelo do Padre Nóbrega pelo resgate dos meninos e pela moralização cristã. — 17. Pede de Portugal órfãs e mulheres para os homens do Brasil se casarem. — 18. Pede que El-Rei proiba o cativeiro injusto. — 19. São precisas faculdades especiais da Santa Sé e que venha um Bispo ou ao menos um Vigário Geral. — 20. Recebeu os livros e ornamentos que vieram de Portugal e pede mais. — 21. Sobre a fundação do Colégio da Baía. — 22. As faculdades para ouvir confissões que venham por escrito. — 23. A terra é sã, a água boa, os alimentos não são fáceis de digerir, mas há uma erva (tabaco) que ajuda a digestão. — 24. É preciso que venham muitos moradores, porque há poucos e não fazem lavouras por temer que os Índios as destruam. — 25. Fala-se de minas de oiro e de pedras preciosas, mas os cristãos são poucos para as ir descobrir e também as almas. — 26. Os Irmãos estão de saude e recebeu dois em Porto Seguro, mas é preciso que venham mais a plantar esta vinha do Senhor. . . 155

11. *Carta do P. Pero Doménech aos Padres e Irmãos de Coimbra, Lisboa 27 de Janeiro.*

TEXTO: 1. Com os Padres da Companhia vão para o Brasil sete órfãos do Colégio dos Meninos Órfãos. — 2. Atravessam as ruas de Lisboa com a cruz alçada. — 3. E embarcam depois de terem feito oração e cantado na Igreja de Belém. 170

12. *Carta do Dr. Pero Borges a D. João III Rei de Portugal, Porto Seguro 7 de Fevereiro.*

TEXTO: 1. A causa principal de os Índios fazerem guerra aos Cristãos era o cativeiro deles; mas agora, a pedido dos Padres da Companhia ele mandou pôr em liberdade os injustamente cativos. 174

13. *Mandado de mantimento para o P. Manuel da Nóbrega e cinco companheiros, Salvador [Baía] 23 de Fevereiro.*

TEXTO: 1. Paga-se em ferro o subsídio para mantimento dos Padres. 176

14. *Carta do P. Juan de Azpilcueta [Navarro] aos Padres e Irmãos de Coimbra, Baía 28 de Março.*

TEXTO: 1. O que escreveu sobre a conversão dos gentios. — 2. Duas dificuldades principais impedem o baptismo dos Índios: primeira, mudam as casas com frequência, indo para os matos. — 3. Segunda, porque é neles inveterado o costume de comer carne humana.

Pág.

— 4. Os seus próprios ministérios. — 5. Ministérios dos outros Padres. — 6 Pede orações para que progrida a evangelização dos Índios. 177

14a-b. Cartas perdidas 187

15 *Carta do P. Juan de Polanco por comissão do P. Inácio de Loyola ao P. Simão Rodrigues, Roma 2 de Julho.*

TEXTO: 1. O Jubileu do Ano Santo de 1550 para o Brasil e outras regiões ultramarinas de Portugal. — 2. Condições para o ganhar. — 3. O P. Simão Rodrigues é esperado em Roma. 187

16. *Carta do P. Inácio de Loyola ao P. Simão Rodrigues e demais Superiores do Congo Brasil e África, Roma 7 de Julho.*

TEXTO: 1. Patente do Jubileu do Ano Santo para o Provincial de Portugal e os Superiores das Missões do Congo, Brasil e África. 190

16-a. Carta perdida 194

17. *Sesmaria de «Água dos Meninos» dada pelo Governador Tomé de Sousa ao P. Manuel da Nóbrega, Baia 21 de Outubro.*

TEXTO: 1. Nóbrega pede uma sesmaria para fazer os mantimentos dos meninos do Colégio. — 2. Poderes do Governador para conceder sesmarias. — 3. Concessão. — 4. Limites. 194

18. *Carta do P. Leonardo Nunes aos Padres e Irmãos de Coimbra, S. Vicente [Novembro?].*

TEXTO: 1 Vai para o Sul levando em liberdade os Índios injustamente cativos. — 2. Chega a Porto Seguro. — 3. Fica um mês no Espírito Santo. — 4 Perto de S. Vicente é atacado o navio por índios amigos cuidando que era navio de franceses. — 5. Reconhecido como português, segue em paz para o porto. — 6. Bem recebido nas vilas de Santos e S. Vicente. — 7. Vai ao campo de Piratininga e promove a edificação de uma igreja, celebra missa e dá a comunhão. — 8 Visita as Aldeias do campo. — 9. Volta à vila de S. Vicente e constroi casa e igreja. — 10. E pensa em ir ao sertão. — 11. Superior da Casa trata da reforma dos costumes e da liberdade dos Índios. 200

18a-e. Cartas perdidas 210

1551

Pág.

19. *Carta de D. João III Rei de Portugal a Tomé de Sousa Governador do Brasil, Almeirim 1 de Janeiro.*
TEXTO: 1. Carta régia para que o Governador dê aos Padres da Companhia de Jesus o que for necessário para mantimento e vestido. — 2. Eram dez Padres dos quais morreram três 211
19a. Carta perdida 212

20. *Mandado de mantimento para o P. Manuel da Nóbrega e seus companheiros no Brasil, Salvador [Baia] 16 de Janeiro.*
TEXTO: 1. Subsídio de seis Padres pagos em alimentos . 212

21. *Carta do P. Pero Doménech ao P. Inácio de Loyola, Almeirim 17 de Fevereiro.*
TEXTO: 1. Fundação do Colégio dos Órfãos de Lisboa. — 2. O que fizeram no Brasil os sete que para lá mandou o Rei de Portugal. — 3. Munificência de El-Rei, pai de todos. 213

22. *Carta do P. Juan de Polanco por comissão do P. Geral ao P. Cláudio Le Jay, Roma 23 de Fevereiro.*
TEXTO: 1. O Duque de Baviera pede dois Padres da Companhia e propõe-se-lhe o exemplo de Portugal. — 2. O Rei de Portugal fundou um Colégio donde saem muitos Padres para o Brasil e as outras conquistas portuguesas. — 3. E também trabalham na pátria: o Duque de Baviera pode fazer o mesmo na sua nação. 216
22a-b. Cartas perdidas. 218

23. *Carta do Ir. Pero Correia ao P. Belchior Nunes Barreto, [S. Vicente] 8 de Junho.*
TEXTO: 1. Cartas para o Colégio de Coimbra. — 2. O P. Leonardo Nunes foi ao sertão com alguns Irmãos. — 3. Navegação fluvial, canoas e dificuldades do caminho. — 4. Ministérios do P. Nunes e do Ir. Correia na Capitania de S. Vicente. — 5. Um homem quis bater no P. Nunes, mas foi impedido por uma índia. — 6. Grande vinha é o Brasil, mas faltam operários. 219

24. *Carta do Ir. Pero Correia [ao P. João Nunes Barreto] África, [S. Vicente 20 de Junho].*
TEXTO: 1. Deseja saber o que fazem os mouros, porque os Índios têm alguns costumes parecidos com os deles. — 2. Os Índios querem aprender a doutrina cristã, mas o P. Nunes também se ocupa com os Portugueses e falta tempo. — 3. O P. Nunes foi ao sertão com quatro Irmãos: a terra é tão grande que não bas-

Pág.

taria todo o Colégio de Coimbra ainda que fosse três ou quatro vezes maior. — 4. Antropofagia ritual dos Índios. 223

25. *Carta do Ir. Pero Correia [ao P. Simão Rodrigues, S. Vicente Junho].*
TEXTO: 1. O P. Leonardo Nunes com seis Irmãos, a 15 dias de caminho, parte por um rio abaixo, foi buscar um homem cristão. — 2. Como os Índios não têm governo nacional nem rei, a sua conversão é difícil, porque é preciso andar de aldeia em aldeia, e não há Padres que cheguem para se dispersarem tanto. 229

26. *Carta do P. Leonardo Nunes aos Padres e Irmãos de Coimbra, S. Vicente 20 de Junho.*
TEXTO: 1. Igreja e Casa de S. Vicente. — 2. De Portugal devem vir Padres e não Irmãos. — 3. Ministérios do P. Nunes nas vilas de S. Vicente e de Santos. — 4. Há outras vilas de Portugueses e só um Padre. — 5. Catequese dos Índios sobretudo pelo Ir. Correia que fala a língua deles. — 6. Em Maio o P. Nunes foi buscar um homem que se tinha esquecido de que era cristão. — 7. Outro que já voltou à vida cristã. — 8. Dois cristãos entre Índios amigos, três mulheres entre Índios contrários. — 9. O P. Leonardo Nunes faz os contrarios amigos, porque os defende de cativeiros injustos. . . . 231

27. *Carta do P. Leonardo Nunes ao P. Simão Rodrigues, S. Vicente [20 de Junho].*
TEXTO: 1. O Capitão de S. Vicente, verdadeiro amigo da Companhia e dos pobres. — 2. Também está aqui um irmão de Pero de Góis, pio e amigo. 237

28. *Carta do Ir. Diogo Jácome aos Padres e Irmãos de Coimbra, [S. Vicente Junho].*
TEXTO: 1. Introdução pessoal e espera que venham Padres. — 2. Os Índios pensam em tudo, menos na salvação das suas almas. — 3. Ministérios do P. Nunes na vinha do Senhor. — 4. Um homem que volta à vida cristã. — 5. Outro que mora a dez léguas da vila de S. Vicente, excomungado pelo Vigário. — 6. Caminho marítimo para trazer um homem que vivia entre os Índios. — 7. Fortaleza atacada pelos Índios contrários. — 8. Igreja de S. Vicente, casa, cerca e quintal. — 9. Há ano e meio que não dá notícias nem da Baía nem de Portugal. — 10. Novos Irmãos em S. Vicente. 238

Pág.

29. *Carta de Maximiano aos Irmãos de Portugal,* [*S. Vicente Junho*].
TEXTO: 1. Foi com o P. Leonardo Nunes ao sertão e viu numa Aldeia de Índios uma casa pequena que diziam ser do seu santo. — 2. Os Irmãos trazem bordões de cruz. 247

30. *Mandado de mantimento para o P. Manuel de Paiva e cinco companheiros, Baía 10 de Julho.*
TEXTO: 1. Subsidio para seis Padres pago em ferro. . 249

31. *Carta do P. António Pires aos Padres e Irmãos de Coimbra, Pernambuco 2 de Agosto.*
TEXTO: 1. O P. António Pires está em Pernambuco com o P. Nóbrega. — 2. Navarro aprende a língua brasílica. — 3. Baptismo de Índios. — 4. Favor do Governador aos índios cristãos. — 5. Morte cristã do índio D. João. — 6. Índios que comem carne humana. — 7. Guerra contra os índios contrários. — 8. Começa o Colégio de Meninos da Baía e os órfãos portugueses atraem os meninos brasis. — 9. Reformam-se os costumes dos Portugueses. — 10. Os da Companhia que estão no Brasil. — 11. Trabalhos dos Padres Nóbrega e Pires em Pernambuco. — 12. Cartas recebidas de Portugal. — 13. Trabalhos manuais dos Padres. . . 250

32. *Mandado do Governador Tomé de Sousa sobre mantimento e vestido dos Padres da Companhia, Baía 6 de Agosto.*
TEXTO: 1. Por ordem régia, o Governador manda dar ao P. Manuel de Paiva um quarto de vinho. . . . 264

33. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Pernambuco 11 de Agosto.*
TEXTO: 1. A conversão do Gentio. — 2. Está principalcipalmente na educação dos meninos nos Colégios que se hão-de fundar em todas as Capitanias. — 3. Também se espera grande fruto em Pernambuco. — 4. O Rei de Portugal deseja que os Padres estejam em todas as Capitanias. — 5. Clérigos de mau exemplo. — 6. O Colégio da Baía 266
33a-c. Cartas perdidas 271

34. *Carta do P. Afonso Brás aos Padres e Irmãos de Coimbra,* [*Espírito Santo 24 de Agosto*].
TEXTO: 1. Passou da Capitania de Ilhéus para a de Porto Seguro e esteve aí 4 meses. — 2. Agora está na Capitania do Espírito Santo, fez casa e trabalha com os cristãos. — 3. Começa a doutrina cristã dos Índios, mas não os baptiza, porque fogem para os matos e comem

Pág.

carne humana. — 4. Esta terra, a melhor do Brasil, dá esperança de fruto, mas faltam Padres. 272

35. *Carta do P. Juan de Azpilcueta [Navarro] aos Padres e Irmãos de Coimbra, Salvador [Baía Agosto?].*
TEXTO: 1. Está com o Ir. Vicente Rodrigues em Porto Seguro e o que aí fazem. — 2. Os Índios comem carne humana. — 3. Aprende a língua brasílica com um homem morador antigo nesta Capitania. — 4. Voltou à Baía, onde agora está. — 5. O Ir. Vicente Rodrigues numa Aldeia de Índios. — 6. O P. Navarro visita as Aldeias. — 7. Por estar o P. Nóbrega em Pernambuco, ele trata agora tanto com cristãos como com gentios. 276

36. *Carta do P. Manuel da Nóbrega aos Padres e Irmãos de Coimbra, Pernambuco 13 de Setembro.*
TEXTO: 1. Chega a Pernambuco com o P. António Pires. — 2. Faz que os Portugueses casem com mulheres índias. — 3. Os Clérigos uns procedem bem, outros não. — 4. Funda duas casas uma para recolhimento de mulheres e outra para educar meninos. — 5. Fervor dos Índios. — 6. Ordenam-se casas para meninos em todas as Capitanias, mas faltam Padres. — 7. Grande coisa é a Índia, mas o Brasil não será menos se vierem Padres. 283

37. *Carta do P. Manuel da Nóbrega a D. João III Rei de Portugal, Olinda [Pernambuco] 14 de Setembro.*
TEXTO: 1. Estado da Capitania de Pernambuco em costumes e religião cristã. — 2. Começa a reforma dos costumes. — 3. Os Donatários são virtuosos, mas a jurisdição de todo o Brasil devia ser de El-Rei. — 4. Os Índios estão bem dispostos, mas faltam Padres para os doutrinar. — 5. Ordenam-se duas casas, uma para recolhimento de mulheres outra para educar meninos. — 6. Homens casados em Portugal. — 7. O casamento cristão dos escravos. — 8. Os Portugueses do Brasil ajudam quanto podem a que se façam casas para educar meninos. — 9. O Colégio da Baía deve ser real e ser ajudado mais eficazmente por El-Rei. — 10. Devem vir órfãs portuguesas para se casarem no Brasil. — 11. Prepara-se uma expedição para descobrir minas. — 12. Está-se à espera de Bispo e de Padres. . . . 289

38. *Mandado de pagamento do soldo devido ao Ir. João de Sousa, Baía 15 de Setembro.*
TEXTO: 1. Que se pague o soldo de João de Sousa até ao tempo em que entrou na Companhia de Jesus. . . 295

1552

Pág.

39. *Mandado de mantimento e vestiaria para o P. Manuel da Nóbrega e seus companheiros no Brasil, Baía 11 de Fevereiro.*
TEXTO: 1. Vestiaria para dez da Companhia, e mantimento para quatro que estão em S. Vicente. . . . 296
39a. Carta perdida 298

40. *Sesmaria do Colégio de Santiago na Capitania do Espírito Santo, Vitória 4 de Maio.*
TEXTO: 1. O P. Manuel de Paiva, em nome do P. Manuel da Nóbrega, pede uma sesmaria para o Colégio de Santiago, na Capitania do Espírito Santo. — 2. Pública-forma. 298

41. *Carta do Ir. Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra,* [*Baía 17 de Maio?*].
TEXTO: 1. Desgraças que acontecem aos Índios que voltam aos costumes antigos. — 2. Naufrágio em que morreram os índios gentios e não os índios cristãos. — 3. Desgraças aos índios que trabalham nos domingos e dias santos. — 4. Morte de dois índios que deram ouvidos a seus feiticeiros. — 5. O medo de um índio. — 6. Menino moribundo, que se baptizou e viveu. . 302

42. *Carta do Ir. Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra, Baía 17 de Maio.*
TEXTO: 1. Menino moribundo, que se baptizou e viveu. — 2. O índio Bastião Teles vai à guerra. — 3. O Ir. Vicente Rodrigues com o P. Manuel de Paiva tiram um cadáver das mãos dos índios para que o não comam. — 4. E são salvos pelos pais de Bastião Teles. — 5. Doença, morte e enterro cristão de Bastião Teles. — 6. Os Padres Nóbrega e António Pires em Pernambuco. — 7. Ocupações do Ir. Vicente Rodrigues entre as quais a de trasladar orações na língua brasílica. — 8. Exercícios Espirituais. — 9. Ministérios com Portugueses e Índios. — 10. Exortação para virem mais Padres. 305

43 [*Carta do Ir. Vicente Rodrigues por comissão do Governador do Brasil Tomé de Sousa ao P. Simão Rodrigues, Baía Maio*].
TEXTO: 1. Vendo um Padre a disciplinar-se, os Índios das Aldeias deixam de comer carne humana. — 2. Desgraças que acontecem aos Índios que voltam aos costumes antigos. — 3. Doentes que recuperam a saúde com as orações dos Padres. — 4. Morte do índio principal Tacoí. — 5. Índios baptizados quando estão para morrer. — 6. Naufrágio de índios que foram à guerra.

Pág.

—7. Morte do índio Porta Grande. — 8. Morte dum índio cristão. — 9. Os Padres bem recebidos pelos Índios de Pernambuco. — 10. Uma Aldeia e o seu feiticeiro na Capitania de Pernambuco. — 11. Os Meninos Órfãos portugueses pregam pelas Aldeias. — 12. A cruz erguida numa Aldeia de Índios. — 13. Baptismo de dois gentios condenados à morte. — 14. A Fonte de Nossa Senhora em Porto Seguro. 315

44. *Carta do P. António Pires aos Padres e Irmãos de Coimbra, Pernambuco 4 de Junho.*

TEXTO: 1. Fruto dos ministérios do P. Nóbrega na Capitania de Pernambuco. — 2. A perseverança dos gentios na doutrina cristã depende de haver Padres, mas faltam. — 3. Se para converter os Índios do Oriente e os mouros são precisos dez Padres, para converter os Índios do Brasil são precisos vinte. — 4. Esta Capitania é muito rica e movimentada, há muito que não chovia e este ano choveu. — 5. Visita das Aldeias de Índios. Confraria do Rosário dos Escravos Índios e Negros da Guiné. — 6. Os Escravos aprendem a doutrina cristã. — 7. Lembrança dos Padres D. Gonçalo, Grã e D. Leão. 321

44a-c. Cartas perdidas 327

45. *Carta do P. Manuel da Nóbrega [aos Moradores de Pernambuco], Baia [5 de Junho].*

TEXTO: 1. Escreve a todos colectivamente por não poder a cada um em particular. — 2. Alegrou-se em saber que andam muitos no caminho do Senhor mas importa que perseverem para a vida eterna em união de caridade. — 3. Isto é o que é necessário. — 4. Com Cristo crucificado e ressuscitado e com a graça abundante do Espírito Santo. — 5. O P. António Pires vos dirá tudo isto. — 6. Mas Nóbrega deseja saber que fruto tiram da confissão frequente e receber cartas deles. — 7. Outra vez as línguas de fogo do Espírito Santo, sem o qual não há conversão das gentes. — 8. E que sejam mercadores da cidade de Deus. — 9. Espera Bispo e Padres da Companhia. 328

46. *Carta do P. Leonardo Nunes ao P. Manuel da Nóbrega, S. Vicente 29 de Junho.*

TEXTO: 1. Castelhanos na Capitania de S. Vicente, vindos do Peru e do Paraguai. — 2. Leonardo pensa em ir ao Paraguai, cujo estado descreve. — 3. Louva os Índios Carijós. — 4. Pensa em partir para o Paraguai a 1 de

Pág.

Agosto. — 5. Chamam-no Bareachu. — 6. Um homem casado que quer entrar na Companhia. 335

46a-b. Cartas perdidas 342

47. *Carta do P. Manuel da Nóbrega a D. João III Rei de Portugal, [Baía princípios de Julho].*

TEXTO: 1. Chega o Bispo. — 2. Nóbrega pede a El-Rei que mande órfãs e outras mulheres portuguesas de que a terra precisa. — 3. E que mande homens de trabalho e não para empregos públicos, que há demais. — 4. Sugere que dê uma comenda ao Bispo ou ao Cabido. — 5. Louva o Governador Tomé de Sousa e teme que não venha outro tão bom. — 6. Nóbrega quer entrar ao sertão, mas só depois de deixar bem fundadas as casas das Capitanias. — 7. A terra cresce no temporal e no espiritual e os Índios já começam a reunir-se numa Aldeia. — 8. Mas, para a terra crescer mais, é preciso que venham muitos moradores. — 9. Esperanças que tem no Bispo. — 10. Que o Rei favoreça o Brasil. . 343

47a-c. Cartas perdidas 347

48. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Baía 10 de Julho.*

TEXTO: 1. Chega o Bispo que se mostra amigo. — 2. O Bispo quer que os Padres da Companhia sejam visitadores. — 3. O Colégio dos Meninos de Jesus está florescente e os Padres aplicam a ele o subsídio régio, vivendo eles de esmola. — 4. O que os Padres recebem por mandado de El-Rei. — 5. Três escravos e 12 vacas emprestadas. — 6. Novos Colégios nas Capitanias. — 7. Aumento do Colégio da Baía. — 8. Não perdeu nenhum dos da Companhia que vieram de Portugal e cujos nomes e actividade própria menciona. — 9. Dois filhos da terra que quer mandar para Portugal, para que estudem e sejam Padres. — 10. Louva o Governador Tomé de Sousa que gostaria de ficar no Brasil. — 11. Deseja ir ao sertão, mas é preciso que venham mais Padres antes de ir. — 12. A igreja da Baía precisa de ser reconstruida. — 13. Boas notícias de São Vicente, que pede reforços. — 14. O subsídio real devia ser para todos os Padres e Irmãos do Brasil. — 15. Prepara-se para visitar as Capitanias: venham Padres. 348

48a. Carta perdida 357

49. *Carta de D. Pedro Fernandes ao P. Simão Rodrigues, [Baía mês de Julho].*

TEXTO: 1. Proibiu no primeiro sermão que os Portugueses usassem cantos e músicas dos Índios. — 2. O mesmo

Pág.

proibiu aos órfãos e aos Padres. — 3. E que os meninos não tragam o cabelo ao modo dos Índios. — 4. Quer que a conversão dos Índios do Brasil se faça como na Índia Oriental, donde veio. — 5. Proibiu as confissões por intérprete e mandou que as mulheres índias aprendessem português. — 6. Reprova os exercícios de humildade e mortificação pública que os Padres usam para edificação do povo. — 7. Reprova as disciplinas tanto dos homens como das mulheres. — 8. Acha mal as ermidas nas Aldeias e o modo como se enterram os defuntos. — 9. Tem experiência da Índia Oriental, e por isso os Padres deviam pedir-lhe conselho e virem de Portugal mais idosos. — 10. De novo a confissão por intérprete e os costumes dos Índios que considera ritos gentílicos. — 11. Pede a Deus que o livre dos gentios e maus cristãos e o tire do Brasil e leve outra vez a Portugal. 357

50. *Mandado de mantimento para o P. Manuel da Nóbrega e cinco companheiros, [Baía] 26 de Julho.*

TEXTO: 1. Subsídio mensal para seis da Baía, pago em mercadoria. 366

51. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, [Baía fins de Julho].*

TEXTO: 1. O Bispo manifesta-se contra os Padres da Companhia. — 2. Reprova a confissão dos Índios por intérprete. — 3. Nóbrega espera a resposta do Doutor Navarro sobre o cativeiro dos Índios que o Bispo parece aprovar. — 4. O Bispo reprova a prática das disciplinas públicas que edificavam o povo. — 5. O pregador do Bispo parece aprovar as mancebias públicas. — 6. O Bispo suprimiu a missa, pregações e doutrina dos Escravos feita pelos Padres da Companhia. — 7. O Bispo não sabe fugir a questões com o seu Cabido, que aliás não edifica o povo. — 8. O Bispo reprova que se cante e toque à maneira dos Índios, tendo-o por rito gentílico. — 9. Não ajuda a educação dos meninos. — 10. Não estima a Companhia e fala mal dela quando quer e pode. — 11. Nóbrega vai aproveitar o facto para ir ao sertão como é preciso e todos desejam. — 12. Tudo isto faz mais mal ao Bispo do que à Companhia, que todos amam. — 13 Ainda que ao princípio aceitou dar ao Bispo visitadores da Companhia, agora já vê nisto perigo: consola-se com Cristo que padeceu maiores contradições. 367

Pág.

52. *Carta dos Meninos Órfãos [escrita pelo P. Francisco Pires] ao P. Pero Doménech, Baía 5 de Agosto.*

TEXTO: 1. Introdução.—2. Peregrinação dos meninos do Colégio da Baía. — 3. Meninos pregadores na língua brasílica. — 4. Entram nas Aldeias dos Índios em procissão e com cantos na língua brasílica. — 5. As casas dos Índios. — 6. Bem recebidos pelos Índios principais. — 7. Chegam às pegadas de S. Tomé e levantam uma cruz. — 8. Quando os meninos entram nas Aldeias, os Índios deixam de comer carne humana. — 9. Passando o rio grande chegam a um lugar onde estava o P. Nóbrega. — 10. Outra peregrinação para erguer uma cruz na Aldeia do Grilo, amigo dos Portugueses. — 11. Uma filha do Grilo estava doente e ficou boa, e um filho foi com os Padres para aprender a ler e a escrever. — 12. Grande festa na Aldeia do Grilo ao som de instrumentos músicos índios; mas devem vir também instrumentos músicos portugueses. — 13. Com cantos e música não receia o P. Nóbrega entrar longe pela terra dentro. — 14. Também se pedem de Portugal sinos e campainhas. — 15. Peregrinação do P. Nóbrega pelas Aldeias até às pegadas de S. Tomé. — 16. Trabalhos e dificuldades do caminho. — 17. Um Irmão [Vic. Rodrigues], com dois meninos, fica na Aldeia junto das pegadas; os outros voltam para a Baía. 375

52a-f. Cartas perdidas 390

53. *Carta do P. Francisco Pires aos Padres e Irmãos de Coimbra, Baía 7 de Agosto.*

TEXTO: 1. Introdução. — 2. Escreve por mandado do P. Nóbrega e o mesmo farão outros de outras Capitanias. — 3. Ao voltar de Pernambuco, o P. Nóbrega não pode ir visitar as Capitanias do sul por sobrevir monção contrária. — 4. O P. Navarro na Capitania de Porto Seguro. — 5. O P. Paiva na do Espírito Santo. — 6. O P. Nóbrega na Baía e seus ministérios. — 7. Fervor dos Índios em aprender a doutrina cristã. — 8. Os meninos do Colégio da Baía estudam e ajudam os Padres. — 9. Peregrinação dos meninos ao sertão da Baía. — 10. O Ir. Vicente Rodrigues faz uma ermida junto às pegadas de S. Tomé. — 12. O Bispo, por indicação de Nóbrega, fez a Diogo Álvares Caramuru companheiro dos Padres na conversão do gentio. — 13. Faltam Padres para a Capitania de Ilhéus. — 14. O P. Nóbrega prepara-se para navegar para o sul. — 15. Começa a edificar-se nova

Pág.

igreja na cidade da Baía. — 16. O menino Miguel, filho de português e índia, que vivia como índio. . . . 390

54. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, [Baia fins de Agosto].*

TEXTO: 1. A esperança da conversão do gentio está na educação dos filhos e para isso vieram órfãos de Portugal. — 2. Para os sustentar Nóbrega adquiriu terras e ajuda-o o Governador. — 3. Alvará régio para sustento de dez Padres da Companhia. — 4. Para sustento dos meninos comprou 12 vacas e outras coisas. — 5. Escravos necessários para o Colégio. — 6. Carijós injustamente cativos a quem se dá liberdade e ficam no Espírito Santo. — 7. Dízimos do peixe e outras coisas do sustento dos Meninos. — 8. Para não dar pasto a murmurações os Padres vivem de esmolas e comem uma vez por dia com os criados do Governador. — 9. O Bispo dá ouvidos aos murmuradores, mas Nóbrega, com o conselho do Governador e amigos, não desiste do Colégio começado. — 10. Os Colégios de meninos são absolutamente necessários no Brasil. — 11. O Bispo é zeloso, mas velho, e por isso para ele ou para o Cabido se deve arranjar alguma comenda em Portugal até a terra poder mais. — 12. Dúvidas que se puseram com a chegada do Bispo. — 13. Confissões por intérprete. — 14. A estada na Igreja dos Índios gentios com os cristãos. — 15. Costumes dos Índios que não são contra a fé cristã. — 16. A nudez dos Índios que pedem o baptismo. — 17. A guerra e cativeiro dos Índios. — 18. O Bispo nomeou Diogo Álvares [Caramuru] pai da conversão do gentio e Nóbrega pede para ele algum ordenado régio. 400

55. *Carta do Ir. Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra, Baia 17 de Setembro.*

TEXTO: 1. Método de catequese do Ir. Vicente Rodrigues. — 2. Fala a língua brasílica assim como os «Irmãos» pequenos que estão com ele. — 3. Peregrinação às pegadas de S. Tomé. — 4. Visita a Aldeia dum índio principal, que foi catecúmeno de Nóbrega; e há outras Aldeias, mas os operários são poucos. — 5. Peregrinação do P. Nóbrega com outros Padres e meninos. — 6. Os feiticeiros dos Índios são contrários à conversão. — 7. Que venham Padres de Portugal. 409

Pág.

56. *Carta do P. Pero Doménech ao P. Inácio de Loyola, [Lisboa por Outubro].*
TEXTO: 1. Soube pelas cartas dos meninos que já havia quatro ermidas nas Aldeias dos Índios e que um menino brasil repreendeu a mãe por comer carne humana. — 2. Os meninos dançam e cantam na língua brasílica e depois declaram a doutrina cristã: e os Índios seguem os filhos. 415
56a-b. Cartas perdidas 417

1553

57. *Mandado de vestiaria para o P. Manuel da Nóbrega e mais nove da Companhia, [Baía] Fevereiro.*
TEXTO: 1. Subsídio para dez Padres a pagar parte na Baía parte em S. Vicente. 417

58. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, S. Vicente 12 de Fevereiro.*
TEXTO: 1. Não recebeu resposta de cartas que lhe escreveu. — 2. Achou na Vila de São Vicente grande casa e igreja com sete Irmãos e muitos meninos. — 3. Resolveu entrar ao sertão. — 4. A Capitania de S. Vicente é a porta do sertão e por isso nela se deve fazer mais fundamento do que nas outras. — 5. Modo de proceder do Bispo e dos seus clérigos e visitador, mas o povo ama a Companhia excepto os que não podem ser absolvidos dos seus pecados. — 6. Devia vir um Padre da Companhia feito bispo de anel só para ordenar os Irmãos e crismar. — 7. Deseja saber como há-de proceder com os que saem da Companhia. — 8. Bens temporais. — 9. O Ir. Pero Correia. — 10. Herança de Álvaro de Magalhães. — 11. Esmola para a mãe do Ir. João de Sousa. — 12. Luís de Góis e a sua mulher. . . . 419
58a. Carta perdida 425

59. *Carta de um Irmão do Brasil aos Irmãos de Portugal, S. Vicente 10 de Março.*
TEXTO: 1. O Padre Nóbrega, na armada do Governador, visita as Capitanias ao sul da Baía. — 2. Em Ilhéus ninguém da Companhia. — 3. Na Capitania de Porto Seguro o P. Navarro. — 4. Na Capitania do Espírito Santo o P. Afonso Brás já com grande colégio e igreja. — 5. No Rio de Janeiro ensina-se a doutrina cristã aos meninos brasis, com cantos na sua língua, e aí se

Pág.

deve fazer povoação de Portugueses. — 6. Ministérios do P. Nóbrega na armada. — 7. Em Angra dos Reis adoecem os Padres Nóbrega e Francisco Pires. — 8. Na Vila de S. Vicente há casa que sustenta mais de 80 pessoas, e a igreja melhor de todo o Brasil. — 9. Confraria do Menino Jesus e trabalhos do Ir. Pero Correia, do P. Francisco Pires, do P. Leonardo Nunes que foi aos «Patos», e do P. Paiva. — 10. O P. Nóbrega quer ir ao sertão, mas impede-o o Governador, para não faltarem Padres nas Capitanias. — 11. De novo os ministérios dos Padres, em particular do Ir. Correia, que sabe bem a língua brasílica. — 12. O P. Nóbrega ordena que o ensino de ler e escrever se estenda também aos meninos de fora. 425

60. *Carta do Ir. Pero Correia [ao P. Simão Rodrigues], S. Vicente 10 de Março.*

TEXTO: 1. Há 19 anos que está no Brasil e escreve de males que conhece bem. — 2. O visitador do Bispo impõe penas de dinheiro e deixa os pecados como antes. — 3. Entre os Portugueses há um, que está no Brasil há 40 anos. — 4. Lesa-se a liberdade dos Índios com desdouro da Companhia que a prometeu e se vê impotente para impedir os cativeiros injustos. — 5. Um homem que perdeu a fé. — 6. Cristãos com muitas mulheres. — 7. Reforma de costumes de algumas mulheres índias. — 8. Opiniões sobre o futuro da alma. — 9. Índio tirado à força do Colégio. — 10. O P. Nóbrega e acções que são milagres. — 11. Três condições dos cristãos do Brasil. — 12. Por já não aproveitarem os ministérios com os cristãos, desejam os Padres ir ao sertão. — 13. O Ir. Correia pede livros. — 14. O Governador impede a entrada ao sertão. — 15. Para reduzir os Índios à vida civil e religiosa o caminho suave é não dar nada do que os Índios precisam senão aos já cristãos. — 16. Todos os Índios dizem que querem ser cristãos, mas convém que vejam também nisso alguma utilidade material. — 17. Os Índios são agora mais guerreiros do que antes, porque nada lhes falta nem mesmo vinho para se embriagar. — 18. As guerras dos Índios não são de temer. — 19. Os Índios não têm nenhuma religião, só algumas superstições, como também as há em Portugal. — 20. Se não se pratica isto que propõe, a única esperança é que dos filhos dos Índios nasça novo povo cristão. — 21. Mas para ensinar tanta quantidade de meninos

Pág.

não há sustento. — 22. De novo a entrada ao sertão. — 23. Pede missas por sua intenção aos Padres de Portugal. 433

61. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, S. Vicente [10 de Março].*

TEXTO: 1. Deliberação de Nóbrega para entrar ao sertão. — 2. Razões do Governador para que Nóbrega não vá. — 3. Boatos de minas de oiro e prata que também impedem a ida. — 4. O Governador não deixa entrar pelas Capitanias senão com intenção de ir e voltar para a costa marítima. — 5. Mas os Índios do Brasil não são para se converterem e ficarem logo abandonados a si-mesmos no sertão. — 6. Os cristãos à excepção dalguns não ajudam a conversão do gentio. — 7. O Bispo e o seu Visitador não fazem recta administração da justiça. — 8. O Governador é bom, mas nem sempre o são seus conselheiros no que toca à liberdade dos Índios. — 9. E uma justa liberdade até às coisas temporais serviria. — 10. O cativeiro dos Índios é uma dor de coração. — 11. Recurso a El-Rei de Portugal; e se não se permite ir ao sertão pouco há que fazer na costa, a não ser a educação de meninos dos Colégios. — 12. Nóbrega pensa em voltar à Baía e em levar consigo os Irmãos recebidos em São Vicente. — 13. A Casa de São Vicente deve ser ajudada também pelo Rei, pois o que se dá para dez nem para três basta. 448

61a-b. Cartas perdidas 458

62. *Confirmação das terras doadas pelo Ir. Pero Correia ao Colégio de S. Vicente, S. Vicente 22 de Março.*

TEXTO: 1. Terras do Ir. Pero Correia. — 2. Junto ao Porto das Naus em S. Vicente. — 3. Em Peruíbe. — 4. Ilha junto de Peruíbe. — 5. Pública-forma. — 6. Confirmação e doação destas terras à Confraria do Menino Jesus da Vila de S. Vicente. 459

63. *Carta do P. Cipriano Suárez ao P. Inácio de Loyola, [Lisboa?] 25 de Abril [?].*

TEXTO: 1. Expedições missionárias para a Índia e o Brasil. — 2. Para o Brasil sete Padres e Irmãos. — 3. Munificência do Rei de Portugal inclusivè para bibliotecas das missões. 464

64. *Carta do P. Vicente Rodrigues ao P. Luís Gonçalves da Câmara, [Baía] 23 de Maio.*

TEXTO: 1. Ingrata disposição de D. Pedro Fernandes para com a Companhia. 467

Pág.

65. *Carta do Ir. Antônio Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra, S. Vicente 31 de Maio.*

TEXTO: 1. Foi soldado e entrou na Companhia recebido pelo P. Nóbrega. — 2. Esteve na fundação da cidade do Rio da Prata [Buenos Aires]. — 3. Grande fome. — 4. Abandono da cidade. — 5. Sobe pelo rio ao sertão através de Índios de diversas nações. — 6. Fundação da cidade de Assunção. — 7. Expedição militar pelo rio acima até aos confins do Maranhão. — 8. Expedição militar para o Ocidente até aos Índios Maias e outros. — 9. Grande deserto e salinas. — 10. Aparecem cães de Espanha nos confins do Peru, donde volta a expedição sem oiro nem prata. — 11. O clérigo Nuno Gabriel e o seu zelo para com os Índios. — 12. O cativeiro dos Índios pelos Espanhóis. — 13. O Ir. Rodrigues pediu licença ao P. Nóbrega para ir lá com alguns Padres. — 14. Assuntos do Ir. Rodrigues. — 15. Dois Padres de S. Francisco. — 16. Um Padre daquela terra [Paraguai] escreveu ao P. Leonardo Nunes que fosse lá. 468

66. *Carta [do Cônego Antônio Jusarte] a um Padre da Companhia em Portugal, [Baía] 1 de Junho.*

TEXTO: 1. D. Pedro Fernandes trata mal a clérigos seus. — 2. O autor da carta. — 3. Os Padres da Companhia. 481

67. *Carta de Tomé de Sousa Governador do Brasil a D. João III Rei de Portugal, Salvador [Baía] 1 de Junho.*

TEXTO: 1. A Capitania e Vila de S. Vicente e o Colégio da Companhia. — 2. Os Castelhanos da cidade de Assunção, que parece estar dentro da demarcação do Rei de Portugal, e do caminho para lá que fechou. — 3. E por isso também não permitiu aos Padres da Companhia irem fazer casas no sertão sem primeiro consultar El-Rei. — 4. As terras do sul do Brasil até ao Rio da Prata. — 5. Expedição a descobrir minas de oiro, indo também um Padre da Companhia. 483

67a. Carta perdida 487

68. *Carta do P. Inácio de Loyola a todos os Superiores da Companhia, Roma 14 de Junho.*

TEXTO: 1. Entre todos os Príncipes cristãos a maior obrigação da Companhia é para com o Rei de Portugal com cujo favor se começou a Companhia a fundar e espa-

Pág.

lhar. — 2. Por isso ordena orações em toda a Companhia pelo Rei de Portugal, a sua mulher e filhos. . . 487

69. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Luís Gonçalves da da Câmara, S. Vicente 15 de Junho.*

TEXTO: 1. Cartas recebidas de Portugal. — 2. A sua chegada à Capitania de São Vicente. — 3. O Governador impediu a ida ao sertão. — 4. Notícias de Índios do sertão e também das Amazonas. — 5. Nóbrega fica em São Vicente e insiste na ida ao sertão. — 6. Da cidade do Paraguai que está na demarcação do Brasil, e, se ficar para El-Rei de Portugal, que se proveja de justiça. — 7. A Capitania de São Vicente também devia de ser da jurisdição real por ser porta do sertão. — 8. No Campo há três Aldeias que desejam reunir-se numa para aprender a doutrina cristã. — 9. Ministérios dos Padres na Vila de São Vicente. — 10. Educação e instrução dos Meninos no Colégio de São Vicente. — 11. A Confraria do Menino Jesus para as coisas temporais. — 12. João Ramalho, os seus filhos, e um motivo de escândalo que Nóbrega suprimiu. — 13. Esperam-se Padres de Portugal. — 14. Nóbrega pede sucessor ou pelo menos visitador. — 15. Pobreza da casa de São Vicente. — 16. Nóbrega termina amigàvelmente uma demanda com Brás Cubas. — 17. Cartas de que não teve resposta incluindo a do Dr. Navarro. — 18. Casas que se devem fundar ao menos entre os Índios mais próximos. — 19. Modo de proceder do Bispo e do Clero. — 20. Pede ferro para o Ir. ferreiro. — 21. Oficiais mecânicos. — 22. Espera o P. Luís Gonçalves da Câmara. — 23. Leonardo Nunes voltou da Lagoa dos Patos e está doente. — 24. A Capitania de São Vicente, entre todas as do Brasil, é a mais sã. 489

69 bis.

TEXTO: 1[8]. No Campo há três aldeias que desejam reunir-se numa para aprender a doutrina cristã. — 2[9]. Ministérios dos Padres na Vila de São Vicente. — 3[10]. Educação e instrução dos Meninos no Colégio de São Vicente. — 4[4]. Notícias dos Índios do sertão e também das Amazonas. 504

70. *Carta-Patente do P. Inácio de Loyola ao P. Manuel da Nóbrega, Roma 9 de Julho.*

TEXTO: 1. Patente do P. Manuel da Nóbrega para Provincial do Brasil e outras regiões mais além. . . . 506

Pág.

71. *Carta do P. Inácio de Loyola ao P. Manuel da Nóbrega, Roma 9 de Julho.*
TEXTO: 1. Crescendo a Companhia de Jesus no Brasil pareceu necessário haver Prepósito Provincial e para esse cargo nomeia o P. Nóbrega. — 2. O P. Luís da Grã será o seu colateral. — 3. Também os Reitores dos Colégios terão colateral e conselheiros. — 4. Façam agora a profissão os Padres Nóbrega e Grã. . . . 509

72. *Carta do P. Inácio de Loyola ao P. Manuel da Nóbrega, Roma 18 de Julho.*
TEXTO: 1. Envia a fórmula da profissão. — 2. Como será o Conselho do Provincial e o dos Reitores. — 3. Além das cartas para Portugal, também ao Geral se deve escrever. 512

73. *Carta do P. Brás Lourenço aos Padres e Irmãos de Coimbra, Baía 30 de Julho.*
TEXTO: 1. Trabalhos da navegação entre Portugal e o Brasil. — 2. O P. Luís da Grã prega na cidade da Baía. — 3. O Ir. António Blázquez ensina a ler, escrever e latim. — 4. O P. Brás Lourenço celebra missa a uma légua da cidade da Baía. — 5. O P. Ambrósio Pires com um Irmão, foi para Porto Seguro, por o P. Navarro ir com os Portugueses ao sertão. — 6. O P. Vicente Rodrigues acompanhado doutro Padre consegue que seja baptizado um índio antes de os outros o matarem e comerem. 513
73a-c. Cartas perdidas 518

74. *Carta do P. Juan de Polanco por comissão do P. Inácio de Loyola ao P. Manuel da Nobrega, Roma 13 de Agosto.*
TEXTO: 1. Norma das cartas para Roma. — 2. As cartas que se podem mostrar aos de fora. — 3. As coisas que não ajudam à edificação escrevam-se em carta separada. 519

75. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Luís Gonçalves da Câmara, Sertão de S. Vicente, último de Agosto.*
TEXTO: 1. Escreve do sertão da Capitania de S. Vicente. — 2. Na Aldeia [de Piratininga] fez 50 catecúmenos no dia 29 de Agosto. — 3. Agora segue adiante e já antes seguira Pero Correia. — 4. No Campo vive João Ramalho parente do P. Paiva, homem principal entre todos, que deseja casar-se com a mulher com quem vive e cujo filho mais velho Nóbrega leva consigo. — 5. Saiba o P. Luís Gonçalves se ainda vive a mulher que João Ramalho deixou em Portugal há 40 anos ou mais. —

Pág.

6. Dispensas do Papa para os Cristãos se poderem casar e devia alcançar um indulto geral.—7. Se houver gastos João Ramalho pagará em açúcar.—8. Correspondência com Portugal, donde é mais fácil chegar notícias a S. Vicente do que da Baía. 521

ÍNDICE ALFABÉTICO E REMISSIVO (onomástico [Jesuítas com asterisco], geográfico e ideográfico). 529

GRAVURAS

Retrato e assinatura autógrafa do P. Manuel da Nóbrega (Fundador da Província do Brasil). 2*/3*

Selo da Companhia de Jesus, usado pelos primeiros Padres Gerais, desde S. Inácio a Cláudio Aquaviva (conservado no ARSI). 5*

Expansão dos Jesuítas do Brasil (Século XVI). 336/337

BIBLIOGRAFIA IMPRESSA

Os livros, que contêm cartas de Jesuítas do Brasil, indicam-se aqui sumàriamente, seguidos dum número entre parênteses. Este número remete para as Edições das primeiras Cartas do Brasil, *que adiante se descrevem na «Introdução Geral», cap. V, pp. 69-78.*

ALCÂNTARA MACHADO, A. de. — Ver *Cartas Jesuíticas.*

ALMEIDA, Fortunato de. — *História da Igreja em Portugal.* 4 Tomos (8 vols.). Coimbra 1910-1924.

— *História de Portugal.* 6 vols. Coimbra 1922-1929.

ALMEIDA PRADO, J. F. de. — *Primeiros Povoadores do Brasil (1500-1530).* São Paulo 1935.

ALVARENGA, Oneyda. — *Música popular Brasileira.* México-Buenos Aires 1947.

AMOROSO LIMA, Alceu. — *A Igreja e o Novo Mundo.* Rio de Janeiro 1943.

Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. 74 vols. Rio de Janeiro 1876-1953. Em curso de publicação.

Anais do IV Congresso de História Nacional (21-28 de Abril de 1949). 13 vols. Rio de Janeiro 1950-1952.

ANCHIETA, José de. — Ver *Cartas Jesuíticas.*

ANSELMO, António Joaquim. — *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI.* Lisboa 1926.

Archivo do Districto Federal. 4 vols. Rio de Janeiro 1894-1897.

Archivum Historicum Societatis Iesu. 25 vols. Roma 1932-1956. [AHSI]. Em curso de publicação.

ARINOS DE MELO FRANCO, Afonso. — *Desenvolvimento da civilização material no Brasil.* Publicações do Serviço do Património Histórico e Artístico Nacional, n. 11. Rio de Janeiro 1944.

ARROYO, Leonardo. — *Igrejas de São Paulo.* — Introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crónica da cidade. Com uma carta do Cardeal-Arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmello Motta. Prefácio de Affonso de E. Taunay. Rio de Janeiro 1954.

ASTRAIN, Antonio. — *Historia de la Compañía de Jesús en la Asistencia de España.* 7 vols. Madrid 1912-1925.

Avisi Particolari delle Indie di Portugallo. Roma 1552 (n. 2).

AYROSA, Plínio. — *Termos Tupis no Português do Brasil.* São Paulo 1937.

— Ver VALE, Leonardo do.

AZEVEDO, Fernando de. — *A Cultura Brasileira. Introdução ao estudo da Cultura no Brasil.* São Paulo 1944.

AZEVEDO, Pedro de. — *A Instituição do Governo Geral,* in *História da Colonisação Portuguesa do Brasil* III (Porto 1924) 327-383.

AZEVEDO MARQUES, Manuel Eufrásio de. — *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da Provincia de S. Paulo.* 2 vols. Rio de Janeiro 1879.

AZPILCUETA NAVARRUS, Martinus ab. — *In tres de poenitentia distinctiones posteriores commentarii.* Conimbricae 1542.

— *Manuale Confessariorum et Poenitentium.* Paris 1602.

— *Sacrorum Canonum et utriusque Iuris et facti Quaestiones.* Coloniae Agrippinae 1615.

BAIÃO, António. — *História Quinhentista (inédita) do Segundo Cerco de Diu.* Coimbra 1925.

BALDUS, Herbert. — *Bibliografia Critica da Etnologia Brasileira.* São Paulo 1954.

BALLESTEROS Y BERETTA, Antonio. — *Historia de España y su influencia en la historia universal.* 10 vols. Barcelona 1918-1941.

BAPTISTA CAETANO DE ALMEIDA NOGUEIRA. — Ver CARDIM, Fernão.

BARBOSA, Manoel. — *A Igreja no Brasil. Notas para a sua história.* Rio de Janeiro 1945.

BARBOSA MACHADO, Diogo. — *Biblioteca Lusitana, Histórica, Critica e Cronológica.* (2.ª ed.) 4 vols. Lisboa 1930-1935.

BARROSO, Gustavo. — *O Brasil na lenda e na Cartografia antiga.* São Paulo 1941.

BATAILLON, Marcel. — *Études sur le Portugal au temps de l'humanisme.* Coimbra 1952.

— *Erasmo y España.* 2 vols. México 1952.

BERINGER, F. — *Les indulgences, leur nature et leur usage,* trad. de Ph. de Mazoyer, 2 vols. Paris 1905.

BERNARD-MAITRE, Henri. — *Un grand serviteur du Portugal en France — Diogo de Gouveia l'Ancien et le Collège Sainte-Barbe de Paris (1520-1548),* in *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal.* Nouvelle série. 15 (Coimbra 1951) 3-75.

BERRIEN, William. — Ver BORBA DE MORAES, Rubens.

BIASUTTI, Renato. — *Le Razze e i Populi della Terra* III *(Oceania-America).* Con la collaborazione dei Professori Raffaello Battaglia e José Imbelloni. Torino 1941.

BORBA DE MORAES, Rubens — BERRIEN, William. — *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros.* Rio de Janeiro 1949.

BRANDÃO, Mário — *O processo da Inquisição de Mestre João da Costa* 1. Coimbra 1944.

— *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes* 1. Coimbra 1948.

Brasilia. 9 vols. Coimbra 1942 1955. Em curso de publicação.

BRINTON, Daniel G. — *La Raza Americana. Clasificación linguistica y descripción etnográfica de las tribus indigenas de América del Norte y del Sur.* Prólogo de Enrique Palavecino. Buenos Aires 1946.

BRITO ARANHA, P. V. de. — Ver SILVA, Innocencio Francisco da.
Brotéria. 62 vols. Lisboa 1926-1956. Em curso de publicação.
BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. — *Cobra de Vidro.* São Paulo 1944.
Bulletin of The New York Public Library. 1-58. New York 1897-1954. Em curso de publicação.
CAETANO (Cardeal). — Ver *Summula Caietana.*
CALIXTO, Benedito. — *A villa de Itanhaem.* Itanhaém 1895.
CALMON, Pedro. — *História do Brasil.* 4 vols. São Paulo 1939-1947.
— *História da Fundação da Bahia.* Bahia 1949.
CALÓGERAS, Pandiá. — *Formação Histórica do Brasil.* Rio de Janeiro 1935.
CAMÕES, Luís de. — *Os Lusíadas.* Reprodução fac-similada da 1.ª edição impressa em 1572. Porto 1939.
CAMPOS. J. da Silva. — *Fortificações da Bahia.* Rio de Janeiro 1940.
CAPISTRANO DE ABREU, João. — *Capítulos de História Colonial.* 4.ª edição, revista anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro 1954.
— *Correspondência de Capistrano de Abreu.* Edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. 2 vols. Rio de Janeiro 1954.
— *Prolegómenos à «História do Brasil» de Frei Vicente do Salvador.* Rio de Janeiro 1918.
— *Notas à «História do Brasil» de Porto Seguro:* — Ver PORTO SEGURO.
CARDIM, Fernão. — *Tratados da Terra e Gente do Brasil.* Introduções e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro 1925.
CARDOSO, Jorge. — *Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal, e suas Conquistas.* 3 vols. Lisboa 1652-1666.
Cartas Avulsas. — Ver *Cartas Jesuíticas* II (n. 14).
Cartas Jesuíticas. — [Publicações da Academia Brasileira de Letras, «Colecção Afrânio Peixoto»]: I — Manoel da Nobrega, *Cartas do Brasil (1549-1560).* Nota Preliminar de Afrânio Peixoto. Introdução de Vale Cabral, Notas de Vale Cabral e Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro 1931. [Contém as mesmas Cartas da edição de *Materiaes e Achegas,* de 1886, e mais o «Diálogo sobre a Conversão do Gentio»]; II — *Cartas avulsas (1550-1568).* Nota preliminar, Introdução e Sinopse da História do Brasil e da Missão dos Padres Jesuítas de 1549 a 1568, de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro 1931. [Contém as mesmas Cartas da edição *Materiaes e Achegas* de 1886]; III — *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594).* Nota Preliminar e Introdução de Afrânio Peixoto; um artigo de Capistrano de Abreu, a bibliografia de Sommervogel, notas e Postfácio de A. de Alcântara Machado. Rio de Janeiro 1933. [Contém os mesmos documentos da edição de *Materiaes e Achegas,* de 1886, acrescida doutros de Anchieta. como o título mostra, «conhecidos até 1933; e alguns escritos, que não são dele», LEITE VIII 18].

Cartas de San Ignacio de Loyola. 6 vols. Madrid 1874-1879 (n. 12).

CARVALHO FRANCO, Francisdo de Assis. — *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil.* São Paulo 1954.

CASTRO, Eugénio de. — *Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa 1530-1532.* Prefácio de J. Capistrano de Abreu. 2 vols. Rio de Janeiro 1940.

Catálogo da Exposição Histórica da Ocupação. 2 vols. Lisboa 1937.

Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios da Bibliotheca Nacional. Publicado sob a direcção do bibliotecário João de Saldanha da Gama. Rio de Janeiro 1885.

Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. 6 vols. Rio de Janeiro 1878-1904 [Extracto dos *Anaes* da mesma Biblioteca, vols. IV, V, X, XV, XVIII, XXIII].

CHARLES, Pierre. — *Missiologie et acculturation,* in *Nouvelle Revue Théologique* 75 (Louvain 1953) 15-32.

Chronicon. — Ver POLANCO.

Cimélios. — Ver *Catalogo da Exposição Permanente dos Cimelios.*

COMAS, Juan. — *Bibliografía selectiva de las culturas indígenas de América.* México 1953.

Copia de unas cartas [...] *Recebidas el año de 1551* (n. 1).

Corpo Diplomatico Portugues. Publicado por Luiz Augusto Rebello da Silva etc. 14 vols. Lisboa 1862-1910.

CORTESÃO, Jaime. — *A fundação de São Paulo, — Capital geográfica do Brasil.* Rio de Janeiro 1955.

COSTA, Américo. — *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular.* 12 vols. Porto 1929-1949.

CROS, L. Joseph Marie. — *Saint François Xavier. Sa vie et ses lettres.* 2 vols. Toulouse 1900.

CUNHA RIVARA. Heliodoro da. — Ver RIVARA.

DALMASES, Cándido de. — *Fontes Narrativi de S. Ignatio de Loyola et de Societatis Iesu initiis.* 2 vol. Romae 1943-1951. [No 1.º vol. colaboraram Dionísio Fernándes Zapico e Pedro de Leturia] (MHSI).

DELEHAYE, Hippolyte. — *L'oeuvre des Bollandistes (1615-1915).* Bruxelles 1920.

Diálogo sobre a Conversão do Gentio. — Ver NÓBREGA.

DICKSON, Sara A. — *Panacea or Precious Bane. Tobacco in Sixteenth Century Literature,* in *Bulletin of The New York Public Library,* vols 57-58 (1953-1954).

Dictionnaire de Théologie Catholique [VACANT, MANGENOT, AMANN]. 15 t. Paris 1909-1953.

Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo. Venezia 1559 (n. 4).

Documenta Indica (DI). — Ver WICKI.

Documentos Históricos Publicações da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro 1928 ss. 98 vols. (1952). Em curso de publicação.

DUHR, Joseph. — *Anges,* in *Dictionnaire de Spiritualité* I (1932) 580-625.

DURÃO, Paulo. — *Nobrega, Fundador de São Paulo.* Lisboa 1955.

EGAÑA, Antonio de. — *Monumenta Peruana* I (1565-1575). Romae 1954 (MHSI).

Epistolae Iapanicae. Lovanii 1569 (n. 6).

Epistolae Mixtae ex variis Europae locis ab anno 1537 ad 1556 scriptae. 5 vol. Matriti 1898-1910 (MHSI).

Epistolae S. Francisci Xaverii aliaque scripta. Nova editio ex integro refecta textibus, introductionibus, notis, appendicibus aucta. Ediderunt GEORGIUS SCHURHAMMER S. I. et IOSEPHUS WICKI S. I. 2 tom. Romae 1944-1945 [*Epp. Xav.*] (MHSI).

EUBEL, Conradus. — Ver VAN GULICK.

Exposição Histórica comemorativa do IV Centenário da Fundação de São Paulo 1554-1954. [Catálogo de Alberto Iria]. Ed. da Comissão do IV Centenário. Lisboa (Palácio Galveias) 1954.

Fabri Monumenta. Beati Petri Fabri Epistolae, Memoriale et Processus. Matriti 1914 (MHSI).

FERNANDES, Florestan. — *A função social da guerra na sociedade tupinambá,* in *Revista do Museu Paulista,* nova série, VI (1952) 7-425.

FERREIRA, J. Augusto. — *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga* (séc. III-séc. XX). 4 vols. Braga 1928-1935.

FERREIRA, Tito Lívio. — *Gênese Social da Gente Bandeirante.* São Paulo 1944.

— *Nóbrega e Anchieta em São Paulo de Piratininga.* São Paulo 1953.

— *De Santo Agostinho ao Padre Manoel da Nóbrega,* in *Revista da Universidade Católica de São Paulo* VII (1955) 58-62.

FERREIRA, Waldemar. — *Historia do Direito Brasileiro.* 3 vols. Rio de Janeiro — São Paulo 1951-1955.

FRANÇA, Carlos. — *Os Portugueses do Seculo XVI e a Historia Natural do Brasil,* in *Revista de Historia* 15 (1926) 35-74, 81-128, 161-166.

FRANCO, António. - *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Coimbra em Portugal.* 2 vols. Évora-Coimbra 1719 (n. 8).

— *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal.* 1.ª edição, prefaciada e anotada por Francisco Rodrigues. Porto 1931.

— *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania ab Anno 1540 usque ad Annum 1725.* Augustae-Vindelicorum et Graeccii 1726.

GAFFAREL, Paul. — *Histoire du Brésil Français au Seizième Siècle.* Paris 1878.

GARCIA, Rodolfo. — *As Órfãs* Rio de Janeiro 1946.

— Ver CARDIM, Fernão.

— Ver *Cartas Jesuiticas.*

— Ver PORTO SEGURO, Visconde de.

GENELLI, Christoph. — *Das Leben des heiligen Ignatius von Loyola, Stifters des Gesellschaft Jesu. Mit Benutzung der authentischen Akten, besonders seiner eigenen Briefe.* Innsbruck 1848.

GÓIS, Damião de. — *Chronica do felicissimo Rei Dom Manuel.* 4 vols. Lisboa 1566-1567.

GÖTZ, Ioanes Georgius. — *Kurtze Verzeichnuss.* Ingolstadt 1586 (n.º 7).

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. 32 vols. [1956] Lisboa. Em curso de publicação.

GUSMÃO, A. N. — Ver SILVEIRA, Luís.

Handbook of South American Indians [Julian H. Steward, editor]. vol. 6 [Physical Anthropology, Linguistics and Cultural Geography of South American Indians]. Washington 1950.

HANKE, Lewis. — *La Lucha por la Justicia en la Conquista de América.* Buenos Aires 1949.

História da Colonização Portuguesa do Brasil [Vários Autores]. 3 vols. Rio de Janeiro.

HOEHNE, F. C. — *Botanica e Agricultura no Brasil* (Século XVI). São Paulo 1937.

HOMEM DE MELO. — *Atlas do Brazil.* Rio de Janeiro 1907.

HURTER, H. — *Nomenclator Literarius recentioris Theologiae Catholicae Theologos exhibens qui inde a Concilio Tridentino Floruerunt aetate, natione, disciplinis distinctos.* 5 vols. Oeniponte 1892-1913.

IMBELLONI, José. — Ver BIASUTTI, Renato.

INOCÊNCIO. — Ver SILVA, Innocencio Francisco da.

Institutum Societatis Jesu. 3 vols. Florentiae 1892-1893.

IRIA, Alberto. — *A fundação do Governo Geral do Brasil e o Arquivo Histórico Colonial de Lisboa. Razão de ser de uma nova leitura paleográfica e edição em fac-simile, dos três regimentos fundamentais.* In *Anais do IV Congresso de História Nacional (1949)* II (Rio de Janeiro 1950) 31-110.

— Ver *Exposição Histórica comemorativa do IV Centenário da Fundação de São Paulo.*

JACOBSEN, Jerome V. — *Nobrega of Brazil,* in *Mid-America* 24 (New Series 13) July 1942 (Chicago) 151-189.

JAEGER, Luís Gonzaga. — *Padre Manuel da Nóbrega — 4.º Centenário da sua vinda ao Brasil, 29-III-1949.* Porto Alegre 1949 [= Separata do *Relatório do Colégio Anchieta,* de Porto Alegre, de 1948].

JEDIN, Hubert. — *Storia del Concilio di Trento.* 2 vols. Brescia 1949.

KLOSTER, W. e SOMMER, F. — *Ulrico Schmidl no Brasil Quinhentista.* Com uma introdução de Francisco de Assis Carvalho Franco. São Paulo 1942.

KOCH, Ludwig. — *Jesuiten-Lexikon. Die Gesellschaft Jesu einst und jetzt.* Paderborn 1934.

LEITE, Serafim. — *Revelações sobre a fundação de São Paulo,* in *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo,* 1.º ano (São Paulo 1934) 39-47 (n. 17).

— *Nota para a história dos Portugueses no Rio da Prata* in *Brotéria* 21 (1935) 345-346.

— *Páginas de História do Brasil* [= Brasiliana, série 5.ª vol. 93]. São Paulo 1937 (n. 18).

— *História da Companhia de Jesus no Brasil.* 10 vols. Lisboa-Rio de Janeiro 1938-1950 [Cit.: LEITE — vol. — pág.] (n. 19).

— *Novas Cartas Jesuíticas — De Nóbrega a Vieira.* [= Brasiliana, série 5.ª vol. 194]. São Paulo 1940 (n. 20).
— *Camões, Poeta da Expansão da Fé.* Rio de Janeiro 1943.
— *Pintores Jesuítas do Brasil 1549-1760,* in AHSI 20 (1951) 209-230.
— *João Gonçalves, primeiro Mestre de Noviços no Brasil,* in *Verbum* 8 (Rio de Janeiro 1951) 249-260.
— *Vicente Rodrigues, primeiro Mestre-Escola do Brasil,* in *Brotéria* 52 (Lisboa 1951) 288-300.
— *Nóbrega do Brasil, «último Comendador» de Sanfins do Minho,* in *Brotéria* 53 (Lisboa 1951) 19-27 (n. 21).
— *Carta inédita de Nóbrega nas vésperas da Fundação de São Paulo (1553),* in *Brotéria* 55 (1952) 136-153 (n. 21).
— *Cipriano do Brasil, primeiro Jesuíta filho da América (1540-1563)* in *Verbum* 9 (Rio de Janeiro 1952) 469-476.
— *António Rodrigues, primeiro Mestre-Escola de São Paulo,* in *Brotéria* 55 (1952) 303-310.
— *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil.* Lisboa-Rio de Janeiro 1953.
— *Nóbrega e a Fundação de São Paulo.* Lisboa 1953 (n. 21).
— *Particularidades referentes a Nóbrega na Fundação de São Paulo,* in *Brotéria* 57 (Lisboa 1953) 429-440.
— *Nóbrega e a sua herança em São Paulo de Piratininga,* in *Brotéria* 58 (Lisboa 1954) 1-21.
— *Diálogo sobre a Conversão do Gentio do P. Manuel da Nóbrega.* Lisboa 1954.
— *Nóbrega no dia 25 de Janeiro de 1554,* in *Brotéria* 59 (Lisboa 1954) 265-272.
— *Movimento Eucarístico Brasileiro no tempo de Nóbrega (1549-1570),* in *Brotéria* 59 (1955) 404-419.
— *Luís de Góis, Senhor de Engenho no Brasil, introdutor do tabaco em Portugal, Jesuíta na Índia,* in *Brotéria* 61 (1955) 146-161.
— *Breve Itinerário para uma biografia do P. Manuel da Nóbrega, Fundador da Província do Brasil e da Cidade de São Paulo (1517-1570).* Lisboa-Rio de Janeiro 1955.
— *Cartas do Brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega (Opera Omnia).* [Acta Universitatis Conimbrigensis]. Coimbra 1955 (n. 22).
LEITE CORDEIRO, J. P. — *Braz Cubas e a Capitania de São Vicente.* São Paulo 1951.
LETURIA, Pedro de. — *Un significativo documento de 1558 sobre las Misiones de Infieles de la Compañía de Jesús,* in AHSI VIII (1939) 102-117.
— *El Gentilhombre Íñigo López de Loyola.* Barcelona 1941.
Lexikon für Theologie und Kirche. 10 vol. Freiburg im Breisgau [Herder] 1930-1938.
LISBOA, Baltasar da Silva. — Ver SILVA LISBOA.
Litterae Quadrimestres ex universis praeter Indiam et Brasiliam locis in quibus aliqui ex Societate Iesu versabantur Romam missae. 7 vol. Matriti 1894-1925; Romae 1932 (MHSI).

LUCENA, João de. — *História da Vida do Padre Francisco de Xavier.* Lisboa 1600.

MACHADO, Diogo Barbosa. — Ver BARBOSA MACHADO.

MARCONDES DE SOUZA, Tomaz Oscar. — *O Descobrimento do Brasil.* São Paulo 1946.

MARIZ DE MORAES, José. — *Nóbrega. O Primeiro Jesuita do Brasil.* Rio de Janeiro [Imprensa Nacional] 1940.

MARTINORI, Edoardo. — *La Moneta. Vocabolario General.* Roma 1915.

Materiaes e achegas para a Historia e Geographia do Brasil. Publicados por ordem do Ministério da Fazenda.

— N.º 1, Julho de 1886: *Informações e fragmentos Historicos do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1584-1586).* [Introdução e notas de Capistrano de Abreu]. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro 1886. [Não vem expresso nesta edição o subtítulo de *Cartas Jesuíticas.* Cabendo às *Cartas de Nóbrega,* o n.º 1 e aparecendo as *Cartas Avulsas* com os n.os III-IV, nesta colecção de «Materiaes e Achegas», às *Cartas de Anchieta* cabe implicitamente o n.º II].

— N.º 2, Dezembro de 1886: *Cartas Jesuiticas.* I. *Cartas do Brasil do Padre Manoel da Nobrega 1549-1560.* [Introdução e Notas de Valle Cabral]. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro 1886 (n. 14).

— N.os 7-8, Dezembro de 1887. *Cartas Jesuiticas.* III-IV. *Cartas Avulsas (1550-1568).* Imprensa Nacional. Rio de Janeiro 1887. — Ver *Cartas Jesuíticas.*

MATOS, Luís de. — *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550.* Coimbra 1950.

— *Les Portugais en France au XVe siècle — Études et documents.* Coimbra 1952.

MAURÍCIO GOMES DOS SANTOS, Domingos. — *Balanço cultural dos Jesuítas no Brasil (1549-1760),* in *Brasilia* 9 (Coimbra 1955) 257-311.

MELO FRANCO, Afonso Arinos de — Ver ARINOS.

MELO-LEITÃO, C. de. — *História das expedições científicas no Brasil.* São Paulo 1941.

MENDES DE ALMEIDA, Cândido. — *Notas para a historia patria,* in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 40 2.ª P. (1877) 277-373.

MENDES DE ALMEIDA, João. — *Diccionario Geographico da Provincia de S. Paulo.* São Paulo 1902.

MENDES CORRÊA, A. A. — *Antropologia e História.* Porto 1954.

MENÉNDEZ Y PELAYO, Marcelino. — *Historia de los Heterodoxos Españoles.* 7 vols. Madrid 1911-1932.

MÉTRAUX, A. — *La civilisation matérielle des Tribus Tupi-Guarani.* Paris 1928.

— *La religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus Tupi-Guarani.* Paris 1928.

MONBEIG, Pierre. — *Le Brésil.* Paris 1954.

MONTEIRO. Mozart. — *Questões relativas à fundação de São Paulo,* in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 224 (1954) 371-391.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. — *Vocabulario y Tesoro de la lengua Guarani o más bien Tupi.* Viena de Áustria 1876.

Monumenta Historica Societatis Iesu. 78 vol. Matriti-Roma 1894-1956 [MHSI] — Ver: *Documenta Indica, Epistolae Mixtae, Epistolae Xaverii, Fabri Mon., Lainii Mon., Litterae Quadrimestres, Mon. Ignatiana, Polanci Complementa* e *Chronicon;* — Ver DALMASES, EGAÑA, ZUBILLAGA.

Monumenta Ignatiana ex autographis vel ex antiquioribus exemplis collecta. Series Prima: *Epistolae et Instructiones.* 12 vol. Matriti 1903-1911 [MI *Epp.*].

MOURA, Américo de. — *Os Povoadores do Campo de Piratininga.* São Paulo 1952. [Separata da «Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo» vol. XLVII].

NAVARRUS (DOCTOR). — Ver AZPILCUETA.

NEMÉSIO, Vitorino. — *O Campo de São Paulo. A Companhia de Jesus e o plano português do Brasil (1528-1563).* (= IV Centenário da Fundação de São Paulo II). Lisboa 1954.

NEVES, Álvaro. — Ver SILVA, Innocencio Francisco da.

NEVES, José Cassiano. — *S. Francisco Xavier e o Embaixador D. Pedro Mascarenhas.* Lisboa 1952.

NÓBREGA, Manuel da. — *Diálogo sobre a Conversão do Gentio.* Com Preliminares e Anotações Históricas e Críticas de SERAFIM LEITE S. I. (= IV Centenário da Fundação de São Paulo I). Lisboa 1954.

— *Cartas do Brasil e mais escritos do P. Manuel da Nóbrega (Opera Omnia).* Com Introdução e Notas Históricas e Críticas de SERAFIM LEITE S. I. Coimbra 1955.

— Ver *Cartas Jesuíticas.*

Novas Cartas Jesuíticas — Ver LEITE, Serafim.

Novi Avisi. Roma 1553 (n. 3).

Nuovi Avisi. Venezia 1562 (n. 5).

OLIVEIRA, Miguel de. — *História Eclesiástica de Portugal.* Lisboa 1940.

Ordenaçoens do Senhor Rey D. Manuel. «Collecção da Legislação antiga e moderna do Reino de Portugal». Parte I. *Da legislação antiga.* Lisboa 1797.

ORLANDINI, Nicolaus. — *Historiae Societatis Iesu Prima Pars.* Roma 1615.

Ostensor Brasileiro. I. Rio de Janeiro 1844-1846.

PALHA, Fernando. — *A Carta de Marca de João Ango. Exposição summaria dos factos extrahida de documentos originaes e ineditos.* Lisboa 1882.

PASTOR, Ludwig Freiherr von. — *Geschichte der Päpst seit dem Ausgang des Mittelalters.* 16 vols. (em 19). Freiburg i. B. 1891-1933.

PEIXOTO, Afrânio. — *História do Brasil.* São Paulo 1944.

— *Breviário da Bahia.* Rio de Janeiro 1945.

— Ver *Cartas Avulsas.*

PERDIGÃO, Henrique. — *Dicionário Universal de Literatura.* Porto 1940.

PEREIRA DA COSTA, F. A. — *Anais Pernambucanos* I. Recife, Pernambuco 1951.

PIMENTA, Alfredo. — *D. João III.* Porto 1936.

PINA, Luís de. — *Padre Manuel da Nóbrega. Fundador de São Paulo, na história naturalistica do Brasil,* in *Brasilia* 9 (Coimbra 1955) 1-41.

PINTO, Estêvão. — *Os Indigenas do Nordeste.* 2 vols. São Paulo 1935-1938.

Polanci Complementa. Epistolae et Commentaria P. Joannis Alphonsi de Polanco e Societate Jesu addenda caeteris ejusdem scriptis dispersis in his Monumentis, quibus accedunt nonnulla coaeva, aliorum auctorum, illis conjunctissima. 2 vols. Matriti 1916-1917 (MHSI).

POLANCO, Joannes Alphonsus de. — *Vita Ignatii Loiolae et rerum Societatis Jesu Historia* [= *Chronicon*]. 6. vol. Matriti 1894-1898 (MHSI).

PORTO SEGURO, Visconde de [Francisco Adolfo Varnhagen]. — *Historia Geral do Brasil antes da sua separação e independencia de Portugal.* Anotada por Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. 5 vols. 3.ª edição integral [I, 4.ª ed.]. São Paulo. Sem data (HG).

PRESTAGE, Edgar — AZEVEDO, Pedro de. — *Registo da Freguesia de Santa Cruz do Castello desde 1536 até 1628.* Coimbra 1913.

Quadro Elementar. — Ver SANTARÉM, Visconde de.

RAMOS, Artur. — *Introdução à Antropologia Brasileira* I [«As culturas não europeias»]. 2.ª ed. Rio de Janeiro 1951; II [«As culturas europeias e os contactos raciais e culturais»]. Rio de Janeiro 1947.

Revista da Academia Brasileira de Letras. N.º 160. Rio de Janeiro 1934.

Revista do Arquivo Municipal. Vol. II. São Paulo 1934.

Revista de Historia. 17 vols. Lisboa 1912-1928.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 227 vols. Rio de Janeiro 1838-1955. Em curso de publicação (n. 10).

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. 51 vols. São Paulo 1895-1953. Em curso de publicação.

Revista do Museu Paulista. Nova série. Vol. VI. São Paulo 1952.

Revue d'Histoire des Missions. 16 vols. Paris 1924-1939.

RIBADENEIRA, Petrus. — *Vita Ignatii Loiolae, Societatis Iesu fundatoris.* Neapoli 1572.

RICARD, Robert. — *Les Jésuites au Brésil pendant la seconde moitié du XVI^e Siècle,* in *Revue d'Histoire des Missions.* 14 (Paris 1937) 321-366, 435-470.

RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha. — *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense.* 4 vols. Lisboa 1850-1871.

RODRIGUES, Francisco. — *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões. Esboço histórico — Superiores — Colégios (1540-1934).* 2.ª ed. Porto 1935.

— *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal.* 4 tomos [7 vols]. Porto 1931-1950.

RODRIGUES, José Honório. — Ver CAPISTRANO DE ABREU.

SALGADO, César. — *De João Ramalho a 9 de Julho.* São Paulo 1934.

SALVADOR, Frei Vicente do. — Ver CAPISTRANO DE ABREU.

SAMPAIO, Teodoro. — *O Tupi na Geographia Nacional.* Baía 1928.

SANCEAU, Elaine. — *Capitães do Brasil.* Tradução de António Álvaro Dória, revista pela Autora. Porto 1956.

SANTA RITA DURÃO, Frei José de. — *Caramuru. Poema epico do Descobrimento da Bahia.* Lisboa 1781.

SANTARÉM, Visconde de. — *Quadro Elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarchia portugueza até aos nossos dias.* 15 vols. Paris 1842-1854.

SCHMIDEL, Ulderico. — *Viage al Rio de la Plata y Paraguay.* Buenos Aires 1836. [In PEDRO DE ANGELIS, *Coleccion de obras y documentos relativos a la historia del Rio de la Plata* (1.ª ed.) III. Buenos Aires 1836].

SCHMIDT, Max. — *Los Payaguá,* in *Revista do Museu Paulista,* nova série III (São Paulo 1949) 129-269.

SCHURHAMMER, Georg. — *Die Zeitgenössischen Quellen zur Geschichte Portuguiesisch-Asiens und seiner Nachbarländer zur Zeit des hl. Franz Xaver (1538-1552).* Leipsig 1932. [*Quellen*].

— *Franz Xaver — Sein Leben und seine Zeit* I [Europa 1506-1541]. Freiburg im Breisgau 1955.

SILVA, Alberto. — *Catarina Caramuru perante a lenda e a história,* in *Anais do IV Congresso de História Nacional* 10 (Rio de Janeiro 1951) 105-160.

SILVA, Innocencio Francisco da. — *Diccionario Bibliographico Portuguez.* Estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil. 9 vols. Lisboa 1858-1870; continuação de BRITO ARANHA, vols. 10-20. Lisboa 1883-1911; continuação de J. J. GOMES DE BRITO [vol. 21]. Lisboa 1914; continuação de GOMES DE BRITO e ÁLVARO NEVES [vol 22]. Lisboa 1923; continuação de MARTINHO DA FONSECA, [vol. 23]. Coimbra 1927; Índice alfabético de JOSÉ SOARES DE SOUSA [vol. 24]. São Paulo 1938. [Cita-se: INOCÊNCIO...].

— Ver VASCONCELOS, Simão de (n. 11).

SILVA LISBOA, Baltasar da. — *Annaes do Rio de Janeiro.* 7 vols. Rio de Janeiro 1834-1835 (n. 9).

SILVA REGO, António da. — *Documentos para a História das Missões do Padroado Português do Oriente. Índia.* 10 vols. Lisboa 1947-1953. Em curso de publicação.

SILVEIRA, Luís — A. N. GUSMÃO. — *Livros do Século XVI impressos em Évora.* Évora 1941.

SILVEIRA CAMARGO, Paulo Florêncio da. — *A Igreja na História de São Paulo (1530-1624).* São Paulo 1952.

SOMMERVOGEL, Carlos. — *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus* [vols. 10-11 por PIERRE BLIART]. 11 vols. Bruxelles 1890-1927.

SOUSA, Bernardino José de. — *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil.* São Paulo 1939.

— *O Pau-Brasil na História Nacional.* São Paulo 1939.

SOUSA, Francisco de. — *Oriente Conquistado a Jesus Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa.* Segunda edição por um presbytero da Companhia de Jesus. 2 vols. Bombaim 1881-1886.

SOUSA, Gabriel Soares de. — *Tratado descriptivo do Brasil em 1587.* Comentários de Francisco Adolpho de Varnhagem (3.ª ed., Brasiliana). São Paulo 1938.

SOUSA, José Soares de. — Ver SILVA, Innocencio Francisco da.

SOUSA CAMPOS, Ernesto de. — *História da Universidade de São Paulo.* São Paulo 1954.

SOUSA COUTO, Luís de. — *Origem das Procissões da Cidade do Porto.* Com Sub-notas, Prefácio e Apêndice de A. de Magalhães Basto. [= Documentos e Memórias para a história do Porto I]. Porto 1936.

SOUSA VITERBO. — *Diccionario historico e documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a serviço de Portugal.* 2 vols. Lisboa 1899-1904.

STADEN, Hans. — *Viagem ao Brasil.* Versão do texto de Marpburgo de 1557. por Alberto Löfgren. Revista e anotada por Teodoro Sampaio. Rio de Janeiro 1930.

STREIT, Robert. — *Bibliotheca Missionum* [opus continuatum a P. Ioanne Dindinger]. 14 vols. Münster,i. W. [vol. I], Aachen [Vol. II-XI]. Frib. i. Brisg. [vols. XV-XVII] 1916-1952. [Na numeração houve salto do vol. XI para XV, faltando os três intermédios XII-XIV].

Summula Caietana. Reverendissimi Domini Thome de Vio Caietani Cardinalis [...] *De Peccatis Summula.* Lugduni 1530.

Synopsis Actorum S. Sedis in causa Societatis Iesu 1540-1605 [a P. Ludovico Delplace]. Florentiae 1887.

Synopsis historiae Societatis Iesu [a P. Ludovico Schmitt et J. B. Goetstouwers]. Lovanii 1950.

TACCHI VENTURI, Pietro. — *Storia della Compagnia di Gesù in Italia.* I-II tom. [= 4 vol.]. I (2.ª ed. Roma 1930-1931); II Roma 1922-1951.

TAUNAY, Affonso de E. — *Ascendencia paulista e vicentina de Francisco José Teixeira Leite e Anna Alexandrina Teixeira Leite, Barão e Baronesa de Vassouras.* 1 folha. São Paulo 1932.

— *História das Bandeiras Paulistas.* 2 vols. São Paulo [1951].

— *João Ramalho e Santo André da Borda do Campo.* São Paulo 1953.

TELES, Baltasar. — *Chronica da Companhia de Iesu nos Reynos de Portugal.* 2 vols. Lisboa 1645-1647.

UDAONDO, Enrique. — *Diccionario Biográfico Colonial Argentino.* Buenos Aires 1945.

[VALE, Leonardo do]. — *Vocabulario na lingua brasilica.* Coordenado e Prefaciado por Plínio Ayrosa. São Paulo 1938 [cf. LEITE IX 170].

VALE CABRAL, Alfredo do. — *Cartas do Brasil do Padre Manoel da Nobrega.* Rio de Janeiro 1886 (2.ª ed. 1931). — Ver *Cartas Jesuíticas.*

VAN DER VAT, Odulfo. — *Princípios da Igreja no Brasil.* Petrópolis 1952.

VAN GULICK, Guilelmus. — EUBEL, Conradus. — *Hierarchia Catholica Medii et Recentioris Aevi.* 3. vol. Monasterii 1898-1910.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. — Ver PORTO SEGURO, Visconde de.

VASCONCELOS, Simão de. — *Chronica da Companhia de Jesv do Estado do Brasil: E do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mvndo. Tomo Primeiro da entrada da Companhia de Jesv nas partes do Brasil & dos fvndamentos que nellas lançárão, & continuárão seus Religiosos em quanto alli trabalhou o Padre Manoel da Nobrega Fundador, & primeiro prouincial desta Prouincia, com sua vida, & morte digna de memoria: e algvãs noticias antecedentes curiosas, & necessarias das cousas daquele Estado.* Lisboa 1663; 2.ª ed. [por Inocêncio Francisco da Silva] 2 vols. Lisboa 1865 (n. 11).

VEDIA, Enrique de. — *Historiadores primitivos de Indias.* 2 vols. Madrid 1858-1853. [= Biblioteca de Autores españoles, vol. 22 e 26].

Verbum. 12 vols. Rio de Janeiro [Universidade Católica] 1944-1955. Em curso de publicação.

VIANNA, Helio. — *Estudos de História Colonial.* São Paulo 1948.

VIDAL, Petrus. — *Institutiones Iuris Civilis Romani.* Prati 1915.

VIEIRA, António. — *Relação da Missão de Ibiapaba.* In *Vozes Saudosas.* Lisboa 1736.

VILLOSLADA, Ricardo G. — *La Universidad de Paris durante los estudios de Francisco de Vitoria O. P. (1507-1522).* Roma 1938.

WANDERLEY PINHO, José. — *História de um Engenho do Recôncavo 1552-1944.* Rio de Janeiro 1946.

WICKI, Josef. — *Documenta Indica* (1540-1557). 3 vol. Roma 1948-1954 (MHSI).

— Ver *Epistolae S. Francisci Xaverii.*

ZUBILLAGA, Félix. — *Monumenta Antiquae Floridae* (1566-1572). Roma 1946 (MHSI).

ZWEIG, Stefan. — *Brasil, País do Futuro.* Tradução de Odillon Galloti. Prefácio de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro 1941.

ABREVIATURAS

a. = ano.
add. = addit.: acrescenta.
AHSI = Archivum Historicum Societatis Iesu.
ARSI = Archivum Romanum Societatis Iesu.
bis = duas vezes [no *ms.*].
c. = caput: capítulo.
charta cons. = charta consumpta: papel delido ou rasgado.
cód. = códice.
compl. = completur: completa-se.
corr. = corrigit, correctum: emenda, emendado.
corr. ex. = emendado de.
D. = Dominus [Senhor] = Dom, Dona.
del. = delet, deletum: riscou, riscado.
DI = Documenta Indica.
D. N. = Dominus Noster: Senhor Nosso.
Dr. = Doctor: Doutor.
ed. = edição, editou, editado.
ep., epp. = epistola, epistolae: carta, cartas.
f., ff. = folium, folia: folha, folhas.
ib, ibid. = ibidem: no mesmo lugar [citação de livros ou documentos].
Id. = Idem: o mesmo [referência ao *mesmo* autor, etc.].
IHS. = Iesus.
II. = Irmãos.
in marg. = in margine: à margem [do manuscrito].
interp. = Interposuit, interpositum: intercalou, intercalado.
Ir. = Irmão.
l. c. = loco citato: lugar citado [referido a livro ou documento].
liv. = livro.
lin. subd. = *linea subducta:* linha debaixo.
MHSI = Monumenta Historica Societatis Iesu.
MI = Monumenta Ignatiana.
Mon. = *Monumenta.*
ms. = manuscriptum: manuscrito.
N. = Nosso, Nuestro; Nossa, Nuestra.
N. S. = Nosso Senhor, Nuestro Señor.
om. = omittit, omissum: omite, omisso (ou omitido).

P. = Padre.
PP. = Padres.
p., pp. = página, páginas.
p. corr. = post correctionem: depois da emenda.
P.e = Padre.
P. M. = Padre Mestre, Padre Maestro.
P. N. = Pater Noster: Padre Nosso, Pai Nosso.
post = depois de.
prius = antes [o que estava no *ms.* antes da emenda].
S. = Senhor.
S. = São, Santo.
s., ss. = sequens, sequentes: seguinte, seguintes.
S. A. = Sua Alteza.
s. a. = sine anno: sem ano [sem indicação de ano].
S. I. = Societatis Iesu: da Companhia de Jesus.
s. l. = sine loco: sem lugar.
sup. = supra: por cima de [escrito por cima da linha no *ms.*].
V. = Vosso, Vossa; Vuestro, Vuestra.
v = verso.
V. A. = Vossa Alteza.
V. M. = Vossa Mercê.
vol. = volume.
V. P. = Vossa Paternidade.
V. R. = Vossa Reverência.
V. S. = Vossa Santidade.
] = em vez de [no aparato crítico].
[] = No texto, as chavetas encerram letras ou palavras supletivas.
[...] = Texto omitido.
§, §§ = Parágrafo, parágrafos.

INTRODUÇÃO GERAL

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTO HISTÓRICO

ARTIGO 1

OS PORTUGUESES NO BRASIL ATÉ AO GOVERNO GERAL

A 22 de Abril de 1500 Pedro Álvares Cabral, comandante da armada a caminho da Índia Oriental, tomando a rota do Ocidente, avistou terra. Chantou aí as armas de Portugal e Frei Henrique Soares, de Coimbra, celebrou missa. Assim nasceu o Brasil. A armada ia a caminho da Índia, e o Oriente continuou a ser o principal cuidado do Rei D. Manuel I, por não lhe ser fácil distrair forças para criar novo império no Ocidente; nem mesmo ao princípio se poderia calcular o tamanho da nova terra assim tão abençoadamente «achada» e se julgou fosse uma ilha, a que se deu o nome de Vera Cruz.

Seguiram-se armadas de reconhecimento da costa, que se revelou imensa, e pela qual também começaram a aparecer navios de corso franceses a fazer pau «brasil», facto perigoso que impunha a necessidade de medidas convenientes para assegurar o povoamento e a posse efectiva da terra que em breve se começou a chamar pelo próprio nome do pau que em si continha [1]. Surgiu então o regime das Donatarias, repartindo-se o território do Brasil, pela costa, em diversos quinhões; e atribuiram-se a Capitães,

---

1 «O pau-brasil denominou o Brasil». B. J. DE SOUSA, *O Pau-Brasil na História Nacional* 97-101.

capazes (ou que se julgaram tais) de as colonizar à sua custa, e com regalias de tipo feudal, diferente contudo do feudalismo da Idade Média, tal como existiu na Europa de além Pirinéus.

Estas Capitanias hereditárias (os primeiros forais datam de 1534) não eram administradas directamente pela Coroa, mas pelos seus Capitães ou Governadores. Regime autárquico, útil como ponto de partida colonizador, e com consequências na nomenclatura geográfica do Brasil, onde vários Estados modernos mantêm o nome das primeiras Capitanias. A diversidade de condições geográficas do território de cada uma, na sua parte interna, só a pouco e pouco desvendada, explica em parte a prosperidade de umas e a pouca fortuna de outras (p. ex. a base interna de Porto Seguro era mais restrita e difícil de cultivar que a de Pernambuco que tanto se desenvolveu nestes princípios), e a difícil cooperação das Capitanias entre si tornava precária a defesa comum, tanto contra elementos indígenas, como contra insultos ou intromissões externas de corsários. Estes tentavam fixar-se no extremo norte, e frequentavam ao sul Cabo Frio e o Rio de Janeiro. A falta dum governo central forte, que se impusesse, permitia perturbações ora aqui ora além, em função da maior ou menor prudência, dotes de governo, e possibilidades financeiras dos Donatários; e, em caso de naufrágio, os selvagens matavam quase sempre quem lhes caía nas mãos, que foi o caso do Donatário Francisco Pereira Coutinho na Baía, em fins de 1546. A sua Capitania reverteu à Coroa em 1548 e nela iria fundar D. João III a Cidade do Salvador da Baía, sede do Governo Geral do Brasil, novo regime que se instituía em bases de sentido unitivo e cooperante.

O Governo Geral, iniciado no Brasil em 1549, era constituido por três categorias de funcionários, agrupados à roda do respectivo chefe: o poder executivo (Governador Geral), a autoridade judiciária (Ouvidor-mor), e a administração da fazenda (Provedor-mor). Para o primeiro e principal posto, Portugal nomeou Tomé de Sousa, para o segundo o Dr. Pero Borges, e para o terceiro António

Cardoso de Barros; e estabeleceu para cada função as normas, das quais se conhecem os Regimentos do Governador e do Provedor, datados ambos de Almeirim, 17 de Dezembro de 1548[2].

O Regimento de Tomé de Sousa, dado por D. João III, contém as directrizes principais do Governo Geral, abre com admirável preâmbulo, colocado num plano de grande altura política, hierarquizando sàbiamente a obra da civilização que começava:

Primeiro, «o serviço de Deus e exalçamento da nossa santa fé»;

Segundo, «o serviço meu e proveito dos meus reinos e senhorios»;

Terceiro, «o enobrecimento das Capitanias e povoações das Terras do Brasil e o proveito dos naturais delas».

Estão presentes, como se vê, o serviço de Deus, o serviço e proveito geral, o enobrecimento e serviço particular do Brasil. A «fé» em primeiro lugar; o «império» em segundo. Mas ambos.

Estabelecidos os princípios, o Regimento expraia-se pelos meios mais adequados para os assegurar, muito variados em todos os aspectos da administração pública. Três, porém, tocam directamente à própria obra da Companhia de Jesus no Brasil; e são os que se referem à catequese, à liberdade, e ao aldeamento dos Índios e ensino dos seus filhos:

Catequese: «Porque a principal cousa que me moveu a mandar povoar as ditas terras do Brasil, foi pera que a gente delas se convertesse à nossa santa fé católica, vos encomendo muito que pratiqueis com os ditos capitães

---

2 Publicados com leitura paleográfica de Alberto Iria, Director do Arquivo Histórico Ultramarino, in *Anais do IV Congresso de História Nacional* 2 (Rio de Janeiro 1950) 31-110: Regimento do Governador Tomé de Sousa (45-68); Regimento do Provedor-mor António Cardoso de Barros (69-81). Não se imprimiu nos *Anais* a edição em fac-simile, anunciada no título complexivo desta publicação tal como se expressa na Bibliografia Impressa do presente livro, verbete de A. IRIA.

e oficiais [das Capitanias] a melhor maneira que pera isso se pode ter; e de minha parte lhes direis que lhes agradecerei muito terem especial cuidado de os provocar a serem cristãos; e, pera eles mais folgarem de o ser, tratem bem todos os que forem de paz, e os favoreçam sempre, e não consintam que lhes seja feita opressão nem agravo algum; e, fazendo-se-lhes, lho façam corrigir e emendar, de maneira que fiquem satisfeitos, e as pessoas, que lhos fizerem, sejam castigadas como for justiça».

Liberdade: «Eu sou informado que nas ditas terras e povoações do Brasil há algumas pessoas que têm navios e caravelões, e andam neles de umas capitanias pera outras e que, por todalas vias e maneiras que podem, salteiam e roubam os gentios, que estão de paz, e enganosamente os metem nos ditos navios e os levam a vender a seus inimigos e a outras partes, e que, por isso, os ditos gentios se alevantam e fazem guerra aos cristãos, e que esta foi a principal causa dos danos que até agora são feitos; e porque cumpre muito, a serviço de Deus e meu, prover nisto de maneira que se evite, hei por bem que, daqui em diante, pessoa alguma, de qualquer qualidade e condição que seja, não vá saltear nem fazer guerra aos gentios, por terra nem por mar, em seus navios nem em outros alguns, sem vossa licença ou do capitão da capitania de cuja jurisdição for, posto que os tais gentios estejam alevantados e de guerra; o qual capitão não dará a dita licença senão nos tempos que lhe parecerem convenientes e a pessoa de que confie que farão o que devem e o que lhe ele ordenar e mandar. E, indo algumas das ditas pessoas sem a dita licença, ou excedendo o modo que o dito capitão ordenar, quando lhe der a dita licença, incorrerão em pena de morte natural e perdimento de toda sua fazenda, a metade pera a redenção dos cativos e a outra metade pera quem o acusar».

Aldeamento dos Índios e ensino dos Meninos: «Porque parece que será grande inconveniente, os gentios, que se tornarem cristãos, morarem na povoação dos outros e andarem misturados com eles, e que será muito serviço de Deus

e meu apartarem-nos de sua conversação, vos encomendo e mando que trabalheis muito por dar ordem como os que forem cristãos, morem juntos, perto das povoações das ditas capitanias, pera que conversem com os cristãos e não com os gentios, e possam ser doutrinados e ensinados nas coisas de nossa santa fé. E aos meninos, porque neles se imprimirá melhor a doutrina, trabalhareis por dar ordem como se façam cristãos e que sejam ensinados e tirados da conversação dos gentios; e aos capitães das outras capitanias direis da minha parte, que lhes agradecerei muito ter cada um cuidado de assim o fazer em sua capitania; e os meninos estarão na povoação dos Portugueses e em seu ensino folgaria de se ter a maneira que vos disse» [3].

ARTIGO 2

MISSÃO E PROVÍNCIA DA COMPANHIA DE JESUS

Para dar execução prática a estes pontos do Regimento sobre a catequese, aldeamento e ensino dos meninos, no dia 29 de Março de 1549, chegou ao Brasil, na mesma armada do Governador Geral, o P. Manuel da Nóbrega, Superior da nova Missão, dando assim princípio à «obra sem exemplo na história» de que fala Capistrano de Abreu [4]. Acompanhavam-no os Padres Leonardo Nunes, Juan de Azpilcueta Navarro, António Pires e os Irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jácome.

D. João III tratara da Missão do Brasil com o Provincial de Portugal Simão Rodrigues, que a princípio pensou em ir ele próprio e El-Rei lhe dera licença por três anos; e S. Inácio, consultado, aprovara a Missão, e também a ida de Simão Rodrigues, com dez ou doze da Companhia em

---

3 LEITE II 141-143.

4 CAPISTRANO DE ABREU, *Capítulos de História Colonial* 105-106; LEITE, *Breve Itinerário* 13.

meados de Janeiro de 1549 [5]. A morte em Roma do P. Martinho de Santa Cruz, indigitado para ficar em seu lugar, modificou os planos de Mestre Simão e, em vez de ir, mandou o P. Manuel da Nóbrega, homem formado em Direito, que já se tinha revelado caridoso, intrépido, e de consciência rectíssima, como Procurador dos Pobres [6].

O fim principal da Missão do Brasil era a conversão do gentio, mas simultâneamente o de atender aos Portugueses, que tinham ido antes e chegavam de novo (só a armada, em que foi, levava mais de mil homens); e Nóbrega, sem perder um instante, logo apresentou, na nova terra, a religião do «Crucificado». Ele pregava aos Portugueses, ergueu uma igreja, abriu uma escola de ler e escrever para os meninos, e começou a visita dos Índios, cuja liberdade e dignidade defendia, repartindo os Padres e Irmãos, segundo a capacidade e espírito de cada um. E a acção da Companhia começou a alargar-se pela costa, primeiro pelas Capitanias mais vizinhas da Baía: da parte do Sul, as de Ilhéus e Porto Seguro; depois a de São Vicente mais distante; logo a seguir, a intermédia, do Espírito Santo (entre Porto Seguro e São Vicente); e da parte do norte, Pernambuco. E sempre com o mesmo método de trabalho: atender aos Brancos, visitar e atrair os Índios, reunir e educar meninos, sem distinção entre estes. Ao mesmo tempo iniciou-se o movimento de entradas na Companhia, de portugueses, quer dos que já viviam na terra e sabiam a língua tupi, quer de recém-vindos. E organizou-se a vida religiosa da comunidade, segundo a prática do Colégio de Coimbra [7], porque a Companhia ainda não tinha Constituições. Nelas se ocupava então S. Inácio.

Em 1550, chegou ao Brasil a segunda expedição de quatro Padres [8]; e, em 1553, a terceira, de sete da Companhia, três

---

5 MI *Epp.* II 307; LEITE I 17-18.
6 LEITE, *Breve Itinerário* 29-47.
7 *Ib.* 57.
8 LEITE I 560.

Padres e quatro Irmãos, que também depois se ordenaram [9]. E, assim, com os recebidos na terra, os Padres e Irmãos do Brasil, ao constituir-se Província, eram «como cerca de 30» [10]. Havia Padres em Pernambuco, Porto Seguro, Espírito Santo, São Vicente; e já, à data da última carta deste volume (31 de Agosto de 1553), se reunira e fundara a Aldeia de Piratininga, que veio a ser a actual cidade de São Paulo.

Neste período, o único Superior foi o mesmo da Missão, que se iniciara a 29 de Março de 1549, dia em que puseram pé em terras da América os primeiros Padres da Companhia de Jesus. Três anos depois, por Março ou Abril de 1553, o Provincial de Portugal deu ao Superior os poderes de Vice-Provincial, resolução aprovada por S. Inácio: «Lo que V.ª R.ª ordenó en el Brasil, dando sus poderes al P. Nóbrega [...], todo está bien» [11]. E finalmente a 9 de Julho, do mesmo ano de 1553, S. Inácio assinou a patente de Nóbrega como Provincial da nova Província do Brasil, a primeira do Novo Mundo (doc. 70). E assim como começou, sempre a Companhia trabalhou com Brancos, Índios e Meninos. Com o andar do tempo e o progresso e desenvolvimento do Brasil, os ministérios das cidades, a necessária organização rural das fazendas, a educação nos grandes Colégios, iriam ocupar muitos Padres. Mas nunca, em tempo algum, deixou a Companhia no Brasil de trabalhar com Índios, razão primeira da sua presença na América.

ARTIGO 3

OS ÍNDIOS DO NOVO MUNDO E OS JESUÍTAS DO BRASIL

Quando os europeus tentavam descobrir a Índia pela rota do Ocidente, ao deparar-se-lhes terra, julgando que tinham chegado ao seu destino, chamaram Índios aos habitantes dela; e o nome ficou. A origem destes homens, que

---

9 *Ib.* I 561.

10 MI *Epp.* V 269; cf. LEITE I 573-574.

11 MI *Epp.* V 123; LEITE II 456; *Breve Itinerário* 102.

assim acharam, é objecto de estudo, explicações e teorias, que se sucedem umas às outras, e se representam hoje sobretudo por Aleš Hrdlička («homotipo mongaloide») [12], e pela escola em que figuram principalmente E. von Eickstedt [13] e R. Biasutti [14], segundo os quais aquela teoria mongaloide não explica todos os factos antropológicos do novo continente; e, para estes o «Homo Americanus» proviria dum antigo «phylum» de elementos australo-caucásicos, modificado sucessivamente pelo «Homo Asiaticus», chegado à América pelo Pacífico. A simples exposição dos caminhos, por onde estes e outros sábios estabeleceram as suas teorias, é alheia ao nosso estudo, nem se poderia fazer em breves páginas. Que é exactamente o que diz Artur Ramos, não obstante tratar-se de assunto específico seu: «Não é possível tomar parte na discussão das classificações das raças humanas e dos Índios do Novo Mundo; isto nos arrastaria muito longe. Basta insistir que hoje não falam mais os antropólogos de uma *raça vermelha*. De um modo geral, o Índio do Novo Mundo é considerado uma variante da *raça mongólica*, embora mais recentemente se admitam influências de outros grupos raciais» [15].

Parte considerável do Novo Mundo é o Brasil, na costa sul do Atlântico, e que do ponto inicial de Porto Seguro, em 1500, se foi pouco a pouco estendendo pela costa, tanto para o Sul como para o Norte e também para o Oeste até ao que é hoje

---

12 ALEŠ HRDLIČKA, *Early Man in South America*, in *Cong. Int. Amer.*, Sess. 18 I (London 1912) 10-21; *The Genesis of the American Indian*, in *Proc. Cong. Int. Amer.*, Sess. 19 (Washington 1915) 559-568; *The Origin and Antiquity of the American Indian*, in *Ann. Rep. Smithsonian Inst.* (Washington 1923) 481-494. Cf. *Handbook of South American Indians* VI 624-625, com a bibliografia de HRDLIČKA entre 1911 e 1943.

13 EGON VON EICKSTEDT, *Rassenkunde und Rassengeschichte der Menschheit* (2.ª ed.) Stuttgart 1937.

14 RENATO BIASUTTI, *Le Razze e i Popoli della Terra*. III *Oceania-América* Con la collaborazione dei Professori Raffaello Battaglia e José Imbelloni. Torino 1941.

15 ARTUR RAMOS, *Introdução à Antropologia Brasileira* I 33; cf. A. A. MENDES CORRÊA, *Ameríndios*, in *Antropologia e História* (Porto 1954) 194.

com os seus 60.000.000 de habitantes e 8.516.037 km² [16], limitando-se ao Norte com as Guianas Francesa, Holandesa e Inglesa, com a Venezuela e a Colômbia; a Oeste com o Peru, a Bolívia e o Paraguai; e ao Sul com a Argentina e o Uruguai. Nas páginas da *História da Companhia de Jesus no Brasil* fomos encontrando os Índios que habitavam outrora este imenso território e com os quais teve contacto a Companhia de Jesus da Assistência de Portugal: e os nomes de grupos, sub-grupos e famílias de Índios, assim inventariados, ocupam onze colunas do *Índice Geral* daquela *História* (1950).

Mas o interesse dos Jesuítas pelos Índios não se podia, é claro, limitar ao aspecto etnológico. Incidia mais sobre a sua qualidade de homens e as suas aptidões a tornarem-se civilizados e cristãos. Nem por isso deixam os documentos de conter informações preciosas para a Etnologia e no mesmo *Índice Geral* (p. 86) se averbam as seguintes indicações: cosmogonia e religião primitiva dos Índios do Brasil, vestígios de matriarcado, mitos astrais, Pléiades e Orion; dos Aconguaçus, Aimurés, Carijós, Gamelas, Gessaruçus, Janduins, Jurunas, Moritizes, Moromomins, Quiriris, Paiaiases, Paranaubis (Mares Verdes), Pataxoses, Ririiú; do Rio Madeira; dos sertões da Baía; Tobajaras, etc.

Ao iniciar-se agora a publicação diplomática dos documentos da série missionária brasileira, convém observar que quando publicámos os dois primeiros volumes da *História* (1938) ainda era corrente falar da «civilização» dos Indios. Métraux intitulou o seu livro, já clássico, *La civilisation matérielle des tribus Tupi-Guarani* (Paris 1928); e Imbelloni ainda em 1941 usa a palavra civilização (*civiltà*) referida aos Tupinambás; mas já também se falava de povos naturais «evoluidos» e «civilizados», contrapondo-os aos «não civilizados»; e advertiu-se logo a impropriedade ou paradoxo de conceitos como este: «a civilização dos não civilizados». Hoje a palavra civilização está pràticamente banida em etnologia, substituida pela de cultura.

---

16 *Anuário Estatistico do Brasil* 10 (Rio de Janeiro 1949) 6.

Os Jesuítas ao tratar de Indios não podiam confinar-se nos aspectos que respeitam a essa ciência, dizemos; a sua atenção aplicava-se da mais diversa maneira, segundo o próprio meio. Mas, em geral, o seu esforço tendia a esta expressão de um deles, reproduzida na *História* (IV 173): «O fruto destas missões consiste em fazê-los de bárbaros homens, e de homens cristãos, e de cristãos perseverantes na fé. A isto procuram aqueles missionários, acomodando-se a viver com eles e a fazer o ofício de cura, pai, médico, enfermeiro, tutor, e ainda mestres para ensinar-lhes a roçar e plantar seus mantimentos, porque tais são, que antes haviam de ir caçando cada dia pelo mato e buscando alguma fruta silvestre que acomodar-se a trabalhar e a plantar».

Para viver à sua maneira, aqui e além, — ainda vida seminómada — o Índio sabia roçar, e dos seus costumes alguma coisa tomaram os Portugueses; mas nas Aldeias de fixação, com encargos colectivos de construções e Igrejas, a civilização ocidental requeria alguma coisa mais; e não será louvar o missionário à custa do Índio apontar a aprendizagem estimulante do trabalho disciplinado como um dos esforços do missionário [17]. E é o que observa Estêvão Pinto: «Aos Jesuítas antolhava-se-lhes o seguinte dilema: ou congregar os Índios em núcleos vigiados e policiados pelos Padres e funcionários do Estado, sob o regime de trabalho sistemático, ou deixá-los entregues aos seus instintos belicosos ou às práticas canibalescas» [18]. Práticas em que ocupa lugar central o comer carne humana, que, embora se estude e doure cientificamente, não deixa de ser o que em si mesmo é, estágio humano de inferioridade e horror.

Assim, pois, o avanço sucessivo dos Jesuítas, em contacto com novos Índios, durante mais de dois séculos, deu ao historiador a consciência da vastidão da matéria e da dificuldade insuperável de fazer da *História da Companhia de Jesus no Brasil* uma História também dos Índios do Bra-

---

17 BALDUS, *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira* 385.

18 ESTÊVÃO PINTO, *Os Indígenas do Nordeste* I 215-216.

sil, e o deixou claramente expresso no tomo x (p. xviii). Para o efectuar, requerer-se-ia outro tanto tempo, pelo menos, como o que se gastou naquela obra; e mesmo aqueles, que só se dedicam ao estudo dos Índios, ainda a não escreveram: monografias sobre assuntos parciais há-as magníficas; obra de conjunto ainda não, nem será fácil dada a vastidão e complexidade etnológica do Brasil actual. Importa, por outro lado, ter presente que aquela *História* não se intitula «História das *Missões* da Companhia de Jesus no Brasil», o que a limitaria. Não é apenas das Missões, mas *geral*, o que significa um maior esforço de atenção para manter dentro dela o sentido das proporções.

Recorda-se tudo isto aqui, com um fim prático. A saber: que, ao abrir agora a série de *Monumenta Brasiliae*, este mesmo sentido das proporções nos convida a não ultrapassar o âmbito deste primeiro volume. Na «Informação das Terras do Brasil» (1549), Nóbrega fala de Índios «Guayanases, Carijós, Gaimurés, Tupeniques, Tupinambás». A ordem com que os cita parece indicar a linha Sul-Norte: Guayanases e Carijós na Capitania de S. Vicente (entendida como então era, mais extensa para o Sul do que o Estado de São Paulo que hoje a representa), Gaimurés ao norte do Espírito Santo, Tupeniques em Porto Seguro, e Tupinambás na Baia. Tirando os Gaimurés (do Grupo *Gê*) e talvez também os Guaianases [19], os mais são do grande grupo Tupi (ou Tupi-Guarani), que é o que nas primeiras cartas aparece habitualmente sob a denominação genérica de Índios ou Gentios.

---

19 A 21 de Março de 1585 escreve o P. Manuel Viegas: Agora se há-de abrir em S. Vicente «uma porta nova de um gentio que se chama *Maromemim* e com estes *maromemins* se ajunta outra gente que se chama *Carojo;* e com estes *carojos* se ajunta outra gente que se chama *Ibira ba qui Yara*. E toda esta gente tem uma língua de que eu já sei muito». Esta língua não se identificava com o tupi: «Está esta gente muito perto aqui de S. Vicente, e já algumas suas filhas e filhos estão com os brancos, e algumas e alguns, que estão com os brancos, são já cristãos, e se confessam já pela língua destes nossos índios, que se chamam *tupim*». LEITE IX 385.

ARTIGO 4

OS ÍNDIOS TUPINAMBÁS

Os Tupinambás pertenciam à grande família tupi, ou, para englobar os Carijós (Guaranis), ao Grupo Tupi-Guarani, o mais importante dos grupos linguísticos do Brasil, constituido ele mesmo por muitas tribos, repartidas por diversas áreas do actual território brasileiro e fora dele na América do Sul. Mas delimita-se aqui a notícia aos Tupinambás da Baía por serem com eles os contactos iniciais dos Jesuítas do Brasil, segundo o teor dos documentos, que tratam de Índios neste primeiro período (1549-1553). Para o qual o grande informador é Nóbrega, com um ou outro subsídio dos mais Padres e Irmãos.

1. *Generalidades.* Os Tupinambás desconhecem o uso do ferro; e por causa da mercancia dele, desejam comunicação com os Brancos (doc. 10 § 14). Não conhecem a leitura nem a escrita; e por isso muito se admiram que os Portugueses as saibam (doc. 8 § 4). Não possuem governo comum a muitas Aldeias; cada casa ou Aldeia se rege, sobre si, pelo seu principal: os Índios «não têm rei a quem obedeçam» (docs. 14 § 2; 25 § 2); e de 15 a 20 léguas estão divididos e contrários e se guerreiam e comem (doc. 8 § 3); mas entre si vivem em união de amizade (doc. 8 § 3). Quando os principais querem persuadir alguma coisa aos Índios, pregam em certo tom, andando, passeando, e batendo nos peitos, e dizendo-a com muita eficácia (doc. 54 § 15). Pregam (os principais e pagés) de madrugada (doc. 23 § 2). E têm, nas suas festas, cantigas a seu modo e usam instrumentos músicos a seu tom (docs. 51 § 8; 54 § 15). Têm medo da morte e de que lha lancem; e um, a quem a lançaram, tanto imaginou que morreu, e mandou aos filhos que o vingassem (doc. 7 § 5).

2. *Habitação e seminomadismo.* Vivem em casas grandes de palma, onde se podem juntar 50 índios casados com as suas mulheres e filhos. Dormem em redes de algodão,

sobre si, e com fogos sempre acesos de noite, para se livrarem do frio e dos demónios (doc. 9 § 2); as casas não são fixas, mudam-nas ou antes mudam-se eles quando querem e para onde querem, fazendo outras, queimando às vezes as precedentes e toda a Aldeia (doc. 14 § 2).

3. *Adornos.* Mulheres e homens andam nus (docs. 7 § 13; 9 § 1); cabelos à sua maneira (doc. 51 § 8); não usam barbas, antes se rapam até as pestanas (doc. 9 § 2); trazem pedras de côr nos beiços e no rosto (docs. 8 § 5; 35 § 4); usam pluma vermelha, amarela e de outras tintas, pegadas com resina em lavores que têm alguma arte, e na cabeça diademas de plumas de côres, bem feitos, e outras invenções (doc. 24 § 5). Usam pinturas no rosto e no corpo, de côres preta e vermelha (docs. 18 § 4; 24 § 5).

4. *Família:* Poligâmica. Têm muitas mulheres enquanto se contentam delas e elas deles (doc. 8 § 3); nisto diferem dos infiéis da África e outras gentes, que as tomam para sempre e ao menos é contrato (doc. 8 § 6). As mulheres casam-se sem dote e os genros ficam obrigados a servir aos sogros (doc. 9 § 6). As mulheres são castas a seus maridos (doc. 9 § 6). Têm para si que a geração é obra exclusiva do pai. Quando os cativos, mortos em terreiro, deixam algum filho, este é comido pelos parentes da mãe e às vezes por ela própria, por dizerem que a mãe não tem parte nele: conceito de mulher-saco (doc 8 § 3) [20].

5. *Vida económica e social.* Comunidade de bens; o que um tem há-de repartir com os outros, principalmente se são coisas de comer, das quais nenhuma guardam para o outro dia nem curam de entesoirar riquezas (docs. 8 § 3; 9 § 6). O principal alimento é a raiz de mandioca, de que se faz farinha e que misturada com milho faz um pão que escusa o de trigo (doc. 9 § 1). Fazem vinho de milhos (doc. 24 § 5), e de raizes, que embriaga muito (doc. 35 § 1). As mulheres fazem farinha e todo o principal trabalho é delas; os homens «sòmente roçam e pescam

---

20 Cf. LEITE, *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* 115.

e caçam e pouco mais» (doc. 54 § 5). Não vão à guerra por cobiça, porque não possuem nada: vivem da pesca e da caça e do fruto que toda a terra dá (doc. 8 § 3).

6. *Guerras.* Fazem a guerra nus, uns pintados de negro, outros de vermelho, outros cobertos de plumas, todos atirando frechas, com grande grita, e outros tocando búzios «com que fazem alarde em suas guerras, que parecia um inferno» (doc. 18 § 4). Foi assim em 1549 atacando o navio em que ia o P. Leonardo Nunes, e eram os Tupis de S. Vicente, amigos dos Portugueses, cuidando que o navio era de Franceses. As primeiras notícias, sobre os Tupinambás da Baía, falam de guerras de Índios entre si: sempre têm guerra com outros e andam todos em discórdia e comem-se uns aos outros (doc. 5 § 5); guerras de uma geração contra outra geração, a 15 e 20 léguas, de maneira que todos estão entre si divididos; não vão á guerra por cobiça, mas, insiste-se, por ódio e vingança; comem os contrários com festa e nisto põem toda a sua felicidade (doc. 8 § 3).

7. *Antropofagia.* Os gentios põem a sua bem-aventurança em matar os seus contrários e comer carne humana e ter muitas mulheres (doc. 33 § 1). Matam os cativos em terreiro e os comem. Várias descrições destas cerimónias (docs. 9 § 4; 24 § 5; 42 §§ 2-4; 73 § 6). Não comem carne humana só nestas festas rituais: quando estão para morrer, os Índios pedem carne humana e se não lha dão, dizem que morrem desconsolados: «a consolação é a sua vingança» (doc. 14 § 3); «não se comem uns aos outros senão por vingança» (doc. 35 § 2); e este «é o seu comer verdadeiro» (doc. 73 § 6).

8. *Religião.* Não têm conceito culto de Deus, nem ídolos a quem adorem (docs. 5 § 6; 24 § 2): nenhum Deus certo (doc. 8 § 3), mas chamam «Tupana» aos trovões, que é como quem diz coisa divina (observe-se que a raiz «Tup» entra também no próprio nome destes Índios); e por isso os Padres acharam que esse seria o vocábulo mais adequado para lhes expressar o nome de Deus do conceito cristão «Paí Tupana» (doc. 9 § 3), embora os Índios sintam dificuldade em apreender o conceito de Deus-Espírito, e

perguntem se tem cabeça, corpo, mulher e como se veste (doc. 9 § 8). Não têm ídolos, ainda que há entre eles alguns que se fazem santos e lhes prometem saúde e vitória contra os seus inimigos (doc. 33 § 1). «Os Índios não têm lei nem ídolos, a que adorem, nem têm mais que algumas abusões e ninharias que ainda hoje em dia se acham dentro do Reino de Portugal, como são feiticeiros, adivinhos e benzedores, e crer sonhos, e ter muitos agoiros» (doc. 60 § 19).

A estas suas práticas religiosas (dentro do plano da magia e animismo) chamam «santidade»; e na descrição que dela faz Nóbrega podem-se distinguir os seguintes elementos (docs. 8 § 3; 9 § 3):

a) Feiticeiros (pagés), que presidem. Limpavam-lhes os caminhos e faziam-se festas e danças.

b) Certa reforma de costumes: confissão pública das mulheres, acusando as faltas que fizeram a seus maridos e umas às outras.

c) Casa escura onde o feiticeiro entra, e aí coloca uma cabaça que traz em figura humana (maracá). [A casa escura, entre os Tupis de S. Vicente, ficava no meio da Aldeia, doc. 29 § 1; o maracá descreve-se em pormenor, doc. 24 § 2].

d) O pagé muda a voz em a de menino e consulta a cabaça.

e) E fala, como se fosse voz da cabaça santa, prometendo quanto sabe que é do agrado dos ouvintes: que o mantimento crescerá por si mesmo, que nunca lhes faltará de comer, que hão-de ganhar vitória dos inimigos e outras coisas semelhantes; e umas vezes acerta dizer verdade, outras não.

f) No fim, as mulheres entram em transe, deitam-se por terra, escumando pelas bocas. E assim lhes persuade o feiticeiro que lhes entra a santidade; e quem isto não faz «têm-lho a mal»; e depois lhe oferecem muitas coisas (doc. 9 § 3).

g) Quando morrem, enterram-nos assentados, em covas redondas, com uma rede por cima e um prato de viandas; e, se são principais, tudo coberto por uma choça. E dizem que, depois da morte, as almas andam pelos montes e vão ali comer (doc. 9 § 3); e irão «descansar a um bom lugar» (doc. 9 § 5).

h) Demónios. Acreditam em demónios, dos quais têm medo, e por isso de noite, quando saem, é sempre com um tição aceso, porque os demónios têm medo do fogo (docs. 8 § 3; 9 § 2).

i) Ritos não idolátricos. O pregar a seu modo, o cantar em certo tom, assim como tanger seus instrumentos também em certo tom, e os seus prantos funerários, não são ritos dedicados a ídolos (docs. 51 § 8; 54 § 15; cf. doc. 49).

9. *Pagés.* Além de presidir às funções mágico-religiosas, eram atribuições dos pagés: curar os doentes (docs. 8 § 10; 9 § 3) e aconselhar nas guerras contra os contrários (doc. 9 § 3); e persuadiam-se os Índios de que eram eles que tinham poder sobre a vida e a morte (doc. 24 § 2).

10. *Dilúvio.* Marido e mulher subiram a um pinheiro até baixarem as águas. E deles procede a nova geração de todos os homens e mulheres (doc. 9 § 7).

11. *Mito de Zumé.* Estes Índios Tupinambás têm notícia de S. Tomé e de um seu companheiro; e nesta Baía estão umas pegadas «que se têm por suas», e há outras em S. Vicente, que é no cabo desta costa (doc. 8 § 3). Na Baía eram quatro as pegadas. Os Índios estão bem com S. Tomé, «a que chamam também Zomé», não com o companheiro. Não se sabe a causa, senão que as frechas que lhes atiravam se tornavam aos que as atiravam e os matavam. Os matos abriam-se para os deixar passar e também as águas e as passaram sem se molhar. «Dizem dele que lhes deu o mantimento que agora têm, que são raízes e ervas» (docs. 6 § 3; 8 § 3).

Esta breve ordenação do conteúdo deste 1.º vol. sobre os Tupinambás mostra o sentido de iniciação documental a respeito dos Índios do Brasil. Completá-la-ão depois novos documentos, quer de Jesuítas, quer de outros cronistas, quer de pesquisas de campo modernas em período muito longo no tempo e em áreas muito mais extensas, onde, por esta mesma dispersão, nem sempre é fácil deslindar o que ainda é elemento de cultura primitiva ou já de aculturação. Mas grande parte desse material está em germe nestes primeiros documentos, cujo estudo pormenorizado e interpretação não competem ao historiador. Um ponto, todavia, convém aqui relevar por ser de natureza histórica, a identificação de Zumé com S. Tomé. Para os etnólogos, Zumé ou Sumé é o «deus criador e civilizador» dos Tupinambás. A semelhança fortuita do nome e o equívoco de chamar Índias ao Novo Mundo fez lembrar o Apóstolo S. Tomé (da Índia Oriental). Identificação inadmissível,

anterior em todo o caso à chegada dos Jesuítas em 1549, por vir já assinalada em *A Nova Gazeta da Terra do Brasil*, de 1515: «Eles têm também recordação de S. Tomé. Quiseram mostrar aos Portugueses as pegadas de S. Tomé no interior do país» [21].

Já agora — e como ponto de referência — é lícito lembrar que a cultura dos Tupinambás, embora homogénea em si mesma, não é comparável à dos Aztecas, Incas e Maias; e que o conceito complicado de herói criador e civilizador, mito bastante espalhado por todo o continente, aparece aos olhos de Imbelloni como elemento «allógeno», isto é, de origem não tupinambá. O mesmo vocábulo Zumé é tupi e chibcha, povo natural andino; e o influxo dos povos andinos sobre os Tupinambás admite-se hoje que se operava não apenas pelo Sul (Peru), mas também pelo Norte (Amazonas) [22].

CAPÍTULO II

AUTORES DAS CARTAS

As cartas deste primeiro volume de Monumenta Brasiliae S. I. foram escritas parte no Brasil, parte na Europa. E em ambos os lados do Atlântico, por Padres e Irmãos da Companhia e por personalidades de fora dela.

Na *Europa*, da Companhia: Padres Inácio de Loyola, fundador, Pedro Fabro, primeiro sacerdote dela, Juan de Polanco, secretário (todos três de Roma), e Pero Doménech, do Colégio dos Órfãos de Lisboa. De fora da Companhia: D. João III, Rei de Portugal, Dr. Diogo de Gouveia, Prin-

---

21 LEITE, *Breve Itinerário* 75.

22 JOSÉ IMBELLONI, *Gli Amazzonici*, in BIASUTTI, *Le Razze e i Popoli della Terra* III 537. O chibcha situa-se na actual Colômbia e nas costas do Pacífico. Cf. *Tribal and Linguistic Distributions of South America* (Tribal locations after Julian H. Steward and linguistic distributions after J. Alden Mason), mapa separado que acompanha o vol VI do *Handbook of South American Indians* VI, Washington 1950.

cipal do Colégio de Santa Bárbara de Paris, e D. Pedro Mascarenhas, Embaixador de Portugal em Roma.

No *Brasil*, da Companhia: P. Manuel da Nóbrega, fundador da Província S. I. e da Cidade de São Paulo, e os seus cinco companheiros da 1.ª expedição (1549): Padres Leonardo Nunes, fundador do Colégio de S. Vicente, Juan de Azpilcueta Navarro, missionário dos Índios, António Pires, Mestre de obras e Vice-Provincial; Irmãos (depois Padres) Vicente Rodrigues, primeiro Mestre-Escola do Brasil, e Diogo Jácome, torneiro e catequista; dois Padres da 2.ª expedição (1550): Afonso Brás, fundador do Colégio do Espírito Santo, e Francisco Pires, fundador da Ajuda (de Porto Seguro); da 3.ª expedição (1553) o P. Brás Lourenço, Reitor do Colégio do Rio de Janeiro; e ainda dois Irmãos, recebidos na terra, António Rodrigues (depois Padre), primeiro Mestre-Escola de São Paulo, e Pero Correia, protomártir da Companhia na América. De fora da Companhia: D. Pedro Fernandes, Bispo da Baía, e Tomé de Sousa, Governador do Brasil.

Há ainda algumas cartas dalgum menino, ou pessoa não bem identificada, ou simples excerto; o mais são documentos de sesmarias ou de subsídios da fazenda pública, segundo se verá em cada qual. Aqui, a notícia sumária dos referidos autores. E pela mesma ordem.

A) *Na Europa*

ARTIGO 1

P. INÁCIO DE LOYOLA, FUNDADOR DA COMPANHIA DE JESUS

Nasceu em Loyola em 1491. Tentou a carreira eclesiástica, que abandonou, teve vida agitada, e entrou na carreira das armas. Com 30 anos de idade foi ferido no cerco de Pamplona, recolhendo-se à casa paterna de Loyola para se curar (1521). Durante a doença converte-se a melhor vida, vai a Monserrate, troca os vestidos, e principia a escrever os «Exercícios Espirituais» (1522). Tem 31 anos de idade,

pouca instrução, nenhum plano definido. Mas já tem espírito novo e armas novas. Depois dum prazo ainda longo, de 18 anos, esse espírito iria fecundar uma nova Ordem Religiosa e essas armas iriam começar a ter expansão universal. Mas, por enquanto, tudo são ainda tenteios e obstáculos.

Depois de Monserrate, desce a Manresa e percorre vários lugares entre os quais Jerusalém (1523), faz volta por Veneza (1524), começa a estudar gramática em Barcelona (1525), vai depois para Alcalá (1526), é processado (tribunais eclesiásticos) e preso (1527). Liberto, segue para Salamanca, onde sofre novo processo eclesiástico e nova prisão, e donde, depois de livre, vai para Paris estudar latim no Colégio de Montaigu (1528). Continua a dar os Exercícios Espirituais, vai a Flandres recolher esmolas, e aí torna em 1529; e, à volta, começa o estudo de Artes no Colégio de Santa Bárbara do português Doutor Diogo de Gouveia (1529). Torna pela terceira vez a Flandres, e a Londres (1530). No ano seguinte continua os estudos, no mesmo Colégio de Santa Bárbara, onde conhece o P. Pedro Fabro e os jovens estudantes Francisco Xavier, Simão Rodrigues e outros. Licenciado (1533) e Mestre em Artes (1534). E a 15 de Agosto, desse mesmo ano de 1534, faz com os seus companheiros, em Paris, o conhecido voto de Montmartre.

Depois duma volta por Espanha, tenta de novo a viagem de Jerusalém e para isso vai a Veneza (1536). Convoca os companheiros para a jornada, juntando-se todos em Veneza, onde se ordenaram de sacerdote a 24 de Junho de 1537. Sendo-lhes impedida a Viagem da Terra Santa, tomam os outros o caminho de Roma, ele fica na cidade, ainda sem celebrar missa, e aí recebe em Outubro a sentença do Núncio Veralli em que se declara inocente tanto em doutrina como em costumes. Depois disto segue também para Roma onde, enfim, se reunem todos (1538). A 14 de Maio de 1539 resolvem fundar a Companhia de Jesus. Em Setembro, Paulo III aprova a «Fórmula do Instituto». Entretanto, D. João III de Portugal pedia missionários para

a Índia e com esse fim, em Março de 1540, seguem para Lisboa os Padres Simão Rodrigues e Francisco Xavier. A 27 de Setembro desse mesmo ano de 1540 é fundada oficialmente a Companhia com a Bula «Regimini Militantis Ecclesiae». Nessa Bula, há ainda apenas religiosos, nenhum Superior Geral. Este último acto realizou-se a 8 de Abril de 1541, sendo eleito Inácio por unanimidade (voto por escrito dos ausentes) [1].

Deram-se aqui estes passos da vida do fundador da Companhia de Jesus para se conhecer a variedade de contrastes, o caminho da Providência, o carácter e a experiência adquirida nesse meio século, pois Inácio tinha então 50 anos. Não é possível seguir em pormenor os restantes 15 de sua vida, que são a da própria Companhia no seu elemento essencial de governo. Basta dizer que ao falecer a 31 de Julho de 1556, a nova Ordem Religiosa contava mais de mil Padres e Irmãos, distribuidos, fora de Roma, em onze províncias, erigidas nas seguintes datas: Portugal (1546), [Espanha 1547, denominação que se manteve até 1554, desdobrando-se então em três], Goa (1549), Itália (1551), França (1552), Brasil (1553), Sicília (1553), Castela (1554), Aragão (1554), Andaluzia (1554), Alemanha Superior (1556), Alemanha Inferior (1556).

Fora da Europa, nomeiam-se aqui a Província de Goa na India e a do Brasil na América; mas também a Companhia tinha chegado ao Japão e se introduzira na Etiópia e nunca é demais recordar que todas estas missões ultramarinas se fizeram sob a bandeira portuguesa. De Portugal partiu a iniciativa da missão da Índia e também a do Brasil, para onde Nóbrega foi enviado por D. João III e pelo Provincial de Portugal, ida que aprovou depois o P. Geral. Mas é com o Provincial de Portugal e com El-Rei, que Nóbrega se corresponde ao princípio e com eles trata os negócios do Brasil; e, através do Provincial de Portugal, com Roma. Foi assim que se soube em Roma

---

1 DALMASES, *Fontes Narrativi* I 26*-38*.

a conveniência do Superior e Vice-Provincial do Brasil ter a categoria de Prelado, isto é, de Provincial *ex iure*, para proceder com mais eficácia ao bem da conversão do Gentio, a que o Bispo D. Pedro Fernandes se não sentia inclinado. Sabia-se também que Nóbrega pensava em alargar as missões do Sul até ao Paraguai. E, embora, ao menos parte estivesse já senhoreado pelos Castelhanos, e Castela não permitisse a ida de Padres da Companhia para os seus domínios da América, a Patente de nomeação dá a Nóbrega autoridade não apenas sobre as terras de Portugal, mas também fora delas — «mais além» — isto é, constitui-o pràticamente Provincial da América.

Do P. Inácio de Loyola entram neste volume as cartas de 7 de Julho de 1550, 14 de Junho de 1553, 9 de Julho de 1553 (duas), e 18 de Julho de 1553.

ARTIGO 2

P. PEDRO FABRO, PRIMEIRO SACERDOTE DA COMPANHIA DE JESUS

Pierre Favre, chamado também Lefèvre, e conhecido nos documentos da Companhia com o nome corrente de Pedro Fabro, nasceu no lugar de Villaret, freguesia de Saint-Jean-de-Sixt (Sabóia) a 15 de Abril de 1506. Começou a vida por pastor de ovelhas. Mas foi-se também dando a estudos, acabando-os em Paris no Colégio de Santa Bárbara, onde conheceu os outros futuros fundadores da Companhia. Recebeu ordens sacras em 1534, e a 15 de Agosto do mesmo ano, reunindo-se todos em Montmartre, foi ele quem celebrou missa, por ser ainda então, entre todos, o único sacerdote [2].

Em 1536 deixa a capital da França a caminho de Veneza e depois de Roma, onde, enfim, se reunem os condiscípulos

---

2 LÉON BUFFET, *Le Bienheureux Pierre Lefèvre, Premier Compagnon de Saint Ignace* (Lyon-Paris 1931) 4-12; RODRIGUES, *História* 1/1 30-32.

de Paris e se funda a Companhia de Jesus. A actividade principal do Padre Fabro devia-se exercer em diversas missões através da Europa, incluindo Portugal, nação em que entrou, por mar no Tejo, a 24 de Agosto de 1544 [3].

Lisboa, Évora e Coimbra conheceram-no. De Évora, a 3 de Dezembro de 1544, escreveu uma carta a Guilherme Postel quase toda sobre o mestre do Infante D. Henrique, Nicolau Clenardo, que falecera pouco antes [4]. D. João III estimou-o, e a juventude gostava de o ouvir e imitar. Voltou a Espanha e a Roma, onde faleceu a 1 de Agosto de 1546. Deixou fama de santo e foi beatificado a 5 de Setembro de 1872.

Os seus escritos recolheram-se em MHSI *(Fabri Mon.)* e interessa ao presente volume a carta ao Doutor Diogo de Gouveia, datada de Roma, 23 de Novembro de 1538.

ARTIGO 3

P. JUAN ALFONSO DE POLANCO, SECRETÁRIO DA COMPANHIA DE JESUS

Nasceu em Burgos (Espanha) por 1517, estudou em Paris (Mestre em Artes) e entrou na Companhia de Jesus em Roma em 1541. Concluiu a Teologia em Pádua e ocupava-se nos ministérios próprios da Companhia em Florença quando, em Março de 1547, o chamou o P. Inácio para Secretário da Companhia, a fim de suceder ao português P. Bartolomeu Ferrão, já adoentado, e que faleceu em 1548. Polanco, que exerceu o cargo até 1573, ano em que foi eleito Geral o P. Everardo Mercuriano, faleceu em Roma a 20 de Dezembro de 1576 [5].

O longo exercício do cargo de Secretário fê-lo presente

---

3 GEORGES GUITTON, *Un «Routier» contemplatif — Le Bienheureux Pierre Favre dit «Lefèvre», Premier Compagnon de Saint Ignace* (Toulouse 1925) 58; SCHURHAMMER, *Franz Xaver* I 101-103.

4 *Fabri Mon.* 280-282.

5 SCHURHAMMER, *Epp. Xav.* I 66*; CLARA ENGLANDER, *Ignatius von Loyola und Johannes von Polanco* (Regensburg 1956) 156-189.

a todos os actos importantes da Companhia do seu tempo, e são extremamente numerosas as cartas, que escreveu, a maior parte por comissão dos três primeiros Gerais. Entram neste volume as de 2 de Julho de 1550, 23 de Fevereiro de 1551, 13 de Agosto de 1553, e 24 de Fevereiro de 1554.

ARTIGO 4

P. PEDRO DOMÉNECH, FUNDADOR DO COLÉGIO DOS ÓRFÃOS DE LISBOA

Pedro Doménech nasceu na Catalunha em data não averiguada, assim como não há notícia certa de como passou ao serviço de Portugal, na Embaixada de Roma, onde era «solicitador dos negócios e expedições» da corte de Lisboa. Veio a Portugal em 1542 informar sobre o estado desses negócios, e voltou de novo em fins de 1548, passando primeiro por Gandia, onde, a 31 de Outubro, fez os votos de escolástico da Companhia de Jesus, identificando-se: «Yo Pedro Doménec, del lugar de Gratall, del Arzobispado de Tarragona, Abad del Monasterio de Nuestra S.ra de Villa Beltrán del órden de Sant Agustín de los Canónigos regulares del obispado de Gerona» [6]. Homem zeloso, alcançou o favor do P. Simão Rodrigues e de D. João III e da sua mulher D. Catarina, a cuja sombra fundou o Colégio de Jesus dos Meninos Órfãos de Lisboa, inaugurado em Agosto de 1549, com a presença da família real. Ao dar-se a mudança do governo da Provincia, o benemérito Padre voltou à Catalunha, chegando a Barcelona a 8 de Junho de 1553, arrefecido nos desejos de se recolher «de todo» à Companhia de Jesus; e a direcção do Colégio dos Órfãos de Lisboa, de fundação régia, deixou de ser da Companhia, ficando em mãos do Doutor António Pinheiro. Pero Doménech faleceu no seu mosteiro de Villabeltrán a 1 de Novembro de 1560 [7].

---

6 *Epp. Mixtae* 1 462.

7 RODRIGUES, *História* 1/1 700-706.

Do Colégio dos Órfãos de Lisboa foram alguns para a Baía a cargo da Companhia de Jesus no Brasil; daqui, a inclusão do seu nome neste livro, com as cartas de 27 de Janeiro de 1550, 17 de Fevereiro de 1551, e Outubro de 1552.

ARTIGO 5

D. JOÃO III REI DE PORTUGAL

D. João III nasceu em Lisboa a 6 de Junho de 1502. Filho de El-Rei D. Manuel I e da Rainha D. Maria. Subiu ao trono pelo falecimento do seu Pai, em 1521. Governou 36 anos, até 11 de Junho de 1557, dia em que faleceu nos Paços da Ribeira, em Lisboa [8]. A sua actividade no continente europeu foi um prodígio de equilíbrio diplomático, entre as lutas de Carlos V e Francisco I, para manter a neutralidade portuguesa, e no Extremo Oriente também foi hábil na questão das Molucas com os Castelhanos. Mas toca apenas ao nosso intento recordar brevemente o seu papel na história da Companhia de Jesus no Brasil, isto é, a sua atitude em relação à Companhia e em relação ao Brasil.

Por Diogo de Gouveia, Principal do Colégio de Santa Bárbara de Paris, D. João III teve conhecimento da existência dos «clérigos reformados», antes mesmo da aprovação canónica da Companhia de Jesus em 1540, e logo desde 1538 procurou angariá-los para as Missões de Portugal ultramarino. Conseguiu que lhe fossem dados dois dos fundadores, Simão Rodrigues e Francisco Xavier, encarregando o seu Embaixador em Roma D. Pedro Mascarenhas de obter da Santa Sé todas as graças, faculdades e honras, que pudessem facilitar o serviço da conversão dos infiéis e dar autoridade e prestígio aos missionários. Tudo sem olhar a gastos, que Portugal sempre fez com perene liberalidade.

---

8 F. DE ALMEIDA, *História de Portugal* II 297 367; ALFREDO PIMENTA, *D. João III* 2 330.

Em Portugal, onde ambos chegaram em 1540, tratou-os D. João III e toda a corte com a maior benevolência; e decidiu-se que um fosse para as missões da Índia e o outro ficasse no Reino a fim de preparar futuros missionários. Partiu Francisco Xavier em 1541 e ficou Simão Rodrigues. E em breve D. João III e Simão Rodrigues fundaram o Colégio de Coimbra, aplicando-lhe, com o beneplácito da Santa Sé, vastas rendas eclesiásticas, que estavam então disponíveis ou se consideravam de menos utilidade pública e religiosa. Deste Colégio de Coimbra iriam sair o P. Manuel da Nóbrega e todos os primeiros Jesuítas do Brasil. Escrevendo, a 31 de Janeiro de 1559, dá o Doutor Torres ao P. Geral Diego Laynes a origem e a significação do Colégio:

«El-Rei [D. João III], que esteja em glória, desejou a Companhia em suas terras, esperando por ministério dela cumprir com muitas obrigações que a Coroa tem, não só como Rei, mas ainda como Prelado, por ser ele e os seus descendentes, Mestres de Cristo, Santiago e Avis, por cuja razão é pastor espiritual em todas as Índias e terras da sua Conquista, e em muita parte do Reino. E a este fim quis fundar e dotar o Colégio de Coimbra» [9].

Da munificência e zelo de D. João III também dá testemunho Francisco Xavier, primeiro em Portugal, depois no Oriente. Ainda de Lisboa, em vésperas de partir, escreve, a 18 de Março de 1541:

«De las Indias os escribiremos más a largo con las primeras naos que dallá vinieren, dandos entera informatión de lo de allá. El Rey me dixo quando dél me despedí, que por amor de nuestro Señor le escribiesse muy a largo de la dispositión que allá ay para la conversión de aquellas pobres ánimas, doliéndosse mucho de la miseria en que están metidas, y muy deseosso que el Creador e Redentor dellas no sea per-

9 ARSI, *Lus. 60*, f. 99r. Referindo-se ao zelo de D. João III na propagação da Fé, comenta Tacchi-Venturi: «Gli uomini delle presenti generazioni troppo sono ormai disavvezzi dall incontrare professioni simili a quella di questo re potentissimo, padrone quasi assoluto di uno dei più vasti imperj transmarini che il mondo conosca» (*Storia della Compagnia di Gesù in Italia* II [Roma 1922] 363).

petuamente offendido de las creaturas, a su imagin y similitud criadas, y con tanto precio compradas. Es tanto el zelo que Su Alteza tiene de la honrra de Christo nuestro Señor y de la salvación de los próximos, que es cosa para dar infinitos loores y gratias a Dios de ver un rey que tan bien y píamente siente de las cosas de Dios: y es assí que, si yo no fuera testiguo de todo como soy, no pudiera crer lo mucho que en él he visto. Plegue a Dios nuestro Señor le acresciente los días de su vida por muchos años, pues tan bien los emplea, y tan utilis et necessarius populo suo» [10].

E no Oriente, depois de voltar ao Japão, escreve Xavier, de Cochim, a 29 de Janeiro de 1552:

«Em todo este tempo que istivemos em Japão, que seria mais de dous annos e meio, sempre nos mantivemos das esmolas, que ho cristianíssimo Rey de Portugal nos manda dar nestas partes, porque quando fomos a Japão nos mandou dar passamte de mil cruzados. Não se pode crer quão favorecidos somos de Sua Alteza, e o muyto que connosquo gasta em dar tão largas esmolas pera colegios, cassas e todas as outras necessidades» [11].

Pelo que se refere ao Brasil, descoberto em 1500 por Pedro Álvares Cabral no caminho da Índia, o Oriente continuou a ser o objecto principal das atenções de D. Manuel, nem lhe era fácil distrair forças bastantes para criar novo império no Ocidente, como dissemos, embora já alguns passos desse nos últimos anos do seu reinado. A empresa ficou reservada a D. João III que é, na verdade, o primeiro rei do Brasil, com a ocupação efectiva, contra dois adversários poderosos, que o rondavam, França e Castela. «Não creio que, pensando bem, se possa considerar mais arrojado e de maior envergadura intelectual o plano de D. Manuel, quanto ao Império do Oriente, do que o de D. João III quanto ao Brasil» [12].

O plano amadureceu por 1530, e a primeira fórmula foi a das Donatarias ou Capitanias hereditárias, de tipo feu-

---

10 *Epp. Xav.* I 81-82.

11 *Ib.* II 273.

12 MANUEL MÚRIAS, *A Política das Feitorias*, in *Alta Cultura Colonial* (Lisboa 1936) 168.

dal [13], entre as quais duas adquiriram maior importância, a de Martim Afonso de Sousa (S. Vicente) e a de Duarte Coelho (Pernambuco). Integradas no todo da Monarquia Portuguesa, mas sem administração directa da Coroa, e independentes entre si, as Capitanias umas prosperaram, outras não. Faltava ainda ao Brasil a coesão orgânica de Estado. As Capitanias, que não prosperaram, ficavam fácil presa de incursões dos Franceses que visavam de modo particular Cabo Frio e o Rio de Janeiro. Com o desmoronar da Capitania da Baía, D. João III, tomando-a para a Coroa, mandou fundar nela uma cidade (Salvador), sede do Governo Geral. E assim, embora continuassem alguns Donatários com os seus forais, surgia um poder novo de carácter centralizador, com alçada em certas matérias sobre todo o território do Brasil organizado em Estado com as suas autoridades superiores: Governador Geral, Ouvidor-mor, Provedor-mor. E foi este o grande e primeiro acto oficial e político para a unificação do Brasil [14].

Ora, com o primeiro Governador Geral, chegou também ao Brasil em 1549 a primeira Missão Jesuítica, chefiada pelo P. Manuel da Nóbrega. De maneira que pertence a D. João III, na história da Companhia de Jesus, a honra de iniciar as missões ultramarinas da mesma Companhia, tanto para o Oriente como para o Ocidente, uma e outra sob a bandeira portuguesa, patrocinada uma e outra por El-Rei para cumprimento do seu dever de evangelizador, recordado na carta de 1559 acima referida. Nenhum acto dos Padres da Companhia de Jesus, nesses tempos, tanto na Índia como no Brasil, se pode separar da memória de D. João III de Portugal. E ao Brasil, já em segundo lugar entre a Índia e a Guiné, alude El-Rei, em carta de Junho de 1553 ao Papa Júlio III,

---

13 CHARLES VERLINDEN, *Précédents médiévaux de la Colonie en Amérique* (México 1954) 40.

14 LEITE, *Breve Itinerário* 12-13.

recomendando Luís Gonçalves da Câmara e os negócios da Companhia:

«Polo muyto fruito que os Padres da dita Companhia tem feito e fazem nestas partes e nas da Indya, Brasil e Guiné; e, polo bom exemplo que de si ategora tem dado me obrigão a os favorecer no que posso, e pedir a V. Santidade, como peço muyto por mercê, que em tudo o que à dita Companhia for necessario e lhe o Padre Luís Gonçalves pedir para bem dela neste Reyno, receba de V. S. graça e mercê; porque se consiguiraa disso animá-los e esforçá-los para que tão sancta obra e de tanto serviço de Nosso Senhor vaa sempre em crescimento, como de tão bons e tão sanctos principios se espera. Porque, segundo são informado de meus Capitães e Governadores, que naquelas partes da India e do Brasil tenho, do muito fruito que nas almas se fez, por meo da dita Companhia, parece que Nosso Senhor nelas renova a forma da premitiva Igreija, de que V. S. deve dar muitas graças a Nosso Senhor como eu faço. [...] Escrita em Lisboa, a — dias de Janeiro de 1553» [15]

Compreende-se bem alguns meses depois, no tempo preciso em que Nóbrega tratava da fundação de São Paulo de Piratininga, a carta de Roma, de 14 de Junho de 1553, em que o fundador da Companhia de Jesus, S. Inácio, ordenava, em virtude da obediência, a todos os Provinciais, Reitores e Prepósitos das Casas Professas, em quaisquer regiões e partes da terra onde estivessem, que todos os Padres e Irmãos se lembrassem na missa, diàriamente, e nas suas orações, do Rei de Portugal e da sua família. O fundamento era a obrigação que

«tem toda a nossa Companhia, entre todos os príncipes cristãos, ao Serenissimo Rei de Portugal, com cujo favor e mui liberal ajuda se começou a fundar e se derramou em tantas partes a nossa Companhia, com muito fruto do divino serviço e espiritual ajuda das almas» [16].

Entre D. João III e o Padre Nóbrega houve correspondência activa e passiva até 1554 ou 1555. Em 1557 voltou

---

15 ARSI, *Epp. Ext. 26*, f. 13r.
16 MI, *Epp.* V (1907) 125-127.

Nóbrega a escrever-lhe, segundo diz na carta ao Dr. Torres de 2 de Setembro de 1557:

«A El-Rei nam escrevo agora pela pressa; fá-lo-ei pola caravela quando for, pois mo mandão. Eu ho comecei a fazer no principio e mandava as cartas abertas, pera lá se julgar se se deviam de dar, e escreveram-me que ho nam fizesse, a tempo que eu tinha recebido uma d'El-Rei em resposta de outras que lhe eu tinha escrito, e porventura que estranharia nam lhe tornar a responder» [17].

A carta de Nóbrega, anunciada pela caravela, não se conhece, e neste caso explica-se, porque já não acharia vivo a D. João III, falecido entretanto a 11 de Junho, e talvez até a não tivesse escrito se soubesse antes a infausta notícia. Mas Nóbrega fala de *carta recebida de El-Rei* e doutras que lhe tinha escrito; e das cartas de D. João III para Nóbrega não se conhece nenhuma. De Nóbrega para El-Rei há duas completas e uma incompleta: de Olinda (Pernambuco) 14 de Setembro de 1551 (autógrafa), da Baía princípios de Julho de 1552 (apógrafa), e outra de Piratininga [Outubro?] de 1553, esta incompleta, e que, pela data, já não entra neste volume. De El-Rei, não para Nóbrega, mas que tocam às missões da Companhia e do Brasil, entram duas, as de 4 de Agosto de 1539 e 1 de Janeiro de 1551.

Grave perda foi não se conservar toda a correspondência entre Nóbrega e D. João III, da maior importância histórica. Segundo o P. José de Anchieta, primeiro biógrafo de Nóbrega, «El-Rei escrevia-lhe mui familiarmente, encomendando-lhe a conversão do gentio, e o mais tocante ao bom governo do Brasil, e que o avisasse de tudo; e assim mais faziam por uma carta do Padre Nóbrega que por muitas outras informações e instrumentos» [18].

---

17 LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas* 74; *Cartas de Nóbrega* (1955) 275-276.

18 FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 186; LEITE, *Breve Itinerário* 220.

ARTIGO 6

DR. DIOGO DE GOUVEIA, PRINCIPAL DO COLÉGIO DE SANTA BÁRBARA E REITOR DA UNIVERSIDADE DE PARIS

Diogo de Gouveia, o «velho», para se distinguir dum sobrinho seu do mesmo nome, nasceu em Beja por 1471, ainda em tempo de D. Afonso V, um dos cinco reis de Portugal, a que alude o seu epitáfio na Sé de Lisboa, transcrito por Barbosa Machado [19]. Doutorou-se em Teologia na Universidade de Paris, da qual foi Reitor ao menos uma vez por entre 1500 e 1501 («almae matris Universitatis Rector»), e na qual também exerceu o cargo de director da Faculdade de Teologia e o era em 1545 [20].

O seu grande renome adveio-lhe de ter alugado o Colégio de Santa Bárbara de que foi Principal durante muitos anos, de 1520 em diante, com a ajuda de D. João III, que em 1527 instituiu nele 50 bolsas de estudo para jovens portugueses [21]. Com a restauração da Universidade portuguesa em Coimbra (1537), os estudantes de Portugal trocaram o Sena pelo Mondego, e o Colégio de Santa Bárbara (o «feudo português» de Paris) entrou em dificuldades económicas. Gouveia voltou definitivamente a Portugal por 1556 ou 1557, e neste último ano faleceu a 8 de Dezembro, sepultando-se na Sé de Lisboa, de que era cónego [22].

O Principal do Colégio de Santa Bárbara prestou incalculáveis serviços à França no desenvolvimento da cultura humanista, a Portugal com avisos e intervenções diplomáticas, e à Companhia de Jesus por ter sido mestre e amigo não só do seu compatriota Simão Rodrigues, mas de outros, entre os quais Inácio de Loyola, Francisco Xavier e Pedro

---

19 *Bibl. Lus.*, I 641.

20 LUÍS DE MATOS, *Les Portugais à l'Université de Paris* 10-11; SCHURHAMMER, *Franz Xaver* I 92-93.

21 MARCEL BATAILLON, *Études sur le Portugal* 74-77.

22 B. MACHADO I 641; RODRIGUES, *História* 1/1 46-49 208-210.

Fabro, do grupo fundador da mesma Companhia, que sempre lhe retribuiu igual afecto [23]; e S. Inácio, ao dar mais tarde à Companhia as normas de estudo, invoca o «método parisiense» [24].

A Diogo de Gouveia se deve a iniciativa das missões ultramarinas da Companhia de Jesus. Neste sentido escreveu de Paris, 17 de Fevereiro de 1538, a D. João III de Portugal, e, antes desse dia, outra carta a Mestre Simão Rodrigues; e ainda deve de ter escrito uma terceira, pouco antes de 23 de Novembro desse mesmo ano, data da carta de Pedro Fabro [25]. Mas destas três só se conhece a de 17 de Fevereiro, que abre o presente volume por falar simultâneamente das missões da Companhia e do Brasil.

ARTIGO 7

D. PEDRO MASCARENHAS, EMBAIXADOR DE PORTUGAL E VICE-REI DA ÍNDIA

D. Pedro Mascarenhas, senhor de Palma, entre Setúbal e Alcácer do Sal, nasceu por 1483, foi pagem da rainha D. Leonor, viúva de D. João II, e valente soldado e marinheiro das guerras do norte de África.

Já tinha extensa e gloriosa folha de serviços, quando D. João III o nomeou embaixador na corte de Carlos V, revelando habilíssimos dotes diplomáticos e agudeza de vistas, como se observa na sua carta de Anvers (ele assim escrevia), de 17 de Janeiro de 1532, sobre os planos do Imperador, o movimento luterano, e a atitude do piloto português Pero Fernandes ali refugiado [26]. Mas a embaixada de maiores consequências foi a da Santa Sé, onde chegou em meados de 1538. D. Leonor de Mascarenhas, sua

---

23 RODRIGUES, *História* I/I 209.

24 BERNARD-MAITRE, *Un grand serviteur du Portugal en France* 49.

25 LEITE, *Origem portuguesa das Missões ultramarinas da Companhia de Jesus,* in *Cartas de Nóbrega* 9*-10*.

26 Cf. LUÍS DE MATOS, *Les Portugais en France au XVI^e siècle — Études et documents* (Coimbra 1952) 228-233.

parente, que vivia em Roma e a quem S. Inácio chamaria «mãe da Companhia», apresentou-os. D. Pedro tomou a S. Inácio por confessor, o que vem a dizer que ficaram amigos. E D. Pedro o foi sempre e também da Companhia, de cujos negócios tratou como se fora dela. Voltou a Portugal em 1540, levando em sua companhia S. Francisco Xavier [27].

Depois da embaixada em Roma, D. Pedro Mascarenhas voltou às guerras de Marrocos; e foi, por fim, nomeado por D. João III Vice-Rei da Índia em 1554, cargo em que se mostrou político de valor como sempre, e honrado administrador. Faleceu em Goa a 6 ou 23 de Junho de 1555 [28].

A correspondência activa e passiva entre o embaixador e a Corte de Lisboa recolheu-se no *Corpo Diplomatico Portuguez* e dela se utilizam neste livro duas cartas: uma de D. João III a D. Pedro Mascarenhas, de Lisboa 4 de Agosto de 1539; outra de D. Pedro a D. João III, de Lisboa 10 de Março de 1540.

B) *No Brasil*

ARTIGO 8

P. MANUEL DA NÓBREGA, FUNDADOR DA PROVÍNCIA DO BRASIL

Manuel da Nóbrega nasceu a 18 de Outubro de 1517 em Portugal, ao que parece no Minho, estudou nas universidades de Salamanca e de Coimbra, e entrou na Companhia de Jesus a 21 de Novembro de 1544, já Padre. O secretário da Companhia, João de Polanco, assinalou assim o facto: «Eodem etiam anno admissus fuit Emmanuel de Nobrega, sacerdos etiam, et Cancellarii Regni ex fratre nepos, vir-

---

27 RODRIGUES, *História* 1/1 201 212-213; LEITE, *Cartas de Nóbrega* 12*; SCHURHAMMER, *Franz Xaver* I 515-519 537-569.

28 *Grande Enciel. Port. e Bras.* XVI 508-509; RODRIGUES, *História* 1/1 216.

tute et Iuris Canonici valde commendatus» [29]. Sobrinho do Chanceler do Reino, sacerdote notável pela sua virtude e conhecimento do Direito Canónico. Graduara-se em Coimbra em 1541, e o seu pai, Desembargador Baltasar da Nóbrega, tinha sido Juiz de Fora do Porto, em 1532, onde é de crer que o filho iniciasse o estudo de humanidades.

Em Portugal, Nóbrega ocupou na Companhia o cargo de Procurador dos Pobres, fez as peregrinações de Salamanca e Santiago de Compostela, andou em pregações rurais pela Beira e pelo Minho, examinou o processo jurídico da anexação ao recém-fundado Colégio de Coimbra, de bens eclesiásticos, que a Santa Sé e El-Rei houveram por bem conceder-lhe, e exercitou os ministérios próprios da Companhia como director de almas.

Houve-se nas suas diversas ocupações com tanta caridade, mortificação própria, tino prático e zelo, que ao tratar-se de fundar a Missão do Brasil, o seu nome se apresentou como capaz de tão grande empresa; e para ela o nomeou o Provincial de Portugal e o enviou El-Rei D. João III na armada de Tomé de Sousa, que saiu de Lisboa a 1 de Fevereiro de 1549.

A primeira missão da Companhia de Jesus na América aportou à Baía de Todos os Santos a 29 de Março de 1549. Nóbrega, Superior dela, levava consigo cinco Padres e Irmãos, e logo começou com resolução a obra da conversão do Gentio, da educação dos meninos e da morigeração dos Brancos, no que tocava sobretudo à pureza dos costumes e liberdade dos Índios.

O facto de coincidir a criação da Missão com a do Governo Geral deu ao P. Nóbrega ensejo de colaborar na fundação da cidade do Salvador, capital do novo Estado do Brasil, e de se revelar, pela sua cultura e dotes pessoais e pelo jogo das circunstâncias, não apenas fervente apóstolo na catequese dos Indios e vida moral da terra, mas grande estadista na formação do Brasil até sob o

---

29 POLANCO, *Chronicon* I 158.

aspecto territorial e político, assegurando a sua sobrevivência.

Em fins de 1552 seguiu da Baía para a Capitania de São Vicente, e no ano seguinte fundou a Aldeia de Piratininga e nela o Colégio de São Paulo, donde procede, sem solução de continuidade, a cidade do mesmo nome.

Voltou por ordem superior, à Baía em 1556. E em breve, com a vinda do Governador Mem de Sá, culto e valente, que sempre secundou sem restrições o P. Nóbrega, se fortificou a autoridade civil e se apertaram os vínculos do novo Estado com a sujeição e incorporação dos Índios e com a conquista do Rio de Janeiro, onde gente intrusa ameaçava de morte a unidade brasileira.

Nóbrega, além de fundador da Missão do Brasil, foi o seu primeiro Provincial, nomeado por S. Inácio em 1553. Conservou o cargo até 1560, quando, achando-se de novo em S. Vicente, o passou ao seu sucessor, o P. Luís da Grã. Ficando mais livre, deu-se em cheio à grave e urgente empresa do Rio de Janeiro, que se operou entre 1560 e 1567 e de que ele foi não apenas conselheiro mas a alma.

Das virtudes religiosas do P. Manuel da Nóbrega dão testemunho as suas cartas, as dos seus súbditos e as dos que escreveram sobre ele; das virtudes cívicas tratam os mesmos documentos e os resume um historiador inglês em frase conhecida: «Não há ninguém a quem o Brasil deva tantos e tão permanentes serviços» [30].

Nóbrega faleceu no Colégio do Rio de Janeiro, de que foi fundador e primeiro Reitor, a 18 de Outubro de 1570, dia consagrado ao Evangelista S. Lucas, o mesmo dia em que completava 53 anos de idade [31].

---

30 ROBERT SOUTHEY, *History of Brasil* (Londres 1810) 310. Cf. ELAINE SANCEAU, *Capitães do Brasil*, 386.

31 LEITE, *Breve Itinerário* 205-207. — Sobre a família de Nóbrega, cf. LEITE II 460-461, e *Breve Itinerário* 23-25. Em 1514 estudava em Paris o dominicano Frei Afonso da Nóbrega, um «dos nossos naturais», a quem o Rei de Portugal D. Manuel I ordena que se aplique a bolsa de

As cartas de Nóbrega ocupam a quarta parte deste volume. Não entram nele nem o breve e substancial «scopus vitae», de noviço, nem as cartas escritas em Portugal antes de ir para o Brasil (*Cartas de Nóbrega* [1955] 1-16); mas só as que escreveu no Brasil até 31 de Agosto de 1553, última do presente livro:

1549: 10 de Abril, 15 de Abril, 9 de Agosto, 10 de Agosto, Agosto («Informação das Terras do Brasil»).
1550: 6 de Janeiro.
1551: 11 de Agosto, 13 de Setembro, 14 de Setembro.
1552: 5 de Junho, princípios de Julho, 10 de Julho, fins de Julho, fins de Agosto.
1553: 12 de Fevereiro, 10 de Março, 15 de Junho, 31 de Agosto.

ARTIGO 9

P. LEONARDO NUNES, FUNDADOR DO COLÉGIO DE SÃO VICENTE

Natural de S. Vicente da Beira, diocese da Guarda. Filho de Simão Álvares e Isabel Fernandes. Por falta de catálogos não se sabe o ano em que nasceu, mas entrou na Companhia em Coimbra a 6 de Fevereiro de 1548, já Padre, e portanto com os seus 25 a 30 anos, porque nenhum dos que foram para o Brasil na primeira expedição eram homens de idade. Foi com Nóbrega em 1549 que nesse mesmo ano o enviou para São Vicente, onde fundou o Colégio da vila, constituindo-se deste modo o fundador da instrução no actual Estado de São Paulo. Foi o primeiro Jesuíta que esteve no campo de Piratininga,

---

estudos que dava a Frei Diogo da mesma Ordem e mandou chamar. Como houvesse dúvida se aquela bolsa chegaria para Afonso da Nóbrega acabar os estudos, El-Rei instituiu outra para ele, que começou a 1 de Janeiro de 1517 (LUÍS DE MATOS, *Les Portugais à l'Université de Paris* 20-21). Este ano de 1517 é o do nascimento de Manuel da Nóbrega, e pelas datas Afonso podia ser seu tio.

mostrando-se sempre incansável e zeloso. Era cantor e músico. E homem da confiança de Nóbrega, que o mandou a dar conta das coisas do Brasil a Lisboa e Roma, naufragando na viagem a 30 de Junho de 1554. «Cuja trágica morte foi universalmente sentida» [32]. Deixou quatro cartas de 1550, 1551 e 1552, todas dentro do período do presente volume.

ARTIGO 10

P. JUAN DE AZPILCUETA NAVARRO, MISSIONÁRIO DOS ÍNDIOS

Filho de Juanes de Azpilcueta e de María Sebastián, de Irriberi, nasceu entre 1521 e 1523, em Navarra, daí o cognome por que é conhecido, como o seu tio, Dr. Martín de Azpilcueta Navarro. João de Azpilcueta, parente de S. Francisco Xavier, entrou na Companhia em Coimbra a 22 de Dezembro de 1545 e embarcou para o Brasil com o P. Nóbrega em 1549, que o aplicou mais de propósito à catequese dos Índios, cuja língua aprendeu e de quem foi zeloso missionário, utilizando o pendor deles pela música e o canto e a pregação espectacular. O P. Navarro deixou duas cartas, dos trabalhos da Baía, que entram neste volume. Deixou mais duas, que já não entram, datadas de Porto Seguro, uma das quais, a mais apreciada, escrita à volta da frustrada expedição ao sertão correspondente, donde voltou com a saúde combalida. Faleceu na Baía a 30 de Abril de 1557 [33].

ARTIGO 11

P. ANTÓNIO PIRES, MESTRE DE OBRAS E VICE-PROVINCIAL

Natural de Castelo Branco, onde nasceu por 1519. Entrou na Companhia, já Padre, a 6 de Março de 1548 e

---

32 LEITE IX 16-17; *Artes e Ofícios* 225.

33 Não em 1555, como tem SCHURHAMMER, *Franz Xaver* 648; cf. LEITE VIII 83-84; *Artes e Ofícios* 123.

embarcou no ano seguinte para o Brasil com o P. Nóbrega, de quem foi coadjutor na nova cidade do Salvador da Baía, que se fundava. Homem de forças e hábil de mãos, aprendeu a arte de carpinteiro e presidiu às primeiras construções materiais da Companhia no Brasil e é o único Jesuíta que Sousa Viterbo conhece e menciona no seu *Diccionario* [34]. Dotado de bom senso e virtude, Nóbrega levou-o consigo a Pernambuco, em 1551, onde foi algum tempo visitador do Bispo e donde voltou em fins de 1553 para a Baía, e aqui ocupou os cargos de Reitor, de Superintendente, e de Mestre de Noviços. Fez os votos de Coadjutor Espiritual formado, mas considerava-se a pessoa de mais autoridade no Brasil para governar a Província no caso de faltarem os Padres Nóbrega e Luís da Grã. E era uma das incumbências do Visitador Inácio de Azevedo informar-se sobre se ele se devia de fazer professo para ser Provincial [35]. O P. Geral Francisco de Borja fez a mesma pergunta ao P. Luís Gonçalves da Câmara, que responde afirmativamente, ainda que não houvesse necessidade dele para Provincial:

«Si él es tan fino en la virtud como acá juzgamos que es, no veo inconveniente en hazerlo, pues que el P. Laynez con parecer de todos los assistentes mandava hazer professo a Juan Gonçalves por su rara virtud, que no fue al Brasil sacerdote como éste, antes para servicio» [36]. Não chegou a fazer a profissão, mas quando o mesmo Visitador em 1566 seguiu para o Sul, levando consigo o Provincial Luís da Grã, a ele deixou por Vice-Provincial. E de novo assumiu este cargo depois do falecimento de Nóbrega em 1570, no exercício do qual acabou os seus dias na Baía a 27 de Março de 1572: «Fidelis servus et prudens» [37].

---

34 SOUSA VITERBO, *Diccionario* II 295-296.

35 ARSI, *Hisp. 67*, f. 165v.

36 Carta do P. Luís Gonçalves da Câmara ao P. Francisco de Borja, de Sintra, 4 de Setembro de 1566, *Lus. 62*, f. 101r.

37 LEITE II 475-477; IX 58-59; *Artes e Ofícios* 239-240.

Das cinco cartas, que dele se conhecem, cabem neste volume duas, de Pernambuco, 1551 e 1552.

ARTIGO 12

P. VICENTE RODRIGUES, PRIMEIRO MESTRE-ESCOLA DO BRASIL

Nasceu por 1528 em S. João da Talha (junto à Portela de Sacavém, actual aeroporto de Lisboa). Filho de Antão Rijo e Isabel Jorge, irmão do P. Jorge Rijo, célebre ministro do Colégio de Coimbra. Ainda usou algum tempo no Brasil aquele sobrenome, mas logo aparece Rodrigues e este ficou para a história. Entrou na Companhia em Coimbra a 16 de Novembro de 1545 e seguiu para o Brasil com Nóbrega em 1549. Passados 15 dias, escreve Nóbrega que o Ir. Vicente «ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever». Notícia e facto que o constituem *primeiro Mestre-Escola do Brasil.* Como os alunos a princípio não eram, nem podiam ser, muitos, ainda lhe sobrava tempo para agricultor e aprender a arte de tecelão, a fim de ensinar este ofício aos Índios. Dotado de intrepidez e bom trato pessoal, embora não houvesse possibilidade de se formar em maiores estudos, Nóbrega achou que ele se devia ordenar, e assim se fez em 1553. Neste mesmo ano seguiu para o Sul. Esteve no Campo de Piratininga, em Maniçoba e em São Paulo, de que era Superior em 1562, tomou parte na conquista do Rio de Janeiro, voltou à Baía como Padre Espiritual, e por fim tornou ao Rio, onde faleceu a 9 de Junho de 1600. A notícia da sua morte enviou-a ao P. Geral, nestes termos, o Provincial do Brasil, Pero Rodrigues: «Faleceu o P. Vicente Rodrigues, de cinquenta e um anos de Brasil, *plenus dierum,* de grande bondade, paz, humildade e edificação para com todos os de casa e os de fora» [38].

---

38 LEITE IX 99-100; *Vicente Rodrigues, primeiro Mestre-Escola do Brasil* 299; *Artes e Ofícios* 254-255; SOUSA CAMPOS, *História da Universidade de São Paulo* 16-17.

Deixou cinco cartas de 1552-1553 e uma relação de 1570. Pelo período, todas cabem no presente volume, excepto a relação.

ARTIGO 13

P. DIOGO JÁCOME, TORNEIRO E CATEQUISTA

Português (de quem se ignora a data e lugar de nascimento) foi para o Brasil com Nóbrega em 1549. Revelou dotes de bom catequista, aprendeu a língua e as artes de alpercateiro e de torneiro para as ensinar aos Índios; e, dada a falta angustiosa de sacerdotes, Nóbrega fez que ele se ordenasse. Trabalhou com zelo na Baía, Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente, São Paulo de Piratininga, e por último no Espírito Santo (aqui já Padre), onde faleceu a 10 de Abril de 1565. Deixou uma carta escrita em São Vicente em 1552[39].

ARTIGO 14

P. AFONSO BRÁS, FUNDADOR DO COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO

Nasceu por 1524 em S. Paio de Arcos, Anadia (antigo termo da Vila de Avelãs de Cima). Entrou na Companhia em Coimbra a 22 de Abril de 1546. Deu, com os Padres Gonçalo Vaz de Melo e António Gomes, uma famosa missão no Minho em 1547; e, em 1550, embarcou para o Brasil, como Superior da segunda expedição. Pouco depois foi para Porto Seguro (e Ilhéus), e logo para o Espírito Santo, onde em 1551 fundou o Colégio dessa Capitania. Quando Nóbrega se preparava para entrar ao sertão em 1553 chamou Afonso Brás a fim de o acompanhar. Não se realizando a entrada, colocou-o em São Paulo de Piratininga, com o encargo de construir os primeiros edifícios de taipa da nova povoação. O P. Afonso Brás revelou-se homem esforçado e competente como Mestre de Obras, não só em São Paulo, mas também em São Vicente, e depois no Rio

39 LEITE VIII 305; *Artes e Ofícios* 199.

de Janeiro de 1572 em diante. Teve longa vida — sem também descurar missões e confissões — passada sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde faleceu a 30 de Maio de 1610 [40].

Conserva-se dele uma carta, escrita no Espírito Santo em 1551.

ARTIGO 15

P. FRANCISCO PIRES, FUNDADOR DA IGREJA DA AJUDA EM PORTO SEGURO

Nasceu por 1522 em Celorico da Beira (distrito da Guarda). Entrou na Companhia em Coimbra a 24 de Fevereiro de 1548 e embarcou para o Brasil em 1550. Era a 2.ª expedição em que iam alguns meninos órfãos de Lisboa e com eles e outros se ocupou na Baía nos primeiros tempos e em Porto Seguro; e a ele e a quatro meninos levou Nóbrega em fins de 1552 para São Vicente, confiando-lhe em 1553 o cargo dos meninos do Colégio desta vila. Em 1554 esteve em Maniçoba, e depois repartiu a sua actividade entre São Paulo e São Vicente até 1556, em que Nóbrega o levou consigo e deixou no Espírito Santo.

No ano seguinte diz dele que era «bom filho» [41]. Tratava-se de informação para os últimos votos, que veio suscitar uma crise de escrúpulos. Francisco Pires tinha sido Cónego regrante de Santo Agostinho no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (crúzios) antes de entrar na Companhia, e começou a pensar se não seria impedimento. Para quietação e consolação sua, mandou-se-lhe dizer que se alcançaria dispensa [42]. E não se falou mais nisso.

Nóbrega chamou-o do Espírito Santo para a Baía e em 1559 tinha a seu cargo a «Escola geral de meninos da terra e filhos dos cristãos», Colégio de que ficou Reitor

---

40 LEITE VIII 122; *Artes e Ofícios* 135-136.
41 *Cartas de Nóbrega* (1955) 274.
42 ARSI, *Lus. 60*, ff. 126r 171v.

até 1562[43]. Em 1565 Superior dos Ilhéus, e ainda aí residia em 1569, acupado em confissões e pregação, em que era demasiado longo[44]. O P. Francisco Pires passou por quase todas as residências da costa, em que foi Superior. E deixou ligado o seu nome à Igreja da Ajuda (Porto Seguro). Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro, entre colóquios a Nossa Senhora, a 12 de Janeiro de 1586[45].

Das suas cartas, entram neste volume as duas primeiras, de 5 e 7 de Agosto de 1552.

ARTIGO 16

P. BRÁS LOURENÇO, SUPERIOR DO ESPÍRITO SANTO

Nasceu por 1525 em Melo, diocese de Coimbra. Já era Padre quando entrou na Companhia nesta cidade a 9 de Maio de 1549. Embarcou em 1553 com o P. Luís da Grã (Superior) e outros na armada do segundo Governador do Brasil D. Duarte da Costa, que o tomou por confessor durante a viagem. Pouco tempo se demorou na Baía, sendo destinado ao Espírito Santo onde viveu muitos anos como Superior, com notável fruto na renovação dos costumes dos moradores e catequese dos Índios. Num ataque de piratas franceses, ele mesmo empunhou a bandeira de Santiago, animando o povo à resistência, retirando-se o inimigo com perdas. Foi Superior noutras residências da costa e Reitor do Colégio do Rio de Janeiro (1573-1576). Faleceu, com fama de homem caridoso, na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo) a 15 de Julho de 1605[46].

Entra neste volume uma das suas duas cartas conhecidas, a de 30 de Julho de 1553.

---

43 LEITE I 61-62.

44 LEITE II 301.

45 LEITE I 62; IX 62; cf. FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 215-216; *Ano Santo* 19.

46 LEITE I 403-404; VIII 323-324.

ARTIGO 17

IR. PERO CORREIA, PROTOMÁRTIR DA COMPANHIA NA AMÉRICA

Pero Correia vivia no Brasil quando chegaram os Jesuítas em 1549. Em 5 de Agosto de 1542 era «morador nesta vila de S. Vicente», data em que lhe foi passada a carta de duas terras, uma diante da vila de S. Vicente, outra mais ao sul, em Peruíbe. As quais trespassará ele depois em 1553 à Confraria dos Meninos de Jesus da mesma vila (doc. 62). Houve grave desinteligência e demanda com Brás Cubas, sanada também em 1553 por Nóbrega, o que dá presunção a que Pero Correia se ausentasse de São Vicente e seja o mesmo morador de Porto Seguro em Novembro de 1546, chamado a depor na «Imquyriçam» sobre o Donatário Pero do Campo Tourinho:

«Pero Correia caualeiro fidalguo testemunha jurado aos Samtos Avamgelhos que pelo emqueredor lhe foram dados, estamdo presemte o vigairo e juiz ordinairo, pergumtado pelo custume dise elle testemunha que he gramde amyguo do dito Pero do Campo e sempre ho foy, e que tinha com elle huú comtrato feyto pera com sua filha, ho quall tem em sua maão, e que comtudo diria a verdade do que lhe fosse pergumtado, e all nam dise do custume» [47].

Leonor, filha do Donatário, tinha contratado matrimónio com Pero Correia, mas veio a casar com Gregório da Pesqueira [48]. Pero Correia, já Irmão, dirá na sua carta de 10 de Março de 1553, que tinha feito a paz com a gentilidade da Baía, o que sem dúvida explica a situação de relevo que ocupava em Porto Seguro em 1546. Todos estes adjuntos, além do mesmo nome, parecem identificar a pessoa; e aí o acharia primeiro Leonardo Nunes em 1549, e logo Nóbrega, e com ele combinaria a entrada na Companhia e a ida para o sul com Leonardo Nunes, que nela o receberia.

---

47 *História da Colonização Portuguesa no Brasil* III 276.
48 *Ib.* III 245.

Assim se torna clara a frase do mesmo Leonardo ao escrever que foi recebido em São Vicente com grande festa, pela fama que havia já da Companhia e «por causa dalguns Irmãos que já aqui estiveram». Quer dizer por causa dalguns que já tinham estado em São Vicente não como Irmãos, que não podia ser antes de 1549, mas como moradores, o que é evidente de Pero Correia em 1542.

Não havendo catálogos do Brasil daquele primeiríssimo tempo, costuma dar-se o ano de 1550 para a entrada de Pero Correia na Companhia de Jesus; mas, pelo exposto, a data dos passos prévios recuaria para fins de 1549.

Uma vez na Companhia, Pero Correia deu-se em cheio à conversão dos Índios, para o que o predispunha o contacto com eles: «virtuoso e sábio e o melhor língua do Brasil», diz Nóbrega, que pensava em o ordenar de sacerdote, e contava com ele para a missão do Paraguai, de que Pero Correia era entusiasta e para a qual oferecia a sua própria vida. E Deus, de facto, aceitou-a, porque em fins de 1554 foi morto em companhia do Ir. João de Sousa pelos Carijós do sul, quando tentava esse caminho, constituindo-se assim, ambos, protomártires da Companhia de Jesus na América [49].

Pero Correia deixou cinco cartas. Cabem neste volume as primeiras quatro (de 1551 e 1553).

ARTIGO 18

P. ANTÓNIO RODRIGUES, PRIMEIRO MESTRE-ESCOLA DE SÃO PAULO

Natural de Lisboa, onde nasceu por 1516. Já contava 37 anos de idade, «braço às armas feito», quando Nóbrega o recebeu na Companhia em São Vicente, no ano de 1553.

---

49 LEITE II 236-241; VIII 175-176. Armando Cardoso, *IV Centenário dos Mártires Pero Correia e João de Sousa*, in *Verbum* 12 (1955) 23-41 Diz-se no fim deste artigo que «a lembrança do martírio *permaneceu* entre os Carijós», e cita-se o testemunho do P. Jerónimo Rodrigues. O que este faz é invocar a memória dos dois protomártires ao iniciar a sua «Relação da Missão do Carijós» (*Novas Cartas Jesuíticas*, 196).

Tinha conhecido os grandes caminhos da América do Sul, assistindo à primeira fundação de Buenos Aires (1536), à de Asunción, atravessara o Chaco, e subira o Paraguai. Sabia o que eram Índios, falava o guarani, era cantor e músico. Toda esta sua longa e dura experiência consagrou daqui em diante à obra da conversão dos brasis, na educação dos meninos e na disciplina das Aldeias, de que iria ser o maior apóstolo do seu tempo. E, para começar, colaborou, sob a obediência de Nóbrega, na fundação de Piratininga (29 de Agosto de 1553), da qual foi o primeiro Mestre-Escola. Continuou depois a mesma actividade na Baía para onde Nóbrega o levou em 1556, preparando os Índios para a vida cristã e civil e acompanhando-os nas guerras de Mem de Sá. Ordenado sacerdote em 1560, dizia missa pelas Aldeias e às vezes a primeira nelas, como fez dia da Dedicação de S. Pedro e S. Paulo, 18 de Novembro de 1562, na Aldeia de S. Pedro, sertão da Baía (primeira missa na Aldeia, não primeira dele). Os coros de canto e flauta dos seus meninos brasis, com que aformoseava as festas das Aldeias e até as da cidade, fizeram escola. Dez anos de intenso e frutuoso apostolado. Ao fim dos quais, em 1566, seguiu com o Bispo e outros Padres na armada de Mem de Sá, tomando parte no embate final da conquista do Rio de Janeiro em 1567. E no incipiente Colégio desta nova Cidade, onde ficara com Nóbrega, faleceu a 20 de Janeiro de 1568[50].

Das 8 cartas conhecidas de António Rodrigues, cabe neste volume a primeira, de 31 de Maio de 1553.

ARTIGO 19

D. PEDRO FERNANDES, VIGÁRIO GERAL DE GOA E BISPO DO SALVADOR DA BAÍA

A vida de D. Pedro Fernandes é conhecida nos seus passos da Índia e do Brasil; são obscuros e confusos os

---

50 LEITE, IX 81-83; *Artes e Ofícios* 246-249; *Nóbrega e a fundação de São Paulo* 35-54; *Breve Itinerário* 107 147 190; AFRÂNIO PEIXOTO, *Breviário da Bahia* 56.

antecedentes europeus. E convém antes de mais nada desfazer um equívoco de nomes e de pessoas.

No códice da Bibl. de Évora cx/1-4, há vários cadernos numerados, entre os quais o 2.º e o 3.º contêm o que segue:

a) *Sardinha Petri Ferdinandi in doctrinarum scientiarumque omnium commendationem oratio apud universam Conimbricam Academiam habita* cal. Octob. anno 1550. Ad Invictissimum Ioannem Tertium Portugalliae Regem.

[Depois]: Antonius Cabedius lectori [com 3 dísticos latinos, elogiando o discurso de Pedro Fernandes].

[A seguir]: um prólogo em que explica porque fez aquele discurso e em que diz chegara de França, onde começara os estudos de Direito, e que os concluía agora em Coimbra. O prólogo está datado de «Conimbricae, Cal. Novem. Anno M. D. L.»

Segue-se a oração, que começa *Maxime vellem Rector Amplissime.* O discurso está entremeado de versos e recheado de citações de autores sacros e profanos e, entre estes, sobretudo os gregos, de preferência Platão. — Cód. cx/1-4, n.º 2 (cadernos sem paginação).

b) *In tractatum Alvari Gometii Lusitani doctoris Theologi Sacellarii et concionatoris Serenissimi Portugalliae Regis. De coniugio Regis Angliae.* Petrus Fernandus electus Episcopus Brasiliensis candido lectori: São duas brevres páginas. *Olissipone. Idibus Martii 1551.* A seguir está o trabalho de Álvaro Gomes, *Parisiensis theologus*, dedicado ao Núncio e datado de *Olissipone, Anno Domini 1551, 12 Cal. Martias.* São 8 páginas manuscritas. — Cód. cx/1-4, caderno n.º 3.

Como ao Bispo do Brasil se costuma chamar D. Pedro Fernandes Sardinha[51], a identificação impunha-se por si

---

51 Anchieta em 1584 ainda não: só «D. Pedro Fernandes», *Cartas* 309; Frei Vicente do Salvador (1627) já «D. Pedro Fernandes Sardinha», *História do Brasil* (1918) 153.

mesma, procurando-se explicar como é que ele, depois de estar na Índia, concluiu em Coimbra os estudos de Direito[52]. Na realidade são duas pessoas distintas.

Aquele primeiro, chamado Pedro Fernandes Sardinha, é da diocese de Lisboa, estudava Direito Canónico na Universidade de Paris em 1545, voltou a Portugal em 1549, e pronunciou o discurso de Coimbra em 1550[53]. Chamava-se simplesmente «Petrus Fernant Vlissiponensis», e era filho de Francisco Fernandes, Guarda das Damas da Infanta D. Maria, irmã de D. João III.

O outro Pedro Fernandes, «electus episcopus brasiliensis», naquela mesma carta dos Idos (15) de Março de 1551, diz que estudara em Paris humanidades e teologia durante mais de dez anos (não chegariam portanto a onze). Como o considerava «irmão inteiro» de Álvaro Gomes, B. Machado dá ao Bispo o mesmo pai de Álvaro, Gil Fernandes Sardinha. Mas a carta de mercê que, a 11 de Fevereiro de 1545, passa D. João III ao pai do futuro Bispo em atenção aos serviços do filho «Mestre Pedro Fernandes, meu capellão e pregador que ora envyo à India», chama-lhe «Diogo Fernandes, seu pay»[54]. Nem Gil, nem Sardinha.

Em 1525, na Faculdade de Teologia de Paris, entre os *iurati* do reitor Cognegut, acha-se «Dominus Petrus Fernandus Eborensis»[55]. Se é o futuro Bispo do Brasil andaria pelos 30 anos de idade, pois trinta mais tarde, a 20 de Maio de 1555, dirá a D. João III o Governador do Brasil, D. Duarte da Costa, que era «hum bispo de 60 annos»[56]. Barbosa Machado abre para ele, como «insigne professor de língua latina» um verbete, diferente do Bispo, e lhe atribui a carta latina em louvor de Frei João de Santa Maria, eremita

---

52 VAN DER VAT, *Principios* 267.

53 L. DE MATOS, *Les Portugais à l'Universite de Paris* 98; M. BRANDÃO, *Documentos de D. João III* IV 52-53; B. MACHADO III 566.

54 *Anais do IV Congresso de História Nacional* VII (Rio de Janeiro 1950) 510.

55 L. DE MATOS, *op. cit.* 54.

56 LEITE II 522.

agostiniano[57]; Luís de Matos prefere identificá-lo com o Bispo, advertindo, porém, que os Pedros Fernandes «on les trouve par dizaines au XVI^e siècle». A identificação, não há dúvida, parece conciliar-se com as suas habilitações e pendores latinistas, porque já na Índia se oferecerá a D. Álvaro de Castro, para, no caso de se escrever em português a história do segundo cerco de Diu, ele a traduzir em latim, se tivesse vagar[58].

Não consta que se realizasse o oferecimento de Mestre Pero Fernandes, mas, se de facto se identificam, explica a sua predilecção e talvez as suas relações em Paris com Inácio de Loyola e Simão Rodrigues, dos quais se lisonjeará mais tarde no Brasil de ter sido mestre[59]. Ora, estando Pero Fernandes matriculado na Faculdade de Teologia em 1525, e em Paris mais de dez anos (menos de onze), e retirando-se S. Inácio dessa cidade em 1535 (Simão Rodrigues em 1536), a cronologia não se opõe ao magistério de Pero Fernandes. Mas que espécie de magistério? Inácio começou a estudar latinidade no Colégio de Montaigu em 1528 antes de iniciar no Colégio de Santa Bárbara em 1529 o Curso de Artes[60]. Talvez fosse mestre de latim, pois era a sua principal competência. Não se exclui, todavia, que fosse mestre, ao menos como repetidor, dalguma das matérias de Artes ou até de Teologia, em que o Bispo se graduou de bacharel, e que Inácio parece começou a estudar depois da Páscoa de 1533[61].

A estada em Paris, durante um decénio, de Mestre Pero Fernandes, futuro Bispo, dá margem para isso, não

---

57 *Bibl. Lusit.* III 566.

58 Carta de Mestre Pedro Fernandez a Dom Álvaro de Castro, de Goa 20 de Novembro de 1546, publicada por ANTÓNIO BAIÃO, *História Quinhentista (inédita) do Segundo Cerco de Diu* (Coimbra 1925) 209-210. Publica ainda outra, do mesmo ao mesmo, de pêsames pela morte de D. Fernando de Castro, seu irmão, de Goa de 24 de Setembro de 1546, *ib.*, 210-213.

59 Carta de Nóbrega, fins de Julho de 1552 § 10.

60 DALMASES, *Fontes Narrativi* I 31*-32*.

61 *Ib.*, I 32*.

para mais além de 1535, supondo a identificação com o aluno da Faculdade de Teologia de 1525. O que nem a cronologia nem o sobrenome conciliam com facilidade é a identificação com «Pero Sardinha», simples capelão, que a 10 de Dezembro de 1531 assina em Lisboa um recibo de missas que celebrou na Sé da mesma cidade[62]. Este Pero Sardinha deve ser o Cura de Santa Cruz do Castelo (Lisboa), que ainda a 14 de Maio de 1546 assinava um registo de baptismo por ele feito na sua freguesia[63], enquanto D. Pero Fernandes, o futuro Bispo, já a 20 de Dezembro de 1545 escrevia de Goa a D. João III a conhecida carta contra Martim Afonso de Sousa, «não com intenção de mexericar nem praguejar de ninguém» — diz ele[64].

Em resumo: Pedro Fernandes (ele assinava Pero), clérigo da diocese de Évora, filho de Diogo Fernandes, nasceu por 1495, esteve em Paris dez a onze anos, aí estudou humanidades e teologia na qual tomou o grau de bacharel, e onde foi mestre de Inácio de Loyola e Simão Rodrigues, de matéria não especificada. E era capelão e pregador de D. João III ao partir em 1545 para a Índia, onde foi Vigário Geral da Diocese de Goa.

As palavras «clérigo da diocese de Évora, bacharel em teologia», lêem-se na Bula de erecção da diocese do Salvador [«São Salvador»] da Baía, do Papa Júlio III, «Super specula militantis Ecclesiae», de 25 (não 5) de Fevereiro de 1551[65].

D. Pedro Fernandes chegou à Baía a 22 de Junho de 1552 sendo bem recebido por todos e pelo P. Nóbrega, que o hospedou no Colégio da Companhia e tanto o desejou e

---

62 Cf. VAN DER VAT, *Princípios* 265.

63 EDGAR PRESTAGE — PEDRO DE AZEVEDO, *Registo da Freguesia de Santa Cruz do Castello desde 1536 até 1628* (Coimbra 1913) 8.

64 *Anais do IV Congresso de História Nacional* VII (1950) 460.

65 *Corpo Diplomatico Portuguez* VII 2-7; a Bula acha-se traduzida em português por MONS. MANOEL BARBOSA, *A Igreja no Brasil* (Rio de Janeiro 1945) 301-303. Os documentos portugueses tratam-no de «Mestre em Theologia», *Documentos Históricos* 14 (1929) 417.

pediu. Pediu Bispo «não para fazer-se rico, porque a terra é pobre, mas para buscar as ovelhas tresmalhadas do rebanho de Jesus Cristo. E ainda que haja aqui muitos que nondum sunt ex eius ovili, tamen oportet illas adducere, ut sit unus pastor et unus ovile»[66]. Um só rebanho e um só pastor! Não o pensou assim D. Pedro Fernandes. Não se considerou «Bispo dos Indios», mas só dos Portugueses, e criou graves dificudades à conversão do gentio, que confundiu com o da Índia Oriental donde viera, e onde se não enraizou. Na luta pela catequese dos Índios do Brasil manifestou-se abertamente contra o Superior da Missão, não a secundando, nem na forma iniciada nem noutra qualquer, por julgar os Índios incapazes de se fazerem cristãos; e ansiava por tornar a Portugal, para onde de facto voltava, quatro anos depois, «com suas riquezas», quando naufragou na foz do Rio Cururuipe[67]. Salvou-se do naufrágio, mas em terra foi morto e comido, com quase todos os mais da nau, pelo gentio Caeté, a 16 de Junho de 1556[68].

Pessoalmente — diz Nóbrega — era virtuoso. Prejudicou-o no Brasil o seu equívoco entre Hindus e Índios, faltando-lhe aquele espírito de fixação, estabilidade e permanência, que assinala Alceu Amoroso Lima no verdadeiro missionário: em vez de olhar para o Novo Mundo ficou a olhar para o Velho[69]; nem a majestade e dignidade episcopal foi bem servida pelo seu carácter interesseiro e propenso a estéreis guerras de campanário.

Destas «guerras civis», com a gente da governança do Brasil e parte do seu clero, recolheram-se duas cartas suas na *História da Colonização Portuguesa do Brasil* III, ambas da Baía, 12 de Junho de 1552 (363-364), 11 de Abril de 1554

---

66 Carta de 6 de Janeiro de 1550, *Cartas de Nóbrega* (1955) 81.

67 FREI VICENTE DO SALVADOR, *História do Brasil* 156.

68 LEITE, *Breve Itinerário* 123-124; cf. *ib.*, 78-81 [Cap. «Oriente versus Ocidente»]; id., *Cartas de Nóbrega* (1955) 17*-20*.

69 Cf. ALCEU AMOROSO LIMA, *A Igreja e o Novo Mundo* 14.

(368-369). É óbvio que não cabem em *Mon. Brasiliae*, como nem cabe quanto se refere à Índia; mas entra neste volume, por se referir à Companhia de Jesus no Brasil, a sua carta de Julho de 1552, conservada no Arquivo Geral da mesma Companhia (ARSI); e há neste Arquivo ainda outra, de 6 de Outubro de 1553, que entrará no volume 2.°, na altura própria [70].

ARTIGO 20

TOMÉ DE SOUSA, GOVERNADOR DO BRASIL E VEDOR DA CASA REAL

Nasceu por 1503 em Portugal, em lugar não identificado, filho de João de Sousa, Prior de Rates e de Mécia Roiz de Faria. Esteve nas guerras de África, onde se assinala a sua presença em 1527, 1532 e 1534. Em 1535 partiu para a Índia capitaneando a nau «Galega». A 25 de Novembro de 1535 estava em Cochim e de novo no Reino em 1536. Em Julho de 1538 casou com D. Maria da Costa, de quem teve uma filha, D. Helena de Sousa (que veio a falecer em 1612). Nomeado Governador Geral do Brasil, partiu de Lisboa, a 1 de Fevereiro de 1549, conduziu na sua Armada o P. Nóbrega e os seus cinco companheiros, e chegou à Baía a 29 de Março do mesmo ano. Levava a incumbência régia de fundar, como fundou, a cidade do Salvador da Baía, para sede do novo Estado do Brasil, de que se lançavam também os fundamentos. Visitou as Capitanias, e depois de notável administração, entregou a 13 de Julho de 1553 o governo ao seu successor D. Duarte da Costa, voltando para Portugal. Pertencia desde 1551 ao Conselho de Estado e foi nomeado Vedor da Casa de D. João III, em data não revelada na carta de 22 de Outubro de 1557, em que, no reinado seguinte, lhe é confirmado esse alto cargo. Faleceu a 28 de Janeiro de 1579 e jaz sepultado no convento de Santo António da Castanheira [71].

---

70 Cf. LEITE, *Breve Itinerário* 79.

71 PEDRO DE AZEVEDO, *A Instituição do Governo Geral*, in *História da Colonisação Portuguesa do Brasil* III 327-333.

O primeiro Governador Geral favoreceu a Companhia quanto esteve em sua mão, doou-lhe as primeiras terras, prestigiou os Padres. Os historiadores brasileiros costumam juntar o seu nome ao de Nóbrega, como bênção para o Brasil, homens de excepcional relevo em qualquer país e em qualquer tempo: «*os Fundadores do Brasil*» [72].

De Tomé de Sousa entram neste volume as cartas de 6 de Agosto de 1551 e 1 de Junho de 1553.

CAPÍTULO III

EXPANSÃO DAS CARTAS DO BRASIL PELA EUROPA E O EXTREMO ORIENTE

As primeiras cartas de Nóbrega do ano de 1549, depois de lidas em Portugal, já estavam em Roma no fim desse mesmo ano, e logo começou a sua distribuição pelas Casas e Colégios europeus, não tardando a seguir o rumo do mar até Goa e dali até os confins do mundo oriental, que os navios portugueses acabavam de pôr em contacto directo com Lisboa e o Ocidente.

De Roma, a 14 de Dezembro de 1549, anuncia S. Inácio que se enviam «nuevas» para as Casas de Sicília e Itália (Palermo, Messina, Bolonha, Pádua e Veneza). Escreve a cada uma sua carta, ao todo cinco, todas do mesmo dia, a diversos Padres; e na primeira, a Diego Laynes e Jerónimo Doménech, então em Palermo, declara a procedência das «novas» ou «noticias», que remete e são «del Brasil» [1]. Dois meses depois, a 14 de Fevereiro de 1550, manda-as para as margens do Danúbio e dali para as do Reno. Os Padres Cláudio Jaio, Alfonso de Salmerón e Pedro Canísio residiam em Ingolstadt. Diz-lhes S. Inácio: «Que se les

---

72 PANDIÁ CALÓGERAS, *Formação Histórica do Brasil* (Rio de Janeiro 1935) 13; LEITE, *História* II 143-146.

1 MI *Epp.* II 609.

ynbian nuevas del Japán, India, Brassil; y que otras se ynbiarán quando se pueda; y que las comuniquem a los de Colonia» [2].

De Coimbra, a 1 de Dezembro de 1551, escreve Manuel Leite a S. Inácio: «Del Brasil tenemos buenas nuevas: esperamos de las imprimir; como fueren impressas, las embiaremos a V.ª R.ª» [3]. E bem podia ser que fossem estas cartas impressas em Coimbra ou seja a «Copia de unas cartas embiadas del Brasil por el P. Nóbrega», as «nuevas del Brasil», que S. Inácio enviou para Nápoles a 23 de Abril de 1552 [4], e a 7 de Maio para Florença [5], e também para a Índia.

De Goa, a 1 de Dezembro de 1552, escreve Luís Frois aos Irmãos de Coimbra:

«As cartas que de Portugal vieram, assim desse Colégio como do Brasil, no ano de 52, sobre maneira nos alegraram, e houve com elas assaz de fervor. Na noite que chegaram, se leram com campainha tangida até à uma depois da meia noite, e no refeitório todos os dez dias seguintes. E logo, tresladado o sumário delas, foram mandadas à China, Japão, Maluco e Malaca, e todas as mais partes donde os Padres nossos andam. E se soubésseis, caríssimos, quanto cá soam as novas que de lá vêm, e quanto o povo, além dos Irmãos, as deseja e cobiça, e quantas relíquias se cá fazem de vossas cartas, sem dúvida que me parece que vos ofereceríeis a qualquer detrimento do corpo por dardes cá aos Irmãos recreações tão suaves» [6].

---

2 *Ib.* II 685.

3 *Litterae Quadrimestres* I 451.

4 MI *Epp.* IV 226.

5 *Ib.* IV 234.

6 WICKI, DI II 488. A recíproca é pelo menos igual, com a chegada das cartas, como as que trouxe à Baía uma caravela, no dia 21 de Julho de 1559: «começando-as a ler, começamos a receber novas forças e novos desejos, e novos louvores ao Senhor começamos a pintar, pelas mostras das mui heróicas obras obradas pelo Espírito Santo, aos que não conhecíamos; e aqui já conversamos falar e dizer: *oh! quam bonum et quam iucundum habitare fratres in unum, sicut* etc.» (*Cartas Avulsas* 240). E o mesmo sucedeu na Aldeia do Espírito Santo, Baía, de 20 para 21 de Maio de 1564: «Consolou-nos também o Espirito Santo

As cartas do Brasil, aqui mencionadas, incluem-se todas no período deste 1.º volume. O facto, porém, de se continuarem a espalhar e sobre elas se discutir depois o modo como se publicariam e expandiriam, aconselha a olhar um pouco mais avante como matéria conexa e indivisível.

Assim, logo a seguir a 1553, se anuncia o envio de mais cartas da Índia e do Brasil para Florença, Nápoles, Sicília, Córsega e Paris [7].

E entretanto, via-Lisboa, continuam a chegar a Roma, cartas de Nóbrega e dos seus primeiros súbditos, Leonardo Nunes, João de Azpilcueta Navarro, António Pires, Afonso Brás, Vicente Rodrigues, Francisco Pires e Pero Correia; e em breve de outros, entre os quais José de Anchieta, cuja carta mais antiga é de Julho de 1554, quatro meses depois da que a 17 de Março de 1554, escrevia o Provincial Diego Mirón, de Lisboa a S. Inácio: «Aquí se ayuntan aora las cartas de la India para se imprimir por mandado de V. P., y no sabemos si querrá que se vean primero en Roma antes de imprimirse. Aquí soliamos también emprimir las cartas de la India quando venían, por quitarnos del trabajo de copiarlas para muchas partes, que es muy grande. Querría saber de V. P. si nos da licencia para que se impriman, y asimesmo las del Brasil, Congo, Affrica e otras partes semejantes» [8].

Até esta data, além das cartas do Brasil impressas em Coimbra, já se tinham traduzido em italiano, e continuaram a distribuir-se, sem deixar de se enviar também cópias

---

em sua Casa e em sua mesma véspera, com as cartas que recebemos aquela noite de Portugal; porque, segundo minha estimativa, seriam duas horas depois da meia noite quando por casa entrou o que as trazia. Não cabiam os Irmãos de contentamento e prazer, vendo o muito que o Senhor se dignava de obrar em suas criaturas, por intermédio dos da Companhia, em tantas e tão diversas partes do mundo. Daí até de manhã não havia quem pudesse dormir, porque logo o Provincial começou a ler as cartas» (*Cartas Avulsas* 410-411; cf. LEITE II 540-541).

7 MI *Epp.* V 213, 220, 236, 249, 251.

8 *Epp. Mixtae* IV 110.

manuscritas das mais recentes: «Aquí van las letras del Brasil», escreve Polanco em 1556 ao P. Pedro de Ribadeneira, então em Bruxelas [9], depois de as já ter mandado para Nápoles [10].

E em 1561, comunica de Lisboa para Roma o P. Miguel de Torres que enviara as cartas de notícias e os livros de regras (impressos) para o Brasil, Índia e Angola, explicando que as cartas de notícas iam sempre duplicadas e triplicadas, até constar que chegaram ao seu destino [11].

A expansão na Europa (fora de Portugal e de Espanha que se proviam directamente de Lisboa) aparece explícita, para as Casas e Colégios de Itália, Duas Sicílias, Alemanha, França e Bélgica; e fora da Europa, via-Lisboa, para Angola, Índia, China, Japão, Molucas e Malaca.

Esta correspondência, tanto activa como passiva, era sempre animada pelos Padres Gerais. A 7 de Janeiro de 1563 o P. Diego Laynes, em Trento, espera que de Roma se enviarão para a Índia e o Brasil as cartas, de notícias e de edificação, da Europa; mas se as não mandarem, recomenda ao P. Gonçalo Vaz de Melo, Provincial de Portugal, que se enviem, para aquelas missões, cópias feitas em Lisboa, das cartas de notícias da Europa, sem esquecer as de França e do Concílio de Trento [12].

E a 30 de Janeiro de 1567 o P. Francisco de Borja, de Roma, escreve ao P. Inácio de Azevedo, visitador do Brasil:

Deseja saber da boa viagem, de como achou a terra do Brasil e os Padres e que tem deles menos cartas do que desejava e que se não contentem em escrever uma vez por ano e só a Portugal, mas também a ele, para que ajude: em que Capitanias e Aldeias, quantos são, como vivem, se

---

9 MI *Epp.* XI 553.

10 *Ib.* XI 72.

11 Carta do P. Miguel de Torres ao P. Geral, Lisboa 22 de Março de 1561, *Lus. 61*, f. 7r.

12 ARSI, *Epp. NN. 36*, f. 138v.

de esmolas, se da renda que El-Rei de Portugal mandou dar [13].

Azevedo tinha sido diligente, porque três semanas depois desta carta (e portanto antes de a ter recebido) dizia a Borja, do Rio de Janeiro, 20 de Fevereiro de 1567, que desde a sua chegada ao Brasil não deixara perder oportunidade de embarcação para Portugal que não escrevesse a Sua Paternidade, que foram seis vezes além desta [14].

Como os negócios das Missões ultramarinas da Companhia de Jesus se tratavam em Lisboa (até 1566 não houve outras missões ultramarinas senão as portuguesas), o Provincial de Portugal tinha a faculdade de abrir as cartas, menos as destinadas exclusivamente ao Geral («soli») [15]; e antes de as mandar para Roma era preciso copiá-las: as de notícias, para as repartir pelas casas, e as de negócios, para tratar com os ministros régios do que tocava a cada missão, e pela cópia saber sempre os termos exactos dos requerimentos. Naturalmente, as cartas não podiam ser reexpedidas para Roma tão depressa. A 9 de Janeiro de 1567, o P. Francisco de Borja lamenta-se ao P. Leão Henriques que as cartas da Índia não tinham ainda chegado, e que por isso não poderia responder esse ano. Se foi para forrar correio que as demoraram, que seriam dois ducados, ele estaria disposto a pagar dez para saber com tempo o que tem de prover [16].

O trabalho de cópias multiplicava-se com o aumento constante das missões, tanto das cartas que vinham, como das que da Europa se enviavam para lá; e da Índia pediam que se não enviasse uma cópia só, mas por quatro vias, isto é, por quatro navios diferentes, «porque indo por tres acaece no llegar allá ninguna», escreve de Lisboa, a 30 de

---

13 *Borgia* IV 398-399.

14 *Borgia* IV 411; cf. LEITE VIII 68-69, gravura desta carta.

15 Carta de Roma de 29 de Agosto de 1559, Fondo Gesuitico 1540 [Coll.ª 163]: «Obediencias de Portugal».

16 *Borgia* IV 397.

Julho de 1566, o P. Leão Henriques ao P. Geral. E acrescenta:

«Por aquí juzgará V. P. quánto peligro passan de nunca verlas si no se embía más de una, maxime aviendo de correr toda la provincia, que aunque no se pierda, quando acaba de dar la vuelta ya viene rota y muy mal tratada. Pues copiarlas aquí es cosa que parece impossible por la muchedumbre de copias que se hazen» [17].

Dá-las à estampa resolveria em parte o problema. E disso se tratava. Mas, ao seleccionarem-se as cartas antigas destinadas à impressão, revelou-se o que o mesmo Provincial de Portugal, P. Leão Henriques, comunica ao Geral em 1566:

«Las primeras letras de la India hasta el año de 49 se embiarán con la primera comodidad y ya se están copiando. Anse imprimido estas letras de la India, o parte dellas, aquí en Portugal, y en Castilla, y en Italia, y quiçá que en cada una destas partes se quitarían diversas cosas o se corrigirían de diverso modo, imo assi se hizo; de lo qual alguna persona, o más que lo notaron de fuera de la Compañía, se desedificó y quedó con poco concepto destas letras, pensando que eran fingidas. V. P. mirará en ello para la nueva impressión si in Domino le pareciere» [18].

Advertência que devem ter presente os que fazem história crítica. Já a advertiram e recomendaram os escritores de MHSI, referindo-se a Polanco, que revia, emendava e cortava os textos. Wicki:

«Versiones vero quae ex testibus a P. Polanco ortum habent, aut ab ipso sunt correcta, caute adhiberi debent, cum sciamus qua libertate ipse textus originales et versiones resecaverit, cuius rei plurima exempla codex *Goa 10* (praeter alios) praebet» [19].

Schurhammer desce a casos concretos de cortes dados por Polanco. O P. Maffei devia traduzir em latim a Carta

---

17 ARSI, *Lus. 62*, f. 81r.

18 Carta do P. Leão Henriques ao P. Geral, de Lisboa, 23 de Julho de 1566, *Lus. 62*, f. 69v.

19 WICKI, DI 1 65*.

de Luís de Almeida, de 25 de Outubro de 1565, em que se encontra a admirável descrição dos celebérrimos templos de Nara no Japão: Polanco cortou ao texto português 4 páginas e meia. E outros casos [20].

Nos códices do Brasil aquele em que se patenteiam mais estas liberdades do P. Polanco é *Bras. 3-1*. O único recurso que resta hoje ao historiador — cujo fim é a pesquisa da verdade histórica acima de intuitos de edificação que justificavam a maior parte daqueles cortes — o único recurso, dizemos, é utilizar as traduções, tais como se apresentam, antes das emendas; e, quando não há originais, persuadir-se de que é sempre melhor a tradução do que a tradução da tradução. Nas versões antigas, o caminho — não sempre mas o mais comum — foi este: original português — tradução espanhola — tradução italiana — tradução latina.

A ideia da tradução latina, que surgiu em último lugar, partiu ao que parece do P. Jerónimo Nadal, que de Innsbruck a 5 de Dezembro de 1562 insiste com o P. Francisco de Borja que se traduzam nessa língua as melhores cartas da India e se imprimam para se espalharem na Alemanha:

«Quanto a lo demás, por el deseo que tengo tan grande que se ayude Alemaña y la Compañía en ella, entre las otras cosas, pensé mucho tiempo ha que las mejores cartas de las Indias, *imo* todas las que pareciessen poder dar alguna aedificación, se hiziessen latinas, y se estampassen. Esto procuré yo en tiempo del P. Maestro Ignatio y del P. Maestro Laynez; y, pensando que se havía hecho mucho, he hallado agora no más de dos o tres cartas hechas latinas, y no del mejor estilo del mundo, y allá verdad me he contristado harto dello: porque entrando en Alemaña pensava hallar gran cosa dellas o todas y estamparlas, y ansí *abieci animum* que por acá se pueda hazer, y hele puesto en que esta versión se haga en Roma, la qual podrá hazer muy bien el P. Maestro Fulvio, el qual no perdería mucho que algún tiempo se desocupasse para esto, teniendo uno que le escriviesse» [21].

---

20 Cf. *Epp. Xav.* I 71*-72*.

21 *Nadal* II 172.

A ideia, ainda que devagar abriu caminho. A primeira impressão, em Lovaina, coincide com aquela carta do P. Leão Henriques de 1566, seguida logo de *Epistolae Iapanicae* impressas na mesma cidade flamenga em 1569 e 1570 [22]. A sugestão de não serem só as da Índia a imprimir-se teve a sua aplicação, porque nessas *Epistolae Iapanicae* se incluiu a «Informação das terras do Brasil» de Nóbrega, traduzida de facto por Fúlvio Cárdulo, nome que se lê num dos exemplares da tradução latina, conservada manuscrita na Biblioteca Apostólica Vaticana [23].

O efeito e estima geral destas cartas di-lo Luís Frois, e o contentamento que experimentavam não apenas os da Companhia, mas também «o povo». O mesmo, e mais talvez na Europa, onde as Cartas «del'India di Portogallo» entravam nas casas da gente culta como novela ou jornal. Elas *informavam* sobre as novas terras, seus usos e costumes e mais particularidades, e *orientavam* ou, como se dizia, edificavam e influiam até em vocações como a de S. Luís Gonzaga [24]. Tal procura e repercussão explica a publicidade que tiveram, na verdade extraordinária no terceiro quartel do século XVI. Quando Nóbrega faleceu em 1570 a sua «Informação das Terras do Brasil» tinha nada menos que seis edições, traduzida em espanhol, italiano e latim. E em 1586 também se imprimiu em alemão [25].

---

22 SCHURHAMMER, *Epp. Xav.* I 219*-220*.

23 Bibl. Vaticana, *Barberini lat. 1748*, ff. 186r-189r. — Fúlvio Cárdulo nasceu em Narni (Itália) em 1526, entrou na Companhia em 1546, estudou em Pádua e Veneza, ensinou Poesia e Retórica em Roma, e aí faleceu em 1591. Interveio na tradução latina das Constituições da Companhia (*Epp. Xav.* I 72*; SOMMERVOGEL II 744-745).

24 LEITE, IX 401. — Também as cartas de notícias e edificação, que chegavam ao Brasil, eram estimadas das pessoas de fora honradas e discretas que as desejavam ler; e até as manuscritas se mostravam ao Governador Mem de Sá e outras pessoas amigas da Companhia (*Cartas Avulsas*, 429).

25 Cf. LEITE, «Os Jesuítas e o primeiro jornalismo no Brasil», *História* IX [Apêndice G] 397-401; «As primeiras cartas dos Jesuítas do Brasil para o conhecimento da América (1549-1562)», *Studi Colombiani* II (Génova 1951) 581-588.

CAPÍTULO IV

CÓDICES MANUSCRITOS

Os escritos utilizados neste 1.º volume de Monumenta Brasiliae *(Mon. Bras.* 1) — autógrafos, originais, apógrafos ou versões-fontes — conservam-se nos Arquivos de Roma, Lisboa, Évora, Rio de Janeiro e Madrid:

Roma: 1) Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI).
2) Biblioteca Apostolica Vaticana.
Lisboa: 1) Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
2) Biblioteca da Ajuda.
3) Biblioteca Nacional.
Évora: Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.
Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
Madrid: Códice do antigo Colégio de Alcalá (Chamartín).

Os documentos parte são de origem brasileira parte de origem europeia. Estes últimos conservam-se em códices que já foram descritos, e alguns mais de uma vez, em volumes anteriores de MHSI, de acordo com a finalidade específica de cada volume. Nesta série, como é óbvio, têm primazia os códices do Brasil. Mas também se dará notícia sumária dos outros, por exigência de método, aludindo aos volumes de MHSI em que se descreveram mais de propósito.

Aqui, descrevem-se e apresentam-se pela ordem das cidades acima indicada.

1. *Bras. 3-1* (ARSI)

1. *Título:* Na lombada: *Brasil* / [letra moderna:] *3(1). Epist.* / *1550-1660.* Na parte interna da capa e letra moderna: *Brasil. 3(1).* Na guarda: *Brasilia* [letra mais moderna:] *Brasil 3(1).* / *Epistolae/1550-1560.*

2. *Medida:* 0,335×0,235. Capa de papelão e papel, lombada de pergaminho e cantos do mesmo. Encadernação ainda antiga, mas está-se fazendo outra nova.

3. *Paginação:* Carimbo moderno, ao pé do fólio, ff. 318. Alguns documentos têm no alto paginação antiga; outros, não.

4. *Conteúdo:* 178 documentos. Predominam as cartas de notícias (as primeiras) e cartas ânuas; mas, também, de governo, de Provinciais e Reitores, e outros: autógrafos, originais, apógrafos e traduções. Em português, espanhol, latim e italiano. De assuntos alheios ao Brasil há um grupo de sete cartas de Diego López, das Canárias, 1567-1568, e às quais se deu a numeração invariável de f. 160a (são 18 folhas); e da mesma maneira se procedeu com uma carta de Francisco de Toledo, Governador do Peru, datada de Cuzco, 1572, já agora publicada (EGAÑA, *Mon. Peruana* I [1954] 448-453).

Todas as cartas de Jesuítas do Brasil deste códice, já as mencionámos, em 1949, nos dois tomos bibliográficos da *História* (VIII-IX).

5. *Mon. Bras.* I: Docs. 8 9 10 14 18 23 24 25 26 27 28 29 31 33 34 35 41 42 43 46 48 49 51 52 53 55 56 58 59 60 61 64 65 66 69 73 75.

2. *Bras. 11-1* (ARSI)

1. *Título:* Na lombada: *Brasil. / Fundat. / Colleg. / Bahien. / 11* [letra moderna]. Colado na parte interna da capa num fragmento da capa antiga: *Brasilia / Fundationes / Coll. Bahiense.* 2 volumes: I II.

2. *Medida:* 0,335×0,240. Capa moderna (1929) de papelão e papel, lombada de pergaminho e cantos do mesmo.

3. *Paginação:* Seguida nos dois volumes, marcada com carimbo moderno ao pé do fólio: I (1-250, com alguma numeração suplementar); II (251-479a).

4. *Conteúdo:* Contém documentos não apenas do Colégio da Baía, mas também das fundações (no sentido de base económica) de outros Colégios da antiga Província do Brasil e variadíssimos assuntos conexos com meios de subsistência durante os séculos XVI a XVIII. Em português. Mas há alguns documentos em latim e espanhol e um em flamengo (sobre Palmelaert, de Gand, 1688-1689).

5. *Mon. Bras.* I: Docs. 17 40 62.

3. *Bras. 15* (ARSI)

1. *Título:* Na lombada do 1.º vol.: *Bras. / 15 / Brasiliae / Historia / 1549-1575* / I / 15; na lombada do segundo vol.: *Bras. / 15 / Brasiliae / Historia* / 1576-1599 / II / 15.

Em 1938 ainda era um só volume (LEITE I p. XXI), assim como em 1946 (ZUBILLAGA, *Mon. Ant. Floridae* 92*).

2. *Medida:* 0,345×0,255. A encadernação actual data de 1952. Encadernação forte, capas de papelão e percalina, lombada e cantos de pergaminho.

3. *Paginação:* Carimbo moderno, ao pé do fólio; ff. 428 (única e seguida desde o princípio do I até ao fim do II volume), como antes da encadernação.

4. *Conteúdo:* 108 documentos. Informações, relações, cartas ânuas, negócios, etc. Autógrafos, originais, apógrafos e traduções. Em português, espanhol, latim e italiano. Todas datadas do Brasil, excepto algumas referentes aos Mártires do Brasil (B. Inácio de Azevedo, V. P. Pero Dias), escritas na Ilha da Madeira ou Colégio de S. Antão de Lisboa, assim como ainda mais alguma de Portugal com assuntos tocantes ao Brasil.

De fora do Brasil há uma carta da Índia (Manuel Álvares, Cochim, 5. I. 1562, ff. 155r-164v), uma do Peru (Sebastião Amador, Lima, 1570, ff. 201a-201dv) agora já publicada (EGAÑA, *Mon. Peruana* I 336-371); e três de Flórida, hoje, Estados Unidos (Antonio Sedeño, Guale, 6. III. 1570 [duas] e 14. V. 1570, 197a-197c), já também publicadas por ZUBILLAGA *(op. cit.)*. Ainda que o título só se refere ao século XVI, há duas relações do Brasil, do século XVII, de Ascenso Gago e João de Azevedo (ff. 459r-461v, 463r-466v).

Todas as cartas de Jesuítas do Brasil, já as mencionámos nos dois tomos bibliográficos da *História* (VIII-IX).

5. *Mon. Bras.* I: Docs. 8 10 51.

4. *Epp. NN. 50* (ARSI)

1. *Título:* Moderno: *Epp. NN. 50.* Antigo: *Epist. / Diuers. / Prou. / 1547 / 1553 /.* E ainda outro: *Regestum / Litterarum S. P. Ignatii /.*

2. *Medida:* 0,345 × 0,240.

3. *Paginação:* Folhas 225 + v.

4. *Conteúdo:* Registo de cartas de Roma para as diversas partes da Companhia.

5. *Mon. Bras.* I: Docs. 70 71 74.

[Descrito em MI *Epp.* I 27-30; *Epp. Xav.* I 161*].

5. *Epp. NN. 53* (ARSI)

1. *Título:* Na lombada: *Polancus/ex/commissione / I / 1546-1556 /.* Na capa interna, num rectângulo antigo de carneira: *Polancvs / Epistolae / S. P. Ignatii /*; e, escrito à mão, *Epp. NN. 53.*

2. *Medida:* 0,306 × 0,240.

3. *Paginação:* 288 ff. (carimbo moderno ao pé do fólio).

4. *Conteúdo:* Rascunhos e minutas de cartas, escritas por Polanco por comissão do P. Inácio.

5. *Mon. Bras.* I: Docs. 22 68.

6. *Goa 10-1* (ARSI)

1. *Titulo:* Na ombada: *Goa. Malab./Epist. 1545-1560./1/1545-1553*
2. *Medida:* 0,340×0,240. Encadernação moderna de 1913.
3. *Paginação:* 300 ff.
4. *Conteúdo:* Cartas originais, apógrafos e traduções. Da Índia, Japão, Congo, Marrocos, Egipto, Brasil, Portugal e Espanha.
5. *Mon. Bras.* 1: Doc. 8.

[Este códice já foi várias vezes descrito em MHSI: *Epp. Mixtae* 1 602 (cód. 6), MI *Epp.* 1 40 (cód. 22), *Epp. Xav.* 1 157* e DI 1 70*].

7. *Hist. Soc. 1a* (ARSI)

1. *Titulo:* Na lombada: *Hist. Soc. 1a/Autographa/S. P. N. Ignacii/et/S. Franc. Xaverii/.*
2. *Medida:* 0,335×0,250.
3. *Paginação:* 287 ff. numeradas ao pé do fólio com carimbo moderno.
4. *Conteúdo:* 201 documentos, constituidos por autógrafos e apógrafos do P. Inácio de Loyola e seus primeiros companheiros em particular Xavier (voto autógrafo do P. Simão Rodrigues para a eleição do primeiro Geral [Inácio em 1.º lugar; em 2.º lugar Fabro], f. 22r).
5. *Mon. Bras.* 1: Doc. 15.

8. *Hist. Soc. 170-1* (ARSI)

1. *Titulo:* Na lombada. Moderno: *Epist./Quadrim./Mixt./1533-1552.* Antigo, num rectângulo de pergaminho colado no interior da capa: *Epist./Quadrime/stres./1547-52.* Em vez de 1533, como se lê na lombada, deveria ser 1543, que é a data do primeiro documento (f. 1r-2v).
2. *Medida:* 0,340×0,235. A encadernação actual é de 1929. Forte, capas de papelão e percalina, lombada e cantos de pergaminho.
3. *Paginação:* Carimbo moderno ao pé do fólio: 356 ff. com alguns suplementares.
4. *Conteúdo:* Quadrimestres das diversas casas da Europa, em latim ou nas respectivas línguas do país ou do remetente. Autógrafos, originais e apógrafos.
5. *Mon. Bras.* 1: Doc. 21.

9. *Inst. 117a* (ARSI)

1. *Titulo:* Moderno [1935] na lombada: *Decreta / et / Instructiones/ 1540-1573/*; antigo, colado num rectângulo de pergaminho: *Decreta / et / Instructi / 1540-1573 /.*

2. *Medida:* 0,300 × 0,200.

3. *Paginação:* Carimbo moderno ao pé do fólio: 312 folhas e mais 49 com letras (abc...).

4. *Conteúdo:* Registo de cartas, decretos, patentes e instruções.

5. *Mon. Bras.* 1: Doc. 15.

10. *Barberini lat. 1748* (Bibl. Vaticana)

1. *Título:* É a própria cota: *Barberini lat. 1748*, e que era antes XXIX, 92, e ainda, também antiga, 2855.

2. *Medida:* 0,222 × 0,130. Encadernado em pergaminho.

3. *Paginação:* 197 folhas numeradas, com mais 5 ao princípio e 30 no fim em branco, aí colocadas depois de 1902 quando a Biblioteca Barberini se incorporou na Vaticana.

4. *Conteúdo:* SCHURHAMMER (*Epp. Xav.* 1 206*-208*) descreve o conteúdo, todo em latim, deste códice do século XVI. Do Brasil só está presente Nóbrega, traduzido por Fúlvio Cárdulo.

5. *Mon. Bras* 1: Docs. 8 9.

11. *Ottoboni lat. 797* (Bibl. Vaticana)

1. *Título:* Na lombada de pergaminho: *Ott. 797*, que vem a ser a própria cota: *Ottoboni lat. 797*.

2. *Medida:* 0,290 × 0,230. Encadernação em pergaminho.

3. *Paginação:* 199 ff., numeradas modernamente a lápis.

4. *Conteúdo:* Códice organizado pelos anos de 1548-1554, por Marcelo Cervini, Cardeal de Santa Cruz, depois Papa Marcelo II, falecido em 1555. Contém, portanto, só cartas anteriores a esta data, cópias e traduções, provenientes ou das impressas até então ou das que pedia e lhe dava a Companhia de quem era amigo.

5. *Mon. Bras.* 1: Docs. 9 10 14 18 24 25 26 27 28 29 31 33 34 35 42 43 53 55.

[Deste códice dá-se minuciosa descrição, no que toca à contextura interna e aos estudos xaverianos, em *Epp. Xav.* 1 203*-206*].

12. *Arquivo Nacional da Torre do Tombo* (Lisboa)

Quatro cartas do «Corpo Cronológico» e «Gavetas»: Dr. Diogo de Gouveia (17 de Fevereiro de 1538), Dr. Pero Borges (7 de Fevereiro de 1550), P. Manuel da Nóbrega (14 de Setembro de 1551), Governador Tomé de Sousa (1 de Junho de 1553): Docs. 1 12 37 67.

13. *Cód. 49-IX-36* (Bibl. da Ajuda, Lisboa)

1. *Título:* «Dõ Pedro Mazcarenhas».
2. *Medida:* 0,320 × 0,215.
3. *Paginação:* ff. 349v. Códice encadernado em pergaminho com várias folhas intermédias em branco.
4. *Conteúdo:* Correspondência original, activa e passiva, de D. Pedro Mascarenhas.
5. *Mon. Bras.* 1: Docs. 2 3 4.

14. *Cód. 745 Col. Pomb.* (Bibl. Nacional, Lisboa)

1. *Título:* Na lombada de couro vermelho: Em cima: *Manuscriptos / de muito / valor e / estimação;* no meio: *Cartas / originaes de S. / Ignacio / de Laiola;* em baixo: *E de S. / Francisco / Xavier.*
2. *Medida:* 0,294 × 0,215.
3. *Paginação:* 145 folhas numeradas e 4 não numeradas. Através de todo o códice, muitas folhas em branco.
4. *Conteúdo:* Pertenceu à antiga Casa Professa de Goa. Contém o que diz o título, Cartas, Patentes, etc.; e ainda uma carta de Simão Rodrigues a Xavier.
5. *Mon. Bras.* 1: Doc. 68.

[Profusamente descrito em *Epp. Xav.* 1 180*-183*].

15. *CVIII/2-1* (Bibl. de Évora)

1. *Título:* Na lombada: $\frac{\text{CVIII}}{\text{2-1}}$; por baixo, num papelinho colado: *Cartas/L.º 1.* Dentro na folha 5: *Primeiro/Tomo das Cartas q̃/os Padres e Irmãos/Da Companhia e ov/tras pessoas escreve/rão de diversas par/tes de Evropa q̃ dão no/ticia de sev bom prin/cipio e felice successo.*
2. *Medida:* 0,293 × 0,209. Encadernado em pergaminho.
3. *Paginação:* 4 fólios em branco [título], mais 5 fólios de índice (não paginados), dois fólios em branco, 390 ff. numerados e escritos; e no fim 4 fólios não numerados.
4. *Conteúdo:* Apógrafos copiados com cuidado e bela letra do século XVI, no Colégio de Coimbra, a que pertencia tanto este como o II tomo da mesma colecção (CUNHA RIVARA, *Catalogo* III [1871] 132).
5. *Mon. Bras.* 1: Doc. 11.

[Descreve-se em MI *Epp.* 1 (1903) 61-62].

16. *CXVI/1-33* (Bibl. de Évora)

1. *Título:* $\frac{\text{CXVI}}{\text{1-33}}$, e num papelinho colado: *Cousas do Brasil.* Abre com o tratado «Do principio & origem dos Indios do Brasil & de

seus costumes, adorações & cerimonias» [de Fernão Cardim]; e fecha com o «Dialago do Padre Nobriga sobre a Conversão do Gentio».

2. *Medida:* 0,200 × 0,142.

3. *Paginação:* 215 ff., com algumas em branco. Encadernado em pergaminho.

4. *Conteúdo:* Todo sobre assuntos da Companhia nos primeiros tempos no Brasil (e algum documento de Angola). Miscelânea organizada nos fins do século XVI. Escritos de Nóbrega, Anchieta, Cardim, Inácio Tolosa, Luís de Molina, Fernão Pérez, Gaspar Gonçalves, Martín de Azpilcueta Navarro, Baltasar Barreira. Cópias, mas parece que há algum autógrafo de Fernão Cardim, provável organizador desta opulenta miscelânea.

5. *Mon. Bras.* 1: Docs. 45 47 48 53 54.

17. *Códice de São Roque* (Bibl. Nacional, Rio de Janeiro)

Notícia: Tira-se da notícia [de Vale Cabral], que acompanha o verbete n.º 7 do *Catalogo dos Manuscriptos*, que este códice pertenceu à Casa Professa de São Roque da Companhia de Jesus em Lisboa, e que depois de 1759 «passou Officialmente para o poder de Pessoa de respeito pelo seu saber e pelos Cargos». O possuidor do códice, Diogo de Toledo Lara Ordônhez, ofereceu-o a Tomás António de Vila-Nova Portugal, em carta do Rio de Janeiro, 1 de Fevereiro 1820; e deu entrada na Biblioteca Régia, hoje Biblioteca Nacional, da mesma cidade, a 24 de Março de 1821 (*Catalogo dos Manuscriptos* 25, 36). O antigo códice de São Roque é considerado um dos cimélios dessa Biblioteca. Dá a razão o mesmo Vale Cabral, referindo-se em particular às cartas de Nóbrega e de Anchieta: «Tudo o que possuimos quer impresso, quer inédito, em qualquer língua que seja, de Nóbrega, o Apóstolo do Novo Mundo, e de Anchieta, o Taumaturgo do Brasil, nos é e será sempre caro, e devemos conservar como relíquias preciosas de dous grandes vultos da história da civilização de nossa pátria» (*ib.* 25).

1. *Título:* Cota actual: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1-5, 2, 38. Antiga: LXXVII/6-22; e outra ainda, manuscrita, numa página ao princípio do códice: «Arm. 46-7-27». Com os seguintes dizeres: «Cartas / dos / Jesuitas / Contem este Manuscripto da Bibliotheca / Nacional e Publica da Corte — 226 folhas / Dr. José de Assis Alves Br.co Moniz Barreto, / Bibliotecario Publico».

Outro título também moderno: *Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil desde o anno de 1549 até ao de 1568* (*Catalogo dos Manuscriptos* 16).

2. *Medida:* 0,260 × 0,150 [*Catalogo* 16].

3. *Paginação:* 226 ff.

4. *Conteúdo:* 73 cartas, segundo o *Catalogo*; mas algumas incluem outras, e contamos 78. Informações e cartas de Nóbrega e dos seus primeiros companheiros em cópia ou retroversão das que já tinham sido

impressas em espanhol ou italiano; e cópias de outras não impressas até ao momento de se organizar o códice entre 1560 e 1565, até onde leva ordem cronológica, com uma ou outra rara excepção. Aí se acrescentaram algumas, de datas precedentes, entre as quais as duas últimas, que não são do Brasil, a carta de Agostinho de Lacerda, de S. Tomé, 18 de Fevereiro de 1560, e a de António Mendes, de Lisboa 9 de Maio de 1563, que tinha voltado de Angola (ff. 215r-224r). Ao organizar-se o códice meteu-se na devida ordem cronológica, a carta de Nóbrega a Tomé de Sousa, de 5 de Julho de 1559, que por ser original é o documento mais precioso de todo ele. As cartas do Brasil deste códice, parte já tinham sido publicadas no século XVI, e todas foram modernamente recolhidas nos três volumes de *Cartas Jesuíticas*. As duas referentes a Angola, também o foram já por ANTÓNIO BRÁSIO, *Mon. Africana*, II (Lisboa 1953) 451-458, 495-512.

5. *Mon. Bras.* 1: Docs. 5 6 7 8 18 23 24 25 26 27 28 31 33 34 35 36 41 42 43 44.

18. *Livros de Registo* (Bibl. Nacional, Rio de Janeiro)

a) Copia do Livro 1 do Registo de Provimentos Seculares e Ecclesiasticos da Cidade da Bahia e Terras do Brasil (1549-1571) Feita por determinação do Illm.º e Exm.º Sr. D. Fernando José de Portugal Governador e Capitam General da Capitania da Bahia. Anno de 1800. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cód. I-1, 16, 1.

[Publ. em *Documentos Históricos* XXXV (1937) 1-458; XXXVI (1937) 3-198].

Mon. Bras. 1: Doc. 19.

b) Copia do Livro 1 das Provisões e Mandados de pagamento. Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, cód. I-19, 7, 2.

[Publ. em *Documentos Históricos* XIII (1929) 37-494; XIV (1929) 3-470; repetidos: XXXVI (1937) 199-439; XXXVII (1937) 1-434; XXXVIII (1937) 1-287].

Mon. Bras. 1: Docs. 13 20 30 32 38 39 50 57.

Estes dois códices são os Livros de Registo autênticos, mandados copiar, ainda durante o regime português, por D. Fernando José de Portugal, mais tarde Marquês de Aguiar e Ministro de D. João VI no Brasil. Conservavam-se na Delegacia Fiscal da Baía e foram recolhidos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro pelo Chefe da secção de manuscritos Alfredo do Vale Cabral, diz M. Behring em nota explicativa ao vol. XIII dos *Documentos Históricos* (p. 3-4).

19. *Varia Historia III* (Alcalá-Madrid)

1. *Título:* Na lombada: Antigo: *Hist. Soc. extra Europam. / tus 3.* Moderno, colado também na lombada: *Varia Histor[ia] / [ex]tra Euro-*

p[*am*]. *Tomo* [*3.º*]. Dentro na 2.ª folha, não numerada, em letras maiúsculas: *Varia / Histo/ria Rerum / a Societate / Gestarum / Extra / Evropam / To. 3us.*

2. *Medida:* 0,321 × 0,222. Encadernação em pergaminho. O códice foi organizado pelos anos de 1594-1595.

3. *Paginação:* Fólios numerados: 727; e mais 7 não numerados no princípio e 4 no fim.

4. *Conteúdo:* Cópia de cartas das Missões Portuguesas chegadas a Alcalá, através de Coimbra; e também das Missões Espanholas. Contém algumas do Brasil mais tardias, sem excluir o P. Luís da Fonseca, falecido em Madrid em 1594 no tempo exactamente em que se organizava o códice (LEITE VIII 254).

5. *Mon. Bras.* I: Doc. 8.

[Deste antigo códice de Alcalá, que actualmente se conserva em Chamartín (Madrid), faz-se larga descrição no que toca à contextura interna e aos estudos xaverianos, em *Epp. Xav.* I 173*-175*].

CAPÍTULO V

EDIÇÕES DAS PRIMEIRAS CARTAS DO BRASIL

Dá-se notícia das obras, que contêm cartas, incluídas neste volume, quer sejam colecções gerais, quer colecções particulares, quer ainda outras obras ou revistas modernas que as publiquem de primeira mão. Não se entende, como é norma de Monumenta Histórica S. I., mencionar jornais nem ainda toda e qualquer publicação moderna, que insira algum documento isolado e de segunda mão.

1. *Copia 1551.*

COPIA DE VNAS CARTAS EM / biadas del Brasil por el padre Nobrega dela / companhia [sic] de Jesus: y otros padres que / estan debaxo de su obediẽcia: al padre/maestre Simon preposito de la di-/cha compañia [sic] en Portugal: y / a los padres y hermanos / de Jesus de Co- / imbra. / Tresladadas de Portugues en Castellano / Recebidas el año de / M.D.L.I. /

Sem ano, lugar, nem nome de impressor. São 14 fólios não numerados [letras: A ij, A iij, A iiij, A v]. Impressa ao mesmo tempo que «Copia de unas car / tas del padre mestre Frãcisco, y del padre /

M. Gaspar, y otros padres dela compañia / de Iesu, que escriuieron de la India a los / hermanos del colegio de Iesus, de Coimbra- / bra. Tresladadas de Portugues en Caste- / llano. Recebidas el año de M.D.lj.» /, que sairam em Coimbra na tipografia de João Barreira e João Álvares (*Epp. Xav.* I 215*). Pode-se ver o frontispício da *Copia,* encimado pelo Galeão das Quinas Portuguesas, em LEITE VIII p. IV/V.

Pela impressão de Coimbra se fez a de Roma, de *Avisi 1552*, cujo prefácio tem a data de 3 de Julho de 1552. Portanto, a *Copia* de Coimbra é anterior a esta data; e depois de 1 de Dezembro de 1551, dia em que da mesma cidade de Coimbra escreve Manuel Leite ao P. Inácio de Loyola: «Del Brasil tenemos buenas nuevas; esperamos de las imprimir; como fueren impresas, las enviaremos á V.ª R.ª» (*Litterae Quadrimestres* 1 [1894] 451).

Contém a tradução castelhana de seis cartas: 1. de Nóbrega *(Información de las partes del Brasil)*; 2. de António Pires; 3. de Nóbrega (11 de Agosto de 1551); 4. de Afonso Brás; 5. de João de Azpilcueta; 6. de Leonardo Nunes.

Deste mais antigo monumento bibliográfico S. I. da América só temos conhecimento do exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa (*Reservados 842 P*).

2. *Avisi 1552.*

AVISI / PARTICOLARI delle / Indie di Portugallo / Riceuuti in questi doi anni del .1551. & / 1552 da li Reuerẽdi Padri de la cõpa / gnia de Iesu / doue fra molte cose / mirabili si uede delli Paesi, del / le genti, & costumi loro & la grande cõuersioue [sic] di / molti populi, che co- / minciano a riceuere / il lume della sãta fede / & / Relligione Christiana. / In Roma per Valerio Dorico & Luigi / Fratelli Bressani Alle spese de M. / Batista di Rosi Genouese .1552.

Como se disse no n. 1, o prefácio é datado de Roma, 3 de Julho de 1552. O vol. tem duas partes, mas de paginação seguida: 317 *páginas.* A segunda contém só cartas do Oriente; a primeira parte, do Oriente, África e Brasil. Do Brasil são as mesmas seis da *Copia* de 1551, traduzidas em italiano, e mais uma de Nóbrega, colocada antes das outras, a de 10 de Agosto de 1549. Há exemplares na Biblioteca Vaticana e na dos Bollandistas, de Bruxelas; e desta última se tirou a fotocópia existente no Arquivo da Província de Portugal.

3. *Novi Avisi 1553.*

NOVI AVISI DI PIV LO- / CHI DE L'INDIA ET MASSIME / *de Brasil riceuuti quest'anno del* .M.D.LIII. / *doue chiaramente si puo*

intendere la con-/uersione di molte persone etiam molto / principali nelle terra già sco-/perte & nõ minor s'aspetta/nell'altre che si han/de scoprir &/la mutatione grande che fanno de la lor vita dil che/n'han conseguito oltra la ciuilta & politia di/costumi che Dio operi al presenti cui-/denti segni & miracoli/in loro./[No fim:] *In Roma per* Antonio Blado Stam-*patore/Apostolico Nel* M.D.LIII. *Ad/Instantia de* Messer Battista/Genouese *de* Rossi./

Consta de 27 folhas não paginadas, com a tradução de oito cartas do Brasil (além de três pequenos excertos) e três das Índias Orientais. Ao todo 14 documentos, por esta ordem material (não indicada no livro por números): 1-2 (Oriente) 3-13 (Brasil) 14 (Oriente). A ordem deles não corresponde à cronologia. Os do Brasil entram todos no presente volume; e ordenados cronològicamente dão a seguinte correspondência:

Novi Avisi	*Mon. Bras.* I	*Novi Avisi*	*Mon. Bras.* I
3	48	9	27
4	53	10	25
5	42	11	24
6	43	12	29
7	55	13	28
8	26		

Há um exemplar de *Novi Avisi* no Instituto anexo à Igreja Nacional de Espanha em Roma, Via Giulia 151 (antes, na Embaixada da mesma nação).

4. *Diversi Avisi 1559.*

DIVERSI AVISI / PARTICOLARI DALL'INDIE / *di Portogallo riceuuti dall'anno 1551. / sino al 1558. dalli Reuerendi padri / della Compagnia di* GIESV. / DOVE S'INTENDE DELLI PAESI, / delle genti, & costumi loro, & la grande con-/uersione di molti popoli, che hanno ri-/ceuuto il lume de la santa fede. & / religione Christiana. / *Tradotti nouamente dalla lingua Spagnuola nella Italiana. / Col Priuilegio del Sommo Pontefice, & dell'Illu-/strissimo Senato Veneto per anni XV.*/

Na Biblioteca dos Bollandistas de Bruxelas, há duas edições do mesmo ano, uma anterior à morte do Papa Júlio III, outra depois da eleição de Pio IV. São idênticas entre si, excepto nas diferenças seguintes:

1.ª Edição:

a) Sibila.
b) Licença de «Iulius Papa III» [† 18-VIII-1559].

c) Privilégio: não tem a palavra *gallico* [infra *c*].
d) Depois do Privilégio e do Placet I tem «a tergo» sete linhas assinadas por «Mathurinus Magister Cursorum».
e) Apêndice de NVOVI AVISI / DELL'INDIE DI PORTO-/ *gallo, riceuuti dalli Reuerendi Padri / della compagnia di Giesu, tra-/dotti dalla lingua Spagnuo / la nell'Italiana. / MDLIX.* No fim deste Apêndice: *In Venezia per Michele Tramezzino. / MDLIX. /*

2.ª Edição:

a) Sibila diversa.
b) Licença de «Pius Papa IIII».
c) Privilégio «... ipsa italice tam ex latino, *gallico* et hispanico».
d) Não tem as 7 linhas de «Mathurinus».
e) Não tem o Apêndice, nem, portanto, a data de impressão que nele se lê.

O livro abre com 8 folhas não numeradas; e na primeira edição a paginação padece um recuo: Depois da f. 280 segue-se 273 [= 281] e a última é 286v [294v]. O Apêndice *(Nuovi Avisi)* não tem nenhuma carta do Brasil. *Diversi Avisi* contém 22 do Brasil, todas traduzidas em italiano, entre as quais as cartas do presente volume, n.os 8 9 10 18 24 25 26 27 28 29 33 34 35 42 43 48 53 55.

Edição de 1565: Fez-se outra edição de *Diversi Avisi* no fim da qual [f. 294v] se lê: In Venetia per Michele Tramezzino / M.DLXV. Não traz a licença de Júlio III, mas a de Pio IV. E no *índice* do começo do livro, há um salto da f. 137 para a f. 161, que eliminou desse índice os autores das cartas aí compreendidas, entre as quais uma de Nóbrega e outra de Xavier. Há um exemplar na Cúria Generalícia S. I. de Roma.

5. *Nvovi Avisi 1562.*

NVOVI AVISI DELL'INDIE DI / PORTOGALLO, / Riceuuti dalli Reuerendi Padri della compa- / gnia di Giesu, tradotti dalla lingua / Spagnuola nell'Italiana, / Terza parte. / Col priuilegio del Sommo Pontefice, & dell'Illustrissimo Senato Veneto per anni xx. / [No fim:] In Venetia per Michele Tramezzino. / MDLXII. /

In 8.° Com 8 folhas não numeradas e 316 numeradas.

Contém 50 cartas, dez das quais do Brasil: de 1550, duas; as outras de 1558-1560. Aquelas duas: cartas 10 e 14.

Há um exemplar na Cúria Generalícia de Roma.

6. *Epistolae Iapanicae 1569.*

EPISTOLAE / *IAPANICAE,* / DE MVLTORUM GENTI- / *lium in varijs insulis ad Christi* / *fidem per Societatis nomi-* / *nis Iesu Theologos* / *conuersione.* / In quibus etiam mores, leges, / locorumque situs, lucu- / lenter descri- / buntur. / LOVANII, / *Apud Rutgerum Velpium,*/ *Sub Castro Angelico.* / Cum Priuilegio Regio / Ad 4. Annos. / *1569.*/

Contém 18 cartas traduzidas em latim. Do Brasil, uma, que termina: «Ex urbe Salvatore An. 1552». Mas é a «Informação das Terras do Brasil» (1549), de Nóbrega. Vimos o exemplar do Instituto Espanhol de Roma (Via Giulia 151). Há outra edição de *Epistolae Iapanicae,* 1570, onde saíu a mesma carta (STREIT II 352-353; IV 245 n. 936).

7. *Götz 1586.*

Kurtze Verzeichnuss / Und Historische / Beschreibung deren Dingen, / so von der Societet Iesv in Orient, / von dem Jar nach CHRISTI Geburt, / 1542. biss auff das 1568. ge-/handlet worden; / Erstlich / Durch Ioannem Petrum Maf-/feium, auss Portugalesischer sprach / in Latein, vnd jetzo neben etlichen Ja-/ponischen Sendtschreiben, vom Jar 1548. biss / auff 1555. allen frommen Katholischen zu / Lieb vnd Trost ins Teutsch gebracht, / vnnd zum ersten mal an / Tag geben: / Durch weylandt den Hochgelehrten / Herrn Joannem Georgium Götzen, bey-/der Rechten Doctorn, auch Fürstlichen / Bischofflichen Constantzischen Rath / vnnd Secretarien, / &c. / Mit Röm. Kay. May. Gnad vnd Freyheit. / Gedruckt zu Ingolstadt, durch / Dauid Sartorium. / Ano M.D.LXXXVI. /

STREIT IV 273-274 diz quais são as cartas traduzidas em alemão nesta «Breve Lista». Do Brasil há uma: «n. 15 Dess Ehrwürdigen Vatters Emanuelis Nobregae auss der neuen Stadt in Brasilia Sanct Salvator gennant. Sanct Salvator im 1550. Jar» (pp. 328-342). Vendo o ano, assim expresso, Streit incluiu-a no título da carta de Nóbrega, de Porto Seguro, 6 de Janeiro de 1550 (II 332 n. 1206). Mas trata-se da «Informação das Terras do Brasil» (1549); e o título completo é: «Die vierzehend Epistel, Dess Ehrwürdigen Vatters Emanuelis Nobregae, auss der newen Stadt in Brasilia Sanct Saluator genannt, an den General Obersten der Societet Iesv, und seine Brüder in Europa wohnend geschriben» (p. 328). O vol. tem duas partes distintas com paginação separada, e ambas constam do índice preliminar. A Informação de Nóbrega está na segunda parte, a qual toda leva a cabeça geral «Japonische Sendbrïef», dependente da de «Epistolae Japanice» de 1569 (n. 6). Os nomes indígenas mantêm a forma da tradução italiana «Goyanazzi», «Carij», «Tupinambi», «Tupenici» [Tupenechi].

1 ex. na Bibl. de Fulda (Landesbibliothek, Theo Gg 2/50); 3 ex. em Munique (Staatsbibliothek, Jes. 570-572). Agradecemos ao Director da Bibl. de Fulda as informações epistolares que nos prestou e ao Director da Bibl. de Munique o envio dos três próprios exemplares que pudemos examinar directamente.

8. *Franco 1719.*

IMAGEM / DA / VIRTUDE / em o Noviciado da Companhia / de / JESUS / no Real Collegio de / Jesus de Coimbra / em Portugal / *Na qual se contem as vidas, & sanctas mortes / de muitos homens de grande Virtude, que na-/quella Sancta caza se criaram.* / Offerecida à / Senhora da / VICTORIA. / Padroeira do mesmo Noviciado. / Pello P. Antonio Franco / da Companhia de JESUS / Primeiro Tomo / Evora, / Com as licenças necessarias na Officina da Universidade. Anno de 1719. /

IMAGEM / DA / VIRTUDE / *Em o Noviciado da Companhia* / de / JESUS / no Real Collegio de Jesus / de Coimbra, / na qual se contem as vidas, e vir-/*tudes de muytos Religiozos, que nesta Santa Caza foraõ* / *Noviços.* / Offerecida / á Senhora / da / VICTORIA, / Padroeira do mesmo Noviciado, / pelo P. Antonio Franco / Da Companhia de Jesus. / Segundo Tomo / Coimbra, / No Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus / Anno 1719. *Com todas as licenças necessarias.* /

Franco no Segundo Tomo conservou-nos excertos das cartas 5 26 e 33.

9. *Silva Lisboa 1835.*

Annaes do Rio de Janeiro, contendo a descuberta e conquista d'este paiz, a fundação da cidade, com a historia civil e ecclesiastica até á chegada d'elRey D. João VI; alem de noticias topographicas, zoologicas e botanicas. 7 vols. Rio de Janeiro 1834-1835.

Contém, no vol. VI (1835), a «Informação das Terras do Brasil» (1549) de Nóbrega: carta n. 9.

10. *Revista 1840-1880.*

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 227 vols. Rio de Janeiro 1839-1955.

Chamou-se a princípio *Revista Trimestral,* mas depois fixou-se naquele título, adoptado para as referências ulteriores, e assim o faz o

«Indice Analytico da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*» (Tomos 1 a 84) 1839 a 1918. Rio de Janeiro 1927.

Contém, em diversos volumes, as cartas n.os 5 6 7 9 31 33 34 37 45 47 48 54.

11. *Inocêncio 1865.*

Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil. Do P. Simão de Vasconcelos. Segunda edição correcta e augmentada. 2 vols. Lisboa 1865.

O nome do Editor Inocêncio Francisco da Silva não vem expresso no frontispício, mas assina o Prefácio. No *Diccionario Bibliographico Portuguez* VII (1862) dera antes o título completo da *Chronica* de Simão de Vasconcelos, que nesta reedição não vem íntegro, suprimindo nele a frase: «em quanto alli trabalhou o Padre Manoel da Nobrega, com sua vida & morte digna de memoria». Deve ter caído na conta da irregular omissão, e no fim do II vol. inseriu sete cartas de Nóbrega, precedendo-as desta nota: «Como documentos comprobativos preciosos e interessantes por mais de hum respeito, pareceu conveniente enriquecer a presente edição com as seguintes cartas escriptas do Brasil pelo Padre Manoel da Nobrega, zeloso e incansavel obreiro da vinha do Senhor, e cujos trabalhos apostolicos figuram tão notavelmente n'esta *Chronica.* Para aqui as trasladamos, transcrevendo-as de diversos volumes da *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil,* onde foram publicadas pela primeira vez, copiadas dos respectivos originaes, que se conservam nos Archivos de Lisboa e Rio de Janeiro». E publicou-as por esta ordem: I (Carta de 10 de Abril de 1549), II (9 de Agosto de 1549), III (15 de Abril de 1549), IV (Informação das Terras do Brasil, de 1549), V (14 de Setembro de 1551), VI (11 de Agosto de 1551, incompleta), VII (1 de Junho de 1560), as quais todas entram neste volume excepto a última.

12. *Cartas de San Ignacio 1877.*

Cartas de San Ignacio de Loyola, Fundador de la Compañia de Jesús. 6 vols. Madrid 1874-1879.

O tomo III (1877) traz o texto espanhol da carta de Nóbrega, de 10 de Agosto de 1549. É a 8.ª; e, além dela, as cartas n.os 15 16 22 71.

13. *Vale Cabral 1886.*

Cartas do Brasil do Padre Manoel da Nóbrega (1549-1560). Rio de Janeiro [Imprensa Nacional] 1886.

Contém todos os escritos de Nóbrega, conhecidos do Editor, excepto o que não são cartas [o «Diálogo» e o «Caso de Consciência»]. E, entre elas, as seguintes treze neste volume: n.os 5 6 7 8 9 10 33 36 37 45 47 48 54.

14. *Cartas Avulsas 1887.*

CARTAS JESUÍTICAS III-IV. *Cartas Avulsas (1550-1568).* Rio de Janeiro [Imprensa Nacional] 1887.

Saiu sem introdução nem notas, que devia fazer Vale Cabral e não fez por doença. A preparação antecedente e a revisão final devem-se a Capistrano de Abreu (cf. JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES, *Alfredo do Valle Cabral 1851-1894*, in *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* 73 [1954] 22-24). Contém 63 cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil, excepto Nóbrega e Anchieta, cada qual com volumes próprios. Mas o facto de não ter introdução nem notas fez que o livro quase não entrasse no comércio; e a maior parte dele desapareceu no incêndio da Imprensa Nacional. Fazemos as referências pela edição efectiva, com introdução e notas, de Afrânio Peixoto (1931), infra n. 16.

15. *Academia Brasileira 1931.*

CARTAS JESUÍTICAS I. Manoel da Nobrega. *Cartas do Brasil 1549-1560.* Nota Preliminar de Afrânio Peixoto. Prefácio de Vale Cabral. Notas de Vale Cabral e Rodolfo Garcia. No fim: Esclarecimentos. [=Biblioteca de Cultura Nacional. (Publicações da Academia Brasileira de Letras) II História]. Englobado em 1931 na Colecção Afrânio Peixoto da mesma Academia, Rio de Janeiro.

Contém as mesmas cartas da 1.ª edição de 1886 e mais, no fim, o «Dialogo do Padre Nobrega sobre a Conversão do Gentio», que não saiu naquela 1.ª edição. Entram aqui as mesmas treze apontadas no n. 13.

16. *Afrânio Peixoto 1931.*

CARTAS JESUÍTICAS II *Cartas Avulsas 1550-1568.* Rio de Janeiro 1931 [Nota Preliminar, Introdução e Sinopse da História do

Brasil e da Missão dos Padres Jesuítas de 1549 a 1568, e notas, de Afrânio Peixoto].

Contém as mesmas 63 cartas da edição de 1887 (de Capistrano de de Abreu) (n. 14). Estão em *Cartas Avulsas* as do presente volume: n.os 14 18 23 24 25 26 28 31 34 35 41 43 44 53 55.

17. *Serafim Leite 1934.*

Revelações sobre a Fundação de São Paulo. Conferência no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 5 de Junho de 1934.

Inclui a carta de Nóbrega do último de Agosto de 1553, dada então a conhecer. Foi publicada por diversos jornais e na «Revista da Academia Brasileira de Letras» (1934), «Revista do Arquivo Municipal» de São Paulo (1934) e diversos autores: cf. infra, carta 75.

18. *Leite 1937.*

Páginas de História do Brasil. São Paulo 1937 [Brasiliana, Série 5.ª, vol. 93].

Contém as cartas 11 65 75.

19. *Leite 1938-1950.*

História da Companhia de Jesus no Brasil. 10 vols. Lisboa-Rio de Janeiro 1938-1950.

Não contém nenhuma carta na íntegra de Nóbrega, mas numerosas citações ou referências, incluindo inéditas, muitas das quais se anotam nas «introduções» às respectivas cartas na secção de *Autores.*

Contém diversas cartas na íntegra, doutros Padres e Irmãos; e, dentre eles, entra neste volume uma de Pero Correia: n.º 60.

20. *Leite 1940.*

SERAFIM LEITE S. I. Da Academia Brasileira de Letras. Da Academia Portuguesa da História. NOVAS CARTAS JESUÍTICAS — DE NÓBREGA A VIEIRA. São Paulo 1940 [Brasiliana, Série 5.ª, vol. 194].

Contém as cartas n.os 46 48 51 52 56 58 64 69 75.

21. *Leite 1953.*

SERAFIM LEITE S. I. / NÓBREGA / E A FUNDAÇÃO / DE SÃO PAULO / Instituto de Intercâmbio Luso-Brasileiro / Lisboa, 1953 /

Contém as duas cartas de 10 de Março de 1553 [publicadas antes na «Brotéria»] n.os 59 e 61.

22. *Leite 1955.*

Acta Universitatis Conimbrigensis / *Cartas do Brasil / e mais escritos / do* / P. MANUEL DA NÓBREGA / *(Opera Omnia) / Com Introdução e Notas Históricas e Críticas / de* / SERAFIM LEITE S. I. / Coimbra / Por ordem da Universidade / 1955 /

Dos 42 documentos de Nóbrega desse livro entram neste 18; e das cartas dos Padres Gerais a Nóbrega cinco: e são, no presente volume, os n.os 5 6 7 8 9 10 33 36 37 45 47 48 51 54 58 61 68 69 69bis 70 71 72 74 75.

CAPÍTULO VI

NORMAS SEGUIDAS NA PRESENTE SÉRIE

ARTIGO 1

RECOMENDAÇÕES DO CONGRESSO DE FRANCOFORTE

1. Reunir todos os textos relativos a um mesmo assunto, não se contentando com uma escolha arbitrária.
2. Fazer a pontuação dos textos integralmente publicados.
3. Dividir os textos longos em parágrafos numerados.
4. Desdobrar as abreviações.
5. Emendar os erros evidentes, mas indicando no aparato crítico, ou em nota, o erro tal como se encontra no texto.
6. Reservar as maiúsculas para o começo de período, nomes próprios, e siglas usadas nos títulos abreviados.
7. Dispor os documentos por ordem cronológica rigorosa.

8. Colocar as notas ao pé da página e não no fim do documento.

9. Fazer, no fim de cada volume ou da obra, índices, não só geral, mas alfabético de matérias, pessoas e lugares.

10. Dar todos os elementos necessários ao conhecimento e identificação do documento.

(Princípios adoptados pelo Congresso dos historiadores alemães de Francoforte do Meno [Frankfurt am Main], Abril de 1896, *Revue des Questions Historiques,* 15 [nouvelle sér. = 59 da colecção: Paris 1896] 277-278).

ARTIGO 2

MÉTODO DE MHSI

As normas precedentes, de que transcrevemos apenas as aplicáveis a este livro, foram adoptadas em MHSI (cf. *Nadal* 1 [1898] XX-XXII), mas a interpretação do n.º 10, acima indicado, tem recebido alguma diversidade entre os Escritores de Monumenta. Adoptamos o seguinte método em cada documento ou carta:

1. Número de ordem, segundo a cronologia.
2. Nome do autor da carta.
3. Nome de pessoa a quem se remete a carta e lugar onde vive.
4. Lugar donde é datada a carta, dia, mês e ano.
5. Introdução ou monografia da carta de que se trata.
6. Sumário do texto. Embora adoptadas actualmente em MHSI as línguas modernas, conserva-se o sumário em latim para manter, na colecção, o carácter que tem de internacional.

O n.º 5 (introdução da carta) consta dos seguintes elementos:

I. *Bibliografia:* Referida à carta não ao autor da carta: isto é, indicação de obras de bibliografia geral, onde conste a menção da carta ou documento de que se trata.

II. *Autores:* Que utilizaram a carta de que se trata, quer ainda em estado de manuscrito, quer depois de impressa: utilização dalguma importância, não simples citação de passo.

III. *Texto:* Lugar, arquivo, códice e fólios, título, e outras indicações hauridas do próprio documento. Quando se trata de original português perdido, assinala-se o facto; e não havendo certeza, indica-se como é de uso [?].

IV. *Impressão:* Se se trata de texto não ainda inédito.

V. *História da Impressão:* Que texto se utilizou na impressão, se existe mais do que um, ou modo como se imprimiu.

VI. *Edição:* Indica-se o texto, que se imprime neste livro, e razão da preferência, quando há diversidade de textos.

Incluem-se ainda outras alíneas, se porventura forem necessárias. para estabelecer a *data*, *lugar* e *destinatário*, quando não se expressam no documento ou há dúvidas.

Este sistema, nem demasiado longo nem sintético demais, parece claro e, com leve variante, é o que se usa em *Documenta Indica,* da antiga Assistência de Portugal, a que pertencia também o Brasil, o que é vantagem para uniformidade dentro da mesma Assistência.

ARTIGO 3

QUALIDADE DOS DOCUMENTOS

As cartas e mais documentos deste volume subsistem hoje nalguma das seguintes formas:

1. *Autógrafos.* Tudo por mão própria do autor.

2. *Originais.* Por mão de amanuense ou secretário, mas com a assinatura autógrafa; e quase sempre também com a cláusula e às vezes com uma ou outra palavra acrescentada ou mudada no texto pelo autor.

3. *Registos.* Transcrição de documentos em livros oficiais quer da Cúria Generalícia de Roma, quer da Corte de Lisboa ou funcionários civis do Brasil, segundo a natureza de cada qual; e ainda públicas-formas de tabeliães sobre assuntos latifundiários.

4. *Apógrafos.* Cópias feitas de autógrafos e originais ou de outras cópias anteriores. Reuniam-se em livros próprios da Cúria, ou de particulares como o Cardeal Marcelo Cervini, ou dos Colégios, colecções estas últimas conservadas hoje quase todas em Bibliotecas Públicas.

5. *Traduções.* São muito numerosas em espanhol, nos primeiros anos, e portanto neste volume, pelo duplo facto de em Roma não estarem ainda organizados os serviços da Assistência de Portugal (nem das outras: as Assistências só foram criadas na Congregação Geral de 1558), e de serem espanhóis os três primeiros Gerais, assim como o Secretário Juan Alfonso de Polanco, dando com isso preponderância, neste período, à língua da sua nação.

Imprimem-se os documentos-fontes tais quais se conservam hoje. Mas é óbvio que a fé crítica de cada um está em função da respectiva qualidade, a começar pelos autógrafos, originais e registos. Não quer dizer que não mereçam fé os apógrafos e traduções ou retroversões. Mas aí já há margem para maior aplicação crítica, não quanto ao sentido geral do documento, mas a um ou outro pormenor ou omitido (omitiam-se as datas com frequência), ou mal expresso, ou até interpolado. Cf. carta de Leonardo Nunes, Novembro de 1550 § 3; LEITE, *Nóbrega e a fundação de São Paulo* 69.

ARTIGO 4

LEITURA DOS TEXTOS

Normas usuais na transcrição de documentos, de modo que se conserve a fidelidade do texto e a acessibilidade ao leitor, incluindo o estrangeiro:

Palavras unidas: separam-se: eamor = e amor; dandolhe = = dando-lhe.

Maiúsculas: Além do início de períodos, e dos nomes próprios, e das siglas das normas gerais (V. A. = Vossa Alteza; V. R. = Vossa Reverência etc.) pareceu útil manter-se nas palavras muito comuns nos documentos da Companhia de Jesus no Brasil: Nosso Senhor, Santíssimo Sacramento, Padre, Irmão, Companhia, Colégio, Aldeia, Igreja e ainda Capitanía ou Estado [do Brasil].

Letras manuscritas, que oferecem mais de uma leitura:

ã = ã, an, am, segundo os casos: Jo*ã*o, ca*n*to, canta*m*.

c = c ou ç (com cedilha como aparece às vezes antes de a e o).

ç = ç ou c (sem cedilha como aparece às vezes antes de e e i).

h (não oferece leitura diferente, mas aparece no artigo «ha», na contracção da preposição a com o artigo ou pronome a «hà», e no verbo haver «há».

i = i ou j (seia = seja, etc.).

j = j ou i (jndio = indio).

m̃ = mm.

õ = õ, on, om (p*õ*e, co*n*ceição, co*m*).

p (com a dobra característica sobre si mesmo) = per, por, pro.

u = u ou v (hauer = haver).

ũ = un ou um (ju*n*to, algu*m*a).

y = y ou j.

Acentos: A representação gráfica de acentos, indicadores da pronúncia portuguesa, era pràticamente desconhecida nos meados do século XVI. Os que aparecem na impressão deste livro, para efeitos de clareza, regulam-se pelas normas internacionais adoptadas em MHSI.

Til: O til não é verdadeiro acento, mas sinal de nasalidade; e os documentos (e, portanto, a sua reprodução impressa) estão cheios de palavras em que ele se depara, sobretudo em verbos, cujo acento tónico recai quase sempre noutra sílaba. Convém tê-lo presente. Por exemplo, o verbo «entender»: «entendião», imperfeito, e «entenderão», perfeito e mais que perfeito (e que hoje se escreveriam «entendiam» e «entenderam»); e vice-versa, «entenderam» não como perfeito ou mais que perfeito, mas como futuro (e que hoje se escreveria «entenderão»). Estas grafias e outras semelhantes, antigas, imprimem-se na sua forma primitiva.

Também se usava o til em posição horizontal ou vertical (uma espécie de grande vírgula), como sinal de abreviação, e se verá logo a seguir nos dois autógrafos de Nóbrega, na palavra «Xpõ» (que se desenvolve «Christo»).

Abreviaturas: As do texto desdobram-se de acordo com as recomendações do Congresso de Francoforte (Art. 1.º, n. 4). Perseveram todavia certas fórmulas antigas, que não é da praxe desdobrar. Sobre elas — e outras de uso corrente — empregadas neste livro, cf. supra, a página de Abreviaturas. Dessa lista consta também a tradução portuguesa das fórmulas latinas do aparato crítico, usadas em MHSI, e que pelo seu carácter internacional se mantêm nessa língua clássica.

ARTIGO 5

DOIS EXCERTOS AUTÓGRAFOS DE NÓBREGA

1. *Início da carta a El-Rei D. João III, de 14 de Setembro de 1551*

MANUSCRITO

ha graca eamor de Xpõ noso Sõr seia cõ V. A. sempre amẽ .//. logo q̃ aesta capitania de duarte coelho achegamos outro padre e eu escrevi a V. A. dandolhe algũa emformação das coussas desta terra e por ser novo nesta capitania e nã ter tanta experiencia dela me fiquarã por escrever algũas coussas q̃ nesta suprirei //.

LEITURA

Ha graça e amor de Christo Noso Senhor seja com V. Alteza sempre. Amen. Logo que a esta Capitania de Duarte Coelho achegamos outro

Padre e eu, escrevi a V. A. dando-lhe alguma emformação das coussas desta terra, e, por ser novo nesta Capitania e nam ter tanta experiencia dela, me fiquaram por escrever algumas coussas que nesta suprirei.

Observação: A penúltima palavra está grafada *nesta* (autógrafo) e não *em esta*. Ao mesmo tempo escreveu outra carta, a de 11 de Agosto de 1551, cujo exemplar começa «*Em estas* partes». Mas indica (e é de facto) retroversão portuguesa, menos cuidada, da tradução espanhola impressa. No original português perdido, Nóbrega teria escrito «*Nestas* partes».

2. *Final da mesma carta*

MANUSCRITO

eporq̃ por outra tenho dado mais larga cõta ecõ ha vinda do bispo q̃ esperamos aquẽ tenho escripto homais aguardamos ser soccorridos. cesso pedindo anoso Sõr. lhe de sempre aconhecer sua võtade sãta p.ª q̃ cõprindoa seia augmẽtada sua fe catholica pera gloria do nome sãto deJhũ xpõ noso Sõr qui est benedictus in secula desta vila deolinda axiiij desetembro de 155i anños./. + manoel danobrega.

LEITURA

E, porque por outra tenho dado mais larga conta, e com a vinda do Bispo que esperamos, a quem tenho escripto ho mais, aguardamos ser soccorridos, cesso, pedindo a Noso Senhor lhe dê sempre a conhecer sua vontade santa pera que, comprindo-a, seja augmentada sua fé catholica pera gloria do nome santo de Jesu Christo Noso Senhor, qui est benedictus in secula.

Desta Vila de Olinda, a XIIII de Setembro de 1551 annos.

+ Manoel da Nobrega.

CAPÍTULO VII

GRATIARUM ACTIO

Concluímos, manifestando o nosso reconhecimento a quantos facilitaram a elaboração e execução desta obra, quer com a sua autoridade, quer com o seu valioso concurso:

M. R. P. João B. Janssens, Prepósito Geral da Companhia de Jesus, Roma.

R. P. Ruío Mendizábal, Delegado do P. Geral para o Instituto Histórico da Companhia de Jesus, Roma.

R. P. Miquel Battlori, Presidente do mesmo Instituto, Roma.

R. P. Antonio de Egaña, Pro-Director de Monumenta Historica Societatis Iesu, do mesmo Instituto, Roma.

R. P. José Leite, da Cúria Generalícia, Roma.

Irmãos António Augusto Rodrigues e Luís Gonzaga Ferreira Leão, adstritos, em MHSI, aos serviços da antiga Assistência de Portugal, Roma.

Não esquecemos os Directores de Bibliotecas e Arquivos, em particular os de Roma, Lisboa, Évora, e Rio de Janeiro, que são os que mais directamente tocam a este primeiro volume, e o Dr. César Pegado, 1.º Bibliotecário da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, pelo seu competente auxílio na revisão das provas; e ainda quantos contribuiram com o seu trabalho para a execução material e tipográfica da obra.

Deste volume de *Monumenta Brasiliae* I se fará uma avultada tiragem, com o título de *Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil* I, para a Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, fundada pelo Jesuíta português P. Manuel da Nóbrega. Nessa mesma tiragem se dará razão dela. Mas como da intervenção paulista beneficia igualmente o presente volume de *Monumenta Brasiliae*, é justo que fique também expresso neste lugar o agradecimento público, tanto de MHSI como nosso, à ilustre Comissão e ao Governo do Estado de São Paulo.

Roma, 25 de Janeiro de 1956.

SERAFIM LEITE S. I.

CARTAS
E OUTROS DOCUMENTOS

1

DO DOUTOR DIOGO DE GOUVEIA «O VELHO» A D. JOÃO III REI DE PORTUGAL

PARIS 17 DE FEVEREIRO DE 1538

Prefácio: *Nesta carta, propõe o Dr. Gouveia ao Rei de Portugal a colonização efectiva do Brasil, que se veio a realizar de facto com a instituição do Governo Geral e com a chegada em 1549 do primeiro Governador Geral Tomé de Sousa e do primeiro Superior da Missão da Companhia de Jesus no Brasil, P. Manuel da Nóbrega. A importância da carta reside precisamente em que é também nela que Diogo de Gouveia, lembrando a D. João III os seus antigos alunos do Colégio de Santa Bárbara de Paris, lhe propõe que convide os Padres da Companhia para a conversão dos gentios na Índia. Constitui-se com isso o mais antigo documento conhecido sobre as Missões ultramarinas da Companhia de Jesus e o pórtico geral de todas e cada uma delas. A ocasião imediata foi a Índia; mas a resposta de El-Rei, mandando ao seu Embaixador em Roma, que tratasse de alcançar os Padres para a obra da conversão, não fala apenas da Índia: «Na impresa da India e em* todas as outras conquistas que eu tenho». *E dá a razão: Porque, se os Padres estão dispostos a «acrescentar e aproveitar à fé, nam pode haver parte onde lhes estê mais aparelhado poderem-no fazer, e cumprir seus desejos, que em* minhas conquistas» [*carta 3*]. *E nesta expressão de* conquistas *em geral, duplamente acentuada, o* Brasil *já está presente. Cf.* LEITE, Origem portuguesa das Missões ultramarinas da Companhia de Jesus, *in* Cartas de Nóbrega *(1955) 9*-12*.*

I. **Bibliografia:** SCHURHAMMER, *Quellen* (1932) 268.

II. **Autores:** RIBADENEIRA, *Vita Ignatii Loiolae* (Neapoli 1572) 72v-73r; JOÃO DE LUCENA, *Vida do Padre Francisco Xavier,* L. I c. VII; TELES, *Chronica,* I 15; FRANCO, *Synopsis* 1; CAPISTRANO DE ABREU, *Capítulos* 87-88; MARCEL BATAILLON, *Études sur le Portugal* 134-135;

DALMASES, *Fontes Narrativi* I 228; BERNARD-MAITRE, *Un grand serviteur du Portugal en France* 65-66; LEITE, *Cartas de Nóbrega* 9*-10*.

III. **Texto:** Único. Lisboa, Torre do Tombo, *Corpo Cronológico* I 60 19 [antes n.º 7762]. Nota da secretaria, ao princípio: «Sr Rey D. João 3.º carta do D.or Gouvea a El Rey sobre as armadas dos Franceses que trazião munta gente e no mar erão munto poderozos, e sobre os graduados de França. Em Paris, 17 de Fevereiro de 1538». Autógrafo português.

IV. **Impressão:** FRANCISCO RODRIGUES, *O Dr. Gouveia e a entrada dos Jesuitas em Portugal (1540)* in *Brotéria* 2 (1926) 267-274; MÁRIO BRANDÃO, *O processo da Inquisição de Mestre João da Costa* I (Coimbra 1944) 319-323; J. WICKI, DI I (1948) 748-751.

V. **História da Impressão:** RODRIGUES e WICKI publicam, com notas críticas, apenas o que se refere à Companhia de Jesus; BRANDÃO publica o texto íntegro.

VI. **Edição:** Reimprime-se o autógrafo da Torre do Tombo, no que toca ao Brasil e à Companhia.

Textus

1. Introductio ut credatur. — 2. Defensio imperii Portugaliae a piratis gallis. — 3. Mutuatio pecuniae petita Regi Portugaliae a Rege Franciae, qui litteras praedatorias concessit Ioanni Ango adversus Portugaliam. — 4. Negotiationes inter Reges Portugaliae et Franciae; proponitur colonizatio effectiva Brasiliae. — 5. Pragmatica censio studentium Parisiorum. — 6. Magna ad fidem catholicam in India conversio iam adest et promovenda magis. — 7. Clerici reformati apti sunt ad hanc conversionem. — 8. Curet Rex Portugaliae ut per legatum suum romanum illos suis missionibus captet; sufficit litteras mittere Simoni Rodrigues, Petro Fabro atque Ignatio. — 9. Magistri lusitani Parisiis. — 10. Alumni Doctoris Gouveia variis Institutis Religiosorum nomen dantes.*

---

* Assim escrevia S. Inácio em latim (doc. 16); e escrevia sem duplicar o l, mais conforme ainda com a raiz Cale [Portu Cale], donde procede o nome de Portugal.

+

Senhor

1. Por outras muitas tenho dito e sprito a Vossa Alteza que nom era d'agora que o[s] pobres nom eram ouvidos nem menos cridos por milhor que dissessem.

> Quantum quisque sua numorum servat in arca
> Tantum habet et fidei

disse Juvenal [1]; e com isto o que el-rei D. Fernando [2] vosso avoo me dissera que sempre se achara milhor de oulhar as cousas a vir que se lembrar das pasadas.

2. Eu por vezes tenho dito a V. A. aquillo que me parecia acerqua dos negocios de França, e isto por ver por conjecturas e apparencias grandes aquillo que podia succeder dos pontos mais apparentes, que consigo traziam muito prejuizo ao stado e augmentaçam dos senhorios de V. A. E tudo se emcerava em vós, Senhor, trabalhardes com modos honestos de fazer que esta gente nom ouvesse de emtrar nem possoir cousa de vossas navegações, por o grandissimo damno que dahi se podia siguir: hà huma por elles serem poderosos sobre o mar; hà outra por a gente ser em grandissimo numero e nom ter por onde se estender; hà outra por V. A. ter muitas cousas, as quaes nom se podiam guardar, até nom serem fortalezas feitas nos lugares onde elles podiam ir a resgatar; à outra que pera elles offenderem no mar a El-Rei nom poem hum soo

---

11 acerqua] acerquas *ms.* | 24 no mar *sup.*

---

1 *Iuvenalis Satyrae* (ed. Iuvencii sat. III [Venetiae 1735] 45).

2 Dom Fernando, o «Católico», avô de D. João III: porque este era filho de D. Manuel I de Portugal e de D. Maria, filha dos reis de Castela e Aragão, Fernando e Isabel.

real, e V. A. há mester, pera defender, tirar tudo da sua bolssa; e, tirando nom sei se por agora se poderá tudo guardar ou, se se guardar, nom sei se à derradeira passará o proveito, que será grande fadiga se se nom oulhasse ao tempo a vir por o dano que pode trazer [3].

3. Sobreveo o requirimento do emprestemo que V. A. sabe que El-Rei vos pidia [4]. Nom me quisestes crer na cla[u]sula geral como se punha. Veja, Senhor, o que aproveitou, que por ella ser tam geral nom quis El-Rei aceptar o que vós lhe queríes emprestar, e dahi naceo a letra de João Ango [5]; que, se V. A. se lembra, eu vos disse que vir ali o galeam com rei d'armas apost o embaixador [6] eram tisoiras tisoiras. Bem podeis saber o que, Senhor, vos custou.

Vierom os bretões que estavam no Brasil, que trouxe Christovam Jaques [7], sobre os quaes fora lá o outro rei d'armas [8] o ano dantes. Disse-vos, Senhor, mande V. A. estes homens em hum navio presos a El-Rei de França, e

---

3 Diogo de Gouveia em carta de Ruão (Rouen), 25 de Fevereiro de 1532, a D. João III, persuadia-o com empenho a que ocupasse todo o Brasil; e já três anos antes persuadia o mesmo. M. BRANDÃO, *O Processo na Inquisição de Mestre João da Costa* 313-317; id., *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes* 70; A. RAMOS, *Introdução à Antropologia Brasileira* II 87.

4 Francisco I de França pediu a D. João III de Portugal, 400 000 cruzados para remir os seus filhos, prisioneiros do Imperador Carlos V (*Hist. da Colon. Port. do Brasil* III 77).

5 Cf. FERNANDO PALHA, *A Carta de Marca de João Ango. Exposição Summaria dos factos extrahida de documentos originais e ineditos* (Lisboa 1882) 8; ANTÓNIO BAIÃO e C. MALHEIRO DIAS, *A Expedição de Cristhóvam Jacques,* in *Hist. da Col. Port. do Brasil* III 80.

6 Pierre de la Garde. PORTO SEGURO, *HG* I 134.

7 Sobre Cristóvão Jacques, navegador português, «guarda-costa» do Brasil, e a captura dos bretões, cf. A. BAIÃO e MALHEIRO DIAS, *op. cit.* 74.

8 Helies Alesgle de Angouleme, que esteve em Lisboa no mês de Janeiro de 1529 (PORTO SEGURO, *HG* I 134). Cf. «Trelado da carta d'ElRey de França pera Amglema rey d'armas sobre os navios do Brasil» in *Hist. da Col. Port. do Brasil* III 76; PAUL GAFFAREL, *Histoire du Brésil Français au Seizième siècle* 96.

que lá os apresentem, e que as testemunhas que testimunharom que os vossos meterom os companheiros na terra até os ombros e depois lhe tiravom com as spingardas a os matarem, sejam punidos por morte corporal. Nom me quiserom crer e naceo daqui que oje por todo este reino está semeado aquillo, e ficará pera filhos e netos, e pera sempre. E como os ladrões do mar desejam que sempre aja hi differencias, embalam os filhos com isto, que em quanto prejuizo e dano hé de vossos povos a experiencia ho mostra e mostrará, e gavias pollos homens do mar que sofrem e passam pior que os imigos.

4. Seguia-sse depois a tomada das naos do Brasil dos da costa de Normandia. As cousas que por isso sam feitas seriam longas de contar, porque sam em tanto extremo, que nom a[s] sei dizer. E quanto a isto, sempre foi minha opiniam que apontassem com elles, principalmente com João Ango e com Pedro Prevost, porque, aquelles apacificados, tudo o al era xua xua, os quaes se contentavam cada hum com II contos de rreis, digo dous contos, e agora nom sei o que será, porque o Almirante [9] tinha já avido delles hum diamante que dizem que valia quasi hum terço da soma, e se a cada hum deram 8000 philipos [10] ficarom pagos e satisfeitos e mais que contentes. Nom me quiserom crer. Praza a Deus que, pues no creiron buena madre, que crean mala madrasta. Eu por algumas vezes

---

44 até os ombros *in marg.*

---

9 Felipe de Chabot, Conde de Charny, mais conhecido por «Amiral de Brion», falecido em 1543. Cf. *Nouvelle Biographie Générale* 9 (Paris 1855) 531; FERNANDO PALHA, *op. cit.* 24; *Hist. da Col. Port. do Brasil* III 81.

10 *Filipos.* Moeda francesa de Filipe o Bom (1419-1467) com o peso de 3,64 gramas, chamados *Philippes* e também *Chavaliers d'or.* Igualmente os florins de oiro de Filipe o Belo (1494-1503) se chamavam *Philippes;* e destes se deve tratar ou do seu equivalente. EDOARDO MARTINORI, *La Moneta. Vocabolario Generale* (Roma 1915) 156.

fui rogado das partes pera concerto. O embaixador[11] disse-me que V. A. nom queria concerto. Agora nom sei o que será. Praza a Deus que queira tudo ordenar com que vós, Senhor, sejaes fora de brigas.

Quanto às tomadias que cada dia fazem em vossos naturaes, já lhe disse que nom via senam hum remedio. Vós, Senhor, perdeis em vossas alfandegas, os pobres homens fiquam destruidos e ficaram, e a isto nom se dá fim, e menos se dará com essa nao que dizem que lá nas ilhas meterom no fundo. Dizem quá nesta terra que mal sobre mal nom hé saude. Tem hum homem huma febre, acode-lhe huma colica, nom hé pera mais asinha ser sãoo. Elles nom ham-de perdoar por via de virtude a nnao que acharem no mar, nom lhe ham-de perdoar quanto ao rubo. Agora nom sei o que faram, porque hé maa cousa perder custume, ao menos hé difficel. Sei que tem mandado e foi acordado nos Stados que cad'ano se tem neste ducado, que lá chamam Cortes, irem o Arcibispo de Ruam e o primeiro presidente deste Parlamento a El-Rei sobre este negocio. Sei que ouve o embaixador 6 ou 7 patentes pera se defender de nom averem de ir ò Brasil com dissimulações; e com irem de Herodes a Pillatos passarom até oje, que nom tem feito nada nem faram. Vi, averá hum anno, nos mesmos Stados pubricamente dizer o pprocurador geral delles ao Almirante, que os veo aqui ter, que a terra de Normandia offericia a El-Rei cem mil cruzados e que ouvessem de ir como yam dantes ao Brasil. Disse o Almirante: «Essa materia nom hé pera agora». Presente stava Luis Alvarez[12], Bel-

84 irem *sup.*

11 O Embaixador de Portugal na França era João da Silveira. Para tratar desta questão foi mandado D. António de Ataíde, futuro Conde da Castanheira. FERNANDO PALHA, *Op. cit.* 18; *Hist. da Col. Port. do Brasil* III 81.

12 Luís Álvares Cabral, bolseiro de D. João III em Paris. Nos documentos universitários da época «il est le plus souvent appelé seulement Luís Álvares». L. DE MATOS, *Les Portugais à l'Université de Paris* 124 nota 2.

liago [13] e hum criado do Embaixador. Ainda estou que hé necessario concertar-sse com estes homens e ho mais cedo hé o milhor. E crea, Senhor, que será por muito menos do que porventura cuida, porque já sei que a mor parte do que estes pedem se há-de coar, demandando aver as partes de que elles comprarom pollo mesmo preço, e também com outras cousas que eu sei e que já tenho dito a vosso Embaixador. E se me a mim creram, por ventura estivera tudo apagado com $\overline{X}$ ou $\overline{Xb}$ cruzados, e V. A. porventura tem despeso mais de 3000 já neste negocio, e agora nom sei o que será, porque tal refusa que despois abusa.

5. V. A. me spreveo que lhe mandasse a ordenança dos graduados de França. Hahí nom ha outra ordenaçãm senam essa, que se chama pramatica censio, e na fim vai o concordado.

6. Grande bem seria se vós, Senhor, podeisses alcançar isso que certo cumpre muito à cristandade, e principalmente por os tempos d'agora. Se concilio [14] se faz, bem me parecee que outros requirirom isto tambem, mas V. A. tem mais razam que nenhum outro polla grandissima terra que tem descuberta e necessidade que os taes tem de letrados, e principalmente com as grandes novas que Mestre Hieronimo d'Osoiro [15] me spreveo, de como os bala-

---

99 de *sup.*

---

13 Belchior Beliago, do Porto, também com uma bolsa de estudos em Paris, que em 1548 estava já em Coimbra, mestre do Colégio das Artes (*ib.* 94; cf. B. MACHADO I 477-478).

14 Trata-se do Concílio convocado para Vincenza por Paulo III. O Papa comunicou a convocação ao Rei de Portugal pelo Breve «Prorrogationem Universalis», dado em Roma a 18 de Outubro de 1537. Cf. *Quadro Elementar* XI 190; PASTOR, *Geschichte der Päpste* V 56 ss; HUBERT JEDIN, *Storia del Concilio di Trento* I — «La lotta per il Concilio»: cap. VII, «Il mancato Concilio di Mantova—Vincenza» (Brescia 1949) 265 ss.

15 Jerónimo Osório, escritor português de renome, bispo de Silves, cuja sede ele mudou para Faro em 1577 (1506-1580). Cf. B. MACHADO I 468-474; INOCÊNCIO III 272-273; HENRIQUE PERDIGÃO, *Dicionário Universal de Literatura* (Porto 1940) 73.

mares [16] recibiam a fé que hum vigairo [17], que lá mandou Francisco de Mello [18], homem de boa vida e bacharel em canones, começara lá de pregar e que eram convertidos bem 60 000, digo LX. Louvores a Nosso Senhor que nos trouxe a tal tempo.

7. Eu mandei a carta a Mestre Simam Rodriguez, que partio daqui com 6 outros pera irem a Jerusalem. Elle e seus companheiros fazem grandissimo fructo em Italia, e tal que temos cartas de Roma que o Papa mandou chamar 2 delles a Roma. Outros 2 estam em Millam, 2 em Bollonha la Grassa, e hum outro com certos outros italianos que se com elles ajuntarom estam em Ferrara [19]. Ora, porque sua tençam era, quando daqui partirom, vai em 2 anos, de irem a Jerusalem nom soo polla romaria, mas pera verem se podiam converter mouros, e nom poderom passar por ha armada do Turquo, fiquarom em Italia onde lhe fazem muito gassalhado e esmola. O principal delles hé hum Mestre Pedro Fabro, homem docto e de mui grande vida, e hum outro Inigo, castelhano [20]. Se estes homens se podes-

---

16 Malabares.

17 Miguel Vaz Coutinho: «Lá vay Migel Vaz, vigario geral que desta[s] partes da Imdia foy, homem muyto zeloso do serviço de Deus. Vê-lo-eis, e por sua sancta conversação e zelo que da homrra de Christo tem, conhecereis a valia da pessoa». Carta de Francisco Xavier a Simão Rodrigues, de Cochim, 27 de Janeiro de 1545. SCHURHAMMER-WICKI, *Epp. Xav.* I 282.

18 Francisco de Melo, mestre do Príncipe, depois Rei D. João III. Foi o primeiro bispo eleito para a nova diocese de Goa, na Índia, mas antes de receber a bula, faleceu em Évora no ano de 1535. B. MACHADO II 181.

19 «Não eram de todo exactas as noticias que mandaram de Roma a Gouveia. Ao tempo que elle escrevia a D. João III, andavam Ignacio e seus companheiros deste modo distribuidos pelas cidades de Italia: em Roma, Ignacio, Fabro e Laynes; em Sena, Salmeirão e Broet; em Bolonha, Xavier e Bobadilha, que também trabalhou em Ferrara; em Padua, Codure e Hoces; em Ferrara, Jaio; e Simão Rodrigues, primeiro em Ferrara e depois em Padua». FRANCISCO RODRIGUES, *O Dr. Gouveia, loc. cit.* 271.

20 Ínigo ou Inácio de Loyola, foi o primeiro na fundação da Companhia, não foi porém nela o primeiro sacerdote; e desde 1534 existia

sem aver por irem à India, seria hum bem inextimavel; e Mestre Simam foi criado do Bispo Adaiam [21] e hé irmam de outro bolseiro, chamado Mestre Sebastiam [22], que hé hum dos que cada domingo recebem nos Cartuxos [23]. Sam homens propios pera esta obra. E se V. A. deseja de fazer o que sempre mostrou, crea que nom podia nem a pidir de boca achar homens mais autos pera converter toda a Índia. Elles sam todos sacerdotes e de muito exempro e letrados e nom demandam nada.

8. Por amor de Nosso Senhor que spreva ao consul da nossa naçam, que está em Veneza [24], e a quem por V. A. faz os negocios em Roma [25] que lhe falle, porque vendo elles carta de V. A. tanto mais se moveram. Sprevendo ao Mestre Simam Rodriguez e ò Mestre Pedro Fabro e ao Ignigo abastará, porque estes 3 moveram os outros. Isto nom hé cousa pera se poer em trespasso, porque se elles podem

único Padre entre todos Pedro Fabro. Assim se explica o modo de falar do autor da carta, referindo-se aos seus antigos discípulos aqui e noutro passo mais abaixo na ordem com que os nomeia: Simão Rodrigues, como patrício, com quem mantinha correspondência: Fabro, como sacerdote que tinha no grupo a principal categoria eclesiástica; e Ínigo, porque era o mentor de todos.

21 O Adaião ou Deão da Capela Régia era Diogo Ortiz de Vilhegas, Bispo de S. Tomé (Àfrica) desde 1534, e depois de Ceuta (desde 1540). Faleceu em 1544.

22 Sebastião Rodrigues voltando à pátria foi médico ou Físico-mor dos reis de Portugal. No Colégio de Santa Bárbara morou Sebastião Rodrigues Sénior, doutor em Teologia e que testemunhou no Processo de Mestre João da Costa. BRANDÃO, *O Processo* 199; e cf. *ib.* 193, onde se diz «Senior». L. DE MATOS, *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550* 91-92, distingue dois doutores de nome Sebastião Rodrigues, ambos da diocese de Viseu («diocesis visensis»), como também era o próprio P. Mestre Simão Rodrigues.

23 Na Cartuxa de *Notre Dame des Champs*, a confessar-se e a comungar, eram recebidos cada domingo os clérigos reformados e outros estudantes pios. RODRIGUES, *Historia* I/I 61; SCHURHAMMER, *Franz Xaver* I 83.

24 Pero Carolo (*Quadro Elementar* XI [Lisboa] 1869 258).

25 O embaixador D. Pedro Mascarenhas. Cf. supra, Introdução Geral, cap. II art. 7.

este ano passar, parece-me que o faram. Eu lhes sprevi [26] já e antre as outras cousas lhe dizia como a lingoa na India era muito mais facil d'aprender e os corações más begninos e nom tam emperrados como os dos mouros. Nom quero disto mais dizer a V. A. por conhecer o desejo que disto tem, que hé muito maior do que eu saberei pintar nem persuadir.

[*Assuntos que não pertencem ao Brasil nem à Companhia de Jesus*].

9. Das novas do Coleg[i]o, Nosso Senhor seja louvado, está em tanto nome e tam cheo, que nom hahí mais que dizer [27], como o portador milhor poderá dizer, porque taes 3 lições nom has há em Paris, como sam as de Mestre Paio [28] e de Mestre Antonio Pino [29] e de Mestre Manuel Ceveira [30]. Sam 3 regentes que eu certifiquo a V. A. que

---

26 Como se vê, o Dr. Gouveia já tinha escrito aos da Companhia em data anterior à de 17 de Fevereiro de 1538; e, como observa Luís de Matos, todo este esforço, coroado de êxito, de Portugal para atrair a Companhia às suas Conquistas «en Afrique, aux Indes et au Brésil», era anterior à própria fundação oficial da Companhia (*Les Portugais à l'Université de Paris* 33).

27 O Colégio de Santa Bárbara, de que o Dr. Gouveia foi Reitor ou Principal e que ele dirigiu no seu próprio nome, alugando-o, quase 30 anos com grande esplendor das letras.

28 Mestre Paio Rodrigues de Vilarinho. Nasceu em Beja, foi Mestre de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra e faleceu nos arredores de Évora em 1580. B. MACHADO III 528-529; M. BRANDÃO, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes* 132 673.

29 António Pino é o famoso Dr. António Pinheiro, que voltando a Portugal foi Mestre dos moços fidalgos, pregador régio e Bispo de Miranda e de Leiria. Em 1557 escreveu-lhe do Brasil o P. Nóbrega; e em Portugal fundou o Colégio de Bragança da Companhia de Jesus. Faleceu em Lisboa em 1582. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2 857; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* XXI 740-741; L. DE MATOS, *Les Portugais à l'Université de Paris* 61 64; LEITE, *Cartas de Nóbrega* 82*.

30 Mestre Manuel Ceveira, isto é, Cerveira. M. BRANDÃO, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes* 132 673; RICARDO G.

nom devem nada a homem que em Paris estê do seu tempo, asi em letras, como em vida, como em número de discípulos.

[*De alguns alunos seus que nomeia e entraram em Institutos Religiosos*].

10. Outros hahí que eu sei que tambem estam pera, como forem mais introductos nas letras, se fazerem religiosos. Praza a elle, Deus eterno, que seja como eu spero que será, pera muito serviço de Deus e de V. A., cuja vida e stado Nosso Senhor acrecente como em meus sacrificios lhe peço.

Deste Paris, oje 17 de Fevereiro 538.

[*Pede o favor régio para um seu aluno Gaspar Colaço* [31]]

Criado de V. A.

Gouvea, doctor.

[*Endereço autógrafo:*] A El-Rei nosso senhor.

CARTAS PERDIDAS

1a. *Primeira carta do Dr. Diogo de Gouveia aos Padres da Companhia por meio do P. Simão Rodrigues, Roma.* (Antes de 17 de Fevereiro de 1538). Na carta a El-Rei desta data diz que escrevera antes a eles: «Eu lhes sprevi já, e antre as outras cousas lhe dizia como a lingoa na India era muito mais facil d'aprender...; eu mandei a carta a Mestre Simam Rodrigues» [carta 1, §§ 7-8]. Desta primeira carta deviam ter tratado os Padres na primeira reunião que tiveram em Roma pelos fins de Abril de 1538 (RODRIGUES, *História*, 1/1, 81; LEITE, *Cartas de Nóbrega* 9*-10*).

1b. *Segunda carta do Dr. Diogo de Gouveia aos Padres da Companhia* [?], *Roma.* (Antes de 23 de Novembro de 1538). Nesta data Pedro Fabro escreve de Roma ao Dr. Gouveia dizendo-lhe que há poucos dias recebera carta sua: «Paucis abhinc diebus huc adventavit nuntius tuus cum litteris tuis ad nos» [carta 2]. «É difficultoso de crer que só nos meados de novembro chegasse a Roma a carta que o doutor enviou de Paris antes do dia 17 de fevereiro; por isso suppomos que lhes escreveu de novo», RODRIGUES, *O Dr. Gouveia, loc. cit.*, 272; cf. id., *História* 1/1, 221.

VILLOSLADA, *La Universidad de Paris durante los estudios de Francisco de Vitoria, 1507-1522* (Roma 1938) 415.

31 Cf. L. DE MATOS, *Les Portugais à l'Université de Paris* 76 78.

2

DO P. PEDRO FABRO E COMPANHEIROS AO DR. DIOGO DE GOUVEIA, PARIS

ROMA 23 DE NOVEMBRO DE 1538

I. **Bibliografia:** STREIT IV 119 n. 419.

II. **Autores:** RODRIGUES, *História* I/1 222; DALMASES, *Fontes Narrativi* I 228; LEITE, *Cartas de Nóbrega* 10*-11*.

III. **Texto:** Único. Lisboa, Bibl. da Ajuda 49-IX-36, ff. 79-90. Cópia latina. Por outra letra: «Trelado da carta que escreveram os clerigos que estam em Roma a Mestre Diogo de Gouvea».

IV. **Impressão:** CROS, *St. François Xavier* I (Toulouse 1900) 150-152; MI *Epp.* I 132-134; e cf. *Fabri Mon.* 14.

V. **Edição:** Reimprime-se o texto de MI, no que se refere às missões.

Textus

1. P. Petrus Faber Doctori Gouveia respondet se et socios ad indicam expeditionem esse paratos, sed cum Pontifice rem transigendam prius esse.

+

Jesus

Gracia Domini nostri Iesu Christi et pax sit cum omnibus.

1. Paucis abhinc diebus huc adventavit nuncius tuus cum literis tuis ad nos. Ex ipso itaque didicimus ea, quae circa te sunt, ex llitteris autem intelleximus optimam tuam de nobis memoriam simulque illud tuum desiderium, quo sitis salutem earum animarum, quae apud indianos vestros

sunt, in messem albescentes. Utinam nos queamus tibi satisfacere, immo vero etiam animis nostris eadem atque tu zelantibus; verum nonnihil impraesentiarum obstat quominus possimus respondere multorum desiderii[s], nedum tuis. Hoc intelliges ex his, quae nunc subiicio. Nos, quotquot sumus ad invicem in hac Societate colligati, devovimus nosmetipsos Summo Pontifici, quatenus ipse est dominus universae messis Christi; in qua quidem oblacione ei significavimus, nos esse paratos ad cuncta, quae ipse de nobis iudicarit in Christo; siquidem igitur ipse illuc nos miserit, quo tu vocas, ibimus gaudentes. Causa autem quare hoc pacto nos subiecimus eius iudicio ac voluntati fuit, quod sciamus penes ipsum maiorem [esse] cognicionem eorum, quae expediant universo christianismo.

Non defuerunt aliqui, qui iam pridem nixi fuerunt efficere ut mitteret nos ad eos indianos, qui acquiruntur in dies ipsi imperatori per hispanos; unde pro hac re fuerant interpellati prae ceteris quidam episcopus hispanus et legatus inperatoris; sed ipsi persenserunt voluntatem Summi Pontificis non esse in eo, ut nos hinc recederemus, quod etiam Rome sit messis multa. Ipsa sane locorum distancia non terret nos, neque lingue discendae labor: tantum fiat id, quod maxime Christo placeat; roga igitur ipsum pro nobis ut nos eficiat ministros suos in verbo vite. Quamvis etenim non simus suficientes ex nobis quasi ex nobis, speramus tamen in eius abundancia atque diviciis.

[*De rebus Romae quae ad Missiones non spectant*].

Ex urbe Roma die xxiii Novembris anni 1538.
Tui in Domino,

Petrus Faber et ceteri eius socii ac fratres.

[*Alia manu loco inscriptionis:*] Trelado da carta que escreveram os clerigos que estam em Roma a Mestre Diogo de Gouvea.

TRADUÇÃO PORTUGUESA

+

Jesus

1. A graça e a paz de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos.

Há poucos dias [1] chegou aqui o vosso [2] portador com a vossa carta para nós. Por ele soubemos notícias de vós, e pela carta vimos a óptima lembrança que de nós conservais, e ao mesmo tempo quanto desejais a salvação das almas dos vossos Indianos, que já loirejam para a messe. Oxalá possamos fazer-vos a vontade, e também fazê-la às nossas almas que ardentemente desejam o mesmo que vós: uma coisa, porém, obsta agora a que possamos corresponder aos desejos de muitos e não menos aos vossos. Entendereis do que se trata pelo que vou agora dizer: Todos nós, os que estamos mutuamente ligados nesta Companhia nos pusemos à disposição do Sumo Pontífice, como a senhor de toda a messe de Cristo [3]; e com essa entrega mostrámos-lhe que estamos preparados para tudo quanto ele decidir de nós em Cristo; se, portanto, ele nos mandar para onde nos chamais, iremos com gosto; e a causa por que assim nos sujeitamos ao seu parecer e vontade, foi sabermos que ele possui maior conhecimento do que convém a toda a Cristandade.

Não faltou há tempos quem procurasse conseguir que ele nos mandasse para os Índios, que os espanhóis vão sujeitando ao Imperador; para o conseguir, falaram primeiro a um Bispo espanhol e ao Embaixador imperial [4]; mas estes notaram que a vontade do Sumo Pontífice não

---

1 Cf. supra, *Cartas perdidas,* 1b.

2 *Tuus* em latim; mas Fabro usava *vós, vossos,* quando escrevia em vernáculo (*Fabri Mon.* 1588). O que dá a norma para a tradução.

3 Pelo voto de Montmartre de 15 de Agosto de 1534. RODRIGUES, *História* I/I 57-58; LEITE I 5; e cf. «Formula do Instituto», *ib.* 6-7.

4 O Embaixador de Carlos V era Fernández de Aguilar, Marquês de Aguilar (ZUBILLAGA, *Mon. Florida* 15*). Mas não existe documento algum sobre qualquer pedido oficial da parte de Espanha. E Polanco no sumário deste tempo só fala do pedido do Rei de Portugal e de como foi aceito. DALMASES, *Fontes Narrativi* I 228.

era que saíssemos daqui, porque também em Roma a messe é grande. Não são as distâncias que nos metem medo nem o trabalho de aprender línguas: rogai-lhe, portanto, por nós, para que nos faça seus ministros na palavra da vida [5]; pois, ainda que não sejamos suficientes de nós como de nós [6], esperamos todavia na sua abundância e riquezas.

[*Assuntos de Roma que não se referem às Missões*]

Da cidade de Roma, dia 23 de Novembro do ano de 1538.
Vosso no Senhor,

Pedro Fabro e os outros seus companheiros e irmãos.

3

DE D. JOÃO III REI DE PORTUGAL A D. PEDRO MASCARENHAS, ROMA

[LISBOA 4 DE AGOSTO DE 1539]

I. **Bibliografia:** SCHURHAMMER, *Quellen* 396; STREIT IV 119 n. 421.

II. **Texto:** Único. Lisboa, Biblioteca da Ajuda 49-IX-36, ff. 75r-76r. Minuta em português. [*Outra letra:*] «Pera Dom Pedro».

III. **Lugar e data:** Por se tratar de minuta não se exprimem. Todavia, a 8 de Setembro de 1539, D. Pedro Mascarenhas dá conta das cartas régias recebidas de Lisboa, escritas a 4 de Agosto: «As mynhas cartas [as que o Rei me escreveu] são todas feitas a quatro d'Agosto [...]. A quynta hé per que me manda que me emforme das pessoas, vidas e lettras destes creliguos reformados vimdos de Parys; e assy do que a elles diga da parte de Vossa Alteza, e ao Papa sendo neceçaryo» (*Corpo Diplomatico Portugues. Relações com a Curia Romana* IV 109 110).

IV. **Impressão:** *Corpo Diplomatico Portugues* IV (1870) 104-105; MI *Epp.* I 737-739; RODRIGUES, *História* I/1 223-224; WICKI, DI I 752-754; SCHURHAMMER, *Frans Xaver* I (1955) 521-522 (tradução alemã).

V. **Edição:** Reimprime-se o texto de Ajuda.

---

5 Cf. Eph. 5, 26.
6 Cf. II Cor. 3, 5.

Textus

1. Intentio principalis Regis Portugaliae est conversio infidelium ad fidem catholicam tum in India quam in aliis regionibus sui imperii. — 2. Cognovit ex epistola Doctoris Gouveia clericos reformatos Romae degentes ad illam conversionem idoneos esse. — 3 Quaerat legatus utrum revera ita sit, eos invitet eisque ministret quidquid ad missionem opus fuerit.

Dom Pedro Mazcarenhas amigo. Eu El-Rei, etc.

1. Porque o principal intento, como sabeys, asy meu como d'El-Rey meu senhor e padre, que santa gloria aja [1], na impresa da India e em todas as outras conquistas [2] que eu tenho, e se sempre mateveram com tantos perigos e trabalhos e despesas, foy sempre o acrecentamento de nossa santa fé catholica, e por este se sofre tudo de tam boa vontade, eu sempre trabalhey por haver letrados e homens de bem em todas as partes que senhoreo, que principalmente fação este officio, asy de pregação como de todo outro ensino necessario aos que novamente se convertem à fee. E graças a Nosso Senhor, ategora hé nisto tanto aproveitado, e vay o bem em tanto crecimento, que, asy como me hé muy craro sinal que a obra hé aceita a Nosso Senhor, sem cuja graça espicial seria impossivel fazer-se tamanho fruto, asy me parece que me obriga a nam somente a continuar com todo cuydado, mas ainda, asy como crece a obra, asy acrecentar no numero dos obreiros.

---

13 bem *del.* nest

---

1 D. Manuel I, Rei de Portugal, falecido no dia 13 de Dezembro de 1521. DAMIÃO DE GÓIS, *Chronica de El-Rei D. Manuel*, P. IV, cap. LXXXIII; F. DE ALMEIDA, *História de Portugal* II 295.

2 Dá-se, nesta frase, toda a amplidão dos intentos missionários dos Reis de Portugal.

2. E porque agora eu fuy informado per carta de Mestre Diogo de Gouvea [3], que de Paris erão partidos [75v] certos clerigos letrados e homens de boa vida, os quays por serviço de Deus tinhão prometido proveza, e somente viverem polas esmolas dos fieys christãos a que andam pregando por onde quer que vão e fazem muito fruyto; e segundo agora tambem vy por huuma carta sua delles [4] que escreveram ao mesmo Mestre Diogo a Paris e ma mandou, e o trelado vos vay com esta, elles aos xxiii de Novembro eram nessa corte, segundo a carta diz, detydos então polo Papa pera lhes ordenar o que havia por seu serviço que elles fizessem; e sua tenção, segundo se vee por esta carta hé converter infieys; e dizem que, aprazendo ao Santo Padre, a quem se são offrecidos, e sem cujo mandado nam ham-de fazer nada, que elles yram à India.

3. E porque me parece, sendo elles destas calidades e desta tenção, que lá fariam mui grande serviço a Nosso Senhor, e aproveitariam muito nas cousas da fee, asy pera ensino e confirmação dos que a já tem recebida, como pera trazer outros a ella: vos encomendo muito que, [76r] tanto que esta carta receberdes, trabalheis por saber que homens estes são, e onde estão e de sua vida e costumes e letras e preposito; e sendo estes, lhes faleis se ahy estiverem; e sendo absentes, lhe escrevays e façais que elles queirão vir a mym, porque certo, se seu preposito hé esse de acrecentar e aproveitar à fé, e servir a Deus pregando, e com exempro de suas vidas, nam pode haver parte onde lhes estê mais aparelhado poderem-no fazer e comprir seus desejos, que em minhas conquistas [5], onde seram sempre

---

20 Gouvea *del.* de França || 26 Mestre *del.* dig | Paris *del.* elles || 29 pera *del.* seu serviço || 38 outros *del.* a isso || 41 ahy estiverem *sup.*; *prius* se b ahy || 45 lhes *sup.* || 47 onde *del.* e

---

3 Carta 1.

4 Carta 2.

5 De novo os termos gerais do campo missionário: «minhas conquistas».

tratados de maneira, que lhe seja ainda dobrada ajuda e azo pera milhor servir a Deus.

E sendo necessario licença do Santo Padre, ou ainda mandado pera ysso, vós lhe supricai de minha parte que lha queyra dar e mandar-lho, dando-lhe esta informação que ante elle e suas grandes virtudes e santissimo zelo deve de valer muito pera conceder essa graça de mui boa vontade.

E assentado vós com elles que queiram vir ou por terra ou por mar, como milhor [76v] vos parecer e se elles mais contentarem, lhe dareis todo aviamento e toda maneira de seu gasto pera o caminho em toda abastança.

E haverei por meu serviço vir huuma pessoa vossa com elles pera os guiar e acompanhar, porque venham o mays cedo que seja possivel. Tomai disto espicial cuidado que o receberei de vós em serviço.

Escrita [6]

4

DE D. PEDRO MASCARENHAS A D. JOÃO III REI DE PORTUGAL

ROMA 10 DE MARÇO DE 1540

I. **Bibliografia:** SCHURHAMMER, *Quellen* 487; STREIT IV 119 n. 422; STREIT-DINDINGER XV 351 n. 1051.

II. **Autores:** POLANCO I 86; ORLANDINI 85; RODRIGUES, *História* I/I 227.

---

49 e azo *sup.* ' pera *del.* ser || 59 em toda abastança *postea add. sup.* || 61 porque *del.* possam vir.

---

6 Incompleta, porque é minuta, a que se acrescentaria depois a cláusula habitual da secretaria, a data e a assinatura.

III. **Texto:** Único. Lisboa, Biblioteca da Ajuda 49-IX-36, ff. 215r-220r. Original português.

IV. **Impressão:** *Corpo Diplomatico Portuguez* IV 285-295; MI *Epp.* I 739-741.

V. **História da impressão:** O *Corpo Diplomatico* imprime todo o documento, excepto as indicações arquivísticas do fim; MI só o que interessava à Companhia, mas traz aquelas indicações.

VI. **Edição:** Reimprime-se do *Corpo Diplomatico* o que se refere ao nosso assunto, acrescentado das indicações arquivísticas finais de MI.

Textus

1. *Legatus Portugaliae epistolas a rege et a Doctore Gouveia accepit; locutus est clericis reformatis, obtinuitque duos, lusitanum unum, castellanum alterum, quibus tertius sese adiunxit italus.*

Senhor

1. Esta hé pera que Vossa Alteza sayba as bullas e breves, que este correo leva das expidições que à sua partida são acabadas, e veja as copias que per este mamdo das soprycações que ficam asynadas; e pera que Vossa Alteza emtemda o termo em que os negoceos ficam, asy o que se delles comcede como o que se nega, pera de tudo mandar cá escrever o que ouver por mais seu servyço.

[*Assuntos portugueses na Cúria Romana que não pertencem às Missões*].

Quanto, Senhor, aos crelyguos reformados, que aquy sam vimdos de Parys, sobre que me Vossa Alteza escreveo e mandou huma carta de Mestre Dioguo de Gouveia [1], eu me enformey bem de quem elles são; e por achar haver nelles

1 Carta 1.

todallas calidades, que comvem ao efeicto pera que os Vossa Alteza quer, lhe faley loguo de sua parte. Respomderam-me que nam tinham querer, por em espiciall o terem remetido ao Papa, per seu voto, e estavam prestes pera irem omde os elle mandase, aimda que fosse mais lomje que a Imdia.

Com ysto faley ao Papa [2], dizemdo-lhe a tençam de Vossa Alteza, e suprycando-lhe da sua parte que, se estes crelyguos eram taes como comprya ao efeyto pera que os Vossa Alteza queria, e pera que Nosso Senhor podese ser servydo deles com a edificaçam daqueles povos, que novamente eram vimdos a nosa samta fee, Sua Santidade mamdasse a Vossa Alteza dous pares delles; e que quantos mais lhe mandase mais mercê lhe farya, pollos muytos e deversos lugares omde se podiam empregar em servyço de Nosso Senhor.

Sua Santidade louvou muyto a temção de Vossa Alteza e seu samto pytitoryo, e me disse myl beens destes crelyguos, de letrados e vertuosos, e dos beens que faziam com suas pregações e samtos emxercicios em que se acupavão, e que lhes pareciam muy autos pera a ystruçam daqueles que novamente vinham à fee; mas que pera jornada tam larga e pyrygosa havia mester que elles a tomasem volunrya: por iso que os rogase eu, e que depois elle lho mandarya. E nysto houve pouquo trabalho com elles, porque com muyto comtentamento acceitaram a jornada, e Sua Santidade asy lho mandou. Mas no numero nam me poderam dar mais de dous, por ao presente nom estarem em Roma senam seis, dos quaes manda ho Papa outros dous a Ibernya [3], que hé além d'Escorcia, por algumas eresyas que naquela ilha há. E dos que me deram hum hé português [4], que das letras e vertudes nam lhe fazem vemtaja

---

2 Paulo III (Farnésio).

3 Foram os Padres Pascásio Broet e Alfonso de Salmerón (*Synopsis Historiae S. I.* 22).

4 Mestre Simão Rodrigues. A este reteve-o D. João III, para que em vez de ser ele missionário, organizasse em Portugal os estudos e vocações missionárias. E assim fundou o Colégio de Coimbra e esta-

na Companhia, e por ser da propia nação e vassallo de Vossa Alteza o estimey mais; o outro hé castelhano [5]. Ho português veo agora de Sena, omde esteve reformando hum moisteiro de molheres por mandado do Papa, e de lá veo quartanayro. E por esta causa de sua imdesposyçam, de que, Deos seya louvado, já está mylhor, o mandey por maar em companhia de meus cryados e fato, e que o levasem a mynha casa até que Vossa Alteza delle ordene o que for servydo [6]. Com este vay outro crelyguo ytalyano [7], que trabalha de fazer a mesma profiçam. Ho outro castelhano levarey comygo por terra. A mais enformação destes crelyguos e maneira de sua vida direy por mym a Vossa Alteza.

[*Assuntos na Cúria que não pertencem às Missões*]

Nosso Senhor per muytos annos tenha em sua espicial guarda a vida e real pessoa de Vossa Alteza, com tamto acrecentamento de sua reall coroa quamto Vossa Alteza deseya.

De Roma aos dez de Março de 1540.

Dom Pedro Mazcarenhas.

[*Endereço autógrafo:*] + A El Rey nosso senhor: sobre as espidições que leva o correio.

---

beleceu a Companhia em Portugal da qual foi primeiro Provincial em 1546. E, como tal, Superior de todas as missões das Conquistas de Portugal, incluindo a Índia até 1549 em que Francisco Xavier foi feito Provincial, e incluindo o Brasil até 1552, ano em que Simão Rodrigues deixou o cargo.

5 Nicolau Alfonso de Bobadilla. Mas este foi substituído pouco depois por Francisco Xavier, que de facto seguiu para Portugal e daí para a Índia em 1541.

6 «E por ordem particular, que o Padre [Simão Rodrigues] trazia do Embaixador D. Pedro Mascarenhas, se retirou à sua quinta da Palma (que hoje he villa titular dos Mascarenhas Condes da Palma & então era fazenda do mesmo embaixador, & está situada entre a villa de Setuval e a de Alcácere do Sal) pera nella convalecer da quartãa». TELES, *Chronica* I 17.

7 Paulo, de Camerino, que também foi com Xavier para a Índia.

[*Outra letra:*] 1540. De Dom Pedro Mazcarenhas de x de Março, de Roma. Recebida ao primeiro d'Abril em Lisboa por Silva.

70 [*Selo bem conservado*]

5

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

BAÍA [10? DE ABRIL] 1549

I. **Bibliografia:** B. MACHADO III 319; INOCÊNCIO-BRITO ARANHA XVI 414; *Catalogo dos Manuscriptos* I 16; *Cimélios* 491; SOMMERVOGEL V 1781 n. 1; STREIT II 331 n. 1201; LEITE IX 4 n. 2.

II. **Autores:** FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 166; LEITE I 19 20 80; II 269 515; VII 146; IX 416; *Breve Itinerário* 52-53; MARIZ 46; NEMÉSIO 223; LUÍS DE PINA 20.

III. **Texto:** Único. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 1r-2r. Título (f. 1-r): «Carta que ho Padre Manuel da Nobrega proposito provincial da Companhia de Jesu no Brasil escreveo ao P. Mestre Simão ho anno de 1549». Outra letra, no fim: «No mez de Abril». Apógrafo português coevo.

IV. **Destinatário:** O P. Mestre Simão Rodrigues, Provincial de Portugal.

V. **Data:** É a primeira carta de Nóbrega escrita do Brasil poucos dias depois de chegar a 29 de Março de 1549, e pouco antes da carta seguinte de 15 de Abril de 1549, que a ela se refere. Nóbrega era então apenas Superior da Missão do Brasil, mas a cópia existente foi feita já depois da Missão ser elevada a Província (1553), o que explica o título da carta.

VI. **Impressão:** FRANCO, *Imagem de Coimbra* II (1719) 166; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* V (1843) 429-433 (3.ª ed. [1886] 457-460); INOCÊNCIO, *Chronica* de Vasconcelos II (1865) 289-292; VALE CABRAL (1886) 47-51; (1931) 71-76; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 17-25.

VII. **História da Impressão:** A *Imagem de Coimbra* imprime só parte da carta; os mais na íntegra.

VIII. **Edição:** Reimprime-se o texto único já hoje em parte ilegível no manuscrito; supre-se [entre cancelos] com a impressão feita por Vale Cabral.

Textus

1. Patris Emmanuelis da Nóbrega cum sociis in Brasiliam adventus. — 2. Nóbrega missam celebrat et Fratres renovant vota. — 3. Ipse agit ministeria cum lusitanis, P. Navarrus cum aliis in terra degentibus. — 4. Fr. Vincentius Rodrigues pueros docet. — 5. Indi recte disponuntur ad accipiendam fidem christianam. — 6. Religio et lingua Indorum. — 7. Indus principalis iam christianus. — 8. Indumenta ad Indos vestiendos. — 9. Necesse est ut e Portugalia veniant quam plurimi Patres. — 10. P. Leonardus Nunes cum Fr. Jácome mittitur Portum Securum. — 11. Alii S. I. permanent Bahiae. — 12. Oportet ut e Portugalia veniat Vicarius Generalis. — 13. Terra salubris est. — 14. Insistit ut veniant Patres. — 15. Gubernator Thoma de Sousa electus a Deo. — 16. Postulat benedictionem Provincialis Portugaliae.

A graça e amor de N. Senhor Jesu Christo seja sempre em nosso favor e ajuda. Amen.

1. Somente darey conta a V. R. de nossa chegada a esta terra, e do que nella fizemos e esperamos fazer em ho Senhor Nosso, deixando os fervores de nossa prospera viagem aos Irmãos [1] que mais em particular a notaram.

Chegamos a esta Baya a 29 dias do mes de Março de 1549. Andamos na viagem oito somanas. Achamos a terra de paz e quarenta ou cinquenta moradores na povoação [2] que antes era. Receberam-nos com grande alegria; e achamos

1 Com Nóbrega chegaram ao Brasil os Padres António Pires, Leonardo Nunes e João de Azpilcueta (que é o que nesta carta e em muitas outras se diz simplesmente Padre Navarro), e os Irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jácome. Foram na armada do primeiro Governador Geral do Brasil Tomé de Sousa, que saiu de Lisboa a 1 de Fevereiro de 1549. LEITE I 18-19 560.

2 Vila Velha ou Povoação de Pereira, fundada pelo primeiro Donatário da Baía, Francisco *Pereira* Coutinho em 1536. *Documentos Históricos* 14 (1929) 181; LEITE I 20; CALMON, *História da Fundação da Bahia* 90.

huma maneira de igreja [3], junto da qual logo nos apousentamos hos Padres e Irmãos em humas casas a par della, que nam foy pouca consolação para nós, para dizermos missas e confessarmos; e nisso nos ocupamos agora. Cofessa-se toda haa gente da armada, digo a que vinha nos outros navios, porque os nossos determinamos de hos confessar na nao.

2. Ho primeiro domingo que dissemos missa foy a 4.ª dominga da Quadragessima [4]. Disse eu missa cedo e todos os Padres e Irmãos confirmamos os votos que tinhamos feitos e outros de novo com muita devação e conhecimento de N. Senhor, segundo pelo exterior hé licito conhecer.

3. Eu prego ao Governador e à sua gente na nova cidade [5] que se começa, e o P.e Navarro à gente da terra [6]. Spero em N. Senhor fazer-se fruito, posto que a gente da terra vive toda em peccado mortal, e nom há nenhum que deixe de ter muytas negras [7] das quaes estão cheos de filhos, e hé grande mal. Nenhum delles se vem confessar ainda; queira N. Senhor que ho fação despois.

4. Ho Irmão Vicente Rijo [8] insina ha doctrina aos mininos cada dia, e tambem tem escola de ler e escrever; pare-

---

3 Esta «maneira de igreja» ou ermida foi a primeira origem da Igreja da Graça. LEITE I 20; II 312; CALMON, *História da Fundação da Bahia* 101; VAN DER VAT, *Princípios* 296.

4 31 de Março de 1549.

5 Cidade do Salvador da Baía de Todos os Santos, que umas vezes se diz Salvador, outras simplesmente Baía, como se vê no fim desta carta.

6 Esta «gente da terra» eram os portugueses e seus filhos, que já viviam nela à chegada da expedição. Navarro ainda não sabia, nem podia saber, a língua da terra (tupi) para poder pregar aos Índios. LEITE I 20.

7 «Negras» isto é, mulheres índias. Negras nem negros da África ainda os não havia na Baía. Poucas linhas abaixo nomeiam-se os «Índios desta terra».

8 Vicente Rijo, que daí a pouco começou a chamar-se Vicente Rodrigues, talvez outro dos seus sobrenomes. Por esta carta, o mais antigo texto em que se fala de *Escola de ler e escrever,* se constitui Vicente Rodrigues «primeiro Mestre-Escola do Brasil». LEITE, *Vicente*

ce-me bom modo este para trazer hos Indios desta terra, hos quaes tem grandes desejos de aprender e, preguntados se querem, mostraõ grandes desejos.

5. Desta maneira ir-lhe-ey insinando as orações e doc- trinando-os na fé até serem habiles [9] para o baptismo. Todos estes que tratam comnosco, dizem que querem ser como nós, senão que nom tem com que se cubrão como nós, e este soo inconveniente tem. Se [10] ouvem tanger à missa, já acodem, e quanto nos vem fazer, tudo fazem: assentão-se de giolhos, batem nos peitos, alevantão as mãos ao ceo; e já hum dos principaes delles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado, e em dous dias soube ho A B C todo, e ho insinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser christão e nom comer carne humana, nem ter mais de huma molher e outras cousas; soomente que há-de ir à guerra e os que cativar vendê-los e servir-se delles, porque estes desta terra sempre tem guerra com outros e asi andão todos em discordia. Comem-se huns a outros, digo hos contrarios.

6. Hé gente que nenhum conhecimento tem de Deus [11], nem idolos [12], fazem tudo quanto lhe dizem. Trabalhamos

---

52 nem] tem *ms.*

Rodrigues primeiro Mestre-Escola do Brasil, 1528-1600, in *Brotéria* 52 (1951) 288-300; E. DE SOUZA CAMPOS, *História da Universidade de São Paulo,* 16-17.

9 «Hábiles» por «hábeis» ainda hoje é forma popular no Minho e na Beira Litoral, ao menos na região de S. João da Madeira.

10 «Se». Nem Nóbrega nem nenhum dos outros Padres seus companheiros ou discípulos, escrevendo em português, usaram *si,* como se lê em transcrições modernas das suas cartas, induzindo muitos leitores a crer que assim escreviam os primeiros e venerandos mestres do Brasil.

11 Deus toma-o Nóbrega aqui no sentido culto: os Índios não têm doutrina escrita («conhecimentos») nem monumentos arquitectónicos que atestem visìvelmente esse conhecimento. Mas à «cabana sagrada» já se refere Nóbrega na «Informação das Terras do Brasil» [Agosto 1549 § 3].

12 Acostumado às narrações do Oriente onde os Missionários acharam grandiosos templos povoados de ídolos, Nóbrega não considerou nunca verdadeiros ídolos os maracás e outros objectos indí-

de saber a lingua delles e nisto ho P.e Navarro nos leva avantagem a todos. Temos determinado ir viver com as Aldeas como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingoa, e i-los doctrinando pouco a pouco. Trabalhey por tirar em sua lingoa as orações e algumas pratic[as de] N. Senhor, e nom posso achar lingoa que mo saiba dizer, porque sam elles tam brutos que [nem vocabulos tem][13]. Spero de as tirar o melhor que poder com hum homem que nesta terra se criou de moço[14], ho qual agora anda muy occupado em o que ho Governador lhe manda e nom está aqui. Este homem com hum seu genrro[15] hé ho que mais confirma as pazes com esta gente, por serem elles seus amigos antigos.

7. Tambem achamos hum Principal delles já christão baptizado[16], ho qual me disserão que muitas vezes ho

---

genas. E no «Diálogo sobre a conversão do Gentio», mantém o seu conceito, referindo a ideia de Deus não a esses objectos, mas ao trovão. Ao contrapor a religião dos Índios à dos pagãos, dá vários exemplos e conclui: «Os romanos, os gregos, e todos os outros gentios, pintão e tem inda por deus a hum ídolo, a huma vaqua, a hum galo; estes tem que há deus e dizem que hé o trovão, porque hé cousa que elles acham mais temerosa, e nisto tem mais rezão que os que adorão as rãas ou os galos» (*Diálogo sobre a Conversão do Gentio*, 64 92; *Cartas de Nóbrega* [1955] 238).

13 «Nem vocabulos tem» para exprimir os conceitos religiosos cristãos, de que se trata. Cf. infra «Informação das Terras do Brasil» [1549] §§ 3 e 8. O que no texto aparece entre cancelos, aqui e noutros lugares, já está ilegível no *ms.* e supre-se pela edição de Vale Cabral, como se disse na introdução a esta carta.

14 Diogo Álvares «Caramuru», cf. Carta do fim de Julho de 1552 § 2. Diogo Álvares, desde o primeiro contacto, manteve-se sempre bom e fiel amigo de Nóbrega, que dele escreve em 1558 pouco depois do seu falecimento: «Diogo Álvares Caramelu, o mais nomeado homem desta terra, o qual, por nos ter muito crédito e amor, nos deixou a metade da sua terça» (*Novas Cartas Jesuíticas* 84). Como se sabe, é esta famosa e lendária personagem quem dá o título ao poema de Santa Rita Durão, cuja primeira edição é de 1781 (Lisboa): «*Caramuru*, poema épico do descobrimento da Bahia». Cf. LEITE, *Breve Itinerário* 54-56.

15 Paulo Dias, ao que parece. Sobre este e outros genros do «Caramuru», cf. CALMON, *História da Fundação da Bahia* 91-92.

16 Cf. Carta de 15 de Abril de 1549 § 2.

pedira, e por isso está mal com todos seus parentes. Hum dia, achando-me eu perto delle, deu huma bofetada grande a hum dos seus por lhe dizer mal de nós, ou outra cousa semelhante. Anda muito fervente e grande nosso amigo; demos-lhe hum barrete vermelho[17] que nos ficou do mar e humas calças. Traz-nos peixe e outras cousas da terra com grande amor. Nom tem ainda noticia de nossa fé, insinamos-lha; madruga muyto cedo a tomar lição e depois vay aos moços a ajudá-los às obras. Este diz que fará christãos a seus irmãos e molher e quantos poder. Spero em ho Senhor que este há-de ser hum grande me[i]o e exemplo para todos os outros, hos quaes lhe vão já tendo grande enveja por verem hos mimos e favores que lhes fazemos. Um dia comeo comnosco à mesa perante X ou XII ou mais dos seus, os quaes se espantarão do favor que lhe davamos.

8. Parece-me que nom podemos deixar de dar a roupa que trouxemos a estes que querem ser christãos, repartindo-lha até ficarmos todos iguaes com elles, ao menos, por nom escandalizar aos meus Irmãos de Coimbra, se souberem que por falta de algumas siroulas deixa huma alma de ser christãa e conhecer a seu Criador e Senhor e dar-lhe gloria. Ego, Pater mi, in tanto positus igne charitatis non cremor.

9. Certo ho Senhor quer ser conhecido destas gentes e communicar com elles hos thesouros dos merecimentos da sua paixão, sicut alioquin te audivi prophetantem. E portanto, mi Pater, compelle multas intrare naves et venire ad hanc quam plantat Dominus vineam suam[18]. Cá nom sam necessarias letras mais que para entre os christãos nos-

---

17 O barrete vermelho era peça comum usada pelos mareantes portugueses do século XVI. O primeiro presente dado por Nóbrega aos Índios da Baía foi exactamente igual ao dado por Nicolau Coelho aos Índios de Porto Seguro no descobrimento do Brasil em 1500: um «barrete vermelho» (cf. J. CORTESÃO, *A carta de Pero Vaz de Caminha*, 202).

18 Luc. 14, 15.

sos, porem virtude e zelo da honrra de Nosso Senhor hé cá muy necessario.

10. Ho P.e Leonardo Nunez mando aos Ilheos e Porto Seguro[19] a confessar aquella gente que tem nome de christãos, porque me disserão, de lá muytas miserias, e asi a saber o fruito que na terra se pode fazer. Elle escreverá a V. R. de lá largo. Leva por companheiro a Diogo Jacome para insinar a doctrina aos mininos, ho que elle sabe bem fazer; eu ho fiz já ensayar na nao, hé hum bom filho.

11. Nós todos tres[20] confessaremos esta gente, e depois spero que irá hum de nós a huma povoação grande, das mayores e melhores desta terra, que se chama Pernambuco[21], e asi em muytas partes apresentaremos e convidaremos com ho Crucificado. Este me parece agora a mayor empresa de todas, segundo vejo a gente docel[22], somente temo ho mao exemplo que o nosso christianismo lhes dá, porque há homens que há bij [7] e x annos que se nom confessão, e parece-me que poem a felecidade em ter muytas molheres.

12. Dos sacerdotes ouço cousas feas. Parece-me que devia V. R. de lembrar a S. A. hum vigairo geral, porque sey que mais moverá ho temor da justiça [que ho] amor do Senhor. E nom há oleos para ungir, nem para baptizar; faça[-os V. R. vir no] primeiro navio, e parece-me que os avia de trazer um Padre dos nossos. [2r] Tambem me parece que Mestre João[23] aproveitaria cá muito, porque a sua lingoa hé

---

19 Ilhéus e Porto Seguro, Capitanias a seguir à Baía, na direcção do Sul.

20 Padres Nóbrega, António Pires e Navarro.

21 Pernambuco, Capitania ao norte da Baía.

22 Dócel por dócil. Cabe aqui a mesma observação da nota 9.

23 Mestre João Bosch, catalão, mais conhecido por Mosén ou Misser Juan de Aragão «Capellão das Infantas de Castella Dona Maria Imperatriz, & Dona Joanna mãy del-Rey Dom Sebastião, foi recebido pelo Padre Pedro Fabro em Lovayna & dali mandado ter seu noviciado em Coimbra no anno de 1544 [...]. Era amparo de pobres, viuvas e necessitados [...]. Morreo em Lisboa na Caza de Santo Antão o Velho aos 2 de Março de 1553». FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 572.

semelhante a esta, e mais aproveitar-nos-emos cá da sua theologia.

13. A terra cá achamo-la boa e sam. Todos estamos de saude, Deus seja louvado, mais sãos do que partimos. As mais novas da terra e da nossa Cidade os Irmãos screveram largo, e eu tambem pollas naos quando partirem.

14. Crie V. R. muitos filhos para cá que todos são necessarios. Eu hum bem acho nesta terra, que nom ajudará pouco a permanecerem depois na fé, que hé ser a terra grossa, e todos tem bem ho que am mester, e a necessidade lhes nom fará perjuizo algum. Estão espantados de ver a majestade com que entramos e estamos, e temem-nos muyto, ho que tambem ajuda. Muito há que dizer desta terra, mas deixo-o ao commento dos charissimos Irmãos.

15. Ho Governador[24] hé escolhido de Deus para isto, faz tudo com muito tento e siso. Nosso Senhor ho conservará para reger este seu povo de Israel.

16. Tu autem, Pater, ora pro omnibus et presertim pro filiis quos enutristi[25]. Lance-nos a todos a benção de Christo Jesu dulcissimo.

Desta Baya, 1549.

Manuel da Nobrega.

6

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

BAÍA [15 DE ABRIL DE] 1549

I. **Bibliografia:** B. MACHADO III 319; INOCÊNCIO-BRITO ARANHA XVI 414; *Catalogo dos Manuscriptos* I 17; *Cimélios,* 491; SOMMERVOGEL V 1781 n. 2; STREIT II 332 n. 1202; LEITE, IX 4 n. 3.

---

24 Tomé de Sousa.

25 Tanto Nóbrega como os mais Jesuítas das três primeiras expedições (1549, 1550, 1553), tinham sido recebidos na Companhia pelo P. Mestre Simão Rodrigues, que deixou o cargo de Provincial em 1552.

II. **Autores**: FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 167; LEITE II 272 515; IX 416; *Breve Itinerário* 56.

III. **Texto**: Único. Bibioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, f. 2r-2v. Título (f. 2r): «Outra do Padre Nobrega para o P.e Mestre Simão do anno de 1549». Apógrafo coevo.

IV. **Impressão**: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* V (1843) 433 (3.ª ed. [1886] 451-462); INOCÊNCIO, *Chronica* de Vasconcelos (1865) II 300-301; VALE CABRAL (1886) 52-53; (1931) 77-78; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 25-28.

V. **Edição**: Reimprime-se o apógrafo.

Textus

1. Clerici boni mittendi sunt in Brasiliam, non mali. — 2. Conversio Indi principalis. — 3. Fabula S. Thomae sive Zomé de origine panis. — 4. Mirantur Indi de cultu divino christiano. — 5. Situs pro futuro Collegio aedificando. — 6. Vicarius Generalis mittendus est. — 7. Epistolae Fratrum in Portugaliam missae.

A graça e o amor de Christo N. Senhor seja sempre em nosso favor. Amen.

1. Depois de ter scripto a V. R., posto que brevemente segundo meus desejos, soccedeo nom se partir a caravela e deu-me lugar para fazer esta e tornar-lhe a encomendar as necessidades da terra e ho aparelho que tem para se muytos converterem. E certo hé muyto necessario aver homens qui quaerant Iesum Christum solum crucifixum [1]. Cá há clerigos, mas hé a escoria que de lá vem: omnes quaerunt quae sua sunt [2]. Non se devia consentir embarcar sacerdote sem ser sua vida muyto approvada, porque estes distruem quanto se edifica; sed mitte, Pater, filios tuos in Domino nutritos, Fratres meos, ut in omnem hanc terram exeat sonus eorum [3].

---

10 *Prius* devião

---

1 Marc. 16, 6.
2 Phil. 2, 21.
3 Ps. 185; Rom. 10, 18.

2. Homtem, que foy Domingo de Ramos [4], apresentey ao Governador hum para se baptizar depois de doctrinado [5], ho qual era o mayor contrario que hos christãos ategora teverão; recebeo[-o] com amor. Spero em N. Senhor de se fazer [2v] muyto fruito.

3. Tambem me contou pessoa fidedigna que as raizes [6] de que cá se faz ho pão, que S. Thomé as deu, porque cá nom tinhão pão nenhum. E isto se sabe da fama que anda entre elles, quia patres eorum nuntiaverunt eis. Estão daqui perto humas pisadas figuradas em huma rocha, que todos dizem serem suas. Como tevermos mais vagar, avemo-las de ir ver [7].

4. Estão estes Negros muy spantados de nossos officios divinos. Estão na igreja, sem lhes ninguem insinar, mais devotos que hos nossos christãos. Finalmente perdem-se à mingoa. Mitte igitur operarios quia iam satis alba est messis [8].

5. Ho Governador nos tem escolhido hum bom valle [9] para nós; parece-me que teremos agoa, e asi mo dizem

---

4 14 de Abril.

5 Na carta precedente Nóbrega fala de «hum Principal delles já christão baptizado» [Carta de cc. 10 de Abril de 1549 § 7], que supomos ser o Principal Simão; aqui fala de outro «para se baptizar depois de doctrinado», e este parece ser o velho pagé que recebeu o nome de Amaro, baptizado no dia da festa do Anjo (21 de Julho de 1549), pois neste dia se refere o seu baptismo. Até 10 de Agosto [§ 4] diz Nóbrega que já tinha baptizado cem pessoas pouco mais ou menos entre as que ofereciam alguma segurança. Nessa mesma carta de 10 de Agosto [§ 6] se fala já de quatro Aldeias, mas os seus principais ainda não eram baptizados, porque daí em diante deviam de ter uma só mulher, e eles estavam a fazer a escolha; esperava-se em todo o caso que o baptismo se fizesse em breve.

6 Destas raízes, a principal era a Mandioca (*Manihot utilissima*, POHL).

7 As pegadas chamadas de S. Tomé, Nóbrega já as tinha visto pessoalmente em Agosto seguinte, cf. «Informação das Terras do Brasil» § 9.

8 Ioan. 4, 35.

9 Cf. carta de 9 de Agosto de 1549 § 10.

todos. Aqui deviamos de fazer nosso valhacouto e daqui combater todas as outras partes.

6. Há cá muyta necessidad[e] de Vigairo Geral para que elle con temor e nós com amor procedendo, se busque a gloria do Senhor.

7. Ho mais verá pelas cartas dos Irmãos. Vale semper in Domino, mi Pater, et benedic nos omnes in Christo Iesu.

Da Baya, 1549.

Manuel da Nobrega.

CARTAS PERDIDAS

6a-e. *Dos Padres e Irmãos ao P. Simão Rodrigues, Lisboa* (Baía 1549). No fim da carta precedente [15 de Abril] diz Nóbrega ao Provincial de Portugal: «Ho mais verá pelas cartas dos Irmãos». Nóbrega tratava por Irmãos a todos, mesmo que fossem Padres. LEITE, *Breve Itinerário* 27. Entre uns e outros eram cinco (Leonardo Nunes, João de Azpilcueta, António Pires, Vicente Rodrigues e Diogo Jácome); e não é demais supor que cada um escrevesse ao menos uma carta. E de nenhum se conservou nenhuma do ano de 49.

7

DO P. MANUEL DA NOBREGA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

BAÍA 9 DE AGOSTO DE 1549

I. **Bibliografia**: B. MACHADO III 319; INOCÊNCIO-BRITO ARANHA XVI 414; *Catalogo dos Manuscriptos* I 17; *Cimélios* 491; SOMMERVOGEL V 1781 n. 3; STREIT II 332 n. 1203; LEITE IX 4 n. 4.

II. **Autores**: LEITE I 32; II 196 312 362 373 515 571; IX 416; *Breve Itinerário* 56-58; MARIZ 75; NEMÉSIO 228-231.

III. **Texto**: Único. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, f. 3r-5v. Título: «Carta que o Padre Manuel da Nobrega, preposito provincial da Companhia de Jesus em as terras do Brasil, escreveo ao P.e Mestre Simão, preposito provincial da dita Companhia em Portugal ho anno de 1549». Apógrafo coevo.

IV. **Impressão**: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* V (1843) 435-442 (3.ª ed. [1886] 463-470); INOCÊNCIO, *Chronica* de

Vasconcelos II (1865) 293-300; VLE CABRAL (1886) 54-61; (1931) 79-87; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 28-43.

V. **Edição:** Reimprime-se o apógrafo.

Textus

1. Epistolae in Portugaliam missae. — 2. Desunt mulieres ut lusitanis casto connubio iungantur easque e Portugalia postulat. — 3 Pro familia christiana. — 4. Adversus blasphemantes. — 5. Pro defensione libertatis Indorum. — 6. Liberatio Indorum ab iniusta captivitate. — 7. Haec terra inceptum est nostrum, sed desunt operarii evangelici. — 8. Bulla Sanctissimi Sacramenti, facultates Sanctae Sedis, et immunitas Indorum a legibus positivis Ecclesiae. — 9. Necesse est ut veniat Episcopus vel saltem Vicarius Generalis. — 10. De situ futuri Collegii extra muros urbis. — 11. Terra offert facilitatem ad vivendum, non autem ad officiales mechanicos conducendos quia pauci sunt. — 12. Terra nimis bona ad quam mitti non debebant homines crimine infecti. — 13. Opus est indumento pro foeminis indis. — 14. De valetudine et ministeriis Patrum. — 15. Festa solemnia. — 16. Nóbrega vices gerit vicarii. — 17. Viri Gubernii amici et benefactores. — 18. Ferramenta, semina et libri e Portugalia postulantur. — 19. Vita spiritualis.

A graça e amor de N. Senhor Jesu Christo seja sempre em nosso favor. Amen.

1. Polla 1.ª via escrevi a V. R. e aos Irmãos largo, e agora tornarey a repetir algumas cousas, ao menos em soma, porque o portador desta, como testimunha de vista, me escusará de me alargar muito, e algumas cousas mais se poderam ver polla carta que escrevo ao Doutor Navarro [1].

2. Nesta terra há hum grande peccado, que hé terem os homens quasi todos suas negras por mancebas, e outras livres que pedem aos negros por molheres, segundo ho custume da terra, que hé terem muitas molheres. E estas deixam-nas quando lhe apraz, o que hé grande scandalo para a nova Igreja que o Senhor quer fundar. Todos se me escusão que nom tem molheres com que casem, e conheço eu que casarião se achassem com quem; e tanto, que huma

15 e tanto] em tanto *ms.*

1 A seguir: Carta de 10 de Agosto.

molher, ama de hum homem casado que veo nesta armada, pelejavão sobre ella a quem a averia por molher; e huma scrava do Governador lhe pedião por molher, e dizião que lha querião forrar. Parece-me cousa muy conveniente mandar S. A. algumas molheres, que lá tem pouco remedio de casamento, a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casaram todas muy bem, com tanto que nom sejão taes que de todo tenhão perdida a vergonha a Deus e ao mundo. E digo que todas casaram muito bem, porque hé terra muito grossa e larga, e huma pranta que se faz huma vez dura X annos aquella novidade, porque, asi como vão apanhando as raizes, prantão logo os ramos e logo arrebentão. De maneira que logo as molheres teriam remedio de vida, e estes homens remediarião suas almas, e facilmente se povoaria a terra.

3. E estes amancebados tenho amoestado, por vezes, asi em pregações em geral como em particular; e huns se casão com algumas molheres se se achão, outros com has mesmas negras, e outros pedem tempo para venderem as negras, ou se casarem. De maneira que todos, gloria ao Senhor, se poem em algum bom meo: soomente hum que veo nesta armada, o qual como chegou logo tomou huma india gentia pedindo-a a seu pay, fazendo-a christãa, porque este hé ho custume dos portugueses desta terra, e cuidão nisto obsequium se prestare Deo [2], porque dizem nom ser peccado tam grande, nom olhando à grande irreverencia que se faz ao sacramento do baptismo. E este amancebado, nom dando por muitas amoestações que lhe tinha feito, se pos a permanecer com ella, o qual eu amoestey no pulpeto que dentro daquella somana a deitasse fora so-pena de lhe prohibir o ingresso da igreja; o que fiz por ser peccado muy notorio e escandaloso, e elle pessoa de quem se sperava outra cousa, e muytos tomavão occasião

---

31 amoestado] amostrado *ms.* || 44-45 amoestey] amostrey *ms.*

---

2 Ioan. 16, 2.

de tomarem outras. O que tudo N. Senhor remedeou com isto que lhe fiz, porque logo a deitou de casa e os outros que o tinhão imitado no mal o imitarão tambem nisto, que botarão tambem has suas, [3v] antes que mais se soubesse, e agora ficou grande meu amiguo. Agora ninguem de que se presuma mal merca estas escravas. Neste officio me meti em absencia do Vigairo Geral, parecendo-me que em cousas de tanta necessidade, N. Senhor me dava cuidado destas ovelhas.

4. Alguns blasfemadores publicos do nome do Senhor avia, os quaes amoestamos por vezes em os sermões, lendo-lhe as penas do direito, e amoestando ao Ouvidor Geral [3] que attentasse por isso. Gloria ao Senhor, vay-se já perdendo este mao custume e, se acontece cair algum pollo mao custume, vem-se a mym pedir-me penitencia. Nestes termos está esta gente. Agora temo que, vindo ho Vigairo Geral [4], que já hé chegado a huma povoação aqui perto, se ousem a alargar mais. Eu ladrarey quanto poder.

5. Escrevi a V. R. acerca dos saltos que se fazem nesta terra, e de maravilha se acha cá scravo que nom fosse tomado de salto, e hé desta maneira: que fazem pazes com hos Negros para lhe trazerem a vender o que tem, e por engano enchem os navios delles e fogem com elles; e alguns dizem que o podem fazer por os Negros terem já feito mal aos christãos. O que posto que seja assi, foy depois de terem muitos scandalos recebidos de nós. De maravilha se achará cá terra, onde os christãos nom fossem causa da guerra e dissensão, e tanto que nesta Baya, que hé tida por

---

51 mal *corr. ex* mais || 76 dissensão] discensão *ms.*

---

3 Pero Borges.

4 Não se tratava de «Vigário Geral». Talvez equívoco do copista que leu geral onde estaria «o qual». A provisão do «clerigo Manuel Lourenço que ia como *Vigario* da Igreja do Salvador» é datada de 18 de Fevereiro de 1549. E já estava na Baía no Natal de 1549 (LEITE I 23), cessando Nóbrega o seu ofício de Pároco, que embora interinamente, fora o primeiro a exercer na nova Cidade.

hum gentio dos peores de todos, se levantou a guerra por hos christãos, porque hum Padre [5], por lhe hum Principal destes Negros nom dar o que lhe pedia, lhe lançou ha morte, no que tanto imaginou que morreo e mandou aos filhos que o vingassem. De maneira que os primeiros scandalos são por causa dos christãos, e certo que, deixando os maos custumes que erão de seus avoos, em muitas cousas fazem avantagem aos christãos, porque melhor moralmente vivem e guardão melhor a lei de natureza.

6. Alguns destes escravos me parece que seria bom juntá-los e torná-los à sua terra, e ficar lá hum dos nossos para os insinar, porque por aqui se ordenaria grande entrada com todo este gentio. Entre outros saltos que nesta costa são feitos, hum se fez há dous annos muito cruel, que foy irem huns navios a hum gentio que chamão os Charijos [6], que estão alem de S. Vicente, o qual todos dizem que hé o melhor gentio desta costa, e mais aparelhado para se fazer fruito. Elle somente tem 200 legoas de terra; entre elles estavão convertidos e baptizados muitos [por dous clerigos que lá foram]. Morreo hum destes clerigos [7] e ficou o outro e proseguio o fruito. Forão ali ter estes navios que digo, e tomarão ho Padre dentro em hum dos navios com outros que com elle vinhão e levantarão as vellas. Hos outros que ficarão em terra vierão em paos à borda do navio, que levassem embora os negros e que deixassem ho seu Padre; e por nom quererem hos dos navios, tornarão a dizer que, pois levavão ho seu Padre, que levassem tambem a elles,

---

91 Charijos] Chacios *ms.*

---

5 Parece tratar-se do clérigo de missa «a que chamam Bezerra», o qual «nom vive bem» diz o Ouvidor Geral. LEITE II 510.

6 «Carijós», que também se chamam «Guaranis». VALE CABRAL, *Cartas de Nóbrega* (1931) 81.

7 O sentido pede uma frase anterior que o copista tivesse saltado, e que incluímos entre cancelos, porque embora em termos vagos refere-se aos dois Padres Franciscanos, que estiveram nos Carijós e de que fala na «Informação das Terras do Brasil» § 2.

e logo hos recolherão e os trouxerão, e ho Padre poserão em terra. E hos negros desembarcarão em huma Capitania para venderem alguns delles, e todos se acolherão à igreja dizendo que erão christãos, e que sabião as orações e ajudar à missa, pedindo misericordia. Nom lhes valeo, mas forão tirados e vendidos pollas Capitanias desta costa. Agora me dizem que hé lá ido ho Padre a fazer queixume; delle poderá saber mais largo ho que passa. Agora temos assentado com ho Governador que nos mande dar estes negros para os tornarmos a sua terra e ficar lá Leonardo Nunez para hos insinar [8].

Desejo muito que S. A. encomendasse isto muyto ao Governador, digo que mandasse [4r] provisão para que entregasse todos os escravos salteados para os tornarmos a sua terra, e que por parte da justiça se saiba e se tire a limpo, posto que nom aja parte, pois disto depende tanto a paz e conversão deste gentio.

7. E V. R. nom seja avarento desses Irmãos e mande muytos para soccorrerem a tantas e tam grandes necessidades, que se perdem estas almas à mingoa, petentes panem et non est qui frangat eis [9]. Lá bem abastão tantos religiosos e pregadores, muytos Moisés e prophetas há lá [10].

Esta terra hé nossa empresa, e o mais gentio do mundo. Nom deixe lá V. R. mais que huns poucos para aprender, os mais venhão. Tudo lá hé miseria quanto se faz; quando muito ganhão-se cem almas, posto que corrão todo ho Reyno; cá hé grande manchea.

8. Será cousa muito conveniente aver do Papa ao menos hos poderes que temos do Nuncio e outros mayores, e poderemos alevantar altar em qualquer parte, porque hos do Nuncio nom são perpetuos; e asi que nos commetta seus poderes acerca destes saltos, para podermos commutar algu-

8 Tomé de Sousa, de acordo com o Ouvidor, acedeu realmente ao pedido de Nóbrega. LEITE II 196.

9 Thren. 4, 4.

10 Luc. 16, 19.

mas restituições e quietar conscientias e ameaços que cada dia acontecem; e asi tambem que as leis positivas nom obriguem ainda este gentio, até que vão aprendendo de nós por tempo, scilicet, jejuar, confessar cad'anno e outras cousas semelhantes; e asi tambem outras graças e indulgencias, e a Bulla do Santissimo Sacramento [11] para esta Cidade da Baya, e que se possa communicar a todas as partes desta costa; e o mais que a V. R. parecer.

9. Hé muito necessario cá hum Bispo [12] para consagrar oleos para hos baptizados e doentes, e tambem para confirmar os christãos que se baptizão, ou ao menos hum Vigairo Geral para castigar e emendar grandes males, que asi no ecclesiastico como no secular se comettem nesta costa, porque os seculares tomão exemplo dos sacerdotes e o gentio

---

11 Fundavam-se então em Portugal as Confrarias do Santíssimo Sacramento. Nasceram dum movimento iniciado em 1530 na Igreja de Santa Maria de Minerva, em Roma, e que o Papa Paulo III erigiu canònicamente em Confraria pela Bula *Dominus Noster Iesus Christus,* de 30 de Novembro de 1539. Passados poucos meses, já havia idêntica associação em Penafiel, com festa e estatutos próprios. Entre as suas finalidades estão as de visitar o Santíssimo, manter sempre acesa a sua lâmpada, acompanhá-lo nas ruas quando saía aos enfermos, cuidado e limpeza do altar, etc. Pelo seu objecto era, e é, a mais espalhada e indulgenciada de todas as associações de carácter pio (F. BERINGER, *Les indulgences, leur nature et leur usage,* trad. de Ph. de Mazoyer, II [Paris 1905] 125-127; A. BESSIÈRES, *Ligues Eucharistiques* [Tournai 1914] 243-244; [MAURICE BRILLANT], *Eucharistia* [Paris 1947] 362; MIGUEL DE OLIVEIRA, *Història Eclesiástica de Portugal* [Lisboa 1940] 233). Nóbrega continuava no Brasil o seu apostolado iniciado um ano antes no norte de Portugal, segundo escreve o P. Manuel Godinho, de Coimbra, 8 de Junho de 1548: «Ho Padre Nobrega está agora em São Fins, que foi a assentar a Bulla do Sacramento. Diz que vem muita gente doutras partes derredor assentar-se nessa, porque não há por aquela terra outra, que viesse de Roma, senão a da See de Braga. Detremina o Padre Nobrega de reformar laa toda aquela gente do Minho» *(Epp. Mixtae* I 530-531; LEITE, *Movimento Eucarístico Brasileiro no tempo de Nóbrega,* in *Brotéria* 60 (1955) 406-407; *Breve Itinerário* 46).

12 Antes, Nóbrega pedia um Vigário Geral; agora, Bispo e insiste. E, enfim, D. João III, a 31 de Julho de 1550, propôs D. Pedro Fernandes. LEITE II 515.

de todos. E tem-se cá que o vicio da carne que nom hé peccado como[13] nom hé notavelmente grande, e consentem ha heresia que se reprova na Igreja de Deus, quod est dolendum. Hos oleos que mandamos pedir nos mande, e vindo Bispo, nom seja dos que quaerunt sua, sed quae Iesu Christi[14]. Venha para trabalhar e não para ganhar.

10. Eu trabalhey por escolher hum bom lugar para ho nosso Collegio dentro na cerca e soomente achey hum, que lá vay por mostra a S. A., ho qual tem muitos inconvenientes, porque fica muito junto da See e duas igrejas juntas nom hé bom, e hé pequeno, porque onde se há-de fazer a casa nom tem mais que X braças, posto que tenha ao cumprido da costa 40; e nom tem onde se possa fazer horta, nem outra cousa, por ser tudo costa muy ingrime e com muita sojeição da Cidade. E portanto a todos nos parece muito melhor hum teso que está logo alem da cerca, para a parte donde se há-de estender a Cidade[15], de maneira que antes de muitos annos podemos ficar no meo, ou pouco menos da gente, e está logo hi huma Aldea[16] perto, onde nós começamos a baptizar, em a qual já temos nossa habi-

---

13 «Como», no sentido de «quando».

14 Phil. 2 21.

15 Ainda neste ano, aí, e neste «teso», começou a fazer uma igreja em que trabalhou sobretudo o P. António Pires; e ficou pronta por Março de 1550 quando chegou a segunda expedição (de Afonso Brás): «Y quando los Padres llegaron dábamus fim a la yglesia». Carta do P. Navarro, de 28 de Março de 1550, *Bras. 3-1,* f. 29v). Esta referência anda suprimida na carta impressa (*Cartas Avulsas* 53). É o Terreiro de Jesus, tomado em sentido mais amplo do que os limites actuais. LEITE I 25. Na descrição de Nóbrega (carta de 2 de Setembro de 1557 § 4), entre estas casas e o sítio deputado para o Colégio corria o muro da Cidade (*Cartas de Nóbrega* [1955] 263).

16 Nesta Aldeia, como se vê, já tinham casa e aí comiam e dormiam os Padres quando se demoravam nela algum tempo. Na descrição de Nóbrega, o que «está sobre o mar» é o teso, não a Aldeia: esta ficava «perto», mas é diferente; e em 1574, a *Historia de la Fundación de la Bahia* intitula-a Aldeia do Monte Calvário «con casa y iglesia» (*Bras. 12,* f. 3r; *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* 19 [1897] 78; LEITE II 38) Simão de Vasconcelos diz que no seu tempo

tação. Está sobre o mar, tem agoa ao redor do Collegio, e dentro delle tem muito lugar para hortas e pomares; hé perto dos christãos asi velhos como novos. Somente me poem hum inconveniente o Governador: nom ficar dentro na Cidade e poder aver guerra com ho gentio, ho que me parece que nom convence, porque os que am-d'estar no Collegio am-de ser filhos de todo este [4v] gentio, que nós nom temos necessidade de casa, e posto que aja guerra nom lhes pode fazer mal. E quando agora nós andamos lá, e dormimos e comemos, que hé tempo de mais temor, e nos parece que estamos seguros, quanto mais depois que a terra mais se povoar. Quanto mais que primeiro am-de fazer mal nos engenhos, que am-de estar entre elles e nós, e quando ho mal for muyto, tudo hé recolher à Cidade. Mormente que eu creo que ainda que fação mal a todos, que a nós nos guardarão polla affeição que já nos começão a ter; e ainda avendo guerra me pareceria a mim poder estar seguro entre elles neste começo, quanto mais depois. De maneira que cá todos somos de opinião que se faça ali, e V. R. devia de trabalhar por lhe fazer dar logo principio, pois disto resulta tanta gloria ao Senhor e proveito a esta terra.

11. A mais custa hé fazer a casa por causa dos officiaes que am-de vir de lá, porque a mantença dos studantes, ainda que sejão 200, hé muyto pouco, porque com terem cinquo escravos que prantem mantimento e outros que pesquem com barco e redes, com pouco se manteram; e para se vestir faram hum algodoal[17] que há cá muito. Os escravos são cá baratos e os mesmos paes am-de ser cá seus escravos. Hé grande obra esta e de pouco custo; nós, vindo agora ho Vigairo, nos passamos para lá[18], por causa dos

---

[«hoje»] Monte Calvário se chamava o sítio onde está o Carmo (*Chronica* [1663], liv. I § 47), e que de facto não fica longe do Terreiro.

17 O algodão, uma das suas variedades (*Gossypum barbadense* L.), é originário da América.

18 «Para lá», isto é, para o teso. Então ainda Nóbrega e os seus companheiros moravam na Ajuda. LEITE I 22.

convertidos, onde estaremos Vicente Rodriguez e eu, e hum soldado[19] que se meteo comnosco para nos servir, e está agora em Exercicios, de que eu estou muy contente. Faremos nossa igreja, onde insinemos os nossos novos christãos, e aos domingos e festas visitarey a Cidade e pregarey.

O Padre Antonio Pirez e o P.e Navarro estaram em outras Aldeas longe, onde já lhes fazem casas. E portanto hé necessario V. R. mandar officiaes, e am-de vir já com a paga, porque cá diz ho Governador que, ainda que venha Alvará de S. A. para nos dar o necessario, que nom o averá hi para isto. Os officiaes que cá estão tem muito que fazer, e que o nom tenhão, estão com grande saudade do Reyno, porque deixão lá suas molheres e filhos, e nom aceitaram a nossa obra depois que cumprirem com S. A., e tambem ho trabalho que tem com as viandas e o mais os tira disso. Portanto me parece que avião de vir de lá, e, se possivel fosse, com suas molheres e filhos, e alguns que fação taipas e carpinteiros. Cá está hum Mestre para as obras, que hé hum sobrinho[20] de Luis Diaz, mestre das obras d'El-Rey, ho qual veo con trinta mil reis de partido. Este nom hé necessario porque abasta ho tio para as obras de S. A.; a este avião de dar o cuidado do nosso collegio; hé bom official. Serão cá muito necessarias pessoas que teção algodão, que há muito, e outros officiaes.

12. Trabalhe V. R. por virem a esta terra pessoas casadas, porque certo hé mal empregada esta terra em degradados, que cá fazem muyto mal, e já que cá viessem avia de ser para andarem afferrolhados nas obras de S. A.

13. Tambem peça V. R. algum petitorio para roupa, para entretanto cubrirmos estes novos convertidos, ao menos huma camisa a cada molher, polla honestidade da religião christã, porque vem todos a esta Cidade à missa aos domingos e festas, que faz muita devação, e vem rezando as ora-

---

19 Simão Gonçalves. LEITE I 573.

20 Este «bom oficial», sobrinho de Luís Dias, era Diogo Peres. LEITE I 22.

ções que lhe insinamos, e nom parece honesto estarem nuas entre os christãos na igreja, e quando as insinamos. E disto peço ao P.e M. João[21] tome cuidado, por elle ser parte na conversão destes gentios, e nom fique senhora nem pessoa a que nom importune [5r] para cousa tam sancta; e a isto se avião de applicar todas as restituições que lá se ouvessem de fazer, e isto agora soomente no começo que elles farão algodões para se vestirem ao diante.

14. Os Irmãos todos estão de saude e fazem o officio a que forão enviados: somente Antonio Pirez se acha mal das pernas, que lhe arebentarão depois das maleitas[22] que teve, e nom acaba de ser bem são.

Leonardo Nunez mandei aos Ilheos, huma povoação daqui perto, onde dá muito exemplo de si e faz muito fruito, e todos se spantão de sua vida e doctrina. Foi com elle Diogo Jácome, que faz muito fruito em insinar os moços e escravos.

15. Agora pouco há vierão aqui a consultar-me algumas duvidas, e esteverão aqui por dia do Anjo[23], onde

---

21 Mosén João Bosch. Cf. supra, pág. 114.

22 Primeira manifestação do sezonismo, mencionada em cartas de Jesuítas.

23 «Dia do Anjo» [21 de Julho de 1549]. A Festa do Anjo Custódio de Portugal e das suas Províncias ultramarinas celebrava-se no terceiro domingo de Julho (LEITE II 332). Foi concedida pelo Papa Leão X, a pedido de D. Manuel I e incluida nas *Ordenações do Reino:* «E assi mesmo mandamos que em cada huũ anno no terceiro domingo do mes de Julho polo dito modo [da Visitação de Nossa Senhora] se faça outra precissam solene por comemoraçam do Anjo Custodio, que tem cuidado de nos guoardar e defender pera que sempre seja em nossa guarda e defensam. As quais Precissões se faram, e ordenaram com aquella festa e solenidade com que se faz a Precissam do Corpo de Deos» (*Ordenaçoens do Senhor Rey D. Manuel*, Livro I, Titulo LXXVIII § 1 [«Collecçaõ da Legislaçaõ antiga e moderna do Reino de Portugal. Parte I. Da Legislaçaõ antiga»] [Lisboa 1797] 566). Mais tarde a festa teve officio próprio: «Le 5 Février 1590 le pape Sixte V accorda un office en l'honneur de l'ange gardien du Royaume de Portugal et de *ses dépendences*» (JOSEPH DUHR, *Anges*, in *Dictionnaire de Spiritualité* I [Paris 1932] 615). E assim se lia no Missal e no Breviário. Cf. «Bre

baptizamos muitos. Tevemos missa cantada com diacono e subdiacono: eu disse missa, e o P.e Navarro a epistola, outro o evangelho [24], Leonardo Nunez e outro clerigo com leigos de boas vozes região o coro. Fizemos precissão com grande musica, a que respondião as trombetas. Ficarão os Indios spantados de tal maneira, que depois pedião ao P.e Navarro que lhes cantasse asi como na precissão fazia. Outra precissão se fez dia de Corpus Christi [25] muy solemne, em que jugou toda a artelharia que estava na cerca, as ruas muito enrramadas, ouve danças e invenções à maneira de Portugal [26].

Agora hé já partido Leonardo Nunez com Diogo Jácome, e lá me am-de sperar quando eu for com ho Ouvidor [27], que irá daqui a dous meses pouco mais ou menos. Ho P.e Navarro faz muito fruito entre estes gentios, lá está toda a somana. Vicente Rodriguez tem cuidado de todolos baptizados. Antonio Pirez e eu estamos o mais do tempo na Cidade para os christãos, e nom será mais que até che-

255 outro' *sup.* || 268 *P*ius todolo

viarium Romanum... S. Pii V Pont. Max. iussu editum... novis officiis quae ex Indulto Apostolico universis singulisque Fidelissimorum Lusitaniae Regum *Ditionibus* hucusque sunt concessa nec non denuo auctum. Pars Aestiva» (Olisipone 1786) 598-615. Em todas estas indicações se inclui o Brasil. A Festa do Anjo Custódio de Portugal sempre vigorou nas dioceses de Braga e Viseu. E, por um Rescrito da Sagrada Congregação dos Ritos, de 28 de Junho de 1952, se restabeleceu em Portugal em todas as suas Províncias continentais e ultramarinas (Cf. «Lumen» XVI [Lisboa 1952] 499).

24 Estava presente o P. António Pires; mas o facto de o não nomear supõe que fosse algum clérigo secular.

25 20 de Junho de 1549.

26 Cf. Luís de Sousa Couto, *Origem das Procissões da Cidade do Porto* (ed. de A. de Magalhães Basto), onde de pág. 19 a pág. 50 se descrevem as «danças e invenções», que na procissão de Corpus Christi se praticavam no Porto onde o pai de Nóbrega era Juiz de Fora em 1532 (e Nóbrega tinha 15 anos): mouriscas, danças, coros, músicas, bandeiras, representações figuradas, folias, etc.

27 Pero Borges.

gar o Vigairo. Todos são bons e proveitosos, senão eu que nunqua faço nada, e asaz de bons são, pois meu mao exemplo os nom scandaliza.

16. Temos muita necessidade de baptisteiros [28], por-
275 que [os que] cá vierão nom valião nada, e am-de ser romanos [29] e bracharenses [30], porque os que vierão erão venezianos; e asi de muytas capas e ornamentos, porque avemos de ter altares em muytas partes, e imagens e crucifixos e outras cousas semelhantes, o mais que poder.
280 Tudo o que nos mandarão, que lá ficava, veo a muito bom recado. Folgariamos de ver novas de Congo [31]; mande-no-las V. R.

17. A todos estes senhores devemos muyto pollo muito amor que nos tem, posto que o de alguns seja servil. Ho

---

28 «Baptisteiros» ou Rituais, que, ao tempo em que Nóbrega escrevia, antes do Concílio de Trento, variavam do romano em diversas partes; e entre outros ainda hoje se conservam no norte de Itália o «rito ambrosiano» e no norte de Portugal o «rito bracarense».

29 «Romanos». Nóbrega devia pedir a seguinte edição de 1548: *Bautisteiro Romão.* Pequeno livro em 8.º, 20 ff. a duas colunas. Na f. 20v: «Acabouse o bautisteiro Romão. Cõ algũas outras cousas necessarias aos curas e capellães: e com as rubricas em lingoagem conforme ao mais geral vso. de .M. D. XLviij». [Ex. na Bibl. de Évora]. ANSELMO, *Bibliografia* 318 [n.º 1111]. Conhecem-se outras edições, de 1558 e 1579. Cf. *Livros do Século XVI impressos em Évora* (Évora 1941) 71-73 [Luís Silveira — A. N. Gusmão].

30 «Bracharenses». Quando o Cardeal D. Henrique, depois Rei de Portugal, era Arcebispo de Braga, «mandou fazer uma nova edição do *Manual dos Sacramentos,* da qual foram editores João Beltrão e Pedro Gonçalo de S. Martinho desta cidade [de Braga], sendo impresso em Salamanca in aedibus Ioannis Iunte Calcographi, aos 12 de Julho de 1538». J. A. FERREIRA, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga* (séc. III — séc. XX) II (Braga 1930) 411. Este deve ser o «baptisteiro» bracarense de que Nóbrega se serviu no Minho e cuja capital é Braga. LEITE, *Nóbrega do Brasil «último comendador» de Sanfins do Minho (1546),* in *Brotéria* vol. 53 (1951) 19-27; *Breve Itinerário* 24.

31 No dia 18 de Março de 1548 chegaram ao porto de Pinda no Rio Zaire os primeiros missionários Jesuítas do Congo, Padre Jorge Vaz, Cristóvão e Jácome Dias e o escolar Diogo do Soveral. RODRIGUES, *História* 1/2 547-548.

Governador [32] nos mostra muita vontade. Pero de Goes [33] nos faz muitas charidades. Ho Ouvidor Geral [34] hé muito virtuoso e ajuda-nos muyto. Não falo em Antonio Cardoso [35], que hé nosso pay. A todos mande V. R. os agardecimentos.

18. Antonio Pirez pede a V. R. alguma ferramenta de carpinteiro, porque elle hé nosso official de tudo; Vicente Rodriguez, porque hé hermitão [36] pede muitas sementes; ho P.e Navarro e eu, os livros [37] que já lá pedi, porque nos fazem muita mingoa para duvidas que cá há, que todas se preguntão a mym. E todos pedimos sua benção e ser favorecidos em suas orações com N. Senhor.

19. Agora vivemos de maneira que temos disciplina às sestas-feiras, e alguns nos ajudão a disciplinar [38]: hé por os que estão em peccado mortal e conversão deste gentio, e por as almas do purgatorio, e o mesmo se diz pollas ruas, com huma campainha [39] segundas e quartas-feiras, asi como

---

298 *Prius* sesta-feira

---

32 Tomé de Sousa.

33 Capitão-mor da Armada do Brasil.

34 Dr. Pero Borges.

35 António Cardoso de Barros, Provedor-mor.

36 Ermitão, que trata duma ermida, fora do povoado, no campo. Daí a necessidade de sementes para o cultivar. Mas Nóbrega já pensava nas «hortas e pomares» do futuro Colégio no lugar que depois se chamou Terreiro de Jesus (§ 10).

37 Livros. Já tinham chegado a 6 de Janeiro de 1550 (Carta desta data § 20).

38 Alguns homens acompanhavam os Padres nesta disciplina que se fazia em casa, e o explica na carta de 6 de Janeiro de 1550 § 7.

39 A encomendação das almas ao som da campainha já se usava em Coimbra em 1515; e, ao som da campainha e com declamação musicada, é costume típicamente português e parece exclusivamente português. MARGOT DIAS e JORGE DIAS, *A encomendação das almas* (Porto 1953) 48 70-71. Como diz o texto, Nóbrega levou-o para o Brasil; e ainda no século XIX às sextas feiras e sábados da Semana Santa (em vez da campainha era a matraca), os rezadores, vestidos de branco (alva) e com disciplinas, declamavam: «Dos fieis as almas / Divino Senhor

nos Ilheos [40]. Temos nossos exames à noite, e ante-manhã huma hora de oração, e o mais tempo visi-[5v]tar ho proximo, e celebrar, e outros serviços de casa. Resta, mi Pater, 305 que rogue a N. Senhor por seus filhos e por mym, ut quos dedisti non perdam ex eis quenquam [41]. Pedimos sua bençâo.

Desta Baya, a IX d'Agosto de 1549.

Manuel da Nobrega.

8

DO P. MANUEL DA NOBREGA AO DR. MARTÍN DE AZPILCUETA NAVARRO, COIMBRA

SALVADOR [BAÍA] 10 DE AGOSTO DE 1549

I. **Bibliografia:** B. MACHADO III 319; SOMMERVOGEL V 1781 n. 3; STREIT II 332 n. 1204; LEITE IX 5 n. 5.

II. **Autores:** POLANCO II 397; CARLOS FRANÇA, *Os Portugueses do Século XVI e a História Natural do Brasil*, in *Revista de História*, 15 (1926) 53-54; LEITE I 21; II 46 47 90 272; IX 417 418; *Breve Itinerário* 59; MARIZ 60; FLORESTAN FERNANDES 51 95 114 257; NEMÉSIO 231-233; LUÍS DE PINA 19 25 29.

III. **Texto:** Original perdido.

1. Madrid, Chamartín [antigo códice de Alcalá]: *Varia Historia* III ff. 28r-31v. Título: «+ Jesus [outra letra:] Copia de carta del P. Manuel de Nóbrega de la Ciudad del Salvador en las Indias, en 10 de Agosto

---

/ convosco descansem / em paz e amor». MANUEL QUERINO, *A Bahia de Outr'ora. Vultos e factos populares* [Baía 1922] 79-80. Querino inclui esta prática entre as superstições do povo. Mas o que interessa ao historiador é o facto objectivo em si mesmo, independente de opiniões subjectivas.

40 Para os Ilhéus e Porto Seguro tinham sido mandados o P. Leonardo Nunes com o Ir. Diogo Jácome (Carta de cc. 10 de Abril de 1549 § 10).

41 Ioan. 18, 9.

1549, la Doctor Navarro. Enseñaa el gran fructo spiritual y conversión de aquella gente, sus costumbres depravados, i que se comían los hombres, la calidad del país y otras cosas». No fim (f. 31v): «+ Trelado de la carta que el P. Manoel de Nóbrega scrive al Doctor Navarro leente en Coimbra». Cópia ou tradução em espanhol. O texto tem algumas palavras em português ou à portuguesa: «doutrina» por «doctrina», «arredor» «a redor» por «alrededor», «e» por «y» (muitas vezes), «vinha» por «viña», «rocha» em vez de «roca», «forado» (furado) por «agujereado».

2. ARSI, *Goa 10-1*, ff. 126r-129v. Tradução italiana resumida.

3. ARSI, *Bras. 15*, ff. 31r-33r. No fim «T. R. P. Addictus, obstrictus Emanuel Nobrega ex Societate Iesu». Tradução latina de Fúlvio Cárdulo feita pela versão italiana.

4. ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 50r-53v. Outro exemplar da tradução latina de Fúlvio, mas com emendas de outra letra, por exemplo «incolis» no exemplar de *Bras. 15*, em *Bras. 3-1*, riscado, e por cima «habitatoribus». Em ambos os exemplares lê-se ao cimo da primeira página: «Fulvius».

5. Bilbl. Vaticana, *Barberini lat. 1748*, ff. 192r-197v. Outro exemplar da tradução latina de Fúlvio.

IV. **Impressão**: Traduções. *Avisi Particolari delle Indie di Portugallo* (Roma 1552) p. 86-99; *Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo* (Veneza 1559) ff. 32v-37v; *ib.* (1565) ff. 32v-37v; *Cartas de S. Ignacio* III (Madrid 1877) 543-551; VALE CABRAL (1886) 62-69; (1933) 88-96; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 433-441.

V. **História da Impressão**: *Avisi Particolari* e *Diversi Avisi* imprimem a tradução italiana (2); *Cartas de S. Ignacio* o texto espanhol (1); VALE CABRAL a tradução portuguesa, feita por J. RIBEIRO, de *Diversi Avisi* (1559); LEITE o texto espanhol e a respectiva tradução.

VI. **Edição**: Reimprime-se o texto de *Varia Historia* (1) por ser o mais completo.

Textus

1. Quid Nóbrega de se ipso sentit. — 2. Conditus urbis Salvatoris Bahiae et laus terrae — 3. Religio, cosmogonia; anthropophagia aliique Indorum mores. — 4. Incipit Evangelii praedicatio Indis quorum filii discunt legendi et scribendi artem. — 5. Labores P. Navarri qui discit linguam brasilicam. — 6. Pagus Indorum juxta urbem ubi iam adest unus e S. I. — 7. Terra Brasiliae spem offert uberioris fructus, sed desunt operarii evangelici. — 8. Indus gentilis homicida eiusque correctio. — 9. Praedicatio nominis Iesu in pagis Indorum. — 10. Veneficus qui baptizari vult. — 11. Nóbrega consilium et benedictionem sui magistri postulat.

+

Jesús

La gracia y amor de Christo N. S. sea siempre en nuestro favor. Amen.

1. Pensando yo muchas vezes en la mercé que nuestro Señor me hizo en embiarme a estas tierras del Brasil por principio de que su santo nombre en ellas fuesse conoscido e loado, me espanto escogerme a my que era escoria de toda esa Universidad [1] en el saber y mucho más en la virtud. Y my entendimiento no alcança razón que pudiesse mover al Señor a me hazer tan grande misericordia, sino si por ventura fué acordarse que soy yo discípulo de doutrina y virtud de v. m., puesto que poco della aprendí; e mucho más acordarse del amor e caridad con que al mismo Señor siempre me presentava em sus oraciones. Esta creo que deve ser la razón, quanto umanamente se puede sospechar, dexando su gracia, que por mis peccados semper in me vacua fuit [2], a que de lapide isto suscitaret fillium Ysrael [3]. E por tanto será razón darle larga cuenta de lo que el Señor comiença de obrar en esta su nueva viña: quam forte vult extendere a mari usque ad mare et a flumine usque ad terminos orbis terrarum [4], para que v. m. tenga su parte de loar a N. S. a quien solo se deve toda la gloria e honrra.

2. Después que partimos desse Reyno, que fué el primero día de Febrero, traxo N. S. toda esta armada en paz y en salvo con vientos siempre prósperos hasta llegar a esta

---

17-18 In me — Ysrael *lin. subd.* | 17 me] mae *ms.* || 20-21 quam — terrarum *lin. subd.*

---

1 Nóbrega recebeu o grau de Bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra em 1541 por mãos do Dr. Navarro. LEITE II 460; *Breve Itinerário* 26.

2 Cf. 1 Cor. 15, 10.

3 Cf. Mat. 3, 9; Luc. 3, 8.

4 Ps. 71, 8.

Vaya de Todos los Santos en cinqüenta y seys días [5] sin acontescer contraste ninguno y con otros muchos favores y mimos, que bien demostravan ser suya la tal obra. Luego se hizieron pazes con los gentiles de la tierra y se tomó consejo adonde se haría la nueva ciudad del Salvador, en lo quoal también obró mucho el Señor, porque se hizo en muy buen sitio sobre el mar, toda cercada de agua arredor de la cerca, y con muchas otras fuentes de parte de la mar y de la tierra; y los mismos Yndios de la tierra ayudan a hazer las casas e lo demás en que los quieran ocupar, de manera que va todo en grande crecimiento, y avrá ya cien casas hechas, y comiénçanse yngenios de açúcar, y plántanse las cañas y muchos algodones y muchos mantenimientos, porque todo da la tierra, puesto que de algunas cosas da solamente la yerva e de viciosa no da el fruto.

Es muy sana y de buenos ayres, de tal manera que con ser la gente mucha y tener mucho trabajo, y aver [28v] mudado los mantenimientos con que se criaron, adolescen muy pocos y ésos que adolescen luego son sanos. Es tierra muy fresca, de ynvierno templada, y el calor de verano no se siente mucho. Tiene muchas frutas e de diversas maneras, e muy buenas y que tienen poca embidia a las de Portogal. Muere en el mar mucho pescado e bueno. Los montes parecen hermosos jardines e huertas, y ciertamente nunca yo vi tapiz de Flandes [6] tan hermoso, en los quoales andan animales de muy diversas maneras, de los quales Plinio [7] ni escrivió ni supo. Tiene muchas yervas de diverso olor e muy diferentes de las d'España, e ciertamente

---

5 29 de Março de 1549; cf. LEITE I 19-22.

6 «Panno de rassa» na tradução italiana, feita pela espanhola, donde na retroversão portuguesa de J. Ribeiro, feita pela italiana, «pano de rás»; mas a cópia ou versão espanhola deve estar mais perto do original perdido.

7 Plínio o Velho, naturalista (23-79 depois de Cristo). Em breve iria Camões usar expressão semelhante: «Eu sou aquelle occulto e grande Cabo.../ Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo, / Plinio... fuy notorio» (*Os Lusiadas* [Lisboa 1572] f. 87v [V, 50]).

bien resplandesce la grandeza, hermosura y saber del Criador en tantas, tan diversas y hermosas criaturas [8].

3. Mas es mucho d'espantar tan buena tierra averla dado tanto tiempo a gente ton inculta e que tan poco lo conosce, porque ningún dios tienen cierto y qualquiera que le dizen ese creen. Rígense por inclinación, la qual semper prona est ad malum, e apetito sensual, gente absque consilio et sine prudentia [9]. Tienen muchas mugeres en quanto se contentan dellas y ellas dellos sin entre ellos ser bituperado. Tienen guerra unos con otros, scilicet una generación contra otra generación, a diez e quinze e veynte leguas, de manera que todos entre sí están divisos.

Si acontece que tomen algunos de los contrarios en la guerra, tráenlos presos algún tiempo y danles sus hijas por mugeres y para que los sirvan y guarden, y después los matan e comen con grandes fiestas, e con ayuntamiento de los vezinos que biven aredor; y si destos tales quedan hijos tanbién los comen, aunque sean sus nietos y hermanos, y a las vezes las propias madres; y dizen qu'el padre solamente tiene parte en él y la madre no tiene nada [10].

---

58 tan poco] tanto *ms.* || 70 e comen *sup.*

---

8 Melo Leitão na peugada do naturalista Carlos França, referindo-se a este passo, escreve: «Mais de dois séculos antes de Buffon e mais de três antes de Sclater e Wallace, já o Padre Manuel da Nóbrega chamara a atenção para as diferenças biogeográficas (digamos assim) entre o Brasil e terras de Espanha» (C. de Melo Leitão, *História das expedições científicas no Brasil* [São Paulo 1941] 252).

9 Deut. 32, 38.

10 A versão italiana: «e se di loro restano figliuoli, ancora li mangiano benche siano suoi nipoti e fratelli e a alle volte le proprie madri, dicendo ch'il padre solamente tiene parte in loro e non la madre» (*Diversi Avisi* [1565] f. 33v). *Nipoti* em italiano tanto significa *netos* como *sobrinhos;* e J. Ribeiro traduziu por sobrinhos, o que não merece reparos, mas suprimiu a participação das mães em comer os próprios filhos: «e se deles ficam filhos, os comem ainda que sejam seus sobrinhos e irmãos, declarando às vezes as próprias mães que só os pais e não as mães têm parte neles» (*Cartas de Nóbrega* [1931] 90).

Esta es la cosa más abominable que entre esta gente ay. Y si matan alguno en la guerra tráhenlo en pedaços y pónenlo al humo [11] y después lo comen con la misma solemnidad e fiesta, y todo esto por el odio entrañable que se tienen unos a outros [12]. Y en estas dos cosas, scilicet, en tener muchas mugeres y matar sus contrarios, consiste toda su honrra, y esta es su felicidad y deseo [13], lo qual todo heredaron del primero y segundo hombre, y aprendieron de aquel qui ab initio mundi homicida est [14]. Y no tienen guerra por cobdicia que tengan, porque todos no tienen nada más de lo que pescan e caçan, y el fruto que toda la tierra da: sino solamente por odio y vengança, en tanta manera que, si dan una topada, se arrojan con los dientes al palo o piedra donde la dieron, y comen [29r] piojos y pulgas y toda ymundicia solamente por se vengar del mal que les hizieron, como gente que aún no aprendió non rreddendum malum pro malo [15]. Quando muere alguno dellos entiérranlo assentado y pónenle de comer con una rede en que ellos duermen [16], y dizen que sus ánimas andan por los montes y que vienen allí a comer. Tienen mucha noticia del demonio y topan com él de noche y han gran miedo dél. Andan con lumbre de noche por miedo delle, y esta es su deffensión. Qualquier de los suios que se

---

11 «Põem-no ao fumo». Na tradução italiana «lo metteno al fumo e di poi lo mangiano» (*Diversi Avisi,* f. 33v). João Ribeiro traduziu: «e depois de moqueados os comem» (*Cartas* 90). E assim fez crer que o uso do verbo «moquear» data de 1549. Cf. PLÍNIO AYROSA, *Termos Tupis no português do Brasil* (São Paulo 1937) 172-173.

12 Sobre a antropofagia dos Índios do Brasil, cf. LEITE I 588; II 35-41; VI 509-514; VIII 410-413; IX 423-425.

13 Dando a esta «honra», «felicidade» e «desejo» da antropofagia um sentido mágico-religioso, a captura e morte dos contrários, isto é, a guerra dos Tupinambás, tem a razão de ser em si mesma, «como fenómeno mágico-religioso». F. FERNANDES 371.

14 Cf. Ioan. 8, 44.

15 1 Pet. 3, 9.

16 Infra, «Informação das Terras do Brasil» § 5, mais desenvolvido. Cf. MÉTRAUX, *La Civilisation matérielle* 273.

quiere hazer su dios lo creen y le dan entero crédito. Tienen noticia del diluvio de Noé, puesto que no según la verdadera historia, porque dizen que murieron todos, sino una vieja que escapó en un arbol alto [17]. Y tanbién tienen noticia de Santo Thomé [18] e de un su compañero, y en esta Baya están unas pisadas en una rocha que se tienen por suias, y otras en Sant Vicente, que es en el cabo desta costa. Dizen dél que les dió el mantenimiento que ellos agora tienen, que son raizes de yervas; están bien con él, puesto que de un su compañero dizen mal. Y no sé la causa, sino, quanto oy dezir que las flechas que le tiravan se tornavan a los que las tiravan y los matavan. Espántanse mucho de veer el nuestro culto divino y la veneración que tenemos a las cosas de Dios.

Los que son amigos biven en grande concordia entre sí y ámanse mucho, y guardan bien lo que comúnmente se dize que amicorum omnia sumt communia. Si uno dellos mata un pece, todos comen dél, y lo mismo de qualquier animal de caça. Es tan grande esta tierra, que dizen que, de tres partes del mundo, tiene ella las dos [19]. Ay en estas tierras una generación que no biven en casas, sino en los montes y tienen guerra con todos y de todos son temidos [20].

Esto es lo que se me offrece para contar desta tierra y de la gente que la habita, que es cosa para tener mucha compassión de tantas ánimas, quien bien lo supiese hazer,

---

99 de *del.* Noe ‖ 102 Thomé] Thomae *ms.*

---

17 Sobre a tradição do Dilúvio, LEITE II 18.

18 Cf. infra, «Informação das Terras do Brasil» § 9. Métraux, traduzindo este passo de Nóbrega, supõe-no diferente da tradição contada por Vicente do Salvador (MÉTRAUX, *La religion des Tupinamba* 17). Mas ambos se referem às pegadas da Baía.

19 Trata não só do Brasil, mas de toda a América e não discorda do conhecimento geográfico do Mundo em 1549.

20 Alude aos Aimurés, que habitavam nas serras entre a Baía e o Espírito Santo, cf. LEITE X 123.

mas agora diré las puertas que nuestro Señor abrió para escolger dellos los que tiene predestinados para sí.

4. Començamos a visitar sus aldeas quatro compañeros que somos [21]; y conversar con ellos familiarmente, presentándole el reyno del cielo si hizieren lo que le enseñáremos. Estos son acá nuestros pregones adonde nos hallamos, conbidando a los muchachos a leer y escrivir, y desta manera les enseñamos la doctrina y les predicamos, porque con la misma arte con que el enemigo de la humana generación venció al hombre, con esa misma sea vencido; «Eritis, inquit, sicut dii scientes bonum et malum» [22]. Spántanse ellos mucho de saber [29v] nosotros leer y escrivir, de lo qual tienen grande imbidia y deseo de aprender, y desean ser christianos como nosotros, a lo qual solamente impide el trabajo de los apartar de sus malas costumbres, en lo que agora es todo nuestro estudio; e ya, gloria a Dios, en estas aldeas que visitamos aquí arredor de la Ciudad se quitan muchos de matar y comer carne humana, y si alguno lo haze es lexos de aquí. Adonde llegamos somos recibidos con mucho amor, mayormente de los niños a quien enseñamos. Ya sabem muchos las oraciones y las enseñan unos a otros, de manera que de los que hallamos más seguros bauptizamos ya cien personas poco más o menos, y començamos en la fiesta del Spíritu Santo [23], que es tiempo ordenado por la Iglesia. Y avrá bien seiscientos o setecientos catecúminos para bautizar presto, los quales aprenden todo muy bien, y algunos andan ya trás nosotros por los caminos preguntándonos quándo los avemos de bautizar con grande deseo, prometiendo de bivir como nosotros le dezimos. Acostumbramos a bautizar marido y muger juntamente y luego los casamos con las amonestaciones qu'el verdadero matrimonio ha de tener, en lo qual consienten y son contentos, y nos son muy obedientes a

---

21 Nóbrega, António Pires, João de Azpilcueta e Vicente Rodrigues.

22 Gen. 3, 5

23 9 de Junho de 1549.

quanto les mandamos. Solamente contaré a v. m. una cosa de que mucho me espanté.

5. Estando un día el Padre Joán de Azpilcueta[24], a quien acá llamamos Navarro, por la difficultosa pronunciación que tiene, enseñando a los niños a leer y a santiguarse, los quales todos trahen unas piedras de colores en los beços forados[25] que ellos mucho estiman, las quales hazían impidimento a la pronunciación del santiguarse; y porque el Padre le dió a entender aquel ympidimento, vino la madre de uno de aquellos y quitó a su hijo aquella piedra y hechóla por los tejados, y luego los otros hizieron otro tanto. Esto fué luego en el principio que començamos a los enseñar. Otro día en otra aldea halló el mismo Padre que stavan guisando un hijo de los contrarios con quien tienen guerra para lo comer. Y porque los reprehendió mucho desto, supimos después que lo enterraron y no lo quisieron comer. Otras cosas semejantes nos acontecen con ellos que serían largas de contar, y las más acontecen al Padre Navarro, porque parece que nuestro Señor tiene hecha mercé a esa generación particularmente de aprovechar al próximo: v. m. entre christianos, Maestre Francisco en las Yndias, y este su sobrino en estas tierras del Brasil. Anda siempre [3or] en las aldeas y hallá duerme y come para les predicar de noche, porque es tiempo en que están juntos y

163 forados] foradados *ms* || 180 predicar] praedicar *ms*.

24 Nóbrega fala do P. Navarro em particular por ser sobrinho do Dr. Martín, como diz algumas linhas abaixo do P. Mestre Francisco Xavier, em justa homenagem aos navarros.

25 «Usam estes Indios ordinariamente, principalmente nas festas que fazem, de colares de buzios, de diademas de pennas e de umas *metaras* (pedras que metem no beiço de baixo) verdes, brancas, azues, muito finas e que parecem esmeraldas ou cristal; são redondas e algumas tão compridas que lhe dão pelos peitos; e ordinario é em os grandes principais terem um palmo e mais de comprimento». CARDIM, *Tratados da Terra e Gente do Brasil* 174 Chamam-se pròpriamente *tembetá,* contracto de «tembé-ita», literalmente «pedra do beiço». BAPTISTA CAETANO, *ib.* 252; cf. LEITE II 46-47.

sosegados. Ya sabe la lengua de manera que se entiende con ellos y a todos nos haze ventaja, porque esta lengua parece mucho a la bizcayna. Anda con grande hervor de aldea en aldea, que parece que quiere encender los montes con fuego de caridad. Tiene tres o quatro aldeas de que tiene cuidado, y en dos de las principales le hazen casa donde biva y enseñe los catecúmi[n]os.

6. En otra aldea junto desta Ciudad tenemos ya hecha una casa a manera de hermita[26] donde está uno de nosotros que tiene cuidado de enseñar y predicar a los nuevamente bautizados, y otros muchos catecúminos que en ella biven. Los principales desta[s] aldeas bautizaremos presto, porque no está en más que en buscar una muger de que esperen que le guardará lealtad, porque su costumbre hasta agora fué no estimar el adulterio, y tomar una y dexar otra ad beneplacitum, y por esto me parece que no tiene en estos gentiles lugar el Capítulo «Gaudemus», De Divortiis[27] con lo que allí se nota, scilicet, que ayan de tomar por muger la primera que avían tenido, porque nunca las tomavan para las tener siempre, lo qual no tienen los otros infieles de África e otras partes, que las toman para siempre, y a lo menos es contrato, lo qual en éstos no ay, porque es más tenerlas por mancebas que por mugeres.

7. De muchas partes somos llamados que los vamos a enseñar las cosas de Dios y no podemos acudir a todos, porque somos pocos, y ciertamente no creo yo que en todo el mundo ay tierra tan aparejada para tanto fruto como esta, adonde veemos perecer las almas por falta, sin poder-

---

190 predicar] praedicar *mss.* || 197 divortiis *corr ex* divortis || 202 lo[s] *sup.*

---

26 Ermida do Monte Calvário. O «ermitão» era o Ir. Vicente Rodrigues, como o diz na carta da véspera [§ 18] e se conclui da distribuição que faz de todos e de cada um na mesma carta de 9 de Agosto [§§ 15-18]. E cf., infra, carta do P. Navarro, Agosto de 1551 § 5.

27 Do Capítulo «Gaudemus» De Divortiis trata o Doutor Martín de Azpilcueta Navarro, *Manuale Confessariorum et Paenitentium* (Paris 1602) 665.

les valer; a lo menos encendémosle las voluntades para ser christianos, para que, se murieren entre tanto, forsitam Dominus miseriatur eorum[28]. No sé como los que tienen amor a Dios y desean su gloria pueden tener sufrimiento para no embarcar luego y venir a cavar en la vinha del Señor, que speciosa est nimis et tam paucos habet operarios[29]. Acá pocas letras bastan, porque es todo papel blanco y no ay más que escrivir a plazer, empero la virtud es muy necessaria y el zelo q'estas criaturas conozcan a su Criador, y a Jesu Christo su Redemptor.

8. Estando pues esto en estos términos, el enemigo de la humana generación, que las tales cosas siempre quiere estorvar, ordenó que siete o ocho legoas de aquí matasen a un christiano de los nuestros sin ninguna razón ni causa, lo quoal nos puso a todos en grande aventura de guerra, y tomávannos en mal tiempo y desapercibidos y mal fortalecidos. Empero el Señor que de mal sabe sacar bien, quiso que los mismos [30v] negros truxiesen el matador y lo entregaron al Governador, el qual pusieron luego en la boca de um tiro y fué hecho pedaços. Esto puso mucho miedo a todos los otros que presentes estavan, y los nuestros christianos escaramentarán también de andar por las aldeas; y fué mucho servicio de nuestro Señor por se evitar escándalos que dan [a] los Yndios los nuestros que van a las aldeas.

9. Quando nosotros himos a las aldeas nunca nos desamparan los naturales, mas antes se van tras nosotros adonde quiera que ymos, espantados de lo que les predicamos. Una noche que hazía luna me aconteció que nunca me quisieron dexar estando con grande silencio atentos a lo que le predicava por un moço lengua que tenía comigo. Entre otras cosas que les dixe, fué una que entre tanto que

214 paucos] paupos *ms.* || 229 los *sup* || 236-237 predicamos] praedicamos *ms.* || 240 una] uno *ms.*

28 Cf. Mat. 15, 32.

29 Cf. Mat. 9, 37; Luc. 10, 2.

no les podía más enseñar, tuviessen fee en Jesu Christo, y quando se echasen a dormir y se llevantasen lo nombrasen deziendo: Jesús, yo te encomiendo mi alma. Y después que me aparté dellos andando yo passeando por las calles dezían algunos en alta boz el nombre de Jesús [30], como le yo avía dicho, de que yo no recebía pequena consolación, y ciertamente que aunque el Señor no me dee el su reyno de los cielos, ya con estas consolaciones semejantes me doy por pagado; y si fuera otro spíritu, que no fuera tan frío como el mío, ya tuviera perdido todo el seso con cosas que el Señor cada día por su bondad nos quiere comunicar [31]. A los outros mis Hermanos acontecen otras muy aventajadas, porque visitan más las aldeas que yo, y su virtud merece mucho delante del Señor.

Uno de los que bautizamos se vino a nosotros diziendo por términos que lo entendimos que aquella noche se halló con Dios en el paraíso en grande contentamiento y venía con grande alboroço a nós lo contar, y es viejo de más de ochenta años. Solamente de una cosa estamos espantados, que casi quantos bautizamos adolecieron, unos de barriga, otros de los ojos, otros de hinchazos; y tuvieron ocasión sus hechizeros de dezir que nosotros con el agua, con que los bautizamos, les damos la dolencia y con la doctrina la muerte. Mas en todo salen mentirosos porque todos reconbalecen luego. Por ventura quiere nuestro Señor, ya que son sus hijos, adoctados en la sangre de Christo, probalos luego y enseñarles que han de padezcer, y esta es la medicina con que se purgan los escogidos del Señor.

---

248 consolaciones *del.* me d || 250 como] con *ms.* || 261 hinchazos *corr. ex* henchazos

---

30 LEITE II 5.

31 Este período — que recorda o famoso soneto «A Jesus Crucificado» e revela a altura da vida espiritual e íntima de Nóbrega — vem muito resumido e mudado na tradução italiana (*Diversi Avisi* [1559] ff. 36v-37r) e portanto na tradução portuguesa de J. Ribeiro, *Cartas* (1931) 95.

10. Trabajé por me ver con un hechizero, el mayor desta tierra, el qual todos embían a llamar para curar sus enfermedades. Preguntéle in qua potestate hec faciebat [32], si tenía comunicación con Dios que hizo el cielo y la tierra y reynava en los [31r] cielos, o con el demonio que stava en los infiernos? Respondióme con poca verguença, que él era dios y que avía nacido dios, y presentóme alli uno a quien dezia aver dado salude, y que el Dios de los cielos era su amigo, y le aparecía en nuves, y en truenos, y en relámpagos, y en otras cosas muchas. Trabajé viendo tan grande blasfemia por ajuntar toda la aldea con altas bozes, a los quales desengané y contradixe lo que él dezía por mucho espacio de tiempo con una buena lengua que allí tenía, la qual hablava lo que yo le dezía en alta boz con señales de grandes sentimientos que yo mostrava. Vióse él confuso y hize que se desdixese de lo que tenía dicho y emendasse su vida y que yo rogaría a Dios que le perdonasse. Entre esta gente que presente estava vi algunos mancebos y mugeres a manera de pasmados de lo que les yo contava de las grandezas de Dios. Después me acometió éste que le bautizasse, que quería ser christiano, y agora es uno de los catecúminos.

11. Estas y otras cosas obra el Señor per ministerium nostrum inter gentes, de las quales di cuenta a v. m. para que las encomiende a nuestro Señor en sus oraciones, pues tiene zelo de su honrra, y me avise por carta suia de lo que le pareciere, animándonos ne deficiamus in via hac qua ambulamus, quoniam absconderunt laqueum mihi [33], y enseñándonos lo que Nuestro Señor le dyere a sentir. Y pues su doctrina da estos principios, sus oraciones los confirmen delante de la divina magestad, en las quales y

---

297 laqueum *corr. ex* laquium

---

32 Mat. 21, 23; Luc. 20, 2.

33 Ps. 141, 4.

en su bendición de padre y maestro em Christo Jesu me encomiendo.

Desta Bayya e Ciudad del Salvador a X días de Agosto, día de Sant Lorenço de 1549 años.

Su en Christo nuestro Señor siempre hijo y discípulo. 305

Manuel de Nóbrega.

9

INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO BRASIL DO P. MANUEL DA NÓBREGA [AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA]

[BAÍA AGOSTO? DE 1549]

I. **Bibliografia:** INOCÊNCIO-BRITO ARANHA XVI 414; *Catalogo dos Manuscriptos* I 17-18; *Cimélios* 491; SOMMERVOGEL V 1781 n. 5; STREIT II 332 n. 1205; IV 273-274; LEITE IX 5 n. 6.

II. **Autores:** FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 166-167; AFRÂNIO PEIXOTO, *Cartas Avulsas* 393; LEITE II 17 18 20; *Breve Itinerário* 59; MARIZ 63; FLORESTAN FERNANDES 77 257; LUÍS DE PINA 22 29-33.

III. **Texto:** Original português perdido, de que se fez em 1551 a tradução espanhola, que logo se imprimiu («Copia»).

1. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 5v-6v. Título: «Informação das terras do Brasil mandada pollo Padre Nobrega». Retroversão portuguesa, feita no terceiro quartel do século XVI, da primeira impressão espanhola («Copia»). Dão-se no aparato as diferenças, por onde se vê que essa retroversão antiga é menos perfeita ou positivamente inexacta: estoy (estamos), traje (maneira) comemos (comem), millo (vinho), gansos (patos), barba (barbas), redes de algodón sobre si junto de los fuegos (redes d'algodão junto do fogo), Tupana (Tupane), maridos y unas a otras (maridos umas às outras), aguijadas (e[n]xadas), platos (bacias), etc.

2. ARSI, *Bras. 3-1,* ff. 1r-4r [antes, ff. 205r-208r]. «Informatione delle parti delle Brasil» em «Copia de alcune letere mandate del Brasil per il Padre Nobrega della Compagnia de Jesu et altri Padri che

303 Bayya *del.* dc

sono sotto la sua obedientia al P. Maestro Simone Preposito dessa Compagnia de Jesu in Portugallo et alli Padri et Fratelli de Coimbra traslatate de spagnolo in italiano recevute l'anno 1551». É o título primitivo, traduzido da versão espanhola de «Copia». Polanco fez várias emendas no texto e no próprio título, onde riscou o nome de Maestro Simone.

3. *Bras. 3-1,* ff. 42v-46v. Outro exemplar da tradução italiana igualmente dependente de «Copia».

4. *Bras. 3-1,* ff. 43r-44v. Tradução latina feita pela italiana (2), e metida no meio da tradução italiana (3), como se vê pela paginação (42v-[43r-44v]-45r-46v).

5. Bibl. Vaticana, *Ottoboni lat. 797,* 120r-122r 138r-140r. Duas traduções italianas dependentes de «Copia».

6. Bibl. Vaticana, *Barberini lat. 1748,* ff. 186r-189r. Tradução latina de Fúlvio Cárdulo feita pelo texto 2.

IV. **Impressão:** Traduções: *Copia de unas cartas... Tresladadas de Portugues en Castellano. Recebidas el año de M. D. LI.* [Coimbra]. Com o título: «Información de las partes del Brasil». Sem paginação [em 1.º lugar: 4 páginas]; *Avisi Particolari delle Indie di Portugallo* (Roma 1552) 100-108 (na paginação há um salto de 102 a 104); *Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo* (Veneza 1559) ff. 38r-41r; *ib.* (1565) ff. 38r-41r; *Epistolae Iapanicae* (Lovanii 1569) 177-187; *ib.* (1570) 396-401; GÖTZ, *Kurze Verzeichnuss* (Ingolstadt 1586) 328-342; B. DA SILVA LISBOA, *Annaes do Rio do Janeiro* VI (1835) 39-46; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* VI (1866) 91-94 [1.ª ed. 1844]; *Ostensor Brasileiro* I (Rio de Janeiro 1844) 226-228; INOCÊNCIO, *Chronica* de Vasconcelos II (Lisboa 1865) 301-305; VALE CABRAL (1886) 69-73; (1931) 97-102; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 442-446.

V. **História da Impressão:** *Copia* imprime a tradução espanhola do original português perdido; *Avisi* e *Diversi Avisi* imprimem a versão italiana (2); *Epistolae Iapanicae* a versão latina (4-5); *Kurze* a versão alemã feita pela latina; *Annaes* e os seguintes a retroversão portuguesa do antigo códice de São Roque (1); LEITE reimprime o texto espanhol de *Copia* a respectiva retroversão portuguesa [57-67].

VI. **Data:** Na «Copia» incluem-se cartas do Brasil com a data de Agosto de 1551 e diz-se de todas que foram recebidas nesse mesmo ano. Portanto parece que também esta «informação». Mas o contexto trata de assuntos precedentes por onde seria melhor o ano de 1550 [LEITE IX 5-6]. Hoje, ainda a damos mais antiga fixando-lhe o ano de 1549 e o mês de Agosto.

Ano: A «Informação das Terras do Brasil» § 2, e a carta de 9 de Agosto de 1549 § 6, tratam de assunto ainda então futuro, mas que se principiou a realizar a 1 de Novembro de 1549, quando Leonardo Nunes

partiu para São Vicente com os Índios Carijós libertados, de que se ocupam aqueles parágrafos.

Mês: Atendendo a todas as circunstâncias e ainda ao das monções, Nóbrega, que escreveu uma carta ao seu Provincial (9 de Agosto), outra ao seu Mestre na Universidade (10 de Agosto), é natural que a Informação aos Padres e Irmãos de Coimbra de 1549, sendo do mesmo ano, a mandasse também no mesmo tempo e navio.

VII. **Edição**: Reimprime-se a tradução espanhola de *Copia*, fonte única da retroversão portuguesa antiga e de todas as mais traduções. E no aparato as diferenças dessa retroversão.

Textus

1. Brasiliae magnitudo, clima et ubertas. — 2. Indi Guayanases, Carijós, Gaimures, Tupeniques, Tupinambas, eorumque domus et mores. — 3. Religio, «Tupana», caeremoniae et venefici. — 4. Ritus anthropophagicus. — 5. Ritus funerarius et de anima post mortem. — 6. Communitas bonorum, vita socialis et familiaris. — 7. Traditio Diluvii. — 8. Difficultas in propaganda fide. — 9. Quid dicitur de S. Thoma eiusque vestigiis. — 10. De aliis rebus postea dicet.

1. La información que de aquestas partes del Brasil os puedo dar, Padres y Hermanos charissimos, es que tiene esta tierra mil leguas de costa toda poblada de gente, que anda desnuda assí mugeres, como hombres, tirando algunas partes muy lexos donde estoy, adonde las mugeres andam vestidas al traje de gitanas [1] con paños de algodón, por la tierra ser más fría que esta, la qual aquí es muy templada. De tal maneira que el invierno no es frío, ni caliente, y el verano aunque sea más caliente, bien se puede sufrir; empero es tierra muy húmida, por las muchas

5 estoy] estamos || 6 traje] maneira

1 Refere-se aos Carijós do Sul do Brasil: «As mulheres grandes e pequenas trazem tipóias; e ainda que algumas vezes andam nuas, contudo diante de nós nem à Igreja vêm nuas, ainda que seja uma menina de 4 anos», escreve Jerónimo Rodrigues («Relação dos Carijós», LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas* 229-230).

aguas, que llueve en todo tiempo muy a menudo. Por lo qual los arboledos e las yervas están siempre verdes, y por aquesto es la tierra muy fresca. En partes es muy áspera, por los montes y matos que siempre están verdes. Ay en ella diversas frutas, que comen los de la tierra, aunque no sean tan buenas como las de allá, las quales también creo se darían acá, si se plantassen. Porque veo darse parras, uvas, y aún dos vezes en el año; empero son pocas, por causa de las hormigas [2], que hazen mucho daño assí en esto, como en otras cosas. Cidras, naranjas, limones danse en mucha abundancia; y higos tan buenos como los de allá. El mantenimiento común de la tierra es una raíz de palo, que llaman mandioca, del qual hazen una harina, de que comemos todos. Y da también millo [3], el qual mezclado con la harina haze un pan, que escusa lo de trigo. Ay mucho pescado; y también mucho marisco, de que se mantienen los de la tierra, y mucha caça de matos, y gansos que crían los Indios. Bueyes, vacas, ovejas, cabras y gallinhas se dan también en la tierra, y ay dellos mucha copia [4].

2. Los gentiles son de diversas castas, unos se llaman Goyanazes [5], otros Carijós. Este es un gentío mejor que ay en esta costa, a los quales fueron no a muchos años

---

12 arvores || 14 por causa dos montes | matas || 21 quantidade || 24 comem | millo] vinho || 27 de mato || 28 gansos] patos || 29 dellas || 30 grande quantidade || 32-33 que nenhum desta costa

---

2 A formiga saúba, ou como a descreve Leonardo do Vale, «a ruiva e grande que come as prantas: *Igçaúba*» (*Vocabulario* 241).

3 Na versão espanhola «millo» e na italiana «miglio». Trata-se de milho americano, *Zea mays* L., milho grosso; o europeu e asiático é milho miúdo, *Panicum miliaceum* L. (CARLOS FRANÇA, *Os Portugueses...*, in *Revista de História* 15 [1926] 46-50; HOEHNE, *Botânica e Agricultura* 30).

4 Tanto estes animais domésticos como algumas frutas acima referidas vieram de Portugal, com os primeiros povoadores, do tempo do Donatário Francisco Pereira Coutinho, de 1536 em diante, o que explica serem já em «muita cópia».

5 «Goianases», cf. LEITE IX 125.

dos frayles castellanos [6] a los enseñar; y tam bien tomaran su doctrina, que tenían ya casas de recogimiento para mugeres, como monjas, y otra de hombres, como de frayles. Y esto duró mucho tiempo, hasta que el demonio llevó allá una nao de salteadores, y captivaron muchos dellos. Trabajamos por recojer los salteados, y algunos tenemos ya para los llevar a su tierra, con los quales yrá un Padre de los nuestros [7].

Ay otra casta de gentiles, que se llaman Gaymures [8], y es gente que habita por los matos. Ninguna communicación tienen con los christianos, por la qual se espantan quando nos ven, y dizen que somos sus hermanos, por quanto traemos barba como ellos. La qual no traen todos los otros, antes se rapan hasta las pestañas, y hazen agugeros en los beços y bentanas de las narizes, y ponen unos huessos en ellos, que parecen demonios; y assí algunos, principalmente los hechizeros traen el rostro lleno dellos. Estos gentiles son como gigantes. Traen un arco muy fuerte en la mano, y en la outra un palo muy gruesso con que pelean con los contrarios, y facilmente los despedaçan, y huyen para los matos; y son muy temidos entre todos los otros. Los que comunican con nosotros hastagora, son dos castas: unos se llaman Tupeniques [9], y los otros Tupinam-

35 que tem ‖ 36 outras ‖ 37 diabo ‖ 39 tomados ‖ 42 Gaimares ‖ 44 pollo ‖ 45-46 porque . barbas ‖ 47-48 buracos ‖ venntas ‖ 50 todo o rosto ‖ 54 pollos ‖ 55 de duas ‖ 56 Topinaquins

6 Bernardo de Armenta e Alfonso de Lebrón, ambos da Ordem de S. Francisco, que o Governador do Paraguai Alvar Nuñes Cabeza de Vaca já achou no Biaça, Sul do Brasil, em 1541. Eles acompanharam o Governador ao Paraguai e voltaram à costa do Brasil em 1543 («Comentarios de Alvar Nuñes Cabeza de Vaca», em ENRIQUE DE VEDIA, *Biblioteca de Autores Españoles* I [Madrid 1852] 550 551 594). O caso, que Nóbrega narra a seguir, coloca-se depois daquela segunda data de 1543. Cf. LEITE I 323.

7 Leonardo Nunes.

8 Gaimurés ou Aimurés, LEITE IX 123.

9 Tupeniques ou Tupinaquins; LEITE IX 128.

bas [10]. Estos tienen casas de palmas muy grandes, y dellas en que posarán cincuenta Indios casados, con sus mugeres y hijos. Duermen en redes de algodón sobre sí junto de los fuegos, que en toda la noche tienen acendidos assí por el frío, porque andan desnudos, como también por los demonios que dizen huyr del fuego, por la qual causa traen tiçones de noche, quando van fuera.

3. Esta gentilidad a ninguna cosa adora, ni conocen a Dios [11] solamente a los truenos llaman Tupana, que es como quien dize cosa divina. Y assí nós no tenemos otro vocablo más conveniente para los traer a conoscimiento de Dios, que llamarle Padre Tupana [12]. Solamente entre ellos se haze unas ceremonias de la manera siguiente. De ciertos en ciertos años vienen unos hechizeros [13] de luengas tierras, fingiendo traer sanctidad; y al tiempo de su venida les mandan alimpiar los caminos, y van los a recebir con danças y fiestas según su custumbre, y antes que lleguen al lugar, andan las mugeres de dos en dos por las casas, diziendo públicamente las faltas que hizieron a sus maridos, y unas a otras, y pidiendo perdón dellas. En llegando el hechizero con mucha fiesta al lugar, éntrase en una casa oscura [14], y pone una calabaça que trae en figura

---

58 casados] *del.* ‖ 59-60 redes d'algodão junto do fogo ‖ 60 aceso ‖ 60-61 por amor do frio ‖ 64 a' *del.* ‖ 65 Tupane ‖ 68 Pay Tupane ‖ 70 de muy longes ‖ 72 recebé-lo ‖ 75-76 maridos umas às outras

---

10 Tupinambás. LEITE IX 128; cf. supra, pp. 14-19: «Introdução Geral», Cap. I, art. 4.

11 Observação feita já em 1500 no Descobrimento: «por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm». J. CORTESÃO, *A Carta de Pero Vaz de Caminha* 238.

12 Tupana, Tupã. Nóbrega dá aqui mesmo o significado e o conceito desta palavra tupi.

13 Feiticeiros ou pagés, cujas funções se observam e declaram neste §: presidir às cerimónias da «santidade»; curar os enfermos; dar parecer sobre as guerras ao Índios contrários.

14 «Casa escura», ou seja «cabana sagrada» dos etnólogos. LEITE II 16.

aquesto les suade el hechizero, que entonces les entra la santidad, y a quien esto no haze, tiénenlo a mal. Y después le offrecen muchas cosas. Y en las enfermedades de los gentiles usan también estos hechizeros de muchos engaños y echizerías. Estos son los mayores contrarios que acá tenemos, y hazen creer algunas vezes a los dolientes, que nosotros les metemos en el cuerpo cuchillos, tigeras, y cosas semejantes, y que con esto los matamos. En sus guerras aconséjanse con ellos, allende de agüeros que tienen de ciertas aves.

4. Quando cativan alguno, tráenle con grande fiesta con una soga a la garganta, y danle por muger la hija del principal, o qualquier otra que más le contenta. Y pónenlo a cevar como puerco, hasta que lo han de matar; para lo qual se ayuntan todos los de la comarca a ver la fiesta. Y un día antes que le maten, lávanlo todo, y el día siguiente lo sacan, y pónenlo en un terrero atado por la cintura con una cuerda, y viene uno de ellos muy bien ataviado, e le haze una plática de sus antepassados. Y acabada, el que está para morir, le responde diziendo que de los valientes es no temer la muerte, y que él también matara muchos de los suyos, y que acá quedavan sus parientes, que lo vengarían, y otras cosas semejantes. Y muerto, córtanle luego el dedo pulgar, porque con aquél tirava con las flechas, y lo demás hazen en pedaços, para lo comer assado o cozido.

5. Quando muere alguno de los suyos pónenle sobre la sepultura platos llenos de viandas, y una red en que ellos duermen, muy bien lavada. Esto porque creen, según dizen, que después que mueren tornan a comer y descansar sobre su sepultura. Héchanlos en cuevas redondas[18], y si son principales, házenles una choça de palma. No tienen

97 Y *del.* ‖ 107 corda ‖ 117-118 ho vingarãm ‖ 122 bacias ‖ 123 e isto ‖ 125 sobre ha

nos modernos daquele estado de «possessão» ou «transe» feminino, cf. ONEYDA ALVARENGA, *Música popular brasileira* (Mexico 1947) 177-178.

18 Cf. MÉTRAUX, *La civilisation matérielle* 272.

conocimiento de gloria, ni infierno; solamente dizen, que después de morir van descansar a un buen lugar.

6. Y en muchas cosas guardan la ley natural Ninguna cosa propria [tie]nen que no sea común, y lo que uno tiene a de repartir con los otros, principalmente si son cosas de comer, de las quales ninguna cosa guardan para otro día, ni curan de entesorar riquezas. A sus hijas ninguna cosa dan en casamiento, antes los yernos quedan obligados a servir a sus suegros. Qualquier christiano que entra en sus casas, danle a comer de lo que tienen, y una red lavada en que duerma. Son castas las mugeres a sus maridos.

7. Tienen memoria del diluvio [19], empero falsamente, porque dizen que cubriéndose la tierra de agua, una muger con su marido, subieron en un pino, e después de menguadas las aguas descendieron, y de aquéstos procedieron todos los hombres y mugeres.

8. Tienen muy pocos vocablos para le poder bien declarar nuestra fe, mas con todo dámossela a entender lo mejor que podemos y algunas cosas le declaramos por rodeos. Están muy apegados con las cosas sensuales, muchas vezes me preguntan si Dios tiene cabeça, y cuerpo, y muger, y si come, y de qué se viste, y otras cosas semejantes.

9. Dizen ellos que Sancto Thomás, a quien llaman Zomé [20], passó por aquí. Esto les quedó por dicho de sus

144 damos-lhas ‖ 149 San Thomé ‖ 150 e isto

19 Cf. LEITE II 18.

20 Sobre o mito de Zomé ou Zumé, cf. supra, pp. 18-19. — Nóbrega dá notícia desta lenda na carta de 15 de Abril de 1549 § 3. Agora já tinha ido ver por si mesmo as pegadas. A lenda costuma atribuir-se aos Jesuítas, «evidentemente» diz ARTUR RAMOS, *Introdução à Antropologia Brasileira* I (Rio 1951) 91, mas é anterior à chegada dos Jesuítas, Como vimos, já a assinala *A nova Gazeta da Terra do Brasil* (1515): «Eles têm também recordação de S. Tomé. Quiseram mostrar aos Portugueses as pegadas de São Tomé no interior do país» (G. BARROSO, *O Brasil na lenda e na Cartografia antiga* [São Paulo 1941] 193; cf. nota de VALE CABRAL a Nóbrega, *Cartas* [1931] 101). A lenda desenvolveu-se depois por si naturalmente; e escreve SANTA RITA

antepassados. Y que sus pisadas están señaladas cabo un rio, las quales yo fuy a ver por más certeza de la verdad, y vi con los proprios ojos quatro pisadas muy señaladas con sus dedos, las quales algunas vezes cubre el río quando hinche. Dizen también que quando dexó estas pisadas yva huyendo de los Indios que le querían flechar, y llegando allí se le abriera el río, y passara por medio dél sin se mojar a la otra parte; y de allí fué para la India. Ansí mesmo cuentan que quando le querían flechar los Indios, las flechas se bolvían para ellos [21], y los matos [22] le hazían camino por do passasse. Otros cuentan esto como por escarnio. Dizen también que les prometió que avía de tornar otra vez a verlos. Él los vea del cielo, y sea intercessor por ellos a Dios, para que vengan a conocimiento suyo, y reciban la sancta fe, como esperamos.

10. Esto es lo que en breve, charíssimos Hermanos míos, os puedo informar de aquesta tierra. Como viniere a más conocimiento de otras cosas que ay en ella, no lo dexaré muy particularmente de hazer.

CARTAS PERDIDAS

9a. *Do P. Leonardo Nunes aos Padres e Irmãos de Coimbra* (da Baía, antes de Novembro de 1549). «En algunas que os tengo escritas», antes de embarcar para S. Vicente: «Y assí me embarqué», diz ele na sua carta de Novembro de 1550 [Carta 18 § 1. Ele iniciou a sua viagem a 1 de Novembro de 1549, diz Nóbrega a 6 de Janeiro de 1550 (Carta 10 § 9).

---

151 passados | junto de || 168 das outras

DURÃO: «Enxerga-se muito bem sobre os penedos / Toda a forma do pé com planta e dedos» (*Caramuru,* Canto III 87).

21 FRANCISCO S. G. SCHADEN (*O mito de Zumé,* in *Sociologia* VI n.º 3 [São Paulo 1944] 236) acha que estas flechas que voltavam sobre si, na narração de Nóbrega, «parecem-nos indicar que alguma arma do tipo do bumerang tenha existido também de qualquer modo entre os Tupi da costa brasileira». Cf. BALDUS, *Bibliografia Crítica* 633.

22 Palavra portuguesa que o tradutor deixou como estava.

10

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

PORTO SEGURO 6 DE JANEIRO DE 1550

I. **Bibliografia:** B. MACHADO III 319; SOMMERVOGEL V 1782 n. 6; STREIT II 332 n. 1206; LEITE IX 6 n. 7.

II. **Autores:** LEITE II 379 512; *Breve Itinerário* 61-63; MARIZ 114; S. A. DICKSON, *Panacea or Precious Bane Tobacco in Sixteenth Century Literature,* «Bulletin of The New York Public Library», 57 (1953) 549; NEMÉSIO 237-241.

III. **Texto:** original português perdido:

1. Biblioteca Vaticana, *Ottoboni lat. 797,* ff. 74r-77v. Título: «De Porto Sicuro nel Brasil. Manuel de Nobrega a 6 de Genaro 1550». Tradução italiana, feita ao que parece por outra espanhola também perdida. [Diogo, português, aparece Diego, e o português antigo *Ilheos* aparece nesta versão italiana com a forma espanhola Isleos].

2. ARSI, *Bras. 3-1,* ff. 34r-40v [antes 168r-174v]. Tradução latina com emendas da mesma letra. No fim, outra mão: «Ab anno 50».

3. *Bras. 15,* ff. 19r-30v [antes 11r-22v]. «Di Porto Sicuro del mese di gennaro. 1550. Brasil» [f. 19r]. Outra letra [f. 20r]: «Epist. n.° 1. 3. Tomo». Começa: «+Jesus Maria. Emmanuel Nobrega Societatis Iesu, Reverendo admodum Patri eiusdem Societatis praefecto Provincial in Lusitania gratiam et opem a D. N. I. Christo precatur sempiternam». No fim outra letra: «Letra 1.ª 3.° Tomo. Traduzida del vulgar en latín». Tanto a indicação inicial como esta final reportam-se a *Nuovi Avisi,* Terza Parte, onde esta carta ocupa o 1.° lugar, donde se fez a tradução latina.

IV. **Impressão:** Versões: *Nuovi Avisi dell'Indie di Portogallo.* Terza Parte (Venetia 1562) ff. 1r-8v. Título: «Di Porto Securo nel Brasille Manuel di Noberga à 6 di Gennaro 1550»; VALE CABRAL (1886) 83-85; (1931) 114-117; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 447-456.

V. **História da Impressão:** O texto 1 pertenceu a Marcelo Cervini, Cardeal de Santa Cruz, Papa Marcelo II, que faleceu 22 dias depois da eleição em 1555 (SCHURHAMMER, *Epp. Xav.* I 203*-206*). *Nuovi Avisi* imprimem este texto, mudando alguma palavra, como a que significa «meninos», que em *Ottoboni* aparece «putti» e em *Nuovi Avisi* «fanciulli», por soar melhor a ouvidos ibéricos, como os de Polanco, que presidia a estas impressões. VALE CABRAL imprime a retroversão por-

tuguesa feita por João Ribeiro Fernandes da tradução italiana de *Nuovi Avisi.* [Vale Cabral diz *Diversi Avisi* (1565), equívoco por não ter no Rio o exemplar de *Nuovi Avisi,* e usar uma cópia que lhe enviou de Paris J. M. da Silva Paranhos, futuro Barão do Rio Branco. Cf. *Cartas do Brasil* (1886) 82]. LEITE imprime o texto da Vaticana *(Ottoboni)* e a respectiva retroversão portuguesa.

VI. **Destinatário:** P. Simão Rodrigues, Provincial de Portugal. Tira-se de todo o contexto e vem expresso na versão latina (3).

VII. **Edição:** Reimprime-se o texto italiano (1) por ser o mais antigo e donde todos os mais dependem *(Ottoboni).*

Textus

1. Epistolae in Portugaliam missae. — 2. P. Navarrus docet doctrinam in pagis Indorum. — 3. P. Nóbrega vult ut Caramuru sit pater et gubernator Indorum. — 4. Tumultus et neces ab Indis contrariis. — 5. Fratres Rodrigues et Gonçalves in pago Indorum amicorum. — 6. Ministeria P. Antonii Pires in urbe. — 7. P. Navarrus addiscit linguam brasilicam. — 8. Patres S. I. adversus anthropophagiam Indorum. — 9. P. Leonardus et Fr. Jácome Portu Securo. — 10. Pacem inter cives oppidi Portus Securi conciliavit. — 11. P. Leonardus pergit in Praefecturam S. Vincentii. — 12. Nóbrega et Jácome Portu Securo. — 13. Pagi Indorum «Tupinaqui». — 14. Malorum christianorum scandala. — 15. Duo religiosi S. Antonii in Praefectura Portus Securi. — 16. Zelus P. Nóbrega erga pueros captivos et bonos mores. — 17. Postulat orphanas e Portugalia. — 18. Postulat ut Rex prohibeat iniustam captivitatem Indorum. — 19. Postulat facultates speciales S. Sedis et ut veniat Episcopus vel saltem Vicarius Generalis. — 20. E Portugalia libros et ornamenta accepit, alia postulat. — 21. De Collegio Bahiae erigendo. — 22. Facultates ad audiendas confessiones. — 23. Condiciones victus terrae et de folio aliquo [tabaco]. — 24. Necesse est ut veniant multi lusitani. — 25. De aurifodinis et gemmis. — 26. Fratres bene valent, duos nuper accepit, sed opus est ut alii veniant ad hanc vineam Domini.

IHS

La grazia et amor di Christo Signore Nostro sia sempre in aiuto et favor nostro. Amen.

1. Per le navi di Baia scrissi [1] delle occupationi nostre in questo paese, et quanto il Signore Dio si serve delli

1 Cf. supra, cartas do mês de Agosto de 1549.

figliouli di V. R. che qua sono. Adesso passarò più oltra.

2. Partite le navi di Baia, sono restato li due mesi [2] o più con li Fratelli, il qual tempo fu speso in questo modo. Il P.e Navarro stava (come sta anchora) nelli suoi castelli predicando alli grandi et insegnando a leggere et fare oratione a piccoli et aiutando alcuni huomini et cathecumini a infiamarsi nel'amor di Dio et desiderii del battesimo, tra li quali alcuni lo dimandano con molta instantia.

3. Noi attendiamo per tutte le vie a farli lasciar assai mali costumi che hanno, et desideriamo congregare tutti questi che si battezano apartati dalli altri, et per questo haviamo ordinato che Diego Alvarez [3] stia fra loro come padre et governatore [4], essendo egli in buon credito et molto grato a tutti loro.

4. Non haviamo anche potuto adimpire questo disegno perchè si differisse per paura di guerra, perchè alcuni populi più lontani hanno molto in odio li christiani, et uno schiavo che era prima christiano tiene sollevata la più gran parte, dicendo che il Governatore [5] li vuol amazzar tutti o fargli schiavi: che noi cerchiamo di gabbarli et vorriamo vederli tutti morti, et che il battezarsi è come un farsi schiavo de christiani, et altre cose simili. Hanno etiam con lui rubato li pescatori di portughesi et amazzato in un castello un figliuolo di un christiano che haveva de una negra [6] di questa terra, il che ha fatto molto risentire il Governatore; et pensiamo che sarà principio d'un buon castigo et per li

---

2 Setembro e Outubro e talvez alguns dias de Agosto (cf. infra § 9).

3 «Caramuru», cf. carta de Nóbrega, Baía, fim de Agosto de 1552 [§ 17].

4 «Pai e Governador» dos Índios cristãos. Parece que, entre missionários da Companhia de Jesus, é a primeira menção histórica. Pois as que deles se conhecem, que falam do «Pai dos cristãos» são de 1552: uma do P. Francisco Xavier, de Cochim, 31 de Janeiro de 1552 (*Epp. Xav.* II 308), outra de António Dias, Ceilão, 15 de Dezembro de 1552. WICKI, DI II 535.

5 Tomé de Sousa.

6 Negra, isto é, índia.

altri gentili grande essempio, et forse per paura si convertiranno più presto che non faranno per amore, tanto sono corroti nelli costumi et lontani dalla verità.

5. Haviamo fatto fare in un loco più conveniente una Chiesa [7] dove li christiani sentono messa et appresso una casa dove il Fratello Vincentio Rodriguez et Simon Gonzalez insegnano li putti, et fra la citta et un castello [8] appresso un fiume [9], un luogo secondo il parere di tutti li Fratelli molto a proposito et conveniente per farci un Collegio, come già ho scritto a V. R. Li putti christiani et similmente le donne [10] sanno già fare oratione assai, et così li più delli cathecumini, li quali non battezeremo finchè non sia più pacifica la terra.

6. Il P.e Antonio Perez sta nella città in un'altra casa [11] che haviamo et ha cura insegnare la dottrina christiana et di poveri nelli hospitali [12] et dice messa et confessa, in

---

7 Igreja «no teso» — já no futuro «Terreiro de Jesus» — mas do lado de dentro do muro da Cidade. Começou-a Nóbrega; construia-a então o P. António Pires, e Navarro dá-a como finda pelo mês de Março, ao chegar a 2.ª expedição. O Terreiro de Jesus parece que se deve tomar em sentido mais amplo do que é hoje (cf. LEITE V 119). E esta Igreja, segundo a «Historia de la Fundación» (*Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* XIX 78-82) já foi a 3.ª dos Jesuítas na Baía: 1.ª a da Ajuda; 2.ª a ermida do Monte-Calvário; 3.ª esta de taipa, que já em 1552 ameaçava ruína e se reconstruia parcialmente, diz Francisco Pires na parte final da sua carta, completa, de 7 de Agosto de 1552 (*Diversi Avisi* [1565] 153v).

8 Aldeia do Monte-Calvário (carta de 9 de Agosto § 10).

9 Este «fiume», rio, talvez no original português fosse simplesmente fonte ou «água» (Nóbrega, carta de 9 de Agosto § 10).

10 Mulheres índias.

11 Casa que parece ser ainda a residência da Ajuda, por não haver notícia de a Companhia ter outra casa na Cidade. Daí ia o P. António Pires trabalhar e dirigir as construções no terreiro. Quase no fim desta carta § 21 já fala no futuro Colégio e que se poderia fazer de pedra, porque já há muito boa cal.

12 «Hospitais», mas deve tratar-se só de um, como se lê na carta completa do P. Navarro de 28 de Março de 1550: que o P. António Pires «es muy occupado con los dolientes del ospital y ciudad» (*Bras. 3-1*, f. 30r). O hospital da Baía já existia antes de 14 de Dezembro de 1549,

modo che fa vergogna a tutti noi in esser molto diligente a lavorare nella vigna del Signore et in cercare di patire per amore di Christo.

7. Nella lingua di questo paese siamo alcuni di noi molto rudi, ma il P. Navarro ha speciale grazia da Nostro Signore in questa parte, perchè andando per questi castelli delli negri in puocchi giorni che ci sta s'intende con loro et predica nella medesima lingua, et finalmente in ogni cosa pare che N. Signore li presti favore et grazia per poter più aiutare le anime. Il venerdì, [74v] quando facciamo la disciplina insieme con molti della terra, che doppo la predica, fatta sopra la Passione di Christo, fanno il medesimo, anche lui ci viene; li altri giorni visita hor un luogo hor un'altro fuori della Città. Fa etiam a la notte cantare a li putti certe orationi che li ha insegnato nella loro lingua, dandoli esso il tuono, et queste in loco di certe canzone lascive et diaboliche che usavano prima. Rimettendomi alli Fratelli non scriverò molte cose che qua opera il Signore per mezo suo le quali sono pur assai. Non tacerò già questa ch'io ho veduta.

Un figliuolo d'un signore di un castello stando in extremis in modo che tutti erano disperati della sua vita, et il padre già lo piangeva vedendo che nè medicine, nè incanti de fattucchiari giovaavano, il che sapendo il P. Navarro andò a vederlo, et trovandoli intorno quelli fattucchiari cominciò a riprenderli et feceli uscir fuori, pregando il padre del giovene che fusse contento di lasciarlo battezare, et che egli havesse solo speranza in Jesu Christo, il quale poteva sanare il suo figliuolo. Il negro dubitando che il Padre più presto non lo aiutassi a morire, come li havevano detto quelli incantatori, non ne voleva intendere niente et se ne faceva beffe, et così il Padre venne da me a domandarmi se lo poteva battezare senza consentimento del padre suo.

---

segundo o mandado de pagamento desta data a Diogo Moniz, «provedor do Hospital desta Cidade do Salvador» (*Documentos Históricos,* XXXVII 60; cf. CALMON, *História da fundação da Bahia* 169).

Et perchè Santo Thomasso [13] dice che non restassimo, che prima s'ingegnassi di fare tanto che consentisse, come fece con molte eshortationi efficacissime, et così si battezò et è piacciuto poi al Signore renderli sanità, con molta edificatione delli altri et credito grande del P. Navarro. In modo che tutti quasi si vogliano battezare et imparano la dottrina christiana; et detto signore con tuto il castello non fa più che quanto il Padre comanda.

8. Et perchè solevano prima per puoco amazzarsi l'un l'altro et usare in cibo la carne humana, trovandone il Padre in qualche casa, subito si scusano dicendo che non hanno morto nessuno et massime da che detto Padre sta la.

In un altro castello di christiani che noi haviamo battezzati un giorno li gentili mangiorno una gamba del nimico che havevano portato dalla guerra, ma secretamente et senza far festa (come costumavano) perchè noi no'l sapessimo. Et perchè ci si trovò una donna christiana fu molto battuta dal marito, il quale venne da noi a scusarsi con dire che non mangiava carne humana. Per questo fece congregare tutti li christiani per eshortarli a lasciare a'l tutto questi costumi tanto bestiali, et perchè quella donna molto si vergognava a venirci inanzi, fu questo di molta edificatione. Quando sono alcuni amalati ci mandano a chiamare perchè li mettiamo sopra la mano et a questo modo molti hanno ricuperato la sanità per grazia di Dio, il che molto si augmenta in loro la fede de Christo.

9. Il P.e Leonardo Nunez ha fatto molto frutto in Isleos insieme col P.e [14] Diego Jacome si in prediche come in insegnare li putti. Il giorno di Tutti i Santi [15] partimo lui et io [16] nella armata che venne a visitare la costa et

---

13 Cf. *Summa Theologica* IIª 2ae q. X, a, 12; IIIª q. 68, a. 10. Como se vê do contexto, o filho do Principal da Aldeia estava em perigo de morte e já tinha uso da razão: «giovene».

14 Diogo Jácome era ainda Irmão; a mudança é do tradutor.

15 1 de Novembro de 1549.

16 Ele e eu: Leonardo e Nóbrega. Em *Nuovi Avisi* «egli e io»: eles, o P. Leonardo Nunes e Ir. Diogo Jácome [ver nota seguinte].

arrivati a Isleos trovamo [17] Il P. Diego Jacome amalato di febre, ma pochissimo; di poi rihebbe la sanità per grazia di Dio.

10. Di li andamo alla garnisone di Porto Sicuro dove habbiamo ritrovato tutto il paese sottosopra per molte inimicitie che ci erano, et ha voluto il Signore fare in tal modo che tutti conoscessimo che lui [75r] venne per mettere la pace in terra, perchè molti si sono accordati con li adversarii rimettendo ogni injuria. Sono restati [18] li il P.e Leonardo et il P.e Diego Jacome procurando di accrescere il frutto nell'anime cominciato inanzi per alcuni Padri spagnoli [19] (come già scrissi [20] a V. R.).

11. In S. Vincenzo sono andati 10 o 12 [21] co'l P.e Leonardo non potendo andar più per esser la barca piccola; alla venuta [22] del Governatore anderanno delli altri. In questo mezo il P. Leonardo farà qualche frutto [23], et sappi V. R. che è potente nel predicare, et quando siamo

---

17 Achamos: Se partiram todos três juntos da Baía, a frase explica-se com a vinda de Jácome noutro navio da Armada; e aí souberam que adoeceu. Mas Nóbrega tinha mandado para Ilhéus e Porto Seguro a Leonardo e Jácome, que o haviam de esperar lá quando fosse com o Ouvidor (carta de 9 de Agosto de 1549 § 15). Leonardo teria voltado à Baía para qualquer consulta, ficando Jácome em Ilhéus à espera deles.

18 «Sono restati li»; o contexto da frase seguinte pede este sentido: «Aí tinham estado».

19 Esta designação de «alguns Padres *espanhóis*», referidos a Porto Seguro, não está na tradução latina: está «gentis *nostrae* Patres quosdam» (*Bras 3-1*, f. 35v).

20 Cf. carta de 9 de Agosto § 6.

21 «Dez ou Doze». Entre meninos ou «Irmãos pequenos» e «Irmãos grandes», porque alguns destes que agora iam já tinham estado antes em São Vicente, dirá o P. Leonardo Nunes (carta de Novembro de 1550 § 5) e por isso o receberam ali com mais festa. Cf. supra, p. 45.

22 «Alla venuta»: à vinda. Não é bem claro se à vinda da Baía ou já de São Vicente (e seria «à volta»). Na tradução latina: «Quando vier o Governador irão para lá outros».

23 Em São Vicente.

insieme tutti due egli pare il mio Aaron et io Moyse suo [24].

12. Diego Jacome et io restamo in questo Porto Sicuro. Io predico le domeniche et feste, egli insegna la dottrina christiana et già li putti sono ben instrutti in essa. Questa festa di Natale [25] haviamo confessato molta gente per graziadel Signore, in modo che si fa tuttavia qualche frutto, anchora che li mei peccati ogni cosa impediscono.

13. In questo Porto Sicuro et Isleos ho truovato una gentilità che è generatione delli Topenichini [26], fra li quali sono più popoli delli nostri che di gentili, quantunche hanno havuto delli christiani molti mali essempii et scandali, et mi pare gente più domestica che quelli di Baia, et ci si hanno mostrati sempre per amici. Et tra questi sono circa 20 o 30 christiani et alcuni che furono battezati da certi Padri che mandò la buona memoria del Re Don Manuele [27] in questo paese, li quali Padri [28] furono amazzati per colpa delli nostri christiani (secondo che ho inteso). Costoro vivano come gentili per mancamento di chi mostri loro la verità, benchè alcuni vengano a messa nella pieve. Saria necessario che qua fossino alcuni Fratelli per aiuto delli christiani et anche per convertire delli gentili.

---

24 Na tradução latina: P. Leonardo Nunes, «vir (mihi corde) pro concione potens vehemensque usque eo ut mihi meus ipse sit Aharon, Moseh ego illi, una cum sumus si nos videns facile iudicabis» (*Bras. 3-1*, f. 35v). Cf. *Breve Itinerário* 27.

25 25 de Dezembro de 1549.

26 Tupiniquins, cf. LEITE X 128.

27 D. Manuel I de Portugal faleceu a 13 de Dezembro de 1521. ALMEIDA, *História de Portugal* II 295.

28 Esta fonte, impressa em 1562, é a de que todos os mais escritores dependem. Não se diz de que Ordem Religiosa eram. Depois, talvez por se confundir esta notícia com outros Padres Franciscanos que estiveram no Brasil com Pedro Álvares Cabral, começou-se a dizer — e se verá por esta mesma carta — que eram Franciscanos. Discute longamente este ponto VAN DER VAT, *Princípios*, 21-43.

Io ho visitato alcuni castelli de loro et truovo in essi buoni desiderii di conoscere la verità, et facevano instantia ch'io vivessi fra loro. Et benchè sia difficile far lasciare alli più vecchi molte male usanze, nelli putti si può sperare molto frutto, perchè non contradicono quasi in niente alla nostra legge, et così mi par che sia aperta la porta per aiutare molto le anime in questo paese, anchorchè quelli, qui dicunt bonum malum et malum bonum [29], sentono il contrario, perchè non hanno fatto resistentia, nè amazzati quelli che volevano farli christiani et si lassano tirare alla fede quantunche non siano invitati dalli christiani che qua vengono con essempio nè parole alla cognitione di Dio, ma più presto li chiamano cani et li fanno ogni male.

14. Et tutta la loro intentione è di gabbarli et di rubbarli, et permettano che vivino come gentili senza cognitione della legge, et hanno fatto molti insulti et assassinamenti, in modo che quanto più mal fanno videntur obsequium se prestare Deo [30]. Et così il zelo et carità verso le anime che tanto ama il N. Signore al tutto è perso in questo paese, et di questo viene il puoco credito che hanno li christiani appresso li gentili, li quali adesso non li stimano punto, anzi li vituperano dove prima li chiamavano santi et tenevano in molta veneratione; et però ogni cosa che se gli dice adesso credono che sia bugia et inganni et pigliano in mala parte.

Questi et altri grandi mali fecero li christiani co'l malo essempio di vita et puoca verità nelle parole et nuove crudelità et abhominationi [75v] nelle opere. Li gentili desiderano molto la comunicatione delli christiani per la mercantia che fanno insieme del ferro et da questo nascono tante cose illicite et esorbitanti che non le potrei mai scrivere et ne sento non puoco dolore nell'anima conside-

182 insieme] insiemo *ms.*

29 Isai. 5, 21.
30 Ioan. 16, 2.

rando in quanta ignorantia vivono questi poveri gentili, et oltra di questo che quelli che domandano il pane non habbino qui frangat eis [31]. Dirò a V. R. una cosa più presto da piangere che da scrivere.

Un religioso sacerdote [32] spinto dal demonio condusse un giorno un Principale di un castello al suo adversario per farlo amazzare et mangiare. Il che non volendo far detto adversario, con dire per tal effetto lo voleva pigliare in guerra et non per inganno, quel sacerdote cominciò a incitarlo chiamandolo vile et pusillanime che non amazzava il suo inimico, tanto che lo fece et lo mangiò, senza altra utilità di quel religioso, salvo che hebbe non so che puoca di robba. Di simili casi ne accadeno molto spesso et per ciò dico che quanto siamo più lontani da vecchi christiani che qui sono, tanto più si farà frutto.

15. Sono arrivati qua due Padri di Santo Antonio li quali stettero alcuni mesi in questo Porto Sicuro, et hanno lassato molto buono essempio di se et gran nome per le sue virtù, et erano italiani [33]. Ma volendo passare più oltra

---

31 Cf. Thr. 4. 4.

32 Não se identificou este «religioso sacerdote», que para VAN DER VAT foi «provàvelmente um franciscano», *Princípios* 240. E deve ser o mesmo a que se refere Nóbrega na carta a Tomé de Sousa, de 5 de Julho de 1559 §§ 12-14. Cf. LEITE, *Breve Itinerário* 132; *Cartas de Nóbrega*, (1955) 323-324.

33 Ficaram ignorados os nomes destes dois Franciscanos italianos. VAN DER VAT escreve que o facto se deve colocar durante a própria estada de Nóbrega em Porto Seguro, ainda em 1549, *Princípios* 88. Para se entender o que Nóbrega diz, nesta carta, do Clero e dos Religiosos de Porto Seguro, é útil conhecer o que aí estava em 1546 e se cita no Processo de Pero do Campo Tourinho: Bernardo de Aurignac Vigário [Pároco] de Porto Seguro, Frei Jorge «Capuchinho da Ordem de S Francisco», Padre Manuel Colaço capelão do Duque de Aveiro, João Camelo Pereira e Pedro Rico beneficiados da Igreja de Porto Seguro, João Bezerra «padre de missa», e Frei Diogo «Frade da Ordem de S. Francisco». Aparece ainda, uma vez, um «Frei Roque da Ordem de S. Francisco», mas é erro de leitura (Roque em vez de Diogo), porque se repete de ambos exactamente o mesmo. Diogo era um frade «desterrado». (Cf. «Inquiryçam que ho vigairo desta vyla de Porto Seguro tirou jumtamente com o Padre Manuell Collaço e Pero Anes Vycente Juiz ordi-

alli gentili, desiderosi di patire per la fede, qui apresso 10 miglia si affogò uno in un fiume [34] (il quale ho passato io adesso con assai puoco pericolo) et per questo l'altro è tornato a cercare un compagno. Pare che N. Signore con questi segni chiama noi anchora a tal'impresa. A Lui piaccia darci le forze et la grazia di servirlo in ogni luoco.

16. Visitando io questi castelli truovai un putto di 3 o 4 anni che certi volevano amazzare et mangiare havendolo tolto alli suoi adversarii. Cosa veramente di gran compassione, et è tanto difficile a fare il riscatto [a] questa generatione de Topenichini che non si potria mai pensare, in modo che non haviamo mai potuto rihaverlo, ma si bene per grazia di Dio operai di sorte che lo feci battezare insieme con altri che haveva in pregione per il medesimo effetto.

Visitando li popoli vicini a questa terra ho confessato molti et si è fatto frutto lasciando molti o maritandosi con la concubina et lasciando molti peccati, benchè di questi ce ne sono molti di christiani che stanno qui in Brasil quali tengono non solamente una concubina ma molte in casa, facendo battezare molte schiave sotto pretesto di buon zelo et per farsele amiche a mal fine, persuadendosi per ciò che non sia peccato, et insieme con questi ci sono alcuni religiosi che qui erano nel medesimo errore, di modo che potiamo dire: Omnes commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum [35].

17. Molti christiani per essere poveri si sono maritati con le donne negre della terra, ma altri assai ne ritorneranno nel regno nostro li volendo noi assolvere, benchè qui habbino figliuoli, per essere maritati in Portugallo, anzi

---

nairo sobre as heresias e blasfemeas que Pero do Campo Tourinho Governador desta Capytanya dyzya e fazya contra Deus noso Senhor». Torre do Tombo. Processo da Inquisição de Lisboa n.º 8821, na *História da Colonização Portuguesa do Brasil* III 271-283).

34 Por este facto, se ficou a chamar Rio do Frade; e se vê que Nóbrega visitou, por terra, a costa de Porto Seguro.

35 Ps. 105, 35.

nelle prediche molto li reprendiamo. Se il Re determina di accrescere il popolo in queste terre, è necessario che venghino molte donne orphane [36] et d'ogni sorte ancorchè siano meretrici [37], essendo anche qua varie sorte di huomini, perchè li buoni et ricchi mariteranno le orfane, et in questo modo si eviteranno li peccati et crescerà la moltitudine in servitio di Dio.

18. In questo paese tutti li huomini [76r] o la maggior parte hanno la conscienza carica per causa delli schiavi che tengono contra ragione, oltra che molti che erano riscattati da suoi parenti non si relassano, ma tuttavia restano schiavi per li inganni che usano quelli che permettono di liberarli, et perciò puochi si trovano che si possino assolvere non volendo astenersi dal peccato nè di vendere li parenti ancorchè io molto di questo li riprenda, dicendo che il padre non può vendere il figliuolo salvo che in estrema necessità [38], come permettono le leggi imperiali [39], et in questo caso ho contrario tutto il populo et etiam li confessori di qua, et così Sathanasso tiene al tutto ligate le anime in questo modo, et è molto difficile levare questo abuso perchè li huomini che di qua vengono non hanno altra vita che di schiavi, quali pescano et cercano il vitto, tanto signoreggia qua la pigritia et sono dediti alle cose sensuali et vitii diversi, nè si curano di stare scommunicati tenendo detti schiavi. Per-

---

36 Vieram as órfãs. E as primeiras foram três irmãs filhas de Baltasar Lobo de Sousa, morto na carreira da Índia: Catarina Lobo de Barros Almeida, Joana Barbosa Lobo de Almeida e Mícia Lobo. Dá notícia delas e dos seus casamentos RODOLFO GARCIA, *As Órfãs* (Rio de Janeiro 1946) 9ss.

37 João Ribeiro traduziu «erradas», *Cartas* (1931) 109.

38 Nóbrega desenvolve esta doutrina jurídica no «Caso de Consciência» de 1567 (cf. *Novas Cartas Jesuíticas* 112-129; LEITE VII 182-184; *Cartas de Nóbrega* [1955] 397-429).

39 «Leis imperiais» isto é, do Direito Romano; e trata-se da Lei 2.ª *qui filios distraxerit,* como diz explìcitamente o mesmo P. Nóbrega. no «Caso de Consciência» de 1567 (*Cartas de Nóbrega* [1955] 407), Cf. PEDRO VIDAL *Institutiones Iuris Civilis Romani* (Prati 1915) 330-331, e nota 22: «C. 4, 43 de patr. qui fil. distrax. L. 2».

chè li sacerdoti di qua non ne fanno scrupulo alcuno, il miglior rimedio per questo saria che il Re mandassi inquisitori et commissarii per fare liberare li schiavi, al meno quelli che sono rubati et farli stare fra li christiani perchè lassino li mali costumi di gentili già battezati, et che la nostra Compagnia havessi cura di loro amaestrandoli nella fede, nella qualle puoco o niente possono imparare in casa delli padroni, anzi vivono come li gentili senza cognitione alcuna di Dio, et con li tali potremo noi principiare la Chiesia del Signore nelle città grosse dove si manterebbono et viverebbono appresso di noi da christiani. V. R. facci raccomandare questa cosa a Iddio dalli Padri et Frattelli, operando etiam con S. A. che ci metta qualche ordine conveniente.

19. Sarebbe ancora molto a proposito et de grande utilità havere licentia dalla Sede Apostolica di fare compositioni et altre cose necessarie sopra la restitutione di detti schiavi rubati, perchè sono già passati in tertii delli salarii debiti a loro et altere cose injuste dove non si può restituire alli padroni istessi et simili cose che ogni giorno accadeno per li quali saria molto spediente che noi havessimo la facultà della Sede Apostolica per assolvere et per consolare molte anime et massime non ci essendo qua vescovo o vicario generale benchè haviamo speranza che presto ci sarà. Voglia Iddio che ci venga di tale edificatione che si possa dire di lui per episcopatum bonum opus desiderat[40] id est bonum onus, et non per farsi ricco perchè la terra è povera, ma per cercare le pecorelle perse del grege de Jesu Christo. Et ancorchè molti siano qua qui nondum sunt ex eius ovili, tamen oportet illas adducere ut sit unus pastor et unum ovile[41], et recumbant cum Abraam, Isaac et Iacob in regno caelorum, si quidem multi filii regni se indignos faciunt[42]. Et se pur per li mei peccati non si potrà

40 1 Thim. 3. 1.
41 Ioan. 10, 16.
42 Mat. 8, 11-12.

introdurre in questo paese justitia ecclesiastica, doverebbe al meno S. A. provedere a questi concubinarii sotto quelle pene che bisognassino, et questo si farebbe con più ragione come ho detto mandando qua donne, et non si darebbe tanto male essempio alli gentili che vedeno queste cose.

20. Qua habbiamo ricevuto ogni cosa secondo ci havete scritto, cioè due casse con libri[43] et ornamenti per le Chiese quali molto erano necessarii perchè con l'aiuto del Signore si faranno delle Chiese in molti luoghi. Vorremo che si mandasse anchora alcune campanelle [76v] grosse et piccole, et similmente di calici ancorchè siano di metallo non si potendo più et tutto quello che bisogna per le messe, come vino et farina, ma sopratutto molti Fratelli a piantare questa nuova vigna del Signore.

21. Aspettiamo etiam risposta da V. R. per cominciare il Collegio[44] del Salvatore in Baia nel quale non ci andrà tanta spesa come pensate, ma con 100 scudi si potranno fare stantie di terra che bastino in questo principio. Li scolari con puoco si manteranno. Si potrà anche far di pietra si parà a V. R. perchè ci sarà della calcina molto buona.

22. Alcuni Padri di qua mi hanno dimandato che facultà haviamo di confessare et assolvere et però bisogneria poterli mostrare. V. R. veda di farlo per li primi che veranno qua interponendoci la auctorità del Legato o di qualsivoglia altro purche faccino fede[45].

23. Questa terra (come ho già scritto a V. R.) è molto sana per habitare et così confermo adesso dicendo che mi pare la migliore che si possa trovare, perciochè da che siamo qua non ho inteso che sia morto nissuno di febbre, mas solamente per vecchiezza et molti per mal francese[46] o per hidropesia. L'acqua per esser li nutrimenti humidi è molto

---

43 Tinha-os pedido na carta de 9 de Agosto de 1549 § 18. Primeira contribuição da que foi mais tarde a famosa Biblioteca da Baía. LEITE V 92-94.

44 Cf. supra, 65.

45 Carta de cc. 10 de Abril de 1549 § 13.

46 Sobre o mal gálico ou sífilis, cf. LEITE II 579.

bona. La terra naturalmente è calda et humida, per star più sano bisogno affaticarsi et sudare come fa il Padre Navarro. Tutti li cibi generalmente sono duri a smaltire, ma Dio ha provisto d'un'herba[47], il fum della quale molto giova alla digestione et ad altri dolori corporali et a purgare la flegma del stomaco. Non è già alcuno di nostri Fratelli che la usi, come anche non fanno altri christiani, per non ci conformare con li infideli li quali molto la stimano. Io ne haverei bisogno per la humidità et catarro mio, ma me ne astengo volendo non quod mihi utile est sed quod multis ut salvi fiant[48].

24. Fin'adesso li mercanti et forestieri non hanno fatto facende temendo de non essere saccheggiati dalli gentili. Si vien gente che tenga sicura[49] la terra ho speranza in Jesu Christo che se ne faranno molte, et non manco frutto in servitio di Dio nelli gentili li quali si battezeranno.

25. Dicono che qua si trova gran quantità de oro, ma per le puoche forze di christiani non si scuopre, et similmente pietre preciose. Piaccia a Dio che il vero thesoro et le vere gioie, cioè le anime sue che sono nelle tenebre comincino a vedere la luce, come speriamo che serà mediante la sua misericordia.

26. Li nostri Fratelli stanno tutti sani. Due[50] che ho accettati in ques Porto Sicuro sono andati in Baia et sono di molte bone qualità. Voglia Iddio N. Signore che qua venghino molti Fratelli a piantare questa sua vigna et a noi in tanto ci dia grazia abundante et forze per servire

---

47 Tabaco (LEITE I 180-181). Segundo HOEHNE foi Nóbrega o primeiro que viu esta planta «dotada de virtudes terapêuticas», *Botânica e Agricultura* 92. DICKSON traduz em inglês no lugar citado de *Panacea* [549] todo este trecho de Nóbrega.

48 1 Cor. 10, 33.

49 Revela já aqui o seu sentido não apenas de missionário, mas também de político e estadista, que na verdade era: segurança — postulado missionário. Cf. *Cartas de Nóbrega* (1955) 25*.

50 Um destes dois Irmãos parece que foi Domingos Anes «Pecorella». LEITE I 573.

S. Maiestà. Et senza dir altro per adesso dimandando la
35º benedittione di V. R. ci raccomandiamo nelle orationi de tutti li Padri et Fratelli nostri charissimi in Jesu Christo.
De questo Porto Sicuro 6 de Genaro M. D. L. [1550].
Indegno figliolo di V. R. in Christo Nostro Signore

Emanuel Nobrega.
IHS[51]

11

DO P. PERO DOMÉNECH AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

LISBOA 27 DE JANEIRO DE 1550

I. **Autores:** FRANCO, *Synopsis* 29 n. 6; LEITE I 35-36; X 178; CALMON, *História do Brasil* I 230-231.

II. **Texto:** Único. Biblioteca de Évora, CVIII/2-1, ff. 152v-153v. Título: «Carta que o Abade Pero Domenecque escreveo de Lisboa aos Irmãos da Companhia de Jesus do Collegio de Coimbra aos 27 de Janeiro de 1550». Cópia em português.

III. **Impressão:** LEITE, *O primeiro embarque de órfãos para o Brasil, 7 de Janeiro de 1550 (Um documento inédito)*, in *Brotéria* 17 (1933) 37-43; *Páginas de História do Brasil* (1937) 71-80.

IV. **História da impressão:** Não se imprimiu toda a carta, mas só o que se refere à ida dos órfãos para o Brasil.

V. **Edição:** Reimprime-se o texto de Évora, só também no que trata da ida dos órfãos para o Brasil, e ainda o princípio e fim da carta

Textus

1. Septem pueri orphani Collegii Olisiponensis in Brasiliam mittuntur cum Patribus S. I. — 2. Pergunt erecta cruce per vias Olisiponis. — 3. Oratione et canticis in ecclesia bethlehemensi peractis, navim conscendunt.

---

51 Monograma da responsabilidade do tradutor ou copista italiano.

Padres meus e Irmãos no dulcissimo e sangrado Jesu Redentor nosso.

[...]

1. Eu não vos escrevi ategora da partida e embarcação dos meninos orfãos que forão ao Brasil com os Padres [1] e Irmãos [2] nossos, e posto que por outrem cuido que o sabereis, por satisfazer em parte ao que devo, escrevo esta ainda que tarde. Irmãos meus, Nosso Senhor Jesu Christo quis escolher destes orfãos sete pera irem pregar o seu sanctissimo nome aos gentios e infieis, e coube a sorte a quatro delles, que foram dos primeiros que se tirarão da Ribeira que forão os alicerces desta sua sancta casa [3], e quis-[153r]lhes dar tanta fortaleza que por muytos rogos, amoestações e medos que seus parentes e amigos do mundo lhes pintavão, nunqua os poderão tirar do proposito em que estavão. E se alguma vez a rogos de seus parentes lhes davamos licença pera que fossem a casa de seus pais ou mãys ou amigos a comerem ou dormirem, em lugar de elles chorarem e consentirem em seus rogos, os repreendia[m] e pregava[m] dizendo que tudo era nada senão servir a Deus e morrer polla sancta fee catholica. Dizião-lhe alguns: «Vós sois aynda meninos e sabeis pouco pera ensinar». Respondião: «Deus hé grande e nos esforçará e ensinará aquillo que avemos de dizer». Dizião-lhes outros que no Brasil morrem os homens e comem carne humana. Respondião elles que tambem em Lisboa morrem e que depois os comem a terra e bichos, e que hum só pay tinhão que está em os ceos, de maneira que ficavão pasmados et obmutescebant quia non poterant resistere spiritui qui loquebatur [4].

---

1 Padres Afonso Brás, Francisco Pires, Manuel de Paiva e Salvador Rodrigues. LEITE I 560.

2 Irmãos «nossos», isto é «da Companhia»: «Irmão Estudante» ou «Coadjutor» não embarcou então nenhum.

3 O Colégio dos Órfãos de Lisboa inaugurou-se no mês de Agosto de 1549, com a presença da família real. Da fundação e destino deste Colégio trata RODRIGUES, *História* 1/1 700-707. Cf. supra, p. 25.

4 Act. Apost. 6, 10.

2. Vespora dos Reis depois de jantar com grandes fervores e postos de giolhos diante de huma imagem de Nossa Senhora tomarão sua cruz alevantada e abraçando alguns irmãos pequenos e enfermos que em casa ficavão, pedindo-se perdão huns aos outros com muitas lagrimas se despedião delles. E acompanhados de todos os outros irmãos orfãos andarão em procissão cantando uma cantiga que diz:

Gran Senhor nos há nacido
humano e mais divino.

Todas as ruas e janelas que estavão cheas de gente huns choravão, outros alevantavão as mãos aos ceos dando louvores ao Senhor, outros os benzião, outros saião com esmolas pollas ruas, outros andavão carregados às costas do seu fatinho, outros corrião pera os ver chamando-lhes bem-aventurados. Era tanto fougo por onde elles passavão, que me acendia o rosto como se estivera numa estufa. Ora que faria a outros que tem outros espiritos mais limpos e mais enlevados no amor do Senhor! E assim passando polla Rua Nova e polla metade da cidade, forão a pé até Betlem acompanhados de muitos devotos; et ne deficerent in via [5], quis a Providencia divina que certos devotos nos esperassem na me-[153v]tade do caminho com refresco de muito pão e muyta fruyta.

3. Chegados a Betlem e postos de giolhos diante do Sanctissimo Sacramento [6], fizerão oração e, esperando pollo batel, cantarão a Salve Rainha e humas prosas a Nossa Senhora onde estavão muita gente e muytos frades, que ficarão muy edificados; e cantando humas cantigas de N. Senhora se alevantarão pera se embarcar acompanhados de muytos homens e molheres. Chegado o batel pera

---

44 rosto *ms.* resto

---

5 Mat. 15, 32.
6 No Mosteiro de Santa Maria de Belém (Jerónimos).

se embarcar, vierão-se todos pera mim pecador e, prostando-se com muyta humildade e lagrimas, pedindo-me perdão e a benção, confesso minha fraqueza que por muyto que dissimulase non potui continere lacrymas, e abraçando-os cum osculo pacis et elevatis oculis in coelum [7], lhes dei a benção que aquelle nosso Padre eterno despensa com suas creaturas per mãos de seus ministros [8]. Então abraçavão-se huns aos outros com muytas lagrimas e choros dizendo: «Irmãos meus, ficai muito embora». Outros dizião: «Ó irmão meu, como nos deixais?». Era tanto o choro que grandes e pequeninos, moços e velhos que ali estavão todos choravão. Então hum delles, que se chamava Francisco Carneiro, saltou no batel e arrimado à borda delle tomou a cruz na mão e, alevantada no ar com grande fervor, começou a cantar a alta voz

Os mandamentos de Deus
que avemos de guardar
dados pelo Rey dos ceos
pera todos nos salvar.

Andava tam fervente que parecia daqueles que vão a receber martyrio. Emtão todos o seguirão, e eles chorando no mar e nós na terra, fazendo longum vale, se partirão sem partir-se nossos olhos deles até que chegarão ao galeão [9]. Os nossos mininos que quá ficavão sentirão tanto a partida dos seus carissimos irmãos que os não podiamos aquietar, que hera já perto da cidade e ainda alguns deles choravão. O dia despois dos Reis hà tarde [10], os Padres da Companhia e Irmãos nossos vistirão suas sobrepelices e hum deles huma capa e os meninos com sua cruz alevan-

71 cruz *del.* a ‖ 76 pelo *corr. ex* pelos ‖ 79 o *corr. ex* os

7 Luc. 9, 16.
8 Cf. Col. 1, 25.
9 Galeão Velho ou Galeão S. João Baptista, de Simão da Gama de Andrade. LEITE, *Páginas* 79; *História* I 561.
10 7 de Janeiro de 1550.

tada e hum retabolo de Nossa Senhora [que] levavão no ar, cantando a Salve Regina dederunt vela ventis. E assi
90 no nome de Nosso Senhor Jesu Christo se partirão. Por amor de Nosso Senhor, Irmãos meus charissimos, que os encomendemos a Nosso Senhor [154r] que o mesmo fazemos quá nós outros.

[*Modo como recrutava os meninos órfãos na Ribeira de Lisboa*]

[155v] De Lisboa a 27 de Janeiro de 1550.

Pero Domeneco

12

DO DR. PERO BORGES [1] A D. JOÃO III REI DE PORTUGAL

PORTO SEGURO 7 DE FEVEREIRO DE 1550

I. **Autores:** LEITE II 196-197.

II. **Texto:** Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Corpo Cronológico,* I, 67, 8.

III. **Impressão:** *Revista de Historia* XIII (Lisboa 1915) 73; *História da Colonização Portuguesa do Brasil* III (1924) 268-269.

IV. **Edição:** Reimprime-se, da *Revista de Historia,* o que se refere à Companhia.

---

1 Ouvidor Geral do Brasil, o primeiro que desempenhou este cargo, e chegou com Tomé de Sousa e Nóbrega em 1549. Sobre os poderes jurisdicionais do Ouvidor Geral, cf. WALDEMAR FERREIRA, *História do Direito Brasileiro* II (Rio de Janeiro 1952) 85-98.

Textus

1. Causa praecipua belli Indorum adversus christianos est captivitas eorum; sed nunc petentibus Patribus S. I. ipse iussit libertatem restituere Indis iniuste captivis.

[...]

1. A causa que principalmente ffazia a estes gentios ffazer guerra aos christãos era o salto que os navios, que por esta costa andavão ffazião nelles. E neste negocio se ffazião cousas tão desordenadas, que o menos era salteá-llos. Porque ouve homem, que hum indio principal livrou de mãos de outros mal ffirido he mal tratado e o teve em sua casa e o curou e o tornou a poer são das fferidas em salvo: Este homem tornou aly com hum navio e mandou dizer ao indio principal, que o tivera em sua casa, que o ffosse ver ao navio, cuidando o jentio que vinha elle agradecer-lhe o bem que lhe tinha ffeito; como o teve no navio o cativou com outros que com elle forão e o ffoi vender por essas capitanias. E porem este homem nam fiquou sem castiguo, porque naquelle mesmo porto onde elle tomou este jentio, que taão boas obras lhe fez, vindo aly outra vez saltear, se perdeo o navio, he elle comerão-no os peixes, e os gentios comerão os peixes que a este homem comerão. Foy juizo devino, que nam engana nem recebe engano. Agora, que a requerimento destes Padres apostollos [2], que quá andão, homens a quem nam fallece nenhuma vertude, eu mando poer em sua liberdade os gentios que forão salteados e nom tomados em guerra, estão os gentios contentes e parece-lhe que vay a cousa de verdade, e mais porque vem que se ffaz justiça e a ffazem a elles, quando alguns christãos os agravom; e parece-me que será causa de nom aver ay guerra.

[...]

---

2 Padres apóstolos, assim se chamava às vezes aos Padres da Companhia. Sobre a origem deste apelativo, cf. RODRIGUES, *História* 1/1 245.

13

MANDADO DE MANTIMENTO PARA O P. MANUEL DA NÓBREGA E CINCO COMPANHEIROS

SALVADOR [BAÍA] 23 DE FEVEREIRO DE 1550

I. **Texto:** Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Códice 1-19, 7, 2. Título: «Cópia do Livro 1 das Provisões e Mandados». Mandado n.º 468.

II. **Impressão:** *Documentos Históricos* XIII (1929) 441; *ib.* XXXVII (1937) 178.

III. **Edição:** Reimprime-se o texto de *Doc. Hist.* XIII, conferido com XXXVII.

Textus

1. Ut subsidium pro sustentatione Patrum in ferro solvatur.

1. A vinte e tres de Fevereiro de mil quinhentos e cincoenta, passou o Provedor-mor [1] mandado para Christovão de Aguiar Almoxarife dos Armazens e mantimentos desta Cidade do Salvador, que pagasse ao Padre Manuel da Nobrega Maioral dos Padres da Companhia de Jesus dois mil e quatrocentos reis, por um quintal e vinte e cinco arrateis e quarta de ferro, a dois mil reis quintal, que é o mantimento de seis Padres [2] da dita Companhia à razão de quatrocentos reis [3] cada um por mez; e que por elle com

---

1 António Cardoso de Barros. LEITE I 18.

2 Nóbrega e os cinco companheiros que com ele vieram em 1549.

3 Recebido em ferro, o subsídio «saia pouco mais de dois tostões [200 réis] em dinheiro» escreve Nóbrega em fins de Agosto de 1552 (Carta 54 § 3); e esse mesmo dizia Nóbrega, a 10 de Julho do mesmo ano de 1552, que o aplicava a sustentar os meninos «e nós vivemos de esmolas e comemos pollas casas com os criados desta gente principal» (Carta 48 § 3).

seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado 10
por ambos, e, com certidão do Escrivão da Matricula em
que declare ficar posta verba em seu titulo que houveram
o dito pagamento, lhe sejam levados em conta [4].

14

DO P. JOÃO DE AZPILCUETA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

BAÍA 28 DE MARÇO DE 1550

I. **Bibliografia:** STREIT II 333 n. 1208; LEITE VIII 83 n. 1.

II. **Autores:** LEITE II 46.

III. **Texto:**

1. ARSI, *Bras. 3-1,* ff. 27r-30r [antes 392r 395v]. No endereço o autor tinha escrito primeiro: «Para el Padre Maestre Simón con [mis en Christo amados», etc.]. Depois rasurou e escreveu o endereço, que se transcreve adiante no fim da carta. Autógrafo em espanhol.

2. Biblioteca Vaticana, *Ottoboni lat. 797,* ff. 78r-81v. Tradução italiana nem sempre correcta e um tanto resumida.

3. América do Norte, lugar desconhecido: *Cod. Sardo,* n.° 22. Tradução também italiana ao que parece (não o vimos). Deste códice, como de *Ottoboni,* trata SCHURHAMMER, *Epp. Xav.* I 212*-213*.

IV. **Impressão:** *Nuovi Avisi dell'Indie di Portogallo* (Venezia 1562) ff. 9v-12v; *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 49-53.

---

4 Pelo mesmo teor se conservam outros mandados de pagamento *em ferro* com as seguintes datas: 13 de Abril de 1550, *Doc. Hist.* XIII, p. 453 n. 494; 12 de Novembro de 1550, *ib.* XIII, p. 355 n. 243; 19 de Dezembro de 1550, *ib.* XIII, p. 401 n. 375; 16 de Abril de 1551, *ib.* XIII, p. 492-493 n. 581; 25 de Maio de 1551, *ib.* XIV, p. 9 n. 599; 3 de Junho de 1551, *ib.* XIV, p. 12 n. 605; 30 de Outubro de 1551, *ib.* XIV, p. 121 n. 845; 27 de Janeiro de 1552, *ib.* XIV, p. 163-164 n. 947; 4 de Fevereiro de 1552, *ib.* XIV p. 170 n. 961; 19 de Agosto de 1552, *ib.* XIV, p. 262 n. 1164; 6 de Setembro de 1552, *ib.* XIV, p. 271 n. 1184; 1 de Outubro de 1552, *ib.* XIV, p. 274-275 n. 1192. Outros mandados de pagamento, em espécie diferente de ferro, ou a Padres diferentes de Nóbrega, se dirão e publicarão adiante nas datas que tiverem (cf. docs. 19 20 30 32 39 50 57).

V. **História da impressão:** *Nuovi Avisi* imprime a tradução italiana resumida (2): «Estratto di una lettera del Padre Giovanni di Asplicueta Navarro di Baia nel Brassille à 28 di Marzo 1550»; *Cartas Avulsas* imprime a tradução portuguesa feita de *Nuovi Avisi*.

VI. **Edição:** Edita-se o autógrafo (1).

Textus

1. Quid ipse de conversione gentilium scripsit. — 2. Duae difficultates impediunt baptismum Indorum: prima quia domos frequenter mutant et abeunt in silvas. — 3. Secunda quia in eis invcteratus est mos comedendi carnem humanam. — 4. De suis ipsius ministeriis. — 5. De ministeriis aliorum Patrum absente Nóbrega. — 6. Preces postulat ut evangelisatio Indorum progrediatur.

+

Jesús

El amor de nuestro Señor Jesú Christo more en nuestras almas.

1. Scribí otra en el anno de 1549 [1], Hermanos mui amados en la qual vos daba alguna informaçión del fructo que se esperaba hazer en estas tierras de Brasil, así en la gentilidad, como en los christianos que aquí estabam en la vida conformes o peores, que los mismos gentiles, como quienes no tenían pastor que los metiesse en el corral de la vida christiana, que es camino del otro, que es la gloria adonde nós todos speramus de ir: que por amor del Señor somos apartados corporalmente, unidos en la misma speraça por deseo, suffriendo muchos trabajos y tribulationes corporales y spirituales por su amor en penitentia de los peccados: que nos llamó de tenebris ad lucem [2], para que

6 esperaba *del. sup.* de

1 Carta perdida, mas de que se fez um resumo ou encaixe na carta de Agosto de 1551 [carta 35], sem ter em conta a cronologia.

2 1 Petr. 2, 9.

nós, indignos de tanto bien, conociendo, sufframus todo en pacientia por amor de Aquél que nos ensenhó por palabra y obra. Él pues nos quiera dar, y a mí como más flaco, gracia con que en todo cunpla su santa voluntad. Amén.

Scribí pues cómo se convertieran ciertos indios gentiles a nuestra santa fe, los quales siempre fueron perseguidos de los otros, de tal manera que no ha muchos días que mataron los gentíos un minimo christiano, y supieron los nuebamente convertidos, y llevantáronse contra ellos y fueron heridos los gentíos; y comiéranse unos a otros, pues uviera de aver muertes si no los despartiéramos, y así asta oy en día andan apartados así de la conversatión dellos como del modo de viver. Quasi todos vienen a misa en todos los domingos y fiestas, y tienen los otros odio o invidia por el fabor que a ellos mostramos. Con éstos está continuamente el Hermano Vicente Rodríguez conservándolos, que no le es poco trabajo, pues todos no son conformes en las costunbres. [27v] Entre éstos nuebamente convertidos así entres las mugeres como hombres ay algunos de muy buena vida. En toda la semana se occupan en hazer rozas para mantenimientos (que antes no hazían sino las mugeres). Guoardan los domingos como nós o mejor, de manera que en tales días no hazen obra servil. Aconteció en un día destos aver ido una mochacha ignorantemente a la roza a trabajar y, començando a trabajar, vínole un dolor de barriga tan grande que uvo de lu[e]go tornar a casa. Entrando en casa, como le dixieron que era fiesta, allóse culpada de aver ido a la roza. Luego fué a un Padre que rogase a Dios por ella, que Dios usaría de misericordia con ella, pues hiziera ignorantemente. Ex illa hora sanata est [3].

22 los *del.*d | de tal manera que *add. sup.* || 23 supieron *corr. sup. ex* oomo || 24 y' *corr. sup. ex.* supieron || 25 fueron *corr. sup. ex* y | los *del.* a los | comiéronse *del.* muchos || 26 y así *add. sup.* || 27 dellos *sup.* || 29 o *corr. ex* y || 30 que a *del.* al || 39 destos *del.* que || 43 Luego *del.* m | un *del.* que || 45 pues *del.* hizo ig | hora *del.* sul

3 Mat. 15, 28.

Estes ja no hazen lo que les dicen sus hechiceros, mas como se allan dolientes llaman a nós por que les rezemos las palabras de Dios. Agora acabaremos una iglesia junto dellos, en donde les tengo de dezir misa y doctrinarlos en su lengua, que ja tengo tirada la creación del mundo y encarnación de Jesú Christo, de manera que les quede declarados los artículos de la fe; los mandamientos y otras oraciones, tengo tanbien tiradas, las quales siempre les insiño así en la nuestra lengua [4] como en la suia [5], y el Pater Noster tiré en modo de sus cantares [6] para que más presto aprendiessen y gustasen, principalmente para los mochachos, a los quales enseno que las digan sobre los dolientes las dichas oraciones, mediante las quales se allan mejor. Dios quiso abrir agora un camino que spero se ará mucho fructo, y es de se casaren los cristianos con las hijas de los nuebamente convertidos. Y no a muchos días que tomó la bandera un mancebo de bien, y spero en Dios se aumentará por ser grande servitio de Dios y probecho común desta tierra, [28r] y muy más facilmente favoreciendo el Rey a tales personas y gastando alguna cosa con esta gentilidad, que aún está dura por los escándalos y saltos que los christianos hizieron en estas tierras.

2. No obstante todo esto, no dexan de pedir agoa de batismo, principalmente en las Aldeas que yo enseño, que serán obra de seis o siete, dos principales de docientos fuegos, en donde tengo dos casas en las quales los enseño los

---

46 mas *del.* a || 50 tirada *del.* tos || 53 tanbiẽ *del.* lengua || 54 suia *corr. sup. ex* nuestra | suia *del.* el || 55-56 en modo — gustasen *del. fortasse alia manu* || 57 que *del.* q | *Prius* doigan || 58 las dichas *corr. ex* los quales || 59 *Prius* abrrir || 61 muebamente *ms.* || 71 los' *sup.*

---

4 Em português.

5 Na língua brasílica ou tupi. Dos Padres idos de Portugal foi o primeiro que a estudou e aprendeu. Já a sabiam outros, que entraram no Brasil, em particular o Ir. Pero Correia, recebido na Companhia em 1549 ou 1550.

6 Circunstância suprimida na tradução italiana e portanto na portuguesa das *Avulsas*.

Indios. Pero allende de otras particulares razones, dos principales me convidan a no les administrar, que son, allende de no teneren rey a quien ovedezcan, de no seren sus casas fixas[7], de tal manera que las mudan o se mudan ellos adonde y quando quieren; specialmente cada anno las mudan las Aldeas, y antes, si alguno se enborracha o se enoja, porque entonces no hazen más que tomaren un tizón de fuego y quemaren sus casas, y dellas salta a las otras por seren de palma, por donde se quema toda la Aldea, como aconteció agora, en una noche pasada en una, que parecía dia de juizio. Y así se mudan quando honbre menos piensa, como a mí muchas veces acontesce en mis Aldeas, que aquéllos en quienes tengo más confiança los allo menos, no sé si por causa de sus hechiceros, que les dice[n] que yo ando ensenhándolos, para quando fueren nuestros esclabos menos trabajo yo tenga. Dixéronles que nós haziamus los baluartes[8] para los meter en ellos y para los matar. Asta un poço que en la ciudad abrieron para sus neccessidades, scilicet, para beber y labar paños, dixieron que en él los avíamos de lançar y aoguar. Finalmente son tan maliciosos los más de los maiores, que quanto bien les digo todo convierten (como la araña) en ponçonia, solamente los pequenos allo bien inclinados, si se tirasen del poder de los padres, que no se podrá hazer [28v] asta tanto que Su Alteza mande edificar un collijio deputado para tales mochachos en esta ciudad. Por lo qual vos pido, Her-

72 otras *sup.* || 73 administrar *del.* el || 76 *Prius* aldas || 78 de fuego *sup.* || 79 otras *del.* otras | por seren de palma *sup.* | palma *corr. ex* paja || 82 honbre] honbres *ms.* || 85 *Prius* anda || 86 yo *add. postea* || 87 baluartes *corr. ex* balmuertes || 91 los' *del.* maso || 95 *Prius* Sua | mande *corr. ex* quiera

7 Cf. LEITE II 42.

8 O Mestre de Obras Luís Dias construía então os dois baluartes no litoral da cidade, um na Ribeira do Góis, outro, o de Santa Cruz, na Ribeira dos Pescadores, já prontos em 15 de Agosto de 1551. Depois construiram-se mais quatro baluartes da banda da terra. J. DA SILVA CAMPOS, *Fortificações da Bahia* (Rio de Janeiro 1940) 8. Convém advertir que a tradução italiana em vez de «baluartes» escreveu «fosse», que se traduziu em português «fossos da cidade» (*Cartas Avulsas,* 50).

manos muy amados, que pongáis adelante de vuestros ojos a Christo crucifficado y estas almas, que tantas vezes le cruciffican comiéndose unos a otros, y roguéis al Padre que por los merecimientos de su Hijo use de misericordia con estas almas peccadoras; y le quiera dar [a] sentir a Su Alteza que se funde una casa para doctrina de tales almas, pues sus casas son tan mudables, que lo que les enseño a los hijos, desmanchan los padres con sus perbersas malicias y costunbres, llebándolos adonde quieren y a ellos más agrada.

3. Esta es la una causa por la qual les no uso administrar el sacramento del batismo, allegándo-me a la 2.ª no menos efficaz que la primera razón, que es de estaren muy araygados en el comer carne humana, de tal manera que, quando están en el traspasamiento deste mundo, piden luego carne humana, deciendo que no lleva otra consolación sino esta, y si no les aciertan allar, dicen que va[n] más desconsolados hombres del mundo; la consolación es su vingança. El más del tiempo gasto en reprender este vicio. La respuesta que algunos me dan es que no comen sino las viejas. Otros me dicen que sus abuelos comieron, que ellos an de comer tanbién, que es costunbre de se vengaren de aquella manera, pues los contrarios comen a ellos: que porqué les quiero tirar su verdadero manjar?

Un día destos fueron a la guerra muchos de las Aldeas que yo enseño, y fueron muchos muertos por los contrarios. Por se vengaren tornáronse muy apercebidos y mataron muchos de los contrarios a trayción, de donde truxeron mucha carne humana. De tal manera que, quando fui a visitar a una Aldea [29r] de las que enseño (en donde otra vez mataron un miniño que yo escribí [9]), y entrando en la

---

97 ojos *sup.* || 98 y *del.* las || 100 los *del.* tor | Hijo *corr. ex* Hija || 106 *Prius* agranda || 112 *Prius* llevar || 114 su *sup.* || 121 fueron *del.* all || 123 mataron *del.* a || 126 visitar *del.* al

---

9 Cf. supra § 1; mas deve ser alusão à carta perdida, de que se fez encaixe ou resumo na carta 35 § 3.

2.ª casa allé una panela a manera de tinaja, en la qual tenían carne humana cociendo, y al tiempo que yo llegué echaban braços, pies y cabeças de honbres, que era cosa spantosa de ver. Vi seis o siete viejas que apenas se podían tener en pie dançando por el rededor da panella y atizando la oguera, que parecían demonios en el infierno. Allí se me acordó aquella pregunta de los Apóstolos al Señor: «Vis, Domine, descendat ignis de celo et consumat illos?» Y detúbeme con la respuesta de Christo: Conversus increpavit eos, deciendo no veni perdere animas sed salvare [10]. La su infinita misericordia me da ánimo y sperança a que algún tiempo les dará gracia con que dexen estas viejas costumbres y vistan otras nuebas, administrándoles el sacramento del batismo, que asta agora me impidieron estas y otras particulares razones.

4. El modo que tengo con estes gentíos y christianos es este: que las segundas y tercias ferias [11] visito tres o quatro Aldeas, las quartas y quintas otras dos o tres que están apartadas de las otras, la[s] sextas ferias vengo a la ciudad a hazer la plática de los disciplinantes que va en mucho acrecentamiento, bendito sea Dios, principalmente agora en la Quoaresma [12]. Causa a todos mucha devoción. Muchos andan aquí que desean ser relligiosos, de los quales algunos se an metido en la Compañía [13]. Agora están en casa dos mancebos ja recebidos, y saben la limg[u]a de los brasiles [14]; y otros por no seren aptos

132 pie *ms.* pia || 137 salvare *del.* placera || 140 vistan *corr. ex* vestirán | nuebas *sup.* || 144 las *del* 2 || 146-147 a la Ciudad *sup.* | 147 plática] plitica *ms.*

10 Luc. 9, 54-56.

11 Ainda que escreve em espanhol, o autor traduz materialmente os nomes dos dias da semana em português: segunda-feira, etc., que em espanhol seriam lunes, etc. Outros portuguesismos há nesta carta.

12 Ainda escrevia na Quaresma: a Páscoa em 1550 foi a 6 de Abril.

13 Conhecem-se os nomes de dois: Simão Gonçalves e Domingos Anes «Pecorella». Outros adultos já tinham entrado nesta data, não porém na Baía (LEITE I 573).

14 São os chamados «Irmãos pequenos», que depois se averiguou não serem aptos para a Companhia. Ou se de algum se confirmou a

para la Compañia no los recebimos. [29v] Los sábados estudio el evangelio del domingo para dezir alguna cosa sobre él a los christianos en la misa, algunas veces en la ciudad, otras vezes en una vilha de moradores antiquos [15] en donde me occupo más en doctrinar los hijos de los christianos y esclabos y esclabas que son en mucha cantidad. Ordené que los esclabos y esclabas llevasen a misa (que antes no avía memoria), y allí los enseño en la mesma misa una vez, y otra a la tarde. En todos los domingos hizimos procesión a unas hermidas [16] que agora se hizieron para romerías y outras semejantes devociones. Occúpome también este día en ordenar que se casen los solteros, que todos estaban mancebados con sus esclabas. Tres están al presente para se casaren, uno es hijo de un principal desta tierra, que se casa con una de las que de alí mandaron más honrradas. Placerá a Dios que irá mejoreando cada día.

5. El P.e Nóbrega abrá seis meses [17] que se partió con la Armada a visitar los christianos de la cuesta de Sant Vicente [18]. Fué con él el P.e Leonardo Nunez y Diego Jácome

---

156 él *sup.* | los *del.* crl || 163 hermidas *corr. ex* hermidads | que *del.* est || 166 estaban *del.* como || 168-169 mandaron *del.* muy || 173 Vicente *del.* recebimus ago

---

entrada e se tornou efectiva, começou a contar-se a data depois da desta carta. Dos meninos, entrados na Companhia no Brasil, cujos nomes são conhecidos, não há nenhum do ano de 1550.

15 «Vila Velha», hoje dentro do perímetro da cidade da Baía.

16 Pelo contexto, parece que alguma destas «ermidas» era nos arredores de Vila Velha.

17 O P. Nóbrega partiu da Baía no dia 1.º de Novembro de 1549, portanto ainda não havia 5 meses.

18 Parece que era intenção de Nóbrega ir a S. Vicente e correr a costa. Mas saindo da Baía a 1 de Novembro, ainda a 6 de Janeiro de 1550 estava em Porto Seguro e só fala nos que já foram para o Sul e em mandar outros [carta 10 § 11]. Não vimos notícia nenhuma positiva de que tivesse passado da Capitania de Porto Seguro. E, em Junho de 1551 [carta 28 § 9], escreve Diogo Jácome que há mais de ano e meio nada se sabe, em S. Vicente, do Padre Nóbrega, nem dos Padres da Baía. Jácome tinha saído da Baía com Nóbrega e Leonardo Nunes a 1 de

para quedaren en una tierra de gentíos que se llaman Carixos [19], en donde se spera de se hazer fruto con la ajuda de Dios, porque todos dicen que son melhores gentíos que ay en toda esta cuesta de Brasil. El P.e Antonio Periz dexó en la ciudad en su lugar, encomendándole una casa y iglesia para recogimiento de los Padres y Hermanos, las quales él por su mano con la industria, que Dios le dió, las hizo [20] y quando los Padres llegaron [21] dábamos fim a la yglesia. [30r] Allende destas occupationes es muy occupado con los dolientes del ospital y ciudad, y principalmente agora en confesiones que continuamente somos occupados en nuestra yglesia.

Plugo a nuestro Señor que viniessen los Padres para abrangir a las neccessidades destas partes, principalmente desta gentilidad, en la qual arán fructo los que aman mucho la charidad y castidad, sin muchas letras, que poco son neccessarias entre ellos, teniendo las dos sobredichas virtudes, con fuerças corporales para acudir a las neccessidades distantes. No obstante esto, son muy neccessarias las letras para entre christianos, y más entres estas gentes que otras, por los diversos casos que entre ellos se acontecem.

---

174 llaman *del.* cax ¦ 176 cuesta] cuestra *ms.* ¦ 181 principalmente *del.* en con ¦ 186 a *sup.* ¦¦ 187 *Post* a *del.* todas ¦¦ 189 poco *corr. ex* pocos ¦¦ 194-195 acontecem *del.* por

---

Novembro de 1549 e deixara Nóbrega em Porto Seguro pouco depois de 6 de Janeiro. O que se segue desta referência de Navarro é que a 28 de Março ainda Nóbrega não estava de volta à Baía.

19 Carixós ou Carijós.

20 O P. António Pires de certo trabalhou na primeira igreja da Companhia na Baía, que foi a Ajuda. A esta seguiu-se a «ermida» do Monte Calvário, onde Vicente Rodrigues foi «ermitão»; agora trata-se já da nova Igreja no teso, que depois se chamou Terreiro de Jesus, a primeira que aí se construiu, concluída como aqui se diz pelo mês de Março (carta 53 § 15).

21 Os Padres da 2.ª expedição, Afonso Brás, Francisco Pires, Manuel de Paiva e Salvador Rodrigues, saíram de Lisboa, com sete meninos órfãos, a 7 de Janeiro de 1550. LEITE I 560; e supra, p. 171. O dia certo da chegada à Baía, pelo mês de Março, não consta.

La absentia del P.e Nóbrega me causó más tiempo por agora gastar[22] con christianos que con los gentíos, occupándome a responder con mi poco saber con la adjuda de Dios a las questiones que nunca faltan entre los christianos por la distratión de sus vidas, que agora, bendito sea Dios, van todos en mucha mejoría, y mucho más iría si en lugar de degradados viniessen hombres de bien, casados, por moradores a estas tierras para paz e aumentación della y conversión desta gentilidad, que no puede ser asta que se fuere poblando este sartón[23] y conocieren alguna subjetión a nosotros, pues a Dios no quieren conocer ni adorar ny servir por amor, ni tampoco parece Dios se acordar dellos por mis peccados y suios dellos.

5. Por tanto, Hermanos muy amados, por ésta veréis quántas lágrimas son neccessarias por nós y por ellos, que están en tanta ceguera y peccados, y por nós para que Dios nos quiera adjudar sin cansar a cabar esta vina del Señor que agora se començó. [30v] Y por quanto todos los comienços son difficultosos, por esso nós tenemos más neccessidad, principalmente, Hermanos muy amados, de vuestras orationes y sacrifficios, de nós en particular y de mí como más flaco, offrecidas al Señor. Así como yo vos traygo en mí coraçón escriptos, non atramento[24], mas con una memoria particular en mi alma, que nunca cesa de rogar que de vuestras abundantes virtudes infunda em mi alma algunas para callentar y fortificar mi poco spíritu, para que conformes todos en un

---

200 christians *del.* placera || 201 mejoría *del.* si || 202 iría *sup.* || 205 se *del.* poble | este *corr. ex* esta gentilidad | *Prius* sartão || 207 conocer *del.* cõ y | ni *sup.* | ny *del.* a | tampoco *del.* Dios || 208 suios *del.* dl || 211 lágrimas *corr. ex* lachrimas || 221 vuestras *del.* dema

---

22 Ordem lógica: ...«me causó gastar, por agora, más tiempo con»...

23 Sartón, da palavra portuguesa *sertão,* lugar inculto, distante de povoado, o interior das terras.

24 «Non atramento», latim: não com tinta.

spíritu en la tierra, nos veamos allevantados en la gloria. Amén.

De la Vaía de Todos los Santos, a 28 de Março anno de 155[0].

Vester inutilis,

Johannes[25] de Azpilcueta.

[*Endereço autógrafo:*] + Jesús. A mis en Christo muy amados Padres y Hermanos de la Compañía de Jesú en Coinbra. [*No canto à esquerda:*] Companhia.

CARTAS PERDIDAS

14 a-b. *Cartas de Pero Correia para o Colégio de Coimbra* (S.Vicente, Junho de 1550). «A primeira cousa que lhe diguo hé estarmos todos mui desconsolados de não termos resposta das cartas que por tres vias escrevemos a esse Collegio aguora há hum anno» — escreve Pero Correia no princípio da carta de 8 de Junho de 1551 [carta 23 § 1].

15

DO P. JUAN DE POLANCO POR COMISSÃO DO P. INÁCIO DE LOYOLA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

ROMA 2 DE JULHO DE 1550

I. **Bibliografia:** SCHURHAMMER, *Quellen* 4479; STREIT-DINDINGER XV 404 n. 1273.

II. **Autores:** POLANCO II 8 10 (nn. 10 15); LEITE II 310.

III. **Texto:** ARSI, *Hist. Soc. 1a*, f. 148r [antes 122r]. Rascunho autógrafo de Polanco com emendas por mão do P. Inácio.

---

226 Março *del.* de || 228 inutilis *corr. ex* innutilis || 230 + Jesus *in rasura. Prius scripsi i:* Para el Padre Maestre Simon con

---

25 Escreve o nome em latim e não se conhece mais nenhum autógrafo seu.

IV. **Impressão:** *Cartas de San Ignacio* II 236-239; MI *Epp.* III 98-100.

V. **Edição:** Reimprime-se o texto autógrafo *(Hist. Soc. 1a).*

Textus

1. Iubilaeus Anni Sancti pro Brasilia aliisque regionibus transmarinis Portugaliae. — 2. Condiciones ad lucrandum iubilaeum. — 3. P. Simon Rodrigues Romam venturus est.

Ihs.

Muy Reverendo en Christo Padre

[*Convocam-se para Roma os Padres Professos*]

1. Hago saber también a V. R. que nuestro Padre Maestro Ignatio, después de haber informado al Papa [1] de quanto Dios nuestro Señor obrava en las Indias del Rey [2] y en otras partes, ha supplicado a Su Santidad por el jubileo, tanto para todos los nuestros de las Indias de Su Alteza [3] y del Brassil, y del Magnicongo [4],

4 Padre *del. Ignatius* en Christo || 5-7 después — partes *add. Ignatius in margine superiore* || 8 tanto *add. sup. Ignatius* | nuestros *corr. sup. Ignatius ex* christianos

1 Júlio III eleito a 8 de Fevereiro de 1550. Por ter falecido a 10 de Novembro de 1549 o Papa Paulo III, o Ano Santo de 1550 só foi promulgado pela Bula *Si Pastor ovium* de 24 de Fevereiro de 1550, de Júlio III, e neste mesmo dia aberta a Porta Santa. PEDRO DE LETURIA, *S. Ignazio di Loyola e l'Anno Santo 1550,* Estratto de «La Civiltà Cattolica», Quaderni 2411, 2412 (2 dicembre, 16 dicembre 1950) 3, com diversa literatura sobre este assunto.

2 D. João III de Portugal.

3 «Indias de Su Alteza» ou Índias de Portugal ou Índias Orientais, em contraposição com as Índias do Imperador ou Índias Ocidentais (América Espanhola), onde ainda então não havia Jesuítas.

4 Magnicongo ou Manicongo: «Designação geográfica primitivamente dada, na história dos descobrimentos portugueses, ao antigo reino do Congo, ao depois incluído em parte na actual Província ultra-

y de África [5] quanto para todos los convertidos en aquellas partes, y para todos los christanos habitantes en ellas. Y esto Su Santidad con mucho grande amor y edificatión se lo concedió con una restrición (como el mismo Papa dezía por gracia), y esta era que Su Santidad dava toda su autoridad a los de la Compañía para en esta parte; y que diesen a los que les paresciese, y con imponerles lo que les paresciese, como sería visitando algunos altares o yglesias, o haziendo otra cosa que a ellos pareziese. Creo será esta gracia alcançada de grande alegría spiritual en aquellas partes; y aquí se ynbían las patentes de nuestro Padre, por donde se verá el modo de comunicar el jubileo y por quiénes. De todo se sirva Dios N. S., [148v] y él nos conserve y adelante en su santo servicio continuamente.

2. Del jubileo impetrado para todos los que están allá en Portugal y en las Indias, y donde quiera a obedientia de la Compañía, ya se scrivió por otras, visitando 4 yglesias o una 4 vezes, por 30 días continuos o interpolados.

3. No diré más por ésta, sino que estamos deseosos de ver a V. R., si será servido Dios N. S. y Su Alteza, y entonzes nos alargaremos en muchas cosas con su ayuda y favor,

---

10-11 quanto — en ellas *add. Ignatius in margine sin.* || 12 Y esto *add. Polancus in margine inf.* | Y *bis* | mucho *add. sup. Ignatius* | edificatión *del. Ignatius* que mostraba tener || 13-15 con una — parte *add. Ignatius in margine sin et del. in ms.* con una restrictión (como él dizia) y esta era que los de la Compañía tubiesen totalmente su auctoridad en esta parte || 19 alcançada *add. sup. Ignatius* || 31-32 entonzes *del.* se

---

marina de Angola. O Manicongo, como também se chamava ao soberano negro da região, compreendia toda a bacia do Zaire, e tinha a sua sede na povoação indígena de Banza e Ambasse, crismada depois pelos Portugueses, com o nome de S. Salvador» (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* XVI 110). Os primeiros Jesuítas portugueses desembarcaram a 18 de Março de 1548 no porto de Pinda, margem esquerda do Rio Zaire. RODRIGUES, *História* 1/2 548.

5 África, entende-se aqui pelas praças de Ceuta e Tetuão, em Marrocos, onde em 1548 chegaram os Jesuítas portugueses. Id., *História* 1/2 558-560.

el qual nos dé para servirle continuamente Su Magestad.

De Roma 2 de Julio 1550.

De V. R. siervo en Christo.

Por comissión de nuestro en Christo P.e Maestro Ignatio.

Joán de Polanco.

16

DO P. INÁCIO DE LOYOLA AO P. SIMÃO RODRIGUES EM PORTUGAL E DEMAIS SUPERIORES DO CONGO BRASIL E ÁFRICA

ROMA 7 DE JULHO DE 1550

I. **Bibliografia:** SCHURHAMMER, *Quellen* 4482.

II. **Autores:** POLANCO, II 8 10 (nn. 10 15); LEITE II 310.

III. **Texto:** ARSI, *Inst. 117a,* f. 50r [antes 23r]. Apógrafo latino.

IV. **Impressão:** *Cartas de San Ignacio* II 428-429 (com a tradução espanhola, 243-245); MI *Epp.* III 104-105 (mais completa do que em *Cartas*).

V. **Edição:** Reimprime-se o apógrafo *(Inst. 117a).*

Textus

1. Litterae Patentes Iubilaei Anni Sancti ad Provincialem Portugaliae P. Simonem Rodrigues et ad Superiores Missionum Congi, Brasiliae et Africae.

+

I H S

1. Ignatius de Loiola, Societatis Iesu praepositus generalis:

Dilectis in Christo fratribus Magistro Simoni Rodriguez, praeposito eiusdem Societatis in Portugaliae regno

et trasmarinis regionibus, citra Indiam, Serenissimo Regi Portugaliae subiectis, et aliis praepositis particularibus vel aliorum curam gerentibus in regno Congi, ac in India Brassilia nuncupata, et in Aphrica ab eodem Simone constitutis, salutem in Domino sempiternam.

Cum hoc anno MDL de divitibus Domini Nostri Iesu Christi et sponsae eius Ecclesiae ac Sedis Apostolicae thesauris quattuor ecclesias Romae invisentibus iubilei gratia, id est, omnium peccatorum plenissima remissio condonetur; cumque eos de nostris ac reliquos christianos, quibus ad hanc almam urbem, tot terrae ac maris tractibus disiunctam, venire non permittitur, ab huiusmodi gratia non excludi aequum censeremus, SSmo. D. N. Domino Iulio, divina providentia Papae III, ut illis, absentibus quidem corpore, praesentibus tamen animi devotione, eandem gratiam impertiri dignaretur, supplicavimus et obtinuimus; eam tamen proprio motu adiecit conditionem ut, qui de nostra Societate in praedictis regionibus laborant in Christi vinea, cum omni ea in parte Sedis Apostolicae auctoritate gratiam hanc, quibus in Domino videretur, et ea imponendo, quae viderentur, dispensarent. Nos igitur te (cuius prudentiae, quae est in Christo Iesu, plurimum confidimus) ad aliorum electionem, et eos, quos elegeris, et aliis in dictis locis (non sine delectu virtutis) praeposueris, vel eos de Societate, qui curam aliorum gerunt quocumque modo, ad huiusmodi gratiae ministrationem per se vel alios, quos idoneos iudicaverint, designamus, et potestatem a Sede Apostolica habere conferendi iubileum omnibus, sub obedientia Societatis nostrae degentibus, et christianis incolis dictarum regionum ad fidem conversis, seu advenis, aut quocumque modo ibi agentibus, qui, vere confessi, ea fecerint, quae vos eisdem imponetis, declaramus; et ut non tantum fideles, sed et prudentes tanti thesauri dispensatores ad Dei gloriam et animarum salutem vos exhibeatis, hortamur et in Domino commendamus.

Datum Romae, in aedibus Societatis Iesu, nonis Iulii 1550.

[*In margine:*] Concessio iubilei pro praepositis in India, etc.

TRADUÇÃO PORTUGUESA

+

I H S

1. Inácio de Loyola, Prepósito Geral da Companhia de Jesus:

Aos dilectos em Cristo irmãos Mestre Simão Rodrigues, Prepósito da mesma Companhia no Reino de Portugal e nas regiões ultramarinas excepto a Índia, sujeitas ao Serenissimo Rei de Portugal, e aos outros Prepósitos particulares ou aos que têm encargo doutros, no reino do Congo e na Índia chamada Brasil e na África [1], postos pelo mesmo Simão, saúde sempiterna no Senhor [2].

Neste ano de 1550, dos ricos tesoiros de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Igreja sua Esposa e da Sé Apostólica, estando concedida aos que visitam as quatro igrejas de Roma a graça do jubileu, isto é, a remissão pleníssima de todos os pecados; e, parecendo-nos que seria justo não excluir de tal graça os Nossos e os outros cristãos, que não podem vir a esta venerável cidade, de que tanto distam por terra e mar: suplicámos e obtivemos do Santíssimo Senhor Nosso Júlio por divina providência Papa III, que se dignasse conceder a mesma graça a esses ausentes

---

1 Cf. supra, 189, nota 5.

2 A 12 de Julho de 1550 escreve o P. Polanco, por comissão do P. Inácio, ao P. Simão Rodrigues Provincial de Portugal, enviando uma patente que ele deve mandar para o Provincial de Goa P. Francisco Xavier. E continua: «Para el Congo, Brassil y África, van las patentes enderezadas a V. R., y a los Prepósitos que en los tales lugares ubiere puesto; pero a V. R., tocará solamente nombrar los que quiere sean superiores en las tales partes, y a los así nombrados por V. R. tocará dispensar el jubileo, porque así el Papa lo ordenó: que los nuestros que están en aquellos lugares tubiesen su auctoridad para esta dispensatión del jubileo». (O documento, rascunho autógrafo de Polanco, acha-se em *Epp. NN. 53*, f. 145r-145v. Impresso em MI *Epp.* III 118-119) Nóbrega, Prepósito do Brasil, alude a este jubileu do Ano Santo na sua Exortação aos Moradores de Pernambuco (1552), onde ele próprio o dispensou por autoridade pontifícia que tinha para todo o Brasil: «abrirem-vos lá ho tisouro todo da Santa Igreja pera pagardes com elle todas vossas dividas» (carta 47 § 4). Também se refere a ele Vicente Rodrigues (carta 42 § 9). Na história dos Anos Santos, este de 1550, é a primeira data brasileira. LEITE, *Movimento Eucarístico Brasileiro no tempo de Nóbrega*, in *Brotéria* 60 (1955) 410.

de corpo mas presentes pela devoção do espírito; e ele de motu próprio acrescentou, como condição, que os da nossa Companhia, que trabalham nas preditas regiões da vinha de Cristo, aí dispensassem com toda a autoridade da Sé Apostólica, esta graça àqueles a quem lhes parecer no Senhor, impondo-lhes as obrigações que julgarem. Nós portanto vos designamos a vós (em cuja prudência, que está em Cristo Jesus, muito confiamos) para escolherdes os outros; e, aqueles que escolherdes e puserdes superiores nos ditos lugares (não sem atender à virtude), ou aqueles da Companhia que de qualquer modo têm cuidado do próximo, nós os designamos para administrarem esta graça por si, ou por outros que eles julgarem idóneos; e declaramos que têm poder da Sé Apostólica de conceder o jubileu a todos — os que vivem sob a obediência da nossa Companhia, e aos moradores cristãos das ditas regiões que se converteram à fé, ou aos vindos de fora, ou aos que por qualquer motivo aí se encontrarem — que tendo-se confessado, fizerem o que vós lhes impuserdes [3]; e exortamo-vos no Senhor a que vos mostreis dispensadores não só fiéis, mas também prudentes de tão grande tesoiro para a glória de Deus e salvação das almas.

Dado em Roma, na casa da Companhia de Jesus, 7 de Julho de 1550.

[*À margem:*] Concessão do jubileu para os Prepósitos da Índia, etc.

---

3 Quanto a estas condições, o P. Polanco, por comissão do P. Inácio, escreve ao P. Francisco Xavier outra carta no mesmo dia 12 de Julho de 1550, em que dá alguma explicação concreta: «Y assí nuestro Padre comete a V. R. [Xavier] y a los que son puestos por V. R. en cargo de Superiores en las Indias de allá [Oriente]; y, por el P.e Maestro Simón, en el Magnicongo, Brassil y África, que dispensen el jubileo, dándole a los que en el Señor nuestro les paresciere, y con imponerles lo que en el mesmo juzgasen convenir para el bien dellos, con tal que no se ynponga alguna limosna; y si ellos de suyo quisiesen hazerla, rescívanla algunos que no sean de la Compañía, y para alguna pía obra, que se juzgare conveniente para mayor servicio divino, con que no sea cosa que venga en utilidad alguna de la Compañía, ni para personas, ni casas, ni yglesias, ni cosa alguna della, porque tanto se dé el jubileo con más edificatión, quanto más sin ynteresse». (Rascunho autógrafo de Polanco. Todo o documento em *Hist. Soc. 1a,* ff 150r-151v. Impressa em MI *Epp.* III, 114-116; WICKI DI II 47-49).

CARTAS PERDIDAS

16a... *Dos Padres e Irmãos do Colégio de Coimbra aos Padres do Brasil* (Setembro de 1550). «Unas cartas tuvimos acá vuestras que fueron echas en el mes de Setiembre», escreve àqueles Padres e Irmãos o P. António Pires em seu nome e no de Nóbrega, de Pernambuco, a 2 de Agosto de 1551 (carta 31 § 12).

17

SESMARIA DE «ÁGUA DOS MENINOS» DADA PELO GOVERNADOR TOMÉ DE SOUSA AO P. MANUEL DA NÓBREGA, BAÍA

BAÍA 21 DE OUTUBRO DE 1550

I. **Autores**: LEITE I 34 149 151; II 144; IX 418; *Breve Itinerário* 65.

II. **Texto**: ARSI, *Bras. 11-1*, ff. 21r-22r. Fora [f. 22v]: «Das terras da Agoa dos Meninos» [Outra letra:] «Donação. 1550 et 1560» [sic]. [Terceira letra:] Donatio terrarum Aquae de Meninos facta Collegio Bahiensi a Gubernatore Thoma de Sousa». É a primeira parte da pública-forma feita pelo tabelião Marçal Vaz, na Baía, 23 de Março de 1575. E assina-a também o P. Gregório Serrão, procurador eleito a Roma. A pública-forma contém os três documentos seguintes:

a Carta de Sesmaria, 21 de Outubro de 1550 [ff. 21r-22r];

b Carta Régia ao Governador Mem de Sá, 11 de Novembro de 1567 [22r];

c. Confirmação da dada pelo mesmo Governador Mem de Sá, 30 de Setembro de 1569 [f. 22r-22v].

III. **Impressão**: *Archivo do Districto Federal* I (Rio de Janeiro 1894) 38-39.

IV. **Edição**: Imprime-se o texto de *Bras. 11-1*, só o que toca ao ano de 1550 [ff. 21r-22r], deixando os documentos *b* e *c* para as datas respectivas.

Textus

1. Nóbrega postulat tractum incultum terrarum ad alendos pueros Collegii. — 2. Potestas Gubernatoris ad concedendos tractus incultos terrarum. — 3. Donatio. — 4. Definitio limitum.

1. A quantos esta carta de sesmaria e confirmação virem, Thomé de Sousa, fidalgo da casa d'El-Rey nosso senhor, Capitão da cidade do Salvador da Baya de Todolos Sanctos, Governador Geral nestas partes do Brasil pello dito Senhor, etc.

Faço saber como o P.e Manoel da Nobrega, que ora tem cuidado da Casa do Nome de Jesus [1] nesta cidade do Salvador, me enviou dizer por sua petição como a dita Casa tinha necessidade de terras pera fazerem mantimentos, porquanto a entenção d'El-Rey e dos Padres da Companhia hee nella criar e ensinar moços do gentio, que por tempos levem ho nome do Senhor a todas as gentes, e que não se podião sostentar doutra maneira. E porque querião fazer roças de mantimentos e outras cousas pera ajuda do sustentamento da dita gente e Padres que na dita casa estão, e esperão ao diante serem en crecimento, me pedia que lhe desse humas terras que estão diante desta cidade da parte do norte, onde chamão Agua dos Meninos [2] pera diante pera o norte trezentas varas, isto ao longo do mar; e de comprimento que cheguem até um rio que chamão o Rio Vermelho, que vai de sima de praia por baixo d'aldea a que chamão Aldea dos Amenduis, e vay ter ao mar da costa; e que, nas cabeceiras das outras dadas [que] até ho presente são dadas d'Agua dos Meninos até ho outeiro que está diante d'Aldea da Porta Grande [3], onde chamavão Aldea do Ferreiro, irá tão largo como comprido até entestar com agua do dito rio que chamão o Rio Vermelho, sempre desta parte d'Oeste do dito rio na dita largura d'Agua dos Mininos até o dito outeiro d'Aldea do Ferreiro; o qual

9 Tinha] tenha *ms.* || 29 Mininos *corr. ex* Meninos

1 No Terreiro de Jesus, que do próprio título da Casa, que aqui aparece pela primeira vez, recebeu o nome.

2 Observe-se que o nome é anterior à doação jurídica. Talvez fosse já o «bom vale» que lhes ficara reservado desde 1549. Ainda hoje conserva o mesmo nome de «Água de Meninos». LEITE IX 418.

3 Sobre o índio principal «Porta Grande», cf. infra carta 43 § 7.

outeiro está sobre o mar quando vão desta cidade do Salvador, que querem entrar pera o Campo de Tapuigipe [4] desta parte do sul. E eu, vendo o que m'a asim mandava pedir, visto ser justo e proveito da dita terra e dos moradores della e serviço do dito Senhor, visto seu regimento que pera ello tenho, lhe concedi a dita terra na maneira abayxo declarada com as condiçõis da berba do dito regimento, que hé o que se segue.

Despacho do Senhor Governador.

Dou ao sopricante o que pede. Faça-lhe o escrivão sua carta. Isto se entenderá se o já não tenho dado [5]. Oje XXI de Outubro de 1550 annos.

2. Trellado do regimento d'El-Rey nosso senhor [6].

Tanto que tiverdes asentada a terra pera seguramente se poder aproveitar, dareis de sesmaria as terras que estiverem dentro no dito termo às pessoas que vo-llas pidirem, não sendo já dadas a outras pessoas que as quiserem ir povoar e aproveitar no tempo que lhe á-de ser notificado. As quais terras dareis livremente sem foro algum, somente pagarão o dizimo aa Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo, e com as condiçõis e obrigaçõis do foral dado às ditas terras e de minha ordenação no quarto livro, titolo das sesmarias, com condição que resida na povoação da dita Baya ou das terras que lhe asim forem dadas tres annos, dentro do qual tempo [as] não poderão vender nem alhear. E não dareis a cada pessoa mais terra

---

41 1550 *corr. ex* 1580 || 48 foro] forro *ms.* || 50 foral] forral *ms.* || 55 alhear] enlear *ms.*

---

4 Tapuigipe, hoje Itapagipe (Baía).

5 Não se conhece o primitivo título; e talvez esta frase só se escrevesse ao fazer o Registo em 1552. Ver, infra, nota 9.

6 Cf. «Regimento de Tomé de Sousa», de 17 de Dezembro de 1548. Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino, cód. 112 (antigo *Registos* 1) ff. 1r-9v, in *Anais do IV Congresso de História Nacional (1949)* II (Rio de Janeiro 1950) 50-51.

que aquella que boamente [e] segundo sua possibilidade vos parecer que poderá aproveitar. E se as pessoas que já tiverem terras dentro no dito termo, asim aquellas que se acharem presentes na dita Baya, como as que despois forem a ella dentro no tempo que lhes á-de ser notificado, quiserem aproveitar as ditas terras que já tinhão, vós lhas tornareis a dar de novo pera [as] aproveitarem com a obrigação acima dita. E não indo alguns dos ausentes dentro no dito tempo que lhe assim á-de ser notificado aproveitar as terras que dantes tinhão, vós as dareis pela dita maneira a quem as aproveite; e este capitollo se trelladará nas cartas das ditas sesmarias.

3. [21v] Pelo qual e por virtude do dito regimento, eu lhe dei a dita terra de sesmaria que está no dito lugar atrás declarado, a qual terra tem as ditas trezentas varas de largo ao longo do mar e o comprimento será do mar da Bahia até entestar com o dito Rio Vermelho, que vay pello dito lugar atrás escripto, e a mais largura que terá será por cima das terras dos moradores que estão d'Agua dos Mininos até o dito outeiro que está em cima d'Aldea da Porta Grande à dita aldea a que chamão Aldea do Ferreiro, o qual Ferreiro se chamava pela lingua dos Indios Taramiarãna, e hirá sempre naquella largura até o dito rio e não passará o rio pera parte de leste. E partirá pera parte do norte com terra de Amador d'Aguiar e de Jorge d'Aguiar, ambos irmãos de Christovão d'Aguiar[7], almoxarife, e da parte do sul partirá com terra de Christovão d'Aguiar polla Agua dos Meninos, e por cima pollo sertão partirá com os mais hereos que com direito dever de partir, e a braça será braça craveira, scilicet, duas varas de midir por huma como se no Reino costuma de midir. A qual terra lhe dou pera que a

60-61 quiserem *del* cumprir || 78 até *ms.* atee até *del. prim.*

7 Destes três irmãos Aguiares. Jorge não vimos quem fosse, Amador era «homem de armas» (*Doc. Hist.* III [1929] 390 477) e Cristóvão o que se diz no próprio documento.

aproveite em tres annos livre e desembargada, sem foro nem tributo algum, somente do que lhe o Senhor Deus nella der de suas novidades e criaçõis pagarão os dizimos à Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo a quem nesta cidade tiver cargo de os receber, e com condição que o dito Padre á-de viver dentro nesta cidade ou em seus termos tres annos, dentro do qual tempo não poderá vender nem alhear a dita terra de sesmaria por nenhum modo que seja sem licença do dito Senhor ou de quem tiver licença pera lha poder dar. E será obrigado de começar d'aproveitar a dita terra e sesmaria, e fazer nella roças de mantimentos e outros mantimentos [sic] da dada desta em quatro meses, e acabará de [a] aproveitar nos ditos tres annos sob pena de mil reis pera o conselho, e de darem a dita terra e sesmaria, que aproveitada não tever, a outra pessoa que [a] aproveitar queira; e dará por ella caminhos e serventias, ordenados e necessarios pera o conselho pera fontes e pontes, vieiros e pedreiras que lhe necessarios forem. E fazendo e aproveitando a dita terra pela dita maneira, acabados os ditos tres annos eu lha ey por dada para elle e seus herdeiros, ascendentes e decendentes, e que elle possa vender, dar, doar, trocar e escambar, e fazer della o que lhe bem vier como de cousa sua propria ixenta que hé. E porque ho dito Padre Manoel da Nobrega todo prometeo de comprir e manter polla dita maneira, lhe mandei ser feita esta carta de sesmaria, a qual vay por mym asinada e asselada com o sello das minhas armas, que perante mym serve. Inofre Pinheiro Carvalho, scrivão do tombo por El-Rei nosso senhor, e en esta sua cidade do Salvador da Baya de Todolos Sanctos a fez e a tirou do livro do tombo que em seu poder fica. A vinte e hum de Outubro, anno e nacimento de Nosso Senhor Jesu Christo de 1550 annos.

Thomé de Sousa.

---

87 foro] forro *ms.* || 93 alhear] enlear *ms.* || 97 dada *del* em || 98 aproveitar *del.* ha dita terra e sesmaria || 104 dita *del.* terra || 110 dita *del.* e || 112 serve *corr. ex* o scrivão

4. Declarou o Senhor Governador que posto que acima nesta carta digua que começará na Agua dos Meninos ao longo do mar, que não começará senão no sertão na cabeceira da dada de Guaspar Folgado, que hee nesta mesma dada, porquanto o dito Guaspar Folgado a tinha por seu despacho primeiro que o dito Padre Manoel da Nobrega. E portanto começará onde elle acabar seu comprimento, e asi na cabeceira da dada do Amador d'Aguiar e do Jorge d'Aguiar, ambos irmãos, que estão pegados com o dito Gaspar Folgado [8] da parte do norte; e hirá o dito Padre sempre nesta largura destas duas dadas, scilicet, a de Gaspar Folgado e dos ditos irmãos Jorge d'Aguiar e Amador d'Aguiar sempre na dita largura até entestar com o dito Rio Vermelho que vay pollo direito da dita dada por baixo d'Aldea dos Amandois, que os christãos chamão, e polla lingua dos indios chamão à dita aldea Ubatib, e não passará o rio pera parte d'alem contra leste. E partirá da banda do sul com Christovão d'Aguiar e com os mais hereos que diante da sua cabeceira vão, e da parte do norte partirá com quem direito for. E esta declaração se fez por verdade, porquanto o dito Gaspar Folgado tinha a dita terra por despacho do Senhor Governador, primeiro, e portanto começará onde elle acabar, correrá a largura do dito Gaspar Folgado e dos ditos dous irmãos sempre até o dito Rio Vermelho como dito hee. E o Senhor Governador tornou asinar esta declaração no dito dia, mês e era atrás scrito e declarado [9].

---

134 contra *corr. ex* contraria || 143 dia *add. sup.*

---

8 De 19 de Outubro de 1551 há um mandado do Provedor para que se dê «a Gaspar Folgado, *morador nesta Cidade do Salvador,* três mil e duzentos reis em dinheiro de contado, de quatro onças de âmbar que o dito Provedor comprou para mandar a Sua Alteza» (*Doc. Hist.* XIV [1929] 116).

9 Esta declaração, registada em 1552 com a carta de sesmaria de 1550, levanta a dúvida: porque não se fez logo a carta com a delimitação devida? Que já estava aplicada, na intenção ou de facto, à Casa do Nome de Jesus tem-se como explicação do nome de «Água dos Meni-

Inofre Pinheiro Carvalho a fez no dito dia, mês e era
145 atrás declarado.

Thomé de Sousa.

[22r] Registada no Livro dos Registos desta cidade às f. 145, aos cinco dias de Mayo de 1552 annos. Antonio do Rego.

18

DO P. LEONARDO NUNES AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

[S. VICENTE NOVEMBRO [?] DE 1550]

I. **Bibliografia:** BARBOSA MACHADO III 8; *Cimélios* 492; STREIT II 334 n. 1212; LEITE IX 17 n. 3.

II. **Autores:** POLANCO, II 385-387; FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 195-196; LEITE I 262 333.

III. **Texto:** Original português perdido, do qual se fez a tradução espanhola logo impressa *(Copia)*.

1. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff 13v-16r. Título: «Outra do P. Leonardo Nunez, do Porto de S. Vicente do anno de 1551». Retroversão portuguesa.

2. ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 17v-21v. Tradução italiana da espanhola.

3. Bibl. Vaticana, *Ottoboni lat. 797*, ff. 132v-137v; 149r-152r. Mais duas traduções italianas da espanhola.

---

144 dia *add. sup.*

---

nos» e é a própria base do requerimento de Nóbrega: pedia-se para os criar. A declaração talvez não constasse na Carta de Sesmaria primitiva, e se fizesse algum tempo depois antes do Registo de 1552, embora com a mesma data. E seria para favorecer os Meninos. De facto, se a declaração recua um pouco para o interior (leste) a Sesmaria, contudo suprime-se o limite «ao norte» de sós 300 varas e escreve-se «da parte do norte partirá com quem de direito». Tendo-se em conta que Tomé de Sousa era benfeitor do Colégio, a indeterminação de limites ao norte seria feita de combinação com Nóbrega a favor dos Meninos.

IV. **Destinatários:** A carta parece ter sido dirigida primitivamente ao P. Simão Rodrigues (§ 9), mas, como está, dirige-se aos «Padres y Hermanos carissimos» (§ 1), que naquele tempo eram os de Coimbra, onde o autor fora recebido na Companhia.

V. **Data:** Como se dirá na carta do P. Afonso Brás, de 24 de Agosto de 1551 (carta 34), na primeira impressão («Copia de unas cartas») a data em vez de a colocarem naquela carta puseram-na depois da de Leonardo Nunes, impressa a seguir à de Afonso Brás. Mas Leonardo Nunes, na carta de 20 de Junho de 1551, diz que escrevera para Portugal no mês de Novembro [de 1550] E dada a confusão de «Copia» (cf. LEITE I 262) deve-se estar pela afirmação positiva do P. Leonardo também quanto ao mês: Novembro de 1550, data com que se compagina bem o texto. Notámos a confusão desta carta (LEITE I 262), mas não dispúnhamos de todos os elementos para a corrigir, aceitando em 1938 a versão de «Avisi Particolari» (LEITE I 280).

VI. **Impressão:** *Copia de unas Cartas... Tresladadas de Portugues em Castellano. Recebidas el año de 1551.* Título: «Otra embiada del Puerto de S. Vicente» [carta n 9 e última do opúsculo, 5 págs. e meia]; *Avisi Particolari delle Indie di Portogallo* [Roma 1552], ff. 144--155 [já com o nome do autor]; *Diversi Avisi* (Veneza 1559) ff. 55v-60v; *ib.* (Veneza 1565) ff. 55v-60v; *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 57 63.

VII. **História da Impressão:** *Cópia* imprime a tradução espanhola; *Avisi* e *Diversi Avisi* a tradução italiana; *Cartas* a retroversão portuguesa (1).

VIII. **Edição:** Reimprime-se a fonte actual, que é tradução espanhola de *Cópia.*

Textus

1. Pergit ad meridiem cum Indis olim captivis nunc iam libertati restitutis. — 2. Pervenit Portum Securum. — 3. Per mensem in oppido Spiritus Sancti manet. — 4. Prope S. Vincentium navim agressi sunt Indi amici credentes agi de navi Franciae. — 5. Recognita ut navis Portugaliae, pergit pacifice versus portum. — 6. Bene acceptus in oppidis Sanctorum et S. Vincentii. — 7. Adit agrum Piratiningae et promovet aedificationem ecclesiae ubi sacrum facit et communionem distribuit. — 8. Visitat pagos Indorum agri. — 9. Redit in oppidum S. Vincentii et dat operam aedificiis domus et ecclesiae. — 10. Ei in mentem venit adire interiora terrarum. — 11. Superior domus de instaurandis bonis moribus et libertate Indorum agit.

[11v] La paz y amor de Christo Nuestro Señor sea siempre en nuestras ánimas.

1. Aunque la poca charidad no me fuerce a os escrevir tantas vezes como desseo, vuestras santas obras y el gran amor que sé que me tenéis me incitan a lo hazer siempre y daros de mi cuenta también, para más obligar vuestra charidad a que no se olvide deste vuestro pobre, y tenga compassión y encomiende a Dios esta perdida gentilidad.

En algunas que os tengo escritas, Padres y Hermanos charissimos, os he dado cuenta cómo en esta tierra entre otros males avía uno en los christianos muy arraygado y malo de arrancar por sus codicias y interesses, el qual era tener muchos indios injustamente captivos [1], porque los yvan a saltear a otras tierras y con mañas y engaños los cativavan. Y trabajando yo mucho sobre esto para los quitar de las manos de los christianos, pues que sin peccado no los podían tener, algunos por descargo de [12r] sus consciencias los dexaron libres, y me los entregaron.

2. Y ordenó el Padre Nóbrega que yo los llevasse a su tierra, y assí me embarqué con ellos, y la primera jornada desembarcamos en la Capitanía del Puerto Seguro, donde hallé el pueblo muy rebuelto, y unos con otros muy alborotados. Estava todo cierto en punto de se perder, si nuestro Señor por su misericórdia no los socorriera, trayéndolos a la paz y concordia, para lo qual quiso nuestro Señor moverlos de tal manera, que los más dellos se perdonaron públicamente en la iglesia, y quedaron muy amigos, y a los otros proveyó la justicia del Rey, que avía llegado en una armada.

3. Tornando a embarcar fuymos a dar en el puerto del Spíritu Sancto, en el qual no estava [2] aún el Padre Alonso Blas [3]. Y desembarcando nos vino a recebir alguna gente

---

1 Índios Carijós. LEITE II 196.

2 «Estava»: na versão espanhola «abastava», que não faz sentido.

3 Toda a frase «en el — Blas» (l. 31-32) é interpolação da tradução espanhola, para explicar o que vem a seguir, a saber, que o P. Leonardo

de la tierra, con la qual venía el vicario [4] desta Capitanía, y por me lo rogar mucho, y también por no aver hospital en esta tierra, me fuy a posar con él, y el domingo seguiente prediqué, de lo qual todos fueron muy consolados, porque nunca tal cosa allí avían tenido. En esta Capitanía la mayor parte de la gente estava en pecado, y quiso nuestro Señor que con mi llegada se començassen a mover, de manera que en poco tiempo en muchas ánimas obró el Señor mucho, y andavan todos muy consolados loando al Señor que ansí los avía visitado, y me querían por fuerça detener que no passasse adelante. Y viendo yo la necessidad que tenían, y también por algunos embaraços que sucedieron a los del navío, me detuve con ellos un mes [5], y hize nueve o diez sermones, y oy quasi quarenta confessiones, y se apartaron muchos de pecado mortal, y dos hombres se casaron con indias que tenían en casa; y ha obrado el Señor otras muchas cosas y muy provechosas en estas ánimas, entre las quales fué mover el Señor un hombre casado, buena lengua, y dióle tal spíritu, que no quería sino yrse comigo y dexar su muger, lo qual no quise consentir aunque tenía dél mucha necessidad [6]. En quanto allí estuve hazía todas las noches la doctrina a los esclavos que allí avía, porque en aquellas oras venían de trabajar y estavan todos juntos. Y porque eran muchos y no cabían en la yglesia, la hazía en una plaçuela ay junto, a la qual venían muchos hombres blancos, mugeres y moços, y en el cabo de la doctrina les

---

Nunes foi morar com o Vigário e não com Afonso Brás, cuja carta, do Espírito Santo, se imprimiu em 1552 imediatamente antes da de Leonardo Nunes; e com outra inexactidão que foi a de se atribuir à carta de Nunes a data que pertence à de Brás.

4 P. Francisco da Luz (*Doc. Hist.* XIII [1929] 310; VAN DER VAT, *Princípios* 243-245).

5 Tendo saído da Baía a 1 de Novembro de 1549, com a sua parada em Ilhéus e em Porto Seguro, com a viagem, e aqui «um mês», parece que já seria começado o ano de 1550, quando seguiu para São Vicente.

6 Talvez se trate já de Gonçalo Álvares, o futuro interlocutor do *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* de Nóbrega, que diz de si-mesmo que era casado. LEITE, *Diálogo* 45-47.

mandava hazer una plática por aquel hombre casado [7], que tan de veras se convertió a Dios. Y en la materia que yo le señalava, dizía tan buenas cosas y con tanto zelo y fervor, que hazía mucha devoción a la gente y se consolavan mucho de lo oyr. Continuavan con grandes desseos la do-[12v]ctrina y trabajavan mucho por la aprender, y dizían unos a otros: «Este es el verdadero que Dios manda, pues que no busca interés, sino enseñar a todos de balde [8] las las cosas de Dios», y otras muchas cosas que oyéndolas me confundía, pues no era capaz dellas. Y quando la postrera noche en que me avía de despedir dellos vino, encomendéles que siempre perseverassen como lo avían hasta allí hecho, que el Padre vicario los enseñaría como yo, porque me lo tenía assí prometido. Mas con todo esto quedaron muy desconsolados los esclavos por el amor que me avían tomado. Y el día seguiente les hize el postrer sermón, y al cabo despidiéndome de la gente fueron tantas las lágrimas assí en hombres como en mugeres, que no me pude sufrir que no los ayudasse y tuviesse lástima de su desconsolación, consolándome en el Señor y e en los desseos y buena voluntad, donde su desconsolación procedía. Echad allá essos ojos, Hermanos míos en Christo, y veréis: quia messis quidem multa, operarii vero pauci. Rogate igitur Dominum messis, ut mitat operarios in messem suam [9].

4. Tornando a embarcar, diez o doze leguas junto del puerto de San Vicente, un sábado en amaneciendo venimos a vista de unas canoas de los Indios, que son una cierta manera de barcos en que se navega, y temiendo que fuessen contrarios de los christianos tornamos atrás para nós meter más en el mar. Y ellos viendo que les huyamos, vinieron con gran prissa tras nosotros y en breve tiempo

---

7 «E tenho falado de Deus muito por mandado dos Padres», diz Gonçalo Álvares; e, na hipótese de ser ele, então começou.

8 «De balde» parece tradução espanhola menos expressiva, do que seria, no original português, não receber nada: «gratuitamente». *Debalde* em português significa «em vão».

9 Mat. 9, 37-38.

nos alcançaron, y llegando preguntáronnos quién éramos. Y porque no llevávamos lengua que supiesse bien responder, dixieron y tuvieron para si que éramos franceses [10], a los quales tienen grande odio; y uno dellos dixo que allí llevava él una cabeça de un nuestro hermano [11] por donde bebía, lo qual ellos usan en señal de grande vengança. Y diziendo esto, nos començaron de cercar al rededor, porque eran siete, y cada una tenía treynta o XL remadores, los quales corren tanto que no ay navío por ligero que sea que se tenga con ellas. Y ellos apercebidos fueron tantas las flechadas sobre nós que parece que llovía, y nuestro navío venía tan bien apercebido que bernios y ropones ponían por paveses con que se amparavan. Traymos en él dos tiros de hierro, mas eran tales, que al primer tiro que tiraron con uno dellos, luego la cámara en que el tiro venía saltó en el mar. Yo me puse a un rincón del navío de rodillas pidiendo socorro al Señor, pues que de nuestra parte tan poco teníamos, y comencé de animarlos y exortarlos que se encomendassen de verdadero coraçón al Señor, arrepentiéndose y pediendo perdón de sus peccados. [13r] Hízeles una plática lo mejor que pude. Paréceme que todos determinaron consigo que si de allí escapassen emendar sus vidas. En este tiempo los Indios no nos davan espacio ninguno, siguiendo y acometiéndonos por todas partes, y cierto que parecían diablos. Todos andavan desnudos, como es costumbre de todos, dellos teñidos de negro, y otros de colorado, y otros cubiertos de plumas, y no cessavan de tirar flechadas con grande grita, y otros tañían unos buzios con que hazen alarde en sus guerras, que parecía el mismo infierno; y assí nos persiguieron passante de tres horas. De manera que si fueran contrarios y nos siguieran un poco más, ninguno de nós

10 Polanco (*Chronicon* II 385), induzido pela data errónea da carta, narra este ataque dos Índios ao navio, depois duma viagem que fez o P. Leonardo Nunes em Maio de 1551 (carta 26, de 20 de Junho § 6).

11 Isto é, dum «francês», como cuidavam os Índios que eram os do navio.

escapara de que no hizieran su manjar. Flecháronnos dos personas y una dellas murió en saliendo en tierra, porque las flechadas eran tales que passavan las tablas del navío de una parte a otra.

5. Quiso nuestro Señor que vinieron a nós conocer por portugueses, y assí nos dexaron y fuimos desembarcar al puerto de Sant Vicente, y sin nós detener nos partimos day y fuimus a dar en una villa llamada Todos Santos. Y fuimos con mucha alegría recebidos, y es tan grande la opinión que han cobrado de los de la Compañía, por causa de algunos Hermanos que aquí anduvieron [12], que se venían a mí y unos me besavan la vestidura y otros el bordón [13], de que me confundían mucho por ver que mi virtud no correspondía a lo que me hazían. Sea todo para gloria del Señor. Y como supe que no avía allí hospital, pedí una pobre casa donde me recogí con los Indios, y les hize un sermón, a lo qual concurrió mucha gente de la villa de San Vincente y de otra llamada Sant Amaro, que es de otra Capitanía sobre sí [14], de la qual se siguió algun fructo.

6. Y despedime de todos, quedando ellos muy consolados, y day fui dar a S. Vincente acompañándome el Capitán [15] y otra gente alguna. Y en llegando hize un sermón donde toda la gente fué muy movida de Dios, y day ade-

---

12 Trata-se de Irmãos que *agora* eram tais, não que *antes* «como Irmãos» tivessem estado em São Vicente. Leonardo Nunes levava consigo da Baía dez ou doze Irmãos, entre «grandes» e «pequenos». Parece tratar-se de «grandes» e um deles poderia ser Mateus Nogueira, recebido no Espírito Santo (LEITE I 563), e houvesse estado antes em São Vicente. E até talvez Pero Correia (cf. supra, Introdução Geral, Cap. II art. 17, p. 45).

13 Bordão: pormenor de como viajavam os primeiros Padres (cf. carta [de Maximiano] 29 § 2.)

14 Capitania de Santo Amaro, de Pero Lopes de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa, donatário da Capitania de São Vicente. Da Capitania de Santo Amaro era Capitão Jorge Ferreira por Martim Afonso de Sousa (não o donatário, mas outro Martim Afonso), filho de Pero Lopes de Sousa já falecido (*Doc. Hist.* XIV [1929] 385 397).

15 Capitão de São Vicente era então António de Oliveira. AZEVEDO MARQUES, *Apontamentos* I 86.

lante predicava algunas vezes; y lo más del tiempo confes- 145
sava, y cada día hazia la doctrina a los esclavos; y los lunes,
miércoles, y viernes tañía a la noche la campanilla por los
finados. De manera que viendo nuestro Señor el grande
estrago que el demonio en estas almas hazía, porque todos
quasi los habitadores destas tres villas estavan en gravís- 150
simos peccados offuscados assí casados como solteros, y
mucho más los sacerdotes, los començó de mover y traer a
tal confusión y sentimiento de sus peccados, que todos tra-
bajavan por se apartar dellos, unos casándose con las [13v]
mugeres y indias que tenían, otras echándolas fuera, y otros 155
buscándole maridos, otros determinando de vivir castamente
con sus mugeres, y todos con grandes espantos de sí, viendo
su ceguedad y peligro en que estavan tanto tiempo avía,
porque avía muchas almas que no avían sido confessadas
treinta o quarenta años avía, y estavan en peccado mortal, 160
y esto públicamente.

7. Aquí me dixeron que en el Campo[16] quatorze o quinze
leguas daquí, entre los Indios estava alguna gente chris-
tiana derramada, y passávase el año sin oyr missa y sin se
confessar, y andavan en una vida de salvajes. Viendo esto 165
determiné de yr allá, tanto por dar remedio a estos chris-
tianos como por verme con estos gentiles, los quales están
más apartados de los christianos que todas las otras Capi-
tanías. Llevé comigo dos lenguas las mejores de la tierra,
las quales después se determinaron de servir a Dios en 170
todo lo que yo les mandasse. Y yo lo acepté así por la
necessidad como por ellos ser muy aptos para esso y de
grande marca, principalmente el uno dellos llamado Pedro[17]
Correa. Y yendo, en la postrera jornada topamos un man-
cebo con unas cartas para mí, que me estavan esperando, 175

---

16 Campo de Piratininga.

17 Na versão espanhola, António. No original português estaria Pero, abreviadamente (P.º), que o tradutor desdobrou em António. Talvez o outro Irmão «língua» fosse Manuel de Chaves recebido em 1550. LEITE I 574. — Melhores «da terra»: tanto se pode entender «de Sao Vicente», como «do Brasil».

porque ya tenían nuevas que yo desseava de les yr a ver. Trabajé mucho con los christianos que allé derramados en aquel lugar entre los Indios, que se tornassen a las villas entre los christianos, en lo qual yo los hallé muy duros, mas en fin acabé com ellos que se ayuntassen todos en un lugar y hiziessen una hermita[18] y buscassen algún Padre que les dixesse missa y confessasse. Pusiéronlo luego por obra y tomaron luego campo para la iglesia. Gasté dos o tres días con ellos, y confessé algunos y diles el Sanctíssimo[19] Sacramento.

8. Después desto nos fuimos dar con los Indios a sus aldeas[20] que estavan quatro o cinco leguas day. Y yendo hallamos unos indios que andavan con grande prissa haziendo el camino por donde avíamos de yr, y quedaron muy tristes porque no lo tenían acabado. Llegando a la aldea se vino el Principal day y me llevó por fuerça a su casa, y luego se hinchió la casa de Indios, y otros que no cabían quedaron fuera y trabajaron mucho por me ver. Considerad vós, Hermanos míos en Christo, lo que mi alma sentiría viendo tantas almas perdidas por falta de quien las socorriesse! Algunas pláticas les hize aparejándolos para el conocimiento de la fe, y les dixe por la tristeza que mostravan por me yo aver luego de yr, que no yva sino a verlos y que otras muchas vezes los visitaría si tuviesse tiempo. También hallé allí al-[14r]gunos hombres blancos, y acabé con ellos que se tornassen a los christianos.

9. Y day me torné otra vez a Sant Vicente, y determiné de hazer una casa[21] en que nos recogiéssemos, y con

---

18 Parece-nos ver nesta concentração dos Cristãos e ermida, o primeiro princípio da *Vila* de Santo André, invocação da Capela onde Tomé de Sousa fundou depois a *Vila* daquele nome. LEITE, *Nóbrega e a fundação de São Paulo* 30.

19 Sancto na versão espanhola; mas deve ser desdobramento da abreviatura Sº., que, em se tratando da Eucaristia, se diz Santíssimo.

20 Estas aldeias do Campo de Piratininga ficam indeterminadas, mas uma delas sugere já a lembrança do Principal Tibiriçá.

21 A primeira casa, que edificou; depois construiu outra maior (carta 26 § 1).

algunas limosnas de los moradores la acabé, para también poder en ellas recoger y enseñar los hijos de los gentiles. Al presente estoy en ella con ocho Hermanos que acá [22] nuevamente recebimos, y dos [23] que andan agora para se determinar, entram[b]os de buena manera, y son buenas lenguas para estas partes. Nuestro Señor sea servido con todo, y haga lo que más fuere su gloria. Por tanto vea nuestro muy amado en Christo Padre Mestre Simón quánta necessidad ay acá de Hermanos de Coymbra, assí para socorro y orden desta casa, como para muchas necessidades que ay siempre entre christianos y gentiles; y por yo ser solo [24], y no poder socorrer a todo, espero en el Señor que él lo proveerá a mayor gloria de Dios.

10. Agora queremos enmaderar una iglesia que aquí tenemos hecha. Después de acabada (lo qual será muy presto) [25] determino de salir por esta tierra dentro quasi dozientas leguas donde he de gastar algunos seys o siete meses, y llevaré comigo quatro lenguas muy buenas, las dos que arriba diximos, y las dos que andan para entrar; nuestro Señor nos guíe para su loor y gloria.

11. Todo lo demás del tiempo que ha que estoy aquí, fuera tener cuydado destos Hermanos, siempre me ocupé en confessar y predicar algunas vezes, acudiendo quando podía a otras necessidades espirituales, y exercitándome en otras obras pías, buscando en todo la salvación de las almas. Y no con poco trabajo por ser solo, y por la persecución de algunos deste puerto, porque de una parte fui persiguido

---

22 «Cá», isto é, no Brasil.

23 Estes dois línguas candidatos à Companhia ou não chegaram a entrar ou não perseveraram. Porque os Irmãos recebidos até então foram aqueles dois já nomeados na nota 16 (Pero Correia e Manuel de Chaves) e o Ir. João de Sousa. LEITE I 573-574. Mas este terceiro não consta que fosse «bom língua». Dos que não perseveraram um chamava-se Fernando (carta 23 § 5), outro Maximiano (autor da carta 29).

24 «Só», no sentido de Sacerdote; os demais eram Irmãos.

25 A igreja já estava emmadeirada («forrada») e já concluída a 20 de Junho de 1551 (carta 26 § 1).

de algunos amancebados por los querer apartar del pecado, y por trabajar que se emendassen y tornassen a Dios; y de la otra era atribulado de los que también aquí tenían los negros [26] Carijós christianos captivos por los aver sal-
235 teado sin los querer dexar, teniéndolos injustamente, buscando yo muchos remedios para echar este mal fuera de la tierra, lo qual es bien malo de desapegar porque lo tienen muy arraygado en sus coraçones, de los quales sale desordenada avaricia, y desseos insaciables de bienes temporales,
240 que en muchos reynan acá mucho. Christo nuestro Señor provea como más fuere su servicio y provecho de las almas, y nos dé gracia para nuestros trabajos por amor dél recebidos le sean aceptos.

Desta Capitanía de Sant Vicente [Novembro de 1550] [27].

CARTAS PERDIDAS [1550]

18a. *Do P. Antônio Pires aos Padres e Irmãos de Coimbra* (da Baía 1550). «Por algumas cartas que el año passado de 1550 os escrevimos», diz em carta aos mesmos Padres e Irmãos, o P. António Pires, de Pernambuco, 2 de Agosto de 1551 § 1.

18b. *Dos Órfãos portugueses ao P. Pedro Doménech, Lisboa* (da Baía 1550). «Tengo cartas de ellos del grandíssimo fructo que allá hazen», escreve Pedro Doménech, a 17 de Fevereiro de 1551 § 2. Não se conservam, ou não se conhecem, outras cartas dos Órfãos senão a da Baía, 5 de Agosto de 1552.

18c. *Do P. Afonso Brás aos Padres e Irmãos de Coimbra* (de Ilhéus 1550). «Depois que escreví el año passado estando en la Capitanía de los Illeos», — diz Afonso Brás na carta de 24 de Agosto de 1551 (carta 34 § 1).

18d-e. *Do Ir. Diogo Jácome aos Irmãos de Coimbra* (de São Vicente 1550?). «Como nas outras mais larguo vos escrevi», — diz Diogo Jácome na carta de 20 de Junho de 1551 § 3.

---

26 «Negros», aqui, mas são os mesmos «Indios» de que fala no § 1.

27 Na edição de *Copia:* «a XXIIII de Agosto de M. D. LI.».

19

DE D. JOÃO III REI DE PORTUGAL A TOMÉ DE SOUSA GOVERNADOR DO BRASIL

ALMEIRIM 1 DE JANEIRO DE 1551

I. **Texto**: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Cód. 1-1, 16, 1: «Copia do Livro 1 do Registo de Provimentos Seculares e Ecclesiasticos». Título: «Traslado de uma Carta que El-Rei Nosso Senhor mandou ao Governador Thomé de Souza, por que lhe manda, que proveja os Padres da Companhia de Jesus, que nestas partes andam, do que lhe for necessario para seu comer e vestir».

II. **Impressão**: *Documentos Históricos* XXXV (Rio de Janeiro 1937) p. 96-97.

III. **Edição**: Reimprime-se o texto de *Doc. Hist.*

Textus

1. Mandatum regium ut Gubernator ministret Patribus S. I. in Brasilia degentibus quidquid necessarium ad victum et vestitum. — 2. Patres decem numerabantur ex quibus tres mortui sunt.

1. Thomé de Souza Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar.

Nessa Capitania do Brasil andam alguns Padres e Irmãos da Companhia de Jesus, os quaes folgarei, que sejam providos do que lhes for necessario, assim para seu mantimento, como para seu vestido; encommendo-vos, e mando-vos, que lhe façaes dar tudo o que para as ditas cousas houverem mister; pelo traslado desta, e vossos Mandados, e assento do Escrivão do Official, que lhe as ditas cousas der, mando aos Contadores, que lhe levem em conta o que nisso dispender. Antonio de Mello a fez em Almeirim ao primeiro dia de Janeiro de 1551. André Soares a fez escrever, a qual vinha assignada por Sua Alteza [1].

---

1 Registada no Livro da Fazenda do Brasil, ff. 31 (*Doc. Hist.* XIV [1929] 57-58; *ib.* XXXVII [1937] 290).

[*Nota à margem:*] Por que Sua Alteza manda dar o vestido e mantimento.

2. Estes Padres são dez [2] os que o Governador assentou, que [são] conteudo[s] no mesmo Alvará, e hão de haver de seu vestido, e calçado cada anno 56$ reis à razão de 5600 reis cada um. Barros [3].

O Padre Navarro [4] falleceu ao derradeiro de Abril de 1557, e até então venceu, de que puz esta verba.

O Padre Salvador Rodrigues [5] falleceu a 15 de Agosto de 1553, de que puz esta verba, porque inda então venceu.

O Padre Leonardo Nunes falleceu indo para o Reino; venceu até o dia que partiu de São Vicente [6].

CARTA PERDIDA

19a. *De D. João III a Tomé de Sousa, Brasil* (Almeirim [?] princípios de 1551). «El Rey nuestro señor escrevió al Governador que le escreviesse se avya ya Padres en todas» as Capitanias, — informa Nóbrega a Simão Rodrigues, de Pernambuco, 11 de Agosto de 1551 § 4 (carta 33).

20

MANDADO DE MANTIMENTO PARA O P. MANUEL DA NÓBREGA E SEUS COMPANHEIROS NO BRASIL

SALVADOR [BAÍA] 16 DE JANEIRO DE 1551

I. **Texto**: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Cód. 1-19, 7, 2. Título: «Cópia do Livro 1 das Provisões e Mandados». Mandado n. 416.

---

2 Dez: os primeiros seis da expedição de 1549 e os quatro da expedição de 1550. LEITE I 560.

3 António Cardoso de Barros, Provedor-mor.

4 João de Azpilcueta Navarro. LEITE VIII 83; supra, 38.

5 LEITE II 106.

6 Não se conhece o dia em que Leonardo saiu de São Vicente; o em que naufragou e morreu foi 30 de Junho de 1554. LEITE VIII 16; supra, 37-38.

II. **Impressão:** *Documentos Históricos* XIII (Rio de Janeiro 1929) p. 417; ib. XXXVII (1937) p. 153.

III. **Edição:** Reimprime-se o texto de *Doc. Hist.* XXXVII, conferido com XIII.

Textus

1. Subsidium pro sex Patribus S. I. cibis solutum.

1. A dezaseis do dito mez e era [Janeiro de mil quinhentos, e cincoenta e um] passou o Provedor-mor[1] mandado para Christovão de Aguiar, Almoxarife dos Armazens desta Cidade do Salvador, que pagasse ao Padre Manuel de Nobrega, Maioral dos Padres da Companhia de Jesus, seis alqueires de farinha pela medida da terra, e doze canadas de vinagre, e seis canadas de azeite pela medida do Reino, que é a regra e mantimento, que haviam de haver os ditos seis[2] Padres deste mez de Janeiro de mil quinhentos e cincoenta e um, e que por elle com seu conhecimento pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, em que declare receber de vós as ditas cousas; e, com Certidão do Escrivão da Matrícula de como fica posta verba no caderno dos mantimentos, lhe sejam levados em conta[3].

21

DO P. PERO DOMÉNECH AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA

ALMEIRIM 17 DE FEVEREIRO DE 1551

I. **Texto:** ARSI, *Hist. Soc. 170-1*, ff. 93r-96v [antes «Epp. Quadrimestres 1547-1555», f. 74r-77v e mais antigo 476r-479v]. Autógrafo espanhol.

---

1 António Cardoso de Barros.

2 A ordem régia de pagar a mais de seis [Doc. 19] ainda não tinha chegado ao Brasil.

3 Este mandado difere de outros, que se pagavam em ferro: este em alimentos.

II. **Impressão:** *Epp. Mixtae* II (1899) 504.

III. **História da Impressão:** *Epp. Mixtae* imprime toda a carta [págs. 503-511], mas no Índice final na palavra «Brasilia» (p. 916) omitiu-se a referência.

IV. **Edição:** Reimprime-se o texto, no que toca ao Brasil, de *Hist. Soc. 170-1.*

Textus

1. Inchoatio Collegii Orphanorum Olisiponensis. — 2. Labores septem Orphanorum qui in Brasiliam missi fuerant a Rege Portugaliae. — 3. Munificentia Regis, patris omnium.

+ Jesús +

[93r] Muy Reverendo y en Nuestro Señor Padre mío observantísimo

[*Introdução*]

1. Ya escriví a V. R. el principio desta casa, cómo fué de moços perdidos, ladrones y malos, que acá llaman patifles y allá marioli; y cómo el Señor dió gracia para se principiar, ahunque el demonio trabajó açaz para la estorvar, y ahún no la deixa, como quien es, y assí spero en el Señor que el fructo desta vinya [1] le a de amargar y quebrar la cabeça, y, a gloria de Dios, ya le tiene tirado de las unyas muchas almas, que agora sirven a Dios.

2. Destes ninyos embió el Rey [2] el anyo passado [3] siete al Brasil para ensenyar a los hijos de aquellos gentiles. Tengo cartas dellos del grandíssimo fructo que allá hazen; de manera que, quando uno destes nuestros ninyos salle

---

10 vinya *prius* vinha

---

1 O autor, catalão, tinha escrito vinha e emendou para vinya; e assim, outras vezes, usa o fonema *ny* com o valor de *nh* português ou *ñ* espanhol.

2 D. João III Rei de Portugal.

3 Carta 11 § 1.

fuera, se ajuntan más de dozientos ninios de los gentiles, y lo abraçan y rien con éll haziéndole mucha fiesta, y vienen allí a la casa de los ninyos a aprender la doctrina, y después van-[93v]se a sus casas a amostrar y ensenyar a a sus padres y hermanos; y los gentiles tienen ya hecha huna hermida allá dentro de la tierra, adonde tienen una cruz, y los ninyos indios ajúntanse allí y hazen oración y ensinan a los otros la doctrina que los nuestros ninyos les ensinyan; y como son mochachos, luego aprenden de manera que ya los nuestros niños entienden muchas cosas de su lengua. Bendito sea el Señor para siempre.

3. Agora el Rey les manda vestidos, y camisas, y libros [4], y todo lo que piden: este Príncipe es tan bendito, que es padre de todos.

[*Do que faziam os órfãos mesmo diante dos reis, e da sua educação incluindo cantos e danças*]

[96v] De Almerín [5] a XVII de Hebrero 1551.

[*Confrarias do Nome de Deus contra os blasfemadores*]

De V. R. in Christo filius

Pedro Doménec [6].

---

26 niños *prius* ninhos

---

4 Livros escolares — pois estavam no Colégio dos Meninos de Jesus — e de doutrina, como diz o texto.

5 Almerín, em português Almeirim, vila a 90 quilómetros de Lisboa, em frente de Santarém, da outra banda do Tejo, com Palácio Real no século XVI, onde a Corte ia passar temporadas.

6 Assinatura autógrafa; mas os espanhóis costumam escrever Doménech, e, nos documentos portugueses, Pero. — Noutra carta do mesmo Padre, ao mesmo P. Inácio, de Lisboa, 1 de Abril de 1551, depois de dizer que a 9 de Março tinham ido para a Índia nove órfãos, continua:

«Trabajamos de criar otras plantas, y son bien necessarias, porque después enbié dos al Brasil, los quales me dezían, que, pues el Señor fuera servido que ellos no fuessen a la India, que a lo menos los enbiasse al Brasil, adonde holgavan más de hyr que a la India, porque en la India podría ser que la cubdicia que allá anda los enganyasse, y que ellos no

[*Endereço autógrafo:*] [f. 96v] Al muy Reverendo y en el Señor Padre mio el Padre maestro Ignacio prepósito de la Companya del nombre de Jesú en Roma.

22

DO P. JUAN DE POLANCO POR COMISSÃO DO P. GERAL AO P. CLAUDIO LE JAY*, EICHSTADT

ROMA 25 DE FEVEREIRO DE 1551

I. **Bibliografia:** SCHURHAMMER, *Quellen* 4624; STREIT-DINDINGER XV 415, n. 1308.

II. **Texto:** ARSI, *Epp. NN. 53*, f. 179r-179v [antes 159r-159v]. Minuta autógrafa em italiano. No verso da mesma letra: «Copia de una per D. Claudio monstrabile al vescovo de Aisteth».

III. **Impressão:** P. CHRISTOPH GENELLI S. I., *Das Leben des heiligen Ignatius von Loyola, Stifters des Gesselschaft Jesu. Mit Benutzung der authentischen Akten, besonders seiner eigenen Briefe* (Innsbruck 1848) n. 4; *Cartas de San Ignacio* II (Madrid 1875) Append. I, n. 40, pp. 452-454; MI *Epp.* III 328-331.

IV. **Edição:** Imprime-se o autógrafo.

Textus

1. Ad Universitatem Ingolstadii duos Patres S. I. poscit Dux Bavariae cui proponitur Portugaliae exemplum. — 2. Rex Portugaliae Collegium fundavit ex quo quamplurimi Patres Brasiliam aliasque missiones Portugaliae imperii petierunt. — 3. Et etiam in patria laborant: Dux Bavariae in sua natione idem facere potest.

---

querían hyr, sino a lugar adonde se aprovechasse el alma; y esto pedían genibus flexis cum lachrimis. Ya son partidos y con muy buen tiempo; y el Rey a mandado provisión de vestido para los más que allá stán». *Hist. Soc. 170-1*, f. 99v; cf. *Epp. Mixtae* II 535, mas também desta referência ao Brasil não diz nada o Índice, p. 916.

* Claudio Le Jay (ou, alatinizado o nome, Cláudio Jaio) nasceu em Mieussy (Alta Sabóia) entre 1500-1504. Foi um dos primeiros Padres da Companhia (1535) e faleceu em Viena de Áustria em 1552 (*Mon. Roderici* 258-264; *Fontes Narr.* I 39).

+

IHS

Reverendo et charissimo in Christo Padre

1. Questa scrivo per comissione de N. P. Maestro Ignatio, per dechiarar' più difussamente alcune cose, circa le quale si rimette a V. R. in una che scrive al Reverendissimo Vescovo de Aysteth [1], a cui Signoria Reverendissima nostro Padre porta special reverentia et amore nel Signor nostro, et haveria charo de compiacerlo et servirlo in quanto sua conscientia si quietasi de non prejudicar' al servitio maggior de Dio, et ben più universale dell'anime.

Ma, perchè intenda il successo V. R., sapia che la bona memoria del Illustrissimo Ducha Vuilhelmo [2], predecessore et padre del moderno Ducha [3], fece instantia diverse volte per obtener della Sede Apostolica duoi della Compagnia nostra per lectori nella Università de Ingolstadio.

2. Et essendo parlato a N. Padre, fra altri, per il Reverendissimo Cardinale di Santacroce [4] per parte de S. Signoria, dimostrò come non li pareva essere servitio de Dio che persone, quali potevano essere utili a molte anime et populi con la predicatione et gli altri mezi d'essercitar la charità che la Compagnia usa, si ligassino in un loco per lectori, ma, si l'Illustrissimo Ducha haveva desiderio d'aggiutare la doctrina catholica et relligione nello suo stato, et anche del canto suo in tutta Alemagna, che doveria fundare uno collegio per la Compagnia nostra, dove fossi uno seminario de operarii catholici et docti per predicar et insegnare in diversi populi la parola de Dio, et far' poi come il Re de Portugallo [5] ha fatto, il quale, domandando doi per il suo regno et per le

---

1 Maurício de Hutten (MI *Epp.* III 331).
2 Guilherme IV (*ib.* 329).
3 Alberto V (*ib.* 329).
4 Marcelo Cervini, depois Papa Marcelo II.
5 D. João III.

Indie, ha fatto un collegio [6] per scholari di questa Compa-
gnia, et in quello si sono fatti tanti operarii, che lui ha provisto l'Indie in diversi loghi, tanto quelle de Goa et Malacha et verso il Malucho, quanto altre de Ormuz et Magnicongo in Ethiopia, et diversi loghi del Brazil et etiam de Africa.

3. Et nel suo regno de Portugalo, oltra li loghi principali de Lisbona et Coimbra, andano per diversi loghi sparsi molti predicatori et confessori, uscendo del collegio, quando 10, quando 15 predicatori et confessori de un trato. Et con essere forsa più de 250 persone della Compagnia nel suo dominio, non se gli può cavar' nessuno de le mani, volendoli per gli suoi subditi, per veder fructo tanto notabile, che tal anno si sono convertiti per mezo loro più de 80 mille infideli. Et così li ha fatto altri diversi collegii, et datoli nelle cose della relligione tutta la sua auctorità, mero et mixto imperio, nelle Indie, trovandosi ogni dì meglio del collegio de Coimbra fatto, del quale è uscito et esce detto fructo. Che poteva adunque far similmente il Ducha Vuilhelmo, et cerrar nel suo dominio quelli operarii che si allevasino nel suo collegio. Questo parse molto bene a Papa Paulo, felicis recordationis, et alli Reverendissimi Cardinali di Santacroce et Mafeo [7], con li quali si tratava questa cosa.

[*Assuntos sem relação com o Brasil*]

De Roma 23 de Febraro 1551.

CARTAS PERDIDAS

22a-b. *Cartas dos Moradores de Porto Seguro ao P. Nóbrega e a Tomé de Sousa, Baía* (Porto Seguro, por Março de 1551). Os moradores de Porto Seguro, antes do dia 23 de Março, em que saiu dali para o Espírito Santo o P. Afonso Brás, «escrevieron al P. Nóbrega y al Governador que no consentiessen que de allí me fuesse a otra parte», — escreve Afonso Brás a 24 de Agosto de 1551 § 1 (carta 34).

---

6 Colégio de Coimbra.

7 Bernardino Maffeo (*ib.* 330).

23

DO IR. PERO CORREIA AO P. BELCHIOR NUNES BARRETO, COIMBRA

[S. VICENTE] 8 DE JUNHO DE 1551

I. **Bibliografia:** *Cimélios* 498; LEITE VIII 175 n. 3.

II. **Autores:** POLANCO II 440; AFRÂNIO PEIXOTO, *Cartas Avulsas* 92-93; LEITE II 546.

III. **Texto:**

1. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: [S. Roque, Lisboa], I-5, 2, 38. ff. 194v-195v. Título: «Copia de huma [carta] do Irmão Pero Correa, o qual foi morto dos brasis, a oito de Junho de 1551, pera o Padre Mestre Belchior Nunez em Coimbra». Apógrafo português, coevo, com algumas palavras ou letras já hoje ilegíveis.

2. ARSI, *Bras. 3-1,* f. 25v [antes 195v]. Tradução espanhola resumida (só os §§ 3-4).

IV. **Lugar:** Tira-se do texto: «Deste Sam Vicente».

V. **Impressão:** *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 90-92.

VI. **Edição:** Imprime-se o apógrafo (1), suprindo pelas *Avulsas* [entre cancelos] as letras ilegíveis.

Textus

1. Epistolae ad Collegium Conimbricense. — 2. P. Leonardus Nunes cum aliquibus Fratribus adivit interiora terrarum. — 3. Navigatio fluminis, lintres et difficultates itineris. — 4. Ministeria Patris Nunes et Fratris Correia in Praefectura S. Vincentii. — 5. Homo aliquis percutere voluit Patrem Nunes sed impeditus est a foemina inda. — 6. Vinea Brasiliae magna est, operarii vero desunt.

A graça e a paz de Christo seja sempre em nossos corações. Amen.

1. Charissimo Padre. Com o pouco conhecimento que elle de my tem e eu d[elle], verá que se alguma migalhinha de charidade causou esta carta se [escre]ver, não hé 5

minha, mas de quem me tem a obediencia [1] que ma man[dou fa]zer. A primeira cousa que lhe diguo hé estarmos todos mui desc[onsolados] de não termos reposta das cartas que por tres vias escrevemos a [esse Colle]gio aguora há hum anno [2], e outro tanto há que não temos recado da Baya [de To]dos Sanctos, donde está o P.e Nobregua. A isto não sabemos que dizer ma[is] que louvar a Nosso Senhor e estar esperando que no[s] socorrão Padres, que esperamos que de llaa venhão pera que com sua vinda começarmos de sair por entre o gentio desta terra, com o qual há assás que entender pelo pouco conhecimento que tem de Deus.

2. O Padre [3] foi deste Sam Vicente entre os Indios [195r] jornada de quinze dias e levou consiguo alguns Irmãos e eu era hum delles. Por todos os luguares e povoações que passavamos me mandava preguar-lhe nas madruguadas, duas horas ou mais; e era na madruguada porque emtão era custume de lhe preguarem os seus Principaes e Pagés, a que elles muyto crem. E por laa por onde fomos fallando com todos os Principaes, nos diziam que queriam aprender a fee de Christo, e mostravão-se alguns delles escãodalizados porque não começavão loguo a os emsinar. E o Padre se lhe escuzava, dizendo que não poderá ser atee não virem Padres do Reino, pollos quaes esperavamos cada dia; que se aparelhassem elles entretanto com as vontades, que elles não tardarião. A tudo nos davão muito boa reposta, mas comtudo á-de aver mui grande trabalho em os meter a caminho.

3. Em esta jornada que fizemos, fomos alguns oyto ou nove dias por hum rio abaixo [4] em cascas de paos, e primeiro que tirassemos as cascas em que aviamos de embarcar se nos guastou o mantimento, porque nos posemos a fazer almadias de hum pao molle; e quebrarão-se

---

1 P. Leonardo Nunes.

2 Desta data (Junho de 1550) não se conhece nenhuma carta mandada de São Vicente.

3 Leonardo Nunes.

4 Rio Tietê. Só na ida gastaram 15 dias (carta 25 § 1).

depois de feitas. E andando em trabalho de fazer em que nos embarquasemos, cheguarão huns Indios que vinhão pollo rio assima com huma casca, a qual por ser pequena não podia com maes que com o fato e sete pessoas, e outras sete não tinhão embarquação nem de que a fazer, e era-nos necessario ir pollo rio abaixo a huma certa parte onde estavão os paos dos que tem aquellas casquas pera tirar alguma, porque não nas há em todo mato. E dos que forão polla agoa, ora a pee, ora a nado, foi o nosso Padre hum delles, e iria polla agua me parece bem huma legoa, e era polla menhãa e em tempo de inverno; e quando se acolheo à canoa [5], que assi se chamão aquellas casquas, não se podia valer com frio, e aquelle dia pousamos onde tiramos duas quascas e com outra que já traziamos eram tres.

E assy fomos nosso caminho passando por aquelle rio passos muy periguozos de saltos muytos que tinha em luguar de pedra, e a fome apertava comnosco e comiamos alguns palmitos cozidos em agoa tal [6] e algumas fruitas bem desengraçadas, de maneira que quando cheguamos a povoado levavamos as cores muy demudadas. Outras muytas miserias passamos que não tem conto.

4. Mui grande principio á já quaa em algumas almas deste gentio desta Capitania, as quaes [195v] almas tem feito grandes mostras, em especial alguns que o Padre doutrinou aqui nesta nossa cassa, onde todos os dias de manhã lhe fazem doutrina e sobre a doutrina pratiqua em a sua lingoa, a qual lhe eu soia fazer hum dia e outro não, e agora lha faço às quintas-feiras, dominguos e dias san-

46 agua *sup.* || 64 eu *del.* fazia

5 Canoa é nome comum em português. Quer-nos parecer que no original estaria escrito *ubá*, embarcação indígena, de uma só peça de madeira («huma casca»), e que o copista traduziu pela palavra, que achou seria o sentido dessa espécie de embarcações.

6 A tradução espanhola suprime esta palavra «tal»: «cozidos en agua».

tos. E huma india destas doutrinadas se alevantou huma noute a preguar por estas ruas de São Vicente, e com tanto fervor que poos a homens e molheres em muita confusão. E hé de maneira que algumas destas indias assi doutrinadas são espelho não tam somente a seus parentes e parentas, mas a muytas das molheres de Portugual [7] que caa há.

5. E huma destas [8] se achou humas dez legoas [9] daqui, onde quiserão tratar mal a nosso Padre e o ameaçarão com hum pao, e o ameaçador foi hum homem [10] que há quarenta annos [11] que está nesta terra, e tem já bisnetos e sempre viveo em peccado mortal, e anda escommunguado [12], e o Padre não quiz dizer missa com elle, e daqui veo, depois da missa acabada, a querê-llo maltratar, porque elle hé posante, mas a india alli preguou muito rijo e com mui grande fee, offerecendo-sse a padecer de companhia com o Padre se comprise. Eu não me achei alli, mas comtarão-mo dous Irmãos muito boas lingoas que ião com o Padre, hum delles se chama Manoel de Chaves [13]

---

7 «Muytas» portuguesas. Uma delas, a mulher de Luís de Góis, a que se referirá Nóbrega (carta 58 § 12).

8 Costuma-se identificar esta índia com Isabel Dias (Bartira ou Mbci) com quem vivia João Ramalho.

9 No Campo de Piratininga, que parece ser S. André da Borda do Campo, onde o P. Leonardo Nunes fez que se erguesse uma ermida, onde celebrou missa (carta 18 § 7).

10 João Ramalho. «Tem já bisnetos», o que confere com a carta de Tomé de Sousa de 1 de Junho de 1553 (*Hist. da Col. Port. do Brasil* III 365).

11 Segundo este cômputo, chegou ao Brasil em 1511.

12 «Anda excomungado», pena pública, já antiga por ser casado em Portugal e viver com outra mulher. A esta situação irregular procurará Nóbrega dar remédio na sua carta de 31 de Agosto de 1553 (carta 75 §§ 4-5).

13 Manuel de Chaves, nasceu na Vila de Moreira (Moreira da Maia), diocese do Porto, por 1514. Diz-se que faleceu em 1590, com 73 anos, mas o Cat. de 1574 tem que entrou na Companhia em 1550 com 36 anos (*Bras. 5-1*, f. 14v). Grande língua. Nóbrega considerava-o «muito boa coisa», e o Provincial, por ocasião da sua morte em São Paulo de Piratininga, a 18 de Janeiro de 1590, diz que foi «o melhor ou dos melhores

e o outro Fernando [14], moço de quinze até dezoyto annos.

6. Há quá tanta miseria que se as ouvesse todas d'escrever, sei que lhe porião grande magoa em seu coraçam; mas as mores sam as destas pobres almas que por todo este Brasil e toda esta costa se perdem, em que averá mais de duas mil legoas, e tudo gente que não conhece a Deus. Ora pois, charissimo Padre, em tamanha vinha bem á hi que cavar, mas faltão os cavadores.

Nosso Senhor nos dê muyto em que o sirvamos e nos acabe em seu serviço. Amen.

Pobre servo

Pero Correa.

24

DO IR. PERO CORREIA [AO P. JOÃO NUNES BARRETO], ÁFRICA

[S. VICENTE 20 DE JUNHO DE 1551]

I. **Bibliografia:** B. MACHADO III 560; *Cinélios* 493; SOMMERVOGEL II 1482 n. 2; STREIT II 335 n. 1218; LEITE VIII 175 n. 2.

II. **Autores:** LEITE II 297.

III. **Texto:** Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 3-1,* ff. 25v-26v [antes 195v-196v]. Título: «De otra del mismo Pedro Correa para los Hermanos que están en África».

---

91 vinha *in margine sinistro ; prius del.* necessidade

---

operários que até agora tem tido esta Província para a conversão» [dos Índios]. No fim da vida, quase cego, «só com pele e ossos», ainda andava a pé a visitar as Aldeias, com «infinitos trabalhos». LEITE I 294; cf. *ib.* X 57.

14 Fernando não torna a aparecer; mas aparece Fabiano, e talvez seja desdobramento da abreviação de F°.

Incluída num grupo de cartas: «Cópia de unas cartas de los Padres y Hermanos que están en el Brasil. De 1551 y 20 de Junio» [ff. 23r-26v]. Tradução espanhola.

2. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa, 1-5] 2, 38, ff. 18r-19v: «De outra do mesmo [Pero Correa] para os Irmãos que estavam em Africa. De S. Vicente, do anno de 1551». Retroversão portuguesa da tradução espanhola, mas com alguma ou outra frase resumida.

3. Bibl. Vaticana, *Ottoboni lat. 797*, ff. 96r-97v. Tradução italiana do espanhol.

IV. **Destinatário**: Na obra da redenção dos cativos em África (na cidade de Tetuão) andavam em 1551 o P. João Nunes Barreto com o Ir. Inácio Vogado (FRANCO, *Ano Santo* 745-746; RODRIGUES, *História* 1/2 561).

V. **Impressão**: Traduções. *Novi Avisi* (Roma 1553) sem paginação [carta n. 11]; *Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo* (Veneza 1559) ff. 141r-143r; *ib.* (1565) ff. 141r-143r; *Cartas Avulsas* 97-99.

VI. **História da Impressão**: *Novi* e *Diversi Avisi* imprimem a tradução italiana (3); *Cartas Avulsas* a retroversão portuguesa (2).

VII. **Edição**: Edita-se o texto mais antigo (1).

Textus

1. Cupit scire quid agant mauri aliquos mores habentes moribus Indorum similes. — 2. Religio Indorum. — 3. Indi volunt addiscere doctrinam christianam sed Patri Nunes, etiam cum lusitanis laboranti, deest tempus. — 4. P. Nunes perlustravit interiora terrarum cum quatuor Fratribus: magnitudo regionis ad quam non sufficeret Collegium Conimbriae etiam si ter vel quater maius esset. — 5. Anthropophagia ritualis Indorum.

1. Scrívanos mui amenudo[1] de allá cómo se han en todas las cosas porque sepamos acá cómo nos avemos de aver en otras semejantes, porque me parece que esta gen-

---

1 amenudo *corr. ex* ameudo

tilidad en algunas se parece con los moros, así como en tener muchas mugeres, y en praedicar por las mañanas de madrugada, y el peccado contra naturaleza, que dizen ser allá muy común, lo mismo es en esta tierra. De manera que ay acá algunas mugeres, que ansí en armas como en todas otras cosas siguen officio de hombres; y tienen otras mugeres con que son casadas. La mayor injuria que les pueden hazer es llamarles mugeres: en tal parte, se lo llamara alguna persona, que correra peligro de tirarle frechadas [1].

2. Y allen desto ay entre ellos muchas gentilidades y grandíssimos errores, y de tiempos se llevantan entre ellos algunos [que] se hazen sanctos [2] y [26r] persuaden a los otros entran en ellos spíritos que les hazen sabedores de lo que está por venir y profetizan muchas mentiras. También piensan que éstos les pueden dar salud, de manera que sólo por que les pongan las manos les dan quanto les piden. También piensan que les pueden dar victoria. Estos hazen unas calabaças a manera de cabeças con cabellos, ojos, narizes y boca, con muchas plumas de colores que les apeguan con cera compuestas a manera de lavores, y dizen que aquél que es sancto y que tiene virtud y poder para valerles en todo, y dizen que habla. Y a honra destos sus ídolos [3] inventan muchos cantares que cantan delante dellos, biviendo muchos vinos assí hombres como mugeres, todos juntos, de día y de noche, haziendo harmonías diabólicas. Y ya se aconteceo que andando en estas sus sanctidades (que asy las llaman ellos) ir dos leng[u]as das mejores desta tierra allá y sus sanctos mandarlos matar y luego os mataron. Esta gentilidad no tiene para sí que Dios da la vida y la muerte a quien quiere, mas que sus sanctos la dan,

---

1 Sobre a matéria deste parágrafo, cf. LEITE II 291-297.

2 Pagés, cf. carta 9 § 3.

3 «Ídolos»: expressa-se o vocábulo, mas na sequência do período observa-se que os Índios não os consideram deus e unem a ideia de «poder» não a Deus, mas aos Pagés, que é uma das manifestações da magia. Cf. MÉTRAUX, *La religion des Tupinamba* 81.

por esto los temen mucho. Y se les oviera de escrevir las miserias dellos, fuera necessario mucho papel, lo que aquá nos falta.

3. Con muchos Principales dellos tengo platicado la causa de la venida desta Compañía a esta tierra [4], que es para doctrinarlos y enseñar el reyno de Dios. Todos dizen ya quisieran que commençássemos a enseñar, lo que el Padre [5] no haze aún hasta ahora, porque tiene mucho que hazer con los christianos. Quando él vino estávamos tan estragados de nuestras ánimas como los Indios, porque todos geralmente bivían en peccado mortal, mas ya agora, loores a nuestro Señor, todos están mui emendados. El Padre tiene acá hechas muchas ánimas christianas y toviera toda esta geração con que comarcamos, o la mayor parte della, si no veniera a esta tierra [6] solo como vino, porque no quiere baptizar ninguno hasta primero doctrinarle.

4. El Padre tiene en esta casa recogido 14 Hermanos [7], los más dellos mui buenas lenguas, los quales ayuntó para que veniendo Padres del Reyno, como él cada día espera, puedan luego entrar por la tierra adentro [8] a praedicar.

---

41 commençássemos *corr. ex* commenssássemos

---

4 Se esta expressão e as seguintes se tivessem de tomar à letra «da Capitania» e não da terra «do Brasil»: quando Leonardo Nunes chegou a S. Vicente já aí estava Pero Correia, o que causaria dificuldade senão à identificação com Pero Correia de Porto Seguro ao menos ao modo ou tempo em que teria passado duma Capitania para a outra e se deixou expresso na Introdução Geral. cap. II art. 17; mas estas expressões são pouco claras, como se verá adiante na carta 59 § 5 (a propósito do mesmo Pero Correia).

5 Leonardo Nunes.

6 S. Vicente; aqui não há dúvida, por o P. Leonardo Nunes vir a ela «solo»: «só», como *Padre,* entende-se (carta 10 § 11).

7 Além do P. Leonardo Nunes. já se podem identificar, pelos documentos precedentes e deste grupo de cartas, os sete seguintes Irmãos: Diogo Jácome, Pero Correia, Mateus Nogueira, Manuel de Chaves, João de Sousa, Fernando (ou Fabiano) e Maximiano.

8 Ao sertão de S. Vicente.

La qual tierra y lengua occupan 500 leguas de tierra a luengo de la costa [9], y a cada 20, 30, 40 leguas se comen unos a otros, y tienen grandíssimas differentias: y para se repartir Padres y Hermanos por todos estos, no bastaría el collegio de Coimbra con otros 3 ó 4 tantos más Hermanos de lo que aora tiene.

5. Porque en sima les dixe que todos estos gentiles se comen unos a otros, le quiero aquí declarar en breves palavras cómo se comen quando se cativan unos a los otros. A los que cativan hazen un colar en el pescoço con que los atan de noche a la red en que duermen, y héchanles unas soltas [10] por debaxo de las rodillas y otras por sima, las quales nunqua les desatan, y a muchos dellos dan dos o tres mugeres que de continuo los gardan de día y de noche; las quales mugeres son hijas de los Principales o hermanas, moças solteras, y parécele a un indio, por principal que sea, que no puede mejor emplearlas. Y si alguna destas se acierta de parir, se es hijo, cómenlo, si es hija tambem la comen, mas pocas vezes; y algunas vezes traen sus contrarios mucho tiempo pressos desta manera, hasta sembrar mijos y hazer tinajas y bareños y ollas. Las tinajas para el vino que hazen de los mijos [11], las ollas grandes para cozer la carne, los bareños mui grandes para dar en ellos de comer a los convidados, los quales vienen primero 8 y 15 días antes.

---

56 la *del* tierra

---

9 A alusão à unidade da língua (tupi) parece indicar que não se trate só dos Carijós, ao Sul da Capitania de S. Vicente (hoje Estado de São Paulo), mas também dos Tupinaquins e Tupinambás da costa, ao norte da mesma Capitania.

10 Peias.

11 A frase «o vinho, que fazem dos milhos» suprimiu-se na cópia da Bibl. Nacional do Rio de Janeiro, e portanto nas «Cartas Avulsas»; mas está na tradução italiana: «per el vino che fanno di miglio» (f. 142v) e esta referência ao cauim do milho indígena anda impressa, como se vê, desde 1559. Sobre outras referências, mas ulteriores a esta, cf. HOEHNE, *Botânica e Agricultura*, 145.

Y quando se llega la matança, hazen una casa pequeña con solamente tejados sin paredes, donde algunos días antes ponen los que han de ser muertos con sus mugeres y con muchas gardas que los gardan, y entre tanto por las casas todos andan occupados en hazer pluma vermeja y amarilla, y otras tintas de que hazen sus libreas, porque la cortan mui menuda, y úntanze con rezina que pega como visco, y sobre aquella rezina pegan la pluma en lavores que tienen alguna arte, y en las cabeças ponen diademas de plumas de colores mui bien hechas, y otras muchas inventiones. Las mugeres en este tiempo todas andan occupadas en cozer vino [26v] de que hazen 50, 100 tinajas de que muchas llevan más de 20 arrobas. Y después que tienen todas las cosas acabadas, pintan el rostro a los que han de matar de azul[12], haziéndoles también muchas lavores, y en la cabeça les puenen una capeluça de cera toda cubierta de franja de pluma, y átanle una soga d'algodan por la cintura, y házenle 4 ramales, y el miserable está en el medio y por los cabos tiene la gente en quanto está en el lugar. Comiençan los convidados todos a bevir un día a la tarde y beven toda la noche, y en amanecendo sale el que le ha de matar con una espada de palo, que será de 9, 10 palmos, mui pintada; con ella arremete al que está atado y le da tanto en la cabeça, hasta que la quebre y después se va hechar 8 ó 15 días, los quales son de abstinencia porque en ellos no come sino mui pocas cosas. Luego tornan a proseguir en el bever hasta acabar los vinos, otros toman los muertos

---

84 amarilla *corr. ex* amariga || 91 cozer *del.* mij || 94 azul *del.* a || 99 bevir *corr. ex* bivir | beven *corr. ex* biven || 105 cosas *del.* Log

---

12 «A informação de que pintavam o rosto da vítima de azul não me parece discrepante, pois é possível que a côr da tintura do jenipapo se prestasse a essa interpretação». FLORESTAN FERNANDES 281. «Não me parece discrepante» verteu-se em francês «me paraît peu conforme», que não corresponde exactamente à expressão portuguesa. Cf. *La Guerre et le sacrifice humain chez les Tupinamba,* in *Journal de la Société des Américanistes,* Nouv. Sér. 41 (Paris 1952) 148.

y chamúscanlos como puercos y guizan aquella carne y cómmenla. Y aquí se acaba la fiesta, de que yo dexé de contar más de la mitad [13].

25

DO IR. PERO CORREIA [AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA]

[S. VICENTE JUNHO DE 1551]

I. **Bibliografia:** *Cimélios* 493; STREIT II 335 n. 1217 (mas inclui parte da bibliografia que pertence à carta de 18 de Julho de 1554, LEITE VIII 175 n. 1).

II. **Texto:** Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 3-1,* f. 24v [antes 194v]. Título: «De una de Pedro Correa que es una persona que aviendo estado muchos annos en el Brasil, y siendo en aquella tierra mui principal, sirve a nuestro Señor en la Compañía con mui grande hervor» No mesmo grupo de cartas da anterior: «Copia... De 1551 y 20 de Junio» [23r-26v]. Tradução espanhola.

2. Bibl. Vaticana, *Ottoboni lat. 797,* ff. 94r-95r. Título: «Copia d'una di Pietro Chorea, persona que è stata lungo tempo nel Brasil et delli primi della terra; serve à Iddio con gran fervore nella Compagnia di Giesu». Tradução italiana (de 1), que traz no fim resumido o § 4 da carta do mesmo Pero Correia ao P. Belchior Nunes Barreto, do dia 8 de Junho de 1551 (carta 23 § 4).

3. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque. Lisboa], I-5, 2, 38. f. 18r. Título: «De uma do Irmão Pero Correa, de S. Vicente, do anno de 1551». Contém em português o mesmo texto da tradução impressa italiana de que parece ser retroversão. E o códice em grande parte já está destruído e ilegível nesta página.

III. **Destinatário:** Este excerto, dalguma carta perdida, concorda com as duas escritas ao mesmo tempo para os dois Padres Nunes Barreto (*João* em África e *Belchior* em Coimbra), e difere delas em que acrescenta o final sobre o regime político dos Índios (sem rei). Deve ter sido escrita ao Provincial de Portugal para que mandasse missioná-

---

13 Embora concentrada, esta notícia da antropofagia ritual contém algumas minúcias não descritas antes.

rios; não a um particular, nem aos Irmãos em geral, por lhe faltar o apelativo «Irmãos Carissimos».

IV. **Impressão:** *Novi Avisi di piu lochi de l'India et massime de Brasil* (Roma 1553) sem paginação [carta n. 10]; *Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo* (Veneza 1559) ff. 140v-141r; *ib.* (1565) ff. 140v-141r; *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 94-96.

V. **História da impressão:** *Novi* e *Diversi Avisi* imprimem a tradução italiana (2); *Cartas Avulsas* a retroversão portuguesa desta tradução italiana [«carta VIII»] e também a retroversão portuguesa do códice do Rio (3).

VI. **Edição:** Edita-se a versão espanhola (1), por parecer mais próxima do texto original desconhecido.

Textus

1. Itinere quindecim dierum partim per flumen et secum ferens sex Fratres, P. Leonardus Nunes christianum hominem quaerendum adivit. — 2. Indorum, quia gubernio nationali et rege carent, conversio nimis difficilis est, oportet enim unum post alterum percurrere pagos, et desunt Patres ad similem dispersionem.

1. Mui pocos días ha que el Padre Leonardo Nunez y seis Hermanos, de los quales era yo uno, venimos dentre los Indios, donde fuimos a buscar un christiano que avía algunos ocho o nueve años que andava allá hecho indio con ellos. Y en el camino a la ida pusimos algunos 15 días, la maior parte dellos fueron por un río abaxo [1] que va por entre mui grandes montañas y despobladas, donde nos faltó el mantenimiento. Comíamos lo que nuestro Señor nos deparava por eses campos, teniendo a las vezes mui buena hambre, mas después que llegamos a las poblaciones de los Indios fuimos dellos mui bien tratados; mas venimos muy desconsolados por ver tantas almas perdidas por falta de quien las doctrine. Los días que allá estuvimos me mandava el Padre praedicarles de madrugada, y esto en todos

1 Rio Tietê. A viagem pelo rio gastou «oyto ou nove dias» (carta 23 § 3).

los lugares en que posamos, lo que yo hazía por espacio de dos horas. Según lo que en ellos entendí, paréceme que les ponía en confusión las penas del infierno y gloria del paraíso. Ellos dezían al Padre para qué era dilatar más tiempo? Que pues veniera a esta tierra para enseñarlos, que commençase luego porque todos querrían apprehender.

2. Mas ellos tienen tan poca notitia de Dios, que me parece que se ha de tener con ellos mucho trabajo, y una de las causas y más principal es porque no tienen rey, antes en cada Aldea y casa ay su Principal. Assí que es necessario andar de povoación en povoación para convertirlos y apartarlos de muchas gentilidades y errores en que viven, porque ay entre ellos algunos a quien tienen por sanctos y dan tanto crédito que lo que les mandan hazer esso hazen. Y sy oviera rey, él convertido, fueron todos, mas ya que no lo ay, para convertirlos ha de ser necessario passar aquá muchos Hermanos, porque las tierras son mui grandes y ay muchas almas por todas ellas perdidas, las quales me parecen se poderán ganar trabajándose mucho por ellas. Por nuestro Padre [2], aunque solo, tiene el Señor aquá obrado muchas cosas, mas los trabajos que él tiene passados no sé quién los soffryera.

26

DO P. LEONARDO NUNES AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

S. VICENTE 20 DE JUNHO DE 1551

I. **Bibliografia:** B. MACHADO III 8; *Cimélios* 492; SOMMERVOGEL V 1839 n. 1; STREIT II 333 n. 1210; LEITE IX 17 n. 1.

II. **Autores:** POLANCO II 380-382; LEITE I 252-253.

---

24 en *del.* casa || 33 poderán *del.* con (?) || 36 soffryera *corr. ex* soffreyera

---

2 Leonardo Nunes.

III. **Texto:** Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 3-1,* ff. 23r-24r [antes 193r-194r]. Título: «Copia de unas cartas de los Padres y Hermanos que estão en el Brasil. De huna del Padre Leonardo Nunez, de vinte de Junio de 1551, de São Vicente». Tradução espanhola, com sublinhados de Polanco.

2. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], I-5, 2, 38, ff. 16v-18r. Retroversão portuguesa da tradução espanhola (1), mas com uma ou outra frase resumida.

3. Bibl. Vaticana, *Ottoboni lat. 797,* ff. 94r-95v. Tradução italiana pela espanhola (1).

IV. **Impressão:** Traduções. *Novi Avisi di piu lochi de l'India et massime de Brasil ricevuti quest'anno del M.D.LIII.* (Roma 1553) sem paginação [carta n. 8 ; *Diversi Avisi particolari dall'Indie di Portogallo* (Veneza 1559) ff. 137v-140r ; *ib.* (1565) ff. 137v-140r ; FRANCO, *Imagem de Coimbra* II (Coimbra 1719) 198-199; *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 65-68

V. **História da impressão:** *Novi Avisi* e *Diversi Avisi* imprimem a tradução italiana (3) ; a *Imagem* e *Cartas Avulsas,* a retroversão portuguesa (a *Imagem* só parte dela).

VI. **Edição:** Edita-se a tradução espanhola (1) de que dependem as outras.

Textus

1. Ecclesia et domus S. Vincentii. — 2. E Portugalia debent venire Patres non autem Fratres. — 3. Ministeria Patris Nunes in oppidis S. Vincentii et Sanctorum. — 4. Sunt alia oppida lusitanorum et Pater solus est. — 5. Doctrina Indorum praesertim a Fr. Correia qui eorum linguam loquitur. — 6. Mense Maio P. Nunes quaesivit hominem oblitum eius condicionis viri christiani. — 7. Alter iam ad vitam christianam rediit. — 8. Duo christiani inter Indos amicos, tres foeminae inter Indos contrarios. — 9. P. Leonardus Nunes Indos contrarios amicos facit quia eos ab iniusta servitute defendit.

1. Después que escrevimos a postrera vez, que fué en el mes de Novembre [1], siempre hemos tenido mucho que hazer, porque acabamos la iglesia, y es la más devota que agora está en toda esta costa. La capilha es mui bien

4 en *corr. ex* em

1 Carta 18.

aforrada y muy hermosa, y un tertio de la iglesia por amor de los altares es también afforrado [2]. Tenemos el Sanctíssimo Sacramento en quanto yo estoy en casa, cosa que a todos es muy gran consolación assí a nuestros Hermanos como a la gente de fora.

2. También hazemos una gran casa [3], fuera esta donde estamos, para apossento de los Padres que quá venieren, que con tanto deseo y necessidad aquá esperamos; y digo Padres, porque Hermanos me parece que se escusarán, porque estamos aquá de manera que daré a cada Padre dos Hermanos que anden con él, los más delhos buenas lenguas; y con todo se venieren Hermanos bien tendrán en que trabajar. Cercamos agora nuestra huerta en la qual ay muitas árbores de espino y otras árbores. Lo temporal esto es, en lo que hasta agora nos hemos exercitado.

3. Yo he praedicado los más de los domingos por estas povoaciones, y esta Coresma [4] passada praedicava un domingo en esta Villa, donde estamos, y otro en otra que lhaman Sanctos, y también los miércoles; los vyernes en Sancto Vincente, y algún fruito se hizo, loado seja el Señor.

Anse apartado muchos hombres de peccados públicos en que estavan, dado que ay muchos muy enduricidos. Algunos hombres de los que estavão amancebados con indias se casavan con ellas, que serán 15 ó 16 y aora andan otros 7 ó 8 para hazer lo mismo; y otros que eran casados allá en el Reyno se apartaran aquá de llas mancebas, y otros solteros después de dexar las indias o escravas se casaron con hijas de hombres blancos.

Quanto a los saltos que los christianos hazião en los gentiles de la costa ya de todo cessaron, bemdito seja el nombre de Noso Señor; también el darles armas, que era

---

16 y *corr. ex* e || 28 serán *corr. ex* serão | ó *corr. ex* ou

---

2 Em Novembro ainda não estava emmadeirada nem concluída (carta 18 § 10).

3 Já segunda casa: em Novembro só tinha uma (carta 18 § 9).

4 Fevereiro-Março de 1551 (Páscoa a 29 deste mês).

muy general hazerlo sin ninguno escrúpulo; y jugar que era muy acustumbrado, donde offendían mucho a nuestro Señor con blasfemias; del todo se no juega cosa que haga prejuizio.

El comer carne, que nunqua ny en Caresma ny en otro tiempo comían otra cosa, es muy emendado, porque todos lo dexão de hazer a lo menos en esta Villa; y muchas personas ay que de vinte y treinta annos a esta parte nunqua dexavan la Caresma y todos los más días prohibidos y toda la samana de comerla, teniendo pescado y estando muy sanos, sin ayunar ningún día, y estas dos Caresmas passadas no la comieran y ayunaran cada persona según sus fuerças. El Señor sea loado.

Los juramentos son mui emendados, porque jurão poco y se reprehenden unos a otros quando juran; y también de murmurar se apartan muchos y [23v] de otros muchos peccados son muchas personas apartadas. Empero era tan grande la perditión de las ánymas, que aún ay mucho que hazer: mas lo que yo en esta parte tengo alcançado, es que se ovieren Padres que agora vengan de nuevo, se han también de emendar mucho con la ayuda de Dios.

4. Por aquí alderredor ay 4 ó 5 poblaciones a que yo no puedo acudir, donde se pierde mucha miesse por la grande falta que ay de quien tan solamente hable de Dios nuestro Señor, de manera que por falta de obreros se no recoje mucho fructo.

5. Pues quanto a los gentiles de la tierra veo tantas muestras que por el gran aparejo que veyo, me ponen muchas vezes en confusão para dexar de todo los christianos y meterme por antre ellos con todos los Hermanos, y segundo los deseos que esta gentilidad muestra que andemos entre ellos, por la mucha voluntad que muestran por muchas partes, tengo por muy cierto que comiesa ya el Señor a mirarla con ojos de misericordia. Y por no andar ya enseñándolos se perdieron muchas ánimas, porque son

---

42 lo'] los *ms.* || 43 esta *del.* Isl || 47 no *del.* co || 52 tan *corr. ex* tão || 55 se' *del.* venieren (?) Padres || 57 ó *corr. ex* ou || 61 fructo *corr. ex* fruyto

grandíssimos los deseos que tienen de conoscer a Dios y de saber lo que han de hazer para salvarse, porque temen mucho la muerte y el día del juizio y el infierno, de que tienen ya alguna notitia, después que nuestro Señor truxo al charissimo Pedro Correa a ser nuestro Hermano, porque en las pláticas que les haze siempre le mando tocar en esso, por que el temor los meta en grandíssima confusión.

6. Este mes de Mayo passado fuí entre los Indios a buscar un hombre blanco que andava entre ellos y dos hijas que tenía nacidas allá, y la maior será de 8° annos. Entre ambas estavan por baptizar, y la madre lo mesmo; téngolos aora aquí padre y madre y hijas, las quales baptizé; la madre no, porque la hago ensenhar. A él no tengo aún confessado porque del todo tenía ya estragado el juyzio, en tanto que las primeras pláticas que le hize tengo para mym que no entendía las cosas que hablava de Dios nuestro Señor y au[n] agora poco más entiende. Assí que es necessario criarle otra vez en las cosas de la fee, como hazemos hasta que nuestro Señor le abra el entendimiento y dee clara notitia de su yerro, porque ny solamente consinte que los Hermanos le hablen de nuestro Señor, ny en la iglesia no entra sino por fuerça, ny podiemos acabar con él que se pusiese de rodilhas delante el Sanctíssimo Sacramento. Esto os escrivo, charíssimos Hermanos, para que veyáis la mudança que puede [hazer] una alma en esta tierra y la necessidad que ay de trabajadores.

7. Otro que aquí tenía está ya mejor del alma. Bendito sea nuestro Señor, porque este siempre praedica al otro, y se confessó ya algunas vezes y tomó el Sanctíssimo Sacramento. Lo que aún le allo es ser muy impatiente sobre el comer, de manera que dan bien que exercitar la charidad, patientia y humildad al otro que los cura y sirve. Ya le amenazaran de darle con las muletas en la cabeça; él es una bendita alma que todo acepta con mucha alegría loando al Señor. A este segundo mandé dar unos

---

73 *Prius* e el inferno || 80 8° *del.* oct [?] || 82 téngolos] téngolas *ms.* || 97 *Prius* otros

sudores con que se halla mejor, porque ya le hallé sin muletas andando por la huerta, y tengo confiança que entrambos han de aver salud in utroque homine.

8. [24r] Estando escrevendo ésta vino aquí al Collegio un hijo de un christiano y de una india, el qual avrá 9 ó 10 annos que anda entre los Indios, desnudo como indio, y será de edad de vinte annos o más, sin saber ninguna cosa de nuestra lengua, ny tener más notitia de su Criador que los mesmos Indios, antes menos, si menos se puede dizir. Y veniendo yo de un camino, le topé dos o tres jornadas de aquí y aperté con él que se veniesse commigo. No lo pude acabar con él por la poca charidad que en my vía y instantia, mas prometióme que como ally acabasse donde andava a casar y pescar se vendría para mym. Y quiso nuestro Señor por su mesericordia moverlo de manera que cumprió lo que me prometió, lo que espero será para salvación de su ánima, que tan perdida andava siendo él christiano. Es mui alto y muy alegre. Yo quisérale embiar en este navío para que por él viésedes, Hermanos míos, lo que aquá ay. Destes son muchos los que andan por la tierra adentro assí hombres como mugeres que se perden por falta de socorro, cosa para todos llorar continuamente.

Dos hombres están de aquí obra de ochenta leguas por mar en una tierra de unos Indios que están de paz con los christianos, y por no tener un Padre que quedasse con los Hermanos, no los he hido a buscar, porque es camino de dos o tres meses por causa de los tiempos, y también para traher unas tres mugeres que allá se acharan entre otros Indios que son nuestros contrarios.

10. Mas ya, loores al Señor, lo van dexando de ser, porque mandaron dezir que fuessen por ellas que las querían dar, y esto porque ven que ya los christianos no los van a saltear ny cativar, antes saben que yo trabajo mucho por libertar los Indios suios que por mal título han avido los christianos, y tienen mucha notitia de my y mucho

---

106 se *del.* halló | le *del* all || 118 ally *del.* acasse || 125 son *corr. ex* são | andan *corr. ex* andão || 129 en *corr ex* em || 135 van *corr. ex* vão

deseo de verme. Y querrá nuestro Señor que será esto buen principio para salud de sus ánimas, que yo ansí confío en el Señor, y por falta de Padres, como no cesso ny cessaré de dezir, se pierde mucho assí nos christianos que son muchos, como en la gentilidad que es infinita.

27

DO P. LEONARDO NUNES AO P. MESTRE SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

S. VICENTE [20 DE JUNHO DE 1551]

I. **Bibliografia:** LEITE IX 17 n. 2.

II. **Texto:** Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 3-1*, f. 24r 24v. Título: «De otra del mismo [Leonardo Nunes] escrita al Padre Maestro Simón en el mismo tiempo» [24r]. Incluída em «Copia de unas cartas de los Padres y Hermanos que están en el Brasil. De 1551 y 20 de Junio» [23r-26v]. Tradução espanhola.

2. Bibl. Vaticana, *Ottoboni lat. 797*, ff. 95r-95v. Versão italiana da tradução espanhola.

III. **Impressão:** *Novi Avisi di piu lochi de l'India et massime de Brasil* (Roma 1553) sem paginação (carta n. 9); *Diversi Avisi dall'Indie di Portogallo* (Veneza 1559) f. 140r; *ib.* (1565) f. 140r.

IV. **Edição:** Edita se o texto (1).

Textus

1. Praefectus S. Vincentii verus amicus est Societatis et pauperum. — 2. Hic versatur frater Petri de Gois, pius et amicus.

1. El Capitán [1] hallo hombre virtuoso y zeloso de todos viviren bien y trabaja en esto quanto puede, reprehendendo y amonestando particular y generalmente a los que viven mal, dizendo que los peccados serán bastantes para los contrarios nos destruir. Favorécenos con todo lo que

143 cesso *del.* de

1 António de Oliveira. Cf. A. MARQUES, *Apontamentos* 1 (1879) 86.

puede y nos es necessario assí no spiritual como no temporal. Nuestro Señor se lo pague. Estava de camino para irse [2] y por ver el peligro en que quedava esta tierra dexó la ida que por muchas rezones le era necessaria. Quiso antes tomar la pérdida para sí que darla al Rey y a los pobres. Nunqua está un día asosegado, trabajando con la gente que por amor ayude a sostentar esta fortaleza [3] y, teniendo aquí uno de los mejores ingeños de açúcar que aquí hay, passa un mes y dos que no va allá; y a outras muchas cosas que son servicio de nuestro Señor.

2. También [24v] está aquí un hermano [4] de Pedro Goys, el que vino por Capitán maior de la Armada en que nosotros venimos, y tienen aquí su casa. Freqüentan mucho en tomar el Sanctíssimo Sacramento [5]; son unas benditas almas, y de su casa recebimos mucha charidad: tan amigos desta Compañía, que en ver qualquier Hermano se alegran por extremo.

28

DO IR. DIOGO JÁCOME AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

[S. VICENTE JUNHO DE 1551]

I. **Bibliografia**: B. MACHADO I 644; *Cimélios* 499; STREIT II 335 n. 1219; LEITE VIII 305 n. 1.

---

15 son *corr. ex* são || 17 en *corr. ex* em || 19 son *corr. ex* são

---

2 O Capitão-mor da Capitania de São Vicente, António de Oliveira, cavaleiro da Casa Real, a 20 de Maio de 1550, preparava-se para voltar a Portugal. *Doc. Hist.* XXXV (1937) 76-78.

3 «Fortaleza», provàvelmente no original português perdido: «Capitania».

4 Luís de Góis (carta 58 § 12).

5 Parece que este plural deve entender-se de Luís de Góis e da sua mulher, segundo o que dirá depois Nóbrega (carta 58 § 12). E estas reiteradas referências do P. Leonardo Nunes ao Santíssimo Sacramento constituem-no o primeiro apóstolo da Eucaristia na Capitania de São Vicente. Cf. cartas 18 § 7 e 26 §§ 1 6 e 7.

II. **Autores**: LEITE I 255.

III. **Texto**:

1. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 196v-199r. Título: «Copia de outra [carta] do Brasil do Irmão Dioguo Jacome pera os Padres e Irmãos do Collegio de Coimbra. Não tem era». Cópia portuguesa.

2. ARSI, *Bras. 3-1*, f. 25r-25v [antes 195r-195v]. Incluída em «Copia de unas cartas de los Padres y Hermanos que están en el Brasil. De 1551 y 20 de Junio» [23r-26v]. Tradução espanhola, resumida.

3 Biblioteca Vaticana, *Ottoboni lat. 797*, f 97v. Tradução italiana muito resumida.

IV. **Tempo**: A carta traz na impressão das *Avulsas* o ano de 1552. Mas Diogo Jácome chegou a São Vicente pouco depois de Leonardo Nunes no princípio de 1550. Escrevia «hum anno e meio ou mais» depois; e como se vê [texto 2], esta carta inclui-se na tradução espanhola entre as «de 1551 y 20 de Junio». E tudo o que nela se diz confere com as outras cartas do mesmo ano e mês, e com elas, no mesmo navio, deve ter ido para Portugal.

V. **Impressão**: *Novi Avisi di piu lochi de l'India et massime de Brasil* (Roma 1553) sem paginação [carta n. 13]; *Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo* (Veneza 1559) ff. 143v-144r; *ib.* (1565), f. 143v-144r; *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 101-106.

VI. **História da Impressão**: *Novi Avisi* e *Diversi Avisi* imprimem a tradução italiana (3); *Cartas Avulsas* o apógrafo (1).

VII. **Edição**: Reimprime-se o texto português (1).

Textus

1. Introductio personalis et exspectat Patres e Portugalia. — 2. Condicio Indorum de omni re cogitantium, salute ipsorum animarum excepta. — 3. Ministeria Patris Nunes in vinea Domini. — 4. Homo qui ad vitam christianam rediit. — 5. Alter qui habitat ad decem leucas ab oppido S. Vincentio et a Vicario excommunicatus est. — 6. Iter maritimum ad reducendum hominem qui inter Indos morabatur. — 7. Arx oppugnata ab Indis contrariis. — 8. Ecclesia S. Vincentii, Residentiae saeptum et hortus. — 9. Ab anno cum dimidio nullum nuntium accepit nec ab urbe Bahia nec a Portugalia. — 10. Novi Fratres S. I. in oppido S. Vincentii.

A paz e amor de N. Senhor seja sempre em nossas almas. Amem.

1. [197r] Padres meus e Irmãos em Christo. Muitos tempos há que por vossa vinda a esta terra esperamos, e

tanto que já agora estou disso tam fora, que a minha incredulidade que de vos caa ver tenho, que vendo-vos parece-me que duvidaria serdes, e isto não já por via de não ver que em vossas mãos não está virdes, porque sey que se nellas estivera, esta me escusara escrever por muytas vias que eu tenho pera my; mas esta vossa falta me causa estar eu ainda em parte que vos possa escrever, ainda que eu não sey como isto digua, porque dou a entender ho que em my nam há como devia. Mas dado que assi seja, eu tenho que se vossa vinda já fora, eu ao menos estivera em parte que ainda que eu quisera não vos podera escrever. Mas N. Senhor seja louvado, que não lho mereço eu, nem ainda estar aonde estou, porque se, meus em Christo Irmãos, soubeseis a multidão de meus peccados, que se Nosso Senhor quisese conformar com a minha multidão, não diguo eu caa ser deitado a por seu amor padescer, que não pode ser mayor dom, mas merecedor de em meus peccados morrer, e portanto de nenhum me posso com justa causa escandalizar que de my mesmo, posto que assima vos ponha por causa; mas querendo-vos pôr por justa causa não no podia fazer, porque em my está a causa, se me queixo de não padescer, porque em toda parte á hy martirio, dado que huns excedão a outros. Mas que farei que nem paciencia há em my, o que já não tendes por martirio, nem as cousas adversas, e quero subir tam alto que certo, charíssimos Irmãos, muyta necessidade tenho de vosso socorro não tam somente pera a paciencia e humildade, mas pera a menor das virtudes que em vós haa; porque sabei, meus em Christo, que estou mais falto do que nenhum de vós julguara, e assi quando vejo minha destroição desejo-me e não me desejo, não tendo tanta occasião porque quero ir ao alto sem subir pollo primeiro degrao, mas não desagradecendo ho grao em que estou, mas fallando com o preparo que tenho de muyto alcançar. Mas já diguo e roguo àquelles que até agora sempre roguarão que em suas santas

---

10 me *sup.*

orações por myn peccador queirão roguar a Nosso Senhor que me dê graça pera em seu serviço perseverar até fim, porque perseverando assi temos gram bem aparelhado.

Meus em Christo Padres e Irmãos, não hé todo o amor com que vos amo, porque, se todo fora, com gram fervor vos escrevera muytas cousas de N. Senhor, mas ao presente me não lembram por minha frieza de espirito, mas sem isso não deixarey de escrever algumas pera louvor de Nosso Senhor. Mas se eu em alguma cousa fora eficás, quando as cousas dignas de memoria me socedem eu as poria em lembrança; mas como quer que as virtudes em my não são fixas, que o pode ser? Pois certo, charissimos meus [197v] Padres, rezam tinha eu e não pouca de vos de muytas cousas fazer sabedores, pois tenho visto as emtranhas com que folguaes de ouvir novas dos Irmãos, em especial dos que tam ausentes estão; pois sabendo isto, com que me escusarei, pois que até no escrever soú curto e tudo deve ser por falta de amor. Pois, meus, roguay por mym, pois sou mais necessitado do que podeis cuidar. Mas tornando a nosso preposito, dias há que por vossas novas ou cartas esperamos, polo qual alguma rezam temos de nos aqueixar de vós, especialmente do Irmão André do Campo [1], que daqui foi, porque sabe quanta necessidade de vós temos pera nos animar e sustentar em esta esperança de que assima disse.

2. Já aguora bem será que deixemos nosso Mourom [2], que significa estar escandalizado, e diguamos alguma cousa

41 fim *del.* pera que per || 45 Senhor *sup. repet.*

1 Este Ir. André do Campo não deve ter perseverado na Companhia, porque não se conhecem senão as duas únicas referências desta carta; e provàvelmente não era Irmão no sentido canónico, mas no mesmo que Nóbrega dá ao *Irmão* Gonçalo Álvares, do *Diálogo*. LEITE, *Diálogo* 46-47.

2 Palavra tupi, cujo significado se dá no texto. O «Vocabulário na Língua Brasílica», de Leonardo do Vale, editado por Plínio Ayrosa (1938) 216, tem *Anhemoîrõ*.

desta terra em como aparelhada está, como já vos escrevy, como hé pera nella se fazer muyto fruito a Nosso Senhor, porque certo quanto mais della himos entendendo, tanto mayor apparelhamento achamos, e quanto mais longe tanto milhor. E mais lastima temos de ver a perdição e estragos que nestas coitadinhas d'alma haa, e muyto mayor lastima hé pera ter, ver que porventura à mingoa se perdem. E sem ventura, ainda que certo, meus Irmãos, grandissima lastima poem, po[n]derando ho mal como hé, porque vireis e vê-lo-eis que cousa pode ser, entrar em huma povoação de Indios e ver quatrocentas almas [3] ou mais por caminho de perdição, tam fora de saberem de quantos annos são, nem se an-de morrer, nem depois de mortos onde an-de ir, que nenhuma paixam nelles entra. Seus prazeres são como an-de ir à gerra, como an-de beber hum dia e huma noute, sempre beber e cantar e bailar, sempre em pee correndo toda a Aldea, e como an-de matar os contrarios e fazer cousa nova pera a matança; an-de aparelhar pera seus vinhos e cozinhadas da carne humana; e as suas santidades, que dizem que as velhas se an-de tornar moças, e outras mil cousas que vos o Irmão André do Campo terá contado. Mas a falta de não aver nesta vinha uvas hé por lhe não cortarem o mato ao redor e não aver podadores, os quaes vós soys os que muyta mingoa caa fazeis e tanta quanta eu sei que vós o sentireis.

3. O nosso P.e Leonardo Nunez vos escreverá mais largo porque sabei, meus em Christo, que se elle dez corpos tivera, todos elle, bendito Deus, os emcaminhara por que todos os esforços con que anima a esta gente assi da terra como brancos, e com vossa vinda que vireis e estareis

93 dez] x *ms.* || 94 elle, bendito Deus *in margine sinistro*

3 Não deviam ser comuns Aldeias tão povoadas, mas deve-se admitir que as havia nesta região, porque a afirmação é positiva. E é indicação útil para a futura Aldeia de Piratininga, quando Nóbrega, reunindo-se três numa, a fundou a 29 de Agosto de 1553 (carta 75 § 2).

en tal parte e en tal. Elle ateguora sempre cavou e podou e colheu, como nas outras mais larguo vos escrevi. Das obras em particular que elle obra [198r] não vos saberey dar conta, por serem muytas e porque sempre estou em casa [4]. Os Irmãos vos escreverão disso mais larguo, porque vão com elle e sabem suas obras ainda que não todas. Eu a elles me remeto pollo que tanto folguaes de saber pera louvardes a Nosso Senhor.

4. Daqui partio [5] com huns Irmãos pera a terra dos Indios donde trouxe hum homem que avia sete ou oyto annos que estava sem confissão, nem ver a Deus. Trouxe-o. Agora está aqui como entrevado [6], doente destes males que nesta terra são muy communs aos que ao peccado da luxuria [7] se dam, pollo qual muitos se perdem em estas terras: assi está comido com chagas. Quis-vos dar conta da sua doença pera que o emcomendeis a Nosso Senhor.

5. Outros [há] tam apartados ou mais, pois que são obstinados em este negro peccado, com os quaes trabalha de dia pollos apartar e de noite em como os á-de apartar de sua maa obstinação em que estão com indias da terra, e tal há que lhe seria milhor hum braço cortado que fallar o que fala contra o Padre, que con todo amor o reprende e exorta con todos os me[i]os que pode e pera isso busqua. E são que á hy tal que sobre ir daqui a x legoas sobre huma pessoa, que averá xx ou xxx annos que está em peccado mortal, sobre com todos os mimos com que primeiro o trouxe [8], e vendo sua obstinação sobre estar excomun-

---

4 Diogo Jácome era o Irmão mais antigo (viera de Portugal com Nóbrega em 1549) e parece significar com isto que ficava a tomar conta da casa na ausência do P. Leonardo Nunes. Mais tarde ordenou-se; mas ainda então não era Padre e por isso se explica que Leonardo nunca se pudesse ausentar com grande demora.

5 O P. Leonardo Nunes.

6 O que tinha «as muletas» (carta 26 § 7).

7 Referência ao mal gálico ou sífilis. Cf. carta 10 § 23.

8 Trata-se de João Ramalho e vê-se que as primeiras relações foram boas [«de mimos»]. E deve relacionar-se com elas a fundação da ermida e da missa que Leonardo Nunes conta na sua carta de

guado pollo Viguairo da terra [9], quis o nosso Padre ir laa a diser missa, porque se passa hum anno e dous que não v[ê]em a Deus, nem no vem a ver podendo vir. E, estando laa dizendo missa, entrou este homem, de maneira que lhe mandou o Padre diser que se saisse, que não podia celebrar com elle. E, saindo, sairão tambem dous filhos seus da terra, com elle, de maneira que se determinaram pera, como acabasse a missa, de lhe darem na cabeça; o qual acabando a missa se sayo e veo pera elle, o qual lhe rogou que não tivesse conta com elle, que era milhor christão que elle e que fazia muito boas obras: mas não dizia se estava apartado do peccado pera lhe aproveitarem. E assi tiverão mão nelle, e despois vierão os filhos com suas armas, que são huns homens como salvagens, contra o nosso mesmo Padre, e elle assentado de joelhos diante delles aparelhado a receber o que viesse, de maneira que não faltou aqui senão Nosso Senhor alarguar sua mão pera o demonio obrar suas más obras. Como quer que Nosso Senhor ho tem guardado pera mais augmentação da sua Igreja como cada dia vay augmentando, não no permitio aly acabar. Mas, quanto às novas que nos caa deram (estando elle laa), foram que lhe deram de pancadas em secreto, e que se saisse fora de sua casa [198v], senão que lhe darião com hum pao polla cabeça.

6. Assi que estas são suas cousas com as mais das quaes huma hé como agora há poucos dias que partio daqui com cinquo Irmãos pera outra parte ao longo do mar, obra de xxx legoas em busca de hum homem casado em Portugual, o qual estava entre Indios averá oyto ou nove annos yá transportados do conhecimento de Nosso Senhor sem todos estes annos se confessar nem ver a Deus, ò qual os Negros muito querião. E vendo como o Padre o hia a busquar,

129-130 da terra *sup.* || 148 cousas] cartas *ms.*

Novembro de 1550 (carta 18 § 7). O episódio violento desta carta parece situar-se já em segunda ou terceira ida a Santo André da Borda do Campo.

9 O Vigário de São Vicente era o Padre Simão de Lucena. S. CAMARGO, *A Igreja na História de S. Paulo* 40.

quis vir, mas por maes justiças que laa foraõ não no ouveram de trazer. Agora está aqui com o outro muyto doente dumas chagas muyto más que de laa trouxe. Traz huma india da terra que tinha por molher com duas filhas. A este presente ainda não está confessado por não saber o grande erro que tem feito haa tantos annos. Por estes caminhos padecerão os Irmãos com o Padre muyto detrimento alem do cançaço do caminho que levaram passando por rios a nado despidos, que dizem os Irmãos que emtangessião com frio; e não tam somente isto mas muyta fome em extremo, que não comião senão palmitos que achavam pollo mato com outras fruitas de mais pouca sustancia sem terem nem hum grão de farinha que laa chamais de pao.

7. Assi que, meus em Christo, não vos espanteis com estes homens de que fiz assima mensão, porque á hy outros muyto mais apartados da Igreja: homens e mulheres sam deitados antre os contrarios destes Indios, os quaes homens se não podem caa aver por estarem longe as molheres. Huma fugio daqui haa já muyto tempo, a qual dizem ser tam maa que persegue aos Indios a que venhão dar guerra aos brancos e que diz muyto mal. Fora esta, aguora há poucos dias que daqui fugirão duas moças, ambas irmãas e casadas com homens brancos, as quaes ellas sam filhas de homem branco e de India, de maneira que estão ambas nos contrarios: as quaes dizem que são tam maas, que ordenarão com que os Indios vieram a dar aqui guerra a huma fortaleza [10], que os brancos tem feita pera resguardo

179 *Prius* homens brancos || 182 fortaleza] parte *ms*.

10 Na cópia *ms*. «huma parte», leitura menos correcta, feita pelo copista, da abreviatura fort.ª ou da palavra forte [Casa forte], que devia ser o original e é o que exige o sentido. Trata-se da Fortaleza de Bertioga, situada no canal marítimo deste nome, entre a Ilha de Santo Amaro e a costa de São Vicente. Hans Staden chegou a ela dois anos depois, e este sucesso e ataque dos Índios é o cap. XV da sua *Viagem ao Brasil*. Cf. HANS STADEN, *Viagem ao Brasil*. Versão do texto de Marpburgo de 1557, por ALBERTO LÖFGREN. Revista e anotada por TEODORO SAMPAIO (Rio de Janeiro 1930) 55-56.

das povoaçoens dos brancos, e assi os ensaiarão de maneyra que derão tal salto estando descuidados que levariam xxx indios que estavão em resguardo da terra e hum homem branco, e os que ficaram, ficaram muyto mal feridos de frechadas, e tambem levarão a artelharia que puderam, e puserão foguo às casas de palha; só huma de telha avia em que se salvarão os feridos de os nam levarem. Assi que isto diz que causaram estas molheres com muytas [199r] maiores diabolidades que nestas terras se fazem, de maneira que aguora vereis quam grande o demonio faz à misericordia de Deus, que no cabo faz tamanha.

8. Quanto ao demais de que vos desejo fazer sabedores pera louvor de N. Senhor, hé da nossa igreja, que já está a cerqua acabada, e da primeira missa que se nella disse, que foi dia da mesma vocação que foi dia de Jesu [11], a qual foy com toda a muziqua de canto d'orguão e frautas [12], como se lá [13] podera fazer. A igreja hé muyto bem feita e composta, con sua casas e pomar, com sua orta e laranjaes, sidreiras e limoeiros e parreiras, que já derão aqui huma vez huvas. Assi que o que falta hé o que o Padre mandou pedir, que são novos ornamentos que pera a igreja há mister, ao P.e Mestre Simão.

9. Finalmente que tornando a nosso proposito averá hum anno e meio [14] ou mais que nem da Baya, donde está

183 ensaiarão *del.* que ¦| 187 a *sup.* ¦| 201 *Prius* pareiras

11 1 de Janeiro de 1551. A Igreja, como se diz, ficou a chamar-se Igreja de Jesus. Por esta carta «sem era» ter nas «Avulsas» a data de 1552, esta ainda a demos em *História* VI, 433-434. A Igreja foi mais tarde incendiada por Cavendish, mas *é possivel*, diz Lúcio Costa — e neste lugar citado da *História* se publica o seu parecer — que o arcabouço tenha resistido ao incêndio (como resistiu o da Igreja do Colégio de Olinda) e seja ainda o da actual matriz de São Vicente.

12 O P. Leonardo Nunes era músico e regente (carta 7 § 15). Cf. LEITE, *Artes e Oficios* 225.

13 Em Coimbra.

14 Ele saíra da Baía a 1 de Novembro de 1549 e deixara em Porto Seguro o P. Nóbrega em princípios de 1550 (carta 10 § 9).

o P.e Nobregua, nem de vós, não temos nenhumas novas, do qual o nosso Padre está muyto desconçolado por assi estar soo sem Padre da Companhia.

10. Assi que em esperança vivemos todos os Irmãos, que aqui estamos a serviço de N. Senhor, muyto bemditas almas, offerecidos a muyto padecer por amor de N. Senhor e alguns com os votos feitos, outros esperando dia de Todos os Santos [15] pera tambem se offerecerem em sacrifício a N. Senhor.

Servo sem nenhum proveito

Dioguo Jacome.

29

DE MAXIMIANO AOS IRMÃOS DE PORTUGAL

[S. VICENTE JUNHO DE 1551]

I. **Texto:** Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 24v-25r [antes 194v-195r]. Título: «De una de Maximiano». Em «Copia de unas cartas de los Padres y Hermanos que están en el Brasil. De 1551 y 20 de junio» [23r-26v]. Tradução espanhola.

2. Biblioteca Vaticana, *Ottoboni lat. 797*, f. 97r. Tradução italiana resumida.

II. **Impressão:** Versão italiana: *Novi Avisi di piu lochi de l'India et massime de Brasil* (Roma 1553) sem paginação [carta n. 12]; *Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo* (Veneza 1559) ff. 143r-143v; *ib.* (1565) 143r-143v.

III. **Autor:** Maximiano era um dos 14 «Irmãos» (entre «grandes» e «pequenos»), que tinha então a Casa de São Vicente, dos quais fala o Ir. Pero Correia (carta 24 § 4). Vocação não confirmada, faltando por isso elementos para identificar quem fosse.

IV. **Tempo:** Dá-o o texto 1, e confirma-o o contexto.

V. **Edição:** Edita-se o texto (1).

---

15 1 de Novembro.

Textus

1. Cum P. Leonardo Nunes petivit interiora terrarum et vidit in aliquo pago Indorum domunculam quae dicebatur esse eorum sancti. — 2. Fratres baculum cum cruce portant.

1. Nuestro Padre [1] hizo daquí hun camino [2]. Los Hermanos, que fueron con él, escriven lo que allá passó cada un hun poco [3]. Y porque yo fuy uno dellos, les contaré de parte, que estando nosotros allá vimos una casilla [4], que estava [25r] en medio de una aldea, la qual nos dixeron que era de su sancto, que son unos hombres que engañan a estos miserables. Y començándoles a preguntar, hallamos que los traya perdidos, engañados con grandíssimas falsidades.

2. Sabiendo nuestro Padre esto, cobró grande fee, aparejándose para lo que soccedesse, y mandó al Hermano Pero Correa que les praedicasse en su lengua, diziéndole lo que les avía de praedicar. Y así les praedicó quasi tres horas del alva, durando el sermón hasta la mañana. Quiso nuestro Señor que confessavan quanto el Hermano les avía dicho de nuestro Señor.

También dezían que sus sanctos todos eran mentirosos, y pedían con mucha instantia al Padre que los hiziese christianos y estuviese allý con ellos enseñándoles, que ellos nos darían lo necessario. Y también pedían luego bordones de cruz [5], como nosotros aquá traemos, y dávannos

---

20 pedían] pendían *ms.*

---

1 P. Leonardo Nunes.

2 Jornada pelo «rio abaixo», descrita por Pero Correia (carta 25 § 1).

3 Vê-se que o P. Leonardo Nunes deu como tema, aos Irmãos que foram com ele, a descrição da jornada e o que nela mais notaram.

4 A «cabana sagrada» dos etnólogos. LEITE V 313.

5 Que os primeiros Padres e Irmãos do Brasil andavam de bordão, já constava (carta 18 § 5); de «bordão de cruz» assinala-se agora. Os Índios logo os imitavam, como traz a versão italiana: «facevano subito bordoni con croce» (f. 143v).

sus hijos para que los enseñássemos. Assí que, mis charíssimos en Christo Hermanos, por aquí veréis la falta que aquá hazéis.

30

MANDADO DE MANTIMENTO PARA O P. MANUEL DE PAIVA E CINCO COMPANHEIROS

BAÍA 10 DE JULHO DE 1551

I. **Autores:** LEITE I 57.

II. **Texto:** Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Cód. I-19, 7, 2. Título: «Copia do Livro I das Provisões e Mandados». Mandado n. 643.

III. **Tempo:** Tira-se do mandado precedente [642], de 10 de Julho de 1551.

IV. **Impressão:** *Documentos Históricos* XIV (Rio de Janeiro 1929) 29; *ib.* XXXVII (1937) 261.

V. **Edição:** Reimprime-se o texto, de *Doc. Hist.* XIV, conferido com XXXVII.

Textus

1. Ut subsidium pro sex Patribus S. I. in ferro solvatur.

1. No dito dia mez e era [10 de Julho de 1551] passou o Provedor-mor [1] mandado para o Almoxarife Christovão de Aguiar, que pagasse ao Padre Manuel de Paiva [2], Maio-

---

1 António Cardoso de Barros.

2 Manuel de Paiva chegou à Baía no ano anterior (2ª expedição) Nasceu por 1509, em Águeda, distrito de Aveiro. Entrou, já Padre, na Companhia em Coimbra, a 18 de Julho (não Junho) de 1548 (*Lus. 43-1*, f. 3v). Nóbrega deixou-o agora por Superior durante a ida a Pernambuco;

ral dos Padres da Companhia de Jesus desta Cidade, na ausencia de Manuel da Nobrega, dois mil e quatrocentos reis em ferro a dois mil reis quintal, que lhe eram devidos de seu mantimento deste mez de Julho, à razão de quatrocentos reis cada um, a seis Padres da dita Casa e Companhia; e que por elle com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo, assignado por ambos, e com Certidão do Escrivão da Matricula, em que declarasse ficar posta verba em seus titulos, que houveram o dito pagamento, lhe sejam levados em conta [3].

31

DO P. ANTÓNIO PIRES AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

PERNAMBUCO 2 DE AGOSTO DE 1551

I. **Bibliografia:** B. MACHADO III 352; *Cimélios* 492; SOMMERVOGEL VI 847 n. 1; STREIT II 334 n. 1211; LEITE IX 59 n. 1.

II. **Autores:** POLANCO II 391-393; FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 210-211; LEITE I 205 472 476; II 379.

III. **Texto:** Original português perdido, que logo se traduziu em espanhol e se publicou *(Copia)*.

1. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] 1-5, 2, 38, ff. 7r-10r. Título: «Carta que ho P.e Antonio Pires escreveo do Brasil da Capitania de Pernambuco, aos Irmãos da Companhia, de 2 de Agosto de 1551». Retroversão portuguesa da tradução espanhola impressa.

---

e o mesmo iria fazer em Piratininga, depois de fundar a Casa de São Paulo. Paiva tomou parte em expedições contra os Tamoios e faleceu em Vitória, no Espírito Santo, a 21 de Dezembro de 1584 (*Bras. 5-1*, f. 29r). Cf. LEITE I 57-58.

3 A 17 de Agosto de 1551 há um mandado, igual a este, sem determinação da espécie em que se pagava. Com esta nota à margem: «O Padre Manuel de Paiva tem no Almoxarife passado vinagre 1260 reis, e no Thesoureiro Manuel Ferreira em mercadoria 1040 reis» (*Doc. Hist.* XIV, p. 67, n. 728). Cf. supra, doc. 13.

2. ARSI, *Bras. 3-1,* ff. 4r-10r [antes 208r-214v]. Tradução italiana pela espanhola. Com emendas e cortes de POLANCO, que se serve desta carta, omitindo o nome do autor: «P. Nobrega cum socio» [p. 391].

3. Biblioteca Vaticana, *Ottoboni lat. 797,* ff. 122r-126v 140r-144v. Mais dois exemplares da tradução italiana.

IV. **Impressão**: *Copia de unas cartas... a los Padres y hermanos de Jesus de Coimbra... Tresladadas de Portugues en Castellano. Recebidas el año de 1551.* [Carta n. 2, 8 págs. Título: «Una embiada de la Capitania de Pernambuco»]; *Avisi Particolari delle Indie di Portugallo* (Roma 1552) 109-125; *Diversi Avisi* (Veneza 1559) ff. 41v-48r; *ib.* (1565) ff. 41v-48r; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* VI (1866) 95-103; *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 76-84.

V. **História da Impressão**: *Copia* imprime a tradução espanhola do original perdido; *Avisi* e *Diversi Avisi* a italiana; *Revista* e *Cartas* a retroversão portuguesa (1).

VI. **Edição**: Reimprime-se a tradução espanhola *(Copia).*

Textus

1. P. Antonius Pires Pernambuci versatur cum P. Nóbrega. — 2. Navarrus didicit linguam brasilicam. — 3. De baptismo Indorum. — 4. Favor Gubernatoris in Indos christianos. — 5. Mors christiana indi D. Ioannis. — 6. Indi anthropophagi. — 7. Pugna adversus Indos contrarios. — 8. Incipit Collegium ad pueros bahienses, et orphani lusitani attrahunt pueros brasilos. — 9. Lusitanorum corriguntur mores. — 10. Religiosi S. I. versantes in Brasilia. — 11. Labores Patrum Nóbrega et Pires Pernambuci. — 12. Epistolae e Portugalia perventae. — 13. Labores manuales Patrum.

La gracia y amor de nuestro Señor sea siempre en nuestro continuo favor y ayuda. Amen.

1. Por algunas cartas que el año passado de 1550 os escrevimos [1], os dimos larga información destas partes del Brasil, y de algunas cosas que nuestro Señor por sus siervos, que por la santa obediencia dessas partes an sido embiados, ha querido obrar. Los quales al presente están

1 Fala no plural porque é carta de notícias gerais. Do ano de 1550 não se conhece nenhuma carta de António Pires.

repartidos por diversas capitanías desta costa [2], y de las cosas que el Señor por cada uno dellos obra, seréis por sus cartas sabidores, solamente os quiero yo dar cuenta de lo que en la Baya [3] se ha acontecido después que los postreros navíos se an partido, y también desta capitanía de Pernambuco, a donde avrá pocos días que el Padre Nóbrega y yo somos llegados [4].

2. Primeramente sabréis que el P. Nóbrega ha llegado a esta Baya [5] de visitar y correr las Capitanías [6], y luego ordenó que el Padre Navarro fuesse al Puerto Seguro [7] a trasladar las oraciones y sermones en la lengua desta tierra, con algunos intérpretes que para esso avía muy buenos; las quales trasladó muy bien, y es mucho para dar alabanças al Señor viéndole predicar mucha parte del viejo testamento y nuevo, y otros sermones del juyzio, infierno, gloria, etc. En lo qual a todos nos lleva la ventaja, y en esto tenemos todos mucha falta en carecer de la lengua, y no saber declarar a los Indios lo que queremos por falta de intérpretes que se lo sepan, como desseamos, explicar y dezir.

3. Muchos de los gentiles piden el agua del baptismo, mas el P. Nóbrega ha ordenado que primero se les hagan los cathecismos y exorcismos, hasta tanto que conozcamos en ellos firmeza, y que de todo coraçón crean en Christo, y también que primero emienden sus malos costumbres. Son tales los baptizados que perseveran, que es mucho para dar gracias al Señor, porque aunque desonrrados y

---

2 Nas Capitanias de Pernambuco, Baía, Porto Seguro, Espírito Santo e São Vicente.

3 Ainda que mandada de Pernambuco, toda a carta, menos os dois últimos parágrafos (11-12), trata da Baía e das Capitanias da parte do Sul.

4 «Seis ou sete dias» antes, dirá no § 11.

5 Este e outros §§ desta carta redigiram-se ainda na Baía.

6 Nóbrega correu as Capitanias mais próximas da Baía: Ilhéus e Porto Seguro. Se chegou ao Espírito Santo não ficou documento; nem também a São Vicente (carta 28 § 9).

7 Não se demorou muito em Porto Seguro, porque foi chamado para a Baía a tratar da doutrina dos Índios como se lê nesta própria carta.

vituperados de los suyos, no dexan de perseverar en nuestra obediencia y crecer en buenos costumbres. El pueblo gentil al principio nos dava poco crédito, y le parecía que les mentíamos y engañávamos, que los Padres y también los legos ministros de Satanás que al principio a esta tierra vinieron les predicavan y dezían por interés de sus abominables rescates [8]; agora que comiençan a conocer la verdad, y ven el continuo amor con que los Padres los tratan y conversan, y el trabajo que por la salvación de sus almas reciben, van cayendo en la cuenta y quieren ser christianos con muy mayor voluntad y más firme intención que al principio. También nuestro Señor ha mostrado cosas y muestra cada día por donde se van desengañando a no nós tener en la cuenta que antes tenían.

Los christianos que permanecen son tan nuestros que contra sus naturales hermanos pelearan por nós defender, y están tan subjetos que no tienen cuenta con padres ni parientes; saben muy bien las oraciones, y tienen mejor cuenta con los domingos y fiestas que otros muchos christianos; en nuestra casa se disciplinan todos los viernes, y algunos de los nuevamente convertidos se vienen a disciplinar con grandes desseos; en la procession de la semana santa [9] se disciplinaron algunos assí de los nuestros como de los nuevos convertidos, y daquí adelante se começaron a confessar con el P. Navarro en su lengua [10], porque ay ya muchos que lo quieren y desean. Estos an de ser un fundamento grande para todos los otros se convertir, ya empieçan a ir por las aldeas con los Padres predicando la fe, y desagañando a los suyos de los malos costumbres en que viven. Muchas cosas en particular pudiera escrevir que por mi grande frieza, y, por no pensar aver de ser yo el

8 Resgates na linguagem do tempo, quer dizer, objectos com que se negoceia; o qualificá-los de «abomináveis» é para condenar aqueles resgates em que o objecto era o homem não para ficar livre, mas cativo.

9 Semana Santa: em 1551 entre 22 e 29 de Março (Páscoa).

10 O primeiro Jesuíta que confessou sem intérprete na língua dos Índios.

escriptor, no las escrivo, assí por no las tener en la memoria, como por no las saber estimar por falta de charidad.

4. Grande es la embidia que los gentiles tienen a estos nuevamente convertidos, porque ven quán favorecidos son del governador y de otras principales personas, y si quisiéssemos abrir la puerta al baptismo quasi todos se vendrían, lo qual no hazemos si no conocemos ser aptos para esso, y que viene[n] con devoción, y con contrición de los malos costumbres en que se ha[n] criado, y también porque no tornen a retroceder, sino que queden contentos y firmes. Mucho más fruto se pudiera hazer si uviera obreros, mas el Padre Navarro es solo el que tiene cuydado de todo esto, porque Vicente Rodríguez ha tenido quartanas mucho tiempo, y Salvador Rodríguez también desde que vino hasta agora ha tenido la mesma dolencia y otras malas disposiciones. Al Padre Nóbrega abástanle los continuos sermones y doctrina con otros negocios spirituales que nunca entre los christianos faltan. El Padre Nóbrega me tenía a mi dado cargo de la casa; en esto me he ocupado hasta agora por no ser para más. Todos los otros Padres están repartidos por diversas partes [11], mas son tan pocos que no abastan para todas; assí que mucha es la miesse que se pierde por falta de segadores [12].

5. Entre otras cosas os quiero contar una de un principal desta tierra, el qual ha algunos días que pedía el agua de baptismo, y porque tenía dos mugeres no se la queríamos dar, aunque sabíamos que la una dellas no la tenía sino para se servir della. Un día con gran prissa y efficacia pidió el baptismo al qual baptizó el Padre Navarro,

---

11 Dão-se neste § os Padres, que residiam na Baía, pouco antes de Nóbrega ir a Pernambuco: Navarro e Vicente Rodrigues já tinham voltado de Porto Seguro. Manuel de Paiva ainda estava em Ilhéus, e foi chamado para substituir o P. António Pires no governo da Casa e ficar Vice-Superior da Missão na ausência do Padre Nóbrega.

12 Mat. 9, 37; Luc. 10, 2.

y day a seys o siete días enfermó de cámaras [13], y se yva consumiendo hasta que conosció que avía de morir, y dos noches antes que muriesse embió a llamar el P. Navarro para lo acompañar y enseñar cómo avía de morir, y diziale que le nombrasse muchas vezes el nombre de Jesú, y de S. María N. Señora, y él también dezía con el Padre estos sanctos nombres, hasta perder la habla. Y antes que la perdiesse vistió una ropa que tenía y mandó a los suyos que lo enterrassen con ella y en sagrado como era costumbre de los christianos, y dió el spíritu a Dios, estando el P. Navarro diziendo missa por él, por lo qual no se pudo hallar presente a su muerte. Dixo una su hermana, que se halló presente a su muerte, al P. Navarro, que le avía dicho el muerto antes que perdiesse la habla: «Hermana, no veys?» Y ella le respondió que no veya nada; y tornándole a preguntar lo mismo, ella le respondía de la misma manera, hasta que él con grande alegría le dixo: «Veo, Hermana mía, los gusanos holgando en la tierra, y en los cielos grandes alegrías y plazeres. Quédate en ora buena que me quiero yr», y assí acabó. Enterrámoslo en una yglesia que teníamos hecha para los nuevamente convertidos. Algunos hechizeros lo quisieron estorvar mas no pudieron, y echaron fama que el santo baptismo lo matava, no conociendo que nuestro Señor le avía hecho muy gran merced en lo quitar dantre ellos y llevarlo a su santa gloria, como se deve creer. Este nos ha dado entrada en esta tierra, y en su manera de vivir no era fuera de la ley natural y de razón, lo que en muy pocos gentiles tengo en esta tierra visto. Quedó un hermano suyo por principal, el qual ha por nombre Symón, y el muerto Don Juan [14], con el qual metemos

---

13 «Câmaras» ou câmaras de sangue: desinteria. Cf. AFRÂNIO PEIXOTO, nota a esta palavra, *Cartas Avulsas,* 85.

14 Este Principal devia ter o hábito de Cristo (pelo título de Dom), de certo por se ter aliado desde o começo aos Portugueses. Mas observe-se que não era baptizado e o foi quase só «in extremis». Sucedeu-lhe o seu irmão Principal Simão, sobre cuja Aldeia, situada sobre o Gamboa, hoje dentro da Cidade da Baía, cf. LEITE II 50; carta 33 § 1. Dom João

acá en vergüença los malos christianos, porque es muy virtuoso y fuera de los costumbres de los otros, y también su muger y hijos, los quales nos tiene prometidos para que los enseñemos, y por falta de casas y mantenimientos no lo podemos hazer. Ya agora, quando están dolientes algunos de los nuevos christianos, o quando mueren, llaman a los Padres para que rueguen a Dios por ellos y para que estén a su muerte, y los entierren después de muertos. Mas Satanás, que en esta tierra tanto reyna, ordenó y enseñó a los echizeros muchas mentiras y engaños para empedir el bien de las almas, diziendo que con la doctrina que les enseñávamos las trayamos a la muerte; y si alguno adolecía le dezían que tenía anzuelos en el cuerpo, cuchillos o tiseras que le causavan aquel dolor, y fingían que se las tiravan [15] del cuerpo con sus hechizerías: estas y otras muchas mañas suele usar en esta su generación en la qual tanto ha que reyna, temiendo ser despojado de su tyranía.

6. Una cosa os quiero contar, que es de gran admiración, de la grande justicia y misericordia del Señor, la qual es que junto desta Baya seis ou siete leguas, en una isla está una generación que ya tuvo guerra con estos de la Baya, y agora estavan en paz. Acertó de yr, la segunda octava de Pascua [16], un barco allá con quatro hombres blancos [17] a rescatar sin licencia del governador, y no yvan aún confessados, y según se dize yvan a pecar con algunas negras con las quales estavan concertados. Y saliendo en tierra determinaron los negros de matarlos en vengança de unos sus hermanos que los christianos avían salteado y

---

era o mesmo Índio Tacoí ou Tacuí, nome conservado por Vicente Rodrigues (carta 43 § 4).

15 Tiravam, palavra portuguesa, no sentido aqui usado (por «sacaban»); assim como «dolencia», «adolecia» é tradução material dos vocábulos portugueses «doença», «adoecia».

16 31 de Março de 1551.

17 «Huns IIII° degradados e homens de mao viver» (carta de Tomé de Sousa a El-Rei D. João III, Baía 18 de Julho de 1551, in *História da Colonisação Portuguesa do Brasil* III 362).

muerto avía ya tiempo. Conosciendo los christianos su determinación y queriendo huir, antes que llegassen al barco los mataron y después los comieron. Algunos de los nuestros se juntaron y fueron contra ellos, y prendieron dos viejos principales y una muger y los entregaron al governador prometiéndole que prenderían más si pudiessen. Los quales dos viejos eran tíos de los que avían muerto los christianos, a los quales habló el P. Nóbrega con un intérprete, que ya que avían de morir, que muriessen christianos, y persuadíalos con razones, y llevóles allí de los nuevamente convertidos para los quitar de su engaño y convencerlos. Quiso el Señor que con grande voluntad quisieron y fueron baptizados y siempre con el nombre de Jesú en la boca y mirando hazia los cielos acabaron las vidas a la boca de una bombarda; los quales yo bien creo que son salvos, tanto quanto temo que los christianos, que los suyos mataron, sean condenados por sus obras y vida dañada, si en su fin Christo N. Señor no los socorrió.

7. Después tornaron los habitadores de aquella isla, que avían huydo de miedo, a poblarla por causa de los muchos mantenimientos que en ella tenían y truxeron mucha gente del sertón en su ayuda contra los blancos y sus ayudadores, por lo qual convino al governador embiar quasi toda la gente de la tierra, y quedó él con muy pocos guardando la ciudad. Y fué con esta gente el P. Nóbrega con una cruz en la mano que dava gran consolación a los christianos y espanto y terror a los Indios, el qual yva confessar los heridos, y ayudar a [enterrar] los muertos, si los oviesse [18]. Mas quiso nuestro Señor ayudar a los christianos, porque empeçando los nuevamente convertidos, que en la delantera yvan, de andar a las flechadas con los Indios, y viendo que los

18 A cruz na mão e os fins espirituais, com que ia, constituem a Nóbrega verdadeiro capelão militar. E é a primeira vez, no Brasil, que este cargo público ou oficioso aparece desempenhado por Padres da Companhia. Cf. LEITE, *Breve Itinerário* 69.

nuestros se llegavan mucho a ellos, desamparando la aldea, huyeron para los matos, la qual fué quemada con otra de la misma casta, que estava en otra isla cerca desta [19], la qual también desampararon y huyeron, y mataron dos dellos. En esta aldea hallaron mucho mantenimiento, que los hombres pobres de la armada truxeron. Están agora los negros tan medrosos, que qualquier jugo de bien bivir, que les fuere puesto, lo acceptarán, aunque sea por temor y miedo de los blancos.

8. En la Baya está dado principio a una casa, en que se recojan y enseñen los niños de los gentiles nuevamente convertidos. La qual se empeçó con algunos mestiços de la tierra, y con algunos de los huérfanos que dallá vinieron en el galeón [20]. Es cosa que hizimos por nuestras manos [21], aunque sea de poca dura, y tomamos tierra para mantenimiento de los niños [22]. Ya comiençan los hijos de los gentiles a huyr a sus padres, y venirse a nós, y por más que hazen no los pueden apartar de la conversación de los otros niños [23]. Y es tanto, que a nuestra partida de la Baya llegó uno, descalabrado y sin comer todo un día, huyendo de su padre a nós. Cantan todos una missa cada día, y ocúpanse en otras cosas semejantes. Agora se ordenan cantares en esta lengua [24], los quales cantan los mamalucos por las aldeas con los otros. Y ya tuviéramos la casa llena, si les pudiéramos sustentar, y si tuviéramos a donde aposentarlos; y daquí a pocos meses avrá mantenimientos para poderse tomar más, y por esso repartimos

---

19 Parece tratar-se da Ilha de Itaparica em frente da Cidade a «6 ou sete léguas» da Baía, como se diz acima; porque a Aldeia de Santa Cruz, que depois se fundou nessa ilha, estava a umas «6 léguas desta Casa» da Baía (*Cartas Avulsas* 306).

20 Galeão «S. João Baptista», conhecido por «Galeão Velho». Vieram nele sete órfãos (carta 11).

21 Cf. carta 14 § 4.

22 A sesmaria de «Água dos Meninos» (doc. 17).

23 Cf. LEITE II 24.

24 Língua brasílica, isto é, tupí.

algunos de los niños huérfanos por las otras capitanías [25]. Es tan grande el temor en algunas destas aldeas y reverencia que tienen a los Padres, que no osan abiertamente comer carne humana, de manera que están estos gentiles, principalmente los de la Baya, aparejados para se hazer en ellos grande fruto. Mas estamos acá tan pocos y tan repartidos, y las necessidades son tantas entre los christianos, a las quales somos más obligados a acudir, que no sé como sufrís, charíssimos Hermanos, estar tanto tiempo en essa casa, estando acá tantas necessidades esperando por vós.

9. Muy grande fruto se a hecho en esta costa entre los christianos, y evitáronse grandes pecados, y hiziéronse muchos casamientos a servicio de Dios: y algunos fueron con mugeres de la tierra [26], de lo qual resulta grande alabança a Christo nuestro Señor, y será un grande principio de se acrescentar la tierra, y la santa fe cathólica. De manera que está este puerto [27] tan reformado, que no siento tierra poblada de gente tan mal acustumbrada en pecados como ésta, que pueda estar tan reformada en buena custumbre y virtud. El governador [28] por su virtud nos ayuda mucho, y en todo favorece nuestra causa. Los esclavos aquí vivían tan gentílicamente como antes, quando eran gentiles, lo hazían en sus tierras; ase hecho en ellos grande fruto, porque saben ya las oraciones, y enséñanlos a bivir virtuosamente. Trabajamos por poner un custumbre en esta tierra de casar los esclavos con las esclavas en la haz de la Santa Iglesia. Hanse casado muchos y casarse yan muchos más, si acabassen de creer sus señores, que no quedan horros. Con la venida del señor Obispo esperamos que se

---

25 A primeira Capitania, por onde os repartiram, foi Porto Seguro. LEITE I 198.

26 O casamento cristão dos Portugueses com as mulheres indígenas é triunfo já dos Padres e do sistema português, alheio a toda a espécie de racismo.

27 Baía.

28 Tomé de Sousa.

hará en esto mucho provecho, y se remediará todo lo demás, porque ay muchas haziendas que tienen muchos esclavos y esclavas.

10. Francisco Pérez está en Puerto Seguro y a estado con él hasta aora Vicente Rodríguez, y vino agora a comunicar con el Padre Nóbrega en esta costa [29] algunas cosas, en la qual enfermó, y por tanto no a podido más tornar. Ha hecho hazer una hermita [30] allí, a la qual la gente es muy devota y es muy visitada de romerías. Dízese por toda la costa que una fuente que se abrió después de la fundación de la hermita da salud a los enfermos. Francisco Pérez tiene cuydado de hazer la doctrina a los esclavos y de visitar algunas aldeas de los gentiles, que están cerca de aquí [31], de las quales a tomado algunos niños consigo para los enseñar: estáos con grandes desseos, Hermanos charíssimos, aguardando solus tanquam agnus in medio luporum [32].

Alonso Blaz, y Simón Gonçález están al presente en el Spíritu Santo. Tienen començada una casa, en la qual tenemos esperança que se criarán muchos moços de los gentiles, porque es la tierra la más abastada y mejor de toda esta costa, según dizen todos. Ay allí muchos esclavos, en los quales se haze mucho provecho.

Leonardo Núnez y Diego Jácome están en S. Vicente. Tienen también hecha una grande casa, en que se han de recoger y enseñar todos los niños de los gentiles nuevamente baptizados. Dilatóse su ida a los Carijós por muchos respectos, principalmente por no aver quien pudiesse sustentar esta casa y regir los niños della.

El P. Manuel de Paiva ha llegado poco ha de la Capitanía de los Illeos, y dexa aquel pueblo con mucha sole-

---

29 Entenda-se à Baía, antes do P. Nóbrega ir a Pernambuco; e ficou na Baía («no a podido más tornar» a Porto Seguro). Cf. supra § 4.

30 Igreja de Nossa Senhora da Ajuda em Porto Seguro. LEITE I 205-208.

31 «De aqui», isto é, da Igreja da Ajuda.

32 Mat. 10, 16.

dad de sí. Está aora en la Baya y tiene cuydado de casa [33].

11. El Padre Nóbrega y yo partimos avrá quinze o veinte días [34] para esta Capitanía de Pernambuco, donde ha seis o siete días [35] que somos llegados con assaz fortuna. Porque estuvimos muchas vezes quasi perdidos, mas quiso nuestro Señor por su misericordia librarmos de tantos peligros. Y aquí fuimos muy bien recebidos deste pueblo, principalmente de los Capitanes [36] que son hombres virtuosos y amigos de Dios, y, porque esta tierra es poblada de mucha gente, ay también en ella muchos pecados. Mas aunque esto sea, paréceme que la gente está dócil, y bien inclinada. Ay también aquí muchos esclavos. Y los gentiles desta tierra parece que son los mejores que de todas las otras partes, porque conversaron siempre con mejor gente [37] que todos los de las otras capitanías; tenemos esperança que se a de hazer mucho fruto. El Padre Nóbrega predica todos los domingos y días santos, y a las tardes haze una plática a manera de sermón. Los viernes haze otra a los disciplinantes, y es muy accepto a todos. Fué cosa para dar muchas gracias al Señor, ver este domingo passado una iglesia muy grande [38] llena de esclavos que venían a la doctrina, que serían cerca de mil, fuera los que están en las haziendas, que son muchos,

---

33 A carta dá notícia e é um catálogo dos dez Jesuítas vindos de Portugal, e o lugar de residência à data em que se escrevia (2 de Agosto de 1551): em Pernambuco, Manuel da Nóbrega e António Pires; na Baía, Manuel de Paiva, João de Azpilcueta Navarro, Salvador Rodrigues e Vicente Rodrigues; em Porto Seguro, Francisco Pires; no Espírito Santo, Afonso Brás e Simão Gonçalves; em São Vicente, Leonardo Nunes e Diogo Jácome. São os dez, que vieram do Reino, e mais Simão Gonçalves, entrado na Baía. Dos recebidos em São Vicente não havia notícias certas; e, além dos dois, Nunes e Jácome, só fala de meninos.

34 Portanto, saíram da Baía para Pernambuco nos meados de Julho.

35 Chegaram, portanto, a Olinda a 26 ou 27 de Julho.

36 Os donatários Duarte Coelho e sua mulher D. Brites de Albuquerque. LEITE I 473; *Breve Itinerário* 70.

37 Nobres, comerciantes e oficiais mecânicos. LEITE V 450-452.

38 A Matriz.

porque ay hazienda que tiene dozientos esclavos. El Padre Nóbrega me ha hecho a mí predicador, pues que vós, Hermanos míos, tardáis tanto. Truxe las oraciones y algunos sermones escriptos en esta lengua [39]. Espero agora exercitarme en ellos.

Luego que aquí llegamos començaron muchos a se apartar de sus mancebas, y de otros pecados. Paréceme que fué por miedo, por les parecer que trayamos poder para los castigar. Quiera nuestro Señor que no las tornem a recoger! Llámamnnos los negros y esclavos vicarios temerosos, porque los christianos desta Capitanía por este nombre de vicarios nos nombravan. Los moradores desta Capitanía se dan grande prissa a nos ordenar casa, y andan escogiendo sitio. Están muy aparejados para nos ayudar en todo lo que nos fuere necessario para el servicio de Dios. Cásanse muchos [40], lo que antes no se hazía, porque querían más estar amancebados con sus esclavas, y con otras negras horras. Ay en esta tierra un costumbre que lo más de los hombres no reciben el Santo Sacramento, porque tienen las negras con que están amancebados, en tanto que ay hombre que a xx años que no comulgó, y confiéssanlos y absuélvenlos. Lo que todo se haze a nuestras costas, pues aora es nuestro officio remediarlos. El mayor trabajo que aora tenemos es, que avrá en esta población algunas cincuenta negras [41] o más, afuera otras que están por las haziendas, las quales fueron traydas de las aldeas por los blancos para las tener por mancebas. Ellos las hazían luego christianas, porque el peccado no fuesse tan grande. No sabemos dar a esto tajo: porque si se las quitaremos anse de tornar a las aldeas, y assí házese injuria al sacramento

---

39 Língua tupí (Cf. carta 36 § 5).

40 Cremos que um destes, que então se casaram, foi Pedro Leitão «mamposteiro» dos escravos com a «meirinha», de que fala Nóbrega a 13 de Setembro (carta 36 § 4); e na mesma carta § 2 fala destes casamentos de portugueses com índias com maior relevo.

41 Trata-se de índias, pois, como logo se diz, foram trazidas «das Aldeias».

del baptismo, y si no se las quitamos, estarán unos y otros en pecado mortal. Tengo esperança que por medio de vuestras oraciones nos a el Señor de enseñar lo que avemos de hazer. Ellas andan tan devotas, principalmente las horras, que quanto a lo que muestran, si les pudiéssemos ordenar alguna manera de vida, fácilmente las apartaríamos del pecado. Ay entre ellas una [42] muy antigua entre los blancos [43], a la qual todas las otras obedecen, porque anda con una vara en la mano [44], y tiene cuydado de las ayuntar a la doctrina. Esta se levantó una madrugada dos o tres horas antes del día, y con grandes bozes pregonava nuestra venida, animando las otras, diziendo que ya el día era llegado, que hasta aquí siempre avían tenido noche, que saliessen de sus males y pecados, y fuessen buenas y christianas, dizendo mal de sus custumbres, y loando los nuestros. Muchas destas se nos vienen a casa, y se assientan de rodillas, diziendo con mucha lástima, que hasta aquí assí ellas como sus hijos fueron salvages, que por amor de Dios las enseñemos y doctrinemos.

12. Unas cartas tuvimos acá [45] vuestras que fueron hechas en el mes de setiembre, y otras pocas que venieron por vía de la Capitanía de los Illeos, las quales traxieron dos [46] de los niños huérfanos que embiaron de Lisboa.

---

42 Uma índia forra.

43 Que convivia com os brancos há muito tempo (vivia com um deles, Pedro Leitão).

44 «Meirinha», uma espécie de «mamposteira» das outras índias; e parece bem caracterizada a índia forra de quem torna a falar o mesmo Padre na carta 45 § 7, já casada, honrada e rica, «grande língua» que a *Hist. de la Fund. de Pernambuco* f. 60v, chama Maria da Rosa, e Rodolfo Garcia identifica com a mulher do Capitão Pedro Leitão. LEITE I 473. Maria da Rosa foi depois terceira franciscana, por isso se ocupam dela, e do Recolhimento que fundou, os autores franciscanos. VAN DER VAT, *Princípios* III-112; e infra, carta 36 § 4.

45 «Acá», no Brasil, e especificamente na Baía, de que volta a falar. Anunciavam-se ali navios de Portugal, mas os Padres não esperaram por eles para não perderem a embarcação que ia para Pernambuco e os levou.

46 Cf. carta 21.

Agora se esperava en la Baya por los navíos del Rey nuestro señor, que no eran aún llegados. Parécenos que traerán muchas cartas, y nuevas vuestras, por las quales no podemos aguardar por no perder la embarcación, y por esso no respondemos a ellas.

13. En esta tierra[47], por la falta que ay de officiales, la necessidad nos haze aprender todos los officios, porque yo os digo que, por los officios que en esta tierra tengo aprendidos, podría ya bivir[48]. Christo nuestro Señor nos haga bien aprender y obrar el officio de la perfectión, para que nuestros trabajos y servicios le sean acceptos. Y para esto, Hermanos míos en Christo, nunca os olvidéis de tener continua memoria de nós en vuestros sacrificios y oraciones.

Desta Capitanía de Pernambuco, a dos de Agosto de M.D.LI.[1551].

32

MANDADO DO GOVERNADOR TOMÉ DE SOUSA SOBRE MANTIMENTO E VESTIDO DOS PADRES DA COMPANHIA

BAÍA 6 DE AGOSTO DE 1551

I. **Texto**: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Cód. I-19, 7, 2. Título: «Copia do Livro I das Provisões e Mandados». Mandado n. 708.

II. **Impressão**: *Documentos Históricos* XIV (1929) 57-58; *ib.* XXXVII (1937) 290.

III. **Edição**: Reimprime-se o texto de *Doc. Hist.* XIV, conferido com XXXVII.

Textus

1. Auctoritate regia, iussit Gubernator ut Patri Emmanueli de Paiva daretur certa mensura vini.

---

47 No Brasil, em geral.

48 Aprendeu as artes mecânicas, mas sobretudo a de carpinteiro em que foi exímio. LEITE II 589; *Artes e Oficios* 239-240.

1. A seis de Agosto de mil quinhentos e cincoenta e um, passou o Governador um mandado, de que o traslado e registo delle dizia assim:

Thomé de Souza, do Conselho de El-Rei Nosso Senhor, Capitão desta Cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, e Governador Geral em todas estas partes do Brasil pelo dito Senhor etc. Mando a vós Christovão de Aguiar, Almoxarife dos Armazens e mantimentos desta dita Cidade, que deis ao Padre Manuel de Paiva, Maioral dos Padres da Companhia de Jesus desta Cidade, um quarto de vinho [1], que lhe mando dar por virtude de uma Carta [2], que me Sua Alteza escreveu, pela qual há por bem, e manda, que lhe seja dado aos ditos Padres, à custa de sua fazenda, o que lhes for necessario para seu mantimento e vestido, a qual Carta está registada no Livro da Fazenda destas ditas partes a folhas trinta e uma; e por este, com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, em que declare receber de vós o dito quarto de vinho, vos será levado em conta. Francisco Mendes da Costa o fez na dita Cidade a seis de Agosto de mil quinhentos e cincoenta e um [3].

---

1 Necessário para as missas; e, se não para os Padres, ao menos para os doentes.

2 Carta de D. João III, de 1 de Janeiro de 1551 (supra, carta 19).

3 Deste mês de Agosto há mais os dois mandados seguintes, o primeiro do Governador Tomé de Sousa, o segundo do Provedor-mor António Cardoso de Barros:

a) «A dezoito de Agosto de mil quinhentos e cinquenta e um, passou o Governador mandado para o Thesoureiro Gonçalo Ferreira, que desse ao Padre Manuel de Paiva, Maioral da Companhia de Jesus, doze covados de panno pardo, doze pares de sapatos, dois sombreiros, quatorze varas de panno de lenço para camisas, e que lhe mandaria dar por virtude de uma Provisão de Sua Alteza por que lhe manda dar o necessario; e que por elle, com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, em que declarasse receber delle as ditas cousas, lhe sejam levados em conta».

[*À margem:*] «Aos Padres vestido, calçado, montou em tudo, que

33

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

PERNAMBUCO 11 DE AGOSTO DE 1551

I. **Bibliografia**: B. MACHADO III 319; *Catalogo dos Manuscriptos* I 18; *Cimélios* 492; STREIT II 334 n. 1215; LEITE IX 6 n. 8.

II. **Autores**: FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 169; PEREIRA DA COSTA I 288-289; LEITE I 36 48 114; II 115; *Breve Itinerário* 71.

III. **Texto**: Original português perdido, de que logo se fez e imprimiu a tradução espanhola *(Copia)*.

1. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa] I-5, 2, 38, ff. 10r-11r. Título: «Outra do Padre Nobrega mandada da mesma Capitania de Pernambuco ho anno de 1551». Retroversão portuguesa da tradução espanhola impressa; mas com o § 6 incompleto.

2. ARSI, *Bras. 3-1,* ff. 11r-12v [antes 215r-216v]. Tradução italiana, da espanhola impressa. Sobre a tradução, o P. Polanco suprimiu ou mudou alguma frase.

3. Bibl. Vaticana, *Ottoboni lat. 797,* ff. 126r-128r 144r-144v. Duas traduções italianas dependentes da versão espanhola impressa.

IV. **Destinatário**: Embora diga a tradução espanhola: «Carissimos Padres y Hermanos» [§ 1], contudo noutras partes da carta se vê que era ao Provincial de Portugal [Simão Rodrigues]; «Como V.ª R.ª mandare quien sustente est'otras partes» [§ 2]; «los Padres que V.ª R.ª embiare» [§ 4]; «quando V.ª R.ª en esso no quisiere hablar» a El-Rei [§ 6].

---

lhe deu o Thesoureiro 7$080 reis, e lhe são lançados em conta f. 76 em sua arrecadação» (*Doc. Hist.* XIV, p. 76, n. 744).

b) «No dito dia, mez, e anno [26 de Agosto de mil quinhentos e cincoenta e um] passou o Provedor-mor mandado para o dito Thesoureiro [Gonçalo Ferreira], que pagasse ao Padre Manuel de Paiva, Maioral da Companhia de Jesus, mil cento e quarenta reis em mercadoria, que lhe eram devidos de mantimento de seis Padres da dita Companhia do dito mez de Agosto a quatrocentos reis cada um, porque o mais houve, em Christovão de Aguiar, Almoxarife, em azeite e vinagre» (*Doc. Hist.* XIV, p. 78, n. 749).

V. **Data**: A data de 11 de Agosto consta em Barbosa Machado e concorda com o lugar que tem depois da carta de António Pires, de 2 de Agosto de 1551; e também com o contexto.

VI. **Impressão**: *Copia de unas cartas embiadas del Brasil por el Padre Nobrega... al Padre Maestro Simon... Tresladadas de Portugues en Castellano. Recebidas el año de M. D. LI.* Sem paginação [é a terceira carta, 2 págs. e meia]; *Avisi Particolari delle Indie di Portogallo* (Roma 1552) 125-130; *Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo* (Veneza 1559) ff. 48r-50r; *ib.* (1565) ff. 48r-50r; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* VI (2.ª ed. 1866) 104-106 [1.ª ed. 1844]; *Ostensor Brasileiro* I (Rio de Janeiro 1844) 228-229; INOCÊNCIO, *Chronica* de Vasconcelos (Lisboa 1865) 309-311; VALE CABRAL (1886) 83-85; (1931) 114-117; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 456-459.

VII. **História da Impressão**: *Copia* imprime a tradução espanhola do original português perdido; *Avisi* e *Diversi Avisi* a tradução italiana, mas com uma ou outra frase cortada ou mudada pelo P. Polanco (2); *Revista* e os mais, depois dela, a retroversão portuguesa antiga (1); *Cartas de Nóbrega* (1955) o texto de *Copia* (e a correspondente retroversão portuguesa completa, pp. 84-90).

VIII. **Edição**: Reimprime-se o texto, mais completo, de *Copia*.

Textus

1. Conversio gentilium. — 2. Quae promovenda praecipue est in puerorum Collegiis per omnes Praefecturas fundandis. — 3 Etiam in Praefectura Pernambuci. — 4. Rex Portugaliae vult ut adsint Patres S. I. in omnibus Praefecturis Brasiliae. — 5. Clerici scandalis implicati. — 6. Collegium bahiense.

1. En estas partes [1] después que acá estamos, Charíssimos Padres y Hermanos, se a hecho mucho fruto. Los gentiles, que parece que ponían la bienaventurança en matar sus contrarios y comer carne humana, y tener muchas mugeres, se van mucho emendando, y todo nuestro trabajo consiste en los apartar desto. Porque todo lo demás es fácil, pues no tienen ídolos [2], aunque ay entre ellos algunos, que se hazen

1 No Brasil, em geral.

2 «Ídolos», cf. carta de Nóbrega de cc. 10 de Abril de 1549 § 6.

santos y les prometen salud y victoria contra sus enemigos. Con quantos gentiles tengo hablado en esta costa, en ninguna hallé repugancia a lo que le dezía: todos quieren y dessean ser christianos, pero deixar sus custumbres les parece áspero, van con todo poco a poco cayendo en la verdad. Assí los esclavos de los christianos, y los mismos christianos, mucho se tienen emendado, y cierto que las Capitanías que tenemos visitado tienen tanta differencia de lo que dantes estavan assí en el conocimiento de Dios como en obrar la virtud, que parece una religión. Házense muchos casamientos entre los gentiles, los quales en la Baya están junto a la ciudad, y tienen su iglesia [3] cabe una casa, a donde nos recogemos, en la qual reside aora el P. Navarro. Estos determinamos tomar por medio de otros muchos, los quales esperamos con la ayuda del Señor hazer christianos. También procuramos de aver casamientos entre ellos y los christianos. Nuestro Señor se sirva de todo, y nos ayude con su gracia.

2. Aunque trabajemos que todos vengan a conocimiento de nuestra fe, y a todos la enseñemos, que la quieren oyr, y della se aprovechar: principalmente pretendemos de enseñar bien los moços. Porque estos bien doctrinados y acustumbrados en virtud, serán firmes y constantes, los quales sus padres dexan enseñar, y huelgan con esso. Y portanto nos repartimos por las Capitanías, y con las lenguas que nos acompañan nos ocupamos en esto, aprendiendo poco a poco la lengua, para que entremos por el sertón adentro, adonde aún no han llegado los christianos. Y tengo sabido de un hombre gentil que está en esta tierra, que biven en obediencia de quien los rige, y no comen carne humana. Andan vestidos de pieles [4]. Lo qual todo es una disposición para más facilmente se convertir y sustentar. Esto será lo primero que acometeremos, como V. R. mandare quien sustente est'otras partes, en las quales por cada una

---

3 Parece tratar-se da Aldeia do Monte Calvário ou da Aldeia do Simão.

4 Os Índios Carijós, e outros do Sul. Nóbrega já pensava no sertão de S. Vicente.

de las Capitanías tengo ordenado hazerse casas para recoger y enseñar los moços de los gentiles y también de los christianos; y para en ellas recogermos algunas lenguas para este effecto. Los niños huérfanos que nos embiaron de Lisboa con sus cantares atraen a sí los hijos de los gentiles y edifican mucho los christianos [5].

3. En esta Capitanía de Pernambuco donde agora estoy, tengo esperança que se hará mucho provecho, porque, como es poblada de mucha gente, ay grandes males y pecados en ella. Andan muchos hijos de los christianos por el sertón perdidos entre los gentiles y, siendo christianos, biven en sus bestiales custumbres. Espero en nuestro Señor de tornarlos a todos a la virtud christiana, y sacarlos de la vida y custumbre gentílica, y el primo [6] que tengo sacado es ésse que allá embió [7] para que si hallaren su padre se lo den. Los gentiles aquí vienen de muy lexos a vernos por la fama, y todos muestran grandes desseos. Es mucho para holgar de los ver en la doctrina, e no contentos con la general, siempre nos están pidiendo en casa que los enseñemos, y muchos dellos con lágrimas en los ojos. Escreviéronme agora de la Baya que la partida se avian perdido dos barcos de Indios que yvan a pescar, en los quales yvan muchos assí de los que eran ya christianos, como de los gentiles, y l'aconteció que todos los gentiles murieron, y escaparon los christianos todos, hasta los niños que llevavan consigo. Parece que nuestro Señor haze todo esto, para más augmentar su santa fe.

---

5 O canto era muito cultivado no Colégio dos Órfãos de Lisboa. Antes de embarcar «cantaram a salve e humas prosas a Nossa Senhora» e ainda outros cantos (Cf. supra, pp. 170-174, carta de Pedro Doménech de 27 de Janeiro de 1550; LEITE, *Páginas* 77-79). Quanto à eficácia para atrair os meninos índios, cf. LEITE II 101; id., *A Música nas primeiras Escolas Jesuíticas do Brasil no Século XVI*, in *Cultura* II (Rio 1949) 33; *Breve Itinerário* 88-90.

6 No original português perdido, estaria escrito «prim.º».

7 Nóbrega torna a falar deste mancebo na carta de 13 de Setembro de 1551 § 2.

4. El Governador [8] determina de yr presto a correr esta costa, y yo yré con él, y de los Padres que V. R. embiare, llevaré algunos comigo para dexar las Capitanías proveydas. El Rey nuestro señor escrevió al Governador que le escreviesse se avía ya Padres en todas, las quales sin quedar ninguna tenemos visitadas [9] y en todas están Padres si no en ésta, en que al presente estoy, llamada de Pernambuco, que es la principal y más poblada, y donde más abierta está la puerta, a la qual hast'aquí no avíamos venido por falta d'embarcación, y por sermos pocos.

5. Los clérigos desta tierra [10] tienen más officio de demonios, que de clérigos: porque allende de su mal exemplo y custumbres, quieren contrariar a la doctrina de Christo, y dizen públicamente a los hombres que les es lícito estar en pecado con sus negras, pues que son sus cativas, y que pueden tener los salteados, pues que son canes, y otras cosas semejantes, por excusar sus pecados y abominaciones. De manera que ningún demonio tenemos acá que nos persigua sino estos. Quiérennos mal, porque les somos contrarios a sus malos custumbres, y no pueden sufrir que digamos las missas debalde en detrimento de su interesse. Pienso que si no fuera por el favor que tenemos del Governador y principales de la tierra, y ansí porque Dios no lo quiere permitir, que nos ovieran ya quitado las vidas. Esperamos que venga el Obispo, que provea esto con temor, pues nosotros no podemos por amor.

---

8 Tomé de Sousa.

9 No princípio deste parágrafo diz «eu irei» no singular e ainda no fim do período escreve «estou». Aqui não se exprime no singular «tenho», mas «temos visitadas», isto é, por si ou por outros a mandado seu. Porque, de facto, já os Padres haviam visitado ou estado em todas as Capitanias. Todavia, não há documento expresso de que Nóbrega pessoalmente tivesse visitado todas até esta data.

10 Não precisamente de Pernambuco, mas «desta terra» em geral, ao menos a conhecida por ele até agora; que é o sentido de toda esta carta e das referências ao Governador Tomé de Sousa e ao Bispo, com que termina o parágrafo.

6. La casa de la Baya que hizimos para recoger y enseñar los moços va muy adelante, sin el Rey ayudar a ninguna cosa [11], solamente con las limosnas del Governador, y de otros hombres virtuosos. Quísonos el Señor deparar un official pedrero [12], y éste la va haziendo poco a poco, el qual es un mancebo desterrado por onze años por un desastre que le aconteció en muerte de un hombre. Tiene cumplido un año y fáltanle diez. Ase concertado comigo de servir a esta casa cinco años con su officio, y que de los otros cinco le alcancemos del Rey perdón. No tiene parte que lo acuse. Hízolo assí por consejo del Governador, y porque me a prometido que lo alcançará de Su Alteza, quando V. R. en esso no quisiere hablar. Tiene ya hecho grande parte; tiene también cercadas las casas de una tapia muy fuerte. Christo nuestro Señor nos cerque con su gracia en esta vida, para que en la otra seamos recebidos en su gloria.

CARTAS PERDIDAS

33a. *Do P. Manuel da Nóbrega a D. João III, Rei de Portugal* (Pernambuco Agosto de 1551). Na sua carta ao mesmo, de Olinda, 14 de Setembro de 1551 § 1, escreve Nóbrega: «Logo que a esta Capitania de Duarte Coelho achegamos... escrevi a V. Alteza». E no § 12 repete: «E porque por outra tenho dado mais larga conta... cesso».

33b. *Do P. Manuel da Nóbrega a D. Pedro Fernandes, Lisboa* (Pernambuco? 1551). Na mesma carta a D. João III, de 14 de Setembro de 1551 § 12, diz: «E com a vinda do Bispo, que esperamos, a quem tenho escripto ho mais, aguardamos ser socorridos».

33c. *Do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Lisboa* (Baia 1551). Escrevendo ao P. Simão Rodrigues diz-lhe Nóbrega, carta de fins de Agosto de 1552 § 18: «Isto e as mais dúvidas que o ano passado escrevi... faça V. R.ª pôr em disputa no Colégio de Coimbra, e mande o parecer dos principais letrados da Universidade». De Nóbrega a Simão Rodrigues, *em 1551*, só se conhece a carta de Pernambuco, de 11 de Agosto, que não trata de *dúvidas*.

---

11 A ajuda de El-Rei tinha sido até então para mantimento e vestiaria dos Padres, não ainda para fazer casas nem sustentar meninos.

12 De nome Nuno Garcia (LEITE I 48).

34

DO P. AFONSO BRÁS AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

[ESPÍRITO SANTO 24 DE AGOSTO DE 1551]

I. **Bibliografia**: *Cimélios* 492; STREIT II 335 n. 1216; LEITE VIII 122 n. 1.

II. **Autores**: AFRÂNIO PEIXOTO, *Cartas Avulsas* 89; LEITE I 214; II 39.

III. **Texto**: Original português perdido, que logo se verteu em espanhol e se imprimiu *(Copia)*.

1. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], I-5, 2, 38, ff. 11r-11v. Título: «Outra de Affonso Bras mandada do porto do Spirito Santo do anno de 1551». Retroversão portuguesa da tradução espanhola. Com uma ou outra frase resumida.

2. ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 12v-14r. Tradução italiana da versão espanhola. Com emendas do P. Polanco.

3. Biblioteca Vaticana, *Ottoboni lat. 797*, ff. 128v-129v 146r-147r. Duas traduções italianas.

IV. **Data**: Em *Copia* colocou-se esta carta antes da primeira de Leonardo Nunes, escrita de São Vicente; e depois desta se colocou a data de 24 de Agosto de 1551. Mas esta data não pode ser de Leonardo Nunes, que escrevia em Novembro de 1550; e concorda com o que diz na sua o P. Afonso Brás, chegado ao Espírito Santo pouco antes de 29 de Março de 1551, que só tinha feito uma «casa coberta de palha e sem paredes» e não ainda a igreja. E, assim, não à de Leonardo Nunes, mas à carta de Afonso Brás deve pertencer a data de 24 de Agosto de 1551. Cf., supra, p. 201, introdução à carta 18.

V. **Impressão**: *Copia de unas cartas embiadas del Brasil... a los Padres y hermanos de Jesus de Coimbra. Tresladadas de Portugues en Castellano. Recebidas el año de M.D.LI.* Sem paginação. Está em quarto lugar (2 págs.). Título: «Otra embiada del puerto del Spiritu Santo» (sem nome do autor); *Avisi Particolari delle Indie di Portugallo* (Roma 1552) pp. 131-134 [já com o nome expresso, mas incorrecto]; *Diversi Avisi* (Veneza 1559) ff. 50v-52r; *ib.* (1565) ff. 50v-52r; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* VI (Rio de Janeiro 1844) 441-442 [2.ª ed. 1866, 449-450]; *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 87-89.

VI. **História da Impressão**: *Copia* imprime a tradução espanhola do original português perdido; *Avisi* e *Diversi Avisi* a tradução italiana emendada por Polanco (2); *Revista* e *Avulsas* a retroversão portuguesa (1).

VII. **Edição**: Reimprime-se a tradução espanhola *(Copia)*, fonte mais antiga.

Textus

1. Ex Praefectura «Ilhéus» dicta ipse Portum Securum transiit et ibi mansit quattuor menses. — 2. Nunc in Praefectura Spiritus Sancti residet, domus erexit et cum christianis laborat. — 3. Incipit doctrina christiana Indorum quos nondum baptizat quia effugiunt ad silvas et carne humana vescuntur. — 4. Terra haec optima ex omnibus Brasiliae, spem fructus affert, sed desunt Patres.

1. Después que escreví el año passado, estando en la Capitanía de los Illeos [1], nos partimos dos Hermanos [2], y yo para el Puerto Seguro, que está treinta leguas de los Illeos. Estuve ay lo más del tiempo confessando y enseñando la doctrina. Hízose por la gracia del Señor mucho fruto en los christianos. Confessávanse ya muchas vezes, y gustavan de la palavra divina y de la doctrina christiana, y ansí concurrían con gran fervor a ella, la qual todos tenían puesta en olvido, y érales cosa muy nueva. Estuve ay poco más o menos quatro meses, y era tanta la devoción y affeción que todos me avían tomado, que escrevieron al P. Nóbrega, y al Governador [3] que no consentiessen que de allí me fuesse a otra parte. Mas en tanto que este recaudo era allá [4], sucedióse aver embarción para el Spíritu Santo, en la qual yo me fuí sin querer más esperar, assí como me era mandado. Partimos de allí a los veinte y tres de Março [5], quedando la gente muy desconsolada, y muchos con grandes lágrimas llorando.

---

1 Ilhéus, no actual Estado da Baía.

2 Destes dois Irmãos sabe-se o nome de um, Simão Gonçalves (carta 31 § 10).

3 Tomé de Sousa.

4 Na Baía: Nóbrega ainda não tinha saído para Pernambuco.

5 23 de Março de 1551.

2. Ay del Puerto Seguro al Spíritu Santo sesenta leguas. Recebiéronnos quando llegamos los moradores con grande plazer y alegría, y desde que llegué hasta la Pascua [6], no me ocupé ni entendí en otra cosa, si no en confessar y hazer otras obras pías. Passada la Pascua determinamos y ordenamos de hazer una pobre casa, para nós poder recoger en ella; ella está ya cuberta de paja, y sin paredes. Trabajaré porque se edifique aquí una hermita junto della en un sitio muy bueno, en la qual podamos dezir missa, confessar, hazer la doctrina, y otras cosas semejantes. Grande es el fruto, que por la misericordia del Señor se ha hecho y haze [7] entre los christianos, él sea por todo alabado. Porque unos se apartan de sus mancebas, y otros las dexan y se casan, y determinan de se emendar y ser buenos en adelante; quiera el Señor conservarlos en sus buenos propósitos. Los jugadores permanecían mucho en estas tres Capitanías [8], y eran los peores de arrancar de sus vicios y malos costumbres. Ya agora por gracia del Señor están muy emendados, y tengo tomados muchos naipes y dados. De lo qual los que aún están obstinados murmuran y hablan, mas yo mirando el provecho que de ay sucede, no descanso de los perseguir.

3. Hazemos cada día la doctrina a los esclavos desta villa que son muchos. No oso aquí baptizar estos gentiles tan fácilmente, aunque lo piden muchas vezes, porque me temo de su inconstancia y poca firmeza, si no quando están en el punto de la muerte. Tiénese acá muy poca confiança en ellos, porque son muy mudables, y parece a los hombres impossible poder éstos venir a ser buenos christianos: porque aconteció ya baptizar los christianos algunos, y tornarse a huyr para los gentiles, y andan después allá peores que dantes, y tórnanse a meter en sus vicios, y a comer

---

6 29 de Março de 1551.

7 Haze: impresso hare.

8 As duas Capitanias de Ilhéus e Porto Seguro em que trabalhou antes [§ 1], e esta do Espírito Santo em que agora está.

carne humana. Lo mismo hazen algunos que ya estuvieron en Portugal. Nuestro Señor quiera por su infinita misericordia aver piedad de tantas almas perdidas, y tan apartadas y olvidadas de su Criador. Son tantos, y es la tierra tan grande, y van en tanto crecimiento, que si no tuviessen continua guerra, y si se no comiessen los unos a los otros no poderían caber. Aved, Hermanos míos, compassión desta gente tan bruta, y pedid al Señor ne despiciat opus manuum suarum [9].

4. Es esta tierra donde al presente estoy, la mejor y más fértil de todo el Brasil [10]. Ay en ella mucha caça de monte, muchos puercos monteses y es muy bastecida de pe[s]cado. No os esfríe, Charíssimos míos, ser los gentiles como dixe tan mudables y inconstantes, para que por esso ayáis de perder los hervores y grandes deseos de venir acá a trabajar por amor de Dios, y salvación destas almas, porque omnia Deo possibilia sunt, qui poterit de lapidibus istis suscitare filios Abrahae [11]. Espero que vuestra charidad será tan grande, que los mudará, y vuestra constancia tan entera, que los hará perseverar en la fe y servicio del Señor. Puede ser que tan ruines eran los de la Baya, los quales muchos de los que los Padres baptizaron, son muy buenos christianos, y permanecen en nuestra santa fe, trabajando por bivir en buenos custumbres. Nuestro Señor nos dé perseverar en su santo servicio, para que en esta vida su santa voluntad en todo cumplamos.

9 Ps. 137, 8.

10 Afonso Brás fundou na Vila de Vitória, Capital do Espírito Santo, o Colégio de Santiago (LEITE I 223) de que nesta carta se dá a primeira notícia. A 4 de Maio de 1552 (doc. 40 § 1) já se lhe chama «Casa de São Tiago e Collegio dos Meninos». Deve ter sido portanto, inaugurado no dia de Santiago (25 de Julho de 1551). A recordar o facto há, numa breve via pública de Vitória, o nome do fundador: «Rua Afonso Brás» (*ib.* VI 133-134).

11 Mat. 3, 9; Luc. 3, 8.

35

DO P. JOÃO DE AZPILCUETA [NAVARRO] AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

SALVADOR [DA BAÍA AGOSTO?] DE 1551

I. **Bibliografia**: *Cimélios* 492; LEITE VIII 83 n. 2.

II. **Autores**: POLANCO II 394-397; FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 216-217 [mas referido ao P. Francisco Pires]; LEITE II 272.

III. **Texto**:

1. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 12r-13v. Título: «Outra do P.e Francisco Pires da Cidade do Salvador, de 1551». Cópia em português. *Ib.*, ff. 16r-16v. A paginação do Códice aparentemente está certa, mas falta um fólio. Supre o texto precedente. Título: «De uma do Padre Navarro para os Irmãos». Cópia em espanhol.
2. ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 14r-17v. Tradução italiana dos espanhol.
3. Bibl. Vaticana, *Ottoboni lat. 797*, ff. 129v-132v; 147v-149r. Duas traduções italianas.

IV. **Impressão**: *Copia de unas cartas... a los Padres y Hermanos de Jesus de Coimbra. Tresladadas de Portugues en Castellano. Recebidas el año de 1551.* Título: «Otra embiada de la ciudad del Salvador». Carta n. 5 [4 págs.]; *Avisi Particolari delle Indie di Portugallo* (Roma 1552) 135-143; *Diversi Avisi* (Veneza 1559) ff. 52r-55v; *ib.* (1565) ff. 52r-55v; *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 69-73.

V. **Autor**: Tanto o exemplar português do Códice de S. Roque, como Streit [II, 335-336 nn. 1220-1221] colocam esta carta no nome do P. Francisco Pires; mas já a segunda cópia de S. Roque a coloca no de Navarro [o texto é o mesmo]. E António Pires, na carta de 2 de Agosto de 1551, diz que quem Nógrega mandou a Porto Seguro, a trasladar as orações na língua brasílica, foi o P. Navarro [carta 31 § 2].

VI. **Língua**: Ainda que *Copia de unas cartas* diga que todas foram traduzidas de português em castelhano, esta deve ter sido escrita na segunda língua, pois nela escreveu aos mesmos Irmãos de Coimbra a carta autógrafa de 28 de Março de 1550 [carta 14]. E deve ser a razão de ela se conservar também em castelhano no Códice de S. Roque.

VII. **Data**: O P. Nóbrega foi para Pernambuco pelo dia 16 de Julho de 1551, e pelo contexto se vê que a carta foi escrita pouco tempo

depois. Nesta conformidade parece que se lhe deve dar o mês de Agosto.

VIII. **História da Impressão:** *Copia* imprime o texto espanhol do original desconhecido, *Avisi* e *Diversi Avisi* a tradução italiana, *Cartas* a tradução portuguesa.

IX. **Edição:** Reedita-se o texto impresso de *Copia*, donde todos os mais dependem.

Textus

1. Ministeria cum Fr. Vincentio Rodrigues Portu Securo. — 2. Indorum mores vescendi carne humana. — 3. Linguam brasilicam didicit ab interprete iam antiquo in hac praefectura. — 4. Regressus est Bahiam ubi nunc adest. — 5. Vinc. Rodrigues in pago Indorum. — 6. P. Navarrus pagos visitat. — 7. Degente Patre Nóbrega Pernambuci, Pater Navarrus Bahiae agit tum cum christianis tum cum gentilibus.

1. Des que os escreví, Hermanos charíssimos, la postrera vez [1] he estado tres o quatro meses en el Puerto Seguro, a donde me embió el P. Nóbrega. Allí me ocupava en enseñar los muchachos la doctrina, porque en esto principalmente me ocupo acá. Ellos ya agora aprenden tan bien, que es para holgar de ver, y dar gracias a N. Señor: dado que al principio hallamos trabajo en los traer a la doctrina, assí por ellos como por contradición de sus padres, como también por muchos engaños de muchos hechizeros que ay en estas partes, que lo querían empedir. Comiénçannos ya a dar sus hijos, y al presente están tres o quatro aprendiendo en una casa, que ordenamos para ello. De allí también yva a visitar algunas aldeas al derredor. Yendo una vez me oviera de ahogar en un río [2], en el qual ha pocos tiempos [3] se ahogó un frayle de S. Antonio, que yva de

1 Anterior a esta só se conhece a carta de 28 de Março de 1550 (carta 14). Mas a presente inclui a que escreveu em 1549 (talvez em resumo).

2 Rio do Frade.

3 Caso, portanto, recente. É o mesmo a que se refere Nóbrega na carta de 6 de Janeiro de 1550; e ao contrário de Navarro, ele não passou perigo de importância (carta 10 § 15).

aquesta misma Capitanía predicar al sartón. Passé harto peligro, por ser el río muy corriente y engañoso de passar. Otra vez yvamos yo y Vicente Rodríguez, y llevamos en nuestra compañía una lengua, y fuimos a unas aldeas lexos, que aún no tenía visitado. En el camino passamos harto trabajo y peligro por nos ser necessario andar de noche algunas vezes y por matos, porque acá no ay los caminos de Portugal, y ay en ellos muchas onças y otras fieras. Ansí llegamos a una aldea, donde hallamos los gentiles todos embriagados, porque acá tienen una manera de vino de rayzes [4] que embriaga mucho; y quando ellos están ansí borrachos, están tan brutos y fieros, que no perdonan a ninguna persona, y quando más no pueden, ponen fuego a la casa a donde ay estrangeros. Con todo esto porque llovía mucho, y yvamos muy mojados, recogímonos a otra casa a enxugar, y dahí a poco vinieron con grande furia con espadas y otras armas contra nós, pero valiónos la lengua ser [5] buena, que con buenas razones los amansó, e porque Dios aún non era servido. En amaneciendo, viendo que aquella gente no tenía discreción para venir tan presto al conocimiento de la fe, ni estava dispuesta para ello, nos partimos para otra, donde estava un principal de ella determinado con toda la gente a comer quantos blancos allí viniessen aportar. Con todo por la misericordia del Señor nos recebió bien, y nos oya por la lengua la doctrina christiana, y mostravan él y todos los demás holgar mucho de oyr, pero no osavan dezirla por un hechizero les persuadir que con aquellas palabras les dávamos la muerte, y que si lo dixiessen por su boca luego morirían. De aquellos minis-

4 «Vinho de rayzes», o cauim de mandioca.

5 Ainda então não sabia a língua para prescindir de «língua» ou intérprete. Deve ser este o que trasladou para português as «orações e os sermões» de que fala a carta de António Pires de 2 de Agosto de 1551. Cf. carta 31 § 2, e infra § 3. Segundo Capistrano de Abreu o intérprete que auxiliou o P. Navarro «na tradução das orações para a língua geral» foi Francisco Bruza de Espinosa (*Correspondência* II 46).

tros suele usar el demonio, temiendo ser de aquí desterrado, como pienso que lo va barruntando.

2. Ansí anduvimos por otras aldeas no sin poco trabajo y desconsolación por ver tan poco conocimiento de Dios, y gente tan indispuesta y incapaz para recebir la fe, aunque con su rudeza muestran holgar de la oyr, y desseos de la recebir. También passamos mucho peligro por otras partes, ansí de fieras, por caminarmos algunas vezes de noche, lo que de día por algunos lugares es harto peligro. Acertóse que yo quedasse atrás una noche, y la mayor parte anduve solo, y ya la lengua y Vicente Rodríguez me davan por muerto, y si no fuera tornar la lengua atráz a buscarme, en gran prissa me viera, como también por los gentiles que son muy inclinados a comer carne humana. Con todo tráxonos el Señor salvos deste camino, y aunque cansados y flacos, muy consolados en los trabajos por el Señor recebidos. De allí también yvamos a las aldeas a baptizar algunos que estavan para matar y comer, trayéndolos primero, según podía comprehender su capacidad, al conocimiento de nuestra sancta fe, y consintiendo en el baptismo. Aqueste mal de comer unos a otros anda muy dañado entre ellos, y es tanto que los días passados hablaron a uno o dos que tenían a engordar para esto, si quería que le rescatassen; él dezía que no lo vendiessen, porque le cumplía a su honrra passar por tal muerte como valiente capitán. Ellos no se comen unos a otros, si no por vengança. Tiene el demonio mucho dominio en ellos, el qual dizen que algumas vezes les aparece visiblemente, y que les da y atormenta otras vezes ásperamente. Nuestro Señor los libre de sus manos.

3. En esta Capitanía hallé un hombre de buenas partes, antigo en la tierra, y tenía don de escrevir la lengua de los Indios, que fué para mí grande consolación. Y assí lo más del tiempo gastava en dar sermones del testamento viejo y nuevo, mandamientos, pecados mortales y obras de misericordia, con los artículos de la fe, para me tornar en la lengua. Todo lo mandaré en la primera embarcación.

4. De aquí me fuí para la Baya de Todos los Santos, por ser llamado de nuestro P. Nóbrega, donde al presente estoy. Y después de llegado algunos días, él y yo fuimos a una aldea de los gentiles, y procuramos que se ajuntassen todos, y después de juntos les hezimos una plática por una lengua, y acabada les enseñamos la doctrina christiana, y me dió el Padre possessión della para la tener a mi cargo. Y queriéndonos dellos despedir, yo les hize primero santiguar, y viendo las piedras preciosas [6] que trayan en los beços y en el rostro, les dixe como riendo, que les estorvava a se persinar. Lo qual ellos tomaron de veras, y siendo de mucho precio las echaron a donde nunca más parecieron, lo qual me consoló mucho.

5. Y de ay adelante continué mucho tiempo a los visitar, hasta tanto que un christiano mandó ay hazer una casa, para que en ella se enseñassen, la qual hecha entregó el Padre al Hermano Vicente, que continuasse la doctrina, y assí en ella enseñava, dormía y comía con mucha edificación y provecho de los Indios [7]. El día del Angel [8] se determinó que se baptizassen los que quisiessen, y baptizamos muchos [9] assí hombres como mugeres, y quasi nos faltavan nombres de santos para dar a cada uno el suyo. Entre ellos baptizamos un hechizero assaz viejo, y le pusimos por nombre Amaro [10]. Y ansí ordenamos de hazer una proci-

---

6 Este caso dos tembetás sucedeu muito antes, logo no começo, porque Nóbrega já o conta na carta de 10 de Agosto de 1549 (carta 8 § 5).

7 Ainda é a Aldeia do Monte Calvário de 1549 (carta 8 § 6).

8 Dia do Anjo. Se se tratasse do Ano de 1551 seria 19 de Julho (3.º domingo). Mas todo este § e matéria dele se refere a 1549, em cujo ano caiu a 21 de Julho. Polanco desconhedendo a Festa do *Anjo Custódio* de Portugal supôs tratar de S. Miguel (29 de Setembro): «Ipso die Sti. Michaëlis constitutum est ut illi baptizarentur» (*Chronicon* II 395).

9 «Baptizamos muchos», são as mesmas palavras de Nóbrega na festa do Anjo de 1549: «baptizamos muchos», diz Nóbrega a 9 de Agosto desse ano (carta 7 § 15).

10 O velho Pagé «Amaro», baptizado no dia do Anjo de 1549 deve ser aquele velho que três meses antes Nóbrega apresentou a Tomé de Sousa (carta 6 § 2). A referência singular, numa e noutra carta, insinua a identificação.

sión de todos juntos, y los muchachos pusimos en la diantera, que serían veinte y cinco, y luego los hombres, y las mugeres en la trasera, y un muchacho dellos con una cruz. Y assí yvamos rezando por el caminho todos con alta voz el Pater noster, hasta la ciudad. Yo yva con los delanteros, y el Hermano Vicente con los traseros. Fué esto en la ciudad de mucha edificación, y a los más hizo mucha devoción, quedando los Indios más firmes y con grandes desseos de ser buenos christianos. Con razón los truxo Dios a esto por las obras buenas que siempre hizieron a los christianos.

6. Después desto con licencia del Padre Nóbrega me fuy a otra aldea de ciento y cincuenta fuegos, y hize ayuntar los muchachos, y hízeles la doctrina en su propria lengua. Hallé algunos aquí muy hábiles y de tal capacidad, que bien enseñados y doctrinados podían hazer mucho fructo en la gentilidad, para lo qual tenemos mucha necessidad de un collegio [11] en esta Baya para enseñar los hijos de los Indios; ya algunos tenemos, y nos darían más si tuviéssemos possibilidad para recogerlos y sustentarlos, que la tierra por ser nuevamente poblada aún no lo puede hazer. En la mano del Rey nuestro señor está llevarle al cabo, y ayudarnos para que le demos fin, porque ya lo tenemos começado y sin su ayuda parece impossible acabarse, y mucho más holgaríamos que él proprio lo mandasse hazer para quedarmos más libres y desocupados para lo spiritual. Este collegio no solamente será bueno para recoger los hijos de los gentiles y christianos, para los enseñar y doctrinar, mas también para paz y sossiego de la tierra y provecho de la república. Nuestro Señor lo ordene como fuere más su servicio y provecho de las ánimas.

---

11 Colégio. A 6 de Janeiro de 1550 escrevia Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, em que lhe dizia, que esperava resposta dele para «começar o Colégio do Salvador da Baía» (carta 10 § 21). Esta parte da carta de Navarro deve ser coeva de alguma carta sua perdida, escrita por ocasião daquelas de 1549 a que Nóbrega aludia e de que esperava resposta.

Entroduzidos los desta aldea algo en la fee passé adelante a otra[12], y llegando me dixeron que entonces acababavan de matar una muchacha[13], y mostráronme la casa, y entrando dentro hallé que la estavan coziendo para la comer, y la cabeça estava colgada en un palo; y comencéles a estranhar y afear el caso tan abominable y contra naturaleza. Respondióme uno dellos que si más hablasse que otro tanto nos haría. Yo no lo entendí sino la lengua que comigo llevava, a la qual insistí que hablasse lo que yo le dixiesse, pero nunca osó de hablar palabra. Entonces quando aquello vi comencéles a hablar de lo que sabía, y al cabo quedaron nuestros amigos y nos dieron de comer. Y después fuy a otras casas en las quales hallé pies, manos, y cabeças de hombres en el humo, a los dueños de las quales también afeé mucho aquello y persuadí que aborreciessen tan grande mal. Después nos dixeron que todos enterraron las carnes, hasta la muchacha que estava a cozer, y paréceme que algún tanto se emendaron, a lo menos en descubiertos no los veen[14].

7. En esto y en cosas semejantes de servicio de Dios y provecho de las ánimas me ocupava en quanto el Padre Nóbrega aquí estuvo, y después que daquí se partió para Pernambuco[15] lo mismo me quedó por officio y dél

---

12 «Tres ou quatro Aldeas de que tiene cuidado», o P. Navarro, escreve Nóbrega a 10 de Agosto de 1549 (carta 8 § 5).

13 A este facto alude na carta de 28 de Março de 1550 (carta 14 § 3) e chama-lhe aportuguesadamente «miniño», e, por ser carta autógrafa, é a verdadeira. O que se lê aqui «muchacha» é possível estivesse escrito, também aportuguesadamente «una criança»; e, não sendo palavra espanhola, os editores de *Copia,* levados pela forma feminina, corrigissem para «muchacha». Estas formas aportuguesadas ou mesmo portuguesas existiam no original, e se vê logo uma nesta mesma frase na palavra «estranhar»; mas aqui nas duas línguas, o sentido é o mesmo, só muda a ortografia (estrañar).

14 Até aqui quase tudo pertence ao ano de 1549, encaixando-se também aqui a carta que escreveu em 1549 e de que fala a 28 de Março de 1550 (carta 14 § 1). Atendeu-se apenas aos factos curiosos ou edificantes, sem ter em conta a cronologia.

15 Nóbrega partiu da Baía para Pernambuco pelo dia 16 de Julho de 1551, e chegou lá a 26 do mesmo mês (carta 31 § 11).

encomendado. De manera que quando aquí estoy en esta ciudad del Salvador acudo a las necessidades spirituales de los christianos que nunca faltan y de aquí voy a correr las aldeas de los gentiles que ay al rededor a enseñar la doctrina christiana y hazer christianos a los que estuvieren aptos para recebir el sacramento del baptismo. Después del Padre Nóbrega ido de aquí me aconteció los días passados rescatar un muchacho y tirarlo de las manos de los gentiles que estavan ya para lo dividir y tragar. Es muy bonito. Púsele el nombre de nuestro Hermano Antonio Criminal que en servicio del Señor mataron en la India [16]; él en la gloria quiera ser intercessor con Dios para que esta ánima se salve y de nós tenga especial memoria. Estando escriviendo esta, me vino a buscar un indio con su muger y hijos que los baptizasse que querían ser christianos, pero dilatéles el sacramento hasta ser enseñados en nuestra fe. Esto uso con todos salvo en peligro de muerte assí por necessario ser primero instruidos en ella, como por otros respectos que ellos poco más o menos ya sabrán por otras que tengo escritas. Christo nuestro Señor escriva su santa voluntad en nuestros coraçones para que en esta vida solamente la cumplamos.

36

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

PERNAMBUCO 13 DE SETEMBRO DE 1551

I. **Bibliografia:** B. MACHADO III 319; *Catalogo dos Manuscriptos* I 20; *Cimélios* 493; SOMMERVOGEL V 1782 n. 8; STREIT II 334 n. 1213; LEITE IX 7 n. 9.

II. **Autores:** LEITE II 369; IX 418 419; *Breve Itinerário* 71; PEREIRA DA COSTA I 289-291; MARIZ 92-101; NEMÉSIO 246-249.

---

16 Morto pelos badagares na Índia, em Maio ou Junho de 1549. WICKI, DI I 44*.

III. **Texto:** Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 19v-21v. Título: «Carta do Padre Nobrega para os Irmãos do Collegio de Jesu de Coimbra, de Paranambuc 13 de Setembro de 1551». Cópia em português, mas já em vários lugares destruída depois da sua primeira impressão em 1886.

IV. **Impressão:** VALE CABRAL (1886) 86-89; (1931) 118-122; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 90-96.

V. **Edição:** Reimprime-se o texto único, e coloca-se entre chavetas o que se tirou da ed. de 1886 nos pontos já ilegíveis do *ms.*

Textus

1. P. Nóbrega adest Pernambuci cum P. Antonio Pires. — 2. Lusitani iam uxores ducunt indas. — 3. Clerici boni et mali. — 4. Duas domos fundat, alteram ad mulieres ad pueros alteram. — 5. Fervor Indorum in accipienda doctrina christiana. — 6. Ordinantur domus pro pueris in omnibus praefecturis. — 7. Brasilia non minor erit quam India Orientalis, si huc multi adventent Patres S. I.

1. Porque me quero consolar screvendo-vos, Charissimos Irmãos, screvo esta e não por ter novas que vos escrever, porque vossos Irmãos que cá estão tem esse cuidado. De cá vos estou contemplando e pollos cubiculos visitando e com ho coração amando, e somente em os ceos vos desejo ver e lá vos aguardar. E isto porque o Senhor Jesu Christo he bom e vós, Charissimos, muytas vezes lhe rogaes [2or] por mim: porque, segundo crecem meus peccados e descuidos, já tudo se perdera se tantos Moisés não tiverão de continuo cuidado de mym.

Averá hum mes pouco mais ou menos [1] que chegamos a esta Capitania de Pernambuco ho P.e Antonio Pirez e eu, a qual nos faltava por visitar [2] e tinha mais necessidade que nenhuma outra, por ser povoada de muito [3] e ter os peccados muy arraigados e velhos.

---

1 Chegaram a 26 ou 27 de Julho de 1551 (Carta de António Pires de 2 de Agosto de 1551 § 11).

2 Já Padres da Companhia [fala no plural] tinham estado em todas as Capitanias da Baía para o Sul.

3 Desde 1535. LEITE I 474.

2. Hé feito muyto fruito, gloria ao Senhor, por meo destes dous pobres, ou, por milhor dizer, por meo de vossas orações e polla fama da Companhia, a qual hé cá tida em muyta veneração. Em somente verem que somos membros della (posto que eu podre e prouvesse a N. Senhor que não cortado) isto faz em todos abalo a emendar-se de suas vidas. Os mais aqui tinhão indias de muyto tempo, de que tinhão filhos, e tinhão por grande infamia casarem com ellas. Agora se vão casando e tomando vida de bom stado [4]. São feitas muytas amizades porque esta Capitania estava em bandos com hos principaes da terra e os fizemos amigos aa porta da igreja com que já todos [estão] em paz. Avia muitas moças filhas de christãos [dadas à soldada a solteiros, com que publicamente peccavão] e dava-lhas a justiça. Fi-las ajuntar em casa de [casados virtuosos e ago]ra se vão casando e amparando. Pollo sertão há muytos, [assim] machos [como] femeas e algumas já molheres, filh[os de brancos. Damos] ordem a se tirarem todos [e já são fora alguns], dos quaes já lá mandei hum mancebo [5], que estava perdido e comia carne humana como ho gentio, pera lá servir e ter alguma noticia da christandade.

3. Avia cá muy pouco cuidado de salvar almas: os sacerdotes que cá avia estavão todos nos mesmos peccados dos leigos e os demais i[rregulares, outros aposta]tas e excomungados. Alguns conhecerão seu peccado e principalmente hum pediu perdão a todo o povo com muyta edificação. Alguns que forão [contumaces] não dizem missa e andão como encartados sem aparecerem, por seus erros serem muy publicos e escandalosos; os outros nos amão muyto [6]. Estavão os homens cá em huma grande abusão, que não comungavão quasi todos por estarem amancebados, [20v] e todavia os absolvião sacramentalmente, de maneira que pollas Constituições ficavam excommungados, e homens

---

4 Cf. supra, carta de António Pires de 2 de Agosto de 1551 §§ 9 e 11.

5 Diz que o mandava, na carta de 11 de Agosto de 1551 § 3.

6 Portanto, clero mau e clero bom.

que avia xx annos que estavão nesta terra sem commun-
garem! Tudo se vay remediando como N. Senhor insina.

4. As indias forras, que há muyto que andão com os christãos em peccado, trabalhamos por remediar por nom se irem ao sertão já que são christãas, e lhes ordenamos huma casa [7] à custa dos que as tinhão para nella as recolher e dali casarão com alguns homens trabalhadores pouco a pouco. Todas andão com grande fervor e querem emendar-se de seus peccados e se confessão já as mais entendidas e sabem[-se] muy bem accusar. Com se ganharem estas se ganha muyto, porque são mais de 40 soo nesta povoação, afora muytas outras que estão pollas outras povoaçõis, e accarretão outras do sertão asi já christãas como ainda gentias. Algumas destas mais antigas pregão às outras. Temos feito huma delas meirinha [8], a qual hé tam diligente em chamar à doctrina, que hé para louvar a N. Senhor. Estas, depois de mais arreigadas no amor e conhecimento de Deus, ey-de ordenar que vão pregar pollas Aldeias de seus parentes, e certo que em algumas vejo claramente obrar a virtude [do Altissimo]. Ganhamos tambem que estas nos trarão meninos do gentio para insinarmos e [criarmos] em huma casa que para isso se ordena, [e já se faz, e trabalha] nella com muyta pressa e fervor todo ho povo asi homens como molheres [9]. Muytos casamentos tenho acertado com estas forras [10]. Que[rerá N. Senhor por] esta

59 se ganha *bis*

7 É o princípio do Recolhimento de Moças, de Olinda, de que se trata na nota seguinte.

8 Parece-nos ver, nesta «meirinha», Maria da Rosa. E da primeira origem do Recolhimento de Olinda, por ela fundado, parece não poder desassociar-se aquela Casa, que Nóbrega «ordenava» em 1551 (cf. carta de António Pires de 2 de Agosto de 1551 § 11; e carta de Nóbrega de 14 de Setembro de 1551 § 5).

9 Princípio do Colégio de Pernambuco, em Olinda. LEITE I 451.

10 E uma delas, cremos que foi a própria índia forra [livre] Maria da Rosa com o capitão Pedro Leitão. LEITE I 474-475.

via acrecentar sua fee catholica e povoar esta terra em [seu temor; e s]erá facil cousa [casar todas, porque como os] não absolverem e lhes mandarem tomar stado, am-se de casar como poderem hos homens, como a experiencia das outras Capitanias nos tem insinado, onde se casarão todas quantas negras forras avia entre christãos. Há cá muyta somma de casados em Portugal que vivem cá em gr[aves peccados: a huns fazemos] ir, outros mandão buscar suas molheres.

5. Porem [de tudo o que me alegra mais o] spiritu hé ver por experiencia o fruito que se faz nos escravos dos christãos, os quaes com grande descuido de seus senhores vivião gentilicamente e em graves peccados. Agora ouvem missa cada domingo e festa, e tem doctrina e pregação na sua lingua [11] às tardes. Andão taes, que asi festas como polla somana o tempo que podem furtar [21r] vem a que lhes insinemos as orações, e muytos antes de irem pescar ou a seus trabalhos am-de ir rezar à ygreja e o mesmo da tornada antes que entrem em casa. E destes hé a multidão tanta que nom cabem na igreja, e muytas vezes hé necessario fazerem duas esquipações delles, de maneira que asi nós como os meninos orfãos [12] hé necessario o mais do tempo gastá-lo com elles.

Os que estão amancebados com suas mesmas escravas, fazemos que casem com ellas e, por ser costume novo a seus senhores, am medo que casando lhes fiquem forras, e não lho podemos tirar da cabeça. Isto hé cousa muy proveitosa para estas partes, e para São Thomé [13] e outras partes onde há fazendas de muytos escravos. Devia El-Rey de mandar desenganar aos senhores, que nom fiquão forros, porque isto arreceão; que doutra maneira todos os casarião.

---

11 O pregador era o P. António Pires, que tinha consigo «orações e alguns sermões», escritos em língua tupi, diz ele próprio na carta de 2 de Agosto § 11; e os meninos órfãos.

12 Alguns de Lisboa, que tinham chegado à Baía, no ano precedente. Torna a falar neles na carta seguinte, de 14 de Setembro § 5.

13 Ilha portuguesa da África no Golfo da Guiné.

Destes escravos e das pregações corre a fama às Aldeas dos Negros [14], de maneira que vem a nós de muy longe a ouvir nossa pratica. Dizemos-lhes que por seu respeito principalmente viemos a esta terra e não por os brancos. Mostrão grande vontade e desejos de os conversarmos e insinarmos. Muy facil cousa hé serem todos christãos se ouver muytos obreiros que os conservam em bons costumes, porque doutra maneira far-se-á grande injuria ao sacramento.

6. Vinde, Charissimos Irmãos, ou choray tanto que N. Senhor vo-lo outorgue. Em todas as Capitanias se ordenão casas para os filhos do gentio se insinarem [15], de que se cree resultar grande fruto e para mais em breve o Senhor ajuntar seus escolhidos que nesta gentilidade tem. Eu prego domingos e festas duas vezes a toda a gente da Villa, que hé muyta, e às sextas-feiras tem pratica com disciplina com que se muyto aproveitão todos. Vão-se confessando e juntamente fazendo penitencia; asi em brancos como nos Indios [16] há grande fervor e devação. Ho Capitão desta Capitania [17] e [sua molher [18] são] muy virtuosos, e somente por ignorantia se deixavão de fazer muytas cousas do serviço de N. Senhor; muyto nos favorecem e ajudão em tudo.

Isto vos quis escrever asi em breve para que vejaes, Charissimos, quanta necessidade cá temos de vossas orações. [21v] Non solum vobis nati estis: hum corpo somos em Jesu Christo, se lá não sustentardes este vosso membro perecerá [19].

7. Com as novas e cartas [20] que recebemos nos alegramos muyto no Senhor. Queira elle sempre augmentar o

---

14 Apesar do nome, por falar em aldeias, ainda se trata de Índios. Mas já também, no Brasil, havia negros da Guiné, cf. carta de Nóbrega de 10 de Julho de 1552 §§ 5-7.

15 Cf. LEITE IX 418.

16 Índios. Ainda as duas formas: Negros e Índios, cf. nota 14.

17 O Donatário Duarte Coelho. LEITE I 473.

18 D. Brites de Albuquerque *(ib)*.

19 Rom. 12, 5; Cor. 12, 12. Cf. LEITE IX 419; *Breve Itinerário* 70.

20 De certo também cartas da Índia, porque logo se refere a ela. E uma podia ser a de Gaspar Barzeu recebida em Coimbra em 1550 e ao que parece impressa nesta Cidade no mesmo ano (WICKI, DI I 77*).

fervor com que se obra, pois hé por seu amor. Grande cousa hé a India e o fruito della, e eu em muyto tenho tambem o que se cá fará, se vós vierdes, Charissimos. Lá converter-se-ão muytos reynos e quá salvar-se-ão muytas almas, e das mais perdidas que Deus tem em todas as gerações. Até agora pouco podemos conversar ho gentio, porque os christãos estavão taes que nos occupão muyto suas confissões e negocios com elles. Das outras partes creo que vos terão scripto os Irmãos. Valete, mi Fratres.

Desta Capitania de Paranambuc, a XIII de Setembro 1551.

37

DO P. MANUEL DA NÓBREGA A D. JOAO III REI DE PORTUGAL

OLINDA [PERNAMBUCO] 14 DE SETEMBRO DE 1551

I. **Bibliografia**: INOCÊNCIO-BRITO ARANHA XVI 414; SOMMERVOGEL V 1782 n. 9; STREIT II 334 n. 1214; LEITE IX 7 n. 10.

II. **Autores**: LEITE II 376; IX 419; *Breve Itinerário* 70; PEREIRA DA COSTA I 291-294; MARIZ 91-101.

III. **Texto**: Lisboa, Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, Armário 15, Maço 86, Doc. 125, ff. 11-4v. Endereço: «A El-Rei noso senhor. Do Brasil». Outra letra: «O Padre Manoel da Nobrega. Do Brasil. Septembro, anno 1551». Autógrafo em português. Claro e perfeito.

IV. **Impressão**: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* II (Rio de Janeiro 1840) 277-280 [2.ª ed. 1858, 279-282]; INOCÊNCIO, *Chronica* de Vasconcelos (Lisboa 1865) 305-308; VALE CABRAL (1886) 90-93; (1931) 113-123; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 97-103.

V. **Edição**: Reimprime-se o autógrafo.

Textus

1. Status Praefecturae Pernambuci quoad mores et religionem. — 2. Incipit reformatio morum. — 3. Praefecti virtute praediti sunt, sed iurisdictio totius Brasiliae esse penes Regem oportebat. — 4. Indi apti

sunt ad doctrinam christianam recipiendam, desunt vero Patres S. I. — 5. Fundantur domus duae, una ad perfugium mulierum, ad pueros educandos altera. — 6. Viri in Portugalia matrimonio coniuncti. — 7. Servorum matrimonia. — 8. Lusitani Brasiliae educationem puerorum iuvant. — 9. Collegium Bahiae a Rege fundandum. — 10. Orphanae e Portugalia in Brasiliam mittendae. — 11. Expeditio ad fodinas detegendas. — 12. Tum Episcopus tum Patres S. I. exspectantur.

+

Jesus

[1r] Ha graça e amor de Christo Noso Senhor seja com V. Alteza sempre. Amen.

1. Logo que a esta Capitania de Duarte Coelho achegamos outro Padre [1] e eu, escrevi a V. A. dando-lhe alguma emformação das coussas desta terra, e por ser novo nesta Capitania e nam ter tanta experiencia dela me fiquaram por escrever algumas coussas que nesta suprirei.

Nesta Capitania se vivia muito seguramente nos peccados de todo ho genero e tinhão ho pecar por lei e costume, hos mais ou quasi todos nam comungavão nunqua e ha absolvição sacramental ha recebiam perseverando em seus peccados. Hos eclesiasticos que achei, que são cinquo ou seis, viviam a mesma vida e com mais escandalo, e alguns apostatas; e por todos asi viverem nam se estranha pecar. Ha ignorancia das cousas de nosa fé catholica hé quá muita e parece-lhes novidade ha pregação delas. Quasi todos tem negras forras do gentio e quando querem se vão pera os seus. Fazen-se grandes injurias aos sacramentos que quá se ministrão. Ho sertão está cheo de filhos de christãos, grandes e pequenos, machos e femeas, com viverem e se criarem nos custumes do gentio. Avia grandes odios e bandos. Has coussas da Igreja mui mal regidas, [1v] e as da justiça polo conseginte, finalmente commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum [2].

---

1 António Pires.

2 Ps. 105, 35.

2. Começamos com ha ajuda de Noso Senhor a emtender em todas estas cousas e faz-se muito fructo, e já se evitão muitos peccados de todo ho genero. Van-se confessando e emendando, e todos querem mudar seu mao estado e vestir [3] a Jesu Christo Noso Senhor. Os que estavam em odio se recon[ci]liarão com muito amor. Vam-se ajuntando os filhos dos christãos que andão perdidos pollo sertão, e já são tirados alguns e espero no Senhor que os tiraremos todos. E posto que por todas as outras Capitanias ouvesse os mesmos peccados, e porém nam tão areigados como nesta; e deve ser ha causa porque forão já mui castigadas de Nosso Senhor e pecavão mais a medo, e esta não.

3. Duarte Coelho e sua molher [4] sam tam vertuossos, quanto hé a fama que tem, e certo creo que por elles nam castigou a justiça do Altissimo tantos males até agora. E porém hé já velho e falta-lhe muito pera ho boom regimento da justiça, e por iso ha jurisdição de toda ha costa devia de ser de V. A. [5]

4. Com os escravos que são muitos se faz muito fructo, os quais viviam como gentios sem terem mais que serem bautizados com pouqua reverencia do sacramento. Das pregaçõis e douctrina que lhes fazem corre ha fama ha todo ho gentio da terra e muitos nos vem ver e ouvir ho que de Christo lhe dizemos; e, segundo ho fervor e vontade que trazem, parecem dizer ho que outros gentios deziam ha São Felipe: «Volumus Iessum videre» [6]. Esperam-nos em suas Aldeas e prometem fazerem quanto lhe diseremos. [2r] Este gentio está mui aparelhado a se nele fructificar por estar já mais domestico e ter ha terra capitão que nam consentio fazerem-lhe agravos como nas outras partes. Ho converter todo este gentio hé mui facil coussa, mas ho sustentá-lo em boons costumes nam pode ser senam com mui-

---

3 Gal 3, 27.
4 D. Brites de Albuquerque.
5 LEITE IX 419.
6 Act. Apost. 8, 5-8.

tos obreiros, porque em coussa nenhuma crem, e estão papel branco pera nelles escrever hà vontade, se com exemplo e continua conversação os sustentarem. Eu, quando vejo os pouquos que somos e que nem pera acudir aos christãos abastamos, e vejo perder meus proximos e criaturas do Senhor hà mingoa, tomo por remedio clamar ao Criador de todos e a V. A. que mandem obreiros, e a meus Padres e Irmãos que venhão.

5. Damos ordem a que se faça huma cassa pera recolher [7] todas as moças e molheres do gentio da terra que há muitos annos que vivem antre os christãos, e sam christãs e tem filhos dos homeins branquos; e os mesmos homeins que as tinhão ordenão esta cassa, porque ali douctrinadas e governadas por algumas velhas delas mesmas, pollo tempo em diante muitas casarão e ao menos vivirão com menos occasiom de peccados; e heste hé ho milhor meio que nos pareceo por se nam tornarem ao gentio. Antre estas há muitas de muito conhecimento, e se confessão e sabem bem conhecer os peccados em que viverão; e as que mais fervor tem pregão às outras. E asi destas como dos escravos somos importunados de contino pera os ensinar, de maneira que asi os meninos orfãos [8], que connosco temos, como nós, ho principal exercicio hé ensiná-los. Com estas forras se ganharão muitas já christãs que polo sertão andão, e [2v] asi muitos meninos seus parentes do gentio, pera em nosa cassa se emsinarem, alem de outros muitos proveitos que disto hà gloria de Noso Senhor resultarã[o]; e ha terra se povoará em temor e conhecimento do Criador.

6. Por toda esta costa há muitos homens cassados em Portugal e vivem quá em graves peccados com muito perjuizo de suas molheres e filhos. Devia V. A. mandar aos capitãis que nisto tenhão muito cuidado.

---

7 A este Recolhimento já se referia na carta da véspera [§ 4].

8 Dos Meninos Órfãos de Lisboa já tinham sido mandados para o Brasil nove; e Nóbrega levou alguns meninos consigo da Baía para Pernambuco, escreve o Ir. Vicente Rodrigues a 17 de Maio de 1552 § 6. E deles também já Nóbrega falara na carta do dia precedente [§ 5].

7. Nestas partes há muitos escravos e todos vivem em peccado com outras escravas. Alguns dos tais fazemos cassar, outros areceam fiquarem seus escravos forros e não ousão ha casá-los. Seria serviço de Noso Senhor mandar V. A. huma provissão em que declare nam fiquarem forrros casando, e ho mesmo se devia prover em Santo Thomé [9] e outras partes omde há fazendas com muitos escravos. Com a vinda do Bispo ho esperavamos remedear e agora me parece ser necessario V. A. prover niso por se evitarem grandes peccados.

8. Os moradores destas Capitanias ajudão com ho que podem ha fazeren-se estas cassas pera os meninos do gentio se criarem nelas, e será grande meio, e breve, pera ha conversão do gentio.

9. Ho Colegio da Baiia seja de V. A. pera o favorecer, porque está já bem prencipiado e averá nelle vinte meninos pouquo mais ou menos. E mande ao Governador [10] que faça cassas pera os meninos, porque as que tem sam feitas por nosas mãos e são de pouqua [3r] dura, e mande dar alguns escravos de G[u]iné hà cassa pera fazerem mantimentos, porque a terra hé tam fertil, que facilmente se manterão e vestirão muitos meninos, se tiverem alguns escravos que fação roças de mantimentos e algodoais; e pera nós nam hé necessario nada, porque ha terra hé tal que hum soo morador hé poderoso ha manter a hum de nós.

10. Pera as outras Capitanias mande V. A. molheres orfãas [11], porque todas casarão. Nesta nam são necessarias por agora por averem muitas filhas de homeins brancos e de indias da terra, as quais todas agora casarão com ha ajuda do Senhor; e, se nam casavam dantes, era porque consentiam viver os homeins em seus peccados livremente, e por iso nam se curavão tanto de cassar e alguns deziam

9 Ilha portuguesa no Golfo da Guiné.

10 Tomé de Sousa.

11 A vinda de órfãs portuguesas já tinha sido proposta por Nóbrega na carta de 6 de Janeiro de 1550 [§ 17]; e as primeiras chegaram neste próprio ano de 1551. LEITE II 368; IX 417.

que nam pecavão, porque ho Arcebispo do Funchal [12] lhes dava licença.

11. Ho governador Thomé de Sousa me pedio hum Padre pera ir com certa gente que V. A. manda a descobrir ouro. Eu lho prometi [13] porque também nos releva descobri-lo pera ho tisouro de Jesu Christo Noso Senhor, e ser cousa [14] de que tanto proveito resultará hà gloria do mesmo Senhor e bem a todo ho Reino e consolação a V. A. E porque ha-í muitas novas delle e parecem certas, parece-me que irão.

12. Seja isto tambem em [3v] hajuda pera V. A. mandar Padres, porque qualquer que for fará muita falta no começado, se nam vierem Padres pera o sustentar. E, porque por outra tenho dado mais larga conta, e com ha vinda do Bispo [15] que esperamos, a quem tenho escripto ho mais, aguardamos ser soccorridos, cesso, pedindo a Noso Senhor lhe dê sempre a conhecer sua vontade santa pera que, comprindo-a, seja augmentada sua fé catholica pera gloria do nome santo de Jesu Christo Noso Senhor, qui est benedictus in secula [16].

Desta Vila de Olinda, a XIIII de Setembro de 1551 annos.

+ Manoel da Nobrega.

[*Endereço autógrafo* [4v]:] + A El-Rei noso senhor. Do Brasil.

[*Outra letra*:] + O Padre Manoel da Nobrega. Do Brasil, Septembro, anno 1551.

---

12 Trata-se de D. Martinho de Portugal, Arcebispo do Funchal (Ilha da Madeira) que à data em que Nóbrega escrevia já tinha falecido. ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* III/2 1005. O Brasil pertenceu à Diocese do Funchal até 25 de Fevereiro de 1551 em que se criou diocese, pela Bula *Super specula militantis Ecclesiae*. Cf. supra, p. 50.

13 Prometeu e concedeu o P. João de Azpilcueta Navarro, mas a expedição só se organizou dois anos depois, como o próprio Navarro escreve a 19 de Setembro de 1553 § 10 (*Novas Cartas Jesuíticas* 158-159).

14 Nóbrega escreve cousa ora com s ora com ss; e assim outras palavras.

15 D. Pedro Fernandes.

16 2 Cor. II, 31.

38

MANDADO DE PAGAMENTO DO SOLDO DEVIDO AO IR. JOAO DE SOUSA, S. VICENTE

BAÍA 15 DE SETEMBRO DE 1551

I. **Autores**: LEITE II 239.

II. **Texto**: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Cód. I-19, 7, 2. Título: «Copia do Livro I das Provisões e Mandados». Mandado n. 781.

III. **Impressão**: *Documentos Históricos* XIV (1929) 91-92; *ib.* XXXVII (1937) 326.

IV. **Edição**: Reimprime-se o texto de *Doc. Hist.* XIV, conferido com XXXVII.

Textus

1. Ut stipendium persolvatur militi Ioanni de Sousa usque ad tempus quo ingressus est Societatem Iesu.

A quinze do dito mez e anno [Setembro de 1551], [1] passou o Provedor-mor mandado para o Feitor Pero de Siebra [2], que pagasse ao Padre Manuel de Paiva [3], Maioral dos Padres da Companhia de Jesus, quatro mil e quinhentos reis em dinheiro, que eram devidos a João de Souza [4] homem d'armas, que em São Vicente se metteu na dita Companhia, de nove mezes de seu soldo, que começaram ao primeiro de

1 Setembro de 1551 é o mês e ano dos mandados precedentes n.os 779-780 (*Doc. Hist.* XIV 90).

2 Pedro de Siebra, além de Feitor, era Almoxarife, como se declara no fim deste mandado.

3 A ele, que ficou na Baía como Vice-Superior da Missão, enquanto o Padre Nóbrega foi a Pernambuco.

4 O Ir. João de Sousa entrou na Companhia na data aqui mesmo indicada, 31 de Julho de 1550 («em que foi riscado» da milícia); e foi morto depois pelos Índios em companhia do Ir. Pero Correia, fins de 1554. LEITE II 241-242.

Novembro de mil quinhentos e quarenta e nove [5] té o derradeiro de Julho de mil quinhentos e cincoenta, em que foi riscado à razão de quinhentos reis por mez; e que por elle com seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assignado por ambos, em que declarasse receber a dita somma, lhe sejam levados em conta. Foram pagos em Pedro de Siebra Feitor e Almoxarife da Capitania de São Vicente.

CARTA PERDIDA

38a. *De Nóbrega ao genro e filha do Capitão de Porto Seguro,* Baía (Pernambuco? Dezembro de 1551?). «O qual [Nóbrega] les escrive com muchas lágrimas», — diz Vicente Rodrigues na carta de 17 de Maio de 1552 (carta 42 § 8). A esta data Nóbrega já estava na Baía; mas a carta ainda o dá em Pernambuco e trata de assuntos muito anteriores. Parece tratar-se de Gaspar Barbosa (cf. infra, nota ao lugar indicado na carta 42).

39

MANDADO DE MANTIMENTO E VESTIARIA PARA O P. MANUEL DA NÓBREGA E SEUS COMPANHEIROS NO BRASIL

BAÍA 11 DE FEVEREIRO DE 1552

I. **Autores**: LEITE I 258.

II. **Texto**: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Cód. I-19, 7, 2. Título: «Copia do Livro I das Provisões e Mandados». Mandado n. 41.

III. **Impressão**: *Documentos Históricos* XIV (1929) 396-397; *ib.* XXXVIII (1937) 112-113.

IV. **Edição**: Reimprime-se o texto de *Doc. Hist.* XIV, conferido com XXXVIII.

---

5 Dia em que Nóbrega e Leonardo Nunes saíram da Baía, na armada do Governador Tomé de Sousa (carta 10 § 9). Donde se conclui que ele foi um dos que seguiram com o P. Leonardo Nunes para São Vicente, onde entrou na Companhia nove meses depois.

Textus

1. Subsidium ad vestitum pro decem et ad victum pro quattuor qui in Praefectura S. Vincentii versantur.

A onze de Fevereiro de mil quinhentos e cincoenta e dois, passou o Provedor-mor [1] mandado por provisão, por que manda a Pero de Siebra, Feitor e Almoxarife das Capitanias de São Vicente e Santo Amaro, lhe faz a saber, que Sua Alteza escrevera uma carta [2] ao Governador Thomé de Souza por que lhe mandava, que a alguns Padres e Irmão[s] da Companhia de Jesus, que nestas partes andavam, lhes desse à custa de sua fazenda o que lhes fosse necessario para seu comer e vestir, e que por Sua Alteza assim o mandar, e o dito Governador lhe mandava, que desse ao Padre Manuel da Nobrega, Maioral dos Padres da dita Companhia, ou a pessoa, que lhe para isso ordenasse, cincoenta e seis mil reis, em dinheiro, para a vestiaria de dez [3] Padres somente, à razão de cinco mil e seicentos reis cada um, e isto por este anno de mil quinhentos e cincoenta e dois somente, e assim pagasse mais quatrocentos reis por mez, a cada um dos quatro [4] Padres da dita Companhia, que na dita Capitania estavam, e isto se entenderia emquanto elles na dita Capitania residissem; e que por ella seria trasladada no Livro de sua receita pelo Escrivão de seu cargo, e conhecimento do dito Padre, ou de quem seu poder tivesse, feito pelo dito Escrivão assignado por ambos,

---

1 António Cardoso de Barros.

2 Carta de 1 de Janeiro de 1551 (carta 19 § 1).

3 «Dez Padres», isto é, os seis que vieram em 1549 e os quatro vindos em 1550 nas duas primeiras expedições. LEITE I 560.

4 «Quatro». Em 1552 não residiam na Capitania de São Vicente senão o P. Leonardo Nunes e Ir. Diogo Jácome dos vindos de Portugal. Mas parece que esta ordem era já em atenção à ida de Nóbrega com o P. Francisco Pires, ida que se dilatou mais do que se previa, e ficariam a pagar-se seis pela Baía e quatro por São Vicente. O subsídio no Brasil não se interpretava para os que lá se receberam, diz Nóbrega a 10 de Julho de 1552 (carta 48 § 14).

em que declarassem receber a dita somma e pagamento, mandava aos Contadores lhos levassem em Conta; que seria trasladada no Livro de sua Receita, e Certidão do Escrivão do Thesouro de ficar posta verba no titulo dos ditos Padres de como houveram este dito anno sua vestiaria nelle, e Certidão do Escrivão da Matricula de ter posta verba no Caderno dos mantimentos no titulo dos ditos Padres como os quatro havia de haver nella o dito pagamento do dito mantimento, lhe sejam levados em conta.

[*À margem:*] Vestiaria e mantimento dos Padres pagos na Capitania de São Vicente. Está este assento registado no Livro 2 no titulo dos ditos Padres.

CARTA PERDIDA

39a. *Do P. Francisco Henriques ao P. Manuel da Nóbrega, Baía* (Lisboa Abril [?] de 1552). «Huma recebi de Francisco Amriquez, escripta por mandado de V.ª R.ª», — diz Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, Baía 10 de Julho de 1552 § 1.

40

SESMARIA DO COLÉGIO DE SANTIAGO NA CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA 4 DE MAIO DE 1552

I. **Autores:** LEITE II 225-226.

II. **Texto:** ARSI, *Bras 11-2*, ff. 475r-477v. Cotas: «Dada das terras que a Casa possue por Bernardo Pimenta Capitão». Outra letra: «1552. Donatio Terrarum Bernardi Pimenta Domui Spiritus Sancti Societatis Iesu in Brasilia». Terceira letra: «Residentia Collegii Paraensis». [Esta terceira cota deve ter sido escrita por quem desconhecia as terras do Brasil. O Colégio do Pará ficava a imensa distância, ao Norte, e só foi fundado no século XVII. LEITE III 211].

III. **Edição:** Edita-se o texto

Textus

1. Petente P. Emmanuele de Paiva nomine P. Emmanuelis da Nóbrega, tractus terrarum donatur Collegio S. Iacobi in Praefectura Spiritus Sancti. — 2. Instrumentum legale.

1. Bernaldo Chanches de la Pimenta [1], capitão nesta Capitania do Spiritu Sancto pelo Senhor Vasco Fernandez Coutinho [2], capitão e governador en ella, etc., faço a saber a quantos esta carta de sesmaria virem que Manoel de Paiva [3], clerigo de missa da Companhia de Jesus, me disse que porquanto elle ora tinha cargo da casa, ora novamente ordenada nesta Capitania do Spiritu Sancto, por mandado do P.e Manoel da Nobrega, reytor geral destas partes do Brasil, em como Duarte de Lemos lhes dera hum seu assinado pera que na sua ilha de Sancto Antonio [4], e terra que elle tinha nesta dita Capitania do Spirito Sancto podessem tomar toda a terra que lhes fosse

---

1 O Capitão Bernaldo Chanches de la Pimenta, isto é, Bernardo Sanches Pimenta. LEITE I 235.

2 O Donatário Vasco Fernandes Coutinho, «que fez as maravilhas em Malaca detendo o elefante que trazia a espada na tromba» (CARDIM, *Tratados* 342; LEITE I 232) chegou à sua Capitania do Espírito Santo a 23 de Maio de 1535 [*ib.* I 212], e aí faleceu no mês de Fevereiro de 1571: [El Capitán y Governador] «se a falecido en el februario passado. Llamávase Vasco Fernandes Coutinho. Llevóle desta Capitanía el P. Ignacio d'Azevedo y dexólo en la Baya, donde, segundo él dezía, le mantenieron los Padres, donde se tornó, y después de llegado se morió, siendo muchas vezes visitado y ajudado spiritualmente por los de la Compañía con los quales se confessava y comulgava cada ocho días» («Desta Casa e Capitanía del Spíritu Sancto tierra del Brasil, oy, 18 de Junio de 1571, Antonio da Rocha», *Bras. 15*, 232r).

3 P. Manuel de Paiva, ausente o P. Afonso Brás, que fora à Baía mas voltou de Porto Seguro para o Espírito Santo (carta 53 § 5).

4 A doação da Ilha de «Santo António» (que também se chamava «Ilha Grande») a Duarte de Lemos «fidalgo da Casa del Rey nosso senhor», é de 1537, e confirmou-se a 8 de Janeiro de 1549 (*Hist. da Col. Port. do Brasil* III 265-267). Nesta Ilha fica a própria sede da Capitania, então Vila e hoje Cidade de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo. LEITE I 226.

necessaria pera casas e pera mantimentos pera a dita casa, me pedia por amor de Nosso Senhor e ouvesse por bem de lhes querer dar huns montes maninhos que jazião en Jacurutucoara [5], que partião com Diogo Fernandez da parte do sul cortando ao cume da serra, e pela parte do nordeste com Jeronimo Diaz, e em riba da serra partia com Diogo Alvarez e Manoel Ramalho, assi que todas aquellas terras que estavão en todo aquelle limite e não erão dadas, e assi outra terra que partia com Gonçalo Diaz por ametade do meyo por hum brejo acima, e assi partia com Fernão Soarez pouco mais ou menos pella banda do susueste, e assi hum pedaço de terra que foy do Caldeira que estava da banda dalém do rio, que partia com Jeronimo Diaz, conforme ao que se achasse no Livro das Achadas, e assi hum bananal que foi de Afonso Vaz, o qual está da banda dalém do rio ao longo do campo: pedindo-me en nome da dita casa de São Tiago [6] e Collegio dos Meninos lhes desse os ditos matos pellas confrontações e divisõis per elle decraradas, e visto por mym seu dizer e pedir por ser serviço de Deus lhes dei as ditas terras e matos por elle decraradas, e lhe mandei passar esta minha carta pella qual mando que elle en nome do dito Collegio aja posse, senhorio dos ditos matos e terras, e o dito Collegio pera sempre faça todo o que nellas quiserem, e por bem tiverem, como cousa sua propria isenta, sem pagarem foro nem tributo algum, salvo dizimo a Deus do que nellas ouverem se com direito ho ouverem de pagarem. Ha qual sesmaria lhe assi dou ao dito Collegio con tal condição e entendimento que aproveitem as ditas terras e as mandem romper e frotificar da feitura desta minha carta a cinquo annos primeiros seguintes, e não no fazendo assi se darão as terras que aprovei-

5 Sobre Jacurutucoara, cf. LEITE I 226.

6 O fundador P. Afonso Brás chegou ao Espírito Santo pouco antes da Páscoa de 1551. O dar-se-lhe já [antes de 25 de Julho de 1552] o nome de Santiago mostra que foi fundada ou inaugurada no dia deste Santo do ano precedente, ou seja a 25 de Julho de 1551 (cf. carta 35).

tadas não for a outrem que as aproveite e as arompa, e porém lhe será leyxado algum logradouro do que aproveitado não estiver conforme ao direito, e mando que assi se cumpra e guarde e lhe não seja posto duvida alguma.

Feita na Villa de Nossa Senhora da Vitoria aos quatro dias do mes de Mayo. Antonio de Magalhães, scrivão, a fez, de mil e quinhentos e cincoenta e dous annos. Bernaldo de la Pimenta. Magalhães.

[475v] Registada no Livro dos Registos desta Capitania a f. 47-48 por mym Antonio de Magalhães, scrivão da provedoria e almoxarifado. Oje, quatro dias de Maio de 1552 annos.

Antonio de Magalhães.

2. [*Pública forma:*]

[*Letra do primeiro tabelião:*] Eu Pedro d'Estrada, tabeliam do pubrico e judiciall, e escrivão da camara desta Villa de Nosa Senhora da Vitoria, Capitania do Espiritu Santo, de que hé capitão e governador ho Senhor Vasco Fernandes Coutinho [7], etc., terras do Brasill, certifico e dou minha fee que este papell atras escrito foi concertado commigo tabeliam e com Domingos Carrigueiro outro-si tabeliam desta dita Villa abaixo asinado com ho propio que fica em poder do Padre Balltasar Fernandez [8], superior da Casa de Jesu [9], e por verdade asinei aqui aos dezaoito dias do mes de Setembro do ano de mill e quinhentos e setenta

7 Vasco Fernandes Coutinho [2.º], filho do primeiro donatário do mesmo nome (LEITE I 232).

8 Baltasar Fernandes, natural do Porto, onde nasceu por 1538, entrou na Companhia em 1558, foi para o Brasil em 1566, trabalhou com os Índios, e faleceu na Baía a 28 de Fevereiro de 1628. LEITE VI 136; vida: *ib.* VIII 222.

9 «Casa de Jesu», nome genérico dado às casas dos Jesuítas; o nome do primitivo Colégio continuou a ser Santiago. LEITE VI 133.

e tres anos de meu pubrico sinall, que tall hé. [*Segue-se o sinal*]. Pagou nichill.

75 [*Letra do segundo tabelião:*] Concertado comigo, tabeliam Domingos Carrigueiro.

41

DO IR. VICENTE RODRIGUES AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

[BAÍA 17 DE MAIO? DE 1552]

I. **Bibliografia:** *Cimélios* 493; LEITE IX 99 n. 1.

II. **Texto:** Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 3-1*, f. 55r-55v [antes 282ar-282av]. Título: «De una carta de Vicente Rodrigues [letra de Polanco:] de lla Baía». Tradução espanhola. Polanco primeiro corrigiu a tradução e depois advertiu que tratava de assuntos idênticos aos da carta enviada pelo Governador Tomé de Sousa [carta 43] e passou-lhe um traço por cima.

2. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 21v-22r. Retroversão portuguesa do texto 1, antes das correcções de Polanco; e colocou-se toda à frente da carta de 17 de Maio de 1552 [carta 42] como se fosse uma só carta.

III. **Impressão:** *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 108-109.

IV. **História da impressão:** *Cartas* imprime o texto 2, isto é, unido e como fazendo parte (a primeira parte) da carta de 17 de Maio [carta 42].

V. **Data:** Incluindo-se na carta de 17 de Maio de 1552, mantém-se a data, mas como duvidosa, e advertindo que trata de assuntos de 1551.

VI. **Edição:** Edita-se o texto 1 antes das correcções de Polanco.

Textus

1. Strages Indorum qui reversi erant ad veteres mores. — 2. Naufragium in quo perierunt Indi gentiles non tamen Indi iam christiani. — 3. Adversa accidunt Indis qui diebus dominicis et festivis laborabant. — 4. Mors duorum indorum qui aures praebebant veneficis suis. — 5. Indus quidam gentilis eiusque metus. — 6. Puer iamiam moriturus recepto baptismo revixit.

1. Os días passados hizimos algunos christianos, de los quales algunos se tornaron a sus costumbres, y queriendo el Señor castigarlos, fué la mortandad en ellos tanta, que fué cosa estranna, maiormente por los hijos y hijas más pequennas, los quales parecen no tener culpa; mas queriendo el Señor poblar la gloria y avisar los que quisiesen allá ir, de manera que guarden sus mandamientos, andan tam attemoriçados, que los haze tornar de sus costumbres.

2. De otra vez en hua Aldea, donde tenía muchos christianos, a los quales encomendava mucho que no fuesen a la guerra a lo menos tantas veces, donde se comían mui ásperamente y que en aquellas cosas y otras semejantes harían contra lo que Dios mandava y lo que el demonio tanto quería, el qual da el paguo a sus leales servidores. De manera que se fueron sin me lo dezir, como acostumbravan para que los encomendasen a Dios: fueron a la guerra y, sendo en el medio del mar, se envolcó el barco grande en que ían, adonde ían muchas mugeres con crianças de mama, los quales se fueron al profundo del mar, y todos los que eran christianos asta los ninnos [1] de teta se se salvaron, los quales yo vi y me los mostraron, y todos los gentiles se perdieron. Tuvieron los christianos y tienen que pensar y ansi como espantados después me lo contaron muchas veces. Mucha consolación nos deve dar, pues já nuestro Señor castiga.

3. Algunas veces van a sus roças, que es su mantenimiento, a el domingo u fiestas donde les muerdem algunas

---

7 ir *corr. ex* dir [d'ir] || 8 que *del.* os f || 8-9 tornar de sus costumbres] *corr. Polanco in* reduzirse de sus costumbres malos || 12 lo *corr. ex* los || 13 y que en *corr. ex* e que n || 15 el qual — servidores *del Polanco* || 17 Dios *corr. ex* Deos || 19-20 crianças de mama *corr. Polanco in* criaturas | de *corr. ex* da | mama] mana *ms.* | de mama — del mar *del. Polanco* || 26 castiga *del. Polanco et corr. sup.* como a hijos los *et similiter del. in margine sinistro add.*: muestra en semejantes juicios que se acuerda desta gente || 27 a *corr. ex* el

---

1 Diz Nóbrega, na carta de 11 de Agosto de 1551 (carta 33 § 3) que lhe escreveram da Baía a contar um caso igual com a circunstância diferente de que iam «à pesca».

bestias fieras, así como víboras, de las quales passan por la muerte, y así algunos mueren; las quales cosas y otras más particulares les suceden y en tiempos que les dan mucho que pensar y salir de sus ierros.

4. Y esto en Principales acontició aguora a dos: Uno dellos, christiano, que se amotinó, caió en una enfermedad él y su muger, que se tornaron secos. Visitándolos el P.e Navarro hizieron concierto, de donde se allaron mui bien, a los quales nós visitamos y ellos a nós y venían a misa con sus vestidos. Y porque entre ellos ai muchos hechiceros que lhe mettieron en la cabeça muchas imaginaciones del demonio, entre las quales decían que nós le dávamos la muerte, tornó a sus pensamientos del demonio [55v] y recaió en sus enfermidades de grande tristeça y murió, con ser mui amenudo de nós visitado.

Otro, grande Principal, mui soberbio, que se llamava Puerta Grande [2], el qual no era christiano, tuve con él grandes disputas, diciendo él qual sus costumbres eran verdaderos, y que sus paguoés [3], que quiere dezir sus hechiceros, les davan las cosas buenas, scilicet, mantenimientos. Yendo nós por su Aldea hablámosle muchas cosas de Dios y de la muerte. Dixo él que no avía de morir, que los vellacos morrirán y no él que era virtuoso, caminando un poco de camino con una lança a las cuestas, y hablando en estas cosas. De aí a quatro días murió de una muerte terrible de que están mui medrosos y mucho nos temen, principalmente a nuestro P.e Nóbrega.

29-30 de las—muerte *del. Polanco* || 33 dos *del.* A || 34 amotinó] amotinaron *Polanco* | caió *add. sup. Polanco* el cristiano || 36 donde] después *Polanco* || 37 bien] sanos *Polanco* || 39 que lhe mettieron] y se dexaron meter *Polanco* || 40 decían] era una *Polanco* || 41-42 tornó — demonio y *del. Polanco* || 43 con ser] aun siendo *Polanco* | visitado *del.* Do || 44 grande *del. Polanco* || 45 con él *del. Polanco* || 48-50 Yendo — que no] y que él no *Polanco* || 50 Dixo] dixe *ms.* || 53 días *del.* morreo

---

2 Nome de índio e de aldeia: à Aldeia da Porta Grande se refere a Sesmaria de Água dos Meninos, de 21 de Outubro de 1550 (doc. 17 § 1).

3 Pagés.

5. De esta misma Aldea vino un negro gentil que traía una gallina a el P.e Navarro, como que se venía a descul- 55
par por no venir a la iglesia, el qual se fué a nuestro P.e Nóbrega por no estar aquí el P.e Navarro, e dixo que le venía a buscar para dar salud a su hijo. Dixo el Padre que él le encomendaría a Dios; dixo el indio: «Não, porque por quantos ruegas mueren» [4]. 60

6. En la misma Aldea estando un ninno quasi muerto, recibió salud con ser baptiçado [5].

42

DO IR. VICENTE RODRIGUES AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

BAÍA 17 DE MAIO DE 1552

I. **Bibliografía:** B. MACHADO III 770; *Cimélios* 493; SOMMERVOGEL VI 1943 A; STREIT II 336 n. 1224; LEITE IX 99 n. 1.

II. **Autores:** FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 206-207; LEITE, *Vicente Rodrigues, primeiro mestre-escola do Brasil,* in *Brotéria* 52 (1951) 292-293; F. FERNANDES 228.

III. **Texto:** Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 3-1,* ff. 55v-56v [antes 282av-283v]. Título: «En otra carta viene relatado esto que sigue», palavras que Polanco riscou, escrevendo por cima: «Sacado de otra de la misma Baía». Tradução espanhola do original perdido.

2. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 22v-24v. Título: «De huma carta do Irmão Vicente Rodrigues da Bahia de Todos os Santos...» [papel do *ms.* destruído]. Retrover-

---

59 não *corr. Polanco* no

---

4 Aludia o índio gentio ao baptismo «in extremis», que Nóbrega administrava aos moribundos.

5 É, em resumo, o mesmo facto com que abre a carta seguinte.

são portuguesa da tradução espanhola, mas com uma outra frase resumida.

3. Biblioteca Vaticana: *Ottoboni lat. 797*, ff. 161v-163v. Tradução italiana, da espanhola.

IV. **Impressão**: *Novi Avisi di piu lochi de l'India et massime de Brasil ricevuti quest'anno del MDLIII* (Roma 1553), sem paginação [carta n. 5]; *Diversi Avisi* (Veneza 1559) ff. 14r-16r; *ib.* (1565) ff. 154r-156r; *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 109-114.

V. **História da Impressão**: *Novi* e *Diversi Avisi* imprimem a tradução italiana (3); *Cartas* a retroversão portuguesa (2) junto com a carta precedente [41], aquela primeiro e esta a seguir formando uma só.

VI. **Data**: Nas *Cartas Avulsas* escreveram Março em vez de Maio. E aquela data seria melhor que esta e Fevereiro ainda melhor. Mas no *ms.* está Maio. E, com esta advertência, a deixamos.

VII. **Edição**: Publica-se a tradução espanhola (1), mais completa, antes das emendas e cortes de Polanco, que se mostram no aparato.

Textus

1. Puer iamiam moriturus recepto baptismo revixit. — 2. Indus Sebastianus Teles ad bellum proficiscitur. — 3. Fr. Vincentius Rodrigues et P. Emmanuel de Paiva e manibus Indorum hominis mortui corpus abripiunt ne ab illis manducetur. — 4. Frater et Pater salvi fiunt a parentibus Sebastiani Teles. — 5. Sebastiani Teles infirmitas, mors atque funus more christianorum. — 6. P. Nóbrega et P. Antonius Pires adsunt Pernambuci. — 7. Labores Fr. Vinc. Rodrigues, inter quos opus vertendi orationes in linguam brasilicam. — 8. Exercitia Spiritualia. — 9. Ministeria cum Lusitanis et Indis. — 10. Exhortatio ut veniant Patres.

1. Visitando hun Padre las Aldeas del gentil, alló un ninno para morir, y tanto que desconfiavan dél el padre y la madre de vivir, y digeron al Padre que le diese salud. Respondió que le dexassen baptiçar y que rogaría a Dios por él: y contradiciéndole muchos, por les parecer que con eso muriría más presto, solamente con consintimiento de su padre le baptiçó, y luego de aí por delante se halló bien y vivió [1].

1 Facto já contado em resumo no fim da carta precedente.

2. Otra vez, estando en esta Aldea muchos christianos de compannía con gentiles y sus parientes, estando con enojo de la muerte de sus hijos y parientes que los contrarios le mataron, y así de muerte natural, fuéronse a la guerra para se vengar, donde fué hun hijo de un Principal de la misma Aldea, christiano, mui cabido con los christianos y con el Governador [2], que se llamava Bastián Téllez [3] (era hombre de mui buena arte); y iendo mataron muchos contrarios y cativaron, el qual cativó uno que le vino a su parte. Yendo así con victoria, los parientes de la muger de Bastián Téllez le pedieron el suio, diciendo que si no se lo diesen, que le avían de tomar la muger, el qual se lo dió con vergüença que recibiría de los blancos si le tomassem la muger.

3. Y viniendo quisieron desembarcar un cuerpo muerto para esta Aldea para donde yo estava, el qual Bastián Téllez sabiendo quánto nosotros avíamos de estrannar esto, rogóles que no quisiesen llevar a aquella Aldea el cuerpo, y viendo la furia de los que lo llevavan, mudóse en otro barco y fuése para otras Aldeas por no se hallar en tam grande affrenta. Llegando el cuerpo a la Aldea [4] adonde yo estava, con grande fiesta, llamando todos sus parientes que se viniesen a vengar — la qual es la maior honrra que tienen, porque quando alguno está en la fin de sus últimos días

---

11 los *del. scriba* chr || 12 y así de muerte natural *del. Polanco* || 13-16 donde — arte *del. Polanco* || 15 llamava] llama *ms.* | llamava *del. scriba* Gas || 16 hombre] hombrem *ms.* | muchos *del. scriba* chris || 17 el qual *corr. Polanco* muchos, este || 13-22 donde — muger *denique del. Polanco* || 31-35 tienen — carne *del. Polanco*

---

2 Tomé de Sousa.

3 Bastião Teles não é o Principal, mas o filho, como se diz com clareza no § 5.

4 A «Historia de la fundación», *Bras. 12,* f. 6 (*Anais da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro* XIX [1897] 81) chama-lhe «Aldea de Monte Calvario». E por isso ficou a ser conhecido como «Motim do Monte Calvario». E dá-o como sucedido quando Vicente Rodrigues era Superior da Baía, depois do P. Nóbrega partir para São Vicente por Novembro de 1552.

pide carne de sus contrarios para comer, porque así van consolados, y también se honrran mucho tener en la cabecera de la red, donde duermen, un novillo de carne; y esto no los que iá son christianos, porque éstos no pueden consentir diziéndoles que comen carne humana — de manera que, quando truxeron el cuerpo a esta Aldea, me lo vinieron decir. Acudimos el P.e Paiva y yo con grandes clamores de reprehensión, diciendo cómo Dios los avía de castigar, y así con aquel ímpetu se lo tomamos nós por una parte y ellos por otra, de manera que era grande multitud sobre nós, así mugeres como hombres. Y iá lo tenían chamuscado y concertado para abrirlo y hazer repartición. Tremian como vergas quando nos lo querían tomar, porque era la maior deshonrra que les podían hazer, y antes murieran que dexar passar por sí tal flaqueza. Empero El que era y es toda la fortaleça nos la dió, y tomámoslo e enterámosle dentro de una cerca que yo tenía hecho pegada con la hermita y casa donde posava. Y de noche, sabiendo los parientes destos, que por otra Aldea estavan, la flaqueça y deshonrra que passaron, vinieron de noche con muchos arcos y frechas para desinterrarlo y llevarlo, y nós estuvimos en vigilia toda la noche; y quando no me percaté, teníanlo medio fuerra de la sepultura. Acudimos y grande cosa fué no nós frechar, mas huieron.

4. Y viéndonos muchas veces persiguidos aquella noche, mandamos llamar el Principal, padre del Bastián Téllez, mui grande nuestro amiguo, como mostró viniendo con su muger y hijos, los quales predicaron grandemente y con mucha discrición, y nos espantaron sus hervores y el modo que tuvo. Ya lá muger entre otras cosas contra las mugeres decía: «Andad de aí, bestias, que no conocéis el bien que tenéis! ¿Por ventura tenéis vós el bien que tenéis sino de los christianos?, con los dedos en los ojos a las

---

35 novillo *corr. Polanco* pedazo || 44-45 Tremian] temían *corr. Polanco* | vergas *corr. Polanco* hojas || 48 nos *bis, prior del.* | *Prius* entrámosle || 54 percaté *corr. Polanco* caté || 58 padre del Bastián Téllez] con padre del Bastián Téllez *corr. Polanco, sed postea del.* || 59 su] el *ms.*

otras con tanto hervor y spíritu que nunca se vió entre ellos.

[56r] Y recogiéndo-se ellos, tornaron a perseguirnos y, siendo iá dos oras ante mannana, determinamos de desenterrar el muerto por nós aquietar, como hizimos mui secretamente a la candela, y lo llevamos a enterrar junto de la ciudad, sin ninguno lo saber, que es mucho: que toda la noche bebían sus vinos, cantando y dançando, y en aquel paso adormecieron que ni cachorro bradó. Donde se me acordaron las mortificaciones de nuestros Padres primeros, porque el cuerpo era muerto y hedía mucho, y era de noche, y era inchado, de manera que nunca más lo vieron. Y quando vino por la mannana tenían toda la huerta y al rededor de casa cavado para ver si lo allavan. Quedaron mui espantados, diziendo que nunca tal le fuera hecho, donde quedaron con las fuerças de su soberbia quebradas [5].

71 junto *corr. scriba ex* fuera || 74 cachorro bradó *corr. Polanco* aun un perro ladró || 77 *Prius* viheron

5 O P. Manuel de Paiva chegou de Portugal à Baía por Março de 1550 (LEITE 1 560), e portanto a cena em que intervém só pode ser depois desta data. A «Historia de la fundación» *(loc. cit.)* suprime o nome do P. Paiva; e VASCONCELOS, suprimindo os de Paiva e Vicente Rodrigues, introduz Nóbrega a tirar o cadáver das mãos dos Índios; e coloca toda a cena em 1549 e os Padres a recolherem-se à cidade, supondo que a casa do Terreiro de Jesus já ficava dentro dela (*Chronica* 1 §§ 51-53). Erro, que ficou sempre no ar sugerindo que fossem dois os casos. Mas os documentos só falam dum e é este, entre Abril de 1550 (depois da chegada do P. Paiva) e Julho de 1551 (ida do P. Nóbrega a Pernambuco). A este tempo já havia casa e Igreja no Terreiro de Jesus (carta de 28 de Março de 1550 § 4), que então ainda ficava fora da cerca da cidade; e já então as Aldeias eram «obra de seis ou sete» (carta de 28 de Março de 1550 § 2). Em todas estas Aldeias, visitadas pelos Padres, se fazia logo casa ou casas a modo de ermidas onde «pousava» o Padre catequista e às vezes até uma semana. Durante este período (1550-1552), a morada de assento do Ir. Vicente Rodrigues, excepto o tempo que esteve em Porto Seguro era a Casa do Terreiro de Jesus, entre a Cidade e a Aldeia do Monte Calvário, onde também pousava às vezes. E nesta ou outra, até mais perto, mas daquele lado, se coloca a cena violenta contra a antropofagia dos Índios, descrita por Vicente Rodrigues em 1552, mas sucedida antes, em 1551 ou já em 1550. LEITE, *Breve Itinerário* 67-69.

5. El Bastián Téllez, hijo del Principal del qual arriba tratamos, quando supo lo que nos avía acontecido tomó mui grande enojo, juntamente con le doler su consciencia. Vínose a la Aldea mui corrido, no ossando parecer delante de nosotros, donde enfermó de una dolencia prolongada [6] hasta quedar en los huesos. Quando iá assí lo vimos, visitólo el P.e Nóbrega, el qual le dixo que aquel era castiguo del Señor, porque diera el escravo que tomara en la guerra a comer a los otros. El qual luego rogó a el Padre que le fuese pedir a quien lo diera, y esto tenía iá dicho a el P.e Navarro el qual no lo pidió por le parecer por demás. Fué el P.e Nóbrega y dixo a el que tenía el esclavo, que Dios estava mui apassionado y airado, y por esa causa castigara a Bastián Téllez, el qual dixo que tenía grande miedo dél y pidióle el Padre el esclavo. Dixo que lo daría de buena voluntad, y luego se lo dió. Vínose el P.e Nóbrega con el esclavo a dezir a Bastián Téllez, el qual holguó en estremo de se acabar una cosa tam grande que no se vió aún, y luego se confessó por la lengua y en portugués con tanta discrición que es para loar al Señor; y de aí algunos días dió el spíritu al Señor, y dexónos un hijo lhamado Mathias para instruirlo y tenerlo en nuestra companhía. Finalmente ordenamos que viniessen los blancos con tumba y procisión de los ninnos y mucha gente, el qual enterramos en la hermita con missa cantada de defunctos, y desta hermita avemos constituido por maiordomo el Principal, padre del defuncto, y ésta es donde van todos los sábbados a la Salve con los blancos.

6. Determinó el Padre de ir a Pernambuco [7], que son daquí a cien leguas, donde llevó consiguo el P.e Antonio

---

91-92 y esto — demás *del. Polanco* || 94 apassionado y *del. Polanco* || 98 dezir *corr. ex* dezlar || 99-100 no se vió aún *corr. Polanco* nunca se vió || 102 días *del. scriba* p || 104-109 Finalmente — blancos *del. Polanco; postea totum paragraphum del.*

---

6 Esta doença «prolongada» reforça a ideia de terem sido em 1550 os sucessos narrados no parágrafo precedente.

7 Nóbrega saiu da Baía para Pernambuco pelo dia 16 de Julho de 1551 [carta 31 § 11].

Pérez y algunos chiquitos. Quedamos en esta Baía el P.e Navarro, el P.e Salvador Rodríguez y el P.e Paiva por rector, los quales se exercitavan principalmente en la meditación; el P.e Paiva también en carpintear y hazer tapias, con todo el cuidado de casa; el P.e Salvador Rodríguez en las Aldeas e[n]sennando el gentil y visitando las roças, que es el mantenimiento de los ninnos que determinamos de tener; el P.e Navarro tenía cargo de los ninnos, assí para los doctrinar en lo spiritual como en leer y escrevir y en las oraciones de la lengua, assí a los blancos como mamalucos y Indios, con los quales sale muchas veces por las Aldeas de los Indios praedicándoles la lei del Señor: algunos dellos [8] declaran el Evangelio por la lengua con mucha edificación de todos, y esto a los dominguos y fiestas; y así se ocupa el Padre en confessiones y praedicaciones, y algunas veces el P.e Paiva, maiormente las pláticas de los viernes, donde viene mucha gente y concorre el Governador con toda la gente principal, en los quales ai grande enmienda en la vida y exemplo. No juran y, si escapa algun juramento, miran para tras para ver si son de alguien vistos.

7. Dexóme el Padre [9], quando se fué, cargo de visitar el hospital y enfermos de la ciudad y presos, y ciertos días de la semana la roça del mantenimiento de los ninnos y en trasladar oraciones en la lengua [10], visitando las Aldeas y doctrinando a los nuevamente convertidos.

8. Dexó ordenado el Padre como diessen los Exercitios Spirituales a un hombre allá mui nonbrado y affamado de mundano, y que se los diese en la hermita de que arriba

---

114-116 los quales — casa *del. Polanco* || 121-122 mamalucos *corr. Polanco* los | sale] salem *ms.* || 130-137 No juran — convertidos *del. Polanco* || 139 a un hombre *corr. Polanco* a una persona | nonbrado y affamado *corr. Polanco* nonbrada y affamada

---

8 Alguns destes meninos brancos e mamalucos, ensinados pelo P. Navarro, que neste ofício de mestre sucedeu ao Ir. Vicente Rodrigues, ficando algum tempo ambos concomitantemente.

9 Nóbrega.

10 Língua tupi.

hice mención, donde estuve con él y ambos nos exercitamos; el qual sintió tanto de Dios, que no es creído entre los del mundo, cuias cosas aborrece. Ama la Compannía que es cosa de admiración. Tiene mui continua oración mental, el qual anda tras el P.e Nóbrega llorando que parece ninno, diciendo que aia piedad dél y que use de los poderes que tiene para que lo reciba. El qual está casado con una hija de un capitán de una capitanía de Puerto Seguro, con la qual no tuvo cópula, porque así él como ella son [56v] unas almas benditas dados mucho a la oración. Y en esta limpieça con otras muchas virtudes viven a dos annos esperando por el Obispo, porque así se lo aconsejó el P.e Nóbrega, o qual les escrive con muchas lágrimas, allándose por mui indigno de escrivir a tan benditas almas porque os[11] imagina enlevados y abrasados del Señor[12].

141-142 *Prius* exercitatamos | no *corr. ex* nos || 153-155 o qual — Señor *del. Polanco*

11 «Os» em português, por «los» em espanhol.

12 A 25 de Março de 1555 escreverá Nóbrega ao P. Geral que Leonardo Nunes levava um apontamento sobre «se aceitaríamos votos de obediência de alguns leigos casados, que por sua devoção querem servir, de fora, às casas fundadas pela Companhia; e porque depois se me ofereceram alguns inconvenientes, me parece agora que, ao menos ao presente, não convém». LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas* 58-59; *Luís de Gois,* in *Brotéria* 61 (1955) 151; cf. *Cartas de Nóbrega* (1955) 197-198. Luís de Gois era um destes leigos casados pretendentes à Companhia; o genro do Capitão de Porto Seguro parece ser o famoso Gaspar Barbosa, que em 1567 era capitão na mesma Capitania de Porto Seguro, amicíssimo da Companhia, e que acompanhou Mem de Sá ao arranque final da conquista do Rio de Janeiro, onde morreu heròicamente em combate. PORTO SEGURO, HG I (4.ª ed.) 415-416; LEITE, II 107. Dizemos parece, porque de Gaspar Barbosa e Branca de Andrade há um filho Pero do Campo Tourinho, neto do Donatário e Capitão de Porto Seguro, do mesmo nome, o que concorda com a afirmação de Vicente Rodrigues. Donde também se infere que Branca de Andrade era filha, legítima ou ilegítima, do Donatário Pero do Campo Tourinho. Cf. RODOLFO GARCIA, nota a HG I (4.ª ed.) 232.

Convém esclarecer que Nóbrega, Superior da Companhia, como homem formado em Direito, conhecia bem os poderes que tinha e os que não tinha. O «voto de obediência» de leigos (mesmo não ligados pelo sacramento do matrimónio) não constitui a ninguém verdadeiro

A otros dieron los Exercicios, como agora dan al Padre Vicario[13] de esta Baía. Esperamos en el Señor aprovecharse mucho. Si abriesen la mano a admitirlos, andan muchos movidos y tan devotos y enmendados, perseverando en el amor del Señor, que es cosa estranna, y quando de nos alcançan un poco de tiempo para hablar de Dios, paréceles que alcançan todo.

9. Es mui notable el fructo que se haze entre todo el género de gente. Los blancos ganaron el jubileo[14] con mucha devoción; los esclavos y gentiles crescen quotidianamente en maior conoscimiento del Señor. Obra el Señor su fructo por varios modos, lo que dexo de escrivir porque los Padres lo sabrám mejor escrivir y con el spíritu con que se obró.

10. Yo solamente os diré, mis Hermanos, que no sé donde ai tanta patiencia en vos esperar, porque el hervor es tanto y desseos de ir adelante a descubrir tierra, que a las veces estamos para dexar todo, y lo que nos detiene es esperar por vós que vengáis a sustentar esto poco que está ganado, y también por dar principio a las casas de las Capitanías donde se criarán guerreros de Christo. Y por eso venid, porque ya será raçón que estendamos las asas de la charidad y volemos a la gente que nos espera, y acudamos

163-164 entre todo el género *corr. Polanco* en todo género || 166-170 Obra — que *del. Polanco* || 171 en vós *corr. Polanco* en nosotros para os || 177 porque *corr. Polanco* que

religioso; os casados, para o serem, deveriam separar-se, fazendo-se cada qual religioso em qualquer Ordem; e para isso requeria-se dispensa da Santa Sé. Quanto a mulheres, que fossem verdadeiras religiosas da Companhia, só se conhece o caso singular da Princesa D. Joana, filha do Imperior Carlos V e mãe do Rei D. Sebastião, que por dispensa da Santa Sé, sendo viúva, fez os votos de escolar da Companhia e com eles faleceu. Cf. MI *Epp.* VII 686-687; MI *Constitutiones* II (Roma 1936) CXXXVI-CXXXVII.

13 Manuel Lourenço. LEITE I 23; VAN DER VAT, *Princípios* 227.

14 Jubileu do Ano Santo de 1550 (Cartas 15 e 16); cf. LEITE, *Movimento Eucarístico Brasileiro no tempo de Nóbrega,* in *Brotéria* 60 (1955) 410; WICKI, *Das Jubiläum von 1550 in der überseeischen Jesuitenmissionem (Indien, Brasilien, Afrika),* in AHSI 49 (1956) 119-133.

a la guerra que el demonio pone al sangre de Christo, llamándose a posse y allegando su derecho antiguo. Mas vive Dios, que allá está Moisés y Arón con las manos alevantadas, y el Hijo de Dios de la otra parte del jugo. Pues, si el Hijo de Dios es por nós, ¿quién nos contradirá que nos pueda apartar de la charidad, como dize S. Pablo?[15] Finalmente, amados en Christo, venidnos a aiudar, que somos pocos y la tierra grande, los demonios muchos, y la charidad en mí poca. Venid llenos de ésta, porque trairéis toda la librería del collegio. Más cosas acaba ésta que todos los medios humanos; vengan con los divinos, imitando al Señor con los medios de la redención, conviene a saber, la cruz y sangre unida con esta charidad, en la qual ardamos de manera que mereçamos derramar quanto sangre tenemos en retorno de quanto nuestro Señor Jesu Christo derramó con tanta charidad y amor, que aun después de muerto lo quiso dar todo por no le quedar qué dar, y cumpliendo él los nuestros y vuestros deseos nos ajuntaremos con Aquél que para entra[r] en su gloria convino que padeciesse[16]. Aparejaos, Hermanos míos, para venir a estos trabajos si querís triumphar con Christo.

Desta Baía de Todolos Santos, a 17 de Maio de 1552.
De vuestro hermano

Vicente Rodríguez.

189-191 vengan — qual *del. Polanco et add.:* A Dios plega que en ella || 191 esta *del. scriba* cari || 192 mereçamos *post corr.* || 193 retorno *corr. Polanco in marg. sinistro* alguna recompensa || 194-199 con tanta — Christo *del. Polanco*

15 Rom. 8, 35.
16 Luc. 24, 26.

43

[DO IR. VICENTE RODRIGUES POR COMISSÃO DO GOVERNADOR DO BRASIL TOMÉ DE SOUSA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA]

[BAÍA MAIO DE 1552]

Bibliografia: *Cimélios* 493; LEITE IX 99 n. 2.

II. **Autores:** POLANCO II 726-727; VASCONCELOS, *Chronica* liv. I § 118; LEITE I 493.

III. **Texto:** Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 3-1,* ff. 56v-57v [antes 283v-284v]. Título: «Parte de algunas cosas que acontecieron a los Hermanos [acrescenta Polanco: de la Compañía de Jesús] del Brasil que mandó [Polanco riscou «mandó» e pôs «scrivió»] el Governador Thomé de Sousa». Tradução espanhola do original português perdido. Com emendas de Polanco.

2. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], I-5, 2, 38, ff. 24v-25v. Título: «De outra do mesmo» [a carta precedente é de Vicente Rodrigues]. Retroversão portuguesa sem as correcções de Polanco.

3. Biblioteca Vaticana, *Ottoboni lat. 797,* ff. 163v-166r. Tradução italiana da versão espanhola depois das correcções de Polanco. Portanto aparece como «cose scritte» pelo Governador Tomé de Sousa.

IV. **Autor:** Esta carta não a «escreveu» o Governador Tomé de Sousa mas apenas a «mandou» do Brasil. O facto de tratar de assuntos contidos substancialmente nas cartas do Ir. Vicente Rodrigues e de vir no Códice de S. Roque atribuída ao mesmo prova com probabilidade ser ele o autor. Tomé de Sousa teria pedido ao Ir. Vicente Rodrigues (ou até por sugestão dele ou já do P. Nóbrega à volta de Pernambuco) que fizesse um apanhado de casos de edificação com exclusão de outros assuntos e o remeteu ao Provincial de Portugal para ser presente a El-Rei. A carta, de-facto, não contém senão casos edificantes, sobre a conversão do Gentio pela Companhia de Jesus, tudo num plano impessoal, sem declaração expressa de nenhum nome.

V. **Destinatário:** A carta encontra-se num fascículo com outras traduzidas de português para espanhol, remetidas de Portugal para Roma: «Copia de algunas del Brasil, 1552, para Roma» (*Bras. 3-1,* f. 57v). Sem dúvida foram remetidas do Brasil ainda ao P. Simão Rodrigues. Mas deixando este o governo da Província, suprimiu-se o nome, como aconteceu noutras desse tempo [cf. carta 9, na introdução, texto 2].

VI. **Data**: Ver o que se diz sobre as datas das duas cartas precedentes. Esta foi escrita ao mesmo tempo que elas e com elas anda unida no mesmo fascículo. Ainda que escrita e «mandada» em Maio de 1552 abrange assuntos de data muito anterior.

VII. **Impressão**: *Novi Avisi di piu lochi de l'India et massime de Brasil ricevuti quest'anno del MDLIII* (Roma 1553), sem paginação [carta 6.ª]; *Diversi Avisi* (Veneza 1559) ff. 156r-159r; *ib.* (Veneza 1565) ff. 156r-159r; *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 116-119.

VIII. **História da Impressão**: *Novi* e *Diversi Avisi* imprimem a tradução italiana (3); *Cartas* a retroversão portuguesa (2).

IX. **Edição**: Publica-se a tradução espanhola antes das emendas de Polanco (1).

Textus

1. Viso aliquo Patre sese disciplinante, Indi Pagorum desistunt a manducatione carnis humanae. — 2. Strages Indorum qui reversi erant ad veteres mores. — 3. Infirmi qui valetudinem recuperant orationibus Patrum. — 4. Mors indi principalis nomine Tacoi. — 5. Indi baptizati in extremis. — 6. Naufragium Indorum qui ad bellum perrexerant. — 7. Mors indi nomine Porta Grande. — 8. Obitus indi christiani. — 9. Patres bene accepti ab Indis Pernambuci. — 10. Pagus eiusque veneficus in Praefectura Pernambuci. — 11. Orphani lusitani per pagos praedicantes. — 12. Crux in aliquo Indorum pago erecta. — 13. Duo gentiles capite damnati baptismum accipiunt. — 14. Fons aquae Dominae Nostrae ad Portum Securum.

1. Hun Padre [1] viendo que aprovechava poco el dexar de comer carne humana las Aldeas que visitan, que eran tres u quatro, movido por nuestro Señor, se desnudó con unas disciplinas por todas las Aldeas, pidiendo a nuestro Señor que moviesse sus coraçones, praedicando que se castigava a sí mesmo por Dios no castigar a ellos de tan grande mal, y quiso nuestro Señor que en las tales Aldeas

2-3 que eran tres u quatro *del. Polanco* | Señor *del.* d || 6 por Dios no castigar *corr. Polanco* por que Dios no castigasse

1 Parece tratar-se do P. João de Azpilcueta Navarro, que em 1551 visitava as Aldeias e com ele se passou o que no § 4 se narra da morte do índio Principal Dom João Tacuí.

se quitó el costumbre de la matança y fiestas de sus comidas.

2. Y destas tres u quatro Aldeas [2] se escogieron algunos para se hazer christianos, los que mostravan mas hervor de voluntad, de los quales algunos tornaron atrás [3], otros con grandes propósitos permanecieron, porque caívan muchas veces en graves enfermedades y muríanles los hijos y otras pruevas que nuestro Señor lhes hazía. Y sucedió una grande mortandad destos que tornaron atrás, porque así chicos como grandes murían, e muchos más de los chiquitos, porque quiso nuestro Señor salvar aquellos infantes que murían en el estado de la innocencia baptiçados y con su muerte castigava los padres con que temían al Señor; de manera que por estos y otros medios que usava, se va la tierra poniendo en costumbre que los que se quieren baptiçar conoscen ya que, si no vivieren christianamente, que los castigará mucho nuestro Señor, y así por esto como por no se baptiçar sino después de experimentados y bien conocidos, que piden el baptismo, créesse que son de los llamados por nuestro Señor, y que son del número de los escogidos.

3. [57r] Muchos enfermos recibieron salud por oración de los Padres, de los quales no se puede contar, principalmente dos moços; y quando se baptiçavan una summa del gentil, la noche siguiente dixo uno dellos que se allara en la gloria; cantando por su arte decía muchas cosas que viera de nuestra fe, y no se hartava en las contar.

4. Hun Principal por nombre Tacoí [4], el qual por tener dos mugeres no lo quisieron hazer christiano, un día vino con grande deseo a pedir el baptismo, y baptiçado, de aí a

---

10 tres u quatro *del. Polanco* || 20 temían] temial *ms.* || 24 *Post* se *scriptum est* pa || 29 de[l] *del. Polanco* || 29-30 principalmente dos moços *del. Polanco* || 34 por[l] *del. scriba* no

---

2 Sobre as primeiras Aldeias da Baía, cf. LEITE II 47.

3 Cf. carta 41 § 1.

4 O Principal Tacoí ou melhor Tacuí, identifica-se com o Principal Dom João, irmão do Principal Simão. Foi baptizado e faleceu antes do dia 2 de Agosto de 1551, em que já narra a sua morte o P. António Pires (carta 31 § 5).

pocos días caió en una enfermedad mortal. Y estando instruído y preparado para morir christiano, alevantóse en la red y pidió a su hermana su ropa, y díxole: «O hermana, ¿no vees tantos cantares quantos vienen del cielo para me llevar»? Alevantadas las manos al cielo dió el spíritu al Señor. Este fué siempre amiguo de los christianos y en él se esprimentava más que en los otros guardar alguna parte de la lei natural, y tenía fama de no comer carne humana como todos los otros. Los parientes de éstos son los que aguora tenemos por mejoros christianos.

5. Y otros falescieron, ordenando el Señor que los baptiçassen el día que murían, estando de días preparados, y en fe y dolor y contrición de sus malos costumbres. Ya mandan llamar los Padres quando caen en dolencias, y, si algunos muerren, llaman para los enterrar, lo que mucho en el principio defendían sus parientes, y tienen iglesia en que se entierran los que mueren christianos.

6. Iendo los christianos nuevamente convertidos con otros parientes a la guerra, la qua[l] le defendían los Padres porque era para se comer unos a otros, yendo en un su modo de navío, aconteció hundirse en el mar, y salváronse todos los christianos con mugeres, asta ninnos de teta [5], y el gentil perdióse y no apareció más.

7. Hablando los Padres a un Principal gentil, por nombre Puerta Grande [6], reprehendiéndole sus vicios y hablándole de la muerte, respondió que no avía de morrir, que era mui temido y valiente, blandiendo hun arco que traía en las cuestas, al qual le respondieron que era tierra y que avía de morir y que en la mano de Dios estava todo. Respondió el gentil que não, que era valiente. De aí a tres días murió de una muerte terrible.

---

42 Señor *del. scriba* Est || 48 de dias *del. Polanco* || 56 Padres *add. sup. Polanco* de la Compañía || 63 temido *ex. S. Roque, ms.* temero, *corr. Polanco* virtuoso | blandiendo *ex S. Roque, ms.* espaço em branco || 63-64 hun arco que traía en las cuestas *del. Polanco* || 65-66 Respondió — valiente *del. Polanco*

---

5 Cf. carta 41 § 2.
6 Cf. *ib.* § 4.

8. Hun gentil iá christiano, hijo [7] de un Principal tambiem christiano, fué a la guerra y tomó hum contrario y diólo a los parientes de su muger para lo comer, porque le digeron los cunnados que si no se lo diesen que le tomarían la muger, y él con temor desto se lo dió. Y como lo supieron los Padres, que se lo reprehendieron, fuese a los cugnados y uvo el contrario y diólo a los Padres para servir en las obras de su collegio, cosa mucho de espantar. Y no contento desto fué tam grande su passión, que caió en una mortal enfermedad y, doliéndose de su peccado, pidió a los Padres que se quería confessar, el qual se confessó con tanta discrición que el confessor quedó attonito loando al Señor. Y el Padre [8] le dixo que aquella enfermedad fuera castiguo del Señor, porque diera el esclavo para le comer los otros; y dió el alma a Dios en la dicha dolencia y acabó como mui buen christiano.

9. En la Capitanía de Pernambuco venían los gentiles de seis y siete leguas a fama de los Padres [9], cargados de millo [10] y lo que teníam para les offrecer, y si sabían por donde avían de passar, salíanles al camino con mucho mantenimiento, diciéndoles que les hechasen la bendición.

10. En la dicha Capitanía, en una Aldea [11] donde pusieron una cruz, aguardavan los Padres con mucha offerta al pie de la cruz para que el Padre les hechase la bendición. Y avría allí cien hombres, donde se hicieron la maior parte catecúminos; por la qual Aldea succedió de aí a pocos días pasar un su hechicero en que ell[os] tienen grande crédito,

---

71 cunnados *corr. scriba ex* cugnados || 72 lo[s] *corr. ex* los || 73 reprehendieron *del.* fo || 76 que *bis in ms., in medio littera* a *deleta* || 77 *Prius* sus || 88 que *del.* 11 || 93 qual *del.* ac || 94 ell[os] *charta consumpta*

---

7 Bastião Teles (carta 42 § 2).

8 Nóbrega (carta 42 § 5).

9 Manuel da Nóbrega e António Pires.

10 Carta 44 § 5.

11 Desta Aldeia de Índios de Pernambuco, onde Nóbrega e Pires plantaram a primeira Cruz, não se conservou o nome. A primeira Aldeia conhecida é a de S. Francisco, fundada em 1561, pelo P. Gonçalo de Oliveira. LEITE V 333.

y aiuntáronse los catecúminos y hecharon el hechicero fuera, diciendo que iá tenían otra lei en que vivían. Este hechicero, viendo el crédito que tenían los Padres con el gentil, decía que era su pariente y que los Padres dezían la verdad, y que él iá muriera y pasara desta vida y tornara a vivir como decían los dichos Padres, y que portanto creiessen en él, y dávanle en este medio tiempo las hijas a su pettición. Sucedió en esta conjunción tornar los Padres a pasar por aquella parte y digéronle cómo todo aquello era mentira. Tomó tanta passión el gentil que luego fué en busca del buen hombre y matáronle.

11. Andavan los ninnos (que vinieron del Reino[12] y están en este collegio) por las Aldeas praedicando y cantando canticas de nuestro Señor por la lengua. Temíase el gentil que les hecharía la muerte u les haría algún mal, y los Padres que ían con ellos les respondían que antes les traían la vida, [57v] si les creiessen y fuessen christianos. Aconteció que en este medio tiempo avía entre ellos una tose general de que muchos murían, la qual de todos se fué, por donde ganaron grande crédito los ninnos entre ellos, y importunan que los manden allá, y házenles caminos tan largos, por montes mui ásperos, como [la] strada que va para Coimbra.

12. En una Aldea de un grande y más grave de los Principales de la tierra se puso una cruz, la qual pusieron los Padres en una procissión cantando con los ninnos las letanías, y toda la Aldea uno y uno ía a besarla y adorarla. Y después, estando assí todos juntos, les praedicó un ninno diestro en las cosas de nuestro Señor, declarándoles el misterio de la cruz, en la qual praédica dió el Señor hervor y lágrimas al Principal, de manera que se puso a llorar y dió

---

97 viendo el crédito *bis in ms., posteriore del. Polanco* || 101 dávanle *corr. ex* dávanles | las *del.* fil || 105 buen hombre *corr. Polanco* hechizero || 108 lengua *add. sup. Polanco* de la tierra || 114 crédito *del.* a || 118 más grave *del. Polanco* | los *add. sup. Polanco* más || 121 uno y uno *corr. Polanco* uno a uno

---

12 Órfãos.

un su hijo a los Padres. Y estando en esta Aldea en este instante hun[a] ninna a la muerte, pidieron que rogassen los Padres por ella a nuestro Señor, y haziendo los ninnos todos por ella oración, luego se alló bien. Y en otras partes están muchas cruces puestas a las quales catan mui gran reverencia y tienen en summa veneración.

13. Unos dos gentiles que mataron en esta ciudad por justicia, baptiçados en aquella hora, murieron mui grandes christianos, y con todos los martirios que le dieron, siempre el nombre de Jesús traían en la boca.

14. Estando los Padres [13] en Puerto Seguro fundando una casa, no aviendo agua que fuese buena para beber deseavan ahí cerca una fuente. Quiso Dios que en esta conjunción caió hun monte, y con el abrir de la tierra se abrió la más fresca y hermosa fuente que ai en aquella tierra. Y porque la casa, que fundavan, es de la invocación de nuestra Sennora [14], se llama la dicha fuente, entre los christianos y gentiles, «la Fuente de la Señora».

44

DO P. ANTÓNIO PIRES AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

PERNAMBUCO 4 DE JUNHO DE 1552

I. **Bibliografia:** B. MACHADO I 353; *Cimélios* 493; SOMMERVOGEL VI 847 A; LEITE IX 59 n. 2.

II. **Autores:** LEITE II 8 21 123 477.

---

126 Padres *add. sup. Polanco* de la Compañia || 128 ella *del. et iterum scripsit sup. Polanco* | haziendo *corr. Polanco* haziéndose, *et del.* los ninnos todos

---

13 Francisco Pires e Vicente Rodrigues. Cf. carta de António Pires de 2 de Agosto de 1551 (carta 31 § 10).

14 Nossa Senhora da Ajuda. LEITE I 205-208.

III. **Texto:** Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, ff. 26r-29r. Título: «Carta do P. Antonio Pirez, de Peranambuc, de cinco de Junho de 1552». Apógrafo.

IV. **Impressão:** *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 121-125.

V. **Data:** Ainda que o título no *ms.* diz 5 de Junho, este dia em 1552 era o do Espírito Santo, e a carta foi datada na «vespora», portanto, a 4.

VI. **Edição:** Reimprime-se o texto, metendo entre cancelos algumas palavras já destruídas no *ms.* e que se tomam de *Cartas.*

Textus

1. Fructus ministeriorum Patris Nóbrega in Praefectura Pernambuci. — 2. Perseverantia gentium in doctrina christiana pendet a Patribus, sed desunt. — 3. Si ad convertendos Indos orientales et mauros necessarii sunt decem Patres, ad convertendos Indos Brasiliae necessarii sunt viginti. — 4. Regio ferax est sed hoc anno defuit pluvia. — 5. Visitatio pagorum Indorum. — 6. Sodalitas Rosarii Indorum atque Nigrorum Guineae. — 7. Servi edocentur doctrinam christianam. — 8. Memoriam habet Patrum D. Gundisalvi, Grã et D. Leonis.

Amados Irmãos

1. Ordenando-o Deus, por ser cousa tam necessaria, viemos ho P.e Nobrega e eu a esta Capitania, onde pollo Padre, mediante a graça divina, [27v] foy a terra em tal maneira reformada, que quem ho souber bem ponderar dirá que a gente della tornou a renacer em comparação dos males que nella avia, como pollas cartas passadas já saberão.

Chegado o tempo em que era necessario ir-se ho P.e Nobrega a visitar outras casas, deixou-me só, por falta dos que para cá não vindes, que eu nella nom presto para mais que, para, em me vendo, se lembrarem do P.e Nobrega a quem elles tanto temem e reverencião e por elle me tem acatamento e reverencia e tanta obediencia e crédito como a sua propria pessoa. Que cuydais, Irmãos, que se faria polo somenos de casa, quando por

16 quando *bis in ms.*

mym, tam falto de virtudes, Nosso Senhor tanto faz nesta terra? Estavão sperando, com a sperança que o Padre lhes deu, por hum Padre que fosse letrado e pregador, porque esta fama de letrado faz muyto ao proposito. Agora quando ouvirão novas do Bispo e que não vinhão Padres da Companhia ficarão muy desconsolados como eu tambem fiquey, por ser só e para pouco. Lembra-me muytas vezes aquelle dito de Salomão: «Guay do soo que, se cair, não tem quem o alevante» [1], posto que, na verdade, me não posso chamar soo, pois vós, Irmãos, me tendes a vós unido em spiritu, que me não deixareis cair.

2. Sabey, Irmãos, que se esta terra se ouver de converter, que há-de ser com muytos, porque poucos a terra e a conversação dos christãos tem necessidade delles, e asi hé razão que seja, pois nos dão o necessario, sem ho qual não podemos conversar ho gentio; quanto mais gente que não se satisfaz senão com me ver cada dia, que se vou fora oyto dias, quando venho me vem visitar como se viesse do Reyno, dizendo que os deixo soos; e os Indios am mister continuá-los porque, segundo vejo, a muyta conversação e custume os há-de converter. Hé gente de muy fraca memoria para as cousas de Deus, e só se de continuo os conversarmos converter-se-ão.

Ho Padre [2] se foy daqui em Janeiro. Todo o mais tempo gastey en confessar e algumas vezes pregar; isto fiz forçando-me muyto, por a intenção do Padre ser esta, e de Ramos [3] para cá o faço. Cuidava, Irmãos, quando vinha para esta terra que avia de padecer trabalhos nella e não há remedio para atinar com elles, não porque na terra não aja muytos, mas parece que os não mereço, pois N. Senhor mos nega.

---

17 Senhor *om. scriba* || 38 só] já *ms.*

---

1 Eccl. 4, 10.
2 Manuel da Nóbrega.
3 10 de Abril de 1552.

3. [28r] Quanto à conversão do gentio, que hé ho principal a que viemos, sinto que há mester muyto lume da graça para saber attinar com a verdade, porque como não tem quem adorem, salvo huma sanctidade que lhe vem de anno em anno, como já os Irmãos lhe terão scrito, facilmente dizem que querem ser christãos, e asi facilmente tornão atraz: porque como nom há entre elles aquella guerra que Christo disse vir meter em a terra, scilicet, ho pay contra ho filho e o filho contra ho pay, etc.,[4] não posso crer que am-de perseverar, salvo por custume como já tenho dito. Este custume não ho pode fazer hum soo; portanto, Irmãos, não creaes que quando vos de cá pedem que hé debalde, porque, se para converter os da India ou mouros há mester X, esta terra há mester XX.

Não deixo de cuidar que vos spantareis como terra em que os homens pedem baptizmo não hé já toda christãa. A causa disto hé que estando lá não se alcanção as cousas tanto como vendo-as, porque de tal parecer veo mandar-se, segundo cá se diz, que quantos se quisessem fazer christãos se fizessem, o que foy causa de se fazerem muytos erros e scandalos.

4. Esta Capitania hé terra de muyto trafego e onzenas e outros peccados que à força de virtudes se am-de tirar e não com meu exemplo. Jagora dizem que se vão tirando, e eu tenho ouvido dizer a homens que tem os olhos algum tanto abertos, que depois que a ella viemos, das dez partes dos peccados que nella avia, as oito são fora. E asi avia quatro ou cinquo annos que não chuvia nella, e este anno choveo tanto e recolherão tanto mantimento que hé pasmo; e já os da terra se vão persuadindo que por causa dos peccados não chuvia. Louvão muyto a Deus.

5. Por aquy vereis, Irmãos, quanta necessidade esta terra tem de nossas continuas orações. Muytas cousas tem Deus obrado nesta terra mediante vossas orações, e pollo principio que ho P.e Nobrega nella deu, e por mim depois

4 Mat. 10, 35.

da ida do P.e Nobrega pollo muyto que presumem da Companhia. Algumas vezes tenho ido a algumas Aldeas [5] que estão duas e tres legoas desta povoação, onde me tem muyto credito e o que lhes mando fazer fazem emquanto estou com elles, e me offerecerão huma vez grande somma de milho, porque convenci hum indio que [28v] se pôs em argumentos comigo sobre suas feiticerias e ficou disto muy corrido. Vendo isto hum velho começou a pregar por toda a Aldea que me trouxessem do milho, e me poserão diante com que me eu podera manter hum anno. Declarei-lhes que não hia insiná-los porque me dessem nada, porem porque a Deus o offerecião que mo trouxessem a casa, que o daria a pobres. Quando vim para casa já me estava aguardando hum Principal doutra Aldea, que vinha carregado, com sete ou oyto negros, de milho. Ho seu intento hé que lhe demos muyta vida e saude e mantimento sem trabalho como os seus feiticeiros lhe prometem. Ho que agora aqui falta, Irmãos, hé a continua conversação para os tirar deste caminho e os pôr no caminho do ceo.

6. Há nesta Capitania grande escravaria asi de Guiné [6] como da terra. Tem huma Confraria do Rosairo [7]. Digo-lhe missa todos os domingos e festas. Andão tam bem ordenados que hé para louvar a Deus Nosso Senhor. Muyta aventagem fazem os da terra aos de Guiné. Fiz procissão com elles todos os domingos da Quaresma, e entre homens e molheres serião perto de mil almas, afora muytos que ficão nas fazendas, não entrando nella os brancos porque mais à tarde fazião os brancos a sua [8]; e o que hia da huma à outra

5 Cf. carta 43 §§ 9-10.

6 Os Negros de África chegaram ao Brasil com a própria plantação da cana de açúcar à roda de 1532. LEITE II 344; AFRÂNIO PEIXOTO, *Cartas Avulsas* 125; AFONSO DE E. TAUNAY, *Subsídios para a história do tráfico africano no Brasil*, in *Anais do Museu Paulista* X (São Paulo 1941) 31.

7 Pelo modo de falar, a Confraria do Rosário era dos Escravos, como tais, quer Negros quer Índios.

8 Também este modo de falar insinua a existência já da Confraria do Rosário dos Brancos.

de diferença, era que os brancos, a poder de varas, juizes e meirinhos e almotaceis, se não podião meter em ordem, sempre falando, e os scravos hião em tanta ordem e tanto concerto huns traz outros com as mãos sempre alevantadas, dizendo todos: «Ora pro nobis», que fazião grande devação aos brancos, em tanto que os juizes lhes dão em rosto com os scravos.

7. Depois que lhes digo missa, à tarde ensino-lhes a doctrina e às vezes lhes prego. Ho interprete hé huma molher casada [9], das mais honrradas da terra e das [mais ricas. E nã]o vos spanteis, Irmãos, em vos dizer as condições, porque com ser tal parece andar bebada daquelle mosto [10] de que os Apostolos se embebedarão, pois faz o que muytos homens linguas se não atreverão fazer polla mortificação que nisso sentião. Outras muytas almas há nesta terra que com a nossa vinda começarão a entrar no caminho do Senhor e caminhão quanto podem pollas virtudes. Nosso Senhor que lhes deu o principio lhes dê a perseverança. [29r] Com esta molher [confesso algumas indias christãs] e creo que hé melhor confessora que e[u, porque hé muy virtuosa]. Encomenday-a muyto a N. S[enhor].

8. Muyto quisera [esc]rever particularmente aos meus amados Irmãos Dom Gonçalo [11], Luis da Gram [12] e

---

120-121 [mais ricas. E nã] *carta consumpta. Idem in aliis casibus seqq.*

---

9 Maria da Rosa (carta 31 § 11).

10 Cf. Act. Apost. 2, 13.

11 D. Gonçalo da Silveira, português, nasceu em Almeirim por 1521, entrou na Companhia em 1543, foi para a Índia em 1556, onde desempenhou o cargo de Provincial (1555-1556), e morreu mártir em Monomotapa (África Oriental) em 15 de Março de 1561. FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 3-63; id., *Ano Santo* 141-144; F. RODRIGUES, *História* 1/1, 316; id., *A Companhia* 26; BERTA LEITE, *D. Gonçalo da Silveira* (Lisboa 1946); WICKI, DI I 237.

12 Luís da Grã, futuro Provincial do Brasil, foi Reitor do Colégio de Coimbra desde Dezembro de 1547 ao Outono de 1550 (F. RODRIGUES, *História* 1/1 536), tempo em que António Pires entrou na Companhia. LEITE IX 58.

Dom Lião [13] e aos outros Irmãos, cuius spiritus se me communicavão como a Irmão a que elles muyto amão. Muitas vezes me lembra Dom Gonçalo, meu Mestre, e, se agora algum cheiro me fica da Companhia, a lembrança que delle tenho ma faz ter. Pois ao Padre Luis da Gram devo tanto, que se elle não fora, não estivera na Companhia, porque sendo eu porteiro e querendo-me hum dia ir, elle por sua muyta virtude me teve. Por ysso quando a algum de vós, Charissimos Irmãos, vos vier tentação de vos sairdes, day primeiro conta a vosso superior, e i-vos logo pôr diante do Sancto Sacramento e pedi ao Senhor que por sua bondade vos dê a sentir o milhor para vossa salvação; e desta maneira creo que ninguem vos poderá apartar da charidade de Christo que nessa casa mora. E isto digo para os tentados; e aos outros peço [me] encomendem a N. Senhor e me [mandem muytos [avi]sos de cousas, para que me espertem do sono que [me vai vencendo e do grande] esquecimento que tenho da obrigação [de ser virtuoso].

[Desta] Capitania de Peranambuc [vespora do Espirito Santo de 1552.]

CARTAS PERDIDAS

44a-c. *Do P. Leonardo Nunes e outros ao P. Manuel da Nóbrega, Baia* (de S. Vicente, princípios de Junho de 1552). «Despues de tener escrito a V.ª R.ª hablé [...] como allá verá en las cartas» [de los Hermanos]. Com estas palavras abre Leonardo Nunes a carta de 29 de Junho de 1552 § 1; e a estas cartas, de princípios de Junho, suas e dos Irmãos, se refere Nóbrega a 10 de Julho de 1552 § 13: «llegó un barco de San Vicente que truxo cartas de los Padres y Hermanos».

---

13 O Padre D. Leão Henriques, nasceu em Ponta do Sol (Ilha da Madeira) entre 1522 e 1526, entrou na Companhia em 1546, Reitor de Coimbra de Março de 1553 a Setembro de 1556, Vice-Provincial (1565) e Provincial de Portugal (1566-1570); e faleceu em Lisboa em 1589. FRANCO, *Imagem de Coimbra* 1 61-89; id., *Ano Santo* 188-191; F. RODRIGUES, *História* 1/1 448-449 536; id., *A Companhia* 15.

45

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AOS MORADORES DE PERNAMBUCO

BAÍA [5 DE JUNHO DE 1552]

I. **Bibliografia**: SOMMERVOGEL V 1782 n. 17; STREIT II 345 n. 1259; LEITE IX 7 n. 11.

II. **Autores**: NEMÉSIO 416-422; LEITE, *Breve Itinerário* 73.

III. **Texto**: Único. Biblioteca de Évora CXVI/1-33, ff. 183r-186r. Título: «Carta do Padre Manuel da Nobrega Provincial desta Provincia do Brasil escripta aos Moradores de Sam Vicente». Apógrafo.

IV. **Impressão**: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* XLIII, 1.ª P. (1880) 81-87; VALE CABRAL (1886) 122-126; *ib.* (1931) 163-168; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 104-112.

V. **Destinatários**: A carta foi escrita para um lugar, onde estivera Nóbrega e onde ainda estava o P. António Pires. O que é certo de Pernambuco, não de São Vicente como se lê no título do *ms.*

VI. **Data**: *Ano.* Nóbrega esteve em Pernambuco seis meses (Julho de 1551-Janeiro de 1552) e aí deixou o P. António Pires e voltou para a Baía, onde chegou por Fevereiro de 1552. E tira-se do contexto que a carta foi escrita pela festa do Espírito Santo, e neste ano, porque no seguinte de 1553 já Nóbrega estava em São Vicente e aí ficou até 1556. Vale Cabral, vendo no título «Moradores de Sam Vicente», colocou a carta em 1557, depois que Nóbrega tornou à Baía. Mas em 1557 nem António Pires estava em São Vicente nem já em Pernambuco: tinha voltado à Baía de cujo Colégio era Reitor (LEITE I 61). *Mês.* No texto impresso Vale Cabral leu que Jesus Cristo *subirá* (§ 2), datando a carta antes da Ascenção que em 1557 foi a 27 de Maio. Mas logo a seguir o verbo *faltava* mostra que em vez de *subirá* se deve ler *subira,* pretérito, e que já tinha passado a Ascensão, que em 1552 caiu a 26 de Maio. Dado o carácter colectivo e exortatório — uma espécie de carta pastoral — admitimos a hipótese de ser redigida antes do Espírito Santo para chegar a Pernambuco a tempo de o P. António Pires a ler pùblicamente nesse dia (5 de Junho de 1552). Mas ainda neste caso — em tais documentos colectivos quando não há data expressa — a

norma é que prevaleça aquela em que se lhe dá publicidade. E, como todo o texto coloca em lugar preponderante a vinda do Espírito Santo e com ela abre e fecha, esta data de 5 de Junho de 1552 (Pentecostes) parece ser a oficial e própria desta carta.

VII. **Edição**: Reimprime-se o texto eborense.

Textus

1. Epistolam mittit omnibus habitantibus simul, quia unicuique scribere non potest. — 2. Gaudet de via incepta in Domino, sed oportet ut perseverent in vinculo caritatis. — 3. Hoc unum est necessarium. — 4. Cum Christo crucifixo atque resurrecto et cum gratia Spiritus Sancti. — 5. P. Antonius Pires haec omnia omnibus illis dicet. — 6. Sed gratum sibi esset cognoscere eos confessiones frequentare et ab eis litteras accipere. — 7. Iterum de linguis ignis Spiritus Sancti sine quo nulla conversio gentium. — 8. Et negotiatores in primis esse debent Civitatis Dei. — 9. Exspectat Episcopum et Patres S. I.

Muito amados em Jesu Christo Irmãos. Haquelle Noso Senhor, que já se nos vai à dextra de seu Padre, tenha por bem emviar-vos seu Santo Spirito. Amen.

1. Obrigou-me ho amor que em o Senhor Nosso vos tenho a escrever estas regras a todos, já que com cada hum particularmente não posso comprir: porque como a todos eu tenho escriptos em meu coração com o sangue do Novo Testamento, que ho Cordeiro, pouquos dias há crucificado, derramou por toda a Sidade de Jerusalem com grande e igual amor por todo o mundo, assi tãobem me pareceu bem, com todos juntamente me alegrar escrevendo a todos, pois ho amor hé todo hum e a todos igual.

2. Muito me alegrei no mesmo Senhor que caminhavão bem muitos pera a vida eterna, e não lhes esqueceo logo de todo ha doctrina que por boca deste peccador pobre ouvirão. Quererá o Senhor dar graça pera se acabar, pois ha deu para se começar halgum fructo. Pouquo aproveitará doutra maneira correr hum pouquo após dos ingoen-

---

18 pouquo] porque *ms.*

tos cheirosos do Senhor, após dos quais corriam as que diz a espoza nos Cantares [1], se não achegardes hà botiqua onde elles estão, que hé a vida eterna; assi como diz ho apostolo São Paulo que achegueis, não como gente que açouta ho ar, e que corre e não sabe pera donde nem a que fim, mas como gente a quem espera Jesu Christo pera dar a coroa e fogaça [2] da vida eterna [3], que os dias passados aparelhou a todos aquelles que ho amão, padecendo e resucitando; e agora subira aos ceos a parelhar ho lugar, [183v] acentado à dextra de seu Padre, que somentes faltava, e pera dali nos mandar ho seu Espirito Consolador a todos aqueles que, com as portas de seus sentidos fechadas, por medo das tentações diabolicas, estão com os Disipulos do Senhor junctos em oração [4] e comformidade de vontade. Porque, assi como hé fogo de amor do Padre e do Filho, que hé hum Deus verdadeiro, assi tãobem não obra sua infinita virtude senão onde acha huns mesmos coraçõis, huns mesmos desejos, huma paz, huma opinião, hum amor, huma bomdade, huns propositos, huns mesmos servidores de Christo. Ho qual na oração, que no horto fazia, quando nossos peccados lhe doerão tanto que obrigou a charidade sua infinita, com que amava sua criatura, a suar gotas de sangue, que de seu corpo aos vestidos corria e dos vestidos a terra regava por ser muito: pera o tal tempo guardou pedir a seu Padre que, assi como elles erão huma mesma cousa, todos seus escolhidos fossem huma mesma cousa com elles [5], porque tãobem na vida eterna tudo será hum com Deus; pois está escripto que os que querem bem a Deus, hum mesmo espirito serão com elle [6].

---

1 Cant. 1, 3.

2 Fogaça, termo muito usado no norte de Portugal para significar um grande bolo, e serve para presentes. Que é o sentido com que aqui se emprega, de dom gratuito.

3 1 Cor. 6, 17; 9, 24-26.

4 Act. Apost. 1, 14.

5 Ioan. 17, 21.

6 1 Cor. 6, 17.

3. Esta hé aquella cousa soo, que o Senhor Jesu Christo dezia a suas amigas Martha e Madalena que lhes era necessaria [7], porque todo ho mais perturba muito, e faz lograr este mundo ainda em suas maldades com pouco gosto, e faz perder ho outro. Porque aroidos, nem odios, nem presunções, nem murmuraçõis, nem desinquietaçõis e outras cousas semelhantes, não morão na cassa de Christo, a qual, posto que tenha muitas moradas [8], em nenhuma se recolhem as tais obras; pois que já tem a potentia e justiça deputados outros aposentos no centro da terra pera os tais, omde, pera responder huma cousa com outra, há choro e bater de dentes e outros trabalhos, os quaes queira o Senhor por sua bondade ordenar de maneira que nunqua os experimenteis. Porque grande mal hé de trabalhos deste mundo ir a possuir outros maiores no outro; e já que hé posta [184r] lei no mundo que os filhos de Adaam padeção trabalhos, sejão antes os da penitentia proveitossa, os quais o Senhor, com sua graça de consolação e alegria spiritual, faz mui pequenos, pois o seu jugo hé sempre suave e leve [9], e hé fiel Senhor e boom [10], que no-lo ajuda a levar ainda agora por sua parte; e sempre quer levar ho maior pesso, des que se avezou huma vez a levar ha cruz às costas pera o Calvario, elle de huma parte e Simão Cirineo da outra.

4. Com tal companheiro, com tão amoroso Senhor, quem poderá ser tão fraquo, que não possão fazer penitentia de seus peccados, com tanto sangue derramado, que hé verdadeira meizinha de nossas chagas? Quem não se curará? Curai-vos, Irmãos, curai-vos, se ainda não abastou Coresma, nem padecer Christo, nem resucitar, nem abrirem-vos lá ho tisouro todo da Santa Igreja, pera pagardes com elle

57 deputados] deputadas *ms.*

7 Luc. 10, 42.
8 Ioan. 14, 2.
9 Mat. 11, 30.
10 Hebr. 10, 23; 1 Cor. 1, 9.

todas vossas dividas[11], porque, mui cuitado será haquelle por quem passarem estas cousas todas e ficar ainda por curar; e muito mais cuitado haquelle, do qual se espede Jesu Christo, subindo-sse à dextra do Padre, e ho deixa ainda em peccado mortal; e sobretudo muito mais mal aventurado aquelle a quem, nem con tudo isto, nem com o Senhor nos mandar o seu Espirito de vida abrasador de todos os coraçõis de Jesu Christo, pode acabar consigo aparelhar-se pera recolher seu quinhão, pois, tanto de graça se dá e em tanta abundantia. Muitas vezes cuido eu, e hé pera mim grande sinal do mundo durar pouquo, pois Nosso Senhor vejo que quer esperdiçar tanto sua gloria, e busca tantas maneiras pera a dar, e ha dá e promete tão barata, como cousa que muito já deseja encher ho numero dos escolhidos, e recolher os chamados e convidados hàs bodas de seu Filho. Porque, quando eu vejo que a hum Abraam, Isac e Jacob, tanto seus servidores, não lhes dava mais que muito gado e muitos filhos, e destes outros muitos: que direi agora de hum Deus, tão largo e liberal, que não contente com nos dar a seu Unigenito Filho pera [184v] trinta e tantos annos nos servir e ensinar, e por derradeiro morrer por nós, agora nestes tempos derradeiros não deixa nada por trazer hà praça, pera cada hum, com somentes huma pouqua de contrição, merque ho que lhe fizer mister? Vós, Irmãos, a quem eu nas emtranhas de Jesu Christo desejo ver salvos, mercai muita perseverantia, muita tem perançia, grande castidade, e se não poderdes guardar tanta cousa dos ladrõis, que por vossos sentidos emtrão a roubar, emchei vossa alma de charidade, e nisto empregai todo vosso mealheiro, porque hé fogo tão forte que fogem delle os demónios, e não ousão a entrar na casa onde se elle acende; e, porque sempre tras todas as vertudes após si, logo tereis tudo, se a elle tiverdes.

5. Ho meu amado Irmão e Padre Antonio Pires vo-lo dirá lá de mais perto, com mais charidade, do que ho eu

---

91 a dar] andar *ms.* || 112 lá *del.* mais

---

11 Alusão ao Jubileu do Ano Santo de 1550. Cf. supra, 313, nota 14.

escrevo. Ouvi-o, que creo que lhe dará o Senhor lingoa pera vo-lo dizer, pois deu muitas de fogo a huns pobres e ignorantes pescadores, e tãobem lhe dará coração pera chorar vossos peccados, juntamente com os seus e meus.

6. Muito desejo saber a ventagem que achais da comfissão continuada, a qual conhecereis da emenda da vida, com o qual rogo a Nosso Senhor me queira consolar, vindo-me disso boas novas. E folgaria muito que muitos me escrevessem mui particularmente, porque, posto que eu a todos não escreva, com todos falo muitas veses, e em minha alma hos converso, e às veses passeando com elles por essas ruas, e em minhas pobres orações e sacrifícios, cada hum tem seu quinhão. Queira o Senhor, por quem hé, aceitar meus desejos, os quais são fazer-vos Nosso Senhor tais quais erão hos da primitiva Igreja; porque, se haí não houver grande fogo de charidade, como será possivel ence[n]deren-se os corações do Gentio?

7. Primeiro acendeu ho Spiritu Sancto fogo de lingoas em seus doze Apostolos, dos quais se ateou toda Europa e Asia e Grecia e ha Palestina e Afriqua; e quasi que todo ho mundo, ho qual fogo se apagou já muita parte delle por meus peccados e por não achar corações limpos e puros em que ardesse, porque esses que avia quis o grande Pater-familias recolhê-los à sua gloria, porque já lho merecia[m]. E porque somente destas partes, de Nosso Senhor tão esquecidas tantos mil annos há, nunqua se acendeo, nem se conheceo tal fogo, muito desejo eu que haquelles a quem Nosso Senhor ho der, tenha[m] tão grande cuidado que não se lhe apague, mas antes, atiçando com a comunicação dos sacramentos, com as orações ferventes, com as conversações castas e puras, com grande contrição do passado, e prepossito constante do que está por vir, com a frequente meditação dos tempos passados, dos presentes e dos que esperamos que seram sem fim, com muita guarda dos sentidos, e muito mais do coração, o qual não hé rezão, que seja senhor delle senão ho mesmo que ho criou à sua imagem e semelhança.

---

115 pescadores *corr. ex* peecadores

Com estas cousas, e outras muitas que ho mesmo Spiritu de vida sabe mui bem ensinar nos corações, onde entra, queria eu que de tal maneira ardeseis em charidade, que até os matos se queimassem com elle.

8. Ó Irmãos de Jesu Christo, herdeiros com elle da sua gloria, filhos perfilhados do Padre Eterno [12], vós sois as prantas, ha nova semente, que o Senhor nestas partes pôs e plantou! Quem vos detem que não dais fructo digno de se apresentar na mesa do Rei Celestial? Estas são as fazendas principais que aveis de fazer no Brasil; este hé o trato, que deveis de ter com os cidadãos da Cidade de Jerusalem celestial, mandardes lá muitos gemidos, muitas setas de fogo. O portador, que leva e traz, hé o mesmo Espirito Sancto. Ó trato bendito, não de açuquere coruptivel, mas de graça, mais saborosa que favo de mel, quam poucos há que te queirão ter! Quam poucos mercadores da vida eterna se achão! Se os mercadores de pedras preciossas topassem contigo, venderião tudo por te [185v] mercar e em ti tratar. Trato sem perigo, porque ho piloto, que governa, nam pode errar; trato de tanto ganho, no qual não se ganha hum por cento, mas por hum se dá cemto [13], e sobretudo vida eterna em contrapesso; trato que neste mundo emrriquece de graça e no outro de gloria; trato sem desasosego, antes quanto mais se trata, quanto mais de quietação se ganha; trato onde nunqua se perdeo ninguem e todos pesuiem suas riquezas em paz; trato sem perigos, mas antes elle livra de perigos; trato onde onzenar hé merecer e nam peccar; trato, finalmente, com o qual se afermosenta a Cidade de Deus celestial de almas que louvão a seu Senhor, e ha terra dos desterrados filhos de Adão recebe por retorno mercadorias espirituaes de graça, de vertudes, de consolações! Deste trato quero eu e desejo que aja muito nessa terra, ao menos antre aquelles que

165 mercadores *del.* se achão

12 Cf. Rom. 8, 13-15.

13 Marc. 4, 20.

bem sabem chorar seus peccados, deixando o trato maldito de peccar, pois por retorno não tem senão fogo de emxofre que queima e nunqua acaba de queimar. Porque assi como por fogo de comcupicentia da carne e dos olhos e da soberba da vida [14] se paga no inferno estou[t]ro fogo infernal, assi tãobem por fogo de charidade e amor se paga, na Cidade de riba, moeda de outro fogo de gloria, ho qual hé haquella grande fogueira da esencia divina, que a todos abrassa e encende em si quamtos ao derredor estão; porque, como dis São Paulo [15], desta cousa pouqua, que ho Spirito Sancto reparte, hiremos a outro [dom] grande e perfecto. Ho repartidor, que donde quer inspira [16] e que repartiu muito aos Apostolos, reparta tãobem com essa terra seu quinhão, porque, querendo elle e querendo vós ouvi-llo, tenho por certo que alegrareis a Sidade de Deus [17], com ho [186r] inpetu do rio de lagrimas e com a emenda de vossos peccados; e por mi rogareis todos ao Senhor, pois vo-lo digo com entranhas de amor, e muito mais ho desejo.

9. Agora esperamos Pastor, e tãobem Padres da Companhia, ho que tudo nos ajudará.

Desta Baya.

46

DO P. LEONARDO NUNES AO P. MANUEL DA NÓBREGA, BAÍA

S. VICENTE 29 DE JUNHO DE 1552

I. **Bibliografia:** LEITE IX 17 n. 4.

II. **Autores:** POLANCO, III 460; LEITE I 335.

---

14 Cf. 1 Ioan. 2, 16.

15 1 Cor. 12, 4-31.

16 Ioan. 3, 8.

17 S. Agostinho era uma das leituras de Nóbrega. LEITE IX 429. Não apenas as «Meditações» e os «Sermões» (*Diálogo sobre a Conversão do Gentio,* 100); mas também a «Cidade de Deus». Só nesta carta o nome de «Cidade» aparece quatro vezes. Índice de determinada cultura e espiritualidade e sua primeira manifestação histórica no Brasil.

III. **Texto**: Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 88r-89r [antes 313r-314r]. Título: «Copia de una de Leonardo Nunes para el P. Manoel de Nobrega a 28 de Junio 1553». Tradução espanhola do original perdido.

2. *Bras. 3-1*, ff. 72r-74r [antes 320r-322r]. Tradução latina do espanhol.

IV. **Impressão**: Retroversão portuguesa moderna: LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas — de Nóbrega a Vieira* (São Paulo 1940) 135-140.

V. **Data**: No título da tradução espanhola lê-se «28 de Junio 1553», e na cláusula: «oy veinte e nueve de Junio 1552», que é a data certa; sobre o 2 deu-se um traço e escreveu-se por cima 3. Mas antes da emenda fez-se a tradução latina que mantém o ano de 1552. E de facto em Junho de 1553 já Nóbrega estava em São Vicente.

VI. **Edição**: Publica-se o texto (1).

Textus

1. Castellani in Praefectura S. Vincentii versantes qui e Perua et Paraquaria venerunt. — 2. P. Leonardus propositum habet adeundi Paraquariam cuius statum describit. — 3. Indos Carijós laudat. — 4. In mentem sibi venit proficisci ad Paraquariam die prima Augusti. — 5. Vocatur Bareachu. — 6. De viro matrimonio coniuncto qui ingredi vult S. I.

Pax Christi.

1. Después de tener escrito a V.ª R.ª hablé con unos castellanos que aquy estão, y vinieron del Perú hastaquy por terra [1]; y después destos llegaron otros del Paragay, adonde tienen una grande población [2], como allá verá en

1 «Por terra», isto é, «pelo interior», não por mar, via Rio da Prata; e distingue entre vindos do Peru e vindos do Paraguai. Os do Peru já estavam antes; os do Paraguai chegaram a S. Vicente durante esse mês (Junho de 1552) depois daquela primeira carta. Não conhecemos elementos seguros para determinar quem fossem estes «castelhanos». Sobre algum português (Diogo Dias) que então foi de S. Vicente para o Paraguai, cf. SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA, *Cobra de Vidro* (São Paulo 1944) 95. Entre os portugueses do Paraguai, chegados a S. Vicente em 1552, deve incluir-se António Rodrigues (carta 65 § 15).

2 Asunción.

EXPANSÃO DOS JESUÍTAS NO BRASIL (SÉCULO XVI)

Da «História da Companhia de Jesus no Brasil» I [1938] 512/513

las cartas [3]. Los quales me contaron la gran perdición de las ánimas que alá ay, e juntamente me dixeron mil bienes de aquellos gentiles adonde están, que son los Carijós, y la disposición que tienen para ser buenos christianos.

2. Esto me truxo grandes deseos de ir allá, y quase me detremyné de lo hazer, todavía deseando en esto accertar y hazer lo que Dios fuesse más servido, como continuamente le pido en mys orationes, así también esto particularmente le encommendé y hize encommendar a los Hermanos, para que en todo lo que hiziesse se compliesse su sanctíssima voluntad. Y lo que a ellos les parece es que yo devía de ir. Yo también asy lo siento, aunque quedo confuso quando pienso que no sé se será esta la voluntad de V.ª R.ª, la qual creo será la de Dios. Y aunque de otra parte pienso que se V. R.ª aquy estuviera y oyera las cosas que yo oyo, que aunque su mala disposición corporal lo impidiera, la charidad le forçara a poner en execución lo que yo no oso detreminarme del todo; porque me dizen que ay allí diez sacerdotes, y destos solos dos o tres no tienen siete, ocho hijos, como los otros tienen; y éstos todavía tienen cinquo o seis indias dentro de su casa, las quales los sirven dando mucha mala sospecha de mala vida; y alguno ay dellos que no celebra a ya diez años, y otro a 3 ó 4, y aos otros más les valdría no celebrar.

Ay allí, según dizen, sietecientos o ochocientos hombres y todos repartidos em cinquo bandos contrarios, y quada uno tiene a lo menos dez indias y algunos hasta sessenta o setenta. Ay quyen tiene madre y hija, y de ambas hijos; y otros que tienem dos hermanas y tías y sobrinas, y de la misma manera que tienen de unas y de otras hyyos; y muchos o quasi todos tienen muchas parientas como primas hermanas, y en otros grados de affinidad. Y állase que éstos todos, entre hijos y hijas, son quatro mil, y

11 accertar *corr. ex* acceptar || 24 dos *corr. ex* dios

3 Perdidas. Cf. 44a-c.

todos de quatorze a quinze años para baxo. Todos éstos, según sus peccados, parecen que no tienen sino el nombre de christianos: y si ouviesse de contar a V. R.ª los grandíssimos excessos que tienem en sus vicios, numqua acabaría.

Y lo que yo siento también, por la mucha información que tengo de allá, es que según la opinión que ellos tienen de la Compañía, por lo que de nosotros oyen dizir, en muy poco tiempo se acabara entre ellos mucho con la ayuda de nuestro Señor. Y ayudará en esto que están ya esperando que los ha de ir a socorrer alguno de la Compañía, y con les dizir un hombre que daquy fué [4] lo que nosotros hazemos, quedaron muy confusos; y con les dizir que yo avía de ir allá, andavan ya todos, así sacerdotes como los otros, despediéndose de sus vicios, para que quando fuesse no nos hallasse embueltos en tantos peccados.

El tiempo que allá podré estar, querendo nuestro Señor, serán dos meses, y en la yda se gastará un mes o, a lo mucho, mes y medio; y la venida, por ser por ríos arriba [5], será en tres meses, de manera que por todos serán hasta 7 meses. Y por tan [88v] poco tiempo no me parece bien dexar de acudir a tanta perdición de ánimas, aunque tan grande empresa como esta más pertence a otro, que fuesse más siervo de Dios, que no a my. Mas, todavía, si asy nuestro Señor me lo diere a sentir, y los Hermanos y la gente virtuosa y de respecto desta Capitanya me lo aconseyaren, detremino de ir, y será presto con ayuda de nuestro Señor, por me parecer que esta será la voluntad de Dios y de V.ª R.ª

3. Hasta ora hablé de my vyda. Deseando escrevir a V. R.ª grandes minas de ánimas que nuestro Señor tiene discubiertas, muy apareyadas para se compryr su sanctíssima

---

39 éstos] éstes *ms.* || 49 les *corr. ex* nos || 56 a lo] a la *ms.* || 59 tan *corr. ex* tanto

---

4 O homem que foi de São Vicente ao Paraguai: talvez se trate de Diogo Dias (cf. nota 1).

5 Vias fluviais do Anhembi (Tietê) e Paraná; cf. nota 1.

fe en ellas, aún por carta no podré dizirle todo lo que see. Y es que los castellanos que vinieron del Paragay, antes que yo les preguntasse nada, andavan por estas poblaciones diziendo cosas de aquella gentilidad de los Caryyós que eran mucho para espantar y alabar a N. Señor. Yo después suppe de personas de mucho crédito lo mismo. Y espantarse a V. R.ª cómo oyendo esto no me partí luego con todos los Hermanos a yr a doctrinar aquella gente tan sedienta y despuesta para recebir nuestra sancta fe: porque certifico a V. R. que si gran espanto y fervor en my causa[n] las cosas que nuestro Señor por los de la Compañía obra en las Indias, Ormuz, Japón [6], etc., causa lo que [o]yo dezir destos gentiles Carijós, de lo qual escreviré algo a V. R.ª

Primeyramente son ya baptizados cerca de viente mil, y los christianos vivem castamente, ny tienem más que una moger. Gardan muy bien todos los domingos y días de fiesta; vienen de ocho y diez leguoas quada domingo a la missa y a la doctrina christiana que un Padre deles haze. Y quada Aldea tiene una cruz, y luego de manhana se llevanta el Principal y ayunta toda la gente quada uno en su Aldea, y el que meyor sabe las oraciones las enseña a los otros y acabado esto quada uno adora la cruz, y vase ocupar en sus trabayos. Si acaesce passar por las Aldeas algún Padre que sepan que lleva cruz, irán una legua y dos tras él para que se la dexe besar; y si algún christiano va por Aldea donde no ay cruz, danle quanto tienen por que les haga alguna. Al deredor de la población viente y trienta legoas no ay hombre que coma carne humana, ny mate esclavo. Muchas vezes vienen muchos indios con grandes presentes de venados y galinas, peces, cera y mel a los sacerdotes a pedirles que los baptizen y les hagan saber la doctrina christiana, y les enseñen las buenas costumbres de los christianos. Y se algún passa por las Aldeas es muy importunado

103 *Prius* algunos

6 À Índia Oriental tinham chegado em 1542; a Ormuz e Japão em 1549.

dellos haste que les enseñe las oraciones, y muchos los persiguen que los hagan christianos y les digan algunas cosas de Dios. Y sy acaesce ir un sacerdote por antrellos, la tierra toda se move con él, y le van siempre haziendo el camino, y se quisiesse que lo llevassen a cuestas, lo llevarían.

Todas estas cosas y otras que no escrivo por el portador estar de prissa, yo las tengo por muy ciertas porque me enformé de todos estos hombres que de allá vinieron, y todos acerca desto me hablan de una mesma manera. Y cierto que, aunque hallá no pudiera hazer el fructo que espero, todavía me parecería conveniente ir a ver aquella gente [89r] para traer a V. R.ª nuevas ciertas de lo que desea que sepamos: scilicet, en quál tierra destos gentiles se podrá obrar más por nuestro medio en la conversión dellos. Y cierto, quanto a lo de fuera, que parece ser estes Carijós; porque siendo, como V. R.ª sabe, estos gentiles desta Capitanía buenos, todos estos hombres que vienem de los otros dizen ser éstos perversos y malos en respecto de los otros, los quales son mansos. De manera que anda un christiano cien leguas entre ellos apartado de los christianos, y si algún indio no le haze su voluntad lo mata, sin aver quien le ose contradizirle, ny levantar los oyos para lo christiano, sólo porque es christiano, lo que no tienen éstos de aquy. No beben vino hasta emborracharse como éstos, antes una Aldea bebe un solo cántaro o dos de vino, y esto raramente, lo que es gran cosa, porque el mucho bever destes es cousa de muchos males, como ya V. R.ª terná experimentado. Tienen también otras buenas partes para hazerse en ellos notable fructo, que éstos no tienen.

4. Ya tengo detreminado de ir allá, y aora me dixo un hombre que vino de allá, que un mancebo muy virtuoso, que sabe muy bien la lengua, está esperando por my para dexar el mundo y ser my compañero, lo que será gran ayuda para los gentiles, porque su lengua es muy differente

---

104 muchos *post corr.* || 106 sy *corr. ex* asy || 124 *Prius* apartados || 134 allá *del.* que un

de la destos [7]. Aquá dexo todo el collegio ordenado, y quedan algunos Hermanos en algunas Aldeas aquí en deredor para les enseñar la doctrina, y otros embío a una Aldea [8] que a mucho que me piden que los embíe a enseñar y hazer christianos. Mi partida, si nuestro Señor fuere servido de yo ir, será el primer dia de Agosto, y he de llevar vino, porque avrá doze o treze años que no llevaran vino aquella gente. Y un poco que gardaran en una botiya, les duró hasta aora, estando miraculosamente sin nunqua se dañar, y no hechavan más vino en el cálix de quanto cupiera en una cáscara de avelhana, y aún no tanto. Creo que será gran servicio de Dios llevarles vino para poder dizer missa: mas yo no lo tengo de dar a nadie hasta de todo ser apartado[s] de sus indias, e ser emmendados de sus malas vidas.

5. Díxome un hombre que de allá vino que una de las cosas en que más consolava los Carijós, era con les dizir que vinía a buscarme. Y allá me llaman «Bareachú» [9], que

---

148 de *corr. ex* que

---

7 A língua dos Carijós (Guaranis) não é muito diferente da língua brasílica (tupi). Ou a informação não foi bem dada ao P. Leonardo Nunes ou o confronto não é entre Carijós e Tupis.

8 Estas Aldeias dos arredores de São Vicente incluem sem dúvida Itanhaém. Mas trata-se da hipótese da ida ao Paraguai: Nunes deixaria alguns Irmãos no Colégio, outros nas Aldeias. E parece que não se pode excluir a hipótese de ser esta Aldeia já no Campo, pois educando-se os filhos no Colégio de São Vicente, compreende-se que os pais também pedissem catequistas. Não indo Leonardo Nunes ao Paraguai, a chegada de Nóbrega, daí a meio ano, modificaria estes projectos, fazendo no Campo, não apenas uma Aldeia de catequese, mas, juntando-se três numa, a transformou em centro da actividade da Companhia, e transferiu para ela o Colégio (Piratininga).

9 «Bareachu». O *e* intermédio está escrito nesta palavra de forma que parece *c*; e no *ms.* pode-se ler «Barcacliu» ou «Barcaclui». POLANCO leu «Barcacum» (*Chronicon* III 460) e SIMÃO DE VASCONCELOS «Barcaclué»; e este último aplicou o epíteto a Nóbrega (*Chronica* liv. I § 131). A palavra «Barcaclué» originou discussão, que se colocou no fim das *Cartas do Brasil* (ed. de 1931) 247-249. E talvez por influxo desta

quiere dizir Padre sancto verdadero; e que para poder vinir seguro por entre estos gentiles de aquá dizía que era my hyjo, y que yo lo embiara a llamar, y que por eso lo ayudavan y le hazían honrra, de manera que por la voluntad de Dios tienen todos estes gentiles mucho crédito y amor a los de la Compañía, teniendo ya alguno conocimiento dellos como de meyor gente, aunque en my se engañan.

6. Ha nuestro Señor acá mirablemente movido un hombre casado [10] y su moger, los quales, siendo mys devotos, con muchas lágrimas y consolación spiritual hizieron voto de castidad, y él de entrar en nuestra Compañía sy le recibiessen; y si esto no alcançasse está determinado así él como ella de servir en hospitales a los enfermos, y viviendo de limosnas; y ambos son nobles. Dios sea alabado por todo. Encommiendome en bendición y oraciones de V. Reverencia.

Deste San Vicente, oy vente y nueve de Junio 1552.

CARTAS PERDIDAS

46a-c. *Dos moradores das Capitanias do Brasil ao P. Manuel da Nóbrega, Baía* (Primeira metade de 1552). «E tãobem os outros collegios das Capitanias querem fazer os moradores, e escrevem-me cartas sobre isso», diz Nóbrega, infra, carta 47 § 6.

---

168 está *del.* él || 173 1552 *alia manu corr. sup.* 1553

---

discussão ainda lemos em 1940 «Barcacliu». Mas estudando o *ms.* verifica-se que o final pode-se também ler «achú». E com isto tudo se esclarece: «Bareachú». «Baré» ou «Abaré», «homem santo verdadeiro» [«Abade santo verdadeiro», carta 59 § 5]; «achú» ou açú, grande. Ou seja: Abaré= homem santo= que trata com coisas santas= sacerdote; açú= grande= Superior. Em 1552 Leonardo Nunes era de facto, em S. Vicente, o único sacerdote Jesuíta e era o Superior dos desta Capitania. Portanto Bareachú= Padre Superior. Convém saber que, com a palavra «Abareaçú», que se generalizou a qualquer Padre Superior, coexistia a expressão «Paí Guaçú». LEITE VIII 416.

10 Luís de Góis (carta 58 § 12).

47

DO P. MANUEL DA NÓBREGA A D. JOÃO III REI DE PORTUGAL

[BAÍA PRINCÍPIOS DE JULHO DE 1552]

I. **Bibliografia:** SOMMERVOGEL V 1782 n. 11; STREIT II 337 n. 1227; LEITE IX 8 n. 14.

II. **Autores:** LEITE II 517; *Breve Itinerário* 73-74.

III. **Texto:** Único. Biblioteca de Évora, CXVI/1-33, ff. 192r-195v. Título: «Outra do mesmo Padre [Nóbrega] a El Rei Dom João». Apógrafo em português.

IV. **Impressão:** *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* XLIII, 1.ª P. (1880) 96-100; VALE CABRAL (1886) 98-100; (1931) 133-136; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 112-117.

V. **Data:** O Bispo chegou à Baía a 22 de Junho de 1552 e não se tinha passado um mês que já se manifestava contra a catequese. Desta manifestação ainda não transparece nada nesta carta, que deve ter sido enviada com a seguinte de 10 de Julho de 1552.

VI **Edição:** Reimprime-se o texto eborense.

Textus

1. Adventus Episcopi Bahiam. — 2. E Portugalia in Brasiliam mittendae sunt orphanae aliaeque foeminae. — 3. Multi etiam homines mittendi ad labores non autem ad officia publica. — 4. Episcopo vel eius Capitulo conferendum est aliquod beneficium ecclesiasticum in Portugalia. — 5. Gubernator Thoma de Sousa bonus est, sed timet Nóbrega ne veniat alius non aeque bonus. — 6. Ingredi vult interiora terrarum sed antea fundandae sunt domus in praefecturis. — 7. Brasilia in dies crescit rebus temporalibus et spiritualibus et Indi in unum pagum convenire incipiunt. — 8. Ut amplius progrediatur Brasilia, e Portugalia multos habitatores venire oportet. — 9. Spem habet in laboribus Episcopi. — 10. Et Regem rogat ut Brasiliae faveat.

Jesus

Nosso Senhor Jesu Christo dê muita graça e consolação a Vossa Alteza sempre. Amen.

1. De Pernambuco escrevi [1] a V. A. mais largo do que agora farei, porque de llá não avia tantos que informacem da terra a V. A. como á de quá. Ho Bispo [2] nos trouxe Nosso Senhor tão desejado de todos, posto que com muitos trabalhos e prolixa viagem, hapesar do principe das escoridades que bem quizera estorvar sua vinda, pois com ella eiicientur foras [3], e daram muitas almas gloria ao Senhor.

2. Já que escrevi a V. A. ha falta que nesta terra há de molheres com que os homens casem e vivão em serviço de N. Senhor apartados dos peccados em que agora vivem, mande V. A. muitas orfãas [4] e, se não ouver muitas, venhão de mestura dellas, e quaisquer, porque são tão desejadas as molheres branquas quá, que quaisquer farão quá muito bem à terra, e ellas se ganharão e os homens de quá apartar-se-ão do pecado.

3. Esta terra hé tão pobre ainda agora, que dará muito desgosto aos oficiaes de V. A., que lá tem, com verem muito gasto e pouquo proveito ir de quá, maiormente hàqueles que desejão mais irem de quá muitos navios carregados de ouro, que pera o ceo muitas almas pera Christo, se se não remedear em parte com V. A. mandar moradores que rompão e queirão bem à terra, e con tirar officiaes, tantos e de tantos ordenados; os quais não querem mais que acabar seu tempo e ganhar seus ordenados, e

---

2 graça *sup.* || 19 do *prius* dos

---

1 Escreveu a 14 de Setembro de 1551; mas diz nela (§ 1) que já tinha escrito outra de Pernambaco, e esta não se conhece.

2 D. Pedro Fernandes.

3 Cf. Ioan. 12, 31.

4 Carta de 14 de Setembro de 1551 § 10.

terem alguma auzão [5] de irem importunar a V. A. E como este hé seu fim principal, não querem bem à terra, pois tem sua afeição em Portugal, nem trabalhão tanto pella favorecer como por se aproveitarem de qualquer maneira que poderem. Isto hé o geral, posto que antre elles averá alguns fora desta regra.

4. Acresenta[m]-se agora gastos de Bispo e Cabido, o que a terra neste principio [192v] não poderá sustentar, juntamente com os officiais. Abastava quá hum governador com hum ouvidor geral sem asinaturas pera não aver muitas demandas, e pouquo mais, pera tudo ho que ao presente na terra há por fazer, porque não sei que parece aver officiais de dozentos mil reis, com fazerem pouquo mais de nada, dos dizimos da Igreja, e os Padres morrerem de fome com rezarem todo o dia. Ho mais do que aproveitarão até agora foi de representarem gente, elles e seus criados, ho qual bem se escuzará se vi[e]rem moradores. Algumas vezes cuido quão bem empregada seria, antretanto que a terra [não] ajuda mais, dar V. A. huma igreja [6] ao Bispo e Cabido, do Mestrado de Christo ou Santiago, pois hé tanto pera serviço do mesmo Christo.

5. Temos por nova que manda V. A. ir pera ho anno ha Thomé de Sousa. Obriga-me Nosso Senhor a dizer ho muito que temo vir outro que destrua isso pouquo que está feito, e que favoreça mais os peccados [e] vicios que este, e que queira hir aproveitado à custa da terra. Sei que folgara muito de viver nesta terra se quá tivesse sua molher, ainda que não fosse governador, se huma filha [7] que tem a tivesse casada. Isto tudo não sei como possa ser; os meus desejos em Nosso Senhor são que ou elle se

31 pella] pelo *ms.* || 47 ajuda *bis*

5 Auzão por ouzão [ousão].

6 De acordo com as leis do Padroado Real. LEITE VII 285.

7 D. Helena de Sousa, que veio a casar-se pouco depois, antes de 27 de Julho de 1554, com D. Diogo Lopes de Lima (*História da Colonisação Portuguesa do Brasil* III 331).

não vaa, ou façam lá outro por elle, porque o maior mal que lhe achamos hé ser mais amigo da fazenda, hum pouco, de V. A., do que deve. Ao menos alembro a V. A. que não mande a esta terra governador solteiro, nem mancebo, se ha não quer ver de todo destruida, e grande bem seria se fosse casado e viesse com sua molher.

6. Pera daremos principio e fundamento a estas casas das Capitanias que comessamos a ffundar, não somos já idos a descobrir ha terra, segundo as novas que temos, posto que com todos meus Irmãos muito ho desejamos já, e certo que o espirito do Senhor nos compele e força já muito. Mande V. A. muitos da Companhia que sostentem este pouquo que está ganhado, pera que nós possamos ir buscar tisouro d'almas pera N. Senhor, e descobrir proveito pera este Reino e Rei, que tam bem o sabe gastar em serviço e gloria do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

7. [193r] As mais novas da terra averá muitos que as dirão a V. A. Ho que me a mi ocorre pera dizer hé que vai tudo en crecimento, assi no espiritual como no temporal. Alguns se fazem christãos despois de muito provados, e vai-sse pondo em custume de, ou serem boons christãos, ou apartarem-se de todo da nossa converçasão. E os que se agora bautizão os apartamos em huma Aldea, onde estão os christãos, e tem huma igreja e casa nossa, onde os emsinão, porque não nos parece bem bautizar muitos em multidão, porque a esperientia ensina que poucos vem a lume, e hé maior condenação sua e pouca reverentia do sacramento do bautismo.

8. Ho temporal tãobem vai en cresimento posto que devagar, porque V. A. não manda moradores que aproveitem à terra. Pera mim tenho por averiguado que, se vierem moradores, que este gentio se senhoreará facilmente, e serão todos christãos se, vindo elles, se defender resgatar com os gentios, permitindo-se somente resgatar com os christãos e cathecuminos que viverem apartados dos outros, debaixo da obedientia de hum pai que os reja, e de hum

---

60 achamos *corr. ex* chamamos || 94 reja *corr. ex* rega

Padre nosso que os doutrine: e desta opinião acho quá a todos os que da terra mais sabem, porque gente que não tem Deus por quem morrão [8] e tem tanta necessidade do resgate [9], sem o qual não terão vida, ainda que muito a seu salvo nos podessem botar da terra não lhes comvinha, e se os obrigarem a serem christãos pera poderem resgatar, facilmente o farão, e já agora o farião se lho defendessem. E porem a necessidade que temos delles e de seu serviço e mantimentos ho nam permite, e se vierem moradores que rompão a terra, escusar-se há o trato com elles e ha terra de todo se asegurará.

9. Ha terra recebe muito bem ao Bispo e já se comessa de ver a olho ho fructo, o qual esperamos que cada ves mais irá en cresimento, porque da primeira pregação que fez já cada hum começa a cobrir e dar ropas a seus escravos e vem vestidos à igreja. O que fas ha authoridade e magestade [193v] de hum Bispo! Espero no Senhor que com sua vinda e doctrina se faça nesta terra hum boom povo christão.

10. Favoreça V. A. de lá e não abastem friezas e desgostos de estorvadores ha estorvarem ho sancto zelo e preposito de aumentar a ffee chatolica, que Deus N. S. tem dado a V. A.

CARTAS PERDIDAS

47a-c. *Cartas de Tomé de Sousa a Padres de Portugal* [?] (Baía antes de 10 de Julho de 1552). «E veja-se o espirito de suas cartas», escreve Nóbrega a Simão Rodrigues, 10 de Julho de 1552 § 10. Cf. LEITE, *Cartas de Nóbrega* (1955) 83* n. 26.

95 a *interp.*

8 «Gente que não tem Deus por quem morrão», cf. carta de 10 de Março de 1553 § 5; *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* 74 95-96; *Cartas de Nóbrega* (1955) 220-221 242-243.

9 Resgate, trato de compra e venda, negócio; e os próprios objectos, em particular os de ferro, anzóis e facas. Cf. infra, carta de Nóbrega, de 15 de Junho de 1553 § 20.

48

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

BAÍA 10 DE JULHO DE 1552

I. **Bibliografia:** SOMMERVOGEL V 1782 n. 10; STREIT II 336 n. 1222; LEITE X 7 n. 12.

II. **Autores:** CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, *Notas para a história pátria,* in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* XL, 2.ª P. (1877) 365-369; LEITE I 174; II 517; IX 419; *Breve Itinerário* 74 145; MARIZ 103; NEMÉSIO 255-260.

III. **Texto:** Original português perdido.

1. Biblioteca de Évora, CXVI/1-33, ff. 189v-191v. Título: «Outra carta do mesmo Padre [Nóbrega] para o Provincial de Portugal». Apógrafo em português. Incompleto. Falta o final da carta [§§ 13-15].

2. ARSI, *Bras. 3-1,* ff. 47r-48v [antes 291r-292v]. Título: «52. Copia de algunos capítulos de la carta del Brasil X Julio». Tradução espanhola. Incompleta. Falta o começo da carta [§ 1], e os §§ 9-10; e resume aqui e além.

3. *Bras. 3-1,* f. 49r-49v [antes 276r-276v]. Título: «Cavato de una littera del P. Nobrea, de Baia nel Brasil 10 de luglio 1552». Tradução italiana feita pela espanhola e mais resumida.

IV. **Impressão:** *Novi Avisi di piu lochi de l'Indie et massime de Brasil* (Roma 1553), sem paginação [carta n. 3]; *Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo* (Veneza 1559) ff. 149v-150v; *ib.* (Veneza 1565) ff. 149v-150v; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* XLIII, 1.ª P. (Rio de Janeiro 1880) 100-104; VALE CABRAL (1886) 94-97; (1931) 128-132; LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas — de Nóbrega a Vieira* (São Paulo 1940) 23-28; *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 118-128.

V. **História da Impressão:** *Novi* e *Diversi Avisi* imprimem a tradução italiana resumida (3); *Revista* e *Cartas* o apógrafo português, incompleto (1); *Novas Cartas* a retroversão portuguesa da tradução espanhola (2); *Cartas de Nóbrega* (1955) o texto completo (por 1 e 2).

VI. **Destinatário:** O texto 1 dá a carta dirigida ao Provincial de Portugal. Nóbrega ignorava que o P. Simão Rodrigues já não tivesse o cargo quando escrevia. Mas toda a carta é dirigida a ele; e falando de todos os Padres e Irmãos que Simão Rodrigues lhe confiara: «Pater, quos dedisti mihi non perdidi ex eis quenquam» (§ 9).

VII. **Edição**: Reimprime-se o apógrafo português mais completo (1), e a seguir a parte final da tradução espanhola (2); e assim se edita na íntegra toda a carta.

Textus

1. Adventus Episcopi. — 2. Qui vult ut Patres S. I. sint visitatores. — 3. De Collegio Puerorum Iesu et de eleemosynis Patrum. — 4. Subsidium regium. — 5. Servi et armentum. — 6. Collegia fundanda sunt in praefecturis. — 7. Progressus collegii bahiensis. — 8. De ministeriis Patrum et Fratrum nominatim. — 9. Duos pueros Brasiliae in Portugaliam missurus est ut operam dent studiis et sacerdotes efficiantur. — 10. Gubernator Thoma de Sousa in Brasilia libenter remaneret. — 11. Nóbrega cupit interiora terrarum adire sed desunt Patres S. I., quos a Portugalia exspectat. — 12. Ecclesia collegii bahiensis reficienda est. — 13. In Praefectura S. Vincentii res bene se habent sed desunt Patres. — 14. Subsidium regium omnibus Brasiliae Patribus et Fratribus extendi oportet. — 15. Sese parat ad visitationem praefecturarum et iterum petit quamplures Patres ad conversionem gentium.

1. Huma recebi de Francisco Amriquez [1] escripta por mandado de V. R. Alegrou-nos muito com as novas que dos Irmãos soubemos.

Bespora da bespora de São João [2] achegou ho Bispo [3] a esta Baya con toda a nao e gente de saude, posto que trouxerão proluxa viagem, e quá parecia a todos que não viria, de que a sidade hera muito triste, e muito nos tememos

1-18 Huma — Companhia *om. Bras. 3-1* || 2 novas] mais *ms.*

1 Francisco Henriques, «moço da camara del Rey», nasceu em Lisboa por 1520, entrou na Companhia em Coimbra a 10 de Fevereiro de 1546. Foi procurador de Portugal (1552), Reitor do Colégio de S. Antão (1557), de novo procurador de Portugal (do Brasil e da Índia), secretário da Província de 1558 a 1564; sócio do Provincial 1566, prepósito da Casa Professa de S. Roque (1569-1571) e faleceu na mesma Casa (Lisboa) em 1590. Havia mais três Padres do mesmo nome e no mesmo tempo, adverte SCHURHAMMER, *Epp. Xav.* I (1944) 99*. Mas é este, como procurador, que tem relação com o Brasil. Cf. LEITE, *Cartas de Nóbrega* (1955) 61*-62*.

2 22 de Junho.

3 D. Pedro Fernandes.

querer N. Senhor castigar os peccados desta terra com não no-la trazer. Sed tristitia nostra versa est in gaudium, com ha trazer com tanto trabalho, que, como todos dizem, foi muito obra de N. Senhor. Ho Bispo veo pousar comnosco, até que lhe mercarão humas boas casas [4] em que agora está. Hé muito benino e zelozo, e amostra-se nelle bem ter amor e sentir as cousas da Companhia. Pregou dia de S. Pedro e S. Paulo [5] com muita edificação, com que muito ganhou os coraçõis de suas ovelhas. Eu trabalharei sempre por lhe obedecer em tudo, e elle [190r] não mandará cousa que perjudique a nosso Instituto e bem da Companhia.

2. Ho Bispo detremina occupar-nos na visitação das Capitanias, e agora neste navio emcarega ao P.e Antonio Pirez, que está em Pernambuquo, até elle hir, visitar. E, considerando eu a obedientia que lhe devo ter, e não nos occupar mais que emquirir e amoestar, e não julgar ninguem, nem tomar conhecimento de causas, e ha falta que disso há de homens, e asi esta primeira vez á-de ser tudo por amor, me detremino fazê-lo por me parecer muito serviço de Deus N. S. Se V. R. lhe não parecer bem, escreva-lhe que nam no-lo mande, porque diz que V. R. lhe disse que nós o ajudariamos nisso.

3. Este Collegio dos Meninos de Jesu vai em muito crecimento e fazem muito fructo, porque andão pellas Aldeas com pregaçõis e cantigas de Nosso Senhor polla lingoa que muito alvoraça a todos, do que largamente se escreverá por outra via [6]. Ho mantimento e vestiaria [7] que nos El-Rei dá todo lho damos a elles, e nós vivemos de

---

9 trazer *del.* con tanto trabalho || 22 que lhe devo ter] que manda que le tenga, y dezyrme que con vuestra Reverencia y con el Rey lo platicó *Bras. 3-1* || 24 causas] cousas *ms.* || 30-45 Este — merecemos *om. Bras. 3-1* || 33 do *sup.*

---

4 As casas do Capitão-mor da armada, Pero de Góis (CALMON, *História da fundação da Bahia* 172).

5 29 de Junho.

6 Cf. infra, carta de 5 de Agosto de 1552.

7 Cf. supra, pp. 211-212, carta de D. João III a Tomé de Sousa, de Almeirim, 1 de Janeiro de 1551.

esmolas e comemos pollas casas com os criados desta gente principal, ho que fazemos por que se não escandalizem de fazeremos roças e termos escravos, e pera saberem que tudo hé dos meninos.

4. Ho Governador [8] ordenou de dar a dez que viemos de Portugal [9] hum crusado em ferro cada mes pera a mantença de cada hum e sinquo mil e seissentos reis pera vestir cada anno, com o qual nenhuma roupa se poderá fazer nesta terra, e porem eu não lhe pus grosa porque nem ainda esse merecemos.

5. Já tenho escripto sobre os escravos que se tomarão, dos quais hum morreo logo, como morrerão outros muitos que vinhão já doentes do mar. Tãobem tomei doze vaquinhas pera criação e pera os meninos terem leite, que hé grande mantimento. En toda maneira este anno tragão os Padres provisão de El-Rei assi dos escravos [10] como destas doze vaquas [11], porque tenho dado fiador pera dentro de hum anno [190v] as pagar a El-Rei, e será grande fortuna

---

8 Tomé de Sousa.

9 Na primeira e segunda expedição (1549-1550). Cf. LEITE I 560.

10 Destes três escravos um morreu em breve e todos já tinham falecido em 1557 (LEITE II 347). A provisão pedida por Nóbrega não a demorou o Conselho Ultramarino:

«Em Lixboa a XXb d'Outubro de 1552 passou mandado pera Antonio Cardoso de Barros per que ouve S. A. por bem de fazer esmola aos Padres da Companhia de Jhesu que residem na Cidade do Salvador da Baya de Todolos Santos, de tres escravos que forão de San Thomé pera a dita Ilha, e que diso se posese verba na recepta da pesoa sobre que estavão carreguadas» [À margem:] «iij escravos» (AHU, *Conselho Ultramarino 112* [= Registos 1], f. 332v). Cf. LEITE I 34.

11 A provisão das 12 vacas é de 17 de Abril de 1553, do mesmo Conselho Ultramarino:

«Em Lixboa a xbij d'Abril de 1553 passou mandado pera o provedor da fazenda nas teras do Brasill per que S. A. ouve por bem de fazer esmola aos Padres da Companhia de Jhesu da Cidade do Sallvador de doze vacas que lhe fforão emprestadas, e que se posese verba na receyta da pesoa sobre quem estavão carreguadas» [À margem:] «xii vacas» (AHU, *Conselho Ultramarino 112* [= Registos 1], f. 332v). Cf. LEITE I 34 174; *Breve Itinerário* 66; *Cartas de Nóbrega* (1955) 122.

se deste anno passar. Nas vaquas se montarão pouquo mais de trinta mil reis.

6. E tãobem os outros collegios das Capitanias querem fazer os moradores, e escrevem-me cartas sobre isso e querem dar escravos e muita ajuda. Daqui a dous meses irá o Governador correr a costa e irei com elle visitando as cassas e darei ordem como me Nosso Senhor ensinar pera que se comessem a fazer, posto que algumas estão já bem principiadas. Mande V. R. Padres e com elles alguns meninos de boom exemplo e boas falas pera lhes darem boom principio. Nesta terra custa muito pouquo fazer-se hum collegio e sustentar-se porque ha terra hé muito farta e os meninos da terra sustentão-se com muito pouquo, e os moradores muito afeiçoados a isso, e as terras não custão dinheiro.

7. Este da Baya foi mais trabalhoso, porque se fez sem ajuda dos moradores, em terra povoada de pouquo e os mais della serem degradados e gente pobre. Se El-Rei favorecer este e lhe fizer igreja e cassas, e mandar dar os escravos que digo (e me dizem que mandão mais escravos a esta terra, de Guiné; se assi for, podia logo vir provisão pera mais tres ou quatro alem dos que a casa tem), antes de hum anno se sustentaram cem meninos e mais, porque assi como ella está agora mantem a trinta pessoas; e mais agora mando fazer algodoais pera mandar lá muito algodão pera que mandem pannos de que se vistão os meninos, e não será necessario que ho Collegio de Coimbra quá nos ajude senão com oraçõis, antes de quá lhe seremos boons em alguma cousa.

8. Visente Rodriguez [12] era muito doente e emfermo, sempre se aqueixava da cabeça. Mandei-lhe que não fosse

55 reis] maravidis *Bras. 3-1* || 69 trabalhoso] trabalho *ms.*; trabalhoso *Bras. 3-1* || 73 *Post* que digo *add. Bras. 3-1* será la mejor cosa del Brasyl | e me] me *ms.* || 79 *Post* meninos *add. Bras. 3-1* porque esta es la mayor falta que la casa tiene

12 Escrevendo ao Provincial de Portugal, Nóbrega dá-lhe notícia, neste parágrafo, dos dez da Companhia, mandados por ele ao Brasil, e inclui-se a si próprio.

mais doente e assi o fes; já ho não hé de hum anno pera quá e nos ajuda mui bem em tudo. Salvador Rodriguez tem cuidado dos meninos [191r] e fá-lo muito bem, e tãobem se acha já melhor. O P.e Navarro está em Porto Seguro; fas seu officio. Afonso Bras tem cuidado do Espiritu Sancto; tem grande collegio, manda-me pedir meninos pera o principiar. Leonardo Nunes e Diogo Jacome estão em São Visente; há dias que não tenho novas delles. Este anno mandei o Padre Paiva e alguns meninos a visitá-los por eu não poder ir agora. Irei cedo com ha Armada; ha fama delles hé grande. Antonio Pirez está em Pernãobuquo. Francisco Pirez está agora aqui nesta Baya. Todos servem a N. Senhor e empregão bem seus talentos: Pater, quos dedisti mihi non perdidi [ex eis quenquam][13] por suas virtudes e pellas oraçõis de V. R., posto que meu mao exemplo abastava bem a destruir tudo; e, quando regidos por mi são tão boons, que fará se V. R. mandar hum boom que delles e de mi tenha cuidado? Veniat, Pater, veniat si amas Iesum Christum!

9. Eu tinha dous meninos da terra pera mandar a V. R., os quais serão muito pera a Companhia. Sabem bem ler e escrever e cantar, e são quá pregadores, e não há quá mais que aprender; e mandava-os pera aprenderem lá virtudes hum anno e algum pouquo de latim, pera se ordenarem como tiverem idade e folgara El-Rei muito de os ver por serem primitias desta terra[14]. E, por não ter embarcassão boa e ser já tarde e andarem franceses, os

85 doente *del.* da cabe || 91 *Post* Jacome *add. Bras 3-1* con algunos nuevos || 98 ex eis quenquam *lacuna in ms., compl. ex Bras. 3-1* || 104-134 Eu — Senhor *om. Bras. 3-1*

13 Ioan. 18, 9.

14 Primeira demonstração de Clero indígena no Brasil. Mas as circunstâncias mostraram-se logo adversas, tanto com o afastamento em Portugal do P. Simão Rodrigues, como com a atitude de D. Pedro Fernandes que se revelou menos favorável à criação dos Meninos; e ainda por outras razões próprias do ambiente local. Cf. LEITE VII 233-247; *Breve Itinerário* 145-148.

não mando este anno; pera outro hirão com o Governador se V. R. me não escrever o contrairo.

10. Ho Governador Tomé de Sousa eu o tenho por tão virtuoso, e emtende tão bem ho espiritu da Companhia, que lhe falta pouquo pera ser della. Não creo que esta terra fora avante com tantos conctrastes como teve se ouvera outro Governador. Dizem que se vai este anno que vem. Tememos muito vir outro que destrua tudo. De quantos de lá vierão nenhum teve amor a esta terra s[en]ão elle, porque todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja à custa da terra, porque esperão de se hir. Parece-me que, se El-Rei lhe der lá ho que tem a sua filha e ha cassar, e lhe mandar sua molher[15], que folgará muito de viver [191v] quá, nam por Governador, senão por morador, com ho que quá tem. Digo de sua criação e seus escravos, porque é muito contente desta terra e acha-se muito bem nella, e muitas veses conheci isto delle. Nem crerá ordenado de El-Rei, mais que qualquer favor de homrra em sua vida; e sse este homem quá acentar, será grande favor da terra e com elle se ganharam muitos moradores. Dê V. R. disso conta a El-Rei, e veja-se o espirito de suas cartas. V. R. lhe escreva os agardecimentos de muitos favores que nos quá faz, porque certo nos ama muito em o Senhor.

11. Muito desejosos andamos todos de hir pollo certão, porque a nenhuma parte hiremos onde não aja aparelho milhor pera se fazerem boos christãos que nas Capitanias, os quais, pera bem nos crerem, hé necessario que por tempo nos experimentem e venhão a conhecimento da verdade, porque inda agora a medo nos crem por rezão das muitas maldades dos branquos até agora.

O porque o dilatamos, hé por dar principio a estas

---

119 vem *del.* que || 135 de hir pollo certão] de yr descobrir el sertón porque nos dize el spiritu que está allá grande tesoro de almas *Bras.* 3-1 || 142 y dilatámoslo hasta agora aunque las nuevas nos alvoroçam mucho, que de los gentiles tenemos, por causa destas casas de los nyños *Bras.* 3-1

---

15 Cf. carta de Nóbrega, princípios de Julho de 1552 § 5, supra, p. 345.

casas das Capitanias omde fique fundamento da Companhia, a que nos matem e comão a todos os que foremos. Mande V. R. logo muitos [16] pera que aja pera deixar nos colegios e levar dous ou tres; e, com elles e com o Bispo, teremos lugar a ir ganhando terra adiante, porque temos novas de gentios onde acharemos alguns escolhidos pera o reino dos ceos.

12. Ha nossa igreja que fizemos se nos cae, porque hera de taipa de mão e de palha. Agora ajuntarei estes senhores mais honrrados que nos ajudem a repará-la até que Deus queira dar outra igreja de mais dura, se a V. R. parecer bem falar nisso a El-Rei; se não os Padres que vierem farrão outra, que viram com fervores, que dure outros tres annos, porque nossas mãos já não poderão fazer outra, senão se for daqui quinhentas legoas pello certão.

13. Estando para cerrar ésta llegó un barco de San Vicente que truxo cartas de los Padres y Hermanos [17], con que mucho nos alegramos y despertó my frieza. Hazen allá grandes cosas. Dízennos y requérennos que vamos allá todos y dexemos todo estotro por lá puerta que está ya abierta a los gentiles de la mar y del sertón. Tienen muchos trabajos, hazen mucho fructo. Tienen cinquoenta o sesenta personas entre Hermanos, servidores y niños, assy mamalucos [18] como hijos de principales de la tierra,

---

146 *Post* tres *add. Bras. 3-1* de los que acá están || 147-149 porque — ceos *om. Bras. 3-1 et add.* y no dexe en toda manera este año de mandar muchos Padres pues son tan necessarios y los prometió y sean tales quales muchas vezes tengo escrito || 159-198 Estando — Nobrega *om. textus 1, compl. ex Bras. 3-1* | *Prius* lhegó

---

16 O resultado deste pedido (e note-se o aparato crítico) ainda demorou, porque já não estava na mão de Simão Rodrigues dar-lhe seguimento. Mas chegou daí a um ano a terceira expedição de que era Superior o P. Luís da Grã (LEITE I 561).

17 Perdidas. Das cartas ao P. Nóbrega, de S. Vicente, só se conhece a acima impressa, do P. Leonardo Nunes, de 29 de Junho de 1552.

18 Mamalucos. Filhos de pai português e mãe índia, que é o sentido dado aqui por Nóbrega à palavra. Termo de origem tupi: *mamã-*

de manera que Lionardo Núnez [48r] y Diego Jácome fecerunt fructum alius centesimum alius sexagesimum [19]. Piden mucho socorro de Padres. Ellos deven screvir largo por su vía. También vino con sus cartas una de Coymbra con que no[s] alegramos mucho [20]. Mándanme de San Vicente pedir palo para se curar algunos de corrimientos, maiormente Lionardo Núnez que, por las muchsa aguas, trabajos y frialdades de aquella tierra, lo commençaron a palpar. An menester ropa.

14. Favoréçalos Vuestra Reverencia a ellos y a nosotros de allá, ya que el Rey manda dar de vestyr acá a los de la Compañya, y se acá interpreta a los que de allá vinieron, no más. Aya Vuestra Reverencia también para los que acá se recyben, porque a todos yo tengo por de la Compañya según su mesmo spírito enseña.

15. Ó Padre, véiome cercado de angustias por ver quán largo es nuestro Señor en favorecer este negocio de la converción de sus escogidos y quantas puertas tiene abertas de mucho fructo, y quán avariento es V. R. desos Hermanos que allá tiene. Bien creo que, si V. R. mandara algunos al Brasyl, ellos se cevaran tanto en los trabajos y en recoger tesoro para Christo, que no les vinieron las ynquietaciones y perturbaciones que vienen a algunos, que se enhadan ja de ver paredes del collegio. Yo iré a correr la costa y llevaré los más que pudiere. V. R. mande quen sustente esto poco, porque quedará mui desemparado todo, y vengan luego juntos los que an de venir. Lo más desta tierra sabrá V. R. por la carta de Francisco Anríquez y por

---

169 alius. . alius] alium... alium *ms.* || 179 se *del. ms.* || 181 *Prius* receben || 187 V. *sup.*

-ruca, o que procede de mistura, mestiço; isto é, mestiço de sangue branco e índio. T. SAMPAIO, *O Tupi na Geografia Nacional* 256; B. J. DE SOUSA, *Dicionário,* 246-247.

19 Mat. 13, 8.

20 Talvez se refira à Quadrimestre de Manuel Leite ao P. Geral, Coimbra, 1 de Dezembro de 1551 (*Litterae Quadrimestres* 1 [Madrid 1894] 446-452). Cf. LEITE, *Cartas de Nóbrega* 87*.

las de los Hermanos de las Capitanyas. Et semper memento nostri.

Desta Baya a X de Julho 1552.

Nóbrega.

CARTA PERDIDA

48a. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Francisco Henriques, Lisboa* (da Baía, Julho de 1552). Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, carta de 10 de Julho de 1552 § 15: «Lo más desta tierra saberá V. R.ª por la carta de Francisco Anríquez».

49

D. PEDRO FERNANDES AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

[BAÍA JULHO DE 1552]

I. **Autores**: POLANCO III 465-467; LEITE II 106-107 283-284 318.

II. **Texto**: Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 102r-102v, 103v [antes 175r-176v riscado; outra letra 331r-332v]. Título: «Copia de una que el Obispo del Brasil escrivió al P.e Maestro Simón». Tradução espanhola. Depois do texto há esta explicação [103v]: «Esta carta mandó el Obispo del Brasil al P.e Maestro Simón no se sabe quando [entrelinha doutra letra: la mandò l'an. 1552 poco da poi che l'istesso Vescovo era arrivato al Brasile], porque no fué dada. Después sabiendo el Obispo que Maestro Symón no tenía el cargo y era ydo de Portugal parecióle que no era dada, porque venía en el sobreescripto que Maestro Symón solo la liesse, y escrivió otra al Padre Rector del colegio de San Antón de de aquí de Lixbona en que sumariamente cuenta algunas cosas de la carta, y después [as últimas duas palavras repetidas, mas riscadas] allando un treslado, que allá le avía quedado della, la tresladó de su mano y la embió sim poner los días, y este es el treslado della».

III. **Data**: O Bispo chegou à Baía a 22 de Junho de 1552. E «poco da poi» escreveu esta carta, portanto em Julho. Mas ela só foi mandada para Roma daí a um ano com a segunda carta do Bispo, de 6 de Outubro de 1553. E, por se achar no mesmo fascículo e encadernada e paginada às avessas, alguma confusão produz nos anos.

IV. **Edição**: Edita-se o texto único.

Textus

1. Ipse prohibuit in prima concione ut lusitani uterentur canticis et musicis Indorum. — 2. Idem prohibuit orphanis et Patribus. — 3. Ne pueri utantur capillis modo Indorum. — 4. Vult ut conversio Indorum Brasiliae fiat eodem modo ac in India Orientali, unde ipse venerat. — 5. Prohibuit confessiones per interpretem et iussit foeminas indas discere linguam lusitanam. — 6. Reprobat exercitia humilitatis et mortificationis publica quibus Patres utebantur ad aedificationem populi. — 7. Reprobat flagellationes sive ab hominibus sive a foeminis peractas. — 8. Non amat aedicula in Indorum pagis neque modum quo sepeliuntur defuncti. — 9. Experientiam habet Indiae Orientalis, quare vult ut Patres a se petant consilium; et vellet ut e Portugalia Patres S. I. seniores venirent. — 10. Iterum de confessionibus per interpretem et de moribus Indorum quos reputat ritus gentilicos. — 11. Rogat ut Deus eum liberet ab infidelibus et malis christianis, et eum e Brasilia eripiat atque in Portugaliam reducat.

\+ Jesús

Reverendo Padre

1. La obligación que os tengo de amigo antigo y afección que tengo a vuestra Compañía, me obliga a os escrevir algunas cosas.

El lugar de la Scriptura en que Dios declara para qué hizo pastores en el mundo, es aquel del propheta Hieremías: Ecce constitui te ut evelas, erradices, ediffices et plantes [1]; en el qual manda que de raíz quitem los vicios y malas costumbres y plantem virtudes y buena doctrina. Yo queriendo en el alguna manera procurar hazer el officio de buen pastor, amonesté, en el primir sermón que hize luego como llegé a esta cuesta, que ningún hombre blanco uzase de las costumbres gentílicas, porque, ultra que ellas son provocativas a mal, son tan disonantes de la razón, que no sé quáles son las orejas que puedem oyr tales sonos y rústico tañer.

13 esta] este *ms.* || 16 tañer *corr. ex* teñer

1 Jerem. 1, 10.

2. Los niños huérfanos antes que yo viniesse teníam costumbre de cantar todolos domingos y fiestas cantares de nuestra Señora al tono gentílico, y tañerem ciertos instrumentos que estes bárbaros tañen y cantan quando quieren bever sus vinos y matar sus inimigos. Platicé sobre esto com el Padre Nóbrega y com algunas personas que sabem la condición y manera destos gentiles, em espicial com el que lleva ésta, que se llama Pablo Díaz [2], y allé que estos gentiles se alaban que ellos son los buenos, pues los Padres y niños tañíam sus instrumentos y cantavan a su modo [3]. Digo que Padres tañíam, porque en la compañía de los niños venía hun Padre sacerdote, Salvador Rodrígez; tañía, dançava y saltava com ellos. Y tanto por esto ser en favor de la gentelidad, y com poco fruto de la fee y conversán, y com menos reputación de la Compañía, como también por el inventor desto ser un Gaspar Barbosa, el qual en la ciudad de Lixbona huyó del cárcel y se acogió a la See, y de allí em la metad del día se descyó por una soga, y vino después degra[da]do [4] acáa para siempre; y por no dexar de usar aún aquá de sus costumbres malas, le mandó el Governador venir a esta ciudad preso, y salió la sentencia que no saliesse más desta ciudad. Después de andar aquí se metió velut lupus in vestimentis ovium [5] con los vuestros Padres, más zelos[os] de la virtud que esprimentados en la malicia, para le averem licentia de[l] Governador, como realmente ovieron, para se tornar. Este [6] es el que

---

2 Parece que se trata de Paulo Dias Adorno, genro do Caramuru. Mas tanto o Caramuru como os Adornos eram amigos dos Padres. E Paulo Dias Adorno não só não foi para Portugal, mas seguiu daí a pouco com o próprio Nóbrega e Tomé de Sousa para São Vicente. VAN DER VAT, *Princípios* 329.

3 «A su *modo*». A diferença de critério entre o Bispo e os Jesuítas reside aqui (carta 54 § 15); cf. LEITE, *Artes e Ofícios* 253-254.

4 Nalgumas partes está lacerado o papel do *ms.* Meteram-se entre cancelos as letras ilegíveis.

5 Mat. 7, 15.

6 Convertido por um Irmão na Baía, como escreve o P. António de Quadros a 17 de Março de 1554, informado por Tomé de Sousa, e

inventó esta curiosa y suprestiosa gentilidad, y él mismo cantava y tañía por las calles con los niños y Padres. La qual cosa defendí para quitar gentilidad [7] que tan mal parecía a todos.

3. Y también estrañé mucho traeren los niños el cabello hecho al modo gentílico, que parecían de monjos [8]. Y el Padre Nóbrega como esto no le pareciesse mal porque consentía en ello, ayróse algo de llo que yo mandé. Yo le dixe que no venía aquá hazer los christianos gentiles, sino a costumbrar los gentiles a ser christianos, lo que no puede si radicitus non degollaren el viejo hombre cum actibus suis y se vistierem del nuevo, qui secundum Deum creatus est [9].

4. Y asy le dixe que yo en esta tierra avía de llevar el modo que tenía en la India [10] en el hazer de christianos y lo que allá guardava el P.e Maestro Francisco [11] y los otros Padres de la Compañía, y con todo lo escreviese él a V. R. y que haría yo lo que os pareciere mejor.

---

45 tan *corr. ex* tal

---

que depois de convertido «serve aos meninos dos gentios, que os Padres criam, e tem cuidado de trazer o que é preciso num burrinho que eles têm». LEITE, *Breve Itinerário* 109-110. Parece que este Gaspar Barbosa é o mesmo de que fala Vicente Rodrigues (carta 42 § 8) e que anos depois, em 1567, morreu heròicamente na conquista do Rio de Janeiro. LEITE II 107.

7 Nesta palavra «gentilidad» [acto *religioso* de não cristão] dá o Bispo a significação do que entende com a palavra «modo».

8 O modo de cortar o cabelo não era distintivo religioso, mas de nacionalide ou tribo: «é tanta a variedade que têm em se tosquiarem, que pela cabeça se conhecem as nações». CARDIM, *Tratados* 168; E. PINTO, *Os Indígenas do Nordeste* II 98-99.

9 Eph. 4, 24.

10 Índia Oriental. O equívoco está em que na Índia os seus habiantes tinham templos, livros sagrados, sacerdotes, Deus, pelo qual os seus fiéis eram capazes de se deixar matar. O Brasil era habitado por povos naturais e não tinham «Deus por quem morram», escreve Nóbrega a D. João III por esta mesma ocasião [carta 47 § 8]. Cf. LEITE *Cartas de Nóbrega* (1955) 17*-20*; *Breve Itinerário* 78-79.

11 Xavier.

5. También hallé que el Padre Nóbrega confessava ciertas mugeres mistiças por intérprete [12], lo que a mí me fué muy estraño, y dió que hablar y que mormurar por ser cosa tan nueva y nunqua usada en la Yglesia. Él luogo platicó esto comigo. Yo lo dixe que no lo devía hazer más, aunque trezientos Na[va]rros [13] y seiscientos Caietanos [14] digan que se puede hazer de consilio, quoniam multa mihi licent sed non omnia expediunt [15]. Ni por los doctores dizi-ren que se puede hazer, se a de luego de poner em obra, [sed] occurrendum est periculo et standum est consuetudini Eclesiae. Y quando la tal confessión por alguna vía se oviesse de hazer seguiéndose della algún grandíssimo provecho, avía de ser por intérprete prudente et per virum honestum et probatum, y no por un niño de los de la tierra, mamaluquo de diez años, qui non sentit nec adhuc perfecte credit, nec valet linguoa, nec frasin verborum. Y el intér-prete avía de escoger el penitente, y no el confessor. Mi parecer es, quod nil moveamur, nec transgrediamur terminos patrum nostrorum [16]. El Padre, como virtuoso y más theórico [que plá]tico, como ve qualquiera cosa en su maestro Navarro, luego la quería poner em plática. Com [to]do, por más que digam algunos theólogos, si bien se pondera la forma deste sacramento (ego absolvo te), consta que propriamente las tales palabras no se puedem dizir sino de aquél que por sí dize y confiessa sus pecados. Yo se stuviera más d'espacio de lo que al presente estoy, provara ser muy peligroso, pernicioso y prejudicativo a la mages-

79 theórico *corr. ex* therico || 86 peligroso pernicioso *corr. ex* peligro pernicio

12 Cf. LEITE II 283-286.

13 Martín de Azpilcueta Navarro. Cf. a citação dada pelo próprio Nóbrega (cartas 51 § 2; 54 § 13).

14 O Cardeal Caetano, teólogo alegado por Navarro [cf. cartas 51 § 2; 54 § 13], era quase contemporâneo, pois falecera em 1534 (*Lexikon für Theologie und Kirche* II [Freiburg im Breisgau 1931] 694).

15 1 Cor. 6, 12.

16 Cf. Prov. 22, 28.

tad deste sancto sacramento entruduzir la tal costumbre. Yo tengo proveydo que no se haga más, y dado ordem con que todos se confiessem com mandar y poner penas a los maridos portugezes que enseñen las mistiças sus mugeres ha hablar portugez, porque en quanto lo no hablaren no dexan de ser gentiles en las costumbres [17].

6. Tanbién hallé un muy gran escándalo en este pueblo por el Padre Nóbrega mandar vender [por] toda esta ciudad y por la Villa Vieja que está daquy media leguoa con pregón del preg[onero] a otro Padre sacerdote que se llama Payva [18] para comprar rosas [19] para los niños. Por ser co[sa] tam nueva y insólita me quise informar del P.e Nóbrega. Díxome que era excercicio y spíritu d[e la] Compañía. Aquy me recogí por alcançar el fundamento de la cosa, solamente le dixe que cosa tam n[ueva] y hecha en la plaça devía de ser antes de se hazer muy bien piensada si edificarí[a o ofe]ndería, ne licentia nostra ofendiculum sit infirmis et ne ulli demus offenssionem, ne vitup[eretur mi]nisterium nostrum [20]. Y le truxe a la memoria aquello de S. Pablo: rationabile sit obsequi[um vestrum [21], et] alibi dicit sitis simplices et sine querela in medio nationis pravae [22], porque pareció exce[ssivo] y abater mucho el stado sacerdotal mandar vender un sacerdote por las calles y [parecer] que los negros tomarían esto muy mal, y los blancos lo tenían por heresía y todos rie[ron y] mormuraron dello y ninguno se edificó. Respondióme que de ninguna cosa estava tan sober[bio] como de mandar vender al

90 que enseñen *bis sed del* || 99 excercicio] excercio *ms.*

17 E assim ficaram as mestiças, já cristãs, impedidas da absolvição sacramental. Ao Bispo, que achava a confissão por intérprete «perigosa, perniciosa e prejudicial à majestade do sacramento», respondeu a própria Igreja, sancionando-a no Direito Canónico (Canon 903). Cf. LEITE II 286.

18 Manuel de Paiva.

19 Rosas: não flores, mas roças, isto é, campos para mantimento dos Meninos.

20 2 Cor. 6, 3.

21 Rom. 12, 1.

22 Phil. 2, 15.

dicho Padre. A esto no tuve respuesta, y com todo mi parecer es que V. R. le avisse que no uze destas cosas por aora, ni quando alguno quebrar algún vaso le ponga los pedaços al cuello y le mande por la ciudad [23]; ni mande tañer campana de noche por la ciudad, ny noten los que a ella no van, porque los tales exercicios aunque sean sanctos y virtuosos y ordenados a mortificar la carne y a quebrar su sobervia, todavya son más meritorios hechos en secreto [24] de la manera que se hazem em las religiones aprovadas [25], y en los vuestros [cole]gios del Reino [26] y de la India sin strépito de campana [27].

7. Y ya que se haga deseplina a los hom[bres], la de las mugeres que se haze en Pernambuco parece no ser

116 ponga] pongo *ms.* || 120 ordenados a *del.* ydeficar

23 Destes e outros exercícios de humildade, usados em Roma por Santo Inácio, cf. TACCHI-VENTURI, *Storia* II/2 (Roma 1951) 37.

24 Praticavam-se em público no tempo de S. Inácio (1553): «Del far mortificatione et predicari per le piazze etc, cosa è assai usata in Roma» (MI *Epp.* VI 268-269).

25 «Religiões aprovadas»: o exemplo de S. Francisco de Assis, que mandou a alguns frades «que o levassem por uma corda atada ao pescoço como malfeitor per a cidade de Assis». Cf. Fr. MARCOS DE LISBOA, *Primeira Parte das Chronicas dos Menores,* f. 51, cit. por F. RODRIGUES, *História* I/1 367.

26 «Do Reino»: No dia 17 de Julho de 1545 no Colégio de Coimbra, mandou o Superior que o próprio P. Nóbrega e mais cinco companheiros saíssem pelas ruas da cidade tocando uma campaínha durante a noite e em certos sítios bradassem: «Inferno para todos os que estão em pecado mortal». RODRIGUES, *História* I/1 367; LEITE, *Breve Itinerário* 30.

27 «Na Índia». S. Francisco Xavier introduziu nas Molucas o mesmo uso, de se encomendarem as almas do purgatório e os que estão em pecado mortal, encarregando-o à Misericórdia de Ternate: Um homem «de noite, com uma lanterna numa mam e a campainha noutra, corria todas as ruas, dando em cada uma aqueles pregões em vozes altas, como fizera em Malaca e fez emquanto se aqui deteve o mesmo Padre, numa e noutra parte com grande devaçam dos christãos, temor e espanto dos infieis». E em Malaca o fazia ele pessoalmente, «tangendo huma campainha». LUCENA, *História*, liv. IV cap. XII; liv. III cap. XI. Cf. RODRIGUES, *História* I/1 367-368.

necessaria por los inconvenientes nocturnos que el príncipe de las teneblas puede traher y ordenar. Los Padres, como son afervorados, quieren llevar todos a la gloria vestidos y calçados, mas yo no trabajo sino que todos guardem los preceptos de nuestro Señor, y como fueren en esto acostumbrados luego les [103v] haré guardar los consejos, et qui poterit capere capiet [28]. Yo aún no pongo esta gente en tanta perfectión hasta les quitar las costumbres gentílicas, y mucho más trabajo que no se pervertan los blancos que em la conversión de los negros.

8. Tanbién me parece que los deve V. R. avisar que no hagan tantas hermitas entre los gentiles, ny enterrem los que se converten al modo gentílico [29]. Y pues yo estoy en esta tierra por especulador de las ánimas y tiengo mucha

137 los *sup.*

28 Mat. 19, 12. Logo a 9 de Agosto de 1549 conta o P. Nóbrega como se faziam as disciplinas às sextas-feiras: «hé por os que estão em pecado mortal e conversão deste gentio e por as almas do purgatorio; e o mesmo se diz pelas ruas com uma capainha segundas e quartas-feiras, assim como nos Ilheos». Cf. supra, pp. 131-132.

29 Conta o Ir. Vicente Rodrigues como numa destas «ermidas» se enterrou o índio Bastião Teles, que faleceu depois de se ter «confessado por la lengua y en portugués»: enterrou-se com missa cantada de defuntos (carta 42 § 5). Este era o modo como se enterravam os índios cristãos. Mas o Bispo deve referir-se ao «pranto», que os índios faziam quando morria algum dos seus; e continuaram a fazer e lho permitiam os Padres para bem da catequese, como se vê da carta de Francisco Pires, da Capitania do Espírito Santo [1558], no funeral do índio Sebastião de Lemos, filho do Gato: «Fomos buscá-lo com grande pompa e solenidade. Primeiramente, o Padre Vigário levava um Crucifixo nas mãos coberto de luto, como às sextas-feiras na quaresma se costuma fazer, e sua cruz diante, e a dos Meninos, e o Governador na procissão com toda a demais gente da terra. E, assim, nós cantando e eles *pranteando*, o trouxemos à nossa Igreja. Muito se espantaram e edificaram os Índios de ver aquele concerto, que dávamos, que logo na noite seguinte pregou Jaraguai, dizendo que aquela era a verdade e que deviam todos ser bons cristãos» (*Cartas Avulsas* 195).

experientia [30] de la India, que en esto no hagan nada sin my consejo, porque aunque su intención sea buena, todavía por serem mancebos y poco experimentados en las cosas cayen en algunas faltas. Del Padre Nóbrega soy yo muy devoto, mas a las vezes lo reprehendo en secreto por que sigue tanto su parecer em público. Finalmente digo que para edeficar edificios nuevos y para plantar esta viña del Señor en tierra tam nueva es necessario que embíe aquá officiales viejos y bien mirados, y ya que no tiene otros devíalos mandar visitar de tres en tres años por persona de letras y autoridad, y zelosa de la reputación de la Compañía, para emendar algunos defectos que se puedem cometer por discudo o ignorancia, ne qui ex adverso est, habeat aliquid dicere de nobis quoniam spectaculum sumus mundo, angelis et hominibus [31]. Haec omnia dicta sint sub tua correctione et totius Societatis.

10. Y com esto acabo lembrando a V. R. que cerca de la confessión por intérprete y de las otras cerimonias de los gentiles vaa mucho vellas aquá y escrevellas y estallas allá desputando, porque es esta gente tam afectionada a sus costumbres que no quiero más para dizir que quanto le predicamos es nada por ver que gustamos de sus cantares, tañeres gentiles. Y sobre esto sea perguntado y esconjurado el portador Pablo Díaz, que es el hombre a quien estos gentiles tienen más reverentia y dan más credito, y es persona homrrada y virtuosa, y se precia de dizir y hablar verdad.

11. Dominus Iesus servet te incolumen cum toto tuo sodalicio, amen, y a mi dé gracia y fuerças con que pueda com los trabajos desta tierra. Gratia Domini Nostri Iesu Christi sit semper cum omnibus nobis. Commendate orationibus vestris Deo ut liberet me ab infidelibus et ab malis christianis quorum mores dum volo corripere, acuunt linguoas suas velut serpentes in me, sed Dominus mihi adiutor non timebo quid faciat mihi homo et liberabit me

30 Cf. supra, Introdução Geral, Cap. II art. 19.
31 1 Cor. 4, 9.

175 a labiis iniquis et a linguoa dolosa [32], y plega a él que me lleve a Portugal y me quite de acá y me meta en un quanto a do pueda acabar mis derraderos días in Domino; y esto sea muy cedo [33].

50

MANDADO DE MANTIMENTO PARA O P. MANUEL DA NÓBREGA E CINCO COMPANHEIROS

[BAÍA] 26 DE JULHO DE 1552

I. **Texto:** Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Cód. 1-19, 7, 2. Título: «Copia do Livro 1 das Provisões e Mandados». Mandado n. 1142.

II. **Impressão:** *Documentos Históricos* XIV (1929) 252; *ib.* XXXVIII (1937) 60.

III. **Edição:** Reimprime-se o texto de *Doc. Hist.* XIV, conferido com XXXVIII.

Textus

1. Subsidium menstruum pro sex S. I. degentibus Bahiae.

---

176 a labiis *corr. ex.* a linguis

---

32 Ps. 119, 2.

33 Por ser a maior parte em latim, traduz-se, e repete-se na íntegra, este § 11: «O Senhor Jesus vos conserve incólume e à vossa Companhia, assim seja, e a mim dê graça e forças com que possa com os trabalhos desta terra. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo seja sempre com todos nós. Encomendai nas vossas orações a Deus que me livre dos gentios e maus cristãos, que quando quero corrigir os seus costumes aguçam as suas línguas como serpentes contra mim, mas, sendo Deus em minha ajuda, não temerey o que faça o homem e me livrará das bocas injustas e da língua mentirosa. E praza a ele que me leve a Portugal e me tire de cá e me meta num canto, onde possa acabar os meus derradeiros dias no Senhor; e isto seja muito cedo».

1. A vinte e seis de Julho de mil quinhentos e cincoenta e dois, passou o Provedor-mor[1] mandado para o dito Thesoureiro[2], que pagasse ao Padre Manuel da Nobrega, Maioral dos Padres da Companhia de Jesus desta Cidade, sete mil e duzentos reis em mercadoria[3], que lhe são devidos de mantimento, que hão de haver os seis Padres da dita casa de tres mezes, que começaram ao primeiro de Maio de mil quinhentos e cincoenta e dois, té o derradeiro de Julho do dito anno, a quatrocentos reis por mez cada um; e que por elle, e seu conhecimento, e Certidão do Escrivão da Matricula de ficar posta verba em seu titulo, que houve o dito pagamento, lhe sejam levados em conta.

51

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

[BAÍA FINS DE JULHO DE 1552]

I. **Bibliografia:** LEITE IX 8 n. 13.

II. **Autores:** POLANCO III 465-467; LEITE II 285 337 517; IX 419; *Breve Itinerário* 78-81; *Cartas de Nóbrega* (1955) 17*-20*.

III. **Texto:** Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 15,* ff. 62r-63v [antes 298r-299v e mais antigo e riscado 172r-173v]. Cota do copista [63v]: «+ Trellado de huma do P.e Manuel da Nobrega, do Brasil. 1.ª via». Outra letra: «Sine data». Apógrafo em português. Usado pelo P. Polanco, que sublinhou palavras e escreveu à margem vários números.

2. *Bras. 3-1,* ff 70r-71r [antes 302r-303r]. Título: «Copia de una del Brasil para el P.e Maestro Simón. Para Roma. 2.ª vía [outra letra:] 1552». Tradução em espanhol. No § 5 Nóbrega escreveu «sua arte» e o

---

1 António Cardoso de Barros.

2 João de Araújo, cujo nome se lê no mandado n.º 1107, p. 237; e os seguintes trazem sempre «o dito».

3 Em mercadoria: não em ferro como se fazia habitualmente.

tradutor começou a escrever «art», que riscou antes de completar a palavra, traduzindo-a por «manera». Esta tradução foi mandada ao P. Geral pelo provincial Mirón com a seguinte explicação, depois do texto, datada de 16 de Novembro de 1552 [74v]: «Este treslado se embía a V. P. para que entienda estos inconvenientes que en el Brasil en el servicio de Nuestro Señor y salud de las ánimas se ofrecen, y los ofresca a Nuestro Señor mandando acáa avisar de los remedios que Dios diere a entender a V. P. más convenir, y saberen los que en aquellas partes y otras semejantes se hallaren, cómo se tienen de aver en estas cosas y otros casos semejantes; de lo que conviene se tenga y aya acáa larga instruction, porque se entienda la intención y voluntad de V. P., pues parece ser ya tiempo de con esta lumbre caminarmos».

IV. **Impressão:** LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas — de Nóbrega a Vieira* (São Paulo 1940) 29-33; *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 128-137.

V. **História da Impressão:** *Novas Cartas* publica o apógrafo português com a ortografia actualizada por ser essa a índole do livro; *Cartas de Nóbrega* (1955) o apógrafo, tal qual.

VI. **Data:** O Bispo chegou à Baía a 22 de Junho de 1552 (carta de 10 de Julho § 1). E no começo da presente carta lê-se: «averá pouco mais de hum mes que veyo». Escrevia, portanto, em fins de Julho.

VII. **Edição:** Reimprime-se o apógrafo (1).

Textus

1. Episcopi ingratus animus in Patres S. I. eorumque ministeria. — 2. Reprobat confessionem per interpretem. — 3. P. Nóbrega exspectat resolutionem Doctoris Navarri circa Indorum captivitatem quae ab Episcopo approbari videtur. — 4. Episcopus prohibuit disciplinas quae publice fiebant ad aedificationem populi. — 5. Praedicator Episcopi concubinatus publicos approbare videtur. — 6. Ministeria cum servis (catechesis, praedicatio et sacrum) quae a Patribus S. I. fiebant ab eis auferuntur. — 7. Episcopus nescit vitare dissidia cum Capitulo. — 8. Reprobat cantica et musicam Indorum modo. — 9. Educationem puerorum non iuvat. — 10. Non amat S. I. de eaque detrahet cum vult et potest. — 11. Nóbrega sese parat ad ingressum in interiora terrarum, ut necesse est omnesque cupiunt. — 12. Illa omnia plus nocent Episcopo quam S. I. populo dilectae. — 13. Nóbrega, quamvis initio annuit Episcopo cui concessit visitatores, iam periculum in eo videt: consolatur cum Christo qui maiores passus est contradictiones.

Jesus

Pax Christi.

1. Despois da chegada do Bispo acontecerão algumas cousas de que darey breve conta a V. R. para saber o que passa pera tudo encomendar a Nosso Senhor e nos avisar sempre no que poderemos errar, porque averá pouco mais de hum mês [1] que veyo e eu já temo.

2. Nesta casa estão meninos da terra feytos aa nossa mão, com os quaes confessavamos alguma gente da terra que nom entende a nossa fala, nem nós a sua, e asi escravos dos brancos e os novamente convertidos, e a molher [2] e filhas [3] de Diogo Alvarez Charamelu, que nom sabem nossa fala, no qual a experiencia nos insina aver-se feyto fruito muyto e nenhum prejuizo ao sigillo da confissão. E nom o acostumey senão pelo achar scripto e ser mais comum opinião, como relatou Navarro [4] in capite Fratres de Paenitentia, distinctione 5.ª, n. 85, alegando Caietano e outros, verbo Confessio, cassu n.º 11 [5]. Contrariou-nos isto

1 D. Pedro Fernandes chegou a 22 de Junho de 1552 (carta de 10 de Julho de 1552 § 1).

2 Catarina Álvares, conhecida mais tarde (século XVII) com o cognome de Paraguaçu (LEITE II 312). Sobre esta índia, cf. ALBERTO SILVA, *Catarina Caramuru perante a lenda e a história,* in *Anais do IV Congresso de História Nacional* 10 (Rio de Janeiro 1951) 105-160.

3 As filhas do Caramuru, o Adão baiano, segundo as dá PEDRO CALMON, com os respectivos casamentos e descendência, eram seis: Filipa, Madalena, Ana, Genebra, Apolónia e Grácia (*História da fundação da Bahia* 220-221).

4 *Martini ab Azpilcueta Navarri iuriscõsulti in tres de poenitẽtia distinctiones posteriores comentarii,* Coimbra, 1542 (ANSELMO, *Bibliografia* 64 n. 240). A citação de Nóbrega acha-se na obra geral do DOUTOR NAVARRO, *Sacrorum Canonum & utriusque Iuris & facti Quaestiones* I (Coloniae Agrippinae 1615) 543 n. 85. Cf. carta de fins de Agosto de 1552 § 13.

5 No *ms.* falta este número onze, mas está explícito em *Bras. 3-1* e na carta de fins de Agosto: «Confessionis Condiciones: undecima», que trata do segredo da confissão e da confissão por intérprete (cf. carta de fins de Agosto de 1552 § 13).

muyto o Bispo; dizendo que era cousa nova e que na Ygreja de Deus se nom acustuma. Acabey com elle que o escrevesse lá e que por a determinação de lá estivessemos. Esta hé cousa muy proveitosa e de muyta importantia nesta terra, entretanto que nom há muytos Padres que saibão bem a lingoa, e parece grande meyo para socorrer a almas que porventura nom tem contrição perfeita pera serem perdoados e tem attrição, a qual com a virtude do sacramento se faz contrição: e privá-los da graça do sacramento por nom saberem a lingua e da gloria por nom terem contrição bastante, e outros respeitos que lá bem saberam, devia-sse bem de olhar. ¡Nem me parece novo o que por tantos doctores está scripto, posto que se nom use, porventura por pouco olhar as cousas [6]. Mande-nos a determinação por letrados, porque nom ousaremos senão obedecer ao Bispo.

3. Eu cuydey que com a vinda do Bispo ficassemos quietos com a determinação dos escravos salteados e que vendem os parentes [7], e agora estamos em mayor confusão, e ainda esperamos a reposta do Doctor Navarro [8] durando-nos as mesmas duvidas.

---

6 Nóbrega dá, neste parágrafo, a razão teológica da sua atitude, que é hoje a da Igreja, e também a razão prática de se servir deste meio proveitoso: «entretanto que não há muitos Padres que saibão bem a lingua». Na sua intenção, meio provisório, sem o qual as mestiças e índias, já cristãs, ficavam, «entretanto», privadas do sacramento da penitência e dos outros sacramentos, que requerem estado de graça, como a comunhão, obrigatória ao menos uma vez por ano, o viático e o matrimónio. Cf. supra, p. 362.

7 Este caso de consciência pô-lo Nóbrega na Baía em 1567 e é conhecida a opinião do P. Quirício Caxa a que ele próprio responde: «Se o pai pode vender a seu filho e se um se pode vender a si mesmo». LEITE, *Cartas de Nóbrega* (1955) 397-429; cf. *Breve Itinerário* 194-196.

8 Há a resposta do Doutor Navarro a cinco casos em que respondem também vários letrados da Universidade. As respostas são de Fernão Peres, Gaspar Gonçalves e Luís de Molina (*Inst. 182*, ff. 171r-174r; e de Martín de Azpilcueta Navarro, *ib.* ff. 310r-313v; este é original, com assinatura autógrafa). Os cinco casos são os mesmos. A cota

4. Nesta Casa dos Mininos de Jesu há disciplina muytas sestas-feiras do anno, scilicet, Quaresma, Advento e depois de Corpus Christi até a Assumpção de N. Senhora. Faz muyta devação ao povo. Disciplinão-se muytos homens e toda esta casa com Padres e Irmãos e mininos. Nom vêm a ella senão homens, que ninguem conhece quando se disciplinão. Não pareceo bem ao Bispo. E seu pregador [9] nas primeiras pregações reprovou muyto penitentias publicas, por donde toda a cidade entendeo dizê-lo pela disciplina; nom olhando que pessoas publicas, como somos os da Companhia, suas obras am-de ser publicas, quanto mais que nom hé pelas praças. Facta est divisio no povo, huns dizião bem hé, outros não.

5. Nestas partes o moor trabalho que temos hé nom podermos socorrer a homens amancebados com suas escravas de que tem filhos, porque pera os apartarem hé grande fortuna, pera se confessarem [62v] e absolverem nom são capazes pera isso. Sperão molheres do Reyno com que casem. Scandalizão-se pelos nom absolvermos, dizendo-nos grandes misericordias de Nosso Senhor, e sabem-nas melhor que eu. Em todas as pregações do pregador do Bispo, que lhe eu ouvi, nom achou outros peccados que estranhar na terra, nem outra cousa que dizer, senão as mesmas razões e palavras que nos os amancebados pregão, o que faz assegurar os homens em seus custumes maaos e causou desprezo na Companhia. Disse-o ao Bispo em sua camara com a mais humildade (posto que hipocrita) [10] que eu pude avi-

---

da fol. 174v refere-se ao ano de 1583. Há um exemplar em Évora (CXVI/1-33, ff. 109-126) e por esse demos o título de cada um destes cinco casos (*História* I 76-77). Pela data, trata-se de respostas a casos de consciência levantados no Brasil pelo P. Gonçalo Leite, Professor de Filosofia, e pelo P. Miguel Garcia, Professor de Teologia. LEITE II 227-229.

9 Pregador do Bispo, P. Gomes Ribeiro. VAN DER VAT, *Princípios*, 306.

10 Este qualificativo confirma a sua humildade, porque quem a si mesmo se tem por humilde já o não é. Mas a palavra hipocrisia, na

sando-lhe estas cousas e que a terra nom queria aquilo. Fez-se muyto agastado de que fuy muyto triste; e foy bom pera eu saber sua arte melhor e casar-me com o meu bom proposito; nom se me dá nada, porque este será o menor mal.

6. Os escravos desta cidade tinhão missa e pregação nesta casa nossa aos domingos, e à tarde doctrina. Fazia-sse muyto fruito. Des que veo nos escusou disto. Manda fazer doctrina cada dia por Antonio Jusarte [11] e nom vay lá quasi ninguem. A missa nom lha dizem. Andão os escravos muy desconsolados; vêm-se aa nossa igreja aqueixando-se; hé pera mym grande dor. Disse-o ao Bispo: diz que proverá; nom sey o que seraa.

7. Os padres que o Bispo trouxe nom edificão nada este povo, porque cá fazião-lhe tudo de graça e agora vêm outro modo de proceder. O vigairo [12] desta cidade, que agora hé chantre, mandou-o prender o Bispo por huma paixão, porem soltou-se logo. Dahi a X ou XII dias teve outras paixões com o Cabido, scilicet, duas dignidades e hum conego; mandou-os prender e esteverão seis dias na cadea da cidade. Elles forão-lhe desobedientes, e elle que nom sabe fugir a dar

---

78 disse-o] desse-o *ms.*

---

linguagem de Nóbrega, significava muito, até em matéria de pobreza activa: «Nam tendo muitas vezes camiza, que vestir, & succedendo nesse tempo vir a nossa Caza o Governador Mem de Sâ, o Padre Nobrega punha no pescoço hum lenço, com que dissimulava a falta de camiza, & costumava chamar por graça a este lẽço a sua hypocresia». FRANCO, *Imagem de Coimbra,* II, liv. 2, cap. 10 § 14.

11 António Juzarte era clérigo de ordens menores quando foi apresentado Cónego da Sé da Baía em Lisboa em 1552, conezia confirmada na Baía a 6 de Julho do mesmo ano (*Documentos Históricos* XXXV [1937] 137-138 244-245). É o único nome pessoal citado, supomos que por ser conhecido do P. Simão Rodrigues. De facto, no dia 6 de Fevereiro de 1548, entraram na Companhia de Jesus em Coimbra o P. Leonardo Nunes e um António Juzarte; mas este acha-se notado com a letra S. (saído), *Lus. 43-1,* f. 3r.

12 Manuel Lourenço. LEITE I 23.

occasião que lho nom sejão! e porem aproveitará pera que o temão os seculares quando virem que asi castiga os seus.

8. Os mininos desta casa acustumavão cantar pelo mesmo toom dos Indios, e com seus instromentos, cantigas na lingua em louvor de N. Senhor, com que se muyto athrahião os corações dos Indios, e asi alguns mininos da terra trazião o cabelo cortado à maneira dos Indios, que tem muyto pouca differença do nosso custume, e fazião tudo para a todos ganharem. Estranhou-o muyto o Bispo e na primeira pregação falou nos custumes dos gentios muyto largo, por donde todo o auditorio o tomou por isso. E foy assi, porque a mym o reprehendeo muy asperamente [13], nem aproveitou escusar-me que nom erão ritos nem custumes dedicados a idolos, nem que perjudicassem a fee catholica. Obedeci-lhe e asi o farey em tudo, porque por menos mal tenho deixarem-se de salvar gentios que sermos ambos divisos.

9. Este negocio dos mininos e sua confraria [14] favorece-o muito mal e soltou palavras por donde se ficou entendendo nom levar disso muyto gosto. São eu tam mao, que sospeito que nom há por bem feyto senão o que elle ordena e faz, e todo o mais despreza.

10. Diz muitas vezes ser Mestre e ensinar a Mestre Ignatio [15] e a V. R. em Paris: Neque magni facit Societa-

---

97 Estranhou-o] Estranhoou *ms.*

---

13 Esta repreensão foi em particular; mas na pregação de que fala duas linhas antes, foi em público e «todo o auditorio o tomou por isso», ou seja: «desautorizou em público e em particular o proceder dos Padres». LEITE I 39-40; cf. VAN DER VAT, *Principios* 313.

14 Confraria dos Meninos de Jesus, encarregada da parte temporal do Colégio. Nóbrega dá notícia mais explícita destas confrarias na carta de 10 de Março de 1553 (§ 11).

15 S. Inácio chegou ao Colégio de S. Bárbara em Paris em 1529 e saiu de Paris em 1535 e Simão Rodrigues em 1536. Nalguma parte desse período se deve pois situar o ensino do Mestre Pedro Fernan-

tem nostram; mordet quum vult et potest, posto que nos exteriores comigo me faz muito gasalhado, [63r] e eu peço a N. Senhor me ensine a ganhar-lhe a vontade sempre. Julgue agora V. R. minha maldade, que sey escrever estas cousas e nom as sei chorar. Escrevo-as pera que V. R. as chore por mim se bem sabe chorar e encomende muyto isto a N. Senhor. E me avise sempre do que devo fazer nisto que tenho scripto, e no mais que a prudencia ensinar a V. R. que cá succederá. E pois sabe quam mao filho tem em mym, mande outro que melhor se saiba aver nestas cousas.

11. As nossas mortificações entende pouco o spirito dellas e reprehende-o muito: o que me alegra muyto no Senhor hé obrigá-lo a fazer grandes obras, pois faz pouca conta das nossas, e teremos occasião de nos estender pela terra, cousa tam necessaria e proveitosa e de nós tam desejada.

12. Hé muyto bom pregador e muy aceito ao povo. Vive muito desgostoso por ser a terra pobre. Temo que se vá cedo. Favoreça o V. R. de laa, pois lá nom tem outrem ninguem, e já que V. R. foy seu principio, seja meo e tudo, e encenda carvões sobre sua cabeça pera que nos ame [16]. Está tam acreditada a Companhia nesta cidade, que nom poderá nenhum rosalgar fazer-lhe mal, nem sinto tanto nom nos amar muyto por respeito da Companhia, quanto por respeito do pouco credito que elle ganhará com suas ovelhas se lhe enxergarem qualquer cousa destas.

13. Posto que digo a V. R. na outra [17] que aceitarey visitar, agora me parece, pelo que minha maldade entende de seu coração, que fugirey muito disso, por nom dar occasião de cousas que podem succeder. E estou muy arependido de o mandar ao P.e Antonio Pirez, a Pernambuco, para que o

---

des a Inácio e Simão Rodrigues. Procuramos averiguar este ponto, supra, Introdução Geral, cap. II art. 19.

16 Rom. 12, 20.

17 Carta de 10 Julho de 1552 § 2.

faça. Tudo atribuo a meus peccados e à mofina do Brasil, 145
que até nisto lhe impide. Consolo-me que todas as cousas grandes, que N. Senhor obrou, custarão muyto trabalho e teverão outros mayores contrastes.

52

CARTA DOS MENINOS ÓRFÃOS [ESCRITA PELO P. FRANCISO PIRES] AO P. PERO DOMÉNECH, LISBOA

BAÍA 5 DE AGOSTO DE 1552

I. **Bibliografia**: LEITE IX 62 n. 1.

II. **Autores**: LEITE I 24 25 30 37 38 101 102; *Breve Itinerário* 75-77; LUÍS HEITOR, *Música e Catequese*, in *Cultura Política* V n. 49 (Rio de Janeiro 1945) 142-143; WANDERLEY PINHO, *História de um Engenho do Recôncavo* 13-15; ELAINE SANCEAU, *Capitães do Brasil* 267-270.

III. **Texto**: Original português perdido.

ARSI, *Bras.3-1*, ff. 64r-67v [antes 298r-301v]. Cota por letra do P. Doménech: «Treslado de una carta del Brasil que scriven a Pedro Domenec sobre las cosas que Nuestro Señor obra por los ninnos de la doctrina en aquelles gentiles. [Outra letra:] 1552 5 Augusti». Tradução em espanhol à qual o P. Doménech juntou umas palavras para o P. Geral que se publicarão adiante no seu lugar próprio (carta 56).

IV. **Impressão**: Tradução em português. LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas — de Nóbrega a Vieira* (São Paulo 1940) 141-152.

V. **Autor**: A cota dá autor indeterminado, embora a carta seja subscrita por um nome na aparência colectivo, ou individual composto em nome dos Meninos Órfãos como se fosse um deles. Mas às vezes esquece-se deste papel e fala dos Meninos como de terceiras pessoas (fim do § 2, começo do § 3, e §§ 8 e 13). Nas cartas colectivas de Meninos a benfeitores ou Superiores, o que em geral se pratica é que o redactor seja um Mestre; e aqui deve ser o P. Francisco Pires. Conhecia pessoalmente o destinatário; veio com os Órfãos em 1550; e a ele mandou o P. Nóbrega que escrevesse «as cousas desta Capitania», como

148 mayores *del.* const

diz na carta seguinte (carta 53 § 2), na qual (§ 8) faz expressa referência a cartas dos Meninos, não achando útil escrever de novo o que elas contêm, fazendo apenas um breve resumo da última peregrinação (§ 9).

VI. **Edição**: Edita-se o texto único.

Textus

1. Introductio. — 2. Peregrinatio puerorum Collegii Bahiae. — 3. Pueri lingua brasilica praedicatores. — 4. Ingrediuntur Indorum pagos cum pompa et canticis brasilica lingua. — 5. Indorum domus. — 6. Bene accepti ab indis principalibus. — 7. Perveniunt ad vestigia S. Thomae ubi crucem erigunt. — 8. Quum Pueri ingrediuntur pagos, Indi abstinent a manducatione carnis humanae. — 9. Transacto magno flumine perveniunt ad locum ubi erat P. Nóbrega. — 10. Altera peregrinatio ad erigendam crucem in pago indi nomine Grilo, amici lusitanorum. — 11. Indi Grilo sanatur filia infirma; filius comitatur Patres ut artem legendi et scribendi edoceatur. — 12. In pago indi Grilo magnum gaudium factum est, cum organis Indorum musicis; sed e Portugalia etiam organa postulat. — 13. Cum musicis et canticis ingredi interiora terrarum Nóbrega non timet. — 14. Etiam campanae et tintinnabula e Portugalia postulantur. — 15. Patris Nóbrega peregrinatio per pagos usque ad vestigia S. Thomae. — 16. Itineris labores et difficultates. — 17. Unus Frater [Vinc. Rodrigues] mansit cum duobus pueris in pago prope illa vestigia; alii in urbem Bahiam reversi sunt.

+

Jesús

Pax Christi.

La gracia y amor de Christo Jesú more siempre en nuestras almas. Amén.

1. Charíssimo Padre mío; quién pudiesse escribirle conforme al amor con que le amo en Jesú Christo crucificado, el qual enseña amar en sus entrañas, mayormente como V. R.ª nos amuestra de allá bien pareze ser alumbrado y encendido deste Crucificado, pues que su fuego nos callenta y conserva asta el Brasil. Confío en el mismo Señor que será para mucho augmento de la sancta fe cathólica, como

---

6 al *corr ex* a lo | crucificado] crucifacado *ms.* || 10 asta *corr. ex* a todo

va ordenado e nuestro Señor lo guía. Plazerá a nuestro Señor que a los fundadores [1] los tomará por moradores de la su sancta ciudad de Jerusalem, e a quien dará mucha vida para que gozen de lo que plantaron. Pídole en nuestro Señor que ruegue por nós y por esta gentilidad, que pareze que se viene mucho allegando la mies para dar fruto, y que nuestro Señor nos dé que alcancemos el fruto de su árbol, padeciendo con El en este servicio que andamos, y que nos dé de su charidad por aquella con que baxó de los cielos y bivió fasta llegar a la cruz, onde con la voz rouca pidió perdón para los que lo crucificaron, escusándolos, y nos dé de su sed, dándonos aquí de la agua que El pregonava y prometió a la Samaritana [2], con las migajas que pidía la Cananea [3], y de las que sobraron de los panes [4] que partió en el desierto a las compañas en estos nuestros cestillos. Y El, que es verdadero Samaritano [5], nos cure y ponga en su santo jumento pagando bien a los de su mesón, y a nosotros harte aquí de su pan de lágrimas para que partamos bien con estos gentiles. O Padre mío, o Hermanos míos, quién fuesse tam bienaventurado que de su alma no se apartase Jesú crucificado y aquella su hambre y sed, y juntamente se viesse entre estos Indios hambrientos buscando el reyno de Dios y su justicia; porque El nos fartaría, porque El dize ser bienaventurados los tales, y nuestra Señora que a los hambrientos inchió de bienes.

2. Aquí con los olores de sus romerías y peregrinaciones [6] nos encendimos en Jesú Christo, e hizimos una rome-

---

26 compañas *del.* y

---

1 Como se disse na Introdução Geral, cap. II, art. 4, o P. Doménech fundou, sob o patrocínio régio, o Colégio dos Órfãos de Lisboa.

2 Ioan. 4, 9.

3 Mat. 15, 22.

4 Ioan. 6, 1-14.

5 Cf. Luc. 10, 33.

6 Pela alusão repetida a Jesus Crucificado, refere-se ao seguinte livrinho do próprio destinatário desta carta: *Avisos de / como os proues orfãos de / Iesu se hão de auer nas pe/regrinações & romarias / que fizerem. E outras / doctrinas & conside/rações mui proueito/sas & neces/sa-*

ria y una peregrinación por la tierra adentro, armándonos contra ellos de la cruz de Christo e de sus palabras. La cruz fué siempre levantada y los niños delante, de dos en dos o de tres en tres, predicando, unos delante de los otros por un espacio, a grandes vozes, predicando a Christo ser el verdadero Dios que hizo los cielos y la tierra y todas las cosas para nosotros, para que le conociéssemos y serviéssemos, y nosotros a quienes El hizo de tierra y dió todo, no lo queremos conocer ni creer, obediciendo a sus hechiceros y malas costumbres, y que de allí adelante no tendrían escusa, pues Dios les imbiava la verdadera santidad, que es la cruz y aquellas palabras y cantares. Y que Dios tenía vida [64v] para los que lo creen allá donde El está, mostrándoles la hermosura de los cielos, nombrándoles los elementos con sus frutos, y como de allá venía el sol e llovia, día e noche, e otras cosas muchas. Y de aquí corregíamos sus faltas y hechizeros, y mostrándoles sus engaños muy claros, de lo que fueron espantados saber tanto los niños, porque le hablavan del infierno y del diablo de quien ellos an miedo, de todo lo qual los niños lenguas andan muy enseñados.

3. Estos son los que los días de fiestas predican [7] en la yglesia y declaran el evangelio, y van en los días santos por la Ciudad y Aldeas antes que amanezca, que son las horas a que ellos [8] predican, e les dizen la solennidad del día, llamándoles al conoscimiento de Dios y lo que han de hazer. Los quales, oyendo, van a sus señores a dezir lo que han oydo y a le pedir licencia, e los de las Aldeas forros christianos vienen a las Ciudades a las tales fiestas.

---

42 tres en tres predicando *in margine* || 43 predicando *corr. ex* preguan || 64 llamándoles] llomándoles *ms.* || 66 e *del.* o

---

rias. Feitos pelo reuerendo padre / Pero domeneco Reytor delles. 8.º [50 ff.]. In f. 1v grav.: *Jesus Crucificado.* cc. 1550. Talvez imp. em Lisboa por João Barreira e João Álvares. Cf. ANSELMO, *Bibliografia*, p. 318 (n. 1115).

7 Para estas pregações em tupi podiam servir os treslados do P. Navarro e do Ir. Vicente Rodrigues (carta 42 § 7).

8 Os meninos pregadores.

4. Hablando de los negros [9], de que hablávamos, con lo que les dezían monstravan grandes señales de creer, unos venían a pedir salud, otros que nos rogavan que no les hechássemos la muerte con miedo de nosotros, porque [a] ellos les parecía que hechávamos la muerte. En algunas casas de las Aldeas, porque no fuéssemos a ellas, hazían fuego y quemavan sal y pimienta, porque con la fortaleza y edor no passássemos [10]; e nosotros con todo visitávamos las casas todas con la cruz levantada. Y nosotros entrando íbamos con cantares de nuestro Señor, de manera que todo les era para consolación, porque les dezíamos la verdad, y que todo lo que llevávamos era vida y que los ruines eran los que murían porque no querían las cosas de Dios.

5. Las casas de acá son como las de allá y muy largas, todas cubiertas de palma desde suelo arriba. Donde possábamos, repossávamos a medio dia y de noche éramos muy bien hospedados y nos davan de lo que tenían en abundancia. Bien parece que no falta nada a los que buscan a Christo.

6. A los principales, en entrando les hablávamos todos, después se levantavan de una rede o lecho, en que por la mayor parte están, y hablavan a cada uno por sí diziéndonos «ereiube», que quiere dezir «vengáis en hora buena»; y nosotros dezíamos «paa», que quiere dezir «sí», como es su costumbre.

7. Quanto a la romería de las pissadas [11], de la Aldea donde posamos es un tiro de ballesta. Lo más de la noche tuvimos grandes cumplimientos con el Principal que estava al presente [12]. Nos dixeron que morássemos

---

70 unos *corr. alia manu in* y || 72 les *del.* la || 74 fortaleza *del.* eche || 77 íbamos *sup.* | todo *corr. ex* todos || 78 para *del. alia manu* | consolación *corr. alia manu ex* confussión | dezíamos *corr. alia manu ex* dezían

---

9 Negros por Índios. E assim outras vezes nesta carta.

10 Cf. infra § 13.

11 Pegadas de Santo Tomé. Dirigia esta peregrinação o Ir. Vicente Rodrigues (carta 55 § 3).

12 Segue-se no *ms.* um breve espaço em branco, para o nome do Índio Principal, que não foi preenchido.

allí y que nosotros, que sabíamos, los enseñaríamos y ellos nos harían una cassa en las pisadas del bienaventurado Santo. Con los quales de mañana partimos, depués de plática y predicaciones por las casas e cantares, para las pissadas, con la letanía nuestra compañera, y ellos todos con ora pro nobis. En llegando era media marea vazía, y vimos pissadas, que las cubre la marea llena, que están en piedra muy rezia, y las pissadas señaladas como de hombre que huyendo resvalava, y la piedra dió lugar a sus pies como [65r] si fuera barro: assí se le abajó y humilló. Estando nosotros ay por un espacio dando loores a nuestro Señor por aquel mysterio, porque nuestro Señor no permite nada en valde, sino para aviso y exemplo de ellos y nuestro, y por señal de lo que nuestro Señor haze por los suyos, luego de allí nos fueron ellos a cortar dos palos largos e hizieron una cruz grande entre muchas piedras al pie.

8. Veniendo por otras Aldeas, allegamos a otra donde havía gran cantidad de vino y carne de los contrarios para comer, donde predicando por las casas, aquel día no la comieron por nuestra llegada, y su fiesta cesó de tal manera, que ellos mismos hizieron callar a los suyos que cantavan. Los niños, entretanto que ay estuvieron, fueron bien acogidos, y les barrieron las calles como a santos [13]; y los niños hizieron juegos hablando por lengua. Los negros estavan muy espantados y nos proveyeron aquel día de lo que haviamos menester.

9. Y otro día nos partimos [14], donde no uvo con sus fiestas y vinos quien nos passasse un río muy grande, de manera que nuestro Señor hizo miraglo [15] con nosotros, de

---

96 nosotros *corr. sup. ex* nos || 97 pisadas *corr. ex* pegadas || 106 un *del.* pedaço | dando *corr. sup. alia manu ex* dizien || 112 allegamos *corr. ex* hallamos || 114 predicando *corr. ex* predicar [?] | casas *del.* y || 119 lengua *corr. ex* lenga

---

13 Isto é, como aos seus pagés.

14 «Deviam estar na Ponta da Areia ou lugar bem próximo da Boca do Rio», esclarece WANDERLEY PINHO (*op. cit.* 13). Trata-se do «Rio de Matoim» (*ib.* 14).

15 Espanhol popular; em português, milagre.

tantos como éramos no nos acontezer peligro, según dél nos contaron. A nuestro poco saber ayudó nuestro Señor, porque passamos la gente por 2 vezes con unos palos de jangadas, que ajuntamos y atamos con las cuerdas de los lechos [16] que llevávamos para dormir, y assí passamos la boca de un río que entra en el mar, que más era mar que río [17], al presente muy peligroso, según nos contaron después que acontecían muchos desastres. Este día llegamos donde estava el Padre Nóbrega [18], donde llegamos víspera de Antruejo [19], donde passamos otras muchas cosas de loor de nuestro Señor, y este camino fué de siete leguas por dentro en tierra [20].

10. E fizimos otra peregrinatión la semana de Lázaro [21] de ocho leguas donde llaman el Grillo [22], que es un negro

125 tantos *corr. ex* tanto || 128 jangadas *in margine* barcos || 133 donde³ *corr. ex* don || 135 este *corr. ex* esta

16 Isto é, redes ou maqueiras.

17 «O Rio Matoim — a estreita barra da enseada de Aratu». WANDERLEY PINHO, *op. cit.* 14.

18 Como se vê, parece que o Padre Nóbrega tinha ido adiante e marcara o ponto de junção em Matoim. Ele já tinha feito em 1549 a peregrinação das pegadas de S. Tomé. Desta vez deve ter ido por mar sem perder de vista a expedição por terra e aí esperaria os meninos com abastecimentos e no navio voltariam todos à Baía, pois só se conta a viagem de ida. Está-se em pleno verão baiano. Excursão de férias, a que Nóbrega quis dar também o carácter pio de peregrinação, e esta era o que interessava dizer ao P. Doménech.

19 Antruejo, Entrudo, tomado em conjunto: os três dias de Carnaval. Chegaram, portanto, véspera do domingo gordo (Quinquagéssima), isto é, no sábado precedente, dia 27 de Fevereiro de 1552 (bissexto). Na palavra antruejo, no *ms.*, o *t* baixo, unido ao *r*, parece duplicar o *n* e lemo-lo e traduzimo-lo, em 1940, por Ano Velho. Mas é Entrudo.

20 «Matoim está a sete léguas da Cidade». WANDERLEY PINHO, *op. cit.* 14.

21 «Semana de Lázaro». O dia de Lázaro é a sexta-feira da quarta dominga da Quaresma. Esta sexta-feira em 1552 caiu a 1 de Abril.

22 A esta Aldeia do Grilo gastaram uma légua mais do que na peregrinação precedente. Devem ter ido por diverso caminho ao menos em parte. Desta Aldeia torna a falar no final do § 15.

muy nombrado e temido entre ellos. Por muchas Aldeas, de la misma manera que arriba dixe, anduvimos. Este nos hizo buen acogimiento. Es negro muy grave. Dezíanos que allí teníamos muchas caças que nos mandaría matar y que hiziéssemos allí una casa, que ellos la harían, y qué tenían puercos y pescados y caças. El qual y los demás oyan la palabra de Dios mostrando gran aparejo de su parte para christianos, salvo que las muchas mugeres que tienen los impide[n], de las quales tienen hijos. Llámannos muchas [vezes] a que les hablemos de Dios, y éste dezía que se tenía por cuitado (palabra de que se corren) porque no nos entendía de quantas vezes nos oya, y demás desto que estava lejos de nosotros y que no tenía quien le enseñasse. Es negro para mucho y amigo de los christianos. Tiene en su cassa libro para quien quisiere leer muy bueno e cartas de jugar para quando allá va alguno para le hazer plazer; tiene dos redes o lechos armados para los huéspedes en su Aldea. Pusimos una cruz y dixímosle lo que era, y fué luego como se lo dixeron, y con los suyos hizieron un camino por una vereda desde su Aldea hasta entrar en unos caminos donde la pusimos. Para llevarla hizimos una processión con girnaldas en la cabeça, [65v] con los negros diziendo ora pro nobis. E llevava la cruz un Padre[23] e un hombre, que fué en la compañia, descalços, y la cruz de los niños delante. Llegados y puesta en el suelo levantada, se llegó un niño y predicó por su lengua los opprobrios de Christo, donde le dió nuestro Señor lágrimas, y lloró el Principal. Lo qual acabado, apartándonos de la cruz por un poco, nos pusimos de rrodillas y assí fuimos a adorarla,

144 El *corr. ex* lo || 155 tiene *corr. ex* tienes || 155-156 huéspedes *corr. ex* guespedes | dixímosle *corr. ex* dixémosle || 161 Padre *del.* que fu || 163 Llegados *corr. ex* Allegados || 165 Señor *sup.* || 167 adorarla *del.* cruz

23 Parece tratar-se do P. Salvador Rodrigues; e o homem que o acompanhava, ambos descalços, Gaspar Barbosa [cf. referência do Bispo, carta 49 § 2]. Salvador Rodrigues tinha cuidado dos Meninos (carta 53 § 6).

lo qual hizo aquel Principal assí arrastrando, lo qual es para ellos mucho dolor y afruenta que el demonio pone. A quien haze lo que nosotros, llámanle muger de los christianos.

11. Este tenía una hija muy doliente de lo que él tenía mucha pena por la gran enfermedad. Tráxola a que le diéssemos salud, la qual uno, que tenía más fee que yo, se la prometió, y con oraciones de los niños day a pocos días estuvo buena. Donde nos partimos con mucho cariño dél, y nos dió un hijo muy bonito para que le enseñássemos, al qual baptizamos día de Pascua [24] y aprende bien. Plazerá a nuestro Señor que será para su gloria.

12. En esta Aldea uvo muchas fiestas donde los niños cantaron y holgaron mucho, y de noche se levantaron al modo de ellos y cantaron y tañeron con tacuaras, que son unas cañas grossas con que dan en el suelo y con el son que hazen cantan, y con maracás, que son de unas frutas unos cascos como cocos y aguierados con unos palos por donde dan y pedrezuelas dentro con lo qual tañen. Y luego los niños cantando, de noche (como es costumbre de los negros), se levantavan de sus redes e andavan espantados en pos de nosotros. Parézeme, según ellos son amigos de cossas músicas, que nosotros tañendo y cantando entre ellos los ganaríamos, pues [25] differencia ay de lo que ellos hazen a lo que nosotros hazemos y haríamos si V. R.ª nos hiziesse proveer de algunos instrumentos para que acá tañamos (imbiando algunos niños que sepan tañer), como son flautas, y gaitas, y nésperas, y unas vergas de yerro con unas argollicas dentro, las quales tañen da[n]do con un yerro en la verga; y un par de panderos y sonajas. Si

176 estuvo *corr. ex* estava || 182 tacuaras *corr. ex* taquras || 186 con *sup.* || 188 redes] *in margine* son lechos en que ellos duermen || 189 Parézeme *corr. sup. ex* pareze | son *del.* ser || 195 nésperas] *in margine* son instrumentos

24 17 de Abril de 1552.

25 «Pues» não apouca a diferença, antes a acentua, com vantagem para os instrumentos músicos que se pedem de Portugal.

viniesse algún tamborilero y gaitero acá, parézeme que no havría Principal que no diesse sus hijos para que los enseñassen.

13. Y junto con esto, como el P.e Nóbrega determina yr lejos por la tierra adentro [26], yrían seguros con esto, porque los negros a sus contrarios (a los quales quieren muy mal, tanto que se comen unos a otros) los dexan entrar en sus tierras y casas, si les traen tañeres y cantares, y assí los nombran santidades y les dan quanto tienen porque les dizen muchas cosas falsas y mentiras que el demonio, su padre, les enseña. Pues si esto que los negros saben que son mentiras y engaños, y assí lo confiessan, los atrae, ¿qué harán si con música, que nunca oyeron, les predicáremos la verdad del mismo Dios exercitada en nuestras almas? ¿Quién tendrá duda sino que tremerán los demonios y sus poderíos como nublados ante el sol? Esto dize el Padre Nóbrega [27] y téngolo por muy cierto, porque los niños tie-

198 tsmborilero] tamorilero *ms.* || 201 el *sup.* | yr *sup.* || 208 si *corr. ex* se || 209 los atrae *in margine* || 210 predicáremos *corr. sup. ex* predicamos

26 A entrada ao sertão dos Carijós ou Guaranis do Sul, que Nóbrega já tinha determinado um ano antes, cf. carta de Nóbrega, de 11 de Agosto de 1551 § 2.

27 VASCONCELOS resume assim este passo da carta de 1552: «Chegou a ser opinião de Nobrega, que era hum dos meios, com que podia converter-se a gentilidade do Brasil, a doce harmonia do canto; e por esta causa ordenou se lhe pusessem em solfa as orações e documentos de nossa santa Fé; porque à volta da suavidade do canto entrasse em suas almas a inteligencia das cousas do Ceo» (*Chronica* Liv. 1 n. 118, *anno de 1552*). Também o P. ANTÓNIO VIEIRA viu esta carta de 1552 e achou na Serra de Ibiapaba o mesmo «estilo» de Nóbrega: «Mas depois que os Padres lhes ensinaram a cantar os mesmos mistérios, que compuseram em versos e tons muito acomodados, viu-se bem com quanta razão dizia Nóbrega, primeiro Missionário do Brasil, que com música e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da América» (*Relação da Missão de Ibiapaba,* in *Vozes Saudosas* [Lisboa 1736] 37-38; cf. LEITE, *Artes e Ofícios* 61-62). A *Relação* de Vieira imprimiu-se pela primeira vez em 1660 (LEITE IX 244), três anos antes da *Chronica*. A fonte de Vasconcelos poderia ter

nen muchos sermones [28] estudiados y tañen e cantan al modo dellos, lo qual huelgan de oyr. Y quando los niños van cantando y tañendo por sus Aldeas, vienen los viejos (que suelen aver miedo de nosotros y esconden sus hijos) a bailar sin descansar, y assimismo las viejas, por cuyo consejo se rigen así viejos como moços; y los niños [66r] andan tras nosotros esperando quándo emos de tañer o cantar, rogándonos que los enseñemos, y diziéndonos algunos que quieren venir con nosotros. Así lo desean, mas no osan del todo fiar por los engaños y males que hast'aquí recibieron de los christianos passados, lo qual agora nuestro Señor les abre los ojos y confiessan nuestra verdad muchos dellos y conocen sus engaños.

14. Para lo qual hemos menester ser muchos y ayudados de muchos Padres y niños que canten, acompañados de virtud para que puedan enseñar a los otros, trayendo consigo las cosas que les hemos pidido y encommendado, y muchas campanas para quando se repartieren por las Aldeas con que llamen a la doctrina, de lo que acá tenemos mucha falta, porque los Padres y los niños son repartidos por las Capitanías, y an menester muchas campanillas quando fueren por las Aldeas.

15. Despues tornaran los niños para la tierra adentro, adonde fué el Padre Nóbrega e otro Padre y dos Hermanos, día del Angel Custodio [29] y acabada la processión, y después que comimos en casa, con la cruz toda pintada de pluma de la tierra muy hermosa, con el Niño Jesú en lo alto de la cruz en trage angéllico con una espada pequeña

---

215 tañen e cantan *corr. ex* tañendo e cantando || 223 que quieren *sup.* || 225 agora *del.* nosotros || 226 les *del.* va || 242 trage *del.* de | angéllico *postea corr. in* angel | espada pequeña *corr. ex* espadinha

---

sido Vieira, mas o facto de situar a notícia no *ano de 1552* mostra que também ele viu esta carta em Roma, onde aliás ambos haviam estado: Vieira em 1650 e Vasconcelos em 1662. Cf. LEITE, *Breve Itinerário* 88-90; *Cartas de Nóbrega* (1955) 171-172.

28 Cf. supra nota 7.

29 19 de Julho de 1552 (3.ª dominga de Julho). Cf. carta 7 § 15.

en la mano [30]. Y assí fuimos con la cruz levantada por las Aldeas cantando en cada una dellas y tañendo a modo de los negros y con sus mesmos sones y cantares, mudadas las palabras en loores de Dios. Fuimos aquella noche a una Aldea. Todos dezían que no tenían nada para comer sino alguna harina que por muchos ajuntaron. Quiso nuestro Señor que partimos aquel día de casa, que nos dieron con que comieron los niños con aquella harina. De ay partimos otro día por la mañana y fuimos a otra Aldea, donde hallamos de almorçar sin faltarnos nada de lo necessario. En la otra que primero durmimos tuvimos nuestros sermones y hablas de nuestro Señor, diziéndoles el Padre [31] que aquella era verdadera santidad, y diziendo a los principales que se aparejassen para las cosas de nuestro Señor de parte del Obispo, que era el verdadeiro «Pajé Gaçu», que quiere dezir «gran Padre» y que se aparejassen para ser christianos no como sus antepassados que se avían hecho christianos por camissas y no por amor de Dios e por eso eran muertos los más dellos, trayéndoles a muchos por exemplo, e sus daños passados, y les trayamos exemplos de otros que fueron buenos christianos, que eran nuestros amigos y no morían, porque creían en la verdadera santidad, que nosotros llevávamos, y cumplían las cosas de Dios que les enseñávamos, las quales davan para siempre

---

251-252 donde — necessario *in margine* || 253-254 sermones *corr. ex* sermões || 255 santidad *in margine:* santidades llaman a sus músicos y tañedores || 258 Padre] P.ª *ms.*

---

30 O Menino Jesus, vestido de Anjo, com a espada ou o tacape na mão (FERNÃO CARDIM, *Tratados* [1925] 187-189, ao tacape chama espada). Figuração em que se reunem símbolos cristãos e indígenas (espada, ou tacape, símbolo do poder) inspirados na celebração da festa do Anjo Custódio de Portugal e das suas terras ultramarinas. Cf. LEITE, *Pintores Jesuítas do Brasil (1549-1760)* em AHSI 20 (1951) 211. Em Portugal, a Bandeira do Anjo ia na procissão do seu dia (3.ª dominga de Julho) atrás de todas as cruzes e a levava o Alferes da Cidade. SOUSA COUTO, *Origem das Procissões da cidade do Porto* 52, com referência à fundação da Ermida de «São Miguel o Anjo», no Porto.

31 Nóbrega.

vida en los cielos, y que los malos que morían yvan al infierno a arder con los diablos, lo qual les metía gran miedo y espanto. Y después desto tañíamos y cantávamos, de lo que algunos havían miedo, porque pensavan que nuestro cantar les daría la muerte, otros por el contrario holgavan mucho y venían a nuestro tañer a cantar y baylar, donde venían viejos y viejas que era para espantar, siendo éstas por quien ellos se rigen [32].

Desta manera que, atravesando por la tierraa dentro, hallávamos mucha differencia de negros, porque en muchas Aldeas no nos querían ver y huyan de nosotros escondiéndose con sus hijos, pensando que luego havían de morir con gran miedo que tenían de nós, y en otras partes quemavan pimienta que da un olor muy fuerte y fumo que parece que ahoga [33], y assí passamos por las más Aldeas y caminos, salvo en aquéllas que nos era necessario comer y descansar, donde nuestro Señor quería que no nos faltasse nada de lo que avíamos menester con mucha alegría [66v] y mucha voluntad. Y en estas Aldeas que esto hallávamos, que era carne o pescado, según havíamos menester, nos dezían que en los otros días passados no havían tenido cosa alguna sino en aquel día que nosotros llegamos. Y en una Aldea que nosotros entramos una tarde fueron delante a dar nueva cómo ívamos, y vinieron lu[e]go muchos negros cargados de pescado, de que comimos muy bien y aún llevamos pescado cozido. Quando llegamos a la Aldea del Grillo [34], donde avía días que no moría nada, aquel día que

268 lo *corr. ex* los || 269 tañíamos *corr. sup. ex* taniamo

32 Insiste-se na influência das índias velhas, de que já se falara antes § 13. Vestígios de matriarcado?

33 No § 4 referia-se também à queima do sal; e WANDERLEY PINHO chama a este sistema de defesa indígena, a sua «cortina de fumaça ou gases asfixiantes» (*op. cit.* 15).

34 Já tinham estado nesta Aldeia do Grilo noutra peregrinação, e distava da Baía 8 léguas (§ 10). — Estas distâncias são aproximativas e precárias, e devem-se entender segundo o maior ou menor rodeio que se dava no caminho.

estuvimos murió un venado de que comieron los niños y llevaron para el camino. En otra nos dieron mucha harina, pescado cozido y assado, y muchos camarones de que comieron en abundancia y llevaron para el camino, de manera que donde quiera que ívamos hallávamos por poco que fuesse abastança, hasta que llegamos a las pisadas de Santo Thomé, donde hallamos un pueblo en el qual havía días que no moría pescado, y quando nosotros hallegamos no faltó lo necessario, mostrando bien nuestro Señor que iva en nuestra compañía.

16. Trabajos de caminos passamos muchos, passando muchos ríos y aguas, porque era entonces tiempo dellas. Anduvimos todo un día, quando llegamos a las pissadas, por debaxo de grandes arboledas siempre por agua sin acertar con el camino, hasta que al cabo fuimos a dar a una balsa [35] detrás de un río Matuim [36], donde estancábamos fasta las rodillas, y todo por donde andávamos lleno de ostrias que bastava para cortarnos las piernas si Dios no fuera con nosotros. Allí andubimos muy perdidos, porque no sabíamos si yvamos anzia mar o ancia tierra; mas uno acordándose de Sant Antonio llamó a los niños y todos dixeron un responso [37], y el bienaventurado Sant Antonio nos puso en camino.

17. Anduvimos con mucho trabaxo de caydas fasta llegar a las pissadas, donde allamos los negros tam buenos que huvo de quedar allí un Hermano [38] con dos niños para

---

313 tierra *del.* y

---

35 Charco, alagadiço.

36 Rio Matoim ou «Rio Cotegipe». HOMEM DE MELO, *Atlas do Brasil* (Rio de Janeiro 1907) mapa 12.

37 Responso no sentido português: «Responso de S. António». Em espanhol seria «responsorio».

38 Ir. Vicente Rodrigues. É a Aldeia de S. Tomé de Paripe, onde ficaram também dois meninos, aos quais mais abaixo se chama «Irmãos», os Irmãos «pequenos», como então se intitulavam os recolhidos no Colégio dos Meninos de Jesus. LEITE II 47; infra, cartas 53 § 10 e 55 § 1.

los enseñar y hazer una casa en las pissadas donde se reco- 320
jan niños y deprendan. Allí hallamos buen acogimiento, porque por un hijo suyo nos imbió a llamar a su casa el Principal, donde recibimos tanta consolación, que fué mayor que los trabajos que passamos. Y en esa misma Aldea bailamos y cantamos a su modo y los cantares en su len- 325
gua, y la muger del Principal se levantó a bailar con nosotros. E otro día por la mañana nos fué amostrar un limonar donde los niños tomaron de los limones. Day nos partimos para las pissadas con cantares de nuestro Señor y los gentiles de la Aldea yvan con nosotros. Y cantamos 330
en las pissadas un hymno del Spíritu Santo, y day nos partimos de los Hermanos, los quales quedavan muy desseosos [39] de nosotros.

Fuimos por la playa do hallamos otro limonar que nos dió mucho trabajo, principalmente a los niños [67r] por los 335
muchos mosquitos que nos mordían, y desta manera fuimos hasta llegar a una boca de un río que passamos en una canoa, donde está agora en casa [40]. No dizimos más: que nos encomendéis en vuestras oraciones.

Desta casa del Collegio de los Niños de Jesú, oy a 5 de 340
Agosto de 1552 añnos.

De vuestros hermanos

Diego Topinambá Peribira Mongetá Quatiá [41].

---

325 bailamos *corr. sup. ex* balamos

---

39 «Desseosos». É lícito supor que no original português estivesse «saudosos».

40 Parece que continuaram até à Boca do Rio (de Matoim) donde voltaram de canoa para casa.

41 Esta cláusula requer alguns esclarecimentos:

a) De vossos irmãos: Talvez o original estivesse no singular, e o tradutor ou copista o transpusesse para o plural, contando vários signatários, como aparentemente se apresentam a quem quer que desconheça a língua brasílica (tupi).

b) Diogo: O facto de haver um só nome cristão, junto com a significação das palavras tupis, sugere que talvez se trate de um só menino com nome composto pelo P. Francisco Pires, autor da carta, que fazia

CARTAS PERDIDAS

52a-c. *Dos Meninos da Baía aos Meninos de Lisboa* (Baía, antes de 7 de Agosto de 1552). O Padre Nóbrega mandou aos Meninos da Baía «que escrevessem aos meninos de Lisboa, e porque poderá ser que suas cartas as vejais ho nam escreverei», — diz o P. Francisco Pires aos Padres e Irmãos de Portugal em carta da Baía, 7 de Agosto de 1552 § 8. Só se conhece uma, a de 5 de Agosto.

52d-f. *Dos Meninos da Baía ao P. Pero Doménech, Lisboa* (Baía, fins de Agosto de 1552). «Despues desta [de 5 de Agosto de 1552] recebimos otras de diez o doze niñnos hijos de padres gentiles», — escreve Doménech na carta de Outubro de 1552 § 1.

53

DO P. FRANCISCO PIRES AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

BAÍA 7 DE AGOSTO DE 1552

I. **Bibliografia:** B. MACHADO II 206; SOMMERVOGEL VI 848 n. 1; STREIT II 336 n. 1223; LEITE IX 63 n. 2.

II. **Autores:** LEITE I 25.

III. **Texto:** Original português perdido.

1. Biblioteca de Évora, CXVI/1-33, ff. 186r-189v. Título: «Carta do Padre Nobriga [outra letra, riscado:] pera os irmãos de Purtugal». Falta o final. Apógrafo em português.

2. ARSI, *Bras. 3-1*, 54r-55v [antes 282r-283r]. Título: «De una del P.e Francisco Pérez que está en el Brasil para los Hermanos de la Compañía de Jesús que están en Coimbra». No fim: «De Baía a los 7 de Agosto de 1552». Falta o princípio que se lê no apógrafo, mas traz

---

diligência por aprender o tupi sem nunca o chegar a saber bem. (ANCHIETA, *Cartas* 488). Nome composto dos seguintes elementos: de baptismo (Diogo), de tribo (Tupinambá), de família (Peribira), de escola (Mongetá Quatiá: ler, que lê e escreve).

c) Mongetá: «Aimõguetá, falar a alguém»; «ler o escritor». LEONARDO DO VALE, *Vocabulário* I [1953] 133; II 20.

d) Quatiá: «Escritura, pintura, dibuxo, papel, carta, libro»; «aiquatiá, escrivir»; «quatia mongeta, leer». MONTOYA, *Vocabulario* 262 323v. Cf., supra, introdução desta carta: *Autor*.

a parte final que falta naquele. Tradução espanhola talvez do original perdido. Com correcções e cortes feitos por Polanco.

3. *Bras. 3-1*, 58r-59v [antes 285r-286v]. Título: «Cavato d'una del P.e Francesco Perez che sta in Baia per li soi Fratelli dela Compagnia de Jesu delli 17 de Settembre 1552». Tradução italiana da versão espanhola, depois das emendas e cortes do P. Polanco, portanto resumida.

4. Biblioteca Vaticana, *Ottoboni lat. 797*, ff. 159r-161v. Outra tradução italiana como em 3.

IV. **Autor**: Em Évora está incluída entre outras cartas de Nóbrega por ser a seu mandado: «O Padre Nobrega me mandou escrever-vos»; mas escreveu-a o P. Francisco Pires como se diz nas traduções.

V. **Data**: Talvez alguma via fosse de 17 de Setembro, mas deve-se preferir a data de 7 de Agosto da tradução espanhola, de que procede a italiana.

VI. **Impressão**: *Novi Avisi di piu lochi de l'India et massime de Brasil* (Roma 1553), sem paginação [carta n. 4]; *Diversi Avisi* (Veneza 1559) 150v-154r; *ib.* (1565) 150v-154r; *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 126-132.

VII. **História da Impressão**: *Novi* e *Diversi Avisi* imprimem a tradução italiana resumida (3); *Cartas* o apógrafo incompleto (1).

VIII. **Edição**: Imprime-se o apógrafo português (1), acrescentado com a parte final da tradução espanhola (2).

Textus

1. Introductio. — 2. Scribit iussu Patris Nóbrega; item de aliis praefecturis alii scribent. — 3. Cum reversus est e Praefectura Pernambuci, P. Nóbrega navigare non potuit ad alias visitandas praefecturas ob adversum ventum. — 4. P. Navarrus in Praefectura Portus Securi versatur. — 5. P. Paiva in Praefectura Spiritus Sancti. — 6. P. Nóbrega in urbe Bahia eiusque ministeria. — 7. Fervor Indorum in addiscenda doctrina christiana. — 8. Pueri Collegii Bahiae operam dant studiis et iuvant Patres. — 9. Peregrinatio puerorum in interiora terrarum Bahiae. — 10. Fr. Vincentius Rodrigues aediculam facit prope vestigia S. Thomae. — 11. Interveniente Nóbrega, Didacus Álvares Caramuru ab Episcopo creatus est comes Patrum ad conversionem gentilium. — 12. In Praefectura S. Vincentii messis quidem multa, operarii autem pauci. — 13. Desunt Patres ad Praefecturam quae «Ilhéus» dicitur. — 14. P. Nóbrega sese parat ad navigandum versus meridiem. — 15. Incipit aedificationem novae ecclesiae in urbe bahiensi. — 16. De puero Michaele, filio hominis lusitani et foeminae indae, qui ut indus vivebat.

1. Quid scribam Fratribus meis ut consolentur in Domino, nisi amaritudines contra me ut orent pro me et non consumar peccatis adolescentiae me[ae] [1]? Muitas vezes estou cuidando ho muito que N. Senhor obraria nestas partes pella Companhia, se muitos meus Irmãos de Coimbra quá viessem, porque en cada cousa e cada hora, se eu tivesse boons olhos, viria ao Senhor obrar e dispor tudo suavemente. Nam poderei escrever cousas particulares porque são já tão frio e tão soberbo, que não sei já cousa que me farte, nem me satisfaça, nem me comsole, nem me aquente, senão acabar de ver já todo o Brasil christão, ou ser como Deus e saber tudo. Heu Fratres! latet anguis in herba [2], e eu estou longe de vós pera ser ajudado e não sei se vos esqueceis de mim, porque eu cada ves me acho atrás.

2. O P.e Nobriga me mandou escrever-vos as cousas desta Capitania, porque de Pernambuquo se escreverá ho que N. Senhor naquella Capitania obrou, e pollo consiguinte das outras Capitanias faram o mesmo. Bem quizeramos que tudo se podera escrever junto e não espalhado, e porem não pode ser, porque às veses se passa hum anno e nam sabemos huns dos outros por causa dos tempos e dos pocos navios que andão polla costa, e às veses se vêem mais cedo navios de [186v] Purtugal que das Capitanias; e por isso os Padres das Capitanias escreveram por sua via e nós por ha nossa.

3. Des que chegou o P.e Nobriga, que foi no começo da Coresma [3], fazendo-se prestes hum barquo pera São Vicente, detreminou hir visitando as Capitanias e pregando ho jubileu [4], mais movido pello desejo que tinha de os ver a todos

---

1-14 Quid — atrás *om. textus 2 et 3* || 16 se escreverá] escrivirá el P.e Antonio Perez *textus 2 sed del.* || 22 vêem] vê *ms.* || 26-40 São Vicente — sucederão *del. textus 2, om. textus 3*

---

1 Iob. 13, 26.

2 Virgilius, *Eclog.* III 93.

3 No começo da Quaresma, portanto por 2 de Março de 1552 (Quarta feira de Cinzas); mas deve ter chegado dias antes, pois já estava na Baía na última semana de Fevereiro. Cf. supra, p. 381, nota 19.

4 Do Ano Santo de 1550 (cartas 15 e 16); LEITE, *Breve Itinerário* 72.

e consolar-se com seus Irmãos, que por ser vontade de Deus N. S., como claramente se vio, porque estando embarquados ho Padre Nobriga e Manuel de Paiva em tempo de monção pera toda a costa e partindo com muito boom tempo, logo saindo da Baia se mudou que foi forçado tornarem aribar. Ho qual considerando os Padres e Irmãos diserão se porventura não se servia Nosso Senhor da tal ida, por onde pareceu bem ao P.e Nobriga pô-llo em parecer de todos. E se concluio que não devia de hir por muitas causas que se aly moverão, o que despois a experientia ensinou ser muito gloria de N. Senhor não hir elle por cousas que sucederão. E foi o P.e Manuel de Paiva e ho P.e Navvarro pregando o jubileu pellas Capitanias e visitando as casas.

O P.e Navvarro fiquou em Porto Seguro por rezão das pregaçõis e doctrina dos christãos e gentios daquella Capitania onde se fas muito fructo, e andão duas povoações em bandos sobre quem fará milhor casa de meninos polla devação que tem aos Padres da Companhia.

O P.e Paiva passou ao Espiritu Sancto, onde antes estava o P.e Afonso Brás, e, por ser vindo a Porto Seguro e dahi vir ter com o P. Nobrega a comunicar-lhe casos de consientia, e não se encontrarão no caminho, foi forçado ao P.e Paiva fiquar-se no Espiritu Sancto, e tãobem por ser Coresma e do povo se não poder espedir. E foi tudo ordenado por Nosso Senhor, porque levava tres mininos [187r] com os quais principiou aquella Casa [5], e não erão tão necessarios

46 casa de orfãos *text.* 2 || 50 com o P. Nobrega a comunicar-lhe *ex text.* 2 *et* 3, *ms.* comiguo a comunicar-me

5 A Casa foi fundada pelo P. Afonso Brás um ano antes, mas a passagem do P. Manuel de Paiva (Visitador local) com os três meninos para São Vicente despertou nos moradores a ideia de os reter, e apresentando-se a questão do sustento ofereceram a sesmaria de 4 de Maio de 1552, concedida ao mesmo P. Manuel de Paiva. O facto objectiva a data da sua estada aí (doc. 40). E foi portanto ele quem aí pregou o Jubileu do Ano Santo.

em São Vicente pera onde elles hião, os quais acarretarão outros da terra, que aprendem e causão muita devação com suas doctrinas e pregações e cantares de N. Senhor assi aos christãos como gentios, e vai em muito crecimento aquella casa, e á-de sser a melhor de toda costa por rezão dos muitos mantimentos que ali há em muita abastança, posto que agora esteja muito pobre de gente. Ho P.e Afonço Brás por achar o Padre Navarro em Porto Seguro e lhe detreminar suas duvidas, se tornava no primeiro barco.

6. Ho P.e Nobriga se fiquou nesta Capitania da Baya com o P.e Salvador Rodriguez, ho qual tinha cuidado dos mininos e por sua fraqueza não podia comfessar nem dizer missa. E por isso carregava tudo no Padre Nobriga, o qual confessava todos os dias da Coresma e aos domingos dizia duas missas e pregava duas pregações, huma nesta Cidade e outra na Villa Velha, com andar cada domingo huma legoa assi da ida como de vinda, e pregar às sextas-feiras na Sidade e acodir a todos os negocios espirituaes que sobrevinhão e à governação desta casa e gente della, que são perto de corenta pessoas antre servidores e homens de trabalho e meninos. Ho fructo que N. Senhor obrou não o poderei eu escrever em particular, porque se fizerão alguns casamentos de muito serviço de N. Senhor, apartarão-se muitos de peccados, reformou-se muita gente em boons custumes. Certo, Irmãos, que a virem molheres de lá com que os homens casassem, que se podera bem chamar esta Capitania huma religião, porque custumes de jurar ho nome do Senhor mais estranhado hé antre os leigos mesmos, que em outras partes entre pessoas religiosas. [187v] Se ha-i desconcertos antre alguns, logo são amigos; ho furtar, senão antre pessoas que por isso vierão degradados; dos outros maos custumes muito apartados. Creo que nenhum fiquara por ganhar o jubileu, fazendo o que em si era, posto que alguns por não poderem comodamente apar-

---

62-64 Ho P.e — barco *del. textus 2, om. textus 3* || 73 a *interp.* || 79 de *ex text. 2* || 83-84 mesmos — religiosas] y saeculares que en otras partes entre personas que tenian más obligacion a esso *textus 2, sed a Polanco del.*

tar-se de indias, de que tinhão filhos, esperão por molheres com que cazem e se apartem.

7. Ho fervor dos escravos com as pregações na lingoa e doctrina hé tanto que emvergonhavão aos senhores, e melhor sabem a doctrina christãa que os senhores. Os christãos dos gentios, que permanecerão, sam tais que emvergonhão minha frieza. Tão bem sabem quando vem ho domingo como eu, e não herrão nenhum. E se algum gentio fala mal dos branquos, elles são o[s] primeiro[s] que lhe vem a oferecer pera se castigarem os ruins, e dizem que já não tem outros parentes senão os christãos, e de todos os gentios são estes envejados e lhes querem mal seus parentes per amor dos christãos. E com lhe virem muitas tentaçõis e perseguições, sempre permaneceram, que hé cousa de que quá nós muito nos maravilhamos e com que muito louvamos ao Senhor, porque huns lhes morrerão, outros são sempre doentes. Os feiticeiros asacam-lhes mil raivas e muitas mintiras pera os perverter, pregando que nós os matamos com ho bautismo, e provão-lho, porque muitos delles morreram; e, contudo, permanecem no começado com muito trabalho dos Padres que não fazem senão pregar contra isso.

Ho motivo que tiverão os feiticeiros a pregarem isto foi por hum grande e evidente juizo de Nosso Senhor que nesta terra obrou: porque quis apartar os boons dos maos [188r] e ensinar que quem quizesse ser christão, que hoo avia de ser boom, e não como ho erão alguns do tempo passado, que os Padres acharão quando primeiramente vierão a este Brassil; e foi de maneira que os que se fizerão christãos e não permanecerão, quasi que nenhum fiquou que não morresse, despois de amoestados por veses dos Padres, e quis Nosso Senhor que os filhos destes, que forão bautisados na inocentia, na mesma inocentia ffalecerão (ne malitia mutaret intelectum [6]), e desta maneira se

98 los primeros *textus 2*, li primi *textus 3* || 104 muito¹] muitos *ms.*, *textus 2* mucho

6 Sap. 4, 11.

castigarão os parentes e elles se salvarão. De maneira que por esta via tirou N. Senhor dos coraçõis do gentio que nam podiam servir a Deus e a Belial [7], não podião ser christãos e viver em custumes de gentios como de antes cuidavão, porquanto os bautizavam deixando-os viver como de antes e nunqa lhe falavão nisso, nem os gentios cuidavão que ser christão que era mais que andar vestido e bautizar-se. Desta grande mortandade tomarão os outros ocasião, por persuasão dos feiticeiros, a fugirem dos Padres, dizendo que lhes botavão ha morte, e a temerem-nos, e por medo fazem quanto lhes pedem, como darem seus escravos e nam os comerem quando os Padres lhe dizem, como aconteseu pouquo há a hum, e outras cousas que não se podem escrever.

8. Os mininos da terra fazem muito fructo e ajudão muito bem aos Padres e espantão-se os gentios verem-nos falar com fervor e sem medo nem vergonha de N. Senhor. Em casa se tem muito exercicio de tudo, assi das pregações, como de cantigas, pella lingoa e em portugues [8], e aprendem muito bem ho necessario. Tem sua oração mental e verbal, tudo repartido a seu tempo conveniente e praticas de Nosso Senhor que cada dia, todos juntos à noite, o P.e Nobriga [188v] e os Padres lhes fazem. Tem grandes fervores e mortificações, que em alguma cousa vos querem aremedar a vós, Charissimos Irmãos; são grandes os desejos de padecerem e de hirem pella terra adentro ao sertão; em suas peregrinações se aproveitão muito, ho que eu não escreverei, porque o Padre [9] lhes mandou que escrevessem aos meninos de Lixboa [10]; e porque poderá ser que suas cartas as vejais ho nam escreverei.

---

127 em *ex text. 2* || 130 *Prius* christãos || 143 bem *ex text. 2* || 147-148 e mortifica ções — são grandes os *om. text. 2 et 3* || 148 querem *del.* responder

---

7 Cf. 2 Cor. 6, 15.
8 Cantigas nas duas línguas tupi e portuguesa.
9 Nóbrega.
10 Carta 52.

9. Somente de huma derradeira que fizerão, na qual muito padecerão todos por si, os Padres e Irmãos, como os meninos, porque fugião os gentios delles como da morte e despejavão as casas e fogião pera os matos; outros queimavão pimenta por lhes não entrar a morte em casa. Levavão crux alevantada a que avião grande medo e vinhão alguns ao caminho a rogar aos Padres que lhes não fizessem mal, que passasem de largo amostrando ho caminho e, tremendo como a verga, não querião ouvir as pregações; e isto quanto mais entravão pella terra dentro, e mui asinha se tornarão os Padres se já não tiverão emtrado tanto, e esperarem achar melhor gentio adiante. E como o Senhor hé ajudador sempre quando comvem, posto que todo o dia não achasem quem os agasalhase, nem lhes quizessem dar de comer, sempre às tardes Nosso Senhor movia os corações dos da Aldea onde achegavão a que com muito gasalhado lhes dessem quanto tinhão, e alguns sairão a recebê-los ao caminho com muita alegria. E se algum tinha pouca fee, parecendo-lhes que seria a noite o que foi de dia, e que poderiam dormir no campo e perecer à fome, virão evidentemente como in oportunitatibus adiutor est Dominus [11].

10. Ho Irmão Vicente Rodriguez está daqui quatro legoas pella Baya adentro e tem cuidado de visitar algumas Aldeas de gentios, onde por terem mais comunicação hos Padres e serem mais achegados parentes destes novamente comvertidos e nos terem [189r] muita afeição, está mui aceito antre elles; e hé junto donde dizem estar as pegadas de Sancto Thomé. Tem grande auditorio de meninos que aprendem. Tem comsigo dous meninos [12] pregadores que fazem muito fructo; fazem quanto lhe diz.

11. Ho P.e Nobriga ordenou com o Bispo que fizesse com Diogo Alveres, por lingoa dos Indios Caramoru, aho

167 *Prius* agalhase || 171 *Prius* alguns || 175-193 Ho Irmão — converterem *om. textus 2 et 3*

11 Ps. 9, 10.

12 Cf. Carta 52 § 17.

qual tem grande credito os Indios por aver corenta ou sinquoenta annos [13] que anda antre elles e ser velho honrrado, que andasse pellas Aldeas com os Padres, prometendo-lhe ordenado d'El-Rei [14], o que ao Bispo pareceu muito bem e logo ho poz em obra e lhe falou. E assi se fará, e está concertado ir hum dia destes por todas as Aldeas a pregar contra ha abusão que está semeada antre elles e declarar-lhes a verdade, e á-de sser pai dos que se converterem.

12. De São Vicente tivemos cartas [15] de muita consolação pollo muito fruito que lá se fas, o qual não relatarei porque de llá o escreverão largo. Escrevem que todos nós vamos pera lá e deixemos quá tudo destas Capitanias, ainda que seja muito o que de quá se fizer, polla grande seara que lá se colhe de muito fructo, e por ser gentio pello qual se andão as quinhentas legoas por elle [16]. Veremos estas cousas e quam poucos somos pera tanto, não sabemos que dizer e andamos todos tentados de ver que em Portugal andão tantos pregadores, de nossos Irmãos, em partes onde as almas tem seu Moisés e seus profetas, e quá, onde tantas almas perecem à mingoa, não vir ninguem, pois eu tenho pera mim que folgão mais na gloria com huma alma brasilia que estava perdida que não com muitos justos que por muitas vias podem ser socorridos de N. Senhor. Vinde, Charissimos, que vos esperão muitas almas e muitos anjos pera vos ajudarem, e Nosso Senhor quer já quá criar povo novo e gente nova pera Jerusalem soberana.

13. Nos Ilheos não está ninguem por não aver Padre que lá esteja. [189v] Hé muito importunado de llá o nosso

---

194-201 De São — tanto *del. textus 2 om. textus 3* || 201 quam *ms.* quasi, *textus 2* quam | 201-211 não — Jerusalem *om. textus 2 et 3* || 206 na gloria *ex text. 2* || 207 com³ *ex text. 2* || 212 soberana *ex text. 2*

---

13 Portanto desde 1512 ou 1502.

14 Carta 54 § 18.

15 Também a «cartas», no plural, se refere a de Leonardo Nunes, de 29 de Junho de 1552 (carta 46 § 2). Mas só esta se conhece.

16 «Por elle»: através dele, por ser muito.

Padre Nobriga. Ninguem quer ver senão Padres da Com- 215
panhia. Prometem dar quanto tem pera as casas.

14. O P.e Nobriga detremina hir com o Governador e proverá e dará ordem a tudo, e creo que levará os Padres que achar comsigo deixando as Capitanias, esperando por vós, Irmãos, que venhais e socorrais, porque há tanta 220
messe que não nos sabemos dar as mãos, e os obreiros são poucos [17].

15. Quanto a la iglesia que tenemos en esta Vaía hasta el presente es la que hizimos en llegando a esta terra [18], y por ser de tapia de mano y estar ia mui danificada, viendo 225
los moradores de esta Ciudad que ia se caía y Su Alteça no la mandava hazer, determinaron todos, especialmente el Governador, a hazer una nueva parte della de piedra y cal [19]; y esto se haze con tanto hervor por el amor que nos tienen, que criados y sennores y esclavos traen la pie- 230
dra a las cuestas, y paréceme, según veo sus deseos, que presto le darán fin.

16. Entre otros ninnos, que tomamos en este gentil [20], de uno relataré en special, porque cierto sus cosas, hervores y dichos de nuestro Señor son para notar. Tam alegre 235
y contento de continuo que a todos nos edifica, lo que acá atribuimos esta specialidade he que seu pai morreo lá en Viana, según avemos sabido, que era mui buen christiano y enterrado con mucha pompa, como allá tenemos por

---

220-221 ai tanta messe que no *textus 2;* vi è molto grande messe *text. 3* || 223-256 Quanto — Perez *ex text. 2* || 224-225 y por — danificada *del. in ms.* || 234-255 de uno — Ciudad *del., textus 3 om. omnia usque ad finem* || 235 de *del.* nuestra || 237 *Prius* specialiadade | seu pai morreo lá] su padre murrió alla *alia manu*

---

17 Mat. 9, 37; Luc. 10, 2.

18 Trata-se não da Igreja da Ajuda, mas da Igreja do Terreiro de Jesus, começada no último trimestre de 1549 e concluída nos começos de 1550, precisamente quando chegava de Lisboa o P. Francisco Pires (carta 14 § 4).

19 Reconstrução parcial ou acrescentamento, não Igreja toda nova; parte de pedra e cal, parte não.

20 Que tomamos ao gentio: que vivia entre o gentio, como gentio. Filho de português minhoto, nascido de índia em Porto Seguro por 1540.

costumbre, y porque su alma, si nuestro Señor es servido, está en gloria, quiere allá ver la del hijo. Este miniño será de doce annos. Sabe ia leer e escrivir honestamente, no quiere ver a los suios, y tanto les avorrecen que quando yo quise venir de Puerto Seguro para esta Baía, quise traer un su tío comiguo que deseava de ver esta tierra, él me dijo que no le truxese porque no quería que le digessen que sus parientes andavan con él; y fué mui alegre y contento con quitarlo de entre los parientes y de traerlo aquí. Alevantándose hun tumulto, que sus parientes nos querían dar guerra, le hize pregunta si quería ir con ellos o comigo para población de los blancos, porque nuestra casa estava de allí una legua. Él me respondió que no quería ver sus parientes, que él quería morir donde yo muriesse. Habla ya mui bien la nuestra lengua. Llámase Miguel.

De esta Ciudad de Baía, a los 7 de Agosto de 1552.

Francisco Perez.

54

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

[BAÍA FINS DE AGOSTO DE 1552]

I. **Bibliografia:** SOMMERVOGEL V 1782 n. 12; STREIT II 336 n. 1228; LEITE IX 8 n. 15.

II. **Autores:** LEITE IX 414 419; *Breve Itinerário* 44-47; *Cartas de Nóbrega* 17*-20*; NEMÉSIO 264-265.

III. **Texto:** Original português perdido.

Biblioteca de Évora, CXVI/1-33, ff. 194v-197r. Título: «Outra do mesmo Padre [Nóbrega] ao Padre Mestre Simão». No final da carta: «Fim». Apógrafo em português.

IV. **Impressão:** *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* XLIII, 1.ª P. (Rio de Janeiro 1880) 105-111; VALE CABRAL (Rio 1886) 101-105; (1931) 137-143; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 137-146.

---

241 miniño *corr. in* niño || 248 con *del.* tir || 250 quería] querían *ms.* || 253 muriesse *del.* fal

V. **Data:** A carta trata dos mesmos assuntos relacionados com a chegada do Bispo [22-VI-1552], mas já menciona a festa de Nossa Senhora [15 de Agosto]. Deve ter sido escrita, portanto, na segunda metade do mês, pelos fins dele.

VI. **Edição:** Reimprime-se o texto único (Évora).

Textus

1. In puerorum educatione sita est spes conversionis gentilium. — 2. Agri acquiruntur pro educatione puerorum. — 3. Regium diploma pro sustentatione Patrum. — 4. Pro sustentatione puerorum armentum emitur. — 5. Pro ministeriis Collegii servos habere necesse est. — 6. Indi iniuste captivi liberantur. — 7. De decimis ex piscibus aliisque rebus quibus aluntur pueri. — 8. Patres S. I. de eleemosynis vivunt. — 9. Episcopus aures praebet murmurantibus, sed Nóbrega, suadentibus Gubernatore et amicis, a Collegio conservando non desistit. — 10. Puerorum Collegia omnino necessaria sunt in Brasilia. — 11. Episcopus industrius est, at senex; et ideo pro illo vel pro Capitulo obtinendum aliquod beneficium ecclesiasticum in Portugalia. — 12. Dubia orta post adventum Episcopi. — 13. De confessione per interpretem. — 14. De praesentia in ecclesia Indorum gentilium simul cum christianis. — 15. De Indorum moribus qui non sunt contra fidem christianam. — 16. De Indis nudis qui baptismum petunt. — 17. De bello et captivitate Indorum. — 18. De Didaco Álvares Caramuru pro quo Nóbrega postulat mercedem regiam.

1. Por todas as vias que posso escrevo a V. R. quia amo Patrem meum qui et ipse amat me [1]. E, porque me parece que tenho já bastantemente escripto, nesta somente darei conta a V. R. de algumas cousas que nas outras fui falto.

Todos os Padres e Irmãos estamos de saude, gloria a Nosso Senhor, corporal, e quietos no spiritu; cada hum trabalha segundo seu talento e graça que Nosso Senhor lhe daa.

Já tenho escripto por vezes a V. R. como nestas partes pretendiamos criar meninos do gentio por ser elle muito e nós poucos, e sabermos-lhe mal falar em sua lingoa, e elles

12 sabermos] saberemos *ms.*

1 Cf. Ioan. 16, 27; 21, 15-17.

de tantos mil annos criados e abituados em perversos costumes; e, por este nos parecer meio tão necessario hà conversão do gentio, trabalhamos por dar principio a cassas que fiquem pera emquanto o mundo durar, vendo que na India isso mesmo se pretende e em outras partes, muitos collegios em que se criem soldados pera Christo [2]. Comfirmou isto mandarem de lá meninos, os quais, como não fosse[m] pera este fim e para darem principio hà casa, não sei pera que quá erão.

2. O que tudo praticando co[m] o Governador e vendo a dificuldade de manter os meninos que de llá vierão, por rezão da terra ser nova e pouqua gente nella que lhes podesse dar esmolas, por serem os mais degradados e outra gente pobrę e miseravel, asentamos, com ho parecer dos mais Padres nossos, de tomaremos terra e ordenaremos cassa de meninos. E logo, assi nós por nossas mãos, como rogando aos Indios da terra, como os escravos dos branquos, e elles mesmos por sua devação, começamos a roçar e fazer mantimentos aos meninos; e, entretanto que não erão pera se comerem, soprio o Governador [3] con todo o necessario aos meninos, como zeloso e vertuosso que hé, porque as esmolas que se pedião não bastavão a hum soo comer.

3. Despois que de llá mandarão o Alvará de El-Rei [4] pera nos darem mantimento e vestiaria, ordenarão os officiais de darem a dez que viemos hum crusado em ferro a cada hum, que saia pouco mais de dous tostõis en dinheiro, pera a mantença nossa, e sinquo mil e seissentos reis pera [195r] vestido de cada Padre cada anno, o que tudo aplicamos a esta casa pera os meninos, e nós no vestido remedeamo-nos com ho que ainda do Reino trouxemos, porque

---

2 Em carta de 20 de Fevereiro de 1555 manda dizer o Padre Geral ao Provincial de Portugal: «El Collegio en el Brasil, en San Salvador, parece será muy conveniente para que sea lo que es el de Goa en la India» (MI *Epp.* VIII 443).

3 Tomé de Sousa.

4 Alvará de 1 de Janeiro de 1551, supra, pp. 211-212.

a mi ainda me serve ha roupa com que embarquei, que V. R. por especial mandado me mandou trazer, a qual já tinha servido no colegio [5], em São Fins [6]; e no comer vi[v]emos por esmolas.

4. Despois que vierão os escravos d'El-Rei, de Guiné a esta terra [7], tomarão os Padres fiados por dous annos tres escravos, dando fiadores a isso, e acaba-sse o tempo agora cedo [8]. Desta vestiaria fiz mercar outros escravos da terra. Este anno que vierão vaquas d'El-Rei tãobem tomei doze fiadas a El-Rei, dando fiadores pera dahi a hum anno se pagar, pera criação e leite pera os meninos [9]. Tenho principiado casas pera os meninos, comforme a terra. Até agora passamos muito trabalho por os manter; já agora, que os mantimentos se vão comendo [10], vai a casa em muito crecimento e os meninos tem o necessario cada vez melhor; de maneira que donde antes com muita fortuna mantinhamos a sete ou oito, agora mantem a casa a sinquoenta e tantas pessoas sem ho sentir. Tem a casa hum barquo e escravos que matão peixe.

5. Alguns escravos destes, que fiz mercar pera a casa, são femeas, as quais eu cassei com os machos e estão nas roças apartados todos em suas casas, e busquei hum homem leigo que delles todos tem cuidado e os rege e governa, e nós com elles não temos conta, e com ho homem nos entendemos e ho homem com elles. Ha causa porque se tomarão femeas hé porque doutra maneira não se pode ter roças nesta terra, porque as femeas fazem a farinha e todo o prin-

---

5 Colégio de Coimbra.

6 São Fins ou Sanfins do Minho, donde escreveu a carta de 18 de Junho de 1548. LEITE, *Cartas de Nóbrega* (1955) 9-16

7 Cf. LEITE I 174. Mas o trabalho descrito a seguir no § 5, era de escravos da terra; e não da Guiné como leu MARCHANT, *Do Escambo à Escravidão* 134.

8 Cf. carta de 10 de Julho de 1552 § 5.

9 Cf. *ib.*

10 Isto é, já comem dos mantimentos da própria lavra.

cipal serviço e trabalho hé dellas, os machos somente roção e pescão e cação e pouquo mais. E como nesta terra os mais homens sejão solteiros e tem escravas com que peccam, os quais não absolvemos sem [que] primeiro as não apartão de si, e elles achão outros Padres que os absolvem, tomão ocasião de dizerem que tãobem nós temos escravas, que se não escusão.

6. Acerta-se tãobem algumas veses seremos causa de se forrarem os negros salteados, porque doutra maneira não absolvemos, no que lhes não falam os outros Padres: ajunta-sse tudo pera lançarem mão de murmurarem, e principalmente [195v] os Carijós que fizemos forrar por serem salteados, sendo christãos já na sua terra, e os pussemos no Espiritu Sancto casados os machos com as femeas em sua liberdade, e soomente recolhi comnosco dous moços pera a aprenderem comnosco a serem boons cristãos.

7. Tãobem nos pedião dizimos do peixe e mantimento dos meninos, o qual por eu não consentir que se pagasem se aqueixarão alguns.

8. Estas cousas, e outras, que por serem de pouqua substancia as não digo, e ver que me desenquietava muito porque esta casa fosse avante, e quanto mais a nosso sabor viveramos se foramos e viveramos soos, e com se falar menos que temos terras e escravos, posto que se fizera menos e ganhara menos pera Christo, me detreminei com meus Irmãos de daremos a entender ao mundo que desta casa não quiriamos nada pera nós, senão pera os meninos por todas as vias que podesemos. E assi ordenamos de hir pidir de comer pollas casas, e os mais dos dias dous, que estamos na Cidade, himos comer com os criados do Governador, o qual dá de comer com seus criados a todos os que o não tem e o querem ali hir tomar, e antre outros somos nós destes. E em parte nos foi boom ho murmurarem de nós, porque dantes as mais das vezes passavamos como Nosso Senhor bem sabe, e não sei a vida que levavamos con tanto trabalho se podera muito durar, e agora huma ves ao dia comemos de maneira, que hé melhor que duas

que antes comiamos em casa, e nos tiramos de negocios temporais, quanto podemos, cometendo-os a leigos.

9. Neste comenos achegou o Bispo [11] tanto de nós e de toda a terra desejado, ao qual achegarão logo as voses dos murmuradores, e elle como zeloso e pai mo disse aconselhando-me o que devia de fazer. Ho que tudo posto em seu parecer e, comunicando com ho Governador e outros que muito em Christo nos amão, detreminamos escrever assi tudo largo a V. R. e entretanto que em nenhuma maneira desabrisse mão da cassa, a qual eu dava hà Misericordia desta Cidade, e que tivessem cuidado dos meninos, ho que nem elles nem ninguem quizerão ac[e]itar.

10. Cassas de mininos nestas partes [196r] são muito necessarias: não se podem ter sem bens temporais e da maneira que esta casa está fundada; e, sendo assi, á-de aver estes e outros escandalos. Pera a Companhia se lançar de todo disto, não se podem sustentar estas casas, nem há zelo nem virtude, nem homeins pera isso que abaste; podem-se reger no temporal por homens leigos com ser ha superioridade de tudo da Companhia e do Padre [que] dos meninos no espiritual tiver cuidado. Se lá ouvessem homens ou Padres do espirito e virtude do Padre Domenico [12], a quem isto tudo encarregasem, tudo estaria em seu lugar. Agora veja V. R. e dê conta disto mui larga a Nosso Senhor e mande-nos o que façamos desta casa e das outras. Tambem me parece que o Bispo disso dará conta a V. R. [13].

11. Com a vinda do Bispo foi a terra mui alegre e estão todos mui edificados de suas pregaçõis. Hé muito zeloso da gloria e honrra de N. Senhor, e tal qual esta terra avia mister, porque a vir hum Bispo passeiro, freimatico e negligente, como tenho visto outros, eu morrera

117 largo] laugo *ms*.

11 D. Pedro Fernandes.
12 Pedro Doménech.
13 Supra, carta de D. Pedro Fernandes (Julho de 1552).

de triste e por ventura fora ao inferno com ter pouca patientia. Disse missa em pontifical dia de N. Senhora de Agosto [14], cousa tão nova e de tanto espanto nesta terra, e eu e outros Padres ministramos ali com capas, e folgara muito V. R. de nos ver por quão bem o fazíamos, não ho avendo feito nunqua. Hé mui desconsolado, a terra tão pobre que nem seu ordenado lhe podem pagar, e elle tem obrigaçõis de manter a muitos, e sua idade não sofre já os desemparos desta terra. Hé necessario que V. R. tome nisto a mão, pois lá não tem outrem ninguem que suas cousas alembrem e, fazendo a elle, fá-lo a toda a terra e à honrra do nome de Christo e à Companhia e a todos. Quá nos parecia bem a todos que desse El-Rei alguma comenda [15] de Christo ou S. Tiago grossa a esta terra ou pensão em outro bispado pera o Bispo e Cabido até esta terra dar de ssi mais amor, porque, até agora, há nella pouco mais de matos e boas agoas e boons ares, e alguma miseria [16], se de llá vem, e, pera mi, que nunqua me fartei de pão e boom, porque me [196v] farto nella cada dia de farinha, sem haver medo a que venha anno de fome, nem muita chuiva nem muita sequa, ho que a idade do Bispo não sofre; e doutra maneira nem nós teremos Prelado nem haa terra poderá hir muito avante. Pois V. R. foi principio de tão grande bem, aparelhe-se aos trabalhos de ho levar avante.

12. Com a vinda do Bispo se moverão algumas duvidas, nas quais eu não duvidava, porque sam soberbo e muito confiado em meu parecer, as quais nos pareceu bem

159 farto] frarto *ms.*

14 Assunção de Nossa Senhora, 15 de Agosto de 1552.

15 Benefício eclesiástico que o Rei de Portugal, em virtude do seu padroado, como Grão Mestre das Ordens Militares de Cristo, Avis e S. Tiago, conferia a entidades religiosas. Como foi a comenda do Mosteiro de Sanfins, aplicada ao Colégio de Coimbra, de que o mesmo Nóbrega foi comendador. LEITE, *Breve Itinerário* 34-36.

16 «Alguma miséria»: alguma pouca coisa, se vem de Portugal.

communicá-las com V. R. pera que as ponha em disputa entre parecer de letrados e me escreva o que devo de fazer.

13. Primeiramente, se se poderão confessar por interpete a gente desta terra que não sabe falar nossa lingoa, porque parece cousa nova e não usada em ha christandade, posto que Caietano in summam, 11ª conditione [17], e os que alega Navarro [18], c. Fratres, n.º 8.º de penit. dist. 5.ª, digam que pode, posto que não seja obrigado.

14. Item. Há custume nestas partes de se permitirem os gentios nas igrejas hà missa juntamente com os christãos e não os deitão fora por os não escandalizar: se se guardará o direito antigo, ou se se pirmitirá estarem todos de mestura [19].

15. Item. Se nos abraçarmos com alguns custumes deste gentio, os quais não são contra nossa fee catholica, nem são ritos dedicados a idolos, como hé cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingoa pello seu toom e tanger seus estromentos de musica que elles [usam] em suas festas quando matão contrairos e quando andão bebados; e isto pera os atrahir a deixarem os outros custumes esentiais [20] e, permitindo-lhes e aprovando-lhes estes [21], trabalhar por lhe tirar os outros; e assi o pregar-lhes a seu modo em certo toom andando passeando e batendo nos peitos, como elles fazem quando querem persuadir alguma cousa e dizê-la com muita eficacia; e assi trosquiarem-se

---

17 «Confessionis Conditiones: Undecima: secreta». Cf. *Summula Caietana Reverendissimi Domini Thome de Vio Caietani Cardinalis* (Lugduni 1550), f. 29 (numeração manuscrita). Pela data, esta poderia ter sido a edição que Nóbrega possuía no Brasil.

18 O lugar aqui citado, de Navarro, tem o n. 85 (e ainda o n. 86), de que já se tratou supra, carta de fins de Julho de 1552 § 2.

19 LEITE, *Particularidades referentes a Nóbrega na fundação de São Paulo*, in *Brotéria* 57 (1953) 430-431.

20 «Essenciais», isto é, por essência maus, como comer carne humana.

21 «Estes» — não essencialmente maus — cantar, tocar, pregar, etc., *a seu modo*.

os meninos da terra, que em casa temos, [197r] a seu modo. Porque a semelhança é causa de amor. E outros custumes semelhantes a estes.

16. Item. Como nos averemos acerqua dos gentios que vem nus a pedirem ho bautismo e não tem camisas nem ropas pera se vestirem: se somente por rezão de andarem nus tendo o mais aparelhado lhe negaremos o bautismo e a entrada na Igreja à missa e doctrina; porque parece que andar nu hé contra lei de natura e quem a não guarda pecca mortalmente, e o tal não hé capaz de receber sacramento; e, por outra parte, eu não sei quando tanto gentio se poderá vestir, pois tantos mil annos andou sempre nu, nam negando ser boom persuadir-lhes e pregar-lhes que se vistão e metê-los nisso quanto poder ser.

17. Item. Se hé licito fazer guerra a este gentio e cativá-los hoc nomine et titulo, que nam guarda a lei de natura, por todas vias [22].

18. Isto e as mais duvidas que ho anno passado [23], escrevi, as quais ainda me não satisfizerão, faça V. R. pôr em disputa no Colegio de Coimbra e mande-me o parecer dos principais letrados da Universidade, porque assi como pera quá, como pera ha India e outras partes de infieis será proveitoso saber-se, ou por melhor dizer, mande V. R. que de todo nos tenha cuidado, ensinado, ensaiado e amestrado no que quá devemos de fazer e[m] tudo.

Ho Bispo amostra grande fervor de se entender na comversão deste gentio. Ordena hum pai [24] dos que se converterem, o qual hé muito pera isso, que hé Diogo Alve-

---

22 O facto de Nóbrega propor esta dúvida, dá a entender que D. Pedro Fernandes ou outros do seu lado admitiam esta liceidade.

23 As cartas e dúvidas, propostas por Nóbrega no ano de 1551, sossobraram na perturbação produzida com passar o governo da Província de Portugal a mãos estranhas. E, se chegaram a pôr-se em consulta na Universidade de Coimbra em 1551 e 1552, nem elas nem as da presente carta se conhecem. Cf. carta de fins de Julho de 1552 §§ 2-3.

24 Cf. supra, carta do P. Francisco Pires de 7 de Agosto de 1552 § 11. Já desde 6 de Janeiro de 1550 [§ 3] que Nóbrega falava em Diogo Álvares Caramuru para «Pai e Governador» dos Índios.

rez, muito acreditado entre este gentio. Andará comnosco pellas Aldeas pregando; favoreça-o V. R. de llá com fazer que El-Rei lho escreva e agardeça e lhe ordene algum pobre ordenado por isso, pois tão bem empregado será.

55

DO IR. VICENTE RODRIGUES AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

BAÍA 17 DE SETEMBRO DE 1552

I. **Bibliografia:** B. MACHADO III 770; SOMMERVOGEL VI 1943 n. 1; STREIT II 337 n. 1225; LEITE IX 99 n. 3.

II. **Autores:** LEITE II 48.

III. **Texto:** Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 68r-68v [antes 307r-307v]. Título: «Treslado [Polanco riscou Treslado e escreveu Sacado] de una carta de Vicente Rodrigues que está en el Brasil, de 17 de Setiembre de 1552. [letra de Polanco:] del Salvador». Cota de outra letra no fim [f. 69v]: «Copia de de [sic] Vicente Rodrigues del Brasil. Roma [e ainda outra letra:] 1552». Tradução espanhola do original português perdido, com numerosas emendas e cortes de Polanco.

2. *Bras. 3-1*, ff. 62v-63r [antes ff. 289v-290r]. Título [62v]: «Cavato [Polanco riscou Cavato e escreveu Copia] d'una di Vincenzo Rodriguez che sta nel Brasil nella città del Salvador de 17 de Settembre de 1552». [Outra letra, f. 63v:] «52. Bahia». Tradução italiana resumida da espanhola.

3. Biblioteca Vaticana, *Ottoboni lat. 797*, ff. 166r-167r. Outra tradução italiana como em 2.

IV. **Impressão:** *Novi Avisi di piu lochi de l'India et massime del Brasil* (Roma 1553), sem paginação [carta n. 7]; *Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo* (Veneza 1559) 159r-160v; *ib.* (Veneza 1565) 159r-160v; *Cartas Avulsas* (Rio de Janeiro 1931) 134-136.

V. **História da Impressão:** *Novi* e *Diversi Avisi* imprimem a tradução italiana (2); *Cartas Avulsas* a retroversão portuguesa feita da tradução italiana [*Diversi Avisi*].

VI. **Edição:** Publica-se a tradução espanhola antes das emendas e cortes de Polanco (1).

Textus

1. Ratio catechesis Vincentii Rodrigues apud Indos versantis. — 2. Loquitur lingua brasilica et «Fratres» pueri qui cum eo sunt. — 3. Peregrinationem sacram init ad vestigia S. Thomae. — 4. Visitat pagum Indorum, cuius principalis fuit catechumenus Patris Nóbrega; suntque alii pagi, sed operarii pauci. — 5. Peregrinatio Patris Nóbrega cum aliis Patribus et pueris. — 6. Venefici conversioni opponuntur. — 7. Postulat ut veniant Patres e Portugalia.

+

Jesús

1. Estoi agora en una aldea del gentil, cinco [1] leguas desta Ciudad del Salvador, donde espero en el Señor hacerse mucho fructo. Otras muchas aldeas están al rededor. Sonme mui afficionados. El modo que tengo con ellos es este: Trabajo de aquirir la voluntad de los principales y después les platico a lo que vengo, que es ensennarles la palabra de Dios y lo que manda y quiere Dios que se haga, y díguoles que los que Dios ama saben sus secretos, y otras cosas de que siento moverse a oír la palabra de Dios. Declároles la criación del mundo y la encarnación del Hijo de Dios y del diluvio que pasó, del qual diluvio dexaron dicho sus antepassados alguna cosa, y también les diguo del día del juicio. Mucho se maravilham [2] por ser cosa que nunca oieron. Ensennámosles la doctrina christiana por la lengua yo [3] y algunos hermanitos de la tierra [4] que comiguo andan, como les lhamamos.

---

6 principales] principes *ms.* || 8 Dios[3] *corr. ex* Deios || 9 sus *del.* e || 15 christiana *del.* p

---

1 Aldeia de Santo Tomé de Paripe [infra §§ 3-4]. O P. Francisco Pires dizia a 4 léguas (carta 53 § 10).

2 Em português; o lh em vez de ll aparece várias vezes nesta carta.

3 Vicente Rodrigues, que já falava a língua tupi.

4 Portanto os Meninos catequistas não eram dos órfãos de Lisboa, e se chamavam Irmãos «pequenos», ou como se traduz no § seguinte «chiquitos».

2. A la doctrina es que va hun destos ninnos [5] praedicando por el medio de sus casas con mucho alvoroço y hervor, diciendo entre otras cosas muchas: que ia passó el tiempo del suenno, que despierten y oigan la palabra de Dios nuestro Señor. Y ansí despiertan y vanse a casa del Principal, y ansí les ensennamos la doctrina christiana, declarándoles algunos passos de la vida de Christo; y algunas veces gustan tanto que ni basto yo ni los hermanos chiquitos para cumplir con sus desseos, hasta que dicen agora no quiero más que me ensennéis una vez. Y después desto se van para sus casas donde están. Dicen la doctrina y bendícense haziendo el sennal de la cruz.

3. Hua cruz hicimos y fuimos en procissión, y pusímosla en las pisadas de S. Thomás, que está aí cerca [6]. Voi con los ninnos y visito las otras Aldeas, en las quales entramos en casa del Principal, y uno de nós praedicando. Alli se ajuntan elhos y les decimos a lo que venimos, y otros que ia saben alléganse a la doctrina y luego se la ensennamos.

Y dos horas dante mannana los tornamos a llamar, porque en aqel tiempo están más quietos que en otro, y entonces les praedicamos por su lengua las cosas de su salvación, y ansí deciéndoles en qué han de creer; y todos están mui promptos. Quasi todos se harían christianos, mas no lo hazemos, por instruirse más en las cosas de la santa fe. Muchas veces hablan grandes cosas.

---

41 están] a esto *ms.* || 42 por instruir-se] por se instruirse *ms.*

---

5 Para este copista nn tem o valor de ñ espanhol e nh português, neste e nos outros casos.

6 A Aldeia ficava pois, perto, mas a alguma distância: «un tiro de ballesta» [carta 52 § 7]. «Do porto de Paripe se vai a terra afeiçoando à maneira de ponta lançada ao mar, e corre assim obra de uma legua, onde está uma hermida de São Thomé em um alto, ao pé do qual ao longo do mar estão umas pègadas assignaladas em uma lagea, que diz o gentio, que diziam seus antepassados que andara por alli havia muito tempo um santo, que fizera aqueles signais com os pés». G. S. DE SOUSA, *Tratado* (1938) 152-153.

4. Huna vez fuí a una destas aldeas como acostumbrava, y el Principal era uno que el nuestro P.e Nóbrega hiziera catecúmino, el qual toda la noche habló con los suios cosas de Dios mui buenas, y entre otras decía: que quién le diera ser criado entre nuestros costumbres que eran verdaderos; que ya queriéndose mudar de los suios le avía de costar mucho. Y hablando con uno de los suios, dixo: «Ia me aborrecen estos vossos [7] costumbres! Diguo esto aunque no os parezca bien, mas he de estar con el Padre y hazer su vida y dexar el mi principalado». Y finalmente este Principal offréceme de lo que tiene, diciéndome que tenía puercos y gallinas y otros mantenimientos, que todo sería nuestro.

Otros en otras aldeas hago donde allo aparejo. Los hijos de los principales, aguaciles, con sus baras en las manos, en yo llegando van lhamar a todos para la doctrina, e así vienen y oien, y preguntan cosas mui buenas; y algunas veces les vienen hervores, diziendo a Jesús que ia holgaran de saber cómo nos han de lhamar. Está la cosa en los términos que véis, mis Hermanos. Orate Dominum messis ut mittat operarios in messem suam [8].

Yo estoi en una de estas Aldeas, cerca de las pegadas [9] de S. Thomás, donde me hazen una casa y hermita. Ya tienen quasi roçado el mato [10] y roçan alboredo tam gruesso que abasta para las casas, y mucha piedra y agua: y esto todo sobre el mar donde ai mucho pescado, ai mucho aparejo para tener ninnos y criarlos. Algunas veces van los Padres con los ninnos correndo las aldeas y praedicando la palabra de Dios, que es cosa de mucha aedificación.

---

53 principalado] principado *ms.* || 54 Principal] Principe *ms.* | que *del.* tinn || 56 nuestro *post corr.* || 58 manos *del.* y que || 62 *Prius* estan || 67 tam *del.* gu || 69 mucho[s] *corr. ex* muchos

---

7 «Vossos», português.

8 Mat. 9, 38; Luc. 10, 2.

9 «Pegadas», português; no § 3 tinha traduzido para «pisadas».

10 Mato, português; em espanhol, matorral.

Muchas particularidades dejo de escrivir por no tener spacio, y porque les quede pera pensar los más trabajos que en eso se puden lhevar, y con eso mui consolados. Ah, Hermanos míos, muchas veces pienso que esta gentilidad espera que vuestro sangue [11] sea fundamento de la aedificación desta nueva iglesia, portanto traedlo puro, porque para lo conferir con el de Christo mira[d] lo que avéis menester, pues el de Christo sea piedra [12] y verdadero alicece [13] de nuestra Iglesia!

5. Algunas perigrinaciones hizieron acá el P.e Nóbrega y los otros Hermanos con los ninnos. Muchos trabajos pasaron e dignos de notar, porque iendo por el sarthão visitando las aldeas con la + [cruz] alevantada a modo de procissión y con sus redes, donde duermen, a las cuestas, cada uno con la suia, assí ninnos como Padres, caminando todo el día, y quando lhegávamos a las aldeas entrávamos con cantares santos y hymnos, los gentiles con miedo que tenían de nós pensando que les traíamos la muerte no nos recibían ni osavan de nós dar de lo que tenían, [68v] mas antes quemavan pimienta para nos echar de casa con el humo della, y ansí andávamos mui grandes jornadas no dexando todavía de praedicar las grandeças de Dios. Era lástima de quince ninnos que lhevávamos sin tener qué comer, y quando nos anochecía quasi sin lo esperar venían al camino a nós recibir y llamarnos para sus casas a reposar y nos aposentavan con grandíssimo amor, asta nos mandar hazer pan del millo de la tierra y otras cosas de que loávamos al Señor, y desta manera sin nós faltar más nada pasávamos nuestra peregrinación que fuero[n] muchos días. Unas veces perdidos por los matos y sierras y barrancos, que no avía ningum remedio, por-

75 pueden] puede *ms.* | Ah] Ha *ms.*

11 «Sangue», português; outra vez, no § 7.

12 Cf. 2 Cor. 10, 4.

13 Alicece por alicerce, português; em espanhol, cimiento.

que los ninnos atolavan [14] mucho en lugar donde la maré venía a dar, y en esto assí el mar inchía y no teníamos donde nos fuésemos recogiendo, porque de una parte era mar y de la otra brennas mui altas, de manera que estando nós assí, el P.e Nóbrega encomendó esto mucho al Señor, e salióse del lodo donde estávamos todos metiéndose por el mato adentro a ver si podía allar algún remedio para los ninnos. Quando le vimos así ir fuímonos en pos dél por medio de los matos y arboledos mui altos. En esto deparóle nuestro Señor el camino, el qual con mucho trabajo no se podía allar.

De manera, mis Hermanos, que con flaqueça del mucho caminar y de la falta de los mantenimientos pensávamos quedar en las brennas, y quando vino la noche allamos lo que nuestro Señor después de muchos trabajos da, que es la consolación. Porque allamos hun Principal de una aldea con todos los suios que nos venían a recibir con grande amor que nos mostravan. Algunos después que sabían la verdad a lo que veníamos, dezían: «No debalde se nos alegrava el coraçón quando les vía venir». De otras particularidades de devociones y meditaciones que por el camino haziamos bien podéis creer, Charissimos, que tales podían ser, pues no cessáis con vuestras oraciones de rogar al Señor por nós.

En esta aldea, donde estoi, andan seis hermanos [15] que se quieren allegar para mí, diciendo que seamos todos hermanos, y que se quieren hazer christianos y apartarse de los suios. Otros ruegan a éstos que los lleven consiguo que así se quieren hazer christianos. Estos que esto quieren hazer son corridos de sus parientes porque quieren tomar nuestros costumbres. Otros, que hago tiñientes para llamar a todos a la oración, también se burlan dellos.

---

112 medio *corr. ex* medios || 134 *Prius* brurlan

---

14 Atolavan, português (atolavam); em espanhol seria «hundían los pies».

15 Chama-lhes «Irmãos», embora diga logo a seguir que ainda não eram cristãos.

6. Ai acá unos hechiceros a que dan mui gran crédito que quando caminamos va un delante a dezir que le traemos la morte, y los otros medrossos no osan de nós recoger en casa. A una aldea fuí en la qual hallé mui gran pronptitud para oír la doctrina y ansí viene mui mejor que en las otras. Acertó de enfermar el Principal, de romádico [16], y el hijo, que era aguacil [17], de hun hinchaço. Digeron los otros que, porque se llegavan a nós, le acontecía esto.

7. Destas cosas y otras muchas acontecen acá en otras, que es mucho para llorar, pues el sangue de Christo para se ajuntar tiene tanto estorvo. Lhorad, llorad muchas lágrimas, mis Hermanos, y mirad que esta empressa da Dios a pocos. Ia que es vuestra faborecédnos con venir a cavar en esta vinna del Señor, unos orando, otros llorando, otros finalmente cocinando, de maner[a] que con todo aiudeis y socorrais a tam miserable pérdida de estas almas redimidas con el sangre del benditíssimo Jesú. Y así acabo encomendándome en sus píos sacrificios y devotas oraciones.

De vuestro mínimo Hermano

Vicente Rodriguez.

56

DO P. PERO DOMÉNECH AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA

[LISBOA OUTUBRO DE 1552]

I. **Autores**: LEITE II 102 547; *Breve Itinerário* 77-78.

II. **Texto**: ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 67r-67v [antes 301r-301v]. Autógrafo espanhol. A seguir, na mesma folha da carta dos Órfãos [P. Francisco Pires] de 5 de Agosto de 1552, como post-escrito [carta 52].

---

138 fuí *del* que no || 139 ansí *bis priore del.*

---

16 Romádico: Reumático?

17 «Meirinho», talvez já feito pelos Padres, para convocar os Índios à catequese, como os «tenentes» de que fala no fim do § anterior.

III. **Impressão:** Tradução portuguesa moderna. LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas — de Nóbrega a Vieira* (São Paulo 1940) 152-153.

IV. **Data:** Atribui-se-lhe Outubro, para dar tempo de chegar da Baía a Lisboa a carta de Francisco Pires de 5 de Agosto [Órfãos].

V. **Edição:** Edita-se o autógrafo, texto único.

Textus

1. Ex epistolis a pueris acceptis cognovit constructa iam esse quattuor aedicula in Indorum pagis et quemdam puerum brasilum improbasse morem matris suae vescendi carne humana. — 2. Pueri utuntur choreis et canticis lingua brasilica et postea eadem lingua doctrinam christianam declarant: et Indi sequuntur filios.

1. Después de ésta [1], recebimos otras [2] dedi ez o doze niñnos, hijos de padres gentiles convertidos e bautizados. Scriven cómo tienen ya hecho quatro casas de ninnyos, y iglesias y hermitas entre los gentiles. Y un ninno scrive que fuyó de su madre e vino para la casa de los niñyos, y después de instruydo en la fe, se fué a predicar a su madre la fe de Christo, y halló que tenía una cabeça y pedaços de carne humana colgada al humo para comer. Fuyó luego y después por obediencia tornó y reprendióla de sus malas costumbres.

2. La orden que tienen es esta: que a la noche los Padres que tienen cargo dellos les dan meditaciones de la muerte o de juizio o semejantes cosas; y por la mañana madrugan y vanse por las casas de los negros y gentíos y tómanlos en la cama y allí les platican de la muerte y infierno e de la passión de nuestro Señor, y algunas vezes baylan y cantan, y ansí los ajuntan. Después desto que los tienen ajuntados, assí baylando y cantando, dizenles la passión de

---

4 gentiles *corr. ex* gentios || 9 y reprendióla *corr. ex* a reprendeo || 11 a la *corr. ex* alla || 13 mañana *corr. ex* manyana || 15 infierno *corr. ex* inferno || 17 ansí los ajuntan *sup.*

---

1 A carta de 5 de Agosto de 1552 (carta 52).

2 Desconhecidas. Cf. supra, p. 390.

nuestro Señor, mandamientos, Pater Noster, Credo e Salve Regina en su lingua, de manera que los niñyos en su lingua ensenyan a sus padres, y los padres van con las manos juntas tras sus hijos cantando Sancta Maria, y ellos respondendo ora pro nobis. Loado sea Jesú Christo para sempre.

[67v] +

El Pater Noster en li[n]gua brasil [3]

CARTAS PERDIDAS

56a. *Do P. João de Azpilcueta aos Padres e Irmãos de Coimbra* (Porto Seguro 1552). «En el año passado de 1552 vos escreví, charíssimos, nuevas destas partes... el navío en que íban, los franceses tomaran, y por conseguinte papeles y cartas se perderon, según acá me dixeron», — escreve o P. João de Azpilcueta, Porto Seguro, 19 de Setembro de 1553 § 2 (*Bras. 3-1*, f. 100r).

56b. *Do P. Manuel da Nóbrega ao Dr. Martín de Azpilcueta Navarro, Coimbra* (Baía 1552). Escreve Nóbrega ao P. Luís Gonçalves da Câmara, de S. Vicente, 15 de Junho de 1553 § 17: «No escrivo al P.e Mirón porque aún no vi su carta ni la respuesta de lo que escreví el año passado, ni la respuesta de lo que escreví al Doctor Navarro. Como las viere responderé». O P. Mirón, que sucedeu ao P. Simão Rodrigues no cargo de Provincial, devia de responder ex officio às cartas que Nóbrega tinha escrito àquele; mas carta de Nóbrega *em 1552* ao Dr. Navarro, não se conhece (só se conhece a de 10 de Agosto 1549).

57

MANDADO DE VESTIARIA PARA O P. NÓBREGA E MAIS NOVE DA COMPANHIA, NO BRASIL

[BAÍA FEVEREIRO DE 1553]

I. **Texto**: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Cód. 1-19, 7, 2. Título: «Copia do Livro 1 das provisões e Mandados». Mandado n. 1254.

---

3 Escreveu apenas o título, não a oração na língua brasil, isto é, em tupí, oração, com outras, já corrente no Brasil em 1552.

II. **Autores:** LEITE II 144.

III. **Impressão:** *Documentos Históricos* XIV (1929) p. 301-302; *ib.* XXXVIII (1931) p. 112-113.

IV. **Edição:** Reimprime-se de *Doc. Hist.* XIV, conferido com XXXVIII.

Textus

1. Subsidium pro decem Patribus S. I. partim Bahiae partim in praefectura S. Vincentii solutum.

A [1] de Fevereiro de mil quinhentos e cincoenta e tres, passou o Provedor-mor [2] mandado para o dito Pedro de Siebra, Feitor e Almoxarife de São Vicente e Santo Amaro, que pagasse ao Padre Manoel da Nobrega, Maioral dos Padres da Companhia de Jesus destas partes, ou a seu certo Procurador, quarenta e um mil duzentos e vinte reis em dinheiro, que lhe o Governador [3] mandou, que lhe mandasse pagar adiantados da vestiaria, que haviam de haver no fim deste presente anno de mil quinhentos e cincoenta e tres, para dez [4] Padres da dita Companhia aos quaes foi assentado, que se desse à razão de cinco mil e seiscentos reis cada um cada anno; porque os quatorze mil setecentos e oitenta reis, que falleciam para cumprimento dos cincoenta e seis mil reis, que à dita razão lhes montavam haver, tinham já recebidos no Thesoureiro da Cidade do Salvador, a qual lhe Sua Alteza manda dar em cada um anno, por virtude de uma sua Carta [5] enviada ao Governador Thomé de Souza, e que a dita vestiaria era deste anno de mil quinhentos e cincoenta e tres, que se acabaria ao derradeiro de Dezembro delle; e que por elle, e seu conhecimento feito pelo Escrivão de seu cargo assig-

1 Falta o dia.
2 António Cardoso de Barros.
3 Tomé de Sousa.
4 Cf. supra, doc. 39, p. 297.
5 1 de Janeiro de 1551 (doc. 19).

nado por ambos, de receberem a dita somma, lhe sejam levados em conta.

[*À margem:*] Vestiaria dos dez Padres de Jesus do anno de 1553. — Houveram esta vestiaria por inteiro sem lhe serem descontados os 14$780 neste Registo declarado, e houveram do dito Governador quite dos ditos 14$ que tinha recebidos, e cousas de vestiaria, e receberam os 56$ todos por encheio; é passado este Registo no Livro 2.º no titulo dos ditos Padres.

58

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

S. VICENTE 12 DE FEVEREIRO DE 1553

I. **Bibliografia:** LEITE IX 8 n. 16.

II. **Autores:** LEITE I 161 253 258; IX 420; *Breve Itinerário* 90; AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO, *Desenvolvimento da civilização material no Brasil,* Publicação do Serviço do Património Histórico e Artístico Nacional n. 11 (Rio de Janeiro 1944) 37; DICKSON, *Panacea,* in *Bulletin of the New York Public Library* 57 (1953) 564; NEMÉSIO 286-288.

III. **Texto:** ARSI, *Bras. 3-1,* ff. 106r-107v [antes 308r-309v]. Título: «Copia de una del P.e Manuel da Nóbrega para el P.e Maestro Simón, del Brasil, del año 1553». No fim em vez do endereço: «Copia de una del P.e Nóbrega para el P.e Maestro Simón, del Brasil». [Outra letra:] «1553 del Brasil. Copia de una del P.e Nóbrega para el P.e Maestro Simón». Tradução espanhola do original português perdido.

IV. **Impressão:** LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas — de Nóbrega a Vieira* (São Paulo 1940) 34-38; *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 459-462.

V. **História da Impressão:** *Novas Cartas* imprime a retroversão portuguesa moderna; *Cartas de Nóbrega,* além da retroversão, edita o texto espanhol *(Bras. 3-1).*

VI. **Edição:** Reimprime-se *Bras. 3-1,* texto único.

Textus

1. Responsum aliquibus litteris a se Patri Simoni datis non accepit. — 2. In oppido S. Vincentii magnam domum et ecclesiam invenit cum septem Fratribus multisque pueris. — 3. Statuit ingredi interiora terrarum. — 4. Praefectura S. Vincentii ianua est terrarum, idcirco maiora fundamenta in illa iacienda quam in aliis. — 5. Modus ingratus agendi Episcopi eiusque visitatoris et clericorum, sed, exceptis aliquibus qui a peccatis absolvi non possunt, populus amat S. I. — 6. Pater S. I. episcopatu insignitus, tantum ad ordines sacros conferendos et ad chrisma conficiendum, e Portugalia in Brasiliam oportebat ut veniret. — 7. Quaerit quid agendum si quis e Societate dimittendus sit. — 8. De rebus oeconomicis. — 9. De Fr. Correia. — 10. De hereditate cuiusdam relicta ad domum religiosam erigendam in Praefectura S. Vincentii. — 11. Eleemosyna pro matre Fr. Ioannis de Sousa. — 12. De Ludovico de Gois eiusque uxore.

Pax Christi.

1. Porque no tengo aún vista la respuesta de V. R. de las cartas que este año [1] avemos scripto, y también porque scribo al P.e Pedro Doménech las cosas que a las casas pertenescen, en ésta no avrá mucho que escrivir, solamente cómo me quedé en esta Capitanía de S. Vicente después de aver corrido las otras con el Governador [2], porque N. Señor así me parece que fué servido.

2. Allé grande casa y muy buena yglesia, a lo menos en Portugal no la tenemos aún tan buena. Hallé 7 Hermanos grandes [3] y muchos niños huérfanos, y otros hijos de los gentiles, de los quales no queremos ya tomar sino

---

1 «Este año». Desde o dia 3 de Maio de 1552 que o P. Mestre Simão Rodrigues deixara de ser Provincial de Portugal (F. RODRIGUES, *A Companhia* 19). As cartas recebeu-as o seu sucessor P. Diego Mirón. Parece que Nóbrega só teve conhecimento da mudança em carta por ele recebida em São Vicente a 1 de Abril de 1553. Cf. carta de 15 de Junho de 1553 § 1.

2 Cf. carta seguinte de 10 de Março § 1; LEITE, *Breve Itinerário* 85-87.

3 Irmãos «grandes» para distinção dos meninos, que também se chamavam Irmãos «pequenos». Cf. supra, pp. 410-411.

hijos de los grandes y principales por no tenermos con qué los mantener, que quanto al vestido súffresse los niños andaren nudos. Allé aquí el P.e Leonardo Núnez y el P.e Paiva, y truxe comigo al P.e Francisco Pirez, dexando en las capitanías muchos huérfanos con sperança de los Padres que del Reyno speramos.

3. Y aparéjome con algunos para assentar daquí a 100 legoas donde más conveniente fuere y más fruto speráremos. Toda esta gentilidad se quexa ya de nosotros por tardarmos tanto, y temo que se quexen aún mejor a N. Señor, dizendo nemo nos conduxit [4]. Levamos una tienda de herrero [5] y todos los medios con que mejor los podamos atraher. Si vinieren Padres, como tenemos por cierto, y con ellos praepósito, dexarme é estar allá hasta veer su recado, y si no, ser me á forçado tornar, dexando todo assentado, a veer las capitanías.

4. Desta Capitanía se deve de hazer más fundamiento que de ninguna, por quanto por esta gentilidad nos podremos extender por la tierra adentro, y por esso, veniendo Hermanos, a esta Capitanía devrían venir, porque en las otras ya creo que se hará poco más que enseñar niños.

5. Porque el Obispo [6] lleva otros modos de proceder, con los quales creo que no se quitarán peccados, y se robará la gente de quanto dinero pudieren ganar, y se destruirá la tierra. Sus clérigos absolven quantos amancebados ay y les dan el Señor, y el su predicador, que es el Visitador [7], predica que pequen y se levanten, haziéndoles el camino del cielo muy largo, y Christo N. S. dize que es estrecho, y por otra parte lévanles de penas esso que tienen. Cosa de evitar peccados no vino a esso, ni se evita-

33 que' *del.* no

4 Mat. 20, 7.
5 Do Ir. ferreiro Mateus Nogueira.
6 D. Pedro Fernandes.
7 P. Gomes Ribeiro. Cf. carta de fins de Julho de 1552 § 4.

rán nunqua, sino después que acá uviere tantas mugeres que las no quieran. Otras cosas veo hazer que V. R. y yo devríamos llorar.

El Obispo en el principio desacreditónos mucho y [se] puso muy bravo, pero luego vino a caer algo, tanto que tenía sino los de la Compañía. El pueblo así de la ciudad del Salvador como de las Capitanías, de ver que les llevan su dinero, le an ganado grande odio al Obispo y a sus visitadores, y todo redunda en crédito de la Compañía, aunque muchos a que no absolvemos y hallan quien los absuelva nos quieren poco bien, quia testimonium perhibemus quod opera eorum mala sunt, et ideo non possunt non odisse nos [8].

Yo quando escrivo a V. R. no tengo cuenta con más que hablarle por carta como en presencia sin tener respecto a la orden ni a lo que escrivo si es mal si bien.

6. [106v] Tenemos mucha confiança de por la tierra adentro se hazer mucho fruto, y el Hermano Pero Correa, que en esto es más parte que ninguno de nosotros, nos promitte mucho. Si así fuere, parecerme ya bien veniesse un Padre de allá nuestro, hecho obispo de anel [9], sin ninguna otra cosa más que qualquier Padre, solamente la orden de Obispo para ordenar Hermanos nuestros y crismar y hazer otras cosas que sólo al orden obispal pertenescen, porque la Baya está lexos y a las vezes es más fácil ir a Portugal que no allá.

7. Mucho desseo saber lo que se aora allá custumbra hazer con Hermanos que tengan hecho votos de la Compañía y no son para ella, o si son quiérense salir, porque allende de lo que por el Instituto de la Compañía collegi, holgaría saber la plática, si por ventura no viene ya per-

---

43 sino *add. sup.* || 66 cosas *add. sup.*

---

8 Ioan. 7, 7.

9 Bispo de anel, isto é, sem jurisdição, titular, mas com os poderes do sacramento da Ordem, como expõe o texto.

sona que lo declare, y así lo que haré si caso contigerit aliquem ex nobis infamari ex crimine scandalum generante, quanquam non sit manifestum, que es cosa que podrá acontescer por mis peccados.

8. Acá nos pagan muy mal el mantenimento y vestiaría que El Rey manda dar. Seria mejor darse allá y embiarlo acá, como más largo scribo al P.e Doméneco.

Allá embió el P.e Leonardo Núnez desta Capitanía cinquoenta mil maravedís por letra. Y porque, quando aora vine, no fuí contento de la letra y me parece poder ser no se pagar, hize mandar essas dos a V. R., las quales cobrará, y si la otra no se a pagado, de ay se entregará el Collegio de Coimbra de la su deuda, que son cinquoenta mil maravedís, y lo más guardará para dar a Luís de Goes, a quien se manda dar. Y si ya tuviere cobrado la otra letra, todavía cobre ésta y haga guardarlo a Luís de Goes y darlo á a su cierto recado. Ya irá por dos vías, y ésta primera lleva Pedro de Goes [10], a quien mucho devemos todos por quanto nuestro devoto y amigo es.

9. El Hermano Pero Correa es acá grande instrumento para por él N. Señor obrar mucho, porque es virtuoso y sabio, y la mejor lengua del Brasil. Tiene partes para se aver de ordenar de missa, pero tiene impedimento que no puede ser sin dispensación y los nuestros poderes no se extenden a sus casos, que son muerte voluntaria de algunos indios gentiles desta tierra.

Se el Obispo no los tiene, como se dezía que sperava por ellos, haga V. R. averlos, porque siendo de missa hará mucho más fruto en las confessiones [11].

---

10 Pero de Góis, Capitão-mor da Armada, irmão de Luís de Góis, como diz no § 12. Cf. LEITE, *Luís de Góis, Senhor de Engenho no Brasil, introdutor do tabaco em Portugal, Jesuíta na Índia,* in *Brotéria* 61 1955) 157.

11 «Creo que el Padre Nobrega está aguardando por la dispensación de Pedro Correa nuestro Hermano», escreve o P. Mirón ao P. Polanco, Lisboa, 17 de Setembro de 1554 (*Epp. Mixtae,* IV 347; cf. LEITE II, 234).

10. [107r] Un Álvaro de Magalhães moriendo dexó su hazienda al primero monasterio de Santo Antonio que se en esta Capitanía hiziesse, sobre que ya Leonardo Núnez escrivió a V. R. Es hazienda gruessa y dessean darla a esta casa, si del Nuncio o de quien esto pertenesce se uviere licentia para se poder commutar. No se dexe perder por falta de alguna diligentia.

11. Allá está una muger pobre que tiene acá un su hijo que se llama Sosa [12], nuestro Hermano, y es una alma bendita. Dé V. R. cuidado al M. Juan [13] de consolarla algunas vezes y ayudarla con alguna lymosna.

12. Luís de Goes, hermano de Pedro de Góiz, hizo acá un grande movimento de sí y en fervor de spíritu hizieron los votos de la Compañia él y su muger estando para tomar el Señor. Determinan desembaraçarse y ella que es ya de días servir a N. Señor en un monasterio, o como nós le ordenáremos, y él pedir que lo recojamos. No sé lo que el tiempo en esto mostrará. Dél recibió siempre esta casa mucha charidad, paréceme que le tenemos mucha obligación de lo ayudar a salvar [14].

Al presente no se me offresce otra cosa para scrivir. Lo que faltare por otra vía irá. De la Baya scrivirán largo y de las otras Capitanías. N. Señor nos enseñe a hazer siempre su santa voluntad. Amen.

Deste S. Vicente, dominica quinquagessimae [15] 1553.

---

112 de] de a *ms.*

---

12 João de Sousa.

13 Mosén Juan Bosch (ou J. de Aragão)

14 Luís de Góis, depois de enviuvar entrou na Companhia de Jesus no Colégio de Goa com 55 anos de idade em 1559 e faleceu no mesmo Colégio a 25 de Julho de 1567 (Academia das Ciências de Lisboa, *Cód. 13 Azul,* ff. 361r-361v; FRANCISCO DE SOUSA, *Oriente Conquistado* II [Lisboa 1710] 26). Houve mais dois Jesuítas na Índia do mesmo nome, com os quais se não deve confundir este, que esteve no Brasil e de que fala Nóbrega. Cf. LEITE, *Luís de Góis, loc. cit.* 153.

15 Em 1553, 12 de Fevereiro.

CARTA PERDIDA

58a. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Pedro Doménech, Lisboa* (S. Vicente Fevereiro de 1553). Na carta de Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, de 12 de Fevereiro de 1553 § 1: «Porque scribo al P.e Pedro Doménech»; e, no § 8, «Como más largo scribo al P.e Doméneco».

59

DE UM IRMÃO DO BRASIL AOS IRMÃOS DE PORTUGAL

S. VICENTE 10 DE MARÇO DE 1553

I. **Autores**: POLANCO III 468-470; LEITE I 196 262 263; *Breve Itinerário* 85-86; MARIZ 114-116.

II. **Texto**: Original português perdido:

1. ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 90r-91v [antes 315r-316v]. Título: «Copia de una de un Hermano del Brasil para los Hermanos de Portugal, de San Vicente a diez de Março del año de 1553». Tradução em espanhol.

2. *Bras. 3-1*, ff. 77v-79r [antes 325v-327r]. Título: «Exemplum epistolae de Brasilio scriptae a Fratre quodam ad Fratres in Lusitania ex Sancto Vincentio 6 Idus Martii anno 1553». Tradução latina da versão espanhola.

III. **Impressão**: Retroversão portuguesa moderna com este título: «Viagem de Nóbrega da Baía a S. Vicente — contada por um Irmão que com ele ia na Armada de Tomé de Sousa», em LEITE, *Carta inédita de Nóbrega nas vésperas da fundação de São Paulo (1553)*, in *Brotéria* 55 (1952) 138-142; *Nóbrega e a fundação de São Paulo* (Lisboa 1953) 13-19.

IV. **Autor**: Com Nóbrega iam o P. Francisco Pires e quatro Irmãos «pequenos», e ambos os Padres são tratados em terceira pessoa. Pires tomava então conta dos Meninos e certamente a carta foi escrita sob a sua direcção e correcção. Mas ele não sabia a língua tupi para pregar nela [ANCHIETA, *Cartas* 488] e o autor diz de si próprio: «prediqué en la lengua» [§ 3]. Di-lo, só nesse parágrafo, três vezes. E não pregava por sua conta e risco, mas «o que [o P. Nóbrega] lhe dizia». Quem fosse o Irmão «pequeno», intérprete, não há indício seguro.

V. **Edição**: Publica-se o texto 1.

Textus

1. P. Nóbrega in classe gubernatoris visitat Praefecturas ad meridiem positas. — 2. In oppido «Illhéus» nullus e S. I. — 3. In Praefectura Portus Securi P. Navarrus. — 4. In Praefectura Spiritus Sancti P. Alphonsus Brás qui iam habet collegium et ecclesiam. — 5. Ad Flumen Ianuarii erudiuntur pueri indi doctrina christiana cum canticis lingua brasilica; ibi aedificanda est habitatio lusitanorum. — 6. Ministeria Patris Nóbrega in classe. — 7. In «Angra dos Reis» infirmantur Patres Nóbrega et Franciscus Pires. — 8. In oppido S. Vincentii domus est quae alit plus quam 80 personas et ecclesia totius Brasiliae optima. — 9. Sodalitas Pueri Iesu atque labores Fr. Petri Correia et P. Francisci Pires, ac P. Leonardi Nunes qui ad «Patos» adivit, et Patris Paiva. — 10. P. Nóbrega vult ingredi interiora terrarum, sed obstat Gubernator ne deficiant Patres in praefecturis. — 11. Iterum de ministeriis Patrum, et praesertim Fratris Correia qui linguam brasilicam bene scit. — 12. P. Nobrega iussit ut etiam pueri exteri legendi et scribendi artem ediscerent.

Pax Christi.

1. El Padre Manoel de Nóbrega me mandó que os escriviesse las nuevas desta tierra. Y porque los de la Baya os darán particulares nuevas de lo que allá aconteció, sólo os daré cuenta de nuestra peregrinación, la qual fué visitar todos los lugares desta costa con el Señor Governador [1]. Vino el Padre Nóbrega con él y otro Padre [2] y quatro niños.

2. Partidos nós, el primer lugar a que llegamos fueron los Illeos, adonde fuimos a posar al hospital [3]; y por el poco tiempo que alli estuvimos, no hizo más el Padre Nóbrega que predicar una vez. Confessáronse algunas personas.

3. De allí vinimos con otro trabayo por la contrariedad del mar a otro lugar llamado Puerto Seguro, adonde allamos al Padre Navarro que hazía mucho fructo así en

6 costa *corr. ex* cuesta

1 Tomé de Sousa.

2 Francisco Pires (carta de Nóbrega, 12 de Fevereiro de 1553 § 2).

3 Porque então não residia ali ninguém da Companhia.

los lugares de christianos como en los de gentiles, predicando a los portugueses y a los gentiles también en su lengua, la qual tiene ya deprendida; y dizía missa a los esclavos que eran muchos, y predícales también en un poblado llamado Sancto Amaro. Cerca dél está una iglesia de nuestra Señora [4] donde el Padre se recoge quando viene de los lugares de los gentiles por estar de aquella parte, y es casa (según todos dizen, y pienso que ya os lo ternán escrito) de muchos milagros. En esta Capitanía fuimos recebidos con mucha devoción de todo el pueblo, y especialmente de todos los devotos de la Compañía, dándonos todo lo que avíamos menester con mucho amor. Y fué tanta la devoción deste pueblo, que se yuntaron todos los principales dél y pidieron al Padre Nóbrega que hiziesse allí una casa para se sustentar y enseñar niños, que ellos todos ayudarían con quanto pudiessen. El Padre [5] platicó con el Governador que es muy amygo de [90v] la Compañía, el qual imitando todos los principales fué con el Padre a ver el sitio que meyor se allasse, y así se escogió un lugar muy cómmodo que tenía cerca un naranyal; y luego muchos prometieron mucho açucar y esclavos, y se elegieron luego quatro hombres para pedir limosnas y la hazer. Y un hombre que sabe la lengua luego affirmó que traerían allí tantos hijos de los Indios quantos la casa pudiesse sustentar. Allí prediqué en lengua de los gentiles lo que el Padre me dizía, de lo que todos los esclavos y blancos que entendían, se movían y edificavan. Y es mucho para dar gracias a Dios nuestro Señor la diligencia con que los esclavos vienen a la missa, la qual el Padre Navarro siempre les dize muy de mañana. En otra población también prediqué en la iglesia en la lengua de la tierra a los esclavos, y siempre le enseñávamos a doctrina quando avía oportunidad para

18 deprendida *corr. ex* aprendida || 27 mucho *del.* amor || 29 pidieron *corr. ex* pedieron || 33 qual *del.* en || 35 un *del.* l || 37 la] las *ms.*

4 Nossa Senhora da Ajuda.
5 Nóbrega.

ello, aunque todo fué por muy poco tiempo porque passava el Governador muy de priessa.

4. De allí vinimos al Spírito Sancto, adonde llegamos con mucho trabayo por ser muchos en los navíos, por aver embiado el Governador las naves grandes por outra parte por causa de los baxos [6] del Puerto Seguro. Llegando a esta Capitanía del Spírito Sancto nos vino a buscar el Padre Alfonso Braz en un barco y nos llevó al Collegio de Santiago [7]. Fué allá también el Governador con toda la gente, y en la yglesia diximos el hymno Veni creator Spiritus. En esta Capitanía allamos más devoción en todos que hastaora avíamos allada. Es muy buena gente; estava con mucho deseo del Padre Payva [8] que se avía partido para la Capitanía de San Vicente, donde aora estamos. Allamos grande casa y iglesia, y mucha gente devota que se confessava quada ocho días, y otros de quinze en quinze días. Predicó el Padre Nóbrega el domingo seguiente a la mañana con mucha alegría y satisfación de todos y del Governador, el qual así a esta casa como a la del Puerto Seguro dió muy gruessa limosna. Aquí en esta casa, como en las otras de las Capitanías, se enseñan algunos indios de la tierra y los esclavos que son muchos. Ahora embía el P.e Nóbrega de aquí de S. Vicente para esta Capitanía más niños de los Indios para se criaren y enseñaren por ser la casa grande y la tierra de muchos mantenimentos. Aquí no fuimos a las Aldeas de los Indios por estar lexos y nosotros estarmos aquí pocos días.

5. De aquí venimos al Río de Henero, donde el Governador quiere hazer una población de portugueses. Allí no salió la gente en tierra porque los Indios [9] estan mal con los blancos. Aquí enfermaron muchos hombres aunque

58 devoción *del.* el || 60 partido] partida *ms.* || 66 a' *corr. ex* en

6 Os Abrolhos.
7 Fundado pelo próprio Afonso Brás em 1551. LEITE I, 221.
8 P. Manuel de Paiva.
9 Tamoios.

por la gratia de Dios no morió ninguno, y los Padres tuvieron grande trabajo en confessarlos y consolarlos porque hazían grandes calores. Después fueron los Padres por el Río arriba [10] a unas aldeas de unos indios que son amigos de los blancos, adonde les prediqué en su lengua y juntava los niños y les enseñava la doctrina. También les hazía decorar cantares de N. Señor en su lengua y les hazía cantar. Aquí vino una vez el Hermano Pero Correa, estando aún en el mundo, y, queriéndole matar los gentiles, se hizo hijo de una destas indias y de un hombre blanco. la qual por pensar que era su hijo hizo que no le matassen, Esta muger por aver ya aquí [11] visto este Hermano con el P.e Leonardo Núnez nos dixo que su hijo era Abbaré, que quier dezir abbad sancto verdadero, y luego pedió al Padre [12] que la levasse adonde estava su hijo. Y el Padre la truxo con un su hijo y una hija preñada que ya parió aquí en San Vicente y sè baptizaron todos. Todos quedaron muy espantados de los medios que nuestro Señor tuvo para traer aquellas almas a verdadero camino de salvación.

6. El P.e Nóbrega por el camino no estuvo ocioso, mas llevó mucho trabajo con la gente de los navíos, de los qua-

---

91 Abbaré] Abbade *ms.*

---

10 Até à Ilha, que depois se chamou do Governador, habitada pelos Índios Temiminós (ou do Gato) amigos dos Portugueses, que por Abril de 1555 acossados pelos Tamoios se passaram para o Espírito Santo com intervenção do P. Luís da Grã. LEITE I 363. Deve ter sido nesta ocasião da passagem da Armada e desta primeira catequese, com a presença de Nóbrega, que o Principal Maracajaguaçu (Gato Grande) disse a muitas pessoas e a Tomé de Sousa que queria ser cristão (carta de Luís da Grã, do Espírito Santo, 24 de Abril de 1555, *Novas Cartas Jesuíticas* 180). Cf. LEITE, *Breve Itinerário* 86 159.

11 «Aqui» no Rio de Janeiro ou em S. Vicente, onde o autor escreve? Aqui em São Vicente, parece. MARIZ inclina-se a que fosse no Rio (*Nóbrega* 115-116), o que recuaria ainda mais a prioridade da catequese em relação a Thevet. LEITE I 363. A possibilidade não é inverosímil, mas a sua execução, não sendo em Armada, talvez fosse temerária, dada a hostilidade dos Tamoios.

12 Nóbrega.

les muchos yvan en peccado mortal con mugeres que llevavan. Determinó de correr todos los navíos para en toda la Armada poder aprovechar, y en special en el navío adonde andan los desterrados algunos para siempre [91r] y otros por muchos años. Y allí aunque era gente más terrible hizo más fruto que en los otros; enmendáronse mucho en el jurar y reñegar, y otros vicios que tales hombres comúnmente tienen. De allí fué a otro navío adonde yvan muchas malas mugeres, y hizo el Padre con que dormiessen debaxo las escotillas, id est, cubiertas, y que las cerrassen con llave, y desta manera hizo el Padre en esta armada mucho servicio a N. S. Enseñava la doctrina a la gente del navío, reprehendiéndole sus malas custumbres, exercitávase en otros exercicios spirituales para consigo y con la gente, de los quales mucho se servió N. S. en este camino.

7. Al qual bolviendo, de allí venimos a un lugar llamado Angra de los Reis, donde no salió la gente sino a una isla despoblada [13] a tomar agoa; adonde el P.e Nóbrega enfermó y fué sangrado dos vezes, porque eran los calores muy grandes; también enfermó el otro Padre de cámaras, mas por la gracia del Señor se halló bien.

8. Y nos partimos de allí y llegamos a esta Capitanía de S. Vicente adonde aora estamos. Aquí vino el P.e Leonardo Núnez en un barco y lo llevó: yendo, en el medio del mar vino tan gran tempestad que se hundió el barco, mas quiso N. S. que está una isla pequeña cerca, adonde los Indios pusieron al P.e Nóbrega todo mojado porque de otra manera no pudiera salvarse, por no saber nadar y venir aún flaco de la enfermedad; y con todos estos trabajos le vino tanta alegría, que bien mostrava la virtud que tiene, y de allí se fué con harto trabajo al collegio. Y al camino nos salieron a recebir los niños de los gentiles que eran muchos, porque passarán de 80 personas las que esta casa mantiene, ultra

107 a *add. sup.* || 116 Reis] Reales *ms.* | no *corr. ex* nos

13 Ilha Grande.

los gentiles [14] huéspedes que siempre van y vienen a ver sus hijos que aquí [15] aprenden. Este pueblo nos recebió muy bien y da muchas limosnas a esta casa. Tenemos la mejor yglesia que ay en el Brasil, según todos dizen.

9. Ordena aora el P.e Nóbrega la Confradía del Niño Jesús, y día de la Purificación de N. Señora [16] hizimos una processión todos los niños y fuimos a la yglesía de la Villa todos con cirios encendidos. A la buelta cantamos missa, y predicó el P.e Nóbrega. El Hermano Pero Correa predica todos los domingos a la tarde en la iglesia en la lengoa de la tierra. Viene la más gente de la Villa a oírle que viene por la mañana, ultra los esclavos y Indios de la tierra. Muchas vezes cantan los niños todos missa de canto de órgano [17], lo que es muy acepto a los Indios y huelgan de los oír todos. El P.e Francisco Pérez es aora maestro de los niños, de los quales los más son hijos de los gentiles. El P.e Leonardo Núnez partió para el Río de los Patos [18], el qual mandó allá P.e Nóbrega a ruegos del Governador para hazer venir unas personas, nobles castellanos, los quales perdiéndose la armada y navíos avían venido allí, y mandó el Governador un navío en que fué el Padre para traer toda la gente aquí. Los quales, según aora dizen, quieren ir por la tierra adentro adonde están los castellanos del Paragay,

135 Brasil *corr. ex* Blasil

14 Do Campo de Piratininga.

15 No Colégio de São Vicente.

16 2 de Fevereiro de 1553. LEITE I 254.

17 Havia bom grupo de cantores. O P. Leonardo Nunes, cantor e regente, o Ir. António Rodrigues, cantor, regente e tocador de flauta, e os Meninos que já cantavam na Baía, sobretudo os Órfãos de Lisboa, onde se ensinava o canto e eram nisso favorecidos pela Corte de D. João III, diante do qual alguma vez honradamente se exibiram (*Epp. Mixtae* II 505). E embarcavam cantando. LEITE, *O primeiro embarque de órfãos para o Brasil,* in *Páginas* 77-78.

18 Rio dos Patos ou Laguna do Embiaça (Biaça) em Santa Catarina. É a Armada onde ia Juan de Salazar, o qual também veio para São Vicente. LEITE I 322-323.

y tememos que no quieran venir y llevar consigo el P.e Leonardo Núnez. El P.e Manuel de Paiva predica a esta gente y témenlo todos mucho.

10. El P.e Nóbrega determinó de yr por la tierra dentro entre los gentiles, y llevar algunos Hermanos, para los enseñar y ayudar a conoscer a su Criador, del qual andan tan lexos, y con ayuda del Señor hazer entre ellos una ciudad haziéndolos christianos. Mas el Governador lo estrovó, porque yéndonos temía que se despoblassen estas capitanías, y así parece que querían ir muchos hombres co[n] nosotros, lo que causó mucha tristeza en los Hermanos que tanto desseavan salvar aquellas almas perdidas, aunque tanbién exercitan su talento y fervor acá en ayudar a los próximos.

11. Porque aquí en nuestra iglesia, ultra del domingo, se haze todos los viernes una plática a los portugueses y christianos de la tierra; a los Portugueses la hazen los Padres en portugués, y aquélla acabada, el Hermano Correa, que sabe bien la lingua de la tierra, en ella haze otra a los Indios, que ya están juntos, y a los Portugueses que entienden. Y esta plática es cosa de mucha devoción por las muchas lágrimas de los Indios y Portugueses que siempre ay en ellas. Hazemos processiones en la Quaresma todos los viernes, adonde van siempre cerca de cien disciplinantes de los Indios, que es mucho para alabar a Dios aver esto en esta tierra. También os quiero contar cerca los esclavos de la tierra, y mamalucos (que son hijos de portugueses y indias de la tierra) y sus confessiones que tanto continuan aora en la Quaresma en que estamos [19], [91v] y al parecer sus señores no vienen tan aparejados ni contritos como ellos, y así se haze en ellos mucho fruto. Enseñámosles cada día aquí la doctrina, llamándolos por

159-160 dentro *del.* y llevar || 178 Hazemos *corr. ex* Hizimos

19 A data da carta, 10 de Março, era sexta-feira da terceira semana da Quaresma.

la Villa con una campanilla, y vienen con mucho desse[o] aprender.

12. Aora también ordenó el P.e Nóbrega que enseñassen a leer y escrevir así a los niños de casa como a los de fuera [20]. Vienen muchos y con mucha voluntad de sus padres, y en esto se haze mucho fruto, bendito sea el Señor de quien todo lo bueno procede. Por aora no otro sino que nos encomendamos todos en oraciones de todos los Padres y Hermanos.

Deste San Vicente a X de Março de 1553.

60

DO IR. PERO CORREIA [AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA]

S. VICENTE 10 DE MARÇO DE 1553

I. **Bibliografia**: LEITE II 377-383.

II. **Autores**: LEITE II 236 239 375 379-380 467 541; IX 421.

III. **Texto**: ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 84r-87v [antes 310r-313v]. Cota [f. 87v]: «+ Copia de una del Hermano Pedro Correa del Brasil». Outra letra: «1553 Martii»: Terceira letra: «De S. Vinzente». Tradução espanhola do original português perdido.

IV. **Impressão**: Retroversão portuguesa moderna com este título: «Carta do Ir. Pero Correia a um Padre de Portugal sobre os *males do Brasil* e remédios que se propõem», in LEITE IX (1949) 377-383.

V. **Destinatário**: Na carta do P. Manuel da Nóbrega, mandada ao mesmo tempo ao P. Simão Rodrigues, lê-se: «Otros les dizen muchos vituperios... como tengo mandado al Hermano Pero Correa que scriba a V. R.» [carta 61 § 6]; e Correia informa no começo da presente

---

20 Antes, só aos «de casa»; agora, também aos «de fora»: é o começo da instrução *pública* na Capitania de São Vicente.

carta: «me mandó el P. Nóbrega que los scribiese [los males] a V.ª R.ª». Mas a esse tempo já Simão Rodrigues tinha deixado o cargo de Provincial, e o tradutor ou copista omitiu o seu nome.

VI. **Edição:** Publica-se o texto único *(Bras 3-1)*.

Textus

1. Iam 19 annis in Brasilia versatur, scribitque de malis quae bene noscit. — 2. Episcopi visitator homines poenis pecuniariis punit eosque relinquit in peccatis eorum. — 3. Inter lusitanos unus est qui iam in Brasilia versatur quadraginta annos. — 4. Indorum libertas offenditur cum dedecore S. I. quae illam promittit quin valeat tamen impedire iniustas captivitates. — 5. Homo quidam qui fidem amisit. — 6. Christiani qui plurimis cum foeminis vivunt. — 7. Reformatio vitae aliquarum foeminarum indarum. — 8. Opiniones circa animae futurum. — 9. Indus vi ereptus e Collegio. — 10. De Patre Nóbrega et operibus quae sunt miracula. — 11. Triplex condicio christianorum Brasiliae. — 12. Quia non amplius proficiunt ministeria cum christianis, cupiunt Patres adire interiora terrarum. — 13. Fr. Correia caret libris. — 14. Gubernator impedit aditum in interiora terrarum. — 15. Ut indi gentiles ad vitam civilem et religiosam reducantur, via suavis est nullas res quibus indigent suppeditare nisi iis qui iam christiani sunt. — 16. Omnes Indi dicunt se velle esse christianos, sed oportet ut etiam aliquam utilitatem in eo coniiciant. — 17. Indi nunc sunt bellicosiores quia nihil eis deest ne vinum quidem ut inebrientur. — 18. Bella Indorum non timenda. — 19. Indi nullam habent religionem sed tantummodo superstitiones sicut etiam in Portugalia grassantur. — 20. Nisi fiant quae hic proponuntur, sola spes relinquitur ut ex Indorum filiis novus nascatur populus christianus. — 21. Sed ad edocendam tantam copiam puerorum deest sustentatio. — 22. Iterum de ingressu in interiora terrarum. — 23. Missas pro sua intentione postulat a Portugaliae Patribus.

Charíssimo Padre

Pax Christi.

1. En esta carta le daré cuenta de algunas cosas que hasta agora nunca le escrivieron por no ofrescerse cosa que hiziese tanto al caso descobrirse como de poco tiempo acá. Y porque a diez y nueve años [1] que estoy en el Brasil, y

1 Portanto, desde 1534.

sé bien los males dél como participante, me mandó el P. Nóbrega que los scribiese para V. R. los mandar encomendar mucho a nuestro Señor, y para dar cuenta dello a S. A. en cuia mano después de Dios está el remedio y enmienda de todo.

2. Comiençó primeramente diziendo que la Iglesia quedó muy desacreditada en esta costa del Brasil, así con los christianos como con los gentiles después que el Visitador [2] del Obispo vino a visitar. El qual me paresce que hizo esta cuenta que los que se obiesen de enmendar por doctrina que ia serían enmendados por la de nuestros Padres que avía tanto tiempo que andavan predicando por estas partes, y que los que no hallasse enmendados que sería bueno castigallos en las bolsas como hizo. Mas fué peor, porque si de antes estavan en pecado con miedo y con intención de se apartar, con temor de la justicia que esperavan que avía de venir, agora que veéan que no los castigan mas que em penas de dinero, hazen quenta que con eso pasarán siempre, y tornaranse a asentarse en el pecado, de manera que no ai quien los levante sino solo Dios, lo qual El hará por su bondad no faltando nosotros con los medios.

3. Aconteció una cosa en esta tierra; por ésta juzgará otras suias semejantes de las quales no le digo nada, y fué el caso de esta manera: en esta Capitanía ai un hombre [3] que, según dizen, y la edad de los hijos y hijas que tiene lo muestran, que avrá 40 años [4] poco más o menos que vive en pecado mortal con una india de la tierra [5], al qual tomó

---

21 en *del.* un

---

2 Gomes Ribeiro (carta 61 § 7).

3 João Ramalho.

4 Desde 1513: a data não se refere à chegada à terra, mas à sua união com a índia.

5 Segundo os linhagistas, é Isabel Dias por nome indígena «Bartira» ou «Mbci», filha do índio Tibiriçá. Cf. AFONSO DE E. TAUNAY, *Ascendência paulista e vicentina de Francisco Teixeira Leite e Anna Alexandrina Teixeira Leite, Barão e Baroneza de Vassouras*, 1 folha (São Paulo 1932), mas cf. LEITE, *Nóbrega e a fundação de São Paulo* 77.

el alguazil de los clérigos [6] un sclavo por la pena de así estar tanto tiempo en aquel y en otros pecados. Y a la india de este hombre quando le tomaron el sclavo pesóle mucho porque le quería bien, diziendo que le aiudara a criar algunos de sus hijos, y fuesse a quexar al Governador Tomé de Sosa. Y andando la india en esto, no faltó quien le dixesse que se callase, que no hablase más en el sclavo, que lo dexase llevar al alguazil, porque dexándoselo llevar podría quedar segura de nunca la apartar de su marido, lo que ella tanto recelava. Digo de su marido porque así llaman ellas a sus amigos. Llevóse el alguazil el sclavo y calló la india, quedando como de antes estava; y otras que ia en cima me escusé de screvir, las quales quedan confiadas de poder siempre vivir a su voluntad por aquello que pagarán. Y son aún tan malos, aquéllos que lo quieren ser, y con quanto los dexan quedar en el pecado como de antes estavan, más aún andan rebueltos y murmuran, diziendo que la justicia de la Iglesia no vino a esta tierra a apartarlos de pecado y a curarles sus ánimas, mas a llevalles sus haziendas.

4. La otra causa porque la Iglesia tiene perdido mucho el crédito, y va perdiendo con la gentilidade, porque quando vinieron nuestros Padres de Portugal se sonó por toda la costa que ellos predicavan, y que no ubiese más saltos ni salteadores y que los salteadores y todos los más que por engaño estavan puestos en cativerio que todos fuesen puestos en livertad, y que el Rei así lo mandava. Holgava

---

34 clérigos *del.* tomó || 55 gentilidade] gentilidades *ms.* || 60 livertad *del.* y que *et corr. sup. in* pues *sed etiam del.* | y que *add. sup.*

---

6 «Meirinho dos Clérigos». O ofício tinha sido criado em Agosto de 1550 pelo Provedor-mor António Cardoso de Barros, de passagem na vila de São Vicente. Houve por bem «haver nessa uma pessoa que como meirinho dos clérigos tenha o cargo de executar as penas que pelo vigário da dita vila forem condenadas». VAN DER VAT, *Princípios* 203; cf. 232. Mero executor sem iniciativa nem autoridade própria. Esta competia à «justiça da Igreja que veio a esta terra», como diz Pero Correia no fim do parágrafo, aludindo ao Visitador de que se trata.

mucho por toda la costa la gentilidad y hazíanse buenos, y adonde veían un Padre u Hermano desta Compañía queríanlo meter en el ánima, pues venían a hazer obra tan santa como [84v] dellos se sonava, y todo lo que les dezían lo creían. Agora ya dizen que no quieren creer en ellos, porque vienen muchos a recogerse a esta nuestra iglesia y collegio, diziendo que los socorramos, que los tienen captivos contra derecho, unos diziendo que fueron salteados, otros diziendo que fueron engañados, y nosotros no los podemos hazer buenos porque la justicia desta tierra es remissa: tanto que ia acontesció acogerse indios horros a esta casa de los que fueron salteados y entrar los señores con spadas desenbainadas dentro en casa, y maltratar los Hermanos de palabras, y despues de hazer y dezir lo que quisieron irse para sus casas sin por eso hazerles ningún mal. Y si querremos alguna ora hazer o dezir alguna cosa sobre estos sclavos injustamente captivos quando se acogen a nosotros, los que los tienen por sus esclavos o sclavas nos amenazan, diziendo em público y por las plaças que nos harán y contecerán, y que nos quemarán las casas, y que nosotros, los de las ropas largas, no somos buenos para nada. Vee esto la gentilidad y vee la poca cuenta en que los christianos [7] nos van tiniendo, y dizem claramente que ia no quieren creer en nosotros, pues no somos buenos para podelles valer en nada, y somos cosas que los nuestros mismos tanto nos menosprecian.

5. Y agora, estando el P. Nóbrega en este collegio, vino una india horra huiendo socoriéndose a él dizendo que avía unos diez y siete u diez y ocho años que estava en pecado con un hombre, el qual es casado, y que esto era en tiempo que no entendía ni savía qué cosa era pecado; y que algunas vezes dezía al hombre que la tenía que

71 ia *del.* se || 76 dezir *corr. ex* dar [?] || 77 sclavos *del.* sin razón || 83 vee *corr. ex* veen

7 Isto é, os Brancos.

tubiese temor de Dios, que mirase que era casado, que no tubiese más que entender con ella. Dezía que él le respondía que después de nuestra muerte las ánimas no sentían nada.

6. Era costumbre antiguo en esta tierra los hombres casados que tenían 20 y más sclavas y indias tenerlas todas por mugeres, y eran y son los casados con mamalucas, que son las hijas de los christianos [8] y indias. Y tenían ellos puesto tal costumbre en sus casas, que las propias mugeres con que son recebidos a la puerta de la iglesia les llevavan las concubinas a la cama, aquéllas de que ellos más tenían voluntad, y si las mugeres lo rehusavan molíanlas a palos. Y aún aa muy poco tiempo que me acuerdo que se preguntava a una mamaluca qué indias y sclavas son estas que tras con vós; respondía ella diziendo que eran mugeres de su marido, las quales ellas traín siempre consigo y miravan por ellas así como abadesa con sus monjas.

7. Agora está este todo mucho enmendado, porque a 3 años que en este collegio les hablo siempre de Dios y les tengo estrañado mucho este pecado y los demás, y no ai ia ninguna que quiera consentir lo que de antes consentía. Y muchas vezes se me embían muchas a quexar que los maridos las tratan mal por no les consentir sus malas costumbres. Yo las animo siempre diziéndoles que más vale que sus maridos les quiebren los hocicos que tal consientan, que sufran todo lo que les hizieren por amor de Dios, delante el qual tendrán mucho merecimento. Y ubo tales a las quales sus maridos les dieron de puñaladas y les hizieron otros muchos males, y dezían claramente que bien las podían matar, mas que ia no avía[n] de consentir en aquel pecado. Los sclavos y esclavas cristianas [9] que no

---

100 con] como *ms.* || 101 puesto *corr. ex* por || 118 tal *corr. ex* tan || 120 tales *del.* a las quales

---

8 O mesmo sentido: Brancos.

9 Aqui já no sentido religioso, porque eram índios e índias.

savían qué cosa era Dios, ya agora acuden mejor a la confisión que los hombres blancos, loores a Christo.

8. La opinión desta gentilidad es que las almas después du la muerte no sienten ni entienden nada, y otros tienen otras abusiones grandíssimas, que creen que sus ánimas se tornan animales, los quales aún oi en día muchos no los comen [10].

9. Mas como bienen a caer en la verdad, los que en ella caen son muy buenos christianos [11] tanto que en qualquier peligro en que se vean luego se abraçan con el nombre de Jesú. Y io lo vi ia algunas vezes, y una dellas fué uno que se acogió a este collegio, que le valiesen que lo querían hazer captivo por fuerça; y el christiano [12], que lo tenía, vino tras él y dentro destas casas deste collegio entró con un palo y le dió muchos palos, y a cada palo que le da el indio daba bozes muy alto por el nombre de Jesú. Acudió un Hermano y púsose delante de aquel hombre pidiéndole que diese antes en él que en el indio, mas no dexó de [85r] darle hasta que acudieron otros Hermanos que se lo quitaron de las manos todo descalabrado, y con una espada le dió algunas heridas y así lo llevó. Muchas cosas semejantes a estas le pudiera screvir, y tantas que se espantara cómo esta tierra no se hunde, mas N. Señor, que es misericordioso, por algunos buenos que en ella ai, quiere aguardar a los malos para que se enmienden.

10. De las cosas grandes y buenas y de mucha gloria de Dios que son hechas en esta tierra ya las tenemos scriptas, y aún nuestro Señor obra cada día, y aún el P.e Nóbrega hizo algunas después que vino a esta tierra de mucho aumento, las quales no scrivo por menudo, porque me paresce que ia no se devía de screvir de nuestros Padres cosas sanctas y virtuosas, sino milagros muy evi-

---

10 Primeira referência à metempsicose e aos animais tabus? Para os espíritos encarnados em animais, cf. MÉTRAUX, *La Religion des Tupinamba* 69; para os animais tabus, *ib.* 176-177.

11 Qualificativo de religião.

12 Qualificativo de raça: branco.

dentíssimos, los quales Dios por ellos obra y ellos los quieren encubrir para más mérito con Dios.

11. En el Brasil ai 3 maneras de condiciones entre los christianos que acá moran: unos son muy malos, y no tienen de ver con que los tengan por tales; otros ai malos y quieren que los tengan por buenos; y otros ai que son muy buenos. A éstos muy buenos conoscióseles la bondad después que nuestros Padres están en esta tierra, y están del todo apartados del hiero en que vivían, y muy emendados y asentados en la virtud. Los que son malos y hazen muestra que desean ser buenos se aiuntan con ellos, y como quiera que la virtud es fingida, luego muestran quién son. De los que son muy malos ya les tenemos el desengaño.

12. Digo esto a V. R. porque sepa que el fructo que se podría hazer entre los blancos ia es hecho, por la qual causa estuvimos por nós ir entre los gentiles adonde teníamos todos para nosotros (por nuestro Señor nos lo dar así a sentir y por la experiencia que tenemos) que ubiéramos de hazer grandes cosas. Mas el Governador, estando nosotros ia aparegándonos para partir, nos estorvó la partida, de lo qual nos quedó a todos muy grande dolor, por nós parescer que el demonio podría aquí entrevenir.

13. Los nuestros indios, hijos de indios, que tenemos en casa, a los quales enseñamos, van muy adelante con la doctrina, lo que nos da mucha confiança, porque los veemos más amigos de Dios que los hijos de los christianos. Yo siempre les hablo así a ellos como a la más gente que se aiunta en la iglesia en su leng[u]a y les predico las cosas de la fe; mas fáltanme libros en lenguage para estudiar, porque non soi latino y no me puedo aiudar de los de latín. Mándame V. R. algunos. Y en Sevilla hizo, uno que se llama el Doctor Constantino [13], unos 5.º libros, inti-

171 podría *corr. ex* podia

13 «Doctor Constantino», i. e., Constantino Ponce de la Fuente, orador de Carlos V e Felipe II. Escritor que gozava da maior autoridade

tulados el uno Confesión de un pecador [14], el otro Doctrina Christiana [15], el otro Exposición del primer salmo de David 190
«Beatus vir» [16], etc., el otro Suma de Doctrina Christiana [17], el otro Catecismo Christiano [18] para instruir a los niños, de los quales yo vi uno que es la parte 1.ª sobre los artículos de la

---

entre os católicos. Em 1557 atacou a Companhia de Jesus onde pretendera entrar, mas em vão, porque levantou suspeitas e se descobriu que aderira ao luteranismo. MARCELINO MENÉNDEZ Y PELAYO, *Historia de los Heterodoxos Españoles* V (Madrid 1928) 81-103; MARCEL BATAILLON, *Erasmo y España* II (México 1950) 452; cf. ROBERT RICARD, in AHSI XV (1946) 180.

14 «Confesión de un pecador»: Não vimos o ano da primeira edição. Em 1554 imprimiu-se em Évora por André de Burgos: «Confission de un pecador delãte de Iesu Christo redẽptor y juez de los hõbres compuesta por el Doctor Constantino. Añadierõse aqui dos meditações para ãtes y despues de la sagrada Cõmuniõ: cõpuestas por el padre frey Luyz de Granada. 1554.» Descreve-se esta edição em *Livros do Séc. XVI impressos em Évora* (Évora 1941) 35-38 [Luís Silveira-A. N. Gusmão].

15 «Doctrina Christiana»: Menéndez y Pelayo descreve a edição de 1554: «Doctrina Christiana, en que está comprehendida toda la información, que pertenece al hombre que quiere servir a Dios. Por el Doctor Constantino. Parte Primera de los artículos de la fe. En Anvers. En casa de Juan Steeloio. Año M.D.LIII. Con Privilegio Imperial. Mas no fim: «Fué impreso en Anvers en casa de Juan Latio. Año M.D.LIIII., ff. 13-398». Dedicado ao Imperador Carlos V. MENÉNDEZ Y PELAYO, *op. cit.* 94.

16 «Exposición del primer psalmo de David: Cuyo principio es «Beatus Vir» dividida en seys sermones: por el Doctor Constantino». «En Sevilla, por octobre de 1546». (*Ib.* 92).

17 «Suma de doctrina christiana en que se contiene todo lo principal y necessário que el hombre christiano deve saber y obrar». No fim: «Acabose la presente obra, compuesta por el muy reverendo señor el doctor Constantino: fue impressa en la muy noble y muy leal ciudad de Sevilla en las casas de Juan cromberger que sancta gloria aya, año de mill y quinientos y quarenta y tres, a siete dias del mes de Deziembre». Cf SCHURHAMMER-WICKI, *Epp. Xav.* II 443, onde se indicam outras edições de 1544, 1545, 1550 e 1551. MENÉNDEZ Y PELAYO descreve ainda outras de 1554 em diante. Em forma de diálogo, em que aparecem a falar entre si Patrício, Dionísio e Ambrósio (*op. cit.* 87-88).

18 «Catecismo Christiano». Desta obra Menéndez y Pelayo fala sòmente na edição de Antuérpia de 1556 (*op. cit.* 89).

fe [19], cosa muy santa y necesaria para estas partes. Si ubiere estos libros en Lisbona mándemelos V. R. todos 5°, y si no los ai mándemelos traer de Sevilla, por amor de nuestro Señor, porque mi officio es siempre hablar de nuestro Señor, y un predicador si no tiene siempre [85v] cosas nuevas enhastía, quánto más yo que ni nuevas ni viejas tengo, porque mi estudio en este mundo nunca fué para servir a Dios mas para lo ofender. Bendito sea él que me dexo llegar a este tiempo! También querría acá un Flos Sanctorum [20], de los emendados, y un Vites Patrum [21], y otros de que pudiese sacar grandes exemplos con mucha doctrina para estos gentiles, los quales spero antes que muera ver a todos christianos.

14. Aora, después que el Governador nos quitó que no nos fuéssemos entre los Indios de esta Capitanía de S. Vicente, estamos para nós ir a la Baya a ver si por allá podemos hazer algún fructo, de lo qual estoi muy confiado, porque yo hize la paz [22] con aquella gentilidad

198 nuevas *del.* a bo || 205 christianos *del.* aora

19 Pero Correia parece referir-se à «Doctrina Christiana», que é a «Parte primera de los artículos de la fe». Mas seria em edição anterior à de 1554; senão deve-se dizer que viu a «Suma» descrita na nota 17 nalguma das edições até 1551.

20 Flos sanctorum. Foi um dos livros que leu S. Inácio na sua conversão. LETURIA, *El Gentilhombre Íñigo López de Loyola* (Barcelona 1941) 140. INOCÊNCIO, *Diccionario* IX 234, dá notícia de um «Flos Sãtori em lingoage portugues», impresso em Lisboa em 1513.

21 Vites [Vitae] Patrum. Escrita em latim, mas desde o século XIII se traduziu em diversas línguas vulgares. ROSWEYDE deu-lhe forma orgânica e coerente em 1616. HIPPOLYTE DELEHAYE, *L'oeuvre des Bollandistes (1615-1915)* (Bruxelas 1920) 16-17.

22 Pero Correia estava em São Vicente em 1542 (doc. 62 §§ 1 e 5) Chegou ao Brasil por 1534, segundo ele próprio refere no princípio deste carta. Parece que a sua actividade na Baía se deve colocar entre estes oito anos intermédios. Todavia em 1546 no Processo de Pero do Campo Tourinho aparece um Pero Correia em Porto Seguro, pessoa de importância, porque jantou ou ceou com o mesmo Governador. É possível que seja o futuro Ir. Pero Correia; e, se é, resta saber se então estava aí de passagem ou de assento (*História da Col. Port. do Brasil* III 274). Cf. supra, p. 44.

con mucho gasto de mi hazienda y peligro de mi persona. Y quando asenté las pazes con ellos, luego les dixe que avía de ser para que fuésemos todos unos, y la lei toda una, y que avíamos todos de ser subjectos a un Señor. Ellos me hazían señor de su tierra, y que me la davan y me obedescerían. Agora no sé en estos otros hábitos como se abrán conmigo. Yo tengo para mí que bien.

15. Una cosa se puede hazer para los obligar a ser christianos y a se subjectar a dar la obediencia al Rei y a sus justicias, la qual se puede hazer sin perjuizio de nada, y es mandar S. A. que so pena de muerte ningún christiano diese a indio ninguno de la Baya ni un anzuelo, ni cosa ninguna de ninguna calidad; y, haziéndolo ansí, yo confío que antes de mucho tiempo los pusiese debaxo del jugo de nuestro Rei del cielo y del de la tierra. Y esto tenemos platicado el Padre Nóbrega y io y los más Padres y Hermanos, y así nos lo da nuestro Señor a sentir. Y yo en esto me afirmo mucho que la necesidad los a de obligar juntamente con la doctrina; y que de ninguña calidad diesen ninguna cosa a ningún indio de aquellos de la Baía, sino a los christianos, digo a los que se tornasen christianos y quisiesen vivir apartados de los otros, y devaxo de la governación de la justicia del Rei. Y desta manera por los días adelante así en la Baya como en todas las otras capitanías los iremos subjectando del todo; y si los moradores dixeren que tienen necesidad de los Indios para se servir dellos por sus dineros, no se debría por tal cosa impedir tanto bien, porque a los christianos, digo a los blancos [23], nunca les faltarán indios para sus servicios de los que se tornarem christianos, quanto más que muy pocos ai que no tengan sclavos, y la tierra está muy abas-

231 tornasen *corr. ex* tortasen

23 Aqui se apresenta com clareza o duplo sentido da palavra «cristãos» *(brancos)*, que logo na linha seguinte significa *indios* baptizados.

tecida y no tiene tanta necesidad de los gentiles; y, si la tubiesse, tiene otros muchos al rededor que son contrarios destos, de los quales se podrían proveer y a quien se podrían socorer. Y si esto que digo se pusiere en obra, yo tendré para mí que nuestra entrada por estas partes Dios la inpidió por querer que por est'otra vía entremos con los Indios, porque desta manera todo lo que se ganará quederá más fixo y seguro.

Esto que le escribo en esta carta parésceme que [86r] nuestro Señor me lo puso en el coraçón, porque quanto más en esto pienso, más se me alegra el ánima en me parescer que este es el camino que nuestro Señor me abrió para yo le servir mucho como deseo. Favoréscanos Vuestra Reverencia de allá mucho si quiere que mucho hagamos, pues nuestro Señor lo scogió para nuestro Padre, con El nos favorescan sus oraciones y con el Rei de la tierra nos negocie los medios que son nescesarios, como agora éste que le scribo, lo que me paresce que el Rei holgará de hazer, pues que del bien, que de aquí se spera, la maior parte es suio. Y experiméntese esto primero en la Baía de Todos los Santos, porque está la cosa más dispuesta para ello por estar más fuerte, y si allí viéremos que aprovecha, entonces se puede usar de lo mismo por toda la costa.

16. Yo tengo dicho a algunos indios principales destas partes algunas cosas acerca de mandar el Rei que no les den cuchillos grandes ni pequeños de Alemania [24], ni otras

---

254 servir *del.* y

---

24 D. João III, invocando as leis e ordenações destes Reinos, que proibiam se dessem armas a mouros e outros infiéis: «Mamdo que pesoa allguma de qualquer calidade e comdição que seja não dê aos Gentios da dita terra do Brasil artelharia, arcabuzes, espimgardas, polvora nem monições pera elas. beestas, lamças e espadas e punhaes, nem mamchins, nem fouces de cabo de paao, nem facas d'Alemanha, nem outras xemelhantes, nem algumas outras armas de qualquer feição que forem asy ofemsyvas e defemsivas. E qualquer pesoa, que o comtrairo fizer, mora por iso morte natural e perca todos seus beins, a

armas, y que lo haze, porque no es razón que las cosas buenas que Dios crió que las den a los que a Dios no conoscen, hasta entanto que primero se hagan todos christianos. No les paresce esto que les digo mal ni nunca me lo contradizen, mas antes me dizen que los hagamos christianos y que les enseñemos todo lo que para serlo es necesario, que ellos quieren ser nuestros hermanos. Y con quanto dizen esto, yo me buelbo a afirmar en lo que tengo dicho, que así en estas partes de S. Vicente, como por toda la costa, lo más seguro y firme a de ser ponerlos en necesidad, que vean ellos claramente que no tienen ningún remedio para aver la heramienta para sus roças, sino es tornarse christianos. Y sabe V. R. qué cosa es no dalles heramienta para roçar, que se perderán con hanbre y la hambre es guera de cada día, y em poco tiempo los a de vencer.

17. Una de las cosas porque los Indios del Brasil son aora más guerreros y más malos de lo que solían ser, es porque ninguna nescesidad tienen de las cosas de los christianos, y tienen las casas llenas de heramienta, porque los christianos andan de lugar en lugar y de puerto en puerto hinchiéndolos de todo lo que ellos quieren. Y el indio que en otros tienpos no era nadie y que siempre moría de hambre, por no poder aver una cuña con que hazer una roça, tienen aora quantas herramientas y roças quieren, y comen y beben de continuo, y ándanse siempre a beber binos por las aldeas, ordenando gueras y hazie[n]do muchos males, lo que hazen todos los que son muy dados al vino por todas las partes del mundo. Si les quitan esto que digo, tanto que ellos començaren de sentir la falta, ellos vendrán a dar obediencia a quien la an de dar y a conoscer señorío, y serán muy buenos, porque yo vi ia en estas

269 a^{1} *sup. lin.* || 275 esto *del.* no

metade pera os cativos e a outra metade pera quem o acusar» (Regimento de Tomé de Sousa, 17 de Dezembro de 1548, in *Anais do IV Congresso de História Nacional* II 60).

partes del Brasil, en tiempo que los Indios no tenían con qué hazer rroças, ser la hambre tanta entre ellos, que morían de hambre y vendían un sclavo por una cuña que podría tener una libra de hierro, y también vendían los hijos y hijas, y ellos mismos se entregavan por sclavos.

18. Si por ventura al Rei le parescerá bien mandar poner esto em plática [25] y consejo y parescer de la gente del Brasil, pongo en duda parescelles bien, porque los más son amigos de interese y provecho que tienen del [86v] trato y rescate que tienen con los gentiles, y no se acuerdan ni miran poco ni mucho por la salvación de las almas, y más cobdician tenellos por sclavos que por hermanos; y si les paresce que la gentilida[d] se podía levantar contra elos por no dalles el rescate, dirán que antes vaian quantas almas ai en el Brasil al infierno. Mas aunque la gentilidad se quisiese por esso levantar contra los christianos, no estimo sus gerras en parte donde está tam buena fortaleza como la de la Vaía, porque aunque diessen guerra no la pueden dar mucho tiempo por la necesidad en que se verán de las cosas de los christianos, sin las quales no podrán vivir si del todo las quitaren.

19. Y que digamos que es gente que antes se deixara morir que quebrantar su lei y dexar de adorar sus ídolos, ellos no tienen lei ni ídolos a que adoren, ni tienen más que algunas abusiones y niñerías, que aún oi en día se hallan dentro del reino de Portugal, como son hechizeros, adivinadores y bendizidores, y creer en sueños, y tener

309 mucho *del.* de || 315 gerras *del.* en nada || 325 creer *corr. ex* creen

25 No citado Regimento de Tomé de Sousa já o mandara El-Rei pôr em prática: «E posto que digua que esta defesa se não emtemda em machados, machadynhas, fouces de cabo redondo, podões de mão, cunhas ou facas pequenas e tesouras de duzias, ey por bem que em tudo se emtemda a dita defesa atee eu vos mamdar despemsação do papa pera se poder fazer» (*ib.* 60-61). Mas não se cumprira. E Pero Correia urge que se cumpra com os gentios, isto é, com os não cristãos. Cf. W. FERREIRA, *História do Direito Brasileiro* II, 34-35.

muchos agüeros, mas esto son cosas que fácilmente se le pueden quitar poniéndolos en necessidad, como dixe. Algunos dellos que se hazen santos [26] entre ellos aora les dan crédito aora no, porque las más de las vezes los hallan en mentira. Todas estas cosas scrivo a V. R. para que por alguna vía nos sea abierta la puerta de la viña del Señor y que empleemos el tiempo y no se nos vaia devalde.

20. Y si no se ordenare como dicho tengo, lo más que podremos hazer por esta costa adelante en estas partes es entre estos Indios que están allegados a la conversación de los b[l]ancos, será enseñar a los hijos algunos que podremos sustentar, que no pueden ser muchos, porque las casas son muy pobres. Si tubieran con qué y mucha renta aiuntáramos todos los moços y doctrináramoslos en la fe, y los biejos fuéranse gastando en sus malas costumbres y los moços quedaran en posesión de la tierra, y se hiziera una nueva christiandad.

21. Mas son las casas tan pobres, que unos quarenta o cinqüenta moços que aquí tenemos no los podemos sustentar sino mucho mal y con mucho trabajo, y esto aún solamente del comer, quánto más si los ubiéramos de vestir y tratar como era razón.

22. Y si le pareciere mejor de lo que le tengo dicho, que entremos por la tierra adentro, y que vamos apartados de los christianos, yirnos emos, e por ventura tan lexos, que sea travajo ir ninguno a donde nosotros fuéremos, que dizen estas gentes que si nosotros fuéremos a la tierra adentro, que se irá allá mucha gente tras nosotros y que se despoblarán los lugares que están a par del mar. Mas paréscеme que son scusas por no se ir muchos que se querían ir por la noticia del oro y plata que estavan para ir, y dellos ja para partir, y, por tener razón de impidir a los otros, nos impidieron.

23. No scrivo aora más, en ésta solamente le buelvo a acordar los libros que le pido, y que dé cargo de mí a mi en

---

26 Pagés.

Christo Padre Urbano [27] para que me encomiende a nuestro Señor siempre en sus santos sacrificios y oraciones, y otro tanto de mi Padre Corea [28], y de mi caríssimo Don Gonçalo [29]. Y V. R. me hará charidad de me dezir una misa a la Sanctíssima Trini-[87r]dad en que le pida que me haga perseverante hasta la fin en su santíssimo servicio con muy entera fe y ardentíssimo amor, el qual inflame nuestras ánimas, amén. Y más pido a V. R.: que a todos los Padres que están en esse Reino me mande dezir a cada uno su misa y sea la que cada uno tubiere más en devoción de dezir, y en ella me pidan cada uno su virtud y sea la que más desearen.

A 10 de Março de 1553.

Pobre,

Pedro Correa.

61

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. SIMÃO RODRIGUES, LISBOA

SÃO VICENTE [10 DE MARÇO?] 1553

I. **Bibliografia**: LEITE IX 12 A.

II. **Autores**: POLANCO III 460-468; LEITE I 338; *Breve Itinerário* 93-94; NEMÉSIO 294-300.

III. **Texto**: ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 104r-105v [antes 305r-306v]. Título: «Copia de una del P.e Manuel de Nóbrega para el P.e Maestro Simón.

---

27 Urbano Fernandes. Natural de Lisboa, entrou na Companhia em Coimbra a 27 de Abril de 1545. Mestre de Noviços, Reitor de Coimbra e de S. Antão. Quando a carta chegou a Portugal, já Urbano Fernandes tinha embarcado para a Índia a 24 de Março de 1553 na nau S. Bento, em que também ia Luís de Camões. Urbano faleceu na viagem a 8 de Maio de 1553. FRANCO, *Imagem de Coimbra* II 573; RODRIGUES 1/2 69 302 534; LEITE, *Camões, Poeta da Expansão da Fé* 59.

28 António Correia. Natural do Porto, entrou na Companhia em Portugal a 8 de Julho de 1543. Mestre de Noviços em 1553. Faleceu em Bucelas a 6 de Agosto de 1569. RODRIGUES 1/1 444-445.

29 D. Gonçalo da Silveira, cf. supra, carta 44 § 8.

Del Brasil. [Outra letra:] Dalla Capitania de S. Vincenzo, l'an. 1553». Tradução espanhola do original português perdido.

IV. **Data**: Diz Nóbrega nesta carta (§ 6) que manda ao Ir. Pero Correia que escreva ao P. Mestre Simão os «vitupérios» que se dizem contra os Padres. A carta do Ir. Correia tem a data de 10 de Março de 1553, que é, mais dia menos dia, também a desta, de Nóbrega (LEITE, *Nóbrega e a fundação de São Paulo* 20).

V. **Impressão**: LEITE, *Carta inédita de Nóbrega nas vésperas da fundação de São Paulo (1553)*, in *Brotéria* 55 (1952) 136-152 [a carta: 143-149]; *Nóbrega e a fundação de São Paulo* (Lisboa 1953) 20-28; *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 463-468.

VI. **História da Impressão**: Retroversão portuguesa moderna, nas publicações de 1952 e 1953; em *Cartas de Nóbrega* (1955), além da retroversão, edita-se o texto espanhol *(Bras. 3-1)*.

VII. **Edição**: Reimprime-se *Bras. 3-1*, texto único.

Textus

1. De deliberatione adeundi interiora terrarum. — 2. Rationes Gubernatoris ne Nóbrega adeat. — 3. Rumores circa fodinas auri et argenti. — 4. Gubernator non sinit ut erigatur domus in interiore terrarum. — 5. Sed Indi Brasiliae non possunt converti ad fidem et statim soli relinqui in suis pagis. — 6. Christiani paucis exceptis non iuvant Indorum conversionem. — 7. Episcopus eiusque Visitator non rectam administrant iustitiam. — 8. Gubernator probus est, non ita semper eius consiliarii quoad libertatem Indorum. — 9. Aequa libertas etiam rebus temporalibus utilis. — 10. Captivitas Indorum animi dolor est. — 11. Ut Rex Portugaliae in hac re interveniat: si non permittitur Patribus ut adeant interiora terrarum, parum remanet eis faciendum in praefecturis nisi educatio puerorum. — 12. Nóbrega cogitat de reditu Bahiam secum ferens Fratres. — 13. Domui S. Vincentii etiam ius est participare ex subsidio regio sed quod datur ad decem neque ad tres sufficit.

+

Jesús

Pax Christi.

1. Por otra vía screví [1] a V. R., aunque creo que ésta le será dada primero, y le declarava cómo estávamos de

1 Carta de 12 de Fevereiro de 1553.

camino para ir entre la gentilidad y nos hazíamos prestes [2], y por esta causa yo quedava en esta Capitanía este año y no volvía con el Governador en la Armada. Y, según nuestro parescer y experiencia que de la tierra tenemos, speramos hazer mucho fructo, porque tenemos por cierto que quanto mais apartados de los blancos, tanto mais crédito nos tienen los Indios, y somos cada dia importunados dellos: que cómo tardamos tanto de los ir a enseñar.

2. Succedió que a la partida del Governador algunos moradores de la tierra así por quedar descontentos del Governador, como por alguna noticia o sperança que tienen de aver en esta tierra oro o plata, sabiendo que nosotros queríamos ir por la tierra adentro a asentar casa, casi que toda esta Capitanía o muchos de los principales della se movían para ir en donde nosotros asentávamos. Lo qual vino a noticia del Governador y, dándome cuenta de lo que pasava en la tierra, con me poner delante la obligación que teníamos a nuestro Rei [3] tan virtuoso, lo impidió, y con mucha razón, porque fuera abrir las puertas para grandes males, y a se esta Capitanía despoblar. Y asentamos a no hazer mudança hasta S. A. mandar recado al

---

11 Indios *corr. ex* Imdios || ao noticia] ntoticia *ms.*

---

2 Prestes, português; em espanhol seria «nos aprontábamos».

3. D. João III Rei de Portugal. Facto semelhante a este de Nóbrega com o Governador do Brasil, Tomé de Sousa, sucedeu a Francisco Xavier, que queria ficar em Socotorá, ilha da Costa Oriental de África e o não permitiu o Governador da Índia Martim Afonso de Sousa. Conta-o Xavier quase pelas mesmas palavras de Nóbrega, em carta de 20 de Setembro de 1542: «Rogáronme mucho que quedase con ellos, y que todos, grandes y pequeños, se bautizarían. Dixe al Señor Governador que me diese licencia, que yo quería quedar ay, pues allava messem tam paratam. Y porque a esta ysla vienen turcos, y no es abitada de portugueses, y por no me dexar en peligro que me levassen preso los turcos, no quiso el Señor Governador que quedase en aquella ynsula de Çocotorá, diziéndome que me avia d'enbiar a otros cristianos, que tienen tanta o más necessidad de dotrina que los de Çocotorá, donde haría más servicio a Dios nuestro Sñor» (*Epp. Xav.* I 124). Cf. LEITE, *Nóbrega no dia 25 de Janeiro de 1554*, in *Brotéria* 59 (1954) 267.

Governador de cosas que él screvirá [4] o informará de palabra [5] si allá fuere este año. De la determinación de las quales depende mucho el modo que avemos de tener de servir a N. S. en esta Capitanía y en las otras.

3. Yo é pedido al Governador licentia para nos dexar entrar por alguna otra Capitanía de la costa adonde no oviese los enconvenientes que en esta ai, los quales son ser descubiertas minas, y presumen ser plata, aunque por falta de quien la funda no se save de cierto lo que es. Las quales minas hallaron y descubrieron los castellanos de Paragai, que estarán de aquí desta Capitanía 100 leguas, i está averiguado estar en la Conquista del Rey de Portugal [6], y por estas y otras cosas a cerrado el Governador el camino así a portugeses como a castellanos. Y así se tiene noticia de una gentilidad en estas partes de mucho oro, em pos del que andan los castellanos por vía del Perú; las quales cosas todas y otras muchas yo supe después de estorvada nuestra ida, las quales causas todas cesan en las otras Capitanías.

4. Respondiéndome el Governador que, para entre gentiles asentar casa, no lo consentiría en ninguna Capitanía,

---

4 Carta de 1 de Junho de 1553 (*História da Colonização Portuguesa do Brasil* III 364-366).

5 Sobre esta informação «de palavra» tratam a carta de D. João III a D. Duarte da Costa de 21 de Março de 1554 (LEITE I 41); e a do P. António de Quadros para Roma, de 17 de Março de 1554. LEITE, *Breve Itinerário* 109-110.

6 Tendo os espanhóis ocupado as Molucas na demarcação de Portugal, entendiam os portugueses que se devia recuar para Ocidente o Meridiano da Demarcação de Tordesilhas: é a questão das Molucas no Brasil (LEITE I 337 341). Cf. Relação de Martín de Orúe sobre as armadas saídas de Portugal para o Brasil, feita em Lisboa em 1554, para Madrid [espionagem espanhola, segredo português]. Archivo de Indias, Sevilha, *Patronato-259* (ant. 2-5, 1/14, ramo 22). Parece também estar aqui e no § anterior suficientemente indicada a origem dos boatos sobre minas de oiro e prata, que então se manifestaram em tantas cartas e foram estímulo poderoso para as entradas ao sertão e desbravamento e posse do território.

diziendo que si los gentiles hiziesen algún mal a los christianos que no lo podrían vengar estando nosotros en la tierra dentro, y también que huirían para nós todos los malhechores; las quales razones cesan pasando nosotros a otra gentilidad que no sea de la Capitanía [7]. Finalmente, que por todas las vías estamos como presos y no tenemos livertad de servir a N. S. [104v] como entendemos El ser servido.

5. Dízenos el Governador que podemos ir a predicar el Evangelio y volver a las Capitanías y poblaciones de los christianos. Esta gentilidad no tiene la calidad de la gentilidad de la primitiva Iglesia, los quales o maltratavan o matavan luego a quien les predicava contra sus ídolos, o creían en el Evangelio, de manera que se aparejavan a morir por Christo; pero esta gentilidad como no tiene ídolos por quien mueran [8], todo quanto les dizen creen, solamente la dificultad está en quitalles todas sus malas costumbres, mudándolas en otras buenas según Christo, lo qual pide continuación entr'ellos, y que vean buenos exemplos, y que vivamos con ellos y les criemos los hijos dea pequeños en doctrina y buenas costumbres, y por esta manera tenemos por cierto que todos serán christianos y mejores que los blancos que acá ai. Y vale poco irles predicar y volver para casa, porque, aunque algún crédito den, no es tanto que baste a los desraigar de sus biejas costumbres, y créennos como creen a sus hechizeros, los quales a las vezes les mienten y a las vezes aciertan a dezir verdad; y por esso como no fuere a vivir entr'ellos no se puede hazer fundamento de mucho fructo.

64 mudándolas] mudándolos *ms.*

7 A Capitania de São Vicente não tinha limites fixos no sertão. Daqui toda a luta presente e futura até à questão final de limites no século XVIII.

8 É a ideia permanente de Nóbrega: os Índios gentios do Brasil não eram fiéis de nenhuma religião pela qual se deixassem matar. Cf. carta de princípios de Julho de 1552 § 8.

6. Entre los christianos ia se hizo el fructo que se podía hazer, y creo que se hallaron los que dellos N. S. tiene predestinados; en los otros a entrado tanta dureza, que se sentaron en los pecados [9], de manera que sus esclavos y indias de la tierra por la doctrina que oien se quieren apartar del pecado, y se vienen para nosotros diziendo que temen a Dios, y los señores son tales que unos les mandan que no vengan a la doctrina, y otros les dizen que no ai más que vivir a la voluntad en este mundo, que en el otro la alma no siente. Otros les dizen que nosotros no savemos lo que les dezimos, que ellos son los verdaderos que les hablan la verdad; otros les dizen muchos vituperios nuestros para nos desacreditar con toda la gentilidad, lo que por muchas vezes acontece, como tengo mandado al Hermano Pero Correa que scriva a V. R. [10], por lo qual no sólo entr'ellos no hazemos nada, mas aún perdemos el crédito entre los Indios y gentiles, y esto más es en esta Capitanía que en las otras.

La razón creo es porque la gente desta tierra es flaca en el entender, y de mala creación y de mucho tiempo habituada en grandes maldades, y gente de menos calidad que toda. Ayuntóse también en esta Capitanía aver muchos indios forçados, otros salteados, y porque nosotros los favorescemos [11] y predicamos contra ellos [12], y algunos se livertaron, y no los absolvimos si no los livertan, commota est universa gens [13] contra nosotros: digo destos a quien esta plaga alcança, que los otros [14], que deso están libres, nos aman mucho. De manera que si alguna cosa aora hazemos, es enseñar niños indios en las Casas de las Capitanías, y criarlos y a los sclavos y sclavas, aunque con tanta contra-

98 ellos *del.* que a||103 las' *corr. sup. ex* la||104-105 contradición *corr. sup. ex* condición

9 Cf. Ps. 106, 10.
10 Carta precedente (60).
11 Aos Índios.
12 Os que «forçam» os Índios.
13 Mat. 21, 10.
14 Os que não «forçam» os Índios. Trata-se de gente branca.

dición de los blancos no se puede hazer nada más que desacreditar cada vez nuestro ministerio.

7. Ajúntase a esto todo llevar el Obispo [15] y su Visitador [16] otro modo de proceder, como ellos quieren y entienden, lo qual, [105r] dado que pueda ser el mejor y el que N. S. quiera, es de todo contrario al fundamento que nosotros teníamos echado en estas partes, y mucho más pudiéramos obrar entre christianos con el temor que les poníamos con la venida de la justicia ecclesiástica que agora después de venida. Y solamente diré una cosa general a V. R. para le dar occasión de llorar, i es que donde podía sacar dinero, aunque no ubiesse pecado, allí avía grandes exámenes, y donde no, aunque ubiesse graves pecados, haziase poca cuenta deso. Yo lo amonesté al Visitador en particular. Deziame que todo venía por regimiento [17] del Obispo. El scándalo fué tan general en

15 D. Pedro Fernandes.

16 Gomes Ribeiro, Deão da Sé. Nóbrega avisou-o em particular, como diz logo a seguir. E devia ser em São Vicente, onde ambos se acharam: «Ao primeiro de Fevereiro de mil e quinhentos e cincoenta e tres annos passou o provedor-mor [António Cardoso de Barros] para Pero de Siebra Feitor e Almoxarife de Sua Alteza nas Capitanias de São Vicente e Santo Amaro que pagasse ao Padre Gomes Ribeiro Deão da Sé da Cidade do Salvador ou seu certo Procurador vinte e um mil reis em dinheiro que lhe são devidos, ao Bispo e Cabido da dita Sé, do rendimento dos dizimos das miunças» (*Documentos Históricos* XIV [1929] 300-301).

17 O Regimento que o Bispo deu ao seu Visitador tinha raízes na Índia, onde ele, quando era Vigário Geral, levava meirinho para a execução das penas que impunha, as quais não eram de Padrenossos nem de cera, mas de dinheiro; e ele com o seu meirinho «asy mesmo aos gemtios davão muy gramdes apresões e muy mao trato e pyor emxempro pera se fazerem crystãos». Informação do Governador Garcia de Sá sobre Pedro Fernandes, Goa, 3 de Janeiro de 1549. Cf. ANTÓNIO DA SILVA REGO, *Documentos para a História das Missões do Padroado Português no Oriente. Índia* IV (Lisboa 1950) 218. Algum tempo depois nasceu entre o Bispo e o Deão-Visitador grave desinteligência, e o Bispo tirou a Gomes Ribeiro o Regimento que lhe dera. Cf. carta do Governador Geral do Brasil D. Duarte da Costa a El-Rei D. João III, da Baía, 8 de Abril de 1555 (*História da Colon. Port. do Brasil* III 374).

la costa, que creo sonará allá. El Obispo no es letrado [18] y es muy confiado, devíale de mandar un vicario general [19] letrado y bien exercitado.

8. El Governador tiene hecho en esta costa mucho, tanto que nunca cesamos de loar a N. S. por dar tal saver y tal virtude a un hombre. Todo puso en su lugar en la visitación desta costa, pero como N. S. es perfecto solamente, non puede el hombre tener todo. Digo esto porque, quando la cosa es de calidad que es servicio de Dios N. S., y el Rei también N. S. en la tierra va mesturado, todo junto, no ai que dezir sino que lo haze mejor que quantos hombres lo pudieran hazer; porque quando puede adivinar que el servicio, aunque sea cierto, puede prejudicar al servicio del Rei, dudoso, no lo haze ni lo permite hazer; y aver en un hombre tam pouco mal es mucho de loar. Y esto tengo dél conoscido en algunas cosas que cada día acontescen, y principalmente en ésta:

9. Los hombres desta costa, y principalmente desta Capitanía, los más tienen indios forçados, los quales reclaman livertad y no saven más del judicial que venirse a nós como a padres [20] y valedores acogiéndose a la Iglesia, y nós, porque estamos ia scarmentados y no queremos mover scándalos ní que nos apedreen, no les podemos valer, ni aún lo osamos a predicar. De manera que por falta de

---

18 VAN DER VAT comenta assim: «A conclusão se impõe»: «Pedro Sardinha nunca foi professor de teologia nem mesmo na Universidade de Paris, mas tão sòmente mestre de Latim, e isso ainda talvez só em carácter particular» (*Princípios* 267). Mas cf. supra, «Introdução Geral», Cap. II art. 19.

19 Mandou-se-lhe Vigário Geral o Bacharel Francisco Fernandes, nomeado pela carta Régia de 17 de Setembro de 1555. VAN DER VAT, *Princípios* 383 386. A 4 de Fevereiro de 1557 (já era então Provisor e Visitador), El-Rei escreveu-lhe que ajudasse e favorecesse em tudo os Padres da Companhia (*Documentos Históricos* XXXVI [1937] 115-117).

20 «Padres», na versão espanhola, e que tanto significa pais como Padres; mas em portuguêS são palavras diferentes, e Nóbrega teria usado a palavra «pais», pedida pelo sentido: «como a pais e valedores».

justicia ellos quedan captivos y sus señores en pecado mortal, y nós perdemos el crédito entre toda la gentilidad por lo que speravan. Dixe al Governador que proveyese en ello y, como él haze todo com mucho consejo, y algunos de su consejo tienen también los Indios en casa, es [de] parescer que no se toque en esso por el prejuizio que verná a muchos hombres, y que mejor es estar en subjectión, y que sirvan las haziendas; y que esto es más servicio del Rei y bien de la tierra y de los moradores della; y de otra manera, como esto toca a casi todos, será grande mal para la tierra, y otras razones semejantes. Y a mí paresciame que no se devía dexar de hazer razón y justicia ygualmente por todas sus razones, porque la cosa donde no la ai no la favoresce N. S., y por mucho maior bien tengo de la tierra dar a cada uno lo que es suio, que no con pecados de que nunca saldrán sustentarla; y creo que entonces darán los ingenios más açúcar y más dézimos a S. A.

10. Y si esta tierra, siendo la mejor del mundo, es tan poco favorescida de N. S., es por tales y otros semejantes pecados. Y si se scogiese un, scilicet, hombre virtuoso que hiziese livertar los tales, y casase los machos con las hembras, y bibiesen en libertad entre los christianos, haziéndolos cumplir la lei de los christianos y costumbres buenos, esto aprovecharia más a la tierra y sabrían todos los gentiles la verdad de los [105v] christianos, que vino con la venida del Governador y de los Padres, pues ja tanto tienen experimentada la mentira dellos, y sería buen camino para nós dar crédito y se hazer christianos. Pero como esto paresce, a la primera facie, no ser mucho servicio del Rei, todos lo contradizen; y a mí duéleme el coraçón quando los veo con tanta razón quexarse de su áspero captiverio, y no ai quien les valga. Y porque desto ai en esta tierra mucho, y no lo tenía experimentado tanto como aquí, por eso lo scrivo agora a V. R. para dello dar la cuenta que le paresciere a S. A.

---

149 Indios *bis, sed prim. del.* || 168 esto *del.* sería bueno

11. Estas cosas así todas bien pesadas por V. R., aunque las scrivo confusas, nos scriba el modo de proceder, y platique todo con Sua Alteza largamente, porque, a no nos dexar ir entre los gentiles, no nos queda ya que hazer o muy poco. Y, por si pasare, determiné dexar esta casa entregada a dos maiordomos y un proveedor della, quitando los Padres de toda la administración temporal, quedándoles solamente una erudición y doctrina de los niños, y también la suprema obediencia de todos al Rector que en esta casa fuere de los niños. Y ordené la Confadría del Nombre de Jesús [21], lo qual todo está bien hecho, y quité occasiones de murmurar malas lenguas; y aunque era sin verdad, no era sin causa.

12. Aora me torno en la primera embarcación, que será presto, a la Baya, llevando conmigo algunos Hermanos destos nuevos que aquí hallé, entre los quales es un Pero Correa que en esta tierra haze mucho que de ninguno de nosotros, por razón de la lengua y de su seso y virtud, y speramos, no perder tiempo, y adonde quiera que fuéremos hazer mucho fructo por la mucha autoridad y crédito que tiene entre los gentiles. Esta casa tiene L [50] niños, y con toda la gente manterná a L, C [50,100] o más personas. Es necessario favorescerse mucho de allá. El Governador me dió sperança de le aver de S. A. el diezmo del arós desta Capitanía y que le rende poco, y será mucha provisión para esta casa y para sustentación de muchos niños, como más largo screviré al P.e Pedro Doméneco [22]. La provisión y vestido que S. A. nos manda acá dar nos pagan muy mal, tanto que lo que dan para 10 [23], que del Reino veni

183 entre] contra *ms.* || 187 niños y] niños que *ms.* || 191 verdad *aliquod verbum del.* || 196 *corr. ex* muchos || 203 el *del.* dinero || 204 rende *corr. sup. alia manu in* rinde || 208 10] X *ms.*

21 Cf. infra, carta de 15 de Junho de 1553 § 11; e confirmação das terras à Confraria, datada de 22 de Março de 1553.

22 Carta perdida.

23 Dez: Seis na primeira expedição (1549), quatro na segunda (1553). Cf. LEITE I 560.

mos, no mantiene ni viste a 3, si no fuesen limosnas y lo
210 que del Reino truximos, que aún nos dura [24].

CARTAS PERDIDAS

61a. *Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Pedro Doménech, Lisboa* (S. Vicente Março de 1553). Na carta de 10 de Março de 1553 § 12 ao P. Simão Rodrigues, diz Nóbrega: «Como más largo screviré al P. Pedro Doméneco».

61b. *Carta de um Padre (não S. I.) ao P. Leonardo Nunes, S. Vicente* (Paraguai, 1553?). «Y así escrevió ya de allí un Padre a nuestro Padre Leonardo Núnez pediéndole con mucha instantia que vaya allá», — escreve António Rodrigues a 31 de Maio de 1553 § 17.

---

24 Trata-se da roupa, que trouxe de Portugal, obtida para a Missão do Brasil, pelo Provincial Simão Rodrigues; e já não foi ele quem recebeu esta importante carta, mas o seu sucessor, P. Diego Mirón. Simão Rodrigues deixou o nome ligado à Missão do Brasil para onde pensou em ir pessoalmente, à Província de Portugal, de que foi fundador, e à história geral da Companhia de Jesus, como componente do grupo fundador chefiado por S. Inácio. Nasceu em Vouzela, distrito e diocese de Viseu, Beira Alta, em 1509 ou 1510. Frequentou como Bolseiro português a Universidade de Paris e já esteve presente ao voto de Montmartre (15 de Agosto de 1534). Em 1536 recebeu o grau de Mestre em Artes, ainda estudou Teologia, e saiu de Paris no fim desse ano com os companheiros para peregrinarem a Jerusalém. Ordenou-se em Veneza a 24 de Junho de 1537. Impedida a viagem da Terra Santa, seguiu para Roma, e daí, a pedido de D. João III, para Lisboa, com destino à Índia. Achando-se mais conveniente que ficasse em Portugal para organizar a Companhia e angariar missionários ultramarinos, fundou em 1541 a Casa de S. Antão de Lisboa, e em 1542 o Colégio de Coimbra. Provincial em 1546. Nessa qualidade e como amigo de D. João III e confessor do príncipe herdeiro D. João, prestou incalculáveis serviços à renovação dos estudos e às missões do Ultramar. Deixou o cargo em 1552 e não lhe faltaram as tribulações, que sempre esmaltam a vida dos homens, grandes beneméritos. Aludimos a elas no lugar próprio, ao tratar de Simão Rodrigues, no capítulo consagrado aos *correspondentes* de Nóbrega, na edição de suas cartas (*Cartas de Nóbrega* [1955] 52*-57*). Faleceu em Lisboa a 15 de Julho de 1579. Sepultou-se na Igreja de S. Roque, e os seus ossos colocaram-se depois honorificamente no lugar da mesma Igreja, onde hoje se veneram: «Venerabilis Patris Simonis Roderici ossa novo et nobiliori loco inclusa sunt» (Carta Ânua da Casa Professa de S. Roque [Fevereiro de 1709], *Lus. 45*, f. 188r).

62

CONFIRMAÇÃO DAS TERRAS DOADAS PELO IR. PERO CORREIA AO COLÉGIO DE S. VICENTE

S. VICENTE 22 DE MARÇO DE 1553

I. **Autores:** BENEDITO CALIXTO, *A villa de Itanhaem* (Itanhaém 1895) 120-128; LEITE I 255-256 [e cf. *Páginas* 199].

II. **Texto:** ARSI, *Bras. 11-2*, ff. 477r-477v. Cota [f. 478v]: «Confirmação das terras que Pero Correa deo à Casa da Companhia da Ilha de S. Vicente». Outra letra: «22 Martii 1553». Terceira letra: «Confirmatio donationis terrarum Petri Correa pro Domo S. Vincentii Soc. Iesu in Brasilia». Cópia em português.

III. **Impressão:** BENEDITO CALIXTO, *op. cit.* pp. 120-123; LEITE I 541-542.

IV. **História da Impressão:** CALIXTO serve-se doutra cópia incompleta [falta o § 6]; LEITE imprime o texto *(Bras. 11-2)*.

V. **Edição:** Reimprime-se o texto *(Bras. 11-2)*.

Textus

1. Tractus terrarum Petri Correia. — 2. Iuxta locum dictum «Porto das Naus» S. Vincentii. — 3. In loco «Peroybe» dicto. — 4. Insula prope «Peroybe». — 5. Instrumenta legalia. — 6. Confirmatio et donatio omnium terrarum Confraternitati Pueri Iesu in oppido S. Vincentii.

1. Amtonio d'Oliveira [1], capitão e ouvidor com alçada por ho Senhor Martim Afomso de Sousa, governador desta Capitania de Sam Visente em a costa do Brazill e etc.

Faço saber aos que esta minha carta de confirmação e de dada virem como por Pero Correa, morador em esta Villa de Sam Visente, me foi feita huma petição em que

1 Cf. carta 27.

diz que por Guonçallo Monteiro [2], que aqui foi capitão, lhe forão dadas duas terras, convém a saber, huma aqui da outra banda desta ylha [3], que chamão Porto das Naos, que era dada a hum Mestre Cosme [4], bacharel, he outra donde chamão Perohibe [5], que é dez ou doze lleguoas desta Villa, das quoais terras elle Pero Correa tinha cartas e lhe cairão no mar, as quoais estavão registadas em o Livro do Tombo, que o escrivão das dadas tem em seu poder, que me pedia que, pelas ditas confrontaçõis que no dito Livro do Tombo estavão, lhe mandase pasar hora carta novamente das ditas terras; que me pedia mais huma ylha de três que estam defronte da dita terra de Peroibe pera seu aposentamento de caregua e descarregua das naos, convém a saber das ditas três ilhas a maior dellas [6]. E, visto seu pedir, diguo

---

2 O *Capitão* Gonçalo Monteiro intitula-se nalguns documentos *vigário* e loco-tenente do Donatário, vigário e feitor do Donatário. Vigário pode interpretar-se «pessoa que faz as vezes de»... Frei Gaspar da Madre de Deus escreve que Martim Afonso trouxe consigo um «clérigo nobre chamado Gonçalo Monteiro» (citado por VAN DER VAT). Se teve fonte independente daqueles documentos, bem está; se se fundou neles, a autoridade de Frei Gaspar para provar que a palavra vigário significa, no caso, pessoa eclesiástica, é uma *petitio principii.* O texto de Frei Gaspar é a base da argumentação de VAN DER VAT (*Princípios* 199) para considerar Gonçalo Monteiro primeiro vigário de São Vicente; mas parece ter visto a dificuldade da matéria: «Da sua actuação na freguesia vicentina não se conservou lembrança alguma» (*ib* 201). S. Camargo aceita a identificação, sem mais reparo e introduz Martim Afonso de Sousa e Gonçalo Monteiro a estudar ambos em Salamanca (*A Igreja na História de São Paulo* 3-4); não aduz porém texto justificativo desta amizade «de infância»; e falando do P. Simão de Lucena diz que em 1553 havia 18 anos que era «Vigário de São Vicente», portanto, já desde 1535 (*ib.* 40). A 22 de Abril de 1560, o *Ouvidor* Gonçalo Monteiro residia em Santos. LEITE, *Breve Itinerário* 164.

3 Ilha de São Vicente (ou de Santos). Cf. LEITE I 255.

4 Mestre Cosme, bacharel. Personalidade não bem identificada. Cf. EUGÉNIO DE CASTRO, *Diário da Navegação* I (Rio 1940) 401-403.

5 Perohibe ou Peruíbe, ao sul de São Vicente e de Itanhaém (LEITE VI 435).

6 Ilhas em frente ao Rio Guaraú ao sul de Peruibe, e todas três se chamam, do mesmo nome, Ilhas de Guaraú ou Garaú. Têm pouco

que eu lhe dou a dita ilha que me asi pede, emtendemdo-se a dada delas d'oje por diante, e lhe confirmo as mais terras d'oje por diante, e isto será pelas confrontaçõis conteudas no Livro do Tonbo, as quoais ho escrivão as declara na carta, assim e da maneira que no dito Livro e registo hé conteuda, convém a saber as demarcaçõis delas; ao qual eu sprivão dou fee e diguo ser verdade que no dito Livro do Tombo são duas cartas registadas de teras que Gonçalo Monteiro, sendo capitão, deu ao dito Pero Correa e partem em esta maneira.

2. A primeira que lhe foi dada, que hé defronte desta ylha e Villa de São Vicente, que era antes dada pelo Governador a hum Mestre Cosmo, bacharel, que o dito Gonçalo Monteyro ouve por devoluta, comesa a partir do Porto das Naos partindo com terras de Antonio Rodriguez [7], até ir partyr com terras de Fernão de Morais defunto ou com cujas forem daqui por diante, e pera milhor declaração asi como se achar que o dito bacharel Mestre Cosmo partia, porque, pelas propias demarcaçõis que lhe era dada, a deu hora ao dito Pero Correa, onde comesou a partir, que hé no dito Porto das Naos, ficava hum recio de tiro d'arco asi como foi mandado he ordenado polo Senhor Governador que fiqua he livre e desembarguado pera quoando as naos alli emcorasem.

3. A segunda tera, que dizem Peroybe, foi dada ao dito Pero Corea pera elle Pero Correa e pera hum seu irmão que esperava vir a esta terra, e que não vindo ficase toda a elle dito Pero Correa; e parte em esta maneira treladado letra por letra do dito registo as terras seguintes: em

35-36 António Rodrigues — terras *sup. lin.* || 40 ao *corr. sup. ex* o | Correa *verbum del.* | onde *del.* ficarão || 47 elle *corr. ex* lle

préstimo, excepto a maior, a pedida por Pero Correia, conhecida por *Ilha Grande;* esta serve de abrigo aos pescadores por ter porto e água potável. J. M. DE ALMEIDA, *Diccionario* 93-94; cf. LEITE I 256.

7 Português dos primeiros povoadores do Brasil, com João Ramalho. A casa de António Rodrigues, no «Tumiaru», Porto das Naus, é indicada por EUGÉNIO DE CASTRO, *Diário da Navegação* I, mapa n. 9.

Peroybe, convém a saber, donde foi a Aldea dos Indios desta Villa de São Visente pera a dita Alldea dos Indios Peroybe começará a partir dum regato que está aquem da dita Aldea, que chamão em linguoa dos Indios Tapiiranema, que hé desta banda do levante, e da outra banda do poente pasando ho rio grande, que se chama Guaraype, e em noso nome lhe puserão de Santa Caterina[8], partindo pelo mar asim como vay a costa, e pela banda da tera entrará tãoto adentro tãoto quoanto ten de costa, de maneira que tãoto aja na boca pelo mar e tãoto averá na entrada pela dita terra, en quadra tãoto em huma como em outra, asi que tãoto terrá de larguo como en comprido.

4. As quoais terras por me o sprivão dizer que no Livro do Tombo estão declaradas asim dou ao dito Pero Correa hora novamente, e mais lhe dou a dita ilha que já atrás diguo, o que todo será pera elle e pera todos seus herdeiros he desendentes, d'oje este pera todo senpre, com todas suas entradas e saidas, [477v] forras de todo trebuto, somente dizimo a Deus, e ysto com a condisão das sismarias segundo em o Livro das Ordenaçõis[9] hé declarado em tal caso feitas.

5. Ho que todo dou e faço segundo por meus poderes que do Senhor Governador tenho me hé dado, do que ho sprivão aqui dará sua fee. Ao qual, eu sprivão, dou ffee o dito Antonio d'Olyveira, capitão, apresentar à camara e povo desta Villa hum estromento pubrico de poder e procuração, que parece cer feito em Lixboa em os desaseis dias do mês d'Outubro de myll e quinhentos e trinta e oito anos, por hum tabalião por nome Antonio do Amarall, em o quall diz que dá fee em como a Senhora Dona Ana Pimintel, mulher do dito Senhor Governador[10], sua procuração abas-

50 Indios *del.* Peroybe || 53 linguoa *corr. ex* linguoas || 68 a *corr. ex* as || 77 do *sup. lin.*

8 Não confundir com a Ilha de Santa Catarina, que fica muito mais ao sul.

9 Cf. *Ordenaçoens do Senhor Rey D. Manuel,* Livro IV, Titulo LXVII «Das Sesmarias» (Lisboa 1797) 164-174.

10 Martim Afonso de Sousa.

tante pera por elle Senhor ella Senhora fazer o que lhe bem parecer em adeministração de suas terras e fazenda com poder de sobestablecer a quem ella Senhora quizer, por virtude do quall sobestabelece ao dito Antonio d'Oliveira por procurador em nome d'anbos ho fazer-se capitão he ouvidor com alçada en toda a dita capitania com poder de dar em ella terras a quem elle quizer e lhe bem parecer e as tirar a quem as mal trouxer arenunciando, por que há dito poder [e] quaisquer outros que até então focem feitos; os quais poderes havidos por bons em a dita camara lhe foi dado juramento pera os servir, ho que todo em o livro della com ho trellado delles que eu trelladei mais compridamente se contem. Por virtude do qual dou as ditas terras e confirmo como dito hee ao dito Pero Corea, e lhe mãodo ser feita a dita carta que será registada em o Livro do Tombo e por ella será metido de pose em ella conteudo. Dada em esta Villa de São Visente a vinte e simquo dias do mês de Maio. Antonio do Vale esprivão das dadas a fez de mill e quinhentos e quorenta e dous anos.

6. Antonio d'Oliveira, porquoanto estas teras que tinha dadas a Pero Correa, que hé metido na Ordem de Jesus, elle as ten dadas à Confraria do Menino Jesu [11] que hora ordena no collegio da Villa de Sam Vicente, segundo me co[n]sta por hum estromento de doação que o dito Pero Correa fez à dita Confraria, e os mordomos da dita Confraria me pedem que lhe confirme a dita data e os mande meter de pose, mãodo a qualquer sprivão a que por sua parte for requerido que os metam de pose da dita terra asi como se nesta carta contém, que hé as terras de Peroybe que me ora pedem; e da posse que lhe asim for dada lhe pasarão seus estromentos, hos quoais com esta carta e com

81 adeministração] deministração *ms.* || 82 sobestablecer] sobestallecer *ms.* || 109 Peroybe *corr. ex* Paroybe

11 Confraria do «Menino Jesus» ou do «Nome de Jesus», como diz Nóbrega, que a ordenou. Cf. carta 60 § 11; LEITE I 254.

o estromento da dita doaçam que lhe foi feita será tudo registado no Livro do Tombo. Feito oje a vinte e dous de Março de mill e quinhentos e sinquoemta e tres annos.

63

DO P. CIPRIANO SUÁREZ [1] AO P. INÁCIO DE LOYOLA, ROMA

[LISBOA?] 25 DE ABRIL [?] DE 1553

I. **Edição:** *Texto:* ARSI, *Hist. Soc. 171,* ff. 195v-196r (apógrafo de uma só letra) 207v-208r (apógrafo de duas letras) 209r-210r (autógrafo latino mutilado e corrigido). Texto íntegro em MHSI. *Litt. Quadrim.* II 207-222, de que se reimprime aqui sòmente o que toca ao Brasil.

Textus

1. Sacrae expeditiones in Brasiliam et Indiam. — 2. Septem Patres et Fratres in Brasiliam missi. — 3. Munificientia Regis Portugaliae etiam ad bibliothecas S. I.

Ihs.

Pax Domini Nostri Iesu Christi sit semper in animis nostris. Amen.

[...]

1. [210r] Venio nunc ad Fratrum mihi charissimorum discessum, qui tam multi et tam exercitati, cum in literarum studiis, tum in divinarum rerum meditationibus, tam experientes praeterea in audiendis confessionibus, in ministrandis sacramentis allisque eius generis salutaribus studiis, tum in Brasiliam, tum in Indiam missi sunt, ut merito nostrum desiderium earum nationum leniat utilitas.

[...]

---

1 Cipriano Suárez, natural de Ocaña (Toledo), entrou na Companhia em Coimbra a 21 de Setembro de 1549 (com 25 anos de idade). Mestre de retórica, professor de Teologia e Sagrada Escritura e Reitor do Colégio de Braga. Em 1580 retirou-se para Espanha e faleceu em Plasencia em 1593. RODRIGUES, *História* 1/1 456-457.

2. [210v] Ad Brasiliam missi sunt R. Patres Ambrosius Pirez, Tuae Paternitati de facie notus, et Ludovicus de Grana, qui, die Sancrosanctae Virgini festo, concionem habuit in nostro templo, quae non magis nobis quam omnibus auditoribus (habuit autem frequentes), mirifice placuit. Tertius est Blasius Laurentius cum quattuor frat[r]ibus.

3. Nunc superest ut de Regis nostri clementissima in nos liberalitate dicam, qui non modo viatico nostros prosequitur, sed dat insuper liberalissime pecuniam qua bibliotecae mittantur ad nostros aliaque, quibus regiones illae minus hactenus frequentatae carent. Hoc ipso anno non minus quam octingentis aureis nostrorum ei navigatio constitit et, cum decem iam annos simili utatur liberalitate, non modo non defatigatur, sed quotidie adiicit etiam aliquid ad cumulum pristinae beneficentiae. Duo eius fratres, Enriquus, Cardinalis amplissimus, et Ludovicus, Princeps, cum Rege ipso certant charitate in nos omnes.

[...]

[Anno ab humanitatis salute MDLIII, septimo calendas Maias].

TRADUÇÃO PORTUGUESA

Ihs.

A paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre nas nossas almas. Amen.

[...]

1. [210r] Passo agora a referir-me à partida [2] dos meus Caríssimos Irmãos, para o Brasil e para a Índia [3]. São em

---

2 A data da saída desta expedição de Lisboa para o Brasil dá-a VASCONCELOS a 8 de Maio de 1553, *Vida de Anchieta*, Liv. II cap. II §§ 4 e 8. Repare-se que esta carta, com data material de 25 de Abril, já conta a saída de Lisboa como facto realizado; mas o dia da saída, a 8 de Maio, é mais certo, porque a expedição chegou à Baía a 13 de Julho, e gastou dois meses, como adiante se verá da carta de Brás Lourenço de 30 de Julho de 1553: «Tuvimos buen viagen, bendito Dios, y en dos meses llegamos a esta tierra» (infra, carta 73 § 1).

3 Foram para a Índia os Padres Urbano Fernandes, Baltasar Dias e Aleixo Dias. Saíram de Lisboa a 24 (ou 27) de Março de 1553.

tão grande número, tão exercitados não só no estudo das letras, mas também na meditação das coisas divinas, e tão experimentados além disso em ouvir confissões, administrar os sacramentos e aplicar-se a outras ocupações salutares deste género, que há-de mitigar a nossa saudade o bem que vão fazer a essas nações.

[...]

2. [210v] Para o Brasil foram mandados os Reverendos Padres Ambrósio Pires [4], que V. Paternidade conhece pessoalmente, e Luís da Grã [5], que na festa da Santíssima Virgem pregou [6] na nossa igreja um sermão que nos agradou muitíssimo e não menos a todos os numerosos ouvintes. O terceiro é o Padre Brás Lourenço, com mais quatro Irmãos [7].

E com eles, na mesma nau S. Bento, como se disse p. 448, Luís de Camões.

4 Ambrósio Pires nasceu por 1525 em Lisboa. Entrou na Companhia em Coimbra em 1546. Mestre em Artes. Procurador do Colégio de Coimbra e em Roma um ano dos assuntos portugueses, em particular das graças espirituais (1550-1551). É de 22 de Maio de 1551, a patente de S. Inácio concedendo essas graças a «Ambrósio Pires e a mais 28 Padres da Companhia» (MI *Epp.* III 475-477). Embarcou para o Brasil em 1553. Trabalhou em Porto Seguro e foi Reitor do Colégio da Baía, recolhendo nele muitos meninos brasis. Bom pregador e muito aceito de todos. Voltou a Portugal com o Governador D. Duarte da Costa em 1558 e ainda foi Reitor do Colégio de S. Antão. Saiu da Companhia em 1568, falecendo pobre, em data não averiguada. LEITE IX 57.

5 Luís da Grã nasceu cerca de 1523 em Lisboa. Estudou em Coimbra Artes e Direito e entrou na Companhia na mesma cidade em 1543. Reitor do Colégio de Coimbra e defensor do P. Simão Rodrigues na querela do ano 52. Em 1553 embarcou para o Brasil, onde foi colateral de Nóbrega e a quem sucedeu como Provincial em 1560. Reitor do Colégio da Baía, Superior de S. Vicente, e por fim Reitor de Pernambuco, presidindo à construção do novo Colégio de Olinda, onde faleceu em 1609, cheio de anos e merecimentos. LEITE II 471-475; VIII 284.

6 Pela data da carta, parece tratar-se da festa da Anunciação, 25 de Março.

7 Os quatro Irmãos, que foram, e cujos nomes a Quadrimestre não menciona, são, por ordem de antiguidade na Companhia: António Blázquez, João Gonçalves, Gregório Serrão e José de Anchieta. LEITE I 561; *João Gonçalves primeiro Mestre de Noviços no Brasil*, in *Verbum* VIII (Rio de Janeiro 1951) 249.

3. Falta falar agora da clementíssima liberalidade do nosso Rei [8] para connosco. Ele não só provê os Nossos de viático, mas dá também dinheiro muito liberalmente para que aos Nossos se enviem bibliotecas e outras coisas que faltam naquelas regiões até agora pouco povoadas. Não lhe ficou por menos de oitocentos cruzados, só este ano, a navegação dos Nossos; e, usando há dez anos de semelhante liberalidade, não só não se cansa, mas cada dia acrescenta alguma coisa à soma da beneficência anterior. Os seus dois irmãos, o Eminentíssimo Cardeal D. Henrique [9] e o Infante D. Luís [10] procuram igualar o próprio Rei na caridade que a nós todos nos mostram.

[...]

[No ano da salvação da humanidade 1553, 25 de Abril] [11].

64

DO P. VICENTE RODRIGUES AO P. LUÍS GONÇALVES DA CÂMARA, LISBOA

[BAÍA] 23 DE MAIO DE 1553

I. **Bibliografia**: LEITE IX 100 A.

II. **Autores**: LEITE II 390 518.

III. **Texto**: ARSI, *Bras. 3-1*, f. 103r [antes 178r]. Título: «De una del P. Viciente Rodriguez para el P.e Luis Gonçalvez, de 23 de Maio 1553». Tradução espanhola do original português perdido.

IV. **Lugar**: Vicente Rodrigues, deixado por Nóbrega, era então superior do Colégio da Baía [LEITE I 58].

V. **Impressão**: Retroversão portuguesa moderna. LEITE, *Breve Itinerário* 80 nota 1.

VI. **Edição**: Edita-se o texto único.

---

8 D. João III de Portugal.

9 Cardeal D. Henrique, depois Rei.

10 Infante D. Luís, pai de D. António, Prior do Crato.

11 25 de Abril («septimo calendas Maias»): Se não é «septimo calendas Junias» (26 de Maio), a notícia da saída dos Padres para o Brasil foi acrescentada depois de datada a carta (cf. nota 2).

Textus

1. De Episcopi ingrato animo in S. I.

1. El Obispo [1] ninguna cosa nuestra le agrada, hasta en el púlpito por palabras bien claras nos deshizo muchas cosas. Contradize nuestra[s] mortificationes de parvoices y cosas de dodos, ydiotas, ygnorantes. Vitupiera mucho christianos nuevos en casa, y esto dize por el Padre Lionardo Nunez [2]. Antonio Jusarte [3], cónego de la See, com miedo dél, vino a posar [con] los niños huérfanos [4], y ase de hir para allá quando pudiere.

65

DO IR. ANTÓNIO RODRIGUES AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

SÃO VICENTE 31 DE MAIO DE 1555

I. **Bibliografia:** LEITE IX 82 n. 1.

II. **Autores:** POLANCO III 456-458; PEDRO CALMON, *História do Brasil* I 243; LEITE, *Antônio Rodrigues, primeiro Mestre-Escola de São Paulo (1553-1554)*, in *Brotéria* 55 (1952) 304; *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil* (Lisboa — Rio de Janeiro 1953) 249.

III. **Texto:** Original português perdido.

1. ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 91v-93v [antes 316v-318v]. Título: «Copia de una del Hermano Antonio Rodrigues para los Hermanos de Coimbra de S. Vicente del último de Mayo de 1553». Tradução espanhola.

2. *Bras. 3-1*, ff. 74r-77v [antes 322r-325v]. Título: «Exempla epistolae Antonii Roderici Fratribus Conimbriae. D. Vincentii pridie Kalendas Iunii datae». Tradução latina pela espanhola.

---

1 D. Pedro Fernandes.

2 Daqui se infere que o P. Leonardo Nunes era cristão-novo.

3 António Juzarte, autor da carta 66.

4 Os Meninos Órfãos estavam no Colégio da Companhia, mas com alguma distinção jurídica, que era a «Confraria do Menino Jesus», como se viu de São Vicente (doc. 62 § 6).

IV. **Impressão:** LEITE, *Antônio Rodrigues, soldado, viajante e jesuíta português na América do Sul.* Comunicação feita ao XXVI Congresso Internacional de Americanistas, Sevilha, 18 de Outubro de 1935, in *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* XLIX (1936) 55-73; id., *Páginas de História do Brasil* (1937) 116-136; id., *Un cronista desconocido de la conquista del Rio de la Plata Antonio Rodrigues 1535-1553,* in *Reseña y trabajos científicos del XXVI Congreso Internacional de Americanistas, Sevilla 1935* II (Madrid 1948) 168-180 [carta: 171-180].

V. **História da Impressão:** Nos *Anais* e em *Páginas* dá-se a retroversão portuguesa moderna; em *Reseña* o texto espanhol.

VI. **Edição:** Reimprime-se a versão espanhola (1).

Textus

1. Miles fuit et ingressus est S. I., a Patre Nóbrega acceptus. — 2. Adfuit in fundatione urbis Fluminis Argentei [*Buenos Aires*]. *— 3. Magna fames supervenit. — 4. Urbs deseritur. — 5. Ascendit flumen ad interiora terrarum inter Indos diversarum nationum. — 6. Urbis Assumptionis fundatio. — 7. Expeditio militaris per flumen usque ad confinia Maragnonii. — 8. Expeditio militaris ad Occidentem usque ad Indos Maias aliasque nationes. — 9. Desertum magnum et salinae. — 10. Canes Hispaniae apparent ad fines Peruae unde expeditio reversa est absque auro neque argento. — 11. Clericus Nonius Gabriel eiusque zelus erga Indos. — 12. Indorum captivitas apud hispanos. — 13. Ipse Fr. Rodrigues rogavit a Patre Nóbrega facultatem pergendi ad eos Indos cum aliquibus Patribus. — 14. De rebus ipsius Fratris Rodrigues. — 15. De duobus Patribus Ordinis S. Francisci. — 16. Ex illa regione* [*Paraquariae*] *Pater aliquis P. Leonardo Nunes scripsit eumque advocavit.*

Pax Christi.

1. Aunque hasta aora con muchos peligros andé navegando por este mar del sul adonde ay tormentas que pocas naves escapan, empero confiesso, Charíssimos Hermanos, hasta aora aver navegado por otro mar más peligroso, que es el deste mundo y sus vanidades adonde tantos se pierden, del qual N. Señor me a librado por medio del P.e Manuel de Nóbrega recebiéndome en la Santa Compañía de Jesú,

5 aora *del.* no

trayéndome ya N. Señor movido para entrar en ella, viendo quánto tiempo y con quántos peligros avía sido soldado en el mundo con tan poco provecho, y que entrando en ella entrava en otra mejor batalla, que es de ánimas y con tan gran premio que es la remuneración eterna. Mandóme el Padre que yo os diesse cuenta de mi vida y de las mercedes que N. S. me avía hecho, y por yo aver ydo de aquí del Brasil [1] al Perú por tierra y tornado, os escriviesse también de los gentiles que por estas tierras ay, sperando ser ayudados de vós para su salvación, y el aparejo que tienen para recebir nuestra sancta fe.

2. Y, para os dar esta cuenta, os quiero scrivir desde el principio de mi venida a estas partes. Y es que yo y otros portugueses así por vanidad como por codicia de oro y plata, en el año de 1523 [2] partimos de Sevilla en una armada que hazía Dom Pedro de Mendoça [3], en la qual éramos 1800 hombres, y todos cargados de nuestra coditia llegamos con próspero viento al Río de la Plata, y entramos por el río con las naves 60 legoas. Luego quisieron salir en tierra todos para edificar una ciudad [4] y los primeros 6 que salieron para ver el lugar donde se podía hazer, matáronlos las onças bravas [5]. Ni por esso se dexó de edeficar, aunque cada día las onças matavan hombres.

---

13 remuneración *del.* he || 14 mi] me *ms.*

---

1 «De aquí del Brasil». Rodrigues partiu de Asunción, como dirá, mas então o Paraguai tinha-se como parte do Brasil. LEITE, *Páginas* 122; *Breve Itinerário* 92.

2 Lapso da tradução espanhola. A armada partiu de Sevilha em 1535 (*ib.* 123) ou mais precisamente, de Sanlúcar de Barrameda, a 24 de Agosto de 1535. UDAONDO, *Diccionario* 584.

3 Pedro de Mendoza, de Guadix (1487-1537). Cf. UDAONDO, *Diccionario* 582-588.

4 Trata-se da primeira fundação de Buenos Aires. LEITE, *Páginas* 117-118.

5 Jaguar ou onça pintada *(Felis onça)*; ou puma ou onça parda *(F. concolor)*. Cf. C. DE MELO-LEITÃO, *Zoo-Geografia do Brasil* (São Paulo 1937) 254.

3. Luego N. S. por castigar nuestra codicia y pecados que soldados comúnmente hazen, permittió venir tal hambre al real, que no davan a comer a cada uno cada día sino 6 onças de pan. Y porque la gente por esta causa con la flaqueza no podía trabajar era muy castigada de los officiales de la orden de la guerra, porque les davan de palos y así morían cada día 4 ó 5; aunque no dexó N. S. a estos que castigavan a los otros sin castigo, porque venieron los gentiles un día de Corpus Christi [6] y mataron 40 de los más nobles y esforçados. Acaescieron en esta hambre, con que N. S. nos castigó por nuestros peccados, cosas semejantes a las que acaescieron a los judios en Hierusalén en el cerco de Tito y Bespasiano [7], porque ahorcando dos soldados les comieron otros las pantorrillas, y un hombre mató en su casa a un su primo y comióle la assadura. Acabándola de comer lo hallaron que estava para morir, permitiendo Dios por su justo juizio que le matase la comida con que la muerte del primo procurara. Acaesció también comer unos la suziedad que otro después de aver comido echava, aunque por la corrupción de los cuerpos era aquello tan ponçoñoso, que los que lo comían luego morían; y desta manera, unos con hambre, otros por justicia, otros por los matar las onças y otros los gentiles, murieron en este tiempo que se hizo la ciudad 600 hombres.

4. El Governador [8], viendo ir la cosa desta manera, bolvióse a España, el qual morió en el camino [9], y dexó en su lugar a Juan de Ayolas [10], el qual en vergantines subió por el río 350 legoas, y dexando la ciudad sepultura de muertos, y plegue a Dios que no sea el infierno sepul-

50 suziedad *corr. ex* çuziedad || 59 sepultura] sepultara *ms.*

6 15 de Junho de 1536.

7 Cerco de Tito e Vespasiano, cf. LEITE, *Páginas* 124.

8 Pedro de Mendoza.

9 Faleceu no mar dos Açores (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* XVI 914).

10 Juan de Ayolas (1493-1538). Cf. UDAONDO, *Diccionario* 120-121.

tura de las ánimas, y no sean allá castigadas como lo fueron acá sus cuerpos. Digo esto, Charíssimos Hermanos, porque claramente se ve aver nuestro Señor permitido tantos males por nuestros pecados, porque allí reñegavan y blasfemavan de Dios, allí los falsos testimonios, [92r] allí las injustas justicias y condenationes, allí las injurias y vengança̅s, allí los officiales de la orden de la guerra dezían: «Bien es que mueran porque no avrá oro para tantos». Estos murieron aún más miserablemente porque sus cuerpos aun caescieron de sepultura.

5. Dexando esto, andando las 350 legoas, hallamos unos gentiles que llaman Timbos [11], los quales son muchos. No comen carne humana, antes se apartan desso. Son muy piadosos, porque, yendo nosotros muy flacos, por no comer sino hiervas, con los ojos muy sumidos y los dientes y beços negro[s], llevando fegura más de hombres muertos que vivos, nos llevaron en los braços y nos dieron de comer y curáronnos con tanto amor y charidad, que era para alabar a Dios N. Señor ver en gente apartada de la fe tanta piedad natural, que con tanta mansedumbre y amor tratavan la gente estrangera que no conoscían. Hallamos allí un español [12] que avía mucho tiempo que allí estava, de manera que ya no sabía hablar español y sabía bien la lengua dellos, la qual tiene muchas palabras latinas. Ay muchas tierras pobladas deste género de gentiles, los quales obedecen a sus principales, y en ellos ay gran desposición para hazerse christianos. Plega a nuestro Señor de mandarlos visitar, porque nuestra visita, porque no era para ganar sus almas, sino para ver si tenían oro, no les hizo ningún provecho en la fe.

---

72 Timbos] *add. sup. allia manu* tinbunes, *ut inferius scriptum est.*

---

11 A descobrir os «Timbúes» foi mandado Gonçalo da Costa que do Brasil seguiu com Pedro de Mendoza. LEITE, *Nota para a História dos Portugueses no Rio da Prata,* in *Brotéria* 21 (1935) 345-346.

12 Gonçalo ou Jerónimo Romero, que tinha ficado aí da expedição de Sebastião Caboto. LEITE, *Páginas* 126.

Ay adelante destos gentiles otros que llaman Corumna, otros llamados Aquiloços, y Chenatimbos, y Quenas, salvages, y Quirandas, y Chandules, y Garines. Y estos Garines tienen guerra con todos los cercanos y cómenlos, y si captivan niños házenlos a su manera. Estos nos mataron mucha gente.

Dexamos alguna gente entre los Timbunes y fuimos cerca de 60 hombres en vergantines, que hizimos con nuestra codicia a cuestas, por el río ariba en servicio del avaricia a buscar el governador Juan de Ayolas, el qual avía subido con tres bergantines, adonde llevava 160 hombres, por el río 380 legoas. Y dexando los vergantines con 30 hombres, fuesse por la tierra dentro con la otra gente en busca de los gentiles llamados Carcara, que tienen oro y plata, y antes que llegassen a ellos uvo mucha plata, la qual no se sabe quánta era. Y bolviendo para tornar con más poder para subiectar aquellos gentiles, enfermó la gente que traya a la buelta, y, no hallando los vergantines en el puerto, fué allí toda la gente sin quedar ninguno muertos por unos gentiles llamados Pagaes [13].

Mucho de considerar es, Charíssimos Hermanos, los trabajos que los hombres llevan por las cosas deste mundo, y quán pocas vezes son galardonados aún destas cosas baxas dél, porque comúnmente los premios de los trabajos tomados por el mundo, son otros mayores trabajos aún en él, dexando el peligro que tienen de caer en pena aeterna; y todavía ay tántos que lo sigan y tánto suffran por él, y por Dios que da premio eterno y aún centuplum

95 si *add. sup.* || 105 mucha] mucho *ms.* || 110 llamados *del.* para || 115 tomados *del.* tomados || 117 lo *corr. ex* los

13 «Y como perros rabiosos dieron muerte al capitán y á sus soldados, sanos y enfermos sin que escapase ninguno». ULDERICO SCHMIDEL, *Viaje al Rio de la Plata y Paraguay,* in Colección Pedro de Angelis III [Buenos Aires 1910] 291. Sobre estes Índios, cf. MAX SCHMIDT, *Los Payaguá,* in *Revista do Museu Paulista,* nova série III (São Paulo 1949) 129-269. Para o período coevo de Rodrigues, o Padre Schmidt utiliza a relação de Schmidel.

in hac vita no ay quien haga nada, y aquéllos que specialmente se dedicaron a su servicio son tan excedidos de los del mundo, que tienen harta materia de confusión en verlos correr más de priessa a la muerte que ellos a la vida.

Yendo nós en busca del Governador [14] passamos por muchos gentiles que será largo de contar, solamente diré algunos, scilicet, los Mecoretas que nos cargavan los vergantines de pescado curado al sol y mucha manteca, porque desto se mantienen. Es gente que no come carne humana; tratan muy bien los christianos. Son también piadosos como los Tinbunes que nos recebieron en sus casas; y los Mepenes que son muchos y de la manera destos, y los Cuchamecas y los Agazes. Todos estos gentiles no comen carne humana. Llegamos a la tierra de los Carijos que son gentiles muy poderosos y grandes lavradores, y en aquel tiempo en extremo crueles, y que comían carne humana.

6. Llegamos con mucha hambre y falta de mantenimentos por aver bj [6] meses que a remos avíamos caminado sin tener un solo día viento de vela. Yva por nuestro capitán un hombre llamado Juan de Salazar [15], muy sagaz en la guerra, [92v] el qual, como nos vía ir cansados de caminar, tomó consejo de lo que sería bueno hazer, y concluyóse que hiziesse allí fortaleza, y así saltamos en tierra las tres partes de la gente, quedando los vergantines apercebidos para guerra en el río. Y un hombre que llevávamos, que sabía la lengua, empeçó a dezir a aquellos gentiles (que como nos vieron eran tantos sobre nós que cubrían la tierra), que nosotros éramos hijos de Dios y que les trayamos nuestras cosas, cuñas, cuchillos y anzuelos, y con esto holgaron y nos dexaron en paz azer una fortaleza muy grande de maderos muy grandes, y así poco a poco hezimos una ciudad, adonde truximos toda la gente

---

14 Juan de Ayolas.

15 Juan de Salazar de Espinosa. LEITE, *Páginas* 128. Nasceu por 1508 e faleceu em Asunción em 1560. UDAONDO, *Diccionario* 805.

que venía atrás y otra que el Emperador [16] después embió, de manera que se juntaron en ella 600 hombres. Los quales venieron a tanta ceguedad que pensaron que el precepto de «crescite et multiplicamini» [17] era valioso, y así dándoles los gentiles sus hijas imchieron la tierra de hijos, los quales son muy hábiles y de gran ingenio. Estando en esta ciudad llamada Nuestra Señora de la Assumptión, por ser começada en este día [18], nos libró nuestro Señor day a algún tiempo en el mismo día de unas traiciones que los gentiles nos hizieron, y plugo a N. S. que fueron vencidos y dende adelante empeçaron a temernos mucho.

7. Desta ciudad fuimos [19] más adelante a conquistar tierras y subimos más arriba 250 legoas y llegamos cerca del Marañon y de las Amazonas. Llegamos a los Paraís [20], gente lavradora, muy amigos de los christianos. Tienen un príncipal a quien obedescen, que en su lengua se llama Camery; no comen carne humana. Cerca destos están los Barbacañes, los Sabacoces, los Saicoces, todos gente labradora de muchos mantenimientos y dócil para recebir la fe de Christo. Passamos por otros gentiles, de los quales no hezimos caso por no ser labradores, a que llaman Pagais, los quales mataron a nuestro Governador Juan de Ayolas. Estos son pescadores y caçadores. Hallamos también otros gentiles llamados Gaxarapos, muy ruy gente, y otros que llaman Gatos. Y no hallando en esta salida plata ni oro nos tornamos a nuestra ciudad [21] cansados y harto traba-

16 Carlos V.

17 Gen. 1, 22; 8, 17; 9, 7.

18 15 de Agosto de 1537. «La cual yo fundé el año de treinta y sete», escreve Juan de Salazar, do Porto de Santos, São Vicente, 25 de Junho de 1553 (Sevilha, Arch. General de Indias, *México 168;* LEITE, *Páginas* 128).

19 Com Fernando de Ribera. LEITE, *Páginas* 129. «Natural de Algarbe», UDAONDO, *Diccionario* 752.

20 Paraís ou, na versão de Schmidel, «Paresis» (*op. cit.* 299-300). Estes Índios ficam no actual Estado de Mato Grosso. LEITE VI 215 349.

21 Asunción.

jados; y ya en este tiempo los Carijos tomavan muy bien la doctrina de Christo, como abaixo os contaré.

8. Fuimos [22] otra vés en el año de 1548, que entramos camino del ponente, buscando la gentelidad Carcara que tiene oro y plata. Fuimos 20 de cavallo y 250 de pie y 3000 carijos, hombres de guerra, y así caminamos por la tierra dentro 70 legoas y llegamos a unos gentiles llamados Mayas, que son bj [6] pueblos y uno en medio donde estava su principal. Es gente de muchos mantenimientos y grandes labranças. No comen carne humana. Y viéndonos no osaron sperar y huyeron desemparando sus casas, mas el principal nos embió un presente de ciertos pedaços de plata y muchas mantas de algodón que sus mugeres hilan y texen. Tienen entre sí unos a que llaman Taonas y a éstos dan a comer sus enemigos quando les toman.

Y dexando estos fuimos adelante siempre por poblado, y hallamos otra mucha gente, scilicet, los Laenos, Queliaquianos, Soporeanos, Maepenos, Canes, todos gente labradora de muchos mantenimientos. Hallamos también otros llamados Corores. Estos nos esperaron para pelear, mas los de cavallo los desbarataron. Tenían un pueblo de bj [6] casas con plaças en medio bien hechas y poços de beber muy hondos por no aver ríos por toda aquella tierra. Y luego hallamos otros llamados Capores, los quales tenían un pueblo de 300 casas. Estos nos embiaron muchos abestruzes y otras carnes, porque esto es lo más que ay en aquella tierra. Hallamos luego adelante otros llamados Severis. Es pueblo más pequeño; diéronnos también de lo que tenían, y nos dieron nuevas de la gente que tenía oro y plata que se llamava Carcara. Y así passamos a los

181 otra] atra *ms.* || 186 en] y *ms.*

22 Com Domingos de Irala. LEITE, *Páginas* 129. «En enero de 1548, Irala y sus compañeros partieron rumbo al N. O. através de las vastas comarcas del Chaco». LAFUENTE MACHAIN, *El Gobernador Domingo Martinez de Irala* 195.

Corcoronos, buena gente, y luego a otros, los quales no nos esperaron por aver miedo. Toda esta gente es buena y no come carne humana.

9. De allí passamos un despoblado de L^ta^ [50] legoas, mas siempre por buenos caminos y llegamos a unas salinas, cosa mucho para ver porque son cerca de media legua en largo, adonde ay sal blanca y limpia, y en muy mucha abundancia. Y está lexos del mar 400 legoas, y ay muchos pueblos al derredor destas salinas, de las quales se me olvidan los nombres. Llegamos después [93r] de tan grande desierto a unos gentiles llamados Morianos, y sin tener qué comer con mucha hambre y trabajo, y hallamos mucho mantenimiento de havas y otros legumbres, patos e gallinas. Luego adelante fuimos a los Bracanos y a los Paicunos, y éstos solamente hallamos comer carne humana, porque les hallamos las ollas al fuego con medio y pies y manos de hombres Y de ay fuimos a los Morganos que nos esperaron de guerra y nos mataran un hombre y hirieron XX [20]. Y luego fuimos a otro pueblo destos, los quales también nos speraron, mas todos captivamos sino los que huyeron.

10. De ay fuimos a los Brotoquis, Cevichicocis, Orocichocis, Tarapachocis, todos en una tierra muy buena, que no comen carne humana. Las mugeres hilan y texen muy bien, ni se occupan en otra cosa, porque los hombres tienen cuydado de las roças, que son sus labranças. Ay destos muchos pueblos en X ó XII legoas el derredor. Aquí tuvimos nuevas de los Carcaraes [23]. Así fuimos adelante con hombres que sabían la tierra por un desierto de 55 legoas y llegamos a los Tamachocis, que tenían muchos perros d'España, y allí supimos estar cerca del Perú, y que aquellos gentiles por no estar subiectos a los christianos huyeron para aquella tierra. Y así embiando allá 4 hombres, que llegaron de ay a 40 legoas, adonde estava un

23 Carcaraes, ou como escreve Irala: «se nos declaró muy particularmente ser las Charcas y estar ganado y ocupado por los conquistadores del Perú». LEITE, *Páginas* 131.

cavallero llamado Don Pedro [24], nos bolvimos muy tristes por no hallar oro ni plata a nuestra ciudad queriendo aún el Governador seguir el camino del norte.

Esto os e dicho, Charíssimos Hermanos, para que veáis quánta gente se pierde por falta de obreros, que sin duda si los oviesse toda esta gente se convertería fácilmente a nuestra santa fe, y para que os spantéis de lo que los hombres del mundo suffren por una sperança vana de las cosas dél, para que así os animéis en trabajar y perficionar vuestras ánimas y venir ayudar esta gente tan desemparada.

11. Tornados a nuestra ciudad, hallamos admirable fructo hecho en los gentiles, porque un Padre llamado Nuno [25] Gabriel, dexando una capellanía que tenía en la iglesia, se dió a doctrinar del todo estos gentiles, y tomava los principales dellos y los hijos de los principales; y los tenía en una casa grande e allí los enseñava a leer e escrevir, y sabían el Pater Noster y Ave María, Credo y Salve Regina, mandamientos y finalmente toda la doctrina. Hízoles cantares contra todos sus vicios, scilicet, para no comer carne humana, para no se pintar, para no matar, etc. Fué cosa para alabar a Dios el fruto que con estos gentiles hizo este Padre y la mudança que hizieron, porque siendo de antes grandes comedores de hombres, agora ya bj [6] legoas al derredor no los comen. Es tanto el fervor que tienen, que aún no es mañana quando son los caminos llenos de los que vienen a missa: mejor saben las fiestas que muchos christianos. Viene a missa un principal con todo su pueblo y después otro con el suyo, y conseguintemente los otros, y muy de mañana por tomar lugar en la yglesia.

---

24 Don Pedro de Anzures, fundador da cidade de Chuquisaca, hoje Sucre, Bolívia. LEITE, *Páginas* 132.

25 «Nuno». No original português perdido estaria escrito João abreviado, que o tradutor espanhol desdobrou em Nuno. Não vimos o nome de Nuno Gabriel nas relações do Rio da Prata, mas sim Juan Gabriel de Lascano ou «Juan Gabriel de Lescaño, clérigo» (LEITE, *Páginas* 132; *História* I 336), cuja biografia corresponde ao que dele diz António Rodrigues. UDAONDO, *Diccionario* 498.

Hazía este Padre con ellos processiones y llevava consigo los que doctrinava cantando loores de nuestro Señor, y specialmente en las processiones de Corpus Christi cantando muchos loores del Santíssimo Sacramento. Predicávales cada día, y venían de 5 legoas las mujeres con sus hijos a cuestas por fríos grandíssimos, hambres y muchos trabajos a baptizarse, y aun aora les parece que hazer mal a un christiano es el mayor mal que se puede hazer.

12. Viendo el enemigo de la humana generación este fruto buscó modo para lo impedir, y ia lo alló porque los christianos de acá [26] que allí están desbaratan todo, escandalizando mucho aquellos nuevos christianos, porque no dexan a los pobres Indios muger, ni hija, ni roça, ni red, ni cuña, ni sclavo, ni cosa buena que les no tomen y roben; lleva[n]los como esclavos hasta el Perú, y aquí [27] an ya traido muchos captivos, así que con desemparo se pierden por no aver quien les socorra.

13. Yo hablé con el P.e Manuel de Nóbrega que fuesse o embiase allá uno de nuestra Compañía, porque allí cerca ay otros gentiles que no comen carne humana, gente muy piadosa y aparejada para recebir nuestra sancta fee, por tener en grande estima y crédito a los christianos. Aora tengo desseos de ser de 20 años y tener luenga vida para ir con algunos Padres de nuestra Compañía, por yo tener más experientia de la tierra y gastar mis fuerças y vida en enseñar esta gente. Venid pues, Charíssimos Hermanos, pues ay tánto que hazer y tánta gente se pierde por falta de obreros. Acrecentóse al desemparo de aquellos Carijós, que fué aora un capitán con gente de la ciudad de N. Señora de la Assumpción a buscar las Almazonas, adonde dizen aver oro, y aquel Padre que avía doctrinado aquella gente ya

---

26 Recorde-se a nota 1 (§ 1): «Cristãos de *cá*», do Brasil, de que o Paraguai se considerava parte. Trata-se de cristãos espanhóis, em contraposição com os «novos» cristãos da linha seguinte, que eram já índios convertidos.

27 «Aquí», a São Vicente: São Vicente e Peru, os dois extremos entre os quais se situava o Paraguai.

enhastiado de ver tantos males de los christianos se a ydo con ellos y no ay agora quien tenga cuidado de aquella gente, sino de la destroir y assolar.

14. En este [93v] estado dexé aquella tierra, rogando a N. Señor me diesse camino para mi salvación; y así me vine aquí [28], que son cerca de 360 legoas, por unos gentiles llamados Topinachinas, y me embarqué para Portugal para dar allá larga cuenta destas necessidades, y si me quisiessen recebir en la Compañia para hazer penitentia de mis pecados. Mas tornamos arribar y, moviéndome más N. Señor, pedí al P.e Manuel de Nóbrega me recebiesse, y él me recebió en esta sancta Compañía, y así me truxo N. S. después de tantos trabajos a puerto tan seguro, y me hizo tan gran merced, qual yo nunqua sabería agardecer.

15. Ya os tengo contado, Charíssimos Hermanos, la mies que vy por esta tierra así en todos estos gentiles y Carijos como en el Perú, adonde ay gran necessidad de Padres de la Compañia [29], porque a la fin los que allá van llevan más su intento en el oro que en las ánimas y más impiden con su codicia su salvación. Ya el camino es hecho daquí al Perú y la gente muy aparejada para recebir nuestra sancta fee, no queda sino que vengan de la Compañía unos por las

---

310 si *corr. ex* asi

---

28 António Rodrigues deve ser um dos que vieram do Peru e Paraguai a São Vicente e a que se refere Leonardo Nunes a 29 de Junho de 1552 [carta 46 § 1]. Na verdade, não só as informações que então deu, como também o tempo que requeria o seu embarque para Portugal, a consequente arribada, preparação e entrada na Companhia, são circunstâncias que situam a sua chegada a São Vicente pouco antes daquela carta de Leonardo Nunes. W. KLOSTER e F. SOMMER (*Ulrico Schmidl no Brasil Quinhentista,* com uma introdução de Francisco de Assis Carvalho Franco, Publicações da Sociedade Hans Staden [São Paulo 1942] 30) referem-se a António Rodrigues como informador de Nóbrega, mas ainda desconheciam o texto da presente carta de António Rodrigues impressa em *Páginas* (1937).

29 Fora do Brasil, não havia então Padres da Companhia em parte nenhuma da América.

partes del Perú, otros por acá a coger tanta mies, hasta que por tiempo N. S. quiera que se ayunte, porque ay algunos años que fueron dos frailes franciscanos [30] y entraron, cerca de 50 legoas de aquí, desta Capitanía [31], por la tierra dentro camino de los Carijós, y a un pueblo dellos nombraron la Provincia de Jesú, adonde hizieron admirable fruto.

16. Esto os digo para que veáes la desposición desta gente, principalmente la de los Carijós, los quales están desseando quien les favoresca, y muchos de los españoles que allí están lo dessean; y así escrivió ya de allí un Padre a nuestro Padre Leonardo Núnez, pediéndole con mucha instantia que vaya allá.

En oraciones de los Padres y Hermanos mucho en el Señor me encomiendo.

66

[DO CÓNEGO ANTÓNIO JUZARTE] A UM PADRE DA COMPANHIA EM PORTUGAL

[BAÍA] 1 DE JUNHO DE 1553

I. **Autores:** LEITE II 518.

II. **Texto:** ARSI, *Bras. 3-1*, f. 103r [antes 178r]. Título: «Capítulo de una de un Padre de fuera para un Padre de la Compañía del 1.º de Junho de 1553». Tradução espanhola do original português perdido.

III. **Autor:** No mesmo fólio, entre a cópia da carta do Bispo de 6 de Outubro de 1553 e esta, lê-se uma observação do copista, para o P. Inácio de Loyola: «Para Vuestra P. estar más al cabo de lo que allá passa me mandó el P.e Mirón que trasladasse algunas cosas, que de allá escriven los Hermanos y hun clérigo de fuera virtuoso, acerca del obispo que ya puede ser que hable algo con passión» (f. 103r).

---

30 Fr. Bernardo de Armenta e Fr. Alfonso de Lebrón. Cf. supra, cartas 7 § 6; 9 § 2; LEITE, *Páginas* 135; VAN DER VAT, *Principios* 73.

31 A cerca de 50 léguas da vila de São Vicente, ao sul, na região de Santa Catarina.

O clérigo, autor da carta, diz que se recolheu com os Padres da Companhia (§ 2), e Vicente Rodrigues (carta de 23 de Maio) identifica-o, chamando-lhe António Juzarte, Cónego da Sé.

IV. **Impressão:** Retroversão portuguesa. LEITE, *Breve Itinerário* 80-81.

V. **Edição:** Edita-se a tradução espanhola, texto único. Supre-se entre cancelos algum final de linha ilegível no papel já gasto.

Textus

1. Episcopus acerbo animo agit cum suis clericis.—2. Cum auctore epistolae.—3. Cum patribus S. I.

1. Questa tierra más pierdó por todas las vias de lo que ganó, porque el Obispo [1] ásenos tornado [otro] de lo que parecía por allá en quanto tenía necessidad de nos acquerir [2]. Agora des [que] nos tuvo en tierra, que no nos podemos yr, trátanos muy mal, tanto que a los sacerdo[tes] en las calles llama de roines y vellacos. Y aremetió a ellos com un palo para les dar, y de effecto les diera si no huieran de delante dél, y certefico a V. R. que ni por culpa venial, de bonos y hijos de tales, y esto a los que consiguo truxo; e mándalos cada día al cárcel de los desorejados, de manera que los canónicos y degnidades son acá tratactadas desta manera.

2. Y quando vi la cosa, recogíme com los Padres de la Compañía [3] y así no peleó commigo porque nunqua lo veya sino a las vezes en el choro quando allá va, aunque una vez me llamó de apóstol [4], que me daría com un palo en la

---

1 de lo *add. sup.* || 3 por] porque *ms.* || 10 carcel *corr. ex* carcer || 11 degnidades *del.* y deg

---

1 D. Pedro Fernandes.

2 António Juzarte era clérigo de ordens menores quando foi convidado em Portugal para cónego da Sé da Baía (carta 51 § 6).

3 Carta 64.

4 Nome que em Portugal se dava aos Padres da Companhia. E esta alusão parece confirmar que o próprio Juzarte tivesse sido noviço da Companhia (carta 51 § 6).

cabeça. A lo que le respondí que de los apóstoles le veniera el bien y homrra que él tenía, que no avía de vituperar com tal nombre a ninguna persona mas tello em mucha veneración.

3. Ya com nosotros no es mucho esto, mas com los Padres de la Compañía, que en quanto puede les es contrario y se pudiera les dera ya con todo en tierra, quando ve que no puede dotra manera hazerles daño, alguna vez, se predica, les pone las manos en lo que él puede llamándoles de tales, que no teníam experientia. Es de manera que de miel haze hiel [5].

67

DE TOMÉ DE SOUSA GOVERNADOR DO BRASIL A D. JOÃO III REI DE PORTUGAL

SALVADOR [BAÍA] 1 DE JUNHO DE 1553

I. **Autores:** PORTO SEGURO, *História Geral do Brasil* I (4.ª ed.) 324; PEDRO DE AZEVEDO, *A Instituição do Governo Geral*, in *História da Colonização Portuguesa do Brasil* III 338; LEITE I 337; II 244.

II. **Texto:** Lisboa, Torre do Tombo, Gaveta 18, maço 8 n. 8. Endereço: «A Ell Rey noso Senhor». Autógrafo.

III. **Impressão:** *História da Colonização Portuguesa do Brasil* III (Porto 1924) 364-366.

IV. **Edição:** Reimprime-se da *História da Col. Port. do Brasil*, o que toca à história da Companhia.

---

23 pudiera *corr. ex* pudira || 27 hiel *corr. ex* fiel

---

5 António Juzarte não era ainda ordenado de sacerdote. Não vimos grande clareza nos passos da sua vida, depois destes sucessos. Segundo VAN DER VAT ter-se-ia ordenado algum tempo depois Em todo o caso, as suas relações com o Prelado não parece terem melhorado, porque a 20 de Março de 1555 foi-lhe dado substituto na conezia da Sé (*Princípios* 363).

Textus

1. De Praefectura et Oppido S. Vincentii et de Collegio S. I. — 2. De Castellanis urbis Assumptionis quae videtur sita inter fines terrarum Regis Portugaliae et de illius urbis itinere a se clauso. — 3. Quare neque a Patribus S. I. permisit aedificari domos in interiore terrarum inconsulto Rege. — 4. Regiones ad meridiem positae usque ad Flumen Argenteum. — 5. Expeditio ad detegendas aurifodinas cum Patre S. I.

Senhor:

[...]

1. Item. São Vicemte, Capitania de Martim Afonso, hé huma terra muyto honrada e de gramdes aguoas, he cerras e campos. Está a villa de São Vicente [1] situada em huma ilha de tres leguoas de comprido e huma de llarguo, na quoall ylha se fez outra villa que se chama de Santos [2]. A quall se fez porque a de São Vicente não tinha tam bom porto, e a de Santos, que está huma leguoa da de São Vicente, tem o melhor porto que se pode ver, he todas as naos do mundo poderão estar nelle com os proizes dentro em terra. Esta ylha me parece pequena pera duas villas. Parecia-me bem ser hua soo e toda a ylha ser termo della. Verdade hé que a villa de São Vicente diz que foi a primeira que se fez nesta coosta, e diz verdade; e tem huma igreja muito honrrada e honrradas casas de pedra e call com hum collegio dos Yrmãos de Jhesus[...].

2. Item. Pollo Rio da Prata arriba 300 lleguas da bara ao norte e ao nordeste está hua povoação grande de castelhanos, da gente que ally llevou Dom Pedro de Mendonça, a quoall está em 25 graos he hum quoarto, e São Vicente está em 23 e 3 quoartos. Foi-se aguora descobrindo pou-

---

1 A Vila de São Vicente, na Ilha do mesmo nome, foi fundada por Martim Afonso de Sousa a 22 de Janeiro de 1532. LEITE I 251.

2 Vila de Santos, fundada por autoridade do mesmo Donatário, ao que parece em 1543 e da qual a 8 de Junho de 1545 Brás Cubas foi feito Capitão-mor. LEITE I 262; J. P. LEITE CORDEIRO, *Braz Cubas e a Capitania de São Vicente* (São Paulo 1951) 110-111.

quo e pouquo que esta povoação, que se chama a cidade d'Açunção [3], está muyto perto de São Vicente e não devem de pasar de cem lleguoas, porque polla altura se vê lloguo claramente. Parece-nos a todos que esta povoação está na demarcação de Vossa Alteza; e, se Castella ysto neguar, mall pode provar que hé Malluco seu [4]. E se estas pallavras parecem a V. A. de mao esp[h]eriquo e pior cosmografo, terá V. A. muita rezão, que eu não sey nada disto, senão deseyar que todo o mundo fose de V. A. e de vossos herdeiros. Achey que os de Sam Vicente se comunicavão muyto com os castelhanos, e tanto que na alfandegua de V. A. rendeo este ano pasado cem cruzados de direitos de cousas que os castelhanos trazem a vemder. E por ser com esta gente, que parece que por castellanos não se pode V. A. desapeguar delles em nenhuma parte, hordeney com grandes penas que este caminho se evitasse até ho fazer saber a V. A., e pôr nisto grandes guardas; e foy a causa por honde follgey de fazer as povoações que tenho dito no campo de São Vicente, de maneira que me parece que o caminho estará vedado. Acuda V. A. com muyta brevidade a mandar ho que nisto há por seu serviço, e em todo ho modo responda V. A. a este capittolo que em cousas tão novas não me sey detreminar, porque a tenção dos castelhanos era yrem-se por terra pera a sua povoação [5].

3 Cf. supra, carta do Ir. António Rodrigues de 31 de Maio de 1553 § 6.

4 Sobre a questão de Maluco ou das Molucas, cf. F. DE ALMEIDA, *História de Portugal* II 301-305. A repercussão desta questão no Brasil consistia em que no Oriente os Espanhóis fizeram recuar a Linha de Demarcação (Tordesilhas) para o Ocidente; no Brasil a mesma Linha devia recuar também para o Ocidente para deixar intactos os mesmos 180° de cada parte. Tal é o pressuposto histórico da questão que se prolongou por dois séculos até o Tratado de Limites de 1750. LEITE VI 554.

5 Cf. supra, p. 431. Estas razões de carácter político (assim como a do § 4) pesaram na proibição aos Padres de irem estabelecer-se no sertão, como se vê com mais clareza das cartas de Nóbrega deste período, em particular a carta de 10 de Março de 1553 (§ 3), e, explicitamente, a carta de 15 de Junho de 1553 §§ 3 e 6.

3. Item. Os Yrmãos da Companhia de Jhesu fazem nesta terra muyto serviço a Deus por muitas vias, como por vezes tenho escryto a V. A. Tem elles grande fervor de yrem polla terra adentro a fazer casas no sertão entre o gentio, e lho defendy de maneira e com as pallavras com que se devem defender as tais obras, dizendo-lhes que asy como se for V. A. allarguando se vão elles tambem; e que se quisessem entrar polla terra adentro que o fação dous e tres com seus llinguas a preguarem ao gentio, mas yrem a fazer casa antre elles me não parece bem por agora senão em nossa companhia.

Sinto ysto muyto e de maneyra que o tomem como martirio que lhes eu dese. V. A. acuda lloguo a ysto, lloguo, porque não queria eu ter, com homens tão vertuosos e tanto meus amiguos, deferenças de pareceres, porque sempre tenho ho meu por pior, e senão pera toda esta costa contra esta hopenião não ousava eu de lho enpedir.

4. Item. De São Vicente até o Rio da Prata estavão allguas armas de Castella em allguas partes. Mandei-as tirar e deitar no mar e pôr as de V. A.

5. Item. Correndo esta costa achey antre o gentio nova mais quente d'ouro do que me a mi parece, nem parecerá até que o veya, pello muito que o deseyo. Todavia hordeney doze homens e hum clleriguo, Yrmão da Companhia de Jhesus [6], com elles, e estão pera entrar pella terra firme polla via de Porto Seguro e per Pernambuquo. São já entrados outros. Quererá Nosso Senhor que, pois V. A. parte tambem com elle do que tem, que trarão estes homens nova de allgum grande tesouro.

Da Cidade do Salvador, ao primeiro de Junho de 1553.

Thomé de Sousa.

[*Endereço autógrafo:*] A Ell-Rey noso senhor.

---

6 João de Azpilcueta Navarro.

CARTA PERDIDA

67a. *Do Dr. Martín de Azpilcueta ao P. João de Azpilcueta, Baia* (Coimbra, primeira metade de 1553). «No le scrivo al Doctor mi tío, Martín de Azpilcueta, cuya una recebí», — escreve o P. João de Azpilcueta, a 19 de Setembro de 1553 § 10 (*Bras. 3-1*, f. 101r).

68

DO P. INÁCIO DE LOYOLA A TODOS OS SUPERIORES DA COMPANHIA

ROMA 14 DE JUNHO DE 1553

I. **Bibliografia:** SOMMERVOGEL V 119, let. q.

II. **Texto:** Biblioteca Nacional de Lisboa, *Colecção Pomb. 745*, f. 25 n. 6. Outra letra: «Patente de El Rey». Na minuta autógrafa do P. Polanco: «Patente para el rei de Portugal» [*Epp. NN. 53*, f. 159v]. Original espanhol.

III. **Impressão:** MI *Epp.* V (1907) 125-127, onde se dá o aparato crítico e outras edições, entre as quais uma tradução alemã, referida por Sommervogel, em «Die Missions-Geschichte» do P. EGLAUER; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 502-504.

IV. **Edição:** Reimprime-se o original por MI.

Textus

1. Inter omnes Principes christianos maxima obligatio Societatis Jesu est erga Regem Portugaliae cuius favore Societas incipit fundari atque spargi. — 2. Quare preces praecipit in tota Societate pro Portugaliae Rege, Regina et Principibus.

Jesús

Ignatio de Loyola, Prepósito General de la Compañía de Jesú:

1. A todos los prepósitos provinciales, y rectores de los collegios, y prepósitos de casas de la Compañía de 5

Jesús, en qualesquiera regiones y partes de la tierra que se hallan [1], salud en el Señor nuestro sempiterna.

Aunque a Dios nuestro Criador y Señor, como a fuente perpetua y origen de todo bien, deba referirse la gloria y alabança de todo lo tal en nuestra mínima Compañía, todavía para con los cooperadores y principales ministros de su divina Providencia debemos usar, según nuestras flacas fuerzas, el reconocimiento que la gratitud santa requiere, a gloria de su divina Majestad. Y así, mirando quánta obligatión tiene toda nuestra Compañía, entre todos los príncipes christianos, al serenísimo Rey de Portugal [2], con cuyo favor y muy liberal ayuda se començó a fundar [3] y se derramó en tantas partes [4] nuestra Compañía, con mucho fruto del divino serviçio y spiritual ayuda de las ánimas, me ha parezido en el Señor nuestro moveros con la obediencia a lo que sin ella sé que muchos de vosotros seréys de vuestra misma charidad movidos.

2. Y es que, así los que tenéys cargo de otros, como todos los que viven debaxo de vuestra obediencia, cada día los sacerdotes en el Memento de sus missas, y los que

---

1 Por este endereço geral, a patente era também para o P. Manuel da Nóbrega, Vice-Provincial do Brasil. LEITE II 456; *Breve Itinerário* 101-102. Efectivamente em carta de 17 de Julho de 1553 ao Provincial de Portugal ordena o P. Geral que desta «patente para hazer oración cada día por el rey etc.», se há-de «ynbiar una copia para la India con su declaración; otra para el Brasil, con la mesma, y tenerse otra ay en el reyno; y siendo menester se pueden hazer transumptos auténticos» (*Epp. NN. 50*, f. 67v; MI *Epp.* V 197). A declaração, a que alude e tem a mesma data da patente, é sobre a intenção que hão-de fazer os sacerdotes «en el memento» e que se trata «de la voluntad de N. P. y por exhortatión, y no por vía de precepto, obligatorio a peccado; porque si se olvidasse alguno alguna vez, no hiziesse dello escrúpulo. Pero es mucha razón que entre los benefactores tengan muy principal lugar los que principalmente lo son, a gloria de Dios N. S.» (*Epp. NN. 50*, f. 67v; MI *Epp.* V 127).

2 D. João III.

3 RODRIGUES, *História* I/I 108; DALMASES, *Fontes Narrativi* 237-238; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (1955) 9*-12*.

4 Além de Portugal, na África, Ásia e América (Brasil).

no lo son en sus oraciones, hagáys special memoria de Su Alteza, junto con la serenísima Reyna [5], y Principe [6] y Princesa [7] sus hijos, en el divino acatamiento; pues la gracia que a Sus Altezas fuere comunicada, por la infinita y summa bondad, redundará en el bien universal de sus Reynos, en los quales muy specialmente debemos desear sea alabado y glorificado su santo nombre. Y con hazer esto nosotros, haremos parte de lo mucho que debemos, y el resto supplirá quien supple todas nuestras faltas: a quien plega darnos gracia abundante para sentir siempre su santísima voluntad y enteramente cumplilla.

De Roma, 14 de Junio 1553.

69

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. LUÍS GONÇALVES DA CÂMARA, LISBOA

S. VICENTE 15 DE JUNHO DE 1553

I. **Bibliografia:** LEITE IX 8 n. 17.

II. **Autores:** LEITE II 409 410; IX 421; *Breve Itinerário* 90-96; NEMÉSIO 301-303, 319.

III. **Texto:** ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 96r-98r [antes 334r-336r]. Título: «Copia de una del P.e Manuel de Nóbrega del Brasil para el P.e Luís Gonçalves, de XV de Junio de 1553». Cota: «+ Copia de una del P.e Nóbrega para el P.e Luís Gonçalves [outra letra:] 1553». Tradução espanhola do original português perdido.

IV. **Impressão:** LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas—de Nóbrega a Vieira* (São Paulo 1940) 39-54; *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 469-477.

---

5 Rainha D. Catarina.

6 Príncipe D. João.

7 Princesa D. Joana, mulher do Príncipe D. João, pais de El-Rei D. Sebastião. Sobre a família de D. João III, cf. ALMEIDA, *História de Portugal* II (1924) 370-371.

V. **História da Impressão:** *Novas cartas* imprime a retroversão portuguesa moderna; *Cartas de Nóbrega* (1955), além dela, edita o texto espanhol (*Bras. 3-1*).

VI. Reimprime-se *Bras. 3-1.*

Textus

1. Epistolae e Portugalia acceptae. — 2. Adventus Patris Nóbrega in Praefecturam S. Vincentii. — 3. Gubernator non permittit ingressum ad interiora terrarum. — 4. Nuntia de Indis qui habitant in silvis et etiam de Amazonis. — 5. Nóbrega remanet in oppido S. Vincentii. — 6. Paraquaria intra limites ditionis Portugaliae. — 7. Praefectura S. Vincentii etiam penes iurisditionem regiam esse debebat quia ianua est ad interiora terrarum. — 8. In agro tres sunt Indorum pagi qui in unum convenire cupiunt ad doctrinam christianam ediscendam. — 9. Ministeria Patrum in oppido S. Vincentii. — 10. Educatio et instructio puerorum in Collegio S. Vincentii. — 11. Confraternitas Pueri Iesu ad res temporales. — 12. Ioannes Ramalho, eius filii, et scandalum a Patre Nóbrega suppressum. — 13. Exspectatur adventus Patrum e Portugalia. — 14. Nóbrega successorem postulat vel saltem Visitatorem. — 15. Paupertas domus S. Vincentii. — 16. Nóbrega litem concludit pacifice cum Blasio Cubas. — 17. Non accepit responsum epistolis suis. —18. Domus fundanda est saltem inter Indos propinquiores.—19. Modus agendi Episcopi eiusque cleri. — 20. Ferrum pro Fr. ferrario petit. — 21. Officiales mechanici. — 22. Exspectat P. Ludovicum Gonçalves da Câmara. — 23. P. Leonardus Nunes reversus est e «Lagoa dos Patos» et infirmatur. — 24. Inter omnes praefecturas Brasiliae, haec S. Vincentii saluberrima est.

+

Jesús

Pax Christi.

1. Este año de 53 véspera de Pascha [1] llegó un navio a este S. Vicente en que venían algunas cartas para el P.e Leonardo Núnez y para los Hermanos y algunas para mym. Entre ellas venía una de V. R. con la qual fuí muy consolado y por ventura más que con ninguna otra que en

1 1 de Abril de 1553.

estas partes uviesse de allá recebido, veniendo en ella cosas que parecían que devían mucho intristicer y hazer llorar mucho un coraçón aún tan duro como el mío. Pater, non est discipulus super magistrum [2]. Si entre los XII verdaderos Apóstoles uvo un Judas, entre 200 razón es que aya 20 [3]. Lo que yo temo, y me recelo, es poder ser dexarme N. Señor y ser aún uno dellos, porque no puedo enmendarme de mis peccados y vanse ya haziendo mucho en hábito, y llevo ya principios que otros llevaron. Quererá N. S. que no sea tal el fin.

2. Yo vine corriendo la costa con el Governador Thomé de Sosa visitando las capitanías e los Hermanos dellas, hasta llegar a ésta de S. Vicente, que es la última, adonde hallé una grande yglesia hecha, la mejor que en la costa ay, y muchos Hermanos y niños del gentío, pero la más pobre y más mal proveyda que todas por razón que la tierra también fué hasta aora de todos muy olvidada así del señor della [4] como de los más.

3. Ayuntámonos quatro Padres [5] aquí y algunos Hermanos [6], y después de hechas muchas oraciones a N. Señor

---

2 Mat. 10, 24; Luc. 6, 40.

3 Nóbrega trata da tribulação por que passou a Província de Portugal com a remoção do Provincial P. Simão Rodrigues, homem insigne na história da Companhia; e escreve, segundo a informação que lhe dava o próprio P. Luís Gonçalves da Câmara, que enfileirou com os que não concordavam com o governo de Mestre Simão. A proporção, que dá o texto, e vem a ser $^1/_{12}$ ou mesmo 10 %, não está longe da realidade. ASTRAIN, *História* 1 608, escreve que sairam 130, o que daria à Província de Portugal, conservada a proporção, 1200 a 1300 Padres e Irmãos; mas o mesmo Gonçalves da Câmara enviou para Roma a lista dos saídos, que não passaram de 33. O equívoco de Astrain consistiu em meter, no ano da tribulação, todos os saídos da Companhia, incluindo os noviços, desde que ela tinha entrado em Portugal. RODRIGUES, *História* 1/2 138-141; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (1955) 54*-55*.

4 Martim Afonso de Sousa.

5 Manuel da Nóbrega, Leonardo Nunes, Manuel de Paiva e Francisco Pires.

6 Entre estes Irmãos, havia já três notáveis sertanistas, Pero Correia, António Rodrigues e Manuel de Chaves, que de certo tomaram

con jejunos y disciplinas, nos determinamos en nuestro Señor de entrar por la tierra dentro, porque esta Capitanía es la más conveniente que todas las otras. Y considerando la qualidad de aquestos gentiles, que es tener poca constancia en dexar las custumbres en que se an criado, assentamos ir cien legoas de aquí a hazer una casa, y en ella recoger los hijos de los gentiles y hazer ayuntar muchos indios en una grande ciudad, haziéndolos bivir conforme a la razón, lo qual no fuera mucho diffícil por lo que de la tierra ya avemos sabido y veemos por experientia, y el Hermano Correa obligava a esso la vida por lo que de los Indios conosce. No se pudo esto esconder a Sathanás, porque avéndome el Governador [7] dicho que le parecía bien entrarmos, des que supo que llevávamos capilla y cantores y que avíamos de hazer casa, lo estorvó por todas las vías, diziendo que se acogerían allá los malhechores y otros hombres deudores huyrían para allá, y que quando los Indios hiziessen alguna cosa mal hecha que no podrían vingarse dellos por el peligro en que nos poníamos. Las quales todas y otras muchas parece tener alguna color, pero no devieran bastar; y la principal causa de todas para lo estorvar fué çarrar él el camino por razón de los castellanos [8], que están poco más de cien legoas desta Capitanía, y dizen que en la demarcación del Rey de Portugal. Y tiénese por cierto aver mucha plata en la tierra, y tanta que dizen aver sierras dellas, y mucha notitia de oro, por lo qual çarró y atapó el camino hasta S. A. en ello proveer, y, que pues lo atapava a los otros, no parecía bien ir nós. Ni bastó dezir que iríamos a parte de todo desviada, adonde no uviesse oro ni plata ni camino para allá; lo que mucha tristeza a causado a todos los Hermanos, por razón de los

---

parte nesta, que se pode chamar, primeira consulta da Vice-Província do Brasil.

7 Tomé de Sousa.

8 Esta foi a razão «principal», como diz Nóbrega; e a comunica Tomé de Sousa a El-Rei na carta de 1 de Junho de 1553, supra, pp. 484-485.

muchos fervores que tenían de emplear sus trabajos y vida en servicio de N. Señor.

4. Después de partida daquí la Armada [9], day a pocos días llegaron unos hombres [10] que eran idos a la tierra firme dentro a descobrir la notitia de oro, adonde andaron passantes de dos años, y nos contaron grandes nuevas de la gentilidad que hallaron y de lo que dellos supieron. Y entre otras cosas dize[n] que la gentilidad no comen carne humana, y a los contrarios, que les hazen mucho mal y los comen, si aciertan tomar alguno no lo matan ni comen, y trátanlo muy bien, y les dizen que cómo comen su semejança! Tienen grandes poblaciones, y tienen un principal a quien todos obedescen. Este reparte las mugeres a los otros, y cada día ante mañana de una parte alta manda a cada casa lo que a de hazer aquel día, y deven de vivir en communidad. Son labradores y hazen mantenimientos. Y porque destos ay muchas generaciones, una dellas que está más cerca de las Almazonas tiene guerra con ellas; y son estas Almazonas tan guerreras, que vienen a la guerra con ellos, y los más valientes que pueden tomar, dessos conceben. Y si paren hijo, danlo a su padre, o lo matan, y si hija, críanla y córtanle la teta direcha por razón del arco. Entre estas Almazonas dizen que está la notitia del oro [11]. De manera que lo que [96v] tengo alcan-

59 *prius* emplegar

9 Não consta o dia em que a Armada saiu de São Vicente, mas o Governador chegou à Baía a 1 de Maio de 1553, di-lo o próprio Tomé de Sousa na carta a El-Rei de 1 de Junho do mesmo ano (*ib.* III 364).

10 Pode ser referência a Antónto Rodrigues, não da sua provável chegada em 1552, mas da sua arribada, depois da tentativa de embarque para Portugal conforme conta na carta de 31 de Maio de 1553 § 15. Mas a 13 de Junho de 1553 chegou à vila de São Vicente Ulrico Schmidel; e já tinha chegado bastante tempo antes a Santo André da Borda do Campo, o que condiz perfeitamente com as palavras de Nóbrega. LEITE, *Páginas* 121; W. KLOSTER e F. SOMMER, *Ulrico Schmidl no Brasil Quinhentista* 79.

11 Cf. carta de António Rodrigues de 31 de Maio de 1553 § 14. LEITE, *Páginas* 134; e Schmidel descreve as Amazonas, *Viage,* cap. XXXVII (ed. De Angelis 1910) 299.

çado es que, quitando esta generación o generationes de la orilla del mar, de todas las otras de la tierra adentro muy pocas se comen unos a otros, si no son unos que andan siempre en los matos, y no tienen casas y son de todo salvages. Ha grande aparejo para se hazer en ellos grande fruto. Yo no sé quáles son ya las cadenas que tienen a los Hermanos. Si por esta gentilidad se pudiera andar sin levar resgate y ferramenta, ya no speráramos tanto, porque para passar despoblados que ay es menester llevar indios guías, que ensenen el camino y que maten caça y pesquen y quiten la mel de palos, porque no ay otra sustentación, y para llevar cargas de lo que se lleva y para la más sustentación, porque sin se lo pagar no lo harán.

5. Yo por hallar esta casa con mucha gente y me parecer en ninguna otra ser yo más necessario, me dexé quedar en ella y embiaré el Padre Leonardo Núnez a la Baya con Pero Correa [12] para repartir los Hermanos del Reyno como N. Señor los enseñare. Y Pero Correa visitará la costa y las casas, por razón de la mucha autoridad y crédito que tiene con la gentilidad de todas las partes, y se ordenare de missa si el Obispo ya tuviere poder para dispensar con él, sobre homicidios voluntarios que tiene de algunos indios desta tierra. Y si el Obispo no tiene tal poder, de la Baya escrivirán para que lo ayan del Papa [13], para él y para todos los más destas partes.

Yo me quedo haziendo prestes hasta su venida para luego entrarmos, lo que temo mucho es que la codicia así de los castellanos como de los portugueses meta a saco la

83 *prius* tirando

12 Cf. infra § 8.

13 Pero Correia não chegou a ir à Baía. E Nóbrega escreveu a pedir a dispensa. O P. Diego Mirón em carta ao P. Geral, de 17 de Março de 1554, fala nessa dispensa; e a 17 de Setembro de 1554 lembra ao P. Polanco: «Creo que el P. Nóbrega está aguardando por la dispensación de Pedro Correa, nuestro Hermano» (*Epp. Mixtae* IV 112 347). A esse tempo Pero Correia já tinha empreendido a viagem dos Carijós onde encontrou a morte.

gentilidad, de manera que dañen todo así con grandes escandalos como con malos exemplos, porque esto mesmo tiene dañado a la gentilidad de la costa y criado odio y rancor en los coraçones contra los christianos.

6. Y en el Paragai, ciudad de los castellanos, 500 hombres tienen sobiectos a los gentiles Carijós, que tienen más de 300 legoas de tierra, y no los subiectan al jugo de Christo, sino al de su codicia y tirania, maltratándolos y haziéndolos servir peor que esclavos, tomándoles sus mugeres y hijos y hijas, y quanto tienen. Diga V. R. a Su Alteza que si aquella ciudad quedare suya [14], mande proveer en breve de justicia, y se mandare gente por la tierra adentro leven a N. Señor consigo y un capitán zeloso y virtuoso.

Todo este Brasil es muy fácil cosa subiectarlo a Jesú Christro N. S., porque quando 500 hombres castellanos y todos divisos entre sí tuvieron poder para subiectar a tan grande gentilidad, que es la mayor de todo el Brasil, ¿qué

122 gente] gentro *ms.*

14 Para Nóbrega «aquela cidade», de Castelhanos, ficava dentro das demarcações de Portugal, isto é, do Brasil, como explica na frase seguinte, fazendo da gentilidade do Paraguai «a maior de *todo o Brasil*». Quinze dias depois desta carta de Nóbrega, escrevia, também de São Vicente, o capitão Juan de Salazar ao Conselho Real de Indias: «Responden [o Capitão-mor António de Oliveira e Brás Cubas] que no conecen otro Rey ni Señor sino al suyo y que el Río de la Plata y el Paraguay es del Rey de Portugal» (Carta de Juan de Salazar, «Villa de San Vicente y puerto de Santos a XXX de Junio 1553 años». Documento do Archivo General de Indias, *Audiencia de México* 168, publicado por J. P. LEITE CORDEIRO, *Documentos quinhentistas espanhois referentes à Capitania de S Vicente,* in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* 46 [1946] 303). E já havia tempo de chegarem a Lisboa esta carta de Nóbrega e a de Tomé de Sousa, quando D. João III escreveu a João Rodrigues Correia, em Dezembro de 1553: «Creio que tereys sabido como os castelhanos do Peru tem ffeito *no Brasil* huma povoação a que chamam d'Asunçam»: e o incumbia de se informar secretamente das intenções do Imperador Carlos V sobre entradas e conquistas. Cf. JAIME CORTESÃO, *A fundação de São Paulo, — capital geográfica do Brasil* 273.

hará donde entrare buena orden y buen zelo de la gloria y honra de Dios?

7. También devía S. A. de achar mano desta Capitanía de San Vicente, pues es la entrada de dentro la tierra, y proveerla de justicia de que está muy falta, y el Governador [15] de la Baya en XX [16] días que aquí estuvo no pudo hazer quasi nada. La gentilidad de aquesta Capitanía alguna ventage tiene a la de las otras, aunque tiene las mesmas custumbres. Dan los hijos de buena voluntad, y si tuviéssemos con que los mantener y crear én Christo todos los darían, pero no se toman sino los que se pueden sustentar de comer, porque del vestido muy pocos lo andan y todos andan nudos.

8. En el Campo [17] de aquí doze legoas se quieren ayuntar tres problaciones en una para mejor aprender la doctrina christiana, y muestran grande fervor y desseo de aprender y de les predicar. Con ellos gastaremos el tiempo hasta venir el Hermano Correa [18] de la Baya para entrarmos.

9. En esta casa é [19] hecho mucho fruto con la gente de la tierra, scilicet hijos y hijas de christianos, mamalucos, que ay muchos y con la esclavaría. Vay grande fervor en las confessiones [97r] y muchos vienen llorando pediendo confessión y con grande dolor de no se saber confessar. Todos saben la doctrina mejor que muchos viejos christianos de nación [20], y cásanse muchos esclavos que estavan

133 estuvo] está *ms.* || 150 *prius* sabere

15 Tomé de Sousa.

16 XX dias parece pouco: talvez no original estivesse XL ou LX. Cf. infra, nota do § 13.

17 Campo de Piratininga.

18 Nóbrega tratava pois de reunir as Aldeias numa o que fez em Piratininga, fundando essa Aldeia a 29 de Agosto de 1553; e, na carta em que o diz, declara que o Ir. Pero Correia tinha estado ali pouco antes e seguido para o sertão (carta do último de Agosto de 1553 § 3). Donde se segue que Nóbrega desistira de enviar o Ir. Pero Correia com o P. Leonardo Nunes à Baía.

19 Na tradução espanhola «é», português, em vez de «es».

20 «Velhos cristãos de nação», isto é, Brancos.

en peccado, otros se apartan, muchos se disciplinan con tan grande fervor que ponen confusión a los blancos.

10. En esta casa tienen los niños sus exercícios bien ordenados, aprenden a leer y escrevir y van muy avante, otros a cantar y tañer frautas [21], y otros mamalucos más diestros aprenden grammática; y enséñala un mancebo grammático de Coimbra [22] que acá vino desterrado. Tienen sus pláticas de N. Señor y modos con que lo alaban, y mucho más se haría si ya uviesse muchos obreros, mas como solo Pero Correa es el predicador no puede hazer más. Estos que se crían an de ser los verdaderos por la mucha esperança que nos dan sus buenos principios. De la Baya mandarán algunos [23] de los que allá menos necesarios fueren, porque nos ayudan acá mucho y son las lengoas y los nuestros predicadores; y a algunos no les

157 tañer *del.* frautas || 165 allá] aquá *ms.* || 165-166 necessarios *del.* eran

21 Assinala-se aqui já a presença do Ir. António Rodrigues; mas o caso vem de mais atrás. Na carta de 12 de Fevereiro § 3 diz que na entrada ao sertão levaria ferreiro e «todos os *meios* com que melhor os possamos atrair». Um destes principais meios dizia Nóbrega que era a música e o canto; e o dizia na Baía quando já pensava na empresa do sertão de São Vicente («ir longe pela terra dentro»). Expõe o seu pensamento a Carta dos Meninos, de 5 de Agosto de 1552 [Francisco Pires] § 13, supra, p. 384.

22 Este mancebo gramático de Coimbra, admitido por Nóbrega a mestre de latim do Colegio, com isto se constitui o primeiro Mestre de Latim do Brasil. Talvez viesse desterrado com a família; mas podia ter vindo por si mesmo, porque «mancebo» não significa necessàriamente «menor de idade». Não devia ser desterrado por pena infamante, e basta lembrar que neste mesmo ano partia de Lisboa, desterrado para a Índia, outro gramático de Coimbra e se chamava Luís de Camões. E pelo mesmo tempo, segundo escreve o Provincial de Portugal (Diego Mirón) ao P. Geral, sucedia na Índia o mesmo que no Brasil: «Dizen que él que a leydo hasta aora grammática en Goa es un hombre de fuera de la Compañía» (Carta de Lisboa, 14 de Fevereiro de 1554, *Hist. Soc. 171*, f. 398r).

23 Nóbrega tinha trazido quatro meninos e vê-se que mandava vir outros por Leonardo Nunes.

falta sino la autoridad y edad, porque el saber y el zelo dáselo nuestro Señor.

11. Quando llegué a esta Capitanía hallé unas indias, dellas forras y libres y dellas esclavas, solteras y algunas casadas, las quales servían la casa y trayan lenha y agoa, y hazían mantenimientos para los niños. Y aunque estavan bien apartadas de la conversación de los Hermanos, todavía por estar en la mesma calle dava escándalo a los de lexos en les parecer que estavan muy familiares, pero los de la vicinía, que sabían y veyan la verdad, no se escandalizavan. Yo todavía des que llegué, ordené la Confradía del Niño Jesú [24] y entregué todo lo temporal para la sustentación y servicio desta casa. Ay dos mayordomos y un proveedor. Ella tiene toda la gente que a esta casa sirve para que quedemos libres de inconvenientes, y solamente nosotros nos occupamos en lo spiritual, enseñando y doctrinando a los niños así los de casa como quantos quieren aprender, porque esta tierra está tan estragada, que es necessario llevar aliceces de nuevo.

12. En esta tierra está un Juan Ramalho [25]. Es más antigo della, y toda su vida y de sus hijos es conforme a la de los Indios, y es una petra scandali para nós, porque su vida es principal estorvo para con la gentilidad, que tenemos, por él ser muy conoscido y muy aparentado con los indios. Tienen muchas mugeres él y sus hijos, andan con hermanas y tienen hijos dellas así el padre como los hijos. Sus hijos van a guerra con los indios, y sus fiestas son de indios y así viven andando nudos como los mesmos indios. Por todas las maneras lo tenemos probado y nada aprovecha, hasta que ya lo dexamos de todo. Este estando escomulgado por no se confessar y no queriendo los nuestros Padres celebrar con él, dixo que tam-

---

24 Confraria do Menino Jesus. Cf. carta de 10 de Março de 1553 § 11; LEITE I 542.

25 Com João Ramalho, Nóbrega ainda não se tinha avistado pessoalmente, como se verá pela carta de 31 de Agosto de 1553. Escreve aqui, portanto, segundo as informações que lhe davam.

bién los Padres y Hermanos pecavan con las negras, lo que hizo presumir ser alguna cosa, ayuntándose con esto estar las negras en la mesma calle. Por lo qual como llegué por me N. Señor así enseñar, y con yo ya conoscer lo que tenía en los Hermanos, y saber la verdad de lo que podía aver, por cumplir con el mundo y quitar alguna presunción, espedílos a todos quantos aquí hallé [26] dessos que andavan por fuera, y saqué con el Vicario [27] quasi quantas personas ay en esta Capitanía por testigos de lo que sabían sin hallar cosa ninguna, y hize la verdad pública a todos y ganóse quitar de los coraçones alguna presumpción a costa de muchos me juzgar por mal atentado; y los Hermanos ganaron corona de paciencia y dieron muy buen exemplo de sí hasta que los tornée a recoger.

13. Estoi muy alegre con las nuevas que en la suya me da quasi por esperar que estaráa ya en la Baya prepósito con los Padres, y esta fué una de las causas porque no bolví a correr la costa [28], y también por esta casa estar por más gente que ninguna. Ni creo que bolveré tan presto, porque daquí quería ir adelante y no bolver atrás, y por tanto con escrever esto aora me satisfago con nuestro Señor para quitar el sentido de allá.

---

26 A «Historia de la Fundación del Rio de Henero», *Bras. 12*, ff. 47v-48r, e VASCONCELOS, *Chronica*, liv. I § 127, nomeiam o P. Manuel de Paiva, o P. Francisco Pires, e o P. Manuel de Chaves «e alguns Irmãos». Mas Nóbrega diz que isto foi «logo que chegou»; e com ele chegou da Baía o P. Francisco Pires (LEITE II 409-410). E deve-se duvidar da veracidade da narrativa da «Hist. de la Fund.», porque mistura actos que já teriam sucedido mais tarde em Piratininga, com este de São Vicente, logo que Nóbrega chegou e em que Manuel de Chaves, ainda não era Padre e esperou para isso muitos anos. Cf. LEITE, *Breve Itinerário* 225-226.

27 Vigário da Paróquia de São Vicente, P. Simão de Lucena, esclarecem VAN DER VAT (*Princípios* 204) e P. F. DA S. CAMARGO (*A Igreja na História de São Paulo* 40), respondendo ambos a uma interrogação nossa (LEITE II 409); mas cf. infra, nota 34.

28 A carta do P. Luís Gonçalves da Câmara chegou ao princípio de Abril de 1553; portanto, a armada do Governador, de volta para a Baía, saiu de São Vicente depois desta carta. Cf. supra, nota do § 7.

14. Si aún no vino, [97v] venga este año quien pueda governar estas casas, que yo ya será razón que no viva tanto sín dar la vida por quien me la dió, y menos es visitárense las capitanías, del Reyno que no correllas acá, por razón de las embarcaciones que pocas vezes las ay, y tales que es necessario hazer cuenta de morir ahogado [29], más que de dessear de ser comido destos Indios. Y aunque no vengan más que a visitar [30], es muy necessario porque siempre ay cosas que por cartas no se pueden escrevir. Y crea V. R. que es necessario [a] la honrra de la Compañía y la gloria de Jesú Christo en cada Capitanía estar un Padre de los más seguros que en la Compañía uviere, porque adonde ay muchos virtuosos bien se suffre quien quiera, y donde ay mayor peligro allí a de ser mayor el socorro. Por amor de N. Señor que cesse ya la custumbre de mandar a estas partes de infieles el rebotallo como yo, porque más importa a N. S. Jesú Christo hazerse acá una casa de paja adonde se enseñe la doctrina a X moços, que no en Portugal muy sumptuosos collegios: y con todo esto no sé lo que digo, por ventura diré esto porque lo de acá me fatiga más.

15. Esta casa de San Vicente es la más pobre de todas, y padecen los Hermanos y Padres y niños mucha hambre y frío, y es maravilla no huir para sus padres. Agora me parece que soi pobre de verdad, porque antes quando el mundo pensava que yo lo era, hartávame de carnero y vaca, e bevía buen vino y no me faltava vestido, aora si no es de naranjas y cidras pocas vezes soy harto. Nós vivimos de lymosnas, y de lo que tienen los niños no usamos, antes les damos de nuestras lymosnas, y con todo no

---

29 Esta alusão às embarcações, e a fazer conta de morrer afogado quem nelas embarca, é uma verificação do estado precário dos navios e do que realmente iria suceder com o P. Leonardo Nunes no ano seguinte.

30 É um pedido para Visitador de Missões ultramarinas. E deste assunto se trataria em 1558: «An visitator sit mittendus», cf. PEDRO DE LETURIA, *Un significativo documento de 1558 sobre las Misiones d Infieles de la Compañía de Jesús,* in AHSI VIII (1939) 110

parecemos pobres porque ministramos lo que tienen los niños. Y porque esta casa ha de ser la mejor de todas las que acá por la tierra se hizieren, devía ser abastada para partir con las otras.

16. Yo hallé en esta Capitanía una demanda en abierto que traya Pero Correa con Bras Cubas [31], antes que entrasse en la Compañía, y quando entró concertóse el P.e Leonardo Núnez con Bras Cubas, y antes que se assentasse el concierto fuesse Bras Cubas huido para Portogal por cosas mal hechas en esta tierra siendo capitán. Aora quando vino negó el concierto a Leonardo Núnez y, siendo él el que devía, se andava quexando que le devían; a cuyas vozes acordé yo a saber la cosa cómo passava, y hallé que Pero Correa le demandava dos mil y bjc [2600] ducados de toda su hazienda que le destruyó evidentemente por lo qual hizo Pero Correa una donación a los niños de todo quanto tenía y los mayordomos seguían la demanda. De manera que convino a Bras Cubas venir con lágrimas a pedir misericordia al mismo Pero Correa, y donde antes el P.e Leonardo Núnez se contentava con nada, ahora por concierto dió los esclavos que tenía tomado a Pero Correa, y más diez vacas para los niños tener leche y otras cosas, e creo que le quitaran toda su hazienda, porque, aunque es el más rico de la tierra, ni toda bastava para pagarse la demanda si se acabara. Y dize que será verdadero siervo de los niños. Yo consentí en el concierto por comprar nossa vexación y otros trabajos grandes, y no destruir un próximo, y es mejor uno con paz que XX con contienda.

17. No escrivo al P.e Mirón [32] porque aún no vi su carta ni la respuesta de lo que escreví el año passado, ni la res-

---

31 Sobre Brás Cubas, que foi Capitão-mor da Capitania de São Vicente, cf. LEITE CORDEIRO, *Braz Cubas e a Capitania de São Vicente,* São Paulo 1951 [«Braz Cubas e os Jesuítas» 205-209]; CARVALHO FRANCO, *Dicionário* 129-130.

32 P. Diego Mirón, novo Provincial de Portugal, que sucedeu ao P. Simão Rodrigues, a quem tinham sido dirigidas as cartas precedentes, e às quais, como de ofício, Mirón devia responder.

puesta de lo que escreví al Doctor Navarro [33]. Como las viere, responderé. Yo quedo en esta Capitanía de S. Vicente, aquí me escrivan, y si aún allá estuviere el Vicario [34] de acá, por él puede venir todo bien. Las más nuevas escri-
285 verán los Padres de la Baya más largo.

18. [98r] Si allá no pareciere tan mal hazer casas entre la gentilidad, aya de Su Alteza recado para no lo impedir, a lo menos se fuéremos a la gentilidad contraria desta adonde los christianos tienen sus poblaciones, para cessar
290 respectos algunos que acá me ponen.

19. Porque a estarmos encerrados en las capitanías ternemos poco que hazer daquí adelante, presertim con el Obispo [35] querer llevar un camino que yo no entiendo, y los peccados ganan mayor fuerça en la tierra y los clérigos
295 del Brasil destruen todo aunque mucho se hiziesse e edificasse. Ya cansamos de clamar, ya los que nos avían de oír, de los christianos, nos tienen oydo, no nos queda más que la gentilidad, y si ésta nos impiden, no haremos nada. Los hombres comúnmente no tienen respecto sino a su prove-
300 cho y proprio interesse y hun poco al servicio del Rey; y para N. Señor no ay respecto ninguno.

20. A esta casa dió N. Señor un Hermano herrero [36] muy bendita alma. Este mantiene estos niños con su tra-

---

295 Brasil *del.* aun | aunque *del.* mas [?] || 303 mantiene] mantienen *ms.*

---

33 Não recebeu resposta das dúvidas que constam da carta de Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, de fins de Agosto de 1552 (§§ 13-17). Parece que então escreveria também ao Dr. Navarro, mas a carta ter-se-ia perdido, porque só se conhece a que lhe escreveu em 10 de Agosto de 1549. E essa é já muito remota e só trata de uma dúvida sobre o casamento dos gentios (§ 6).

34 Segundo SILVEIRA CAMARGO, é o mesmo P. Simão de Lucena que poucos meses antes presidiu ao processo instaurado por Nóbrega (*A Igreja na História de São Paulo* 40). Supõe-se que teria ido a Portugal com intenção de demorar pouco.

35 D. Pedro Fernandes.

36 Mateus Nogueira.

bajo, porque haze algún resgate [37] con que compran mantenimiento. Esta tierra es muy pobre y no se puede conversar este gentío sin anzoles y facas para los mejor atraer. Haga embiar el más hierro y aço que pudiere para dar qué hazer al Hermano.

21. Mando enseñar algunos moços de la tierra para el sertón a ferreiros e a tesselões [38], y de allá devian de mandar dos niños huérfanos enseñados a officiaes para acá, porque esto hallamos ser en esta tierra una gran parte para la conversión destos infieles.

22. Si V. R. acá viniere a peregrinar, como en la suya dize [39], así me parece que le parecerá; y por esso todo lo que mandare venga derecho a esta Capitanía, digo lo desta casa, y quanto más fuere tanto más almas ayuda a salvar.

23. Aora no se offresce más, todos estamos de salud, salvo Leonardo Núnez que vino muy doliente del Río de los Patos [40], adonde fué a hazer venir unas señoras castellanas que venieron en una armada que venía para el Río de la Plata y perdieronse allí, porque el Governador [41] lo embió.

24. Esta Capitanía es la más sana de todas. Vale, mi Pater, et ora pro me.

Deste S. Vicente a Xb de Junio de 1553.

---

310 de allá *corr. ex* de lá | devian *sup.*

---

37 «Resgate», objectos com que se compram mantimentos, e de que se dá logo a seguir a explicação concreta, no caso: «anzóis e facas».

38 Cf. LEITE, *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil* 72.

39 Infere-se deste passo, que se pensou em enviar Luís Gonçalves da Câmara ao Brasil.

40 Sobre a ida de Leonardo Nunes ao Rio dos Patos ou «Laguna do Embiaça» (Santa Catarina) e as senhoras castelhanas que trouxe, D. Mência Calderón (viúva de Diogo de Senabria pai), D. Isabel de Contreras e outras, cf. LEITE I 323. A 10 de Março de 1553 Leonardo Nunes ainda estava no Rio dos Patos, segundo a carta daquela data que conta a viagem de Nóbrega da Baía a São Vicente (carta 59 § 9).

41 Tomé de Sousa.

69 bis

CARTA DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. LUÍS GONÇALVES DA CÂMARA, LISBOA

SÃO VICENTE [15] DE JUNHO DE 1553

I. **Texto:** Original português perdido.

ARSI, *Bras 3-1,* ff. 93r-94v [antes ff. 318v-319r]. Título: «De una del P.e Nóbrega para el P.e Luis Gonçalvez, de S. Vicente a XII de Junio de 1553». São 4 parágrafos da carta do dia 15 traduzidos em espanhol do mesmo original português perdido, mas de diversa forma.

II. **Impressão:** LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 478-480.

III. **Edição:** Publica-se este texto como exemplo do modo como se faziam as traduções; e também pelo que interessa à fundação de São Paulo e entrada ao sertão, parecendo de maior utilidade crítica deixá-lo como está do que absorvê-lo no aparato do texto precedente. Entre cancelos [ ] dão-se os §§ correspondentes da carta 69.

Textus

1 [8]. In agro tres sunt Indorum pagi qui in unum convenire cupiunt ad doctrinam christianam adiscendam. — 2 [9]. Ministeria Patrum in oppido S. Vincentii. — 3 [10]. Educatio et instructio puerorum in Collegio S. Vincentii. — 4 [4]. Nuntia de Indis qui habitant in silvis et etiam de Amazonis.

1 [8]. En el campo de aquí XII legoas se quieren ayuntar en uno tres lugares destos gentiles para mejor aprender la doctrina, y muestran grande fervor y desseo de ser enseñados, y de se les predicar la fe de Christo N. S. Con ellos gastaremos el tiempo hasta venir el Hermano Correa de la Baya para entrar por la tierra dentro.

2 [9]. En esta casa se a hecho mucho fruto en la gente de la tierra, scilicet hijos y hijas de los christianos mamalucos, y con los esclavos. Ay grande fervor en las confesiones: muchos vienen llorando pediendo confessión y con gran dolor de no se saber confessar. Todos saben la doctrina y mejor que muchos christianos viejos de nación·

Cásanse muchos esclavos que estavan en peccado, otros se apartan; muchos se disciplinan con tan grande hervor que ponen confusión a los blancos.

3 [10]. En casa tienen los niños sus exercicios ordenados. Aprenden a leer y escrevir; van muy adelante, y algunos a cantar, y otros de mejor ingenio aprenden ya la grammática. Aprovéchanse en devoción. Creemos que vernán éstos a ser verdaderos operarios por la mucha sperança que nos dan sus principios.

4 [4]. Después de partida de aquí la Armada, day a pocos días llegaron muchos hombres que eran ydos por la tierra dentro, por la notitia de oro que se dezía aver allí, donde anduvieron más de dos años y nos contaron grandes nuevas de los gentiles que hallaron y de lo que dellos supieron. Y entre otras cosas, dizen que ay gentiles que no comen carne humana, y si toman sus contrarios (los quales hazen mucho mal y los comen), no los matan ni comen, antes trátanlos muy bien y les dizen cómo osan comer su semejança. Tienen grandes poblados y tienen un principal al qual todos obedescen. Este reparte las mugeres a los otros, y cada día antes de la mañana de una parte alta manda a cada casa lo que a de hazer aquel día, y les dize que an de bivir en comunidad. Son labradores que hazen mantenimientos. Y porque destos ay muchas generationes, una dellas que está más cerca de las Almazonas tiene guerra con ellas. Y son estas Almazonas muy guerreras, vienen a la guerra contra ellos y de los más esforçados que pueden tomar dessos [94r] conciben, y si paren hijo danlo al padre o lo matan, y si hija crianla y córtanle la teta derecha por poder mejor tirar con arco. Entre estas Almazonas dizen estar la notitia del oro.

De manera que lo que tengo sabido es que quitando estas generaciones destos indios que habitan cerca el mar de todas as otras que están más adentro, muy pocas comen carne humana, sino son unos hombres que siempre andan

---

26 *prius* dello || 28 humana *del.* los || 39 *prius* esforçadas

en los montes y no tienen casas y son del todo salvages. Ay grande aparejo para se hazer mucho fruto. Yo no sé quáles son ya las cadenas que nos tienen. Si por estos gentiles se pudiera andar sin levar ferramenta y resgate ya no esperáramos tanto, porque para passar despoblado que ay es menester levar indios pilotos que enseñen el camino, y que maten caça y pesquen y quiten miel de palos, porque no ay otros matenimientos; y otro para llevar cargas y lo que avemos de llevar para nuestro matenimiento, los quales no hazen esto si les [no] pagan muy bien, lo que nosotros por nuestra pobreza no podemos hazer.

70

DO P. INÁCIO DE LOYOLA AO P. MANUEL DA NÓBREGA, BRASIL

ROMA 9 DE JULHO DE 1553

I. **Bibliografia:** STREIT II 338 n. 1231.

II. **Autores:** POLANCO III 5; ORLANDINI, *Historia* (1615) 438; VASCONCELOS, *Chronica,* liv. I n. 146; JESÚS MARÍA GRANERO, *La acción misionera y los métodos misionales de San Ignacio de Loyola,* vol. VI «Bibliotecae Hispanae Missionum» (Burgos 1931) 38; LEITE I 457; IX 421; *Breve Itinerário* 110-111.

III. **Texto:** ARSI, *Inst. 117a,* f. 69r [antes f. 42r]. À margem: «Creatio in Provincialem Brasiliae». Apógrafo latino.

IV. **Impressão:** MI *Epp.* V 180-181; RODOLFO GARCIA, in *História Geral do Brasil* I [4ª ed.], (São Paulo s. a.) 364-365; LEITE I 456; *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 504-506.

V. **Edição:** Reimprime-se o texto *(Inst. 117a).*

Textus

1. Litterae Patentes quibus Nóbrega Praepositus Provincialis Brasiliae aliarumque regionum constituitur.

+

Iesus

Ignatius de Loyola, Societatis Iesu praepositus generalis:

Dilecto in Christo fratri P. Emanueli de Nobrega, praesbytero eiusdem Societatis, saluten in Domino sempiternam.

1. Cum, crescente in dies diversis in regionibus numero eorum, qui nostrum Institutum sequuntur, per D. N. Iesu Christi gratiam, crescat etiam rebus multis providendi, et consequenter hoc onus cum aliis partiendi necessitas, visum est in Domino expedire ut aliquem ex Fratribus nostris nobis substituendo, et Praepositum omnium illorum, qui in India Brassilia, Serenissimo Regi Portugalliae subdita, et aliis ulterioribus regionibus, sub obedientia Societatis nostrae vivunt, constituendo, eidem caetera omnia, quae nostri officii essent, committeremus.

Nos ergo, cum de tua pietate et prudentia, quae est in Christo Iesu, plurimum in eodem confidimus, te in Praepositum Provincialem omnium nostrorum, qui in predictis regionibus versantur, cum omni ea authoritate, quam Sedes Apostolica nobis concessit, et Constitutiones nostrae Societatis nobis tribuunt, creamus et instituimus, ac in virtute sanctae obedientiae, ut hanc curae nostrae partem et authoritatis suscipiendo, eadem ad inquirendum, ordinandum, reformandum, inhibendum, prohibendum, admittendum in Societatem ad probationem, et ab eadem reppellendum, quos videbitur, constituendum etiam in quovis officio, et deponendum, et in summa ad disponendum de omnibus, quae nos, si praesentes essemus, circa loca, res et personas, quae ad Societatem pertinent possemus disponere, et ad Dei gloriam facere iudicabis, plenissime utaris. Hoc enim, gratiam Dei consyderantes, ad ipsius honorem, et ad eorum spiritualem profectum, qui nostrae curae sunt

comissi, et ad communem animarum salutem fore in Domino speramus.

Datum Romae 7.° idus Iulii 1553.

TRADUÇÃO PORTUGUESA

+

Jesus

Inácio de Loyola, Prepósito Geral da Companhia de Jesus:

Ao dilecto em Cristo Irmão P. Manuel da Nóbrega, presbítero da mesma Companhia, saúde sempiterna no Senhor.

1. Crescendo cada vez mais o número dos que em diversas regiões pela graça de N. S. Jesus Cristo seguem o nosso Instituto, cresce também a necessidade de prover a muitas coisas e portanto de dividir com outros este cargo; e pareceu no Senhor convir que, pondo em nosso lugar algum dos nossos Irmãos e constituindo-o Prepósito de todos os que vivem sob a obediência da nossa Companhia na Índia do Brasil, sujeita ao serenissimo Rei de Portugal, e noutras regiões mais além, ao mesmo confiássemos tudo o mais que pertence ao nosso ofício.

Nós, portanto, da vossa piedade e prudência, que está em Cristo Jesus, confiando muito no mesmo Jesus, vos criamos e constituimos, com toda a autoridade, que a Sé Apostólica nos concedeu e as Constituições da nossa Companhia nos conferem, e em virtude da santa obediência, Prepósito Provincial de todos os Nossos, que se encontram nas regiões indicadas; para que, tomando essa parte do nosso cuidado e autoridade, useis da mesma plenissimamente, para inquirir, ordenar, reformar, inibir, proibir, admitir na Companhia para a provação, e afastar da mesma os que parecer bem, prover em qualquer ofício e depor dele, e, numa palavra, para dispor de tudo, como nós, se estivéssemos presente, poderíamos dispor, quanto a lugares, coisas e pessoas, e como julgardes convir para a glória de Deus. Contando com a graça de Deus, esperamos no Senhor que isto há-de ser para a sua honra, proveito espiritual dos que dependem de nosso cuidado, e salvação das almas em geral.

Dado em Roma, aos 9 de Julho de 1553.

71

DO P. INÁCIO DE LOYOLA AO P. MANUEL DA NÓBREGA, BRASIL

ROMA 9 DE JULHO DE 1553

I. **Bibliografia:** STREIT II 338 n. 1230.

II. **Autores:** LEITE II 456; *Breve Itinerário* III.

III. **Texto:** ARSI, *Epp. NN. 50*, f. 69r. À margem: «Brasil». Letra de Polanco: «Para el P. Nóbrega en el Brassil». Apógrafo espanhol. [«Exstant brevia illius summaria in *Cod. Monac.* II, f. 18 et 181r», cf. MI *Epp.* V 182].

IV. **Impressão:** *Cartas de San Ignacio* III (Madrid 1887) 234-238; MI *Epp.* V 182-183; RODOLFO GARCIA, in *História Geral do Brasil* I (4.ª ed.) 364-365; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 506-509.

V. **Edição:** Reimprime-se o texto *(Epp. NN. 50)*.

Textus

1. Crescente in dies Societate in Brasilia, necesse est ut adsit Praepositus Provincialis et ad hoc munus P. Emmanuelem da Nóbrega eligit. — 2. Ludovicus da Grã erit eius collateralis. — 3. Etiam in Collegiis Rector habebit collateralem atque consiliarios. — 4. Nunc professionem faciant Patres Nóbrega et Grã, de aliis postea videbitur.

La summa gracia, etc.

1. Viendo que Dios, nuestro Criador y Señor, en muchas partes de esa India del Brasil va encendiendo aquele santo fuego, que vino a poner en la tierra su Unigénito Hijo y Señor nuestro, y que en muchas partes asimesmo se sirve del flaco ministerio de nuestra mínima Compañía, en manera que, ultra del cuydado que se pone en trabajar cada uno de

1 *In marg.:* Brasil || 2 *In marg. manu P. Polanci:* Para el P.e Nobrega en el Brasil | nuestro *del.* Señor y | y Señor *sup.*

por sí en la viña de Christo N. Señor, es menester que aya, en él, govierno general de todas las casas y collegios y personas que ay debaxo de la obedientia de la Compañía, ha parezido conveniente en el divino acatamiento que uno tubiese cargo de Provincial en esas partes, el qual, aunque tenga communicatión mucha y intelligentia con Portugal, esté todavía immediatamente debaxo del Prepósito General, como lo está el de la India de Goa. Y por la esperientia que se tiene de vuestra persona, y la que vós tenéys de esa tierra, sin otros motivos que en el Señor nuestro parezen bastantes, me he determinado de hazeros Prepósito Provincial: y así os mando en virtud de santa obedientia acetéys el cargo; y ruego a la divina Sapientia se os comunique mucho, y guíe todas vuestras cosas como sean mayor a gloria y servicio suyo [1].

2. Y porque en las Provincias comúnmente se pone un colateral del Prepósito, pareze que debía ser el P.e Luys de Grana [2], y así se lo diréys de mi parte; y el officio del uno para con el otro yrá aquí scritto para maior claridad [3].

3. Tanbién en los collegios, si ubiese multitud de personas de la Compañía, uno de los más confiados podréys

---

1 Antes de ser nomeado oficialmente Provincial, já Nóbrega havia recebido os poderes de Vice-Provincial que lhe tinham sido comunicados pelo Provincial de Portugal, de quem dependia a Missão do Brasil. O P. Geral aprovou essa disposição de regime interno: «Lo que V. R. ordenó en el Brasil, dando sus poderes todos al P. Nóbrega, y relaxándole la obediencia del obispo, todo está bien». Carta do P. Inácio de Loyola a Diego Mirón, 12 de Junho de 1553, *Epp. NN. 50*, f. 67r; MI *Epp.* v 123; LEITE II 456; *Breve Itinerário* 101-102. Nesta mesma carta há ainda uma referência às graças concedidas à Companhia pelo Breve *Sacrae Religionis,* de Júlio III, de 22 de Outubro de 1552: «Las gracias mesmas se pueden conceder a la India y al Brasil, haziendo provincial, y así se hará» (*Epp. NN. 50*, f. 67r; MI *Epp.* v 122).

2 A esta data o P. Luís da Grã, antigo Reitor do Colégio de Coimbra, já ia a caminho do Brasil, onde chegou a 13 de Julho de 1553. LEITE I 561.

3 Não se conservou junto desta minuta o ofício de colateral. Mas dele tratam as *Constituições*, Parte VIII, cap. 1, 3 C, D; e sobre ele, cf. A. COEMANS, *Collateral et Superintendant,* in AHSI 5 (1936) 293-295.

poner por collateral; y aora los rectores tengan collateral, aora no, será bien que les asignéys, según la importantia y dificultad de las obras en que entienden, alguna o algunas ayudas para consejo.

4. Y tomadlas vós tanbién para vós, escogiendo (como usamos por acá) algunos de los más inteligentes y de maior confianza por consejeros [4]; y aunque no os acompañen siempre, alguno os acompañará. Y en las cosas más arduas será bien comuniquéys con ellos de palabra o por scritto lo que queréys ordenar o hazer.

5. Tanbién me ha parezido será servido Dios N. S. de que dos de los que allá estáys hagan professión. Y vós seréys el uno, y el otro será el P.e Luys de Grana [5]; y avisadme para adelante con otras cosas tanbién desta, si os pareze que por allá otro alguno debía de admittirse a professión, presupuesto que, para tener las partes enteras un professo, después de la virtud que a la larga se conoce, es menester tenga letras y, según las Constituciones, se limitan, después de las Artes, 4 años de theologia a lo menos; y en algunos podría la gracia de predicar suplir algo desto de las letras.

La profession, no ubiendo allá ninguno de la Compañía que sea professo, la podréys hazer en manos de algún perlado, como otros muchos lo han hecho.

---

39 ha] he *ms.* || 43 de *sup.*

---

4 Sobre o ofício de consultores, cf. *Constituições,* Parte IX cap. VI, 13 letra I.

5 A 15 de Junho de 1553 ordenara o P. Inácio a Diego Mirón que em Portugal fizesse «hasta cinco e seis professos, y más si os paresciere, en ese Reyno»; e em post-scriptum: «En la India se ordena que también se hagan professos, y en el Brasil dos, Nóbrega y Luys de Gran» (*Hist. Soc. 1a,* f. 218r; MI *Epp.* V 128). Na presente carta se faz a Nóbrega comunicação oficial, directa; mas o facto de Luís da Grã ficar na Baía e Nóbrega residir em São Vicente, fez que a profissão se protelasse até 26 de Abril de 1556 em que a fizeram em São Vicente. LEITE IX 12 letra B; *Diálogo sobre a Conversão do Gentio,* 118; *Cartas de Nobrega* (1955) 201-202.

No diré otro por esta, sino que me encomiendo mucho en las oraciones vuestras y de todos vuestros Hermanos y mios, que allá están; y ruego a Dios, nuestro Criador y Señor, os dé a todos su gracia muy abundante para que siempre seáys instrumentos útiles de su divina Providentia para ayudar a la salvatión vuestra y de vuestros prósimos. Amén.

Da Roma, 9 di Julio 1553.

72

DO P. INÁCIO DE LOYOLA AO P. MANUEL DA NÓBREGA, BRASIL

ROMA 18 DE JULHO DE 1553

I. **Texto:** ARSI, *Epp. NN. 50*, f. 84v. À margem: «Para el Brasil. Al P. Nóbrega, Provincial». Apógrafo espanhol [«Ultimus paragraphus exstat in *Cod. Monac.* II f. 23r, et in eodem codice, f. 182v», MI *Epp.* V 197[1]].

II. **Impressão:** MI *Epp.* V 197-198; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 509-510.

III. **Edição:** Reimprime-se o texto (*Epp. NN. 50*).

Textus

1. Mittitur formula professionis. — 2. Quale debet esse Praepositi Provincialis et Rectorum consilium. — 3. Praeter epistolas in Portugaliam, Praeposito Generali S. I. scribendum.

Pax Christi.

Charísimo Padre en Jesú Christo.

1. Aquí se ynbia la forma de la professión sacada de las Constitutiones [1]. V. R. avise si algunos otros ubiese

---

1 *Constituições,* Parte V, cap. III n. 3. A fórmula da Profissão de Nóbrega confere com o texto das Constituições; e, como primeiro documento histórico existente, do Brasil e da América, nesta matéria, o publicamos em *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 201-202.

que fuese[n] idóneos para ello, y tanbién para los votos de coadjutores spirituales o temporales, id est, sacerdotes o legos.

2. Lo que se dize del consejo, tanto para el Provincial como para los rectores, no se intienda como si la cosa ubiese de andar a votos, sino que el Prepósito oya los parezeres de otros y sus razones, y después ordene él lo que le parezerá; y así el Rector, aunque tenga sobre sí el Provincial, a cuya obedientia en todo ha de ser subjecto, para con los que a él serán súbditos tendrá libertad de proceder, pero después de oyr.

3. Si se deva dar colateral al Rector, o no, allá lo verá V. R.; pero creyse abrá tan poca gente, que no abrá para qué. Si ubiese muchos de los de la Compañía en un collegio, y pareziese que convenía al Rector darle collateral, V. R. le dé la forma, sacándola desta del Provincial.

4. No otro por ésta, sino que V. R. tenga forma de scrivir y hazer que los suyos scrivan a Roma (ultra de lo que querrán scrivir a Portugal), no solamente de cosas de edificación, pero lo demás tanbién, que conviene que sepa el Prepósito General; y las letras de edificación no contengan otros negocios. Vengan de por si.

Plega a la divina y summa Sapiencia de darnos a todos su luz santa para que su santísima voluntad siempre sintamos y enteramente la cumplamos.

De Roma, 18 de Julio 1553.

73

DO P. BRÁS LOURENÇO AOS PADRES E IRMÃOS DE COIMBRA

BAÍA 30 DE JULHO DE 1553

I. **Bibliografia:** LEITE VIII 323 A.

II. **Autores:** POLANCO III 475-477; LEITE I 561.

---

10 Prepósito] Propósito *ms.* || 14 súbditos *corr. ex* subiectos

III. **Texto:** Original português perdido.

1. *Bras. 3-1,* ff. 89v-90r [antes ff. 314v-315r]. Título: «Copia de una del P. Bras Lourenço para los Hermanos de Coimbra de trinta de Julio de 1553 [letra de Polanco:] De la Baía del Salvador». Tradução espanhola.

2. *Bras. 3-1,* ff. 79v-80v [antes ff. 327v-328r]. Título: «Exemplum unius epistolae Blasii Laurentii ad Fratres Conimbricences 3.° Kalendas Augusti anno 1553». Tradução latina pela espanhola.

IV. **Impressão:** Retroversão portuguesa moderna pela espanhola [parcial: §§ 2-6]. LEITE, *Vicente Rodrigues, primeiro Mestre-Escola do Brasil (1528-1600),* in *Brotéria* 52 (1951) 294-295.

V. **Edição:** Publica-se a tradução espanhola (1).

Textus

1. Labores navigationis inter Portugaliam et Brasiliam.—2. P. Ludovicus da Grã praedicator in urbe Bahia. — 3. Fr. Antonius Blázquez magister artis legendi, scribendi et linguae latinae. — 4. P. Blasius Lourenço missam celebrat in loco unam leucam distanti ab urbe Bahia. — 5. P. Ambrosius Pires cum aliquo Fratre adivit Portum Securum, ubi iam non est P. Navarrus, qui comitatus est lusitanos ad interiora terrarum. — 6. P. Vincentius Rodrigues cum alio Patre industriose obtinet ut baptizetur indus captivus antequam ab aliis Indis interficiatur et manducetur.

Pax Christi.

1. Llegamos [1] a esta tierra del Brasil bien dispuestos, loores sea al Señor, y los que allá estavan enfermos vinieron sanos. Tuvimos en el camino, por la bondad de Dios, que dello nos hizo merced, muchos trabayos, así em venir mareados mucho tiempo, no teniendo quien nos hiziesse de comer ny curasse de nós, de manera que los Hermanos enfermos servían a los otros, como en el dormir, que a las

1 É a 3.ª expedição missionária de que era Superior o P. Luís da Grã. Iam mais dois Padres, Ambrósio Pires e o autor da carta. e os quatro Irmãos (por ordem de antiguidade): António Blázquez, João Gonçalves, Gregório Serrão e José de Anchieta. Chegaram a 13 de Julho de 1553; tinham saído de Lisboa a 8 de Maio. LEITE I 561 ; cf. supra, 63 § 2.

vezes era en una noche en sete o ocho partes sobre las tablas, porque para las necessidades de las naos nos hazían los marineros llevantar muchas vezes, como en otras cosas molestas que consigo trae el mar. Mas nuestro Señor nos dió ayuda así interior como exterior para los soffrir, deseando soffrir otros mayores por su amor.

En la nave [2] todos nos amavan mucho, y recebían bien lo que les hablávamos de nuestro Señor. El Padre Luis da Grãa se occupava en predicar y dizía missa los domingo[s] y días sanctos de la manera que se sole dizir en la mar [3]. Yo enseñava la doctrina quada día, donde se ayuntava mucha gente; y quitáronse mucho los juramentos, porque con grande devoción y fervor se accusavan unos a los otros en la doctrina y, dándoles penitencia de rezar algunas orationes, se emmendavan mirablemente, y a las vezes con los notar que avían yurado se hincavan luego de rodillas y rezavan una Avé María. Hiziéronse muchas amistades. El Governador [4] es muy affecionado a la Compañía. Confessóse comigo. Y así nos pasamos el Padre Luís da Grãa y yo a una caravela a confessar mucha gente que allá también se quería confessar, y desta manera, y con conversación particular de cosas de nuestro Señor, se hizo fructo en el camino, loores al Señor. Por no aver enfermos en nuestra nave sino uno no nos occupamos en servir, aunque aquél se sirvió con charidad; ayudávamos a las vezes a los marineros en sus trabayos, de lo que ellos se edificavan mucho.

Tuvimos buen viagen, bendito Dios y en dos meses llegamos a esta tierra, aunque por los vientos ser algunos días contrarios piensamos de ribar a Portugal, mas luego nos

---

22-23 orationes *corr. ex* devotiones || 38 Portugal *corr. ex* Portagal

---

2 Nau Conceição (*Doc. Hist.* XIV [1929] 360).

3 Missa seca. E o mesmo se praticava mais tarde, cf. ZUBILLAGA, *Mon. Antiquae Floridae* 108; EGAÑA, *Mon. Peruana* I 168 358.

4 D. Duarte da Costa, que governou até fins de 1557. LEITE II 146-150.

visitó nuestro Señor con buenos vientos. Truximos tal viage, que dizen muchos ser mylagro venir en este tiempo a la Baya. Truximos algunos días de calmarías, y una sola pequeña tormenta saliendo de la barra de Lixbona, y una tempestad muy fuerte; mas con la gracia de Dios todo passó presto, y así vinimos a esta tierra del Brasil tan deseada de todos nosotros, y fuimos recebidos de los Hermanos [5] con mucha charidad.

2. El Padre Luís da Grãa se occupa aora en predicar y confessar, y los otros Padres también nos occupamos en confessar. Estava esta gente muy deseosa de nuestra venida, ni se quieren confessar con otros sino con nosotros.

3. El Hermano Antonio Blásquez se occupa en enseñar a los nyños a ler y escrevir, y algunos enseña grammática [6]. Enseñales también la doctrina; haze fructo por la bondad de Dios, que por tan diversas maneras nos daa ayudar a sus oveyas.

4. A los domingos voy a dizer missa de aquy cerca de una legua [7], y allá enseño la doctrina christiana a todos así portugueses como los de la tierra, y les hablo por uno que comigo llevo en su lengua cosas de Dios, especialmente del juizio que ellos temen mucho.

5. El Padre Ambrosio Pérez con un Hermano [8] es embiado al Puerto Seguro, porque el Padre Navarro que allí estava es entrado por la tierra [90r] dentro con algu-

---

39 visitó *del.* a || 61 un *corr. ex* uno || 64 esperamos] esparamos *ms.* | ida *corr. ex* vida

---

5 Vicente Rodrigues (Superior), P. Salvador Rodrigues, Ir. Domingos Anes «Pecorella», e vários irmãos «pequenos», um dos quais, o Ir. Pero de Góis, que faleceu estudante em Coimbra, a 2 de Dezembro de 1558. LEITE, *Luís de Góis* 155.

6 Com isto, o Ir. Blázquez (ele escrevia e assinava assim, com z intermédio, LEITE II 464/465) se constitui primeiro mestre de latim na Baía.

7 Vila Velha.

8 O Ir. Gregório Serrão, que pouco depois foi para São Vicente; e ficou a substituí-lo em Porto Seguro o Ir. António Blázquez.

nos portugueses [9], y esperamos todos de su ida grande servicio a nuestro Señor y fructo en aquellas ánimas.

6. El Padre Vicente Rodríguez [10] con otro Padre fueron a un logar de los gentiles adonde hazían grandes fiestas porque querían matar un inimigo suyo y comerlo, al qual trabayaran de hablar para que se hiziesse christiano, como avía días que hazían. Y hallando en él apareyo para recebir el baptismo, llegaron adonde estavan dos mil o más de los gentiles con grandes fiestas, cantares de diversas maneras, y el contrario que avían de matar, a quien ellos avían hablado, estava en un campo cobierto de ramos con mucha solemnidad, adonde no dexavan ir ningún christiano. A lo menos todavía llegaron y supieron estar aún firme en la voluntad de ser christiano. Los gentiles que cerca estavan, entendiendo la cosa, no querían permittir que ellos lo tocassen, porque les parece que tocando los christianos les dañan el comer suyo verdadero, que ellos piensan ser el de los contrarios. Estando así no sabiendo qué hazer por no tener agua para lo baptizar, ny en aquel tiempo la tienen los Indios porque todo es vino, detriminaron de comer algo por tener ocasión de pedir agua, y ansi lo hizieron. Y pediéndola no la quisieron dar, porque los que entendían la cosa tenían dado aviso que no la diessen. Quiso nuestro Señor que passó por allí una moger gentil con una calabaça de agoa, e llamáronla que les

---

9 Devia ir, mas ainda não tinha ido à data desta carta, cf. LEITE II 173-174.

10 Dá-se aqui Vicente Rodrigues já como Padre, e sempre de então em diante. Ainda o não era a 13 de Julho, porque diz Blázquez em carta de 8 de Maio de 1554 § 1, que ao chegar «en nuestra casa no avía otro Padre» senão Salvador Rodrigues (*Varia Historia III*, f. 618r). Deve-se ter ordenado nesta segunda quinzena de Julho. O Padre, que o acompanhou, parece ser Salvador Rodrigues, porque a narrativa supõe tratar-se de dois Padres *linguas* («a quien ellos avían *hablado*)», já com experiência da terra; mas a mesma narrativa não determina o tempo do baptismo do cativo que poderia ter sido meses antes, e Brás Lourenço o contasse como caso edificante, que lhe disseram, e achasse digno de ser conhecido em Portugal.

diesse de beber, y uno dellos, haziendo que bivía, moyó un paño y con aquella agua le baptizó. Sentiéndolo todavía los gentiles, con gran furia empeçaran a dar grandes bozes y las vieyas los irritavan: «¿No véys que os dañan la carne?» Y viniendo con aquella furia contra los Padres, y ellos con gran siguridad les mostraron charydad y amor. Túvolos nuestro Señor que no los mataron quedando espantados de ver los Padres con tan poco temor. Y ansí se vinieron los Padres, y embiaron del camino un niño de los de la tierra que tenían en casa, para aquella noche consolar aquel hombre que otro día por la mañana avían de matar; y esto porque por ser nyño no atentavan por él. Y supieron del niño, que vino al otro día, que él se animó y consoló mucho aquella noche. Bendito Dios que con tales medios quiso salvar aquella ánima. Encomiendome en oraciones de todos los Padres y Hermanos.

Desta Baya de Todos los Sanctos, de 30 de Julio de 1553.

CARTAS PERDIDAS

73a. *Do Governador D. Duarte da Costa ao P. João de Azpilcueta, Porto Seguro* (Baía, segunda quinzena de Julho de 1553). «También me trouxeron una carta del Governador con otra de los Padres, en que me escrevían que quisesse ir con unos hombres que por el Rey van a descubrir terra», diz João de Azpilcueta Navarro, 19 de Setembro de 1553 § 8 (*Bras. 3-1*, f. 101r).

73b. *Do P. Luis da Grã[?] ao P. João de Azpilcueta, Porto Seguro* (Baía, mesmo tempo). Ver referência precedente, à carta «dos Padres». A licença para ir um Padre na expedição já tinha sido concedida pelo P. Nóbrega (cf. carta de 13 de Setembro de 1551 § 11). Mas, agora, a carta deveria ser de quem na Baía tinha então autoridade sobre os Padres desse distrito, que era o P. Luís da Grã.

73c. *Do Ir. Antônio Blázquez aos Irmãos de Coimbra* (Baía, fins de Julho-começos de Agosto de 1553). «El año pasado les escreví de nuestra llegada y cómo quedávamos de paz y salud. Lo que después sucedió fué qu'el Padre Salvador Rodríguez dio el ánima a nuestro Senhor», diz Blázquez a 8 de Maio de 1554. Ora o P. Salvador faleceu a 15 de Agosto de 1553. A carta, portanto, foi escrita antes de 15 de Agosto, e depois de 13 de Julho, dia em que chegou ao Brasil.

74

DO P. JUAN DE POLANCO POR COMISSÃO DO P. INÁCIO DE LOYOLA AO P. MANUEL DA NÓBREGA, BRASIL

ROMA 13 DE AGOSTO DE 1553

I. **Bibliografia**: STREIT II 338 n. 1232.

II. **Texto**: ARSI, *Epp. NN. 50*, ff. 84v-85r. À margem, no começo: «Para el P. Nóbrega»; no fim: «La mesma copia del P Nóbrega se enbía para el P. Maestro Gaspar». Apógrafo espanhol [registo].

III. **Impressão**: MI *Epp.* V 329-331; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 511-512.

IV. **Edição**: Reimprime-se o texto *(Epp. NN. 50)*.

Textus

1. De ratione scribendi Romam. — 2. Quid in epistolis quae externis ostendi possunt. — 3. Res quae ad aedificationem non iuvant separatim scribantur.

Pax Christi.

Charísimo Padre en Jesú Christo.

1. Hasta aquí tiénense informaciones muy imperfectas de las cosas de allá, parte porque se dexa a los que están en cada parte el cuydado de scrivir, y así unos lo hazen y otros no, que son los más, parte porque aún los que escriven dan información de algunas cosas, y déxanse otras que convendría se supiessen. Así que, para remediar esto, nuestro Padre M. Ignatio ordena a V. R., y a quien qu[i]era que tubiere cargo principal en ese collegio y los otros de la India, como Provincial o substituto del Provincial, que él tome cargo de ynbiar las letras de todos, y les haga scrivir [1]

1 À data desta carta, Nóbrega já tinha sido nomeado Provincial, e ela chegou às suas mãos, antes da redacção final da Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554. Nóbrega mandou que escrevesse a Qua-

algunos meses antes, porque no se falte. Y quanto a las cosas de que han de scrivir diré aquí los puntos.

2. En las letras mostrables se dirá en quántas partes ay residentia de los de la Compañía, quántos ay en cada una, y en qué entienden, tocando lo que haze a edificatión; asimesmo cómo andan vestidos, de qué es su comer y beber, y las camas en que duermen, y qué costa haze cada uno dellos. También, quanto a la región dónde está, en qué clima, a quántos grados, qué venzindad tiene la tierra, cómo andan vestidos, qué cómen, etc.; qué casas tienen, y quántas, según se dize, y qué costumbres; quántos christianos puede [85r] aver, quántos gentiles o moros; y finalmente, como a otros por curiosidad se scriven muy particulares informaciones, así se scrivan a nuestro Padre, porque mejor sepa cómo se ha de proveer; y tanbién satisfazerse ha a muchos señores principales, devotos, que querían se scriviesse algo de lo que he dicho.

3. Y si ubiesse alguna cosa que no diesse aquella edificación, siendo scritta en modo que se entendiese bien, no se dexe de scrivir, pero en letras de aparte. Finalmente nuestro Padre, como querría no faltar en proveer de lo que conviene, así no querría que se faltasse de allá en informarle por menudo de lo que importa se sepa.

De otras cosas se scrive por otras. Sea Jesú Christo en nuestras ánimas.

De Roma, 13 de Agosto 1553 [2].

---

34 no *del.* quiere || 35-38 por menudo — 1553 *in marg.*

---

drimestre o Ir. Anchieta, o qual alude a esta carta de Roma no § 1 («ha pouco recebida» ou, no latim colectivo das cartas impessoais ou gerais, «accepimus»); e procurou conformar-se já, nas minúcias dela, com as normas estabelecidas na presente carta.

2 Lê-se à margem, no fim, que a mesma cópia do P. Nóbrega se envia para o P. Mestre Gaspar. Trata-se de Gaspar Barzeu [Berze], Mestre em Artes por Lovaina e então Vice-Provincial da Índia. Natural de Goes (Zuid Beveland, Zeeland), onde nasceu em 1515. Depois dos estudos, militou no exército de Carlos V (1536), foi ermitão em Montserrat, serviu em Lisboa a Sebastião de Morais, «recebedor dos dinheiros do Reino»; entrou na Companhia em Coimbra (1546), foi para

75

DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. LUÍS GONÇALVES DA CÂMARA, LISBOA

DO SERTÃO DE S. VICENTE, ÚLTIMO DE AGOSTO DE 1553

I. **Bibliografia**: LEITE IX 8 n. 18.

II. **Autores**: POLANCO III 472-473; LEITE I 270-271; II 380-381; *Breve Itinerário* 97; PEDRO CALMON, *História do Brasil* I (São Paulo 1939) 247; MARIZ 126; STEFAN ZWEIG, *Brasil País do Futuro* (Rio de Janeiro 1941) 50; AFRÂNIO PEIXOTO, *História do Brasil* (São Paulo 1944) 137; TITO LÍVIO FERREIRA, *Gênese Social da Gente Bandeirante* 88-90; HÉLIO VIANNA, *História do Brasil Colonial* (São Paulo 1945) 53; ARROYO, *Igrejas de São Paulo* 93; NEMÉSIO 330-334; ELAINE SANCEAU, *Capitães do Brasil* 280.

III. **Texto**: ARSI, *Bras. 3-1*, ff. 99r-99v [antes 333r-333v]. Sem título. Tradução espanhola do original portugues perdido, feita e mandada pelo P. Mirón para Roma com a sua carta de 17 de Setembro de 1554 (*Epp. NN. 69-1*, ff. 365r-366r).

IV. **Impressão**: LEITE, *Revelações sobre a Fundação de São Paulo*, in *Revista do Arquivo Municipal* II (São Paulo 1934) 44-46, com a reprodução da fotocópia [*Bras. 3-1*], p. 99-100. [Publicou-se no mesmo ano em diversos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo]; *Revista da Academia Brasileira de Letras* 160 (Rio de Janeiro 1934) 452-463; *Páginas de História do Brasil* 92-94; C. SALGADO, *De João Ramalho a 9 de Julho* (São Paulo 1934) 129-131; J. F. DE ALMEIDA PRADO, *Primeiros Povoadores do Brasil 1500-1530* (São Paulo 1935) 98; LEITE, *Novas Cartas Jesuíticas — de Nóbrega a Vieira* (São Paulo 1940) 51-54; T. O. MARCONDES DE SOUZA, *O Descobrimento do Brasil* (São Paulo 1946) 364-366; AFFONSO DE E. TAUNAY, *João Ramalho e Santo André da Borda do Campo* (São Paulo 1953) 123-125; LEITE, *Cartas de Nóbrega* (Coimbra 1955) 480-482.

V. **História da Impressão**: LEITE e os que se lhe seguem até 1955 imprimem a retroversão portuguesa moderna, mas a *Revista* (1934) inclui a reprodução fotográfica do documento; *Cartas de Nóbrega* (1955), além da retroversão, imprime o texto (*Bras. 3-1*).

VI. **Edição**: Reimprime-se *Bras. 3-1*, texto único.

---

a Índia em 1548, trabalhou em Ormuz (1549-1552), donde Xavier o chamou para o deixar em Goa com o cargo de Vice-Provincial. Faleceu na mesma cidade em 1553. SCHURHAMMER-WICKI, *Epp. Xav.* II 36.

Textus

1. Scribit ex interiore terrarum Praefecturae S. Vincentii. — 2. In pago noviter efformato 50 catechumenos Nóbrega recepit die festo Decollationis S. Ioannis. — 3. Nunc longius procedit, quo Petrus Correia iam adierat. — 4. In agro vivit consanguineus Patris Paiva, Ioannes Ramalho, qui nuptiale sacrum conficere vult cum muliere inda: eorum filium maiorem natu Nóbrega secum fert ad auctoritatem conferendam ministeriis Societatis Iesu. — 5. Quaerat P. Ludovicus Gonçalves da Câmara utrum adhuc vivat uxor Ioannis Ramalho quam reliquit in Portugalia abhinc quadraginta annis vel amplius. — 6. Petit dispensationes Sanctae Sedis ad matrimonia celebranda et, si fieri potest, pro omnibus impedimentis iuris positivi. — 7. Pro expensis dispensationum, si quae fuerint, Ioannes Ramalho saccharum solvet. — 8 Commercium litterarum cum Portugalia, unde facilius quam ab urbe Bahia nuntia perveniunt S. Vincentium.

+

Jesús

Pax Christi.

1. Esta escrivo a V. R. estando en el sertán desta Capitanía de San Vicente onde quedé este año veniendo en la armada. El fructo que en esta tierra se haze por las cartas de los Hermanos (los quales están en San Vicente) lo sabrán, porque scrivirán de más cerca.

2. Haier [1], que fué fiesta de la degollación de San Joán, veniendo a estar en una Aldea [2] donde se aiuntan nueva-

---

8 degollacion *corr. ex* degllación

---

1 Ontem, seria 30 de Agosto, mas a festa da degolação ou martírio de S. João Baptista é a 29 de Agosto; donde se segue que Nóbrega começou a escrever a carta no dia 30 e concluiu-a a 31 de Agosto, se é que não se trata de distracção do tradutor espanhol ou copista, escrevendo «último» em vez de 30. Nóbrega deve-a ter mandado logo para São Vicente, e não achou navio, e só foi para Portugal, via Porto Seguro, um ano depois. Diego Mirón comunica de Lisboa para Roma, a 17 de Setembro de 1554: «Del P.e Nóbrega sólo recebí una carta que avía un año que era hecha, cuya copia también va con ésta» (*Epp. NN. 69-1*, f. 365r).

2 Aldeia de Piratininga (LEITE, *Breve Itinerário* 96-98).

mente y apartan los que se convierten, adonde tengo puestos dos [3] Hermanos para doctrina dellos, hyze solennemente algunos 50 catecúminos [4] de los quales tengo una buena sperança que serán buenos chrystianos y que merecerán el batismo; será monstrada por obras la fe que toman ahora.

3. Yo voime adelante [5] a buscar algunos escogidos que N. Señor tendrá entre estos gentiles. Allá andaré hasta tener nuevas de la Baia de los Padres que creo que serán venidos. Pedro Corea fué ya adelante a denunciar penitencia en remissión de sus peccados. Llevo todos los modos

---

3 Não há documento nenhum coevo que dê os nomes deste dois Irmãos, que Nóbrega deixou em Piratininga, enquanto foi «adiante» até Maniçoba. Sobre os que poderiam ser, no terreno conjectural, atendendo às circunstâncias pessoais dos súbditos de Nóbrega, P. Manuel de Paiva e Manuel de Chaves, cf. LEITE, *Nóbrega e a sua herança em São Paulo de Piratininga*, in *Brotéria* 58 (1954) 7. Mas trata-se de conjecturas, e T. L. FERREIRA prefere Manuel de Paiva e António Rodrigues (*Padre Manuel da Nóbrega Fundador de São Paulo de Piratininga*, Revista «Padrão» 35 [Rio de Janeiro 1954] 9).

4 Inauguração solene e oficial da catequese na nova Aldeia de Índios, que se fundava para a vida cristã: «Povoação nova chamada Piratininga que os Índios faziam por ordem do mesmo Padre [Manuel da Nóbrega] para recebem a Fé» (*Cartas de Anchieta* 316). Cf. LEITE, *Cartas de Nóbrega* 181-182; CAPISTRANO DE ABREU, *Prolegómenos* (1918) 143; *Correspondência* II 393-394; MOZART MONTEIRO, *Questões relativas à fundação de São Paulo* 372; DOMINGOS MAURÍCIO, *Balanço cultural dos Jesuitas no Brasil 1549-1760*, in *Brasilia* 9 (1955) 281. Este número de *Brasilia*, revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, «comemorativo do 4.º Centenário da Fundação de São Paulo e do 3.º Centenário da Restauração de Pernambuco», contém, referido àquela fundação, o trabalho de Luís de Pina, *Padre Manuel da Nóbrega, fundador de São Paulo, na história naturalística do Brasil (1-41)*; e, ainda com referências ao mesmo fundador, os discursos da Sala dos Capelos, proferidos pelos Professores e Reitor da mesma Universidade, A. J. DA COSTA PIMPÃO (351-355), M. LOPES DE ALMEIDA (355-362), DAMIÃO PERES (362-367) e MAXIMINO CORREIA (367-369).

5 Pelo Rio Anhembi ou Tietê, até Maniçoba ou Japiuba; e um dos que o acompanharam foi o Ir. António Rodrigues, segundo o relato de VASCONCELOS, *Chronica*, livro I § 130; cf. *ib.* liv. III §§ 126-127. Mas sobre este relato, cf. LEITE, *Nóbrega e a fundação de São Paulo* 45-47

con que más nos parece que ganaremos las voluntades de los gentiles. Los moços principalmente viénense para nosotros de todas las partes.

4. En este campo está un Joán Ramallo el más antiguo hombre que hay en esta tierra. Tiene muchos hyjos y muy aparentados en todo este sertán, y el maior dellos [6] llevo yo hahora comigo al sertán por más autorizar nuestro ministerio, porque es mui conocido y venerado entre los gentiles, y tiene hijas [7] casadas con los principales hombres desta Capitanía, y todos estos hyjos y hyjas son de una india [8] hija de los maiores y más principales desta tierra [9], de manera que en él y en ella y en sus hijos speramos tener un grande medio para conversión destos gentiles. Este hombre para más aiuda és parente del Padre Paiva [10] y acá se conocieron.

5. Quando vino de la tierra, que avrá 40 años y más, dexó su muger allá viva y nunqua más supo della, mas que le parece que deve ser muerta, pues ha tantos años. Desea mucho casarse com la madre destos sus hyjos. Ya allá se escrevió y nunqua vino respuesta deste su negocio,

---

20 las *corr. ex* as || 23 el *corr. ex* lo || 25 *prius* certán || 26 comigo *del.* p | *prius* certán || 27 *prius* conecido y venerando || 29 son *del.* principales || 32 *prius* converción || 33 *prius* conecieron || 36 años *corr. ex* añnos

---

6 O filho mais velho de João Ramalho chamava-se André (T. L. FERREIRA, *Gênese* 63; A. DE MOURA, *Os Povoadores do Campo de Piratininga* [São Paulo 1952] 155).

7 Os genealogistas falam, entre outras, de Joana Ramalho, casada com Jorge Ferreira, Capitão-mor da Capitania de São Vicente (1556--1557; 1567-1569); Catarina Ramalho, casada com Bartolomeu Camacho; Beatriz Ramalho, casada com Lopo Dias, todas com numerosa e ilustre descendência. Cf. T. L. FERREIRA, *Gênese* 63 233-250; A. DE E. TAUNAY, *Ascendencia paulista e vicentina de Francisco José Teixeira Leite e Anna Alexandrina Teixeira Leite Barão e Baronesa de Vassouras* (Uma folha) São Paulo 1932; *História das Bandeiras Paulistas* II (São Paulo 1951) 275.

8 De nome indígena Bartira ou Mbci, baptizada com o nome de Isabel Dias (TAUNAY, *Ascendencia*).

9 Martim Afonso Tibiriçá (TAUNAY, *ib.*; mas cf. *Nóbrega e a fundação de São Paulo* 77).

10 P. Manuel de Paiva.

y portanto es necessario que V. R. luego embíe a Bouzela [11], tierra del Padre Maestre Simón [12], y de parte de N. Señor lo requiero, porque si este hombre estuviere en estado de gracia [13] hará N. S. por él mucho en esta tierra, pues estando en el peccado mortal, por su causa la sustentó hasta hahora. Y pues esto es cosa de tanta importancia, mande V. R. luego saber la cierta información de todo lo que tengo dicho.

6. En esta tierra ay muchos hombres los quales están amancebados y desean casarse con ellas, y será grande servicio de N. Señor. Ya tengo scrito que nos ayan del Papa poder para dispensar nosotros en todos estos casos con los hombres que en estas partes de infieles andan, porque unos duermen con dos hermanas y desean después que tienen hijos de una casar con ella y no pueden, otros tienen otros impidimientos de affinidad y consanginidad y para todo, y por remedio de muchos, se devría esto luego de impetrar, para sosiego y quietación de muchas [99v] consciencias. Y lo que tenemos para los gentiles se devría también tener y aver para los chrystianos destas partes, y a lo menos hasta que del Papa se haya general indulto [14].

45 *prius* enformación | tengo *corr. ex* tiengo || 55 sosiego *corr. ex* sociego

11 Vouzela, Vila, Concelho e Freguesia de N.ª S.ª da Assunção, comarca de S. Pedro do Sul, Distrito e Diocese de Viseu, Relação de Coimbra, Província da Beira Alta. Vouzela é coeva da fundação da monarquia portuguesa e pátria de S. Frei Gil e de outros homens ilustres, entre os quais o P. Mestre Simão Rodrigues, de que dá notícia A. COSTA, *Diccionario Chorographico de Portugal* XII (Porto 1949) 859-864. A essa lista de notáveis se deve acrescentar o nome de João Ramalho. CARVALHO FRANCO, *Dicionário* (1954) 323, levanta a dúvida se não será outra Vouzela, do termo de Coimbra, como se exprime Tomé de Sousa. A dúvida foi eliminada já por Nóbrega ao escrever que João Ramalho era de «Vouzela, terra do P. Mestre Simão», a qual ainda hoje está incluida no termo ou área da Relação de Coimbra.

12 P. Mestre Simão Rodrigues.

13 «Em estado de graça», isto é, em estado de matrimónio cristão, que Nóbrega se esforçava por legitimar.

14 Já a 24 de Fevereiro de 1554 se comunicava de Roma para Lisboa que o Papa concedera dispensa até o 3.º e 4.º grau de consanguini-

Si el Nuncio tuviere poder, ayan dél dispensación particular para este mismo Joán Ramallo poder casar con esta india, no obstante que oviese conocido otra su hermana y qualesquier otras parientas della; y asi para otros dos o tres mestizos que quieren casar con indias de que tienen hijos no obstante qualquier affinidad que entre ellos aya.

7. En esto se hará grande servicio a N. Señor; y si esto custare alguna cosa, él [15] lo embiará de acá en açúquar [16]. Aya allá algun virtuoso que le empreste. Por quanto me allé en estas necessidades, y con grande deseo de ver tantas almas remediadas, escrivo esto a V. R. para en la primera embarcación mandar respuesta a esta Capitanía de San Vicente [17].

---

65 si *corr. ex* se || 69 ver *corr. ex* aver

---

dade e afinidade para os novamente convertidos (MI *Epp.* VI [1907] 371; WICKI, DI 3 [1954] 65). E na carta de 17 de Setembro de 1554, a S. Inácio, o Provincial de Portugal urge de Roma o despacho ao pedido de Nóbrega que era mais amplo: «Las dispensationes o *indulto general*, que pide el P.e Nóbrega en su carta acerca de consanguinidades e affinidades, que en aquella tierra ay, que impiden el matrimonio, V. P. las encomiende al P.e Polanco que se ayan, o se despachen si están avidas, porque, como V. P. verá en la carta, dize que tienen allá mucha necessidad dellas» (*Epp NN. 69-1*, f. 365v). Cf. Carta de Nóbrega de 25 de Março de 1555 § 12. LEITE, *Cartas de Nóbrega* (1955) 199.

15 João Ramalho.

16 O açúcar (ou ferramenta de ferro) era a moeda do Brasil, em vez de dinheiro, que se não usava na Capitania de São Vicente, diz Luís da Grã na carta de 8 de Junho de 1556, que publicámos em apêndice ao *Diálogo sobre a Conversão do Gentio* 114. O primeiro Engenho de Açúcar nesta Capitania, foi o da «Madre de Deus», instalado em 1532 por Pero de Góis e seu irmão Luís de Góis. Cf. B. DE MAGALHÃES. *O Açúcar nos primórdios do Brasil Colonial* 121-127; LEITE, *Luís de Góis, Senhor de Engenho no Brasil, introdutor do tabaco em Portugal, Jesuíta na Índia*, in *Brotéria* 61 (1955) 152.

17 Não se conhece o resultado deste inquérito que deve ter sido positivo, a saber, que ainda vivia em Portugal a mulher de João Ramalho. Mas o famoso e velho português faleceu pouco depois de 1580, com as coisas da sua vida moral e cristã postas em regra. Cf. LEITE II 382-383; TAUNAY, *João Ramalho e Santo André da Borda do Campo* 126-127.

8. Lo demás scriviré para la yda de los navíos si me hallare en parte para ello, y si no los Padres y Hermanos suplirán. A una carta, que en este San Vicente recebí, tengo ya respondido. Las que vinieron por vía de la Baya no tengo aún visto, y más fácil est venir de Lisbona recado a esta Capitanía que no de la Baya. Vale, Pater.

Deste sertán adentro, el postrero de Agosto de 1553 años.

Hyjo inútil de V. R.

+
+ Nóbrega + [18]
+

72 Lo *corr.* Los || 78 el *corr. ex* del

18 Estas quatro cruzes, que iluminam o nome do fundador, não são dele, pois não se trata de autógrafo; mas assim está no *ms.* quinhentista.

ÍNDICE ALFABÉTICO E REMISSIVO

ONOMÁSTICO, GEOGRÁFICO E IDEOGRÁFICO

(Jesuítas com asterisco)

Aarão: Patriarca. 161 162 314.

Abraão: Patriarca. 167 332.

Abrolhos: 428.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: 35* 76.

AÇO: Nóbrega pede-o para o Ir. ferreiro 503.

Açores: 471.

AÇÚCAR: — Ver AGRICULTURA; ver ENGENHOS.

Adão: Patriarca. 331 334.

Adorno, Paulo Dias: Morador da Baía. 359.

ADORNOS: — Ver ÍNDIOS.

Afonso V (D.): Rei de Portugal. 32.

Afrânio Peixoto: — Ver Peixoto.

África: 33 52 55 70 95 96 110 141 189 190 192 193 218 223 224 326 333 450 488.

Agostinho: Santo e doutor da Igreja. 335.

AGOSTINHOS: — Ver ORDENS RELIGIOSAS.

AGRICULTURA: Lavoura indígena 12, os Índios precisam da ferramenta dos brancos 445, contribuição missionária disciplinada 12, Nóbrega pede sementes 119, frutas e plantas da terra e de Portugal 135 148 221, açúcar 427 456 522 526 (moeda), algodão 126 127 135 228 293 352, arroz 457, canaviais 135, cidras 148 246 500, figos 148, laranjas e limões 148 246 389, mandioca 116 117 (lenda) 148 (roças 445-446), milho 148 319, oferta de milho 325, vinhos de milho que embriagam 227 228, palmitos 221 245, pimenta 387 397, tabaco (qualidades terapêuticas) 156 169, uvas 148 246 (ver VINHOS). — Ver ENGENHOS; ver FAZENDAS.

Águeda: 249.

Aguiar, Amador de: Homem de armas. 197 199.

Aguiar, Cristóvão de: Almoxarife. 176 197 249 265 266.

Aguiar, Jorge de: 197 199.

Aguiar, Marquês de: 68.

Aguilar, Marqués de: 100.

Ajuda (Porto Seguro): — Ver IGREJAS.

Alberto V: Duque de Baviera. 217.

Albuquerque, D. Brites de: Capitoa. Virtuosa 261 288 291.

Alcácer do Sal: 33 107.

Alcalá: 21 61 68 69 132.

Alcântara Machado, A. de: Escritor. 33* 35*.

Aldeia dos Amendoins: 195.

— *do Ferreiro:* 195 197.

— *do Grilo:* Adoração da Cruz 382-383; 376 381 387.

— *de Maniçoba:* 462.
— *do Monte Calvário:* 125 141 268 280 307-309 346.
— *de Perutbe:* 462.
— *de Piratininga:* Fundação, três povoações que se querem juntar numa 490 496 504, Aldeia nova por ordem de Nóbrega 522, que nela faz 50 catecúmenos a 29 de Agosto de 1553 522-523; 9 36 242 522. — Ver *São Paulo de Piratininga.*
— *do Porta Grande:* 195 197 304.
— *de Reritiba:* 43.
— *de Santa Cruz (Itaparica):* 258.
— *de S. Francisco (Pernambuco):* 319.
— *de S. Pedro (Baía):* 46.
— *de S. Tomé de Paripe:* 376 388 410 412.
— *do Simão:* 268.
— *de Tapiiranema:* 462.
— *do Tramiarana:* 197.
ALDEIAS: O aldeamento dos Índios ordenado no Regimento do Governador 6-7, necessidade das Aldeias de fixação 12, começa a visita das Aldeias gentias (1549) 139 183, três ou quatro 316-317, seis ou sete 309, peregrinam por elas os Padres e meninos 376, com a cruz sempre levantada 378 386, reverência à cruz 321 382-383, prega-se o nome de Jesus 133, os meninos cantam, tocam e dançam e depois ensinam a doutrina cristã 386, na língua brasílica 350 368, fazem-se ermidas 180 184 309-311 364 416, mas os Índios mudam as Aldeias com frequência 178 181, o que dificulta a perseverança 230, é preciso que os Padres vivam com eles 452, Nóbrega dava posse aos missionários que se encarregavam das Aldeias 280, António Rodrigues, apóstolo das Aldeias 46; Aldeias da Baía 112 117 133 140 141 156 183 258 259 277 280 282 283 305-307 320 379 382 397 398 414, do Campo de Piratininga 208 490, do Espírito Santo 54 55 428, do Paraguai 339, de Pernambuco 262 286 288 319 320 325, de Porto Seguro 136 260 277-279, de S. Vicente 341.—Ver CONVERSÃO DO GENTIO; ver ÍNDIOS.
Alemanha: facas 444, 22 56 59 217.
ALGODÃO: — Ver AGRICULTURA.
ALIMENTAÇÃO: 148. — Ver SUSTENTAÇÃO (MEIOS DE).
ALMA: Sobrevivência: ver ÍNDIOS.
Almeida, Fortunato de: Escritor. 33* 96 101 162 294 485 489.
* Almeida, Luís de: Mis. do Japão. 59.
Almeida Prado, J. F. de: Escritor. 35* 521.
Almeirim: 5 211-213 215 326 350.
Alvarenga, Oneyda: Escrit. 33* 152.
Álvares, Ana: Mamaluca. 369.
Álvares, Apolónia: Mamaluca. 369.
Álvares, Catarina: Caramurua. 369
Álvares, Diogo: — Ver Caramuru.
Álvares, Diogo: Morador no Espírito Santo. 300.
Álvares, Filipa: Mamaluca. 369.
Álvares, Genebra: Mamaluca. 369.
Álvares, Gonçalo: Intérpretre. 203 204 241.
Álvares, Grácia: Mamaluca: 369.
Álvares, João: Impressor. 70 378.
Álvares, Luís: Bolseiro. 92.
Álvares, Madalena: Mamaluca. 369.
* Álvares, Manuel: Pintor. 63.
Álvares, Simão: Pai do P. Leonardo Nunes. 37.
* Amador, Sebastião: Mis. do Peru 63.

Amann, É.: Escritor. 36*.
Amaral, António do: Tabelião. 462.
AMAZONAS (LENDA DAS): 493 504 505.
Amazonas: 19 475 479.
Ambasse: 189.
América: Esquecida de Deus tantos mil anos 333, o Brasil 1.ª missão S. I. 9 480, Nóbrega 1.º Provincial 508; 10 19 20 22 23 35 45 126 138 384 488 512.
América Espanhola: 188.
América Portuguesa: —Ver *Brasil.*
América do Norte: 177.
América do Sul: 14 46, caminhos de António Rodrigues, 472-480.
AMERICANISTAS: 469.
AMIZADES: Entre desavindos: ver MINISTÉRIOS.
Amoroso Lima, Alceu: Escritor. 33* 51.
Anadia: 41.
«Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro»: 33*.
Anchieta, José de: Escritor. 33 35* 40*, chegada ao Brasil 466 514; 47 51 55 67 76 390 425 523.
Andaluzia: 22.
Andrade, Branca de: Filha de Campo Tourinho. 312.
*Anes, Domingos: — Ver Pecorella.
Angelis, Pedro de: Escritor. 43* 473 493.
Ango, João: Armador e pirata. 90 91.
Angola: 56 67 189.
Angoulême, Helies Alesgle de: 90.
Angra dos Reis: 426 430.
ANIMISMO: 17. — Ver INDIOS.
ANJO CUSTÓDIO DE PORTUGAL: — Ver CULTO.
ANO SANTO (1550): — Ver JUBILEU.
Anselmo, António Joaquim: Escritor. 33* 130 378.
António (D.): Prior do Crato: 467.
António de Lisboa: Santo e doutor da Igreja. 388.
ANTROPOFAGIA: 16, ritual 224, descrita por Nóbrega 136-137, por Pero Correia 227-229, gentio muito inclinado a comer carne humana 279, «grandes comedores de homens» 478, «pés, mãos e cabeças de homem» 282, os índios pedem carne humana à hora da morte: é a sua consolação 182-183 307-308, costume dos antepassados: as velhas dançando à roda das panelas 182-183, comem os filhos dos cativos ainda que sejam irmãos netos e filhos (e às vezes as próprias mães os comem) 136, contra a natureza 282, «a cada 20, 30, 40 léguas se comem» 227, não se comem «senão por vingança» 279 307, cativo que preferiu ser comido a ser resgatado 279, índios já baptizados que voltaram a comer carne humana 274-275, o caso do «religioso sacerdote» 164, os Padres da Companhia condenam e combatem o costume de comer carne humana 156, cena violenta do Monte Calvário 307-310, Nóbrega consegue que um cativo não seja morto e comido e se lhe entregue vivo 310, um menino brasil, educado pelos Padres, diz à mãe que não coma carne humana 416; 12 111 133 137 140 152 160 179 251 257 259 267 277 303 316 380 472-473 477 493 505 517-518.
ANTROPOLOGIA: Índios da América, 10.
Anvers (Antuérpia): 33 441.
Anzures, Pedro de: 478.
Aquaviva, Cláudio: Geral S. I. 32.
Aquino, Tomás de: Santo. 160.

* Aragão, João de: — Ver Bosch, João.
Aratu: 381.
Araújo, João de: Tesoureiro. 367.
ARCHIVO DE ÍNDIAS: 451.
«Archivum Historicum S. I.»: 33*.
ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU [ARSI]: — Ver *Roma.*
Argentina: 11.
Arinos de Melo Franco, Afonso: — Ver Melo Franco.
ARMAS: 233-234 444-445.
Armenta, Bernardo de [O. F. M.]: 149 481.
ARQUITECTURA: — Ver ARTES E OFÍCIOS; ver IGREJAS.
ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO: 5.
ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO: 61 65. — Ver *Lisboa.*
Arroyo, Leonardo: Escritor. 33* 521.
ARROZ: — Ver AGRICULTURA.
ARTES E OFÍCIOS: A terra não oferece facilidade para contratar oficiais mecânicos 119, devem vir de Portugal e trazer mulher e filhos 126-127 264 345, Nóbrega pede também órfãos oficiais mecânicos 503, e tecelões 127; os baluartes da Baía 181, um pedreiro desterrado trabalha no Colégio 271, Nóbrega manda ensinar os moços da terra a ferreiros e tecelões 503, tenda de ferreiro 421, ofícios manuais dos Padres 251, Vicente Rodrigues agricultor e tecelão 40, Diogo Jácome torneiro 41, Manuel de Paiva carpinteiro e taipas 311, António Pires carpinteiro e mestre de obras 38-39, Afonso Brás carpinteiro e construtor 41, retábulo de Nossa Senhora 174, arte indígena (ver ÍNDIOS).
ÁRVORES: — Ver AGRICULTURA.
Ásia: 333 488.
Assis: 363.
ASSISTÊNCIA: A doentes, presos e condenados: ver MINISTÉRIOS.
ASSISTÊNCIA PORTUGUESA S. I.: — Ver COMPANHIA DE JESUS.
* Astrain, Antonio: Escritor. 33*, informação errónea 491.
Asunción: Fundação 474-475, na demarcação de Portugal 485, no Brasil 495; 46 336 470 479.
Ataíde, D. António de: Embaixador. 92.
Atlântico (Oceano): 10 19.
Aurignac, Bernardo de: Vigário. 164.
Aveiro: 249.
Aveiro, Duque de: 164.
Avelãs de Cima: 41.
«Avisi Particolari delle Indie di Portugallo»: 33*.
Ayolas, Juan de: Capitão. 471 473 475.
Ayrosa, Plínio: Escritor. 33* 44* 137 241.
Azevedo, Fernando de: Escritor. 33*.
* Azevedo, Inácio de (B.): Mártir do Brasil. Protege o Donatário Vasco Fernandes Coutinho 299; 39 56 57 63.
* Azevedo, João de: Mis. do Brasil. 63.
Azevedo, Pedro de: Escritor. 34* 42* 50 52 483.
Azevedo Marques, Manuel Eufrásio de: Escritor. 34* 206 237.
Azpilcueta, Juanes de: Pai do P. João de A. 38.
* Azpilcueta Navarro, João de: Mis. dos Índios. Vida 38, ensina a ler e as orações 157, aprende a língua brasílica 133 159, em que prega e confessa 180 250-253 280 281, traslados 378, visita as

Aldeias 183, Nóbrega dá-lhe posse de uma Aldeia a seu cargo 280, prega o jubileu do Ano Santo em Porto Seguro 393, outros ministérios 426-427, vai na expedição do oiro por Nóbrega o ter prometido 294, falecimento 212; 7 20 55 70 109 110 112 114 118 125 127 129 139 140 156-158 160 169 177 184 187 254 255 268 276 277 282 283 305 316 391 486 487 514 516 518.
Azpilcueta Navarro, Martín de: Doutor. 34*, confere a Nóbrega em Coimbra os graus académicos 134; 19 38 67 132 133 141 361 368 369 407 411 487 502.

Baía: Chegada de Nóbrega 109--110, fundação sítio e clima 52 109 133 135 147-148, primeiras construções 39 258, casas de taipa 311, poço da cidade 181, hospital 185, baluartes 181, muro da cidade 125 309, cidade forte 444, boa fortaleza 446, cenas de antropofagia 282, Terreiro de Jesus 399, Água dos Meninos 194-200, fervor e trabalho pessoal dos moradores em fazer a nova igreja da Companhia 399, reforma dos moradores em bons costumes 394, encomendação das almas 131, todos os que puderam ganharam o jubileu do Ano Santo 394, erecção da diocese do Salvador 50; 4 8 11 13 14 16 18 35 36 41-43 54 68 108 110 113 114 121 138 145 156 157 161 162 169 177 184 195-200 220 246 252 255 259-261 276 296 297 299 301 310 314 328 343 348 351 353 366 367 375 390 394 400 403 409 426 442 467 481 494 496 497 513 514 516 518 523 527. — Ver COLÉGIO DA BAÍA; Ver IGREJA DA BAÍA.
Baía de Todos os Santos: 110 135 187 280 444.
Baião, António: Escritor. 34* 49 90.
Baldus, Herbert: Escritor. 34* 12 154.
Ballesteros y Beretta, Antonio: Escritor 34*.
Bansa: 189.
Baptista Caetano de Almeida Nogueira: Escritor. 34* 35* 140.
BAPTISTÉRIOS: 130.
Barata Feyo: Escultor. 2*/3*.
BARBAS: — Ver ÍNDIOS.
Barbosa, Gaspar: Pretendente à Companhia. 296 312 359 360 382.
Barbosa, Manoel: Escritor. 34* 50.
Barbosa Machado, Diogo: Escritor. 34* 32 48 93 94 96 108 115 118 132 155 200 223 238 250 266 267 283 305 321 390 409.
Barcelona: 21 25.
* Barreira, Baltasar: Mis. de África. 67.
Barreira, João: Impressor. 70 378.
Barreto, José de Assis Alves Branco Moniz: Bibliotecário. 67.
Barroso, Gustavo: Escritor. 34* 153.
Bartira. — Ver Índios.
* Barzeu: — Ver Berze.
Bataillon, Marcel: Escritor. 34* 32 87 441.
Battaglia, Raffaello: Escritor. 34* 10.
* Battlori, Miquel: Escritor. 84.
Baviera: Pode seguir o exemplo de Portugal 216-218.
Behring, M.: Escritor. 68.
Beira: 35.
Beira Alta: 458 525.
Beira Litoral: 111.
Beja: 32 96.
Belém (Lisboa): 172.
Bélgica: 56.
Beliago, Belchior: Bolseiro. 93.

Beltrão, João: Impressor. 130.
BENFEITORES: — Ver COMPANHIA DE JESUS.
BENS: —Ver SUSTENTAÇÃO (MEIOS DE).
* Beringer, F.: Escritor. 34* 124.
* Bernard-Maitre, Henri: Escritor. 34* 33 88.
Berrien, William: Escritor. 34*.
Bertioga: Fortaleza atacada pelos Índios 245-246.
* Berze, Gaspar: Mis. da Índia. Vida 520, 70 288 519.
* Bessières, A.: Escritor. 124.
Bezerra, João: Clérigo. 164.
Biaça: 149 431.
Biasutti, Renato: Escritor. 34* 10 19.
BIBLIOTECA NACIONAL: —Ver *Lisboa;* ver *Rio de Janeiro.*
BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA: — Ver *Évora.*
BIBLIOTECA VATICANA: — Ver *Roma.*
BIBLIOTECAS: — Ver LIVROS.
BISPO: Nóbrega pede Vigário Geral ou Bispo 114 118 119 124, espera-se Bispo 290 329, como desejava que fosse 125 162. — Ver Fernandes, D. Pedro.
BLASFÉMIAS: Combatem-se 119, corrigem-se 121.
* Blázquez, Antonio: Chega ao Brasil 466 514, mestre de ler, escrever, latim e doutrina na Baía 514 516; 517.
* Bliart, Pierre: Escritor. 43*.
* Bobadilla, Nicolau Alfonso de: 94 107.
Boca do Rio: 380 389.
Bolívia: 11 478.
BOLLANDISTAS: 70-71.
Bolonha: 53 94.
Borba de Moraes, Rúbens: Escritor. 34*.
BORDÕES: 206, de cruz 248.
Borges, Pero: Ouvidor-mor. 4 65 129 131 174.
* Borja, S. Francisco de: Geral S. I. 39 56 57 59.
* Bosch, João: 114 128 424.
Braga: 124 129 464.
Bragança: 96.
Brandão, Mário: Escritor. 34* 48 88 90 95 96.
* Brás, Afonso: Fundador do Colégio do Espírito Santo. Vida 41-42, no Espírito Santo 260 261 274 300 353, em Ilhéus e Porto Seguro 273; 20 55 70 125 171 185 201-203 210 218 272 299 393 394 426 428.
Brasil: Descobrimento e 1.ª missa 3, pau brasil 3, colonização efectiva 87, Donatarias e Governo Geral 4 28 29 35, grandeza, clima, abundância e beleza 135-136 147-148, terra farta 352, sã e abastada 115, sã e de bons ares 109 135, sã e a melhor que há 168, «a melhor do mundo» (Nóbrega) 456, mal empregada em degredados 127, venham moradores honrados 186, que queiram bem à terra com amor de permanência 344-345, e aproveitem à terra 346-347, oficiais mecânicos com suas mulheres e filhos 127, funcionários há demais (com despesa inútil) 344-345, as mulheres brancas são muito desejadas no Brasil 344, que venham e também órfãs para povoar a terra 119 344, sem racismo casando-se os portugueses com as índias 259 292.

A conversão dos naturais principal causa de se povoar o Brasil 5, os missionários sustentados por Portugal 297, a incorporação dos Índios 36 186,

parecer de Nóbrega sobre a incorporação dos Índios 346-347, a primeira escola de português no Brasil 40, importa mais uma casa de palha onde se ensine a dez moços do que em Portugal sumptuosos colégios 500, a nova cristandade do Brasil não se fará dos velhos índios, mas dos seus filhos educados cristãmente 447, mas é preciso gente para ter segura a terra: segurança postulado missionário 169, Nóbrega capelão militar 257.

«Esta terra é nossa empresa» 123, e não será menos que a Índia 284 289; o povo ama a Companhia 368, o povo, excepto poucos incapazes de absolvição, ama a Companhia 420, o Brasil Província da Companhia 22, deve ter muita comunicação com Portugal (S. Inácio) 510, fruto nas almas 30, vai-se acendendo no Brasil o santo fogo de Cristo 509.

A questão das Molucas no Brasil 451, armas de Castela tiradas até o Rio da Prata 486, o Brasil incluía o Paraguai 479, e Nóbrega esperava que ficasse de Portugal 495-496.

A jurisdição de todo o Brasil devia de ser de El-Rei 289 291, unidade e sobrevivência 36, tudo vai em crescimento 345 346, mas todos os começos são difíceis 186, o Brasil actual, população e superfície 10-11. E cf. *passim* (todo o livro).

Brásio, António: Escritor. 68.
Brillant, Maurice: Escritor. 124.
Brinton, Daniel G.: Escritor. 34* 151.
Brion, Almirante de: 90.
Brito Aranha, P. V. de: Escritor. 34* 43* 108 115 118 145 289.
* Broet, Pascásio: 94 106.
«Brotéria»: 35* 38*-39* 78 130 170 192 305 313 449 450 468 472 526.
Bruxelas: 56 70 71.
Buarque de Holanda, Sérgio: Escritor. 35* 336.
Bucelas: 448.
Buenos Aires: Primeira fundação 469-471; 46.
* Buffet, Léon: Escritor. 23.
Buffon, J. L. L. de: Escritor. 136.
BULA DO SACRAMENTO: 119.
Burgos: 24.

Cabedo, António: Doutor. 47.
CABELO: — Ver ÍNDIOS.
Cabeza de Vaca, Alvar Nuñes: 149.
CABIDO: Nóbrega pede um benefício para o da Baía 406, dissídios com o Bispo 368; 345 454.
Cabo Frio: 4 29.
Caboto, Sebastião: Navegador. 472.
Cabral, Pedro Álvares: Descobridor do Brasil. 3 28 162.
CAÇA: 137 148 275 382 387 388 404 506.
CADEIA: Assistência aos presos: — Ver MINISTÉRIOS.
Caetano, Cardeal: Escritor. 35* 44* 361 369 407.
Calderón, D. Mência: 503.
Cale: 88.
Calixto, Benedito: Escritor. 35* 459.
Calmon, Pedro: Escritor. 35* 109 110 112 159 170 350 369 468 521.
Calógeras, Pandiá: Escritor. 35* 53.
Camacho, Bartolomeu: 524.
Camelo Pereira, João: Beneficiado. 164.
* Camerino, Paulo de: Mis. da Índia. 107.
CAMINHOS: Como a estrada de

Coimbra 320, às vezes mais fácil ir a S. Vicente de Portugal que da Baía 422, nos matos e atoleiros 414, trabalhosos 388, do interior da América do Sul 472-480, do Paraguai 388, fechados por causa dos castelhanos 451 492.

Camões, Luís de: Épico. 35* 135 448 466 497.

CAMPAINHA: Pelas ruas 131-132 363 364 433.

Campo, André do: 241 242.

Campo, Leonor do: 44.

Campo Tourinho, Pero de (1): Donatário. 44 164 312.

Campo Tourinho, Pero de (2): 312.

Campo de Piratininga: 341 431. — Ver *Piratininga;* ver *S. André da Borda do Campo.*

Campos, J. da Silva: Escritor. 35* 181.

Canárias (Ilhas): 62.

CANAVIAIS: — Ver AGRICULTURA.

* Canísio, Pedro: Santo. 53.

CANOAS: 204-205. — Ver NAVEGAÇÃO.

CANTO: Dos Índios 14, «cantando por sua arte» 317, ao tom dos Índios 407; Nóbrega ordena que se ponham em solfa as orações e a doutrina cristã 384, cantos dos meninos órfãos de Lisboa 170 172 174 (Salve) 215 320 373, eles atraem os meninos brasis e edificam os brancos 269, e cantam juntos pelas Aldeias 159 350 378 380 383-385 389 394 416, Nóbrega pede de Portugal meninos de boas vozes 352, missa solene 129, os meninos do Colégio da Baía cantam cada dia uma missa de canto de órgão (1551) 258 431, o «Padre Nosso» cantado 180, cantares de N. S. pelas Aldeias 379, «Santa Maria» 417, na língua brasílica 258, coros de canto e flauta 46, canto de órgão 246, cantigas em português e na língua brasílica 396, escola de canto 353, de canto e música (S. Vicente) 497, Nóbrega dispõe de cantores para entrar ao sertão 492, e com música e cantos não receava entrar 384; no Paraguai 478; 38 46 139 358 359 368. — Ver TUPI (LÍNGUA).

CAPELÃO MILITAR: 257.

Capistrano de Abreu, João: Escritor. 35* 40* 42* 7 76 87 278 523.

CAPITANIAS: 4.

Caramuru, Diogo Álvares: Há 40 ou 50 anos no Brasil 398, fiel amigo de Nóbrega 112, pai e governador dos Índios convertidos 359 397-398, Nóbrega pede para ele ordenado régio 401 408-409; 156 369.

* Cardim, Fernão: Escritor. 35* 67 140 299 360 386.

* Cardoso, Armando: Escritor. 45.

Cardoso, Jorge: Escritor. 35*.

Cardoso de Barros, António: Provedor-mor. «Pai» dos da Companhia 131; 4-5 176 211 249 265 297 351 367 418 434 454.

* Cárdulo, Fúlvio: Tradutor latino das cartas do Brasil. 59 60 65 133 146.

CARIDADE: Único necessário 329, ardente 333-334, vale toda a livraria do Colégio 314, necessária para a conversão do gentio 333, dos reis portugueses 467: — Ver MISERICÓRDIA (OBRAS DE); — Ver COMPANHIA DE JESUS.

Carlos V: Imperador. 26 33 90 100 313 440 441 475 495 520.

Carneiro, Francisco: Órfão. 173.

Carolo, Pero: Cônsul. 95.
Carrigueiro, Domingos: Tabelião. 301-302.
CARTAS: — Ver CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR.
«Cartas Jesuíticas»: 35*.
CARTUXA: — Ver ORDENS RELIGIOSAS.
Carvalho Franco, Francisco de Assis: Escritor. 36* 38* 480 501.
CASA DE JESUS: 301.
CASA DO NOME DE JESUS: 195 199.
CASA PROFESSA DE S. ROQUE: — Ver IGREJAS; ver *Lisboa*.
CASAMENTO: — Ver SACRAMENTOS.
Castanheira: 52.
Castanheira, Conde da: 92.
Castela: Tiradas as armas entre S. Vicente e o Rio da Prata 486; 22 23 28 59 89 485.
CASTELHANOS: 23 26 431, do Peru 336 495, do Paraguai 336 339 451 479 484, como procedem 495, em comunicação com S. Vicente 485, na demarcação de Portugal 492, senhoras 503.
Castelo Branco: 38.
CASTIDADE: — Ver COMPANHIA DE JESUS.
Castro, D. Álvaro de: 49.
Castro, Eugénio de: Escritor. 36* 460 461.
Castro, D. Fernando de: 49.
Cavendish: 246
«Catálogo da Exposição permanente de Cimélios da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro»: 36*.
«Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro»: 36*.
Catalunha: 25 114 214.
Catarina (D.): Rainha. 25 489.
CATEQUESE: 273 277. — Ver CONVERSÃO DO GENTIO.
* Caxa, Quirício: 370.
Ceilão: 157.
Celorico da Beira: 42.
CERA: 339.
Cerveira, Manuel: Mestre. 96.
Cervini, Marcelo: Papa. 65 80 155 217.
Ceuta: 95 189.
Chabot, Filipe de: 91.
Chaco: 46 476.
Chamartin: 61 69 132.
Charcas: 477.
* Charles, Pierre: Escritor. 36*.
Charny, Conde de: 91.
* Chaves, Manuel de: Vida 222-223, língua 207; 209 226 491 499 523.
China: 54 56.
Chuquisaca: 478.
CHUVA: Faltou no Nordeste do Brasil 322.
«Cidade de Deus»: 327 334 335.
CIDRAS: — Ver AGRICULTURA.
Cirineu, Simão: 331.
Clenardo, Nicolau: Escritor. 24.
CLÉRIGOS: Há-os que absolvem os injustos cativeiros 166-167, que dão comunhões sacrílegas 421, mais ofício de demónios que de clérigos 270 502, os que o Bispo trouxe não edificam 372 420 421, em pecado 114 116 124 207 267 290, o «religioso sacerdote» [exclaustrado] 164, bom e mau 164 284 285, devia vir para o Brasil só clero bom 116, no Paraguai (bom e mau) 337 341.
CLÉRIGOS REFORMADOS: — Ver COMPANHIA DE JESUS.
CLERO INDÍGENA: Primeira demonstração no Brasil 353.
COBRAS: Mordeduras 304.
Cochim: 28 52 94 157.
* Coduri, João: 94.
Coelho, Duarte: Donatário de Pernambuco. Virtuoso, mas já velho 288 291, não consentiu fa-

zerem-se agravos aos Índios 291; 29 82 261 271 290.
Coelho, Nicolau: No Descobrimento do Brasil 113.
* Coemans, A.: Escritor. 510.
Cognegut, Gaspar: Reitor da Universidade Paris. 48.
Coimbra: A estrada 320, encomendação das almas 131, o gramático desterrado 497; 3 24 34 38 40-43 47 48 54 55 69 70 74 93 114 124 130 145 147 154 170 177 187 200 209 210 218 249 271 272 276 283 302 321 349 356 363 390 448 464 466 468 513 516 520 525. — Ver COLÉGIO DE COIMBRA; ver UNIVERSIDADE.
Colaço, Gaspar: Bolseiro. 97.
Colaço, Manuel: Capelão. 164.
COLÉGIO DAS ARTES (COIMBRA): 74 93.
COLÉGIO DA BAÍA: «Colégio dos Meninos de Jesus» 389, estudo do sítio 125-126, fora da cerca da cidade 116 119, Terreiro de Jesus 125, casa e cerca 271, primeiros edifícios 39 319, faltam oficiais mecânicos 126, bem principiado 251 258 293, sesmaria de Água dos Meninos 194, Nóbrega, fundador, não desiste de o levar avante 293, casas feitas «por nossas mãos» 293, só com a ajuda do Governador e outros, sem El-Rei ajudar 271 293 352, mas deve ser de fundação real 281 290 352, já tem 20 meninos (1551) 295, 40 pessoas (entre todos) 394, 50 e tantas (1552) 349 350 403; ler, escrever e latim 514; 62 158 168 181 267 349 376 388 391 466 516. — Ver CONFRARIA DOS MENINOS DE JESUS.
COLÉGIO DE BRAGA: 464.
COLÉGIO DE BRAGANÇA: 96.
COLÉGIO DE COIMBRA: Fundado pelo P. Simão Rodrigues 27 458, a comenda de Sanfins 406, Nóbrega pensa em ser-lhe útil 352, manda pagar a dívida do Brasil (50.000 maravedis) 423, modelo dos do Brasil 8, cartas perdidas 194; 35 66 70 200 201 218 224 227 239 271 284 326 327 363 390 403 408 448 466.
COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO: Fundado pelo P. Afonso Brás 260 275 393 394, invocação de Santiago 300 301 428, grande casa 428, sesmaria 298-302; 20 300 353 426.
COLÉGIO DE GOA: 424.
COLÉGIO DE MONTAIGU: 21 49.
COLÉGIO DOS ÓRFÃOS DE LISBOA: Fundação 25, cultiva o canto 269, envia órfãos para o Brasil 214; 19 170 171 377-379 390.
COLÉGIO DO PARÁ: 298.
COLÉGIO DE PERNAMBUCO: Primeiros princípios (Nóbrega) 262 286 466.
COLÉGIO DE PORTO SEGURO: Pedem-no os moradores e Nóbrega, com o Governador e moradores, escolhe sítio junto dum laranjal 427.
COLÉGIO DO RIO DE JANEIRO: 20 43, falecimento de Nóbrega 36.
COLÉGIO DE SANTA BÁRBARA (PARIS): 20 21 23 26 32 49 87 95 96 373.
COLÉGIO DE SANTO ANTÃO (LISBOA): 63 114 349 357 448 458 466.
COLÉGIO DE SÃO PAULO: Fundação 36.
COLÉGIO DE S. VICENTE: Fundado pelo P. Leonardo Nunes 37, já se chama Colégio (1551) 236, com igreja, cerca e pomar 246, com 50 a 60 pessoas e grande fruto 355-356, edifícios 233,

grande casa 260 420, casa de mais de 80 pessoas 426 430, tem 50 meninos e poderá alimentar cem 457, aulas de ler, escrever, gramática (latim), canto e musica 497, Nóbrega ordenou que também se ensinasse a ler e escrever aos meninos de fora 433, vida espiritual 497, confraria do Menino Jesus 457, terras doadas pelo Ir. Pero Correia 459; 20 232 239 341 484 490 504.

COLÉGIOS: Necessários para educar melhor os meninos fora do influxo dos pais gentios mudáveis 181-182, necessários no Brasil 401, para a conversão dos gentios 402, e ninguém o fará se a Companhia os não tomar à sua conta 405, Nóbrega dá ordem a que se façam em todas as Capitanias 267 349, e os próprios moradores os pedem 352, mas não são possíveis sem bens materiais 405, os Padres aplicam à sustentação dos meninos o seu subsídio pessoal 402-403. — Ver SUSTENTAÇÃO (MEIOS DE).

Colômbia: 11 19.

Colónia: 54.

COLONIZAÇÃO DO BRASIL: — Ver *Brasil.*

Comas, Juan: Escritor. 36*.

COMENDA: Para o Bispo ou Cabido 345 401 406.

COMPANHIA DE JESUS: Fundação 20-22, os primeiros Padres 94-95, «clérigos reformados» 26 88 101 105, convite de Portugal para as suas missões 102, fórmula do Instituto 21, voto ao Papa para as Missões [4.º voto] 106, Bula «Regimini Militantis Ecclesiae» 22, começou a fundar-se e a espalhar-se com a ajuda do Rei de Portugal 488, 29 30, D. João III entre todos os príncipes cristãos o maior benfeitor da Companhia 487-488, munificência de D. João III 351 467; colaterais dos Provinciais e Reitores 509-511 513, consultores dos Provinciais e Reitores 511-513, graças pontifícias 466 510, isenta (só dízimos a Deus) 300, mortificações e penitências públicas 363, livros de regras 56, cúria generalícia 72, a Companhia ao falecer S. Inácio (1556) 22, «Padres apóstolos» 175 482-483, Assistência de Portugal 11 80.

Fundação da Missão do Brasil 7-9 36, patente de Nóbrega, primeiro Provincial da Companhia no Brasil e em toda a América 9 508, primeira consulta no Brasil 491-492, vida regular e espiritual 119, oração ante-manhã e exame de consciência à noite 132, quietação de espírito 401, união de caridade entre os do Brasil e os de Portugal 178-179. Nóbrega procura fundar a Companhia nas Capitanias antes de entrar ao sertão 354-355.

Primeira renovação de votos no Brasil 109 110, esperam para o dia de Todos os Santos (1551) 247, profissão dos Padres Nóbrega e Grã 509 511, profissão por motivo de virtude 39, coadjutores espirituais e temporais 513; pobreza: os Padres têm bens para os meninos mas eles no comer vivem de esmolas 176 349-351 401 403-405, fome 221 230 245; obediência 508 510, votos de leigos casados 312-313 424; castidade e defesa do bom nome da Companhia 498-499,

necessidade de Superiores seguros 500, Nóbrega pede visitador 500, e instruções para o caso de se dimitir algum da Companhia 420 422-423, dos que trouxe de Portugal não perdeu nenhum 353, Irmãos «grandes» e Irmãos «pequenos» 183 206 226 247 410 420.

A Companhia favorecida pelo Governador Tomé de Sousa e mais homens da governança 131 237 238 423 424, desfavorecida e contrariada por D. Pedro Fernandes 51 358 373-374, mas está tão acreditada que a má vontade do Bispo só fará mal ao mesmo Bispo 374, o povo, excepto alguns que não podem ser absolvidos, ama a Companhia 420, e os Colégios não se fariam se a Companhia desistisse deles 188-189, capelão militar 257, os da Companhia andam de bordão 206, de bordões de cruz 248, e são esperados no Paraguai 338. —Ver VOCAÇÕES; e cf. *passim* (todo o livro).

COMUNHÃO: — Ver SACRAMENTOS.

CONCÍLIO DE TRENTO: 59 93.

CONCÍLIO DE VINCENZA: 93.

CONFIRMAÇÃO: — Ver SACRAMENTOS.

CONFISSÃO: — Ver SACRAMENTOS.

CONFRARIAS DOS MENINOS DE JESUS: Organização e finalidade 498; 44 426 431 457 468 490, não agradaram a D. Pedro Fernandes 373, doação de Pero Correia (S. Vicente) 459 463.

CONFRARIAS DO ROSÁRIO: Dos Escravos e dos Brancos. 322 325 326.

CONFRARIAS DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO: Bula 124.—Ver SACRAMENTOS.

Congo: 55 64 188 193 218.

Contreras, D. Isabel de: 503.

CONVERSÃO DO GENTIO: Intenção principal de Portugal 102, favorecida por Portugal (testemunho de S. Francisco Xavier) 27-28, fim principal do povoamento do Brasil 5, no Regimento de Tomé de Sousa 5-6, os Padres recebem dos Portugueses o necessário para a conversão 254 323.

Começa a pregar-se o Evangelho aos Índios 35 133 139, fim principal a que viemos 324, com zelo ardente 113, com fogo de caridade 333, com a graça do Espírito Santo, sem a qual não há conversão das gentes 329, e os Índios não se hão-de converter só para receberem camisas 386, mas antes de se baptizar hão-de «crer em Cristo de todo o coração» 252.

Boa disposição do gentio 109, «papel branco» 142 292, o gentio imita os Portugueses nas cerimónias cristãs 111, e, tirando os costumes dos antepassados, fazem vantagem aos brancos em muitas coisas 122.

Primícias 116-117, primeiros baptismos 139, um prncipal aprende o ABC em dois dias 111, afeiçoam-se aos Padres 126, buscam-nos como a pais e valedores 437 456; Nóbrega pensa em plantar algodão para os vestir 126, e pede quem o teça 127, como proceder com os índios nus nas igrejas 407, sofre-se que os meninos andem nus 421, e para os atrair cultiva o canto e a música 384-385 416 497.

Oposição dos feiticeiros (pagés) 181 395 410, deitam a fama

que o baptismo mata e que os Padres lhes levam a morte 415, preconiza-se que se neguem os resgates aos gentios e se dêem aos que se convertem para que eles vejam também nisso vantagem material 346-347 433 443.

Costumes não dedicados a ídolos 407, uns maus opostos à conversão e que são a sua bem-aventurança: matar contrários, comer carne humana e ter muitas mulheres 267; para os tirar destes costumes maus, adaptam-se os Padres aos secundários 373, porque a semelhança é causa de amor 407; a dificuldade está em os apartar dos maus costumes 139 e mudá-los em bons 452, o que só se fará com o costume e assistência dos Padres 323 324, e há-de haver trabalho para os meter a caminho 220 231; e no começo as leis positivas da Igreja não deviam obrigar os neo-convertidos 124, pedem-se faculdades especiais 167; entretanto, os que se converteram bem perseveram 252-253, e são bons cristãos 439, e os outros quando se converterem serão melhores que muitos brancos 452.

O gentio do Brasil não é como o da primitiva Igreja 452, para se converterem e perseverarem só assistindo com eles 322 452, fazendo-os viver quietos e apartados em aldeias fixas 522-523, sem as mudarem continuamente 181 230, e impedindo-lhes o comer carne humana 178, e educando-lhes os filhos, meio breve e suave 195 267-268 293 355 401-402 416-417, colégios para os meninos brasis 258, e para os Índios um pai ou protector 346 397-398 408-409, índios meirinhos e «tenentes» da catequese 414-415.

Grande dificuldade colectiva é que os Índios só têm principais dispersos pelas Aldeias e não rei nacional o que dificulta a conversão 231, precisam de conhecer sujeição aos Portugueses 186, conhecer um senhorio comum 443 445, o que se não fará por via de persuasão, mas de necessidade 446-447, e assim de facto se fará mais tarde com a leal e aberta cooperação da autoridade civil (Mem de Sá) com a do chefe missionário (Nóbrega) 36.

Catecúmenos da Baía 139 141 157 158 346 412, de Pernambuco 319-320, os 50 de Piratininga 523; dos seus filhos educados cristãmente é que se fará a nova cristandade do Brasil 447.

CORPO MÍSTICO: Nóbrega 288 303.

CORPUS CHRISTI: — Ver SACRAMENTOS.

* Correia, António: Mestre de Noviços. Vida 448.

Correia, Maximino: Escritor: 523.

* Correia, Pero: Vida 44-45, há 19 anos no Brasil 434, fez a paz com os Índios da Baía 442-443, fingiu-se filho duma índia para escapar da morte 429, entra na Companhia 207, há 3 anos que prega aos Índios 438, 180 220 221 232 235 426 432, à moda deles de madrugada 230-231 248, por causa da língua e crédito faz mais do que ninguém 457, será ordenado Padre, mas espera-se dispensa de irregularidade antiga (homicídio de ín-

dios) 423 494 497, não é latino e pede livros em linguagem 434 440-442 e orações 447-448, demanda com Brás Cubas 501, doou os seus bens à Confraria do Menino Jesus (Colégio de S. Vicente) 459 501, esperança no sertão 422, para reunir os Índios do sertão obrigava a vida 492, espírito de piedade e de fé 448, cartas perdidas 187; 20 55 77 206 209 219 223 224 226 229 247 293 420 433 436 453 460--463 504 523.

CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR: Por caridade fraterna 202 218, com os Irmãos de Coimbra 239-240, da Índia 288-289, do Paraguai 409, de Nóbrega 119, razões das suas cartas (ao Dr. Navarro) 134, escreve como quem fala 422, deixa as notícias ao comento dos Irmãos 115-118 289, e manda-lhes que escrevam 392, dificuldades pelas distâncias 246--247, ano e meio em S. Vicente sem notícias da Baía 239, normas de Roma para as cartas de notícias ou edificantes e para as outras 513 519-520, códices manuscritos 61-69, cartas impressas 58, edições 69-78, traduções 58-60, perdidas (ver Índice Geral no começo deste livro); 116 119 156 240 241 251 253 254 263 264 284 391 401 420 424 426 449 450 490 522 527.

Córsega: 55.

Cortesão, Jaime: 36* 113 150 495.

Cosme (Mestre): Bacharel. 460 461.

COSMOGONIA: 18 133 138 153.

Costa, Américo: Escritor. 36* 525.

Costa, D. Duarte da: Governador do Brasil. 43 48 52 451 454 466 515 518.

Costa, Gonçalo da: 472.

Costa, João da: Mestre. 95.

Costa, Lúcio: Escritor. 246.

Costa, D. Maria da: 52.

Costa Pimpão, A. J. da: Escritor. 523.

COSTUMES INDÍGENAS: — Ver ÍNDIOS.

Coutinho, Miguel Vaz: 94.

* Criminal, António: Mis. da Índia, 283.

CRISTÃOS-NOVOS: 468.

Cromberg, João: Impressor. 441.

* Cros, Léonard J. M.: Escritor. 36* 98.

CRUCIFICADO: Apresentaremos o Crucificado 114; 8 116. — Ver CULTO.

CRUZ: — Ver CULTO.

Cubas, Brás: Capitão. Demanda com Pero Correia de 2600 cruzados, solucionada a bem por Nóbrega 490 501; 44 484 495.

CULTO: Os Índios maravilham-se dos nossos ofícios divinos 116 117 138, festas nas cidades 378, solenes 119, missa cantada 431, procissões oficiais 128, procissões dos meninos com grinaldas na cabeça e «ora pro nobis» 382, frequência aos domingos e festas 127.

«Cristo Jesus dulcíssimo» 115, prega-se o nome de Jesus nas Aldeias 133 143, anda na boca dos Índios 439, amor a Jesus Cristo 353, vida de Cristo 411, crer em Cristo de todo o coração 252; Menino Jesus 385 386. Quaresma 432, Semana Santa 253, Paixão de Cristo 159, o mistério da Cruz 320, a cruz emplumada 385, ia erguida ao visitar Aldeias e casas 379 386, a cruz nas Aldeias 316 321 376 378 411, adoração à cruz na Aldeia do Grilo 382, a cruz no Paraguai

339; a religião do Crucificado 8 114 116 182 376, crucificado e ressuscitado 329, crucificado por todos e a sua graça 328-335, Redentor 142 314, Ascensão 328 329, Corpo Místico 288 330.

Espírito Santo: primeiro baptismo na festa do Espírito Santo (1549) 139; 54 55 327-329 333 334, hino Veni Creator 389 428.

Santíssima Trindade 448.

Nossa Senhora 377, Purificação 43, Anunciação 466, Visitação 128, Assunção 406, N.ª S.ª da Vitória 74 301, Ave Maria 515, «Salve» aos sábados 310, Ladainhas 380, «Santa Maria ora pro nobis» 417, Rosário 322 325-326 (ver CONFRARIAS), cantares 172 359, retábulo de N.ª S.ª 174, a «Fonte da Senhora» (Ajuda) 316 321, na morte do P. Francisco Pires 43.

Anjo Custódio de Portugal e Conquistas 117 128 129 280 286 385 386, S. Miguel o Anjo 280 386.

Santos: Santiago 275 300 428, S. João Baptista 522 (e ver invocações e oragos de Aldeias, Colégios e Igrejas; e nomes individuais: Agostinho, António, Francisco, Inácio, Lourenço, Paulo etc.).

Encomendação das almas do Purgatório 131-132 207 363.

Funeral cristão 310 364.

Objectos do culto: chegam ornamentos e Nóbrega pede mais 156 168, sinos e campainhas 376 385, bautisteiros 130, altares em muitas partes. — Ver MINISTÉRIOS; ver SACRAMENTOS.

CULTURA TEOLÓGICA: 335.

Cunha Rivara: — Ver Rivara.

Cusco: 62.

* Dalmases, Cándido de: Escritor. 36* 22 49 88 98 100.

DANÇAS: Danças e invenções à maneira de Portugal 129, dos meninos órfãos de Lisboa 215, dos meninos nas Aldeias 389 416, dos meninos e um Padre 359, na Aldeia do Grilo 383, os índios dançam sem descansar 385.

David: Rei. 441.

DEFUNTOS: Funeral dos Índios 17; dos convertidos com missa cantada 364.

DEGREDADOS: o Brasil terra boa demais para eles 119, os furtos que há são feitos por eles 394, indesejáveis 186, nas galés 430, um frade 164, um pedreiro 271, Gaspar Barbosa 359; o gramático de Coimbra 497; 252 256 402.

* Delplace, Louis: Escritor. 44*.

DEMARCAÇÕES: 451 485.

DEMÓNIOS: — Ver ÍNDIOS.

DEUS: No conceito das Índios 16-17. — Ver ÍNDIOS.

DEVOÇÕES: — Ver CULTO.

* Dias, Aleixo: Mis. de África. 465.

* Dias, António: Mis. de Ceilão. 157.

* Dias, Baltasar: 465.

* Dias, Cristóvão: Mis. do Congo. 130.

Dias, Diogo: Sertanista. 336 338.

Dias, Gonçalo: No Espírito Santo. 300.

Dias, Isabel: 222 435 524. — Ver índia Bartira.

* Dias, Jácome: Mis. do Congo. 130.

Dias, Jerónimo: No Espírito Santo. 300.

Dias, Jorge: Escritor. 131.

Dias, Lopo: 524.
Dias, Luís: Mestre de obras. 127 181.
Dias, Margot: Escritora. 131.
Dias, Paulo: Na Baía. 112 359 365.
* Dias, Pedro: Mártir. 63.
Dickson, Sara A.: Escrit. 36* 155 169 419.
DILÚVIO: Tradição. 18 138 147 153.
Dindinger, J.: Escritor. 44* 104 187 216.
DIREITO CANÓNICO: 362.
DIREITO ROMANO: 166.
DISCIPLINAS: Às sextas-feiras 253 288 371, com que intenção 364, por Brancos e Índios 288, a disciplina dum Padre impede que os Índios comam carne humana 316; 159 183 358 364 368 432 497 505. — Ver PENITÊNCIAS PÚBLICAS.
Diu: 49.
«Diversi Avisi Particolari dall'Indie di Portogallo»: 36*.
DÍZIMOS: Do peixe e mantimento dos meninos 401 404, a Deus 462; 196 198 454 456 457.
«Documentos Históricos»: 36*.
DOENÇAS: Da cabeça 352, catarro 169, quartãs e sezonismo 128 254, inchaço 415, câmaras e desinteria 255 430, hidropisia 168, das pernas 128, chagas e entrevado 243, reumático 415, sífilis 168 243, corrimentos 356, tosse geral 320, epidemia 317, no Rio de Janeiro e Ilha Grande 428-429, doença e cura duma filha do Índio Grilo 383, dos Índios 180 235 304 310. — Ver ASSISTÊNCIA AOS DOENTES; ver MINISTÉRIOS.
* Doménech, Jerónimo: 53.
Doménech, Pero: Fundador do Colégio dos Órfãos de Lisboa. Vida 25-26; 19 170 213 215 269 375 377 381 390 405 415 420 423 425 457 458.
DOMINICANOS: — Ver ORDENS RELIGIOSAS.
DONATARIAS: 3-4.
Dória, António Álvaro: Escritor. 43*.
DOUTRINA CRISTÃ: 410 416-417 504. —Ver CONVERSÃO DO GENTIO; ver MINISTÉRIOS.
Duas Sicilias: 56.
* Duhr, Joseph: Escritor. 45* 128.
* Durão, Paulo: Escritor. 36*.

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO: A educação dos meninos brasis, caminho da conversão do gentio 268 293 401-402; Nóbrega ordena casas em todas as Capitanias para os filhos dos Índios se ensinarem 252 269 288, e os moradores ajudam a fazê-las 293; o Bispo contrariou a Casa de Meninos na Baía 368, e a Misericórdia recusou-a 405, mas Nóbrega põe na educação dos meninos toda a esperança 505, e mais vale uma casa de palha no Brasil onde se ensine a dez moços que em Portugal sumptuosos colégios 505; os moços vêm-se para nós de todas as partes 524, e, apesar da fome e frio é maravilha não fugirem para os seus pais 500, os quais dão os filhos de boa vontade para serem ensinados 248-249 433 496; para ter meios com que os sustentar pediu e aceitou a Companhia terras, gado e escravos 194 293 351 401 403, e os Padres dão aos meninos o que recebem de El-Rei e vivem de esmolas 350.

Escola de ler e escrever na Baía (1.ª escola no Brasil, do Ir.

Vicente Rodrigues) 110; 8 40 42 133 157 400; o Ir. Vicente Rodrigues com grande auditório de meninos 397, influxo dos meninos de Lisboa 215 258.

Escola de ler e escrever em S. Vicente 496-498, também para os meninos de fora 426 433.

Escola de canto e música 353 385 505.

O que no Brasil se aprendia em 1552: ler, escrever e cantar 353.

Em 1553, 1.ª escola de Gramática (latim) no Brasil (S. Vicente) 497 505; na Baía 514 516. Os filhos educados cristãmente é que farão a nova cristandade do Brasil 447, e já ajudam os Padres na língua brasílica e em português 396. — Ver COLÉGIOS.

* Egaña, Antonio de: Escritor. 37* 62 63 84 515.

Egipto: 64.

Eichstadt: 216.

Eickstedt, Egon von: Escritor. 10.

EMBARCAÇÕES: —Ver NAVIOS; — ver NAVEGAÇÃO.

Embiaça: 503.

EMIGRAÇÃO: — Ver IMIGRAÇÃO.

ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS: —Ver CULTO.

ENGENHOS DE AÇÚCAR: 135 238 456 526.

Englander, Clara: Escrit. 24.

ENSINO: —Ver EDUCAÇÃO.

ENTRADAS: Ao sertão da Baía 377-389, ao sertão de Porto Seguro 38 514 516, ao sertão de S. Vicente 219 220 230-232 235 239 243 244 523, gastos e preparação que supõem 506, em busca de oiro: ver MINAS. —Ver PEREGRINAÇÕES; ver SERTÃO.

EPIDEMIAS: —Ver DOENÇAS.

ERMIDAS: Nas Aldeias 358 416.

Escócia: 106.

ESCOLAS: —Ver EDUCAÇÃO.

ESCRAVATURA: Dos índios entre si 111 339, de índios 370 443-444, no Paraguai 479, de índios e negros da Guiné 287 293 325-326 403, por não haver assalariados a Companhia aceita escravos para ajudar a sustentar meninos 351-352 401-403, feitor leigo 403, catequese dos Escravos 291 322 368, fervor 395 496. —Ver LIBERDADE DOS ÍNDIOS.

ESMOLAS: Os Padres vivem de esmolas 402-403 458 500. —Ver SUSTENTAÇÃO (MEIOS DE); ver COMPANHIA DE JESUS.

Espanha: 21 22 24 56 64 71 100 464 471 477.

ESPANHÓIS: 100 451 479 485, do Paraguai 481. —Ver CASTELHANOS.

Espinosa, Francisco Bruza de: Sertanista. 278.

Espinosa, Juan de Salazar de: — Ver Salazar (Juan de).

ESPIRITISMO: 151.

ESPÍRITO SANTO: —Ver CULTO.

Espírito Santo: Fundação da Capitania e morte cristã do donatário assistido pelos Padres da Companhia 299, não tinha hospital ao passar o P. Leonardo Nunes (1549) 203-204, recebe com alegria os primeiros Padres 273-274, fundação do Colégio (Afonso Brás) 141 274, «Casa de Santiago e Colégio dos Meninos» 300, sesmaria do Colégio 298-302, pregação do Ano Santo 393, pregações de Nóbrega 428, a Capitania melhor e mais fértil 275; 8 9 13 20 42 43 138 201 250 252 260 272 353 364 391 404 426 429.

ESPIRITUALIDADE: de S. Agostinho 335, de Nóbrega 329-335, do P. António Pires 327. —Ver COMPANHIA DE JESUS.
Estados Unidos: 63.
Estrabo: 135.
Estrada, Pedro de: Tabelião. 301.
Etiópia: 22 218.
ETNOLOGIA: 11 14-19 150 151 248. —Ver ÍNDIOS.
Eubel, Conradus: Escritor. 45*.
EUCARISTIA: —Ver SACRAMENTOS.
Europa: 4 19 22 24 333.
EVANGELHO: Começa a pregar-se aos Índios 133, declara-se nas Aldeias 378, prega-se 452, «far-se-ão igrejas em muitos lugares» (Nóbrega) 168. —Ver CONVERSÃO DOS ÍNDIOS.
Évora: 24 50 96, Biblioteca 47 61 66 67 343 348 371 390 400.
EXAME DE CONSCIÊNCIA: — Ver COMPANHIA DE JESUS.
EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS: 20 127 306 311 313.
EXPEDIÇÕES MISSIONÁRIAS: 20 134 171 185 464-466 514 516.

* Fabiano: 209 223.
* Fabro, Pedro (B.): Primeiro sacerdote da Companhia de Jesus. Vida 23-24, responde ao Dr. Gouveia 88; 19 32 33 64 94 95 97-101 114.
FAMÍLIA: —Ver ÍNDIOS; ver MORALIDADE PÚBLICA.
Faria, Mécia Roiz de: 52.
FARINHA: 148 406. —Ver AGRICULTURA.
Farnésio, Alexandre: Papa. 106.
* Favre, Pierre (B.): —Ver Fabro.
FAZENDAS: Origem e razão delas 195, tomam-se terras para sustentar meninos 402, na Baía um bom vale 117, Água dos Meninos 194-200 258, as roças já produzem mantimento para os meninos 403, roças 311, dos moradores 169, no Espírito Santo 300, em Pernambuco 262, em S. Vicente 233. — Ver ENGENHOS; ver SESMARIAS; ver SUSTENTAÇÃO (MEIOS DE).
FEITICEIROS: Pagés. —Ver ÍNDIOS.
* Fernandes, Baltasar: Superior do Espírito Santo. Vida 301.
Fernandes, Diogo: Pai do Bispo do Salvador. 48, 50.
Fernandes, Diogo: Morador no Espírito Santo. 300.
Fernandes, Florestan: Escritor. 37* 132 137 145 228 305.
Fernandes, Francisco: Guarda das Damas da Rainha. 48.
Fernandes, Francisco: Vigário Geral. 455.
Fernandes, Isabel: Mãe do P. Leonardo Nunes. 37.
Fernandes [Sardinha], D. Pedro: Bispo do Salvador. Vida 46-52, chegada à Baía 344 345 349 405, veio morar com os Padres 350, primeiras impressões boas 347, bom pregador 374, quer que os da Companhia sejam visitadores 350, mas pouco depois manifesta-se contra a Companhia 368 369, acha mal as ermidas nas Aldeias 358, as penitências públicas 362-363 371; tira da Companhia a catequese dos Escravos 372, mostra desfavor pela educação dos meninos 353 373, mas os Colégios são absolutamente necessários 401, trata mal os seus clérigos 482, diz que foi mestre de S. Inácio e de Simão Rodrigues 373 455, «mordet quum vult et potest» 373-374, quanto pode é contrário à Companhia 420 468 483, leva outros modos de pro-

ceder 421 454 490 502, o seu visitador desacredita a Igreja impondo penas em dinheiro 434 435, má administração da justiça eclesiástica 449, o seu regimento 454, não é amado do povo 422, deseja sair do Brasil e voltar a Portugal 358 366, Nóbrega pede para ele uma comenda por a terra ser pobre 345 406; 20 23 124 271 294 343 357 386.
Fernandes, Pero: Piloto. 33.
* Fernandes, Urbano: Reitor de Coimbra. Vida 448 465.
Fernandes Coutinho, Vasco: Donatário do Espírito Santo. Sustentado pelos Padres da Companhia, de comunhão frequente e morte cristã 299.
Fernandes Coutinho, Vasco: Filho do primeiro Donatário do mesmo nome. 301.
Fernández de Aguilar: Embaixador. 100.
* Fernández Zapico, Dionisio: Escritor. 36*.
* Fernando: 209 222 226.
Fernando (D.): Rei de Aragão 89.
* Ferrão, Bartolomeu: Secretário S. I. 24.
Ferrara: 94.
Ferreira, Gonçalo: Tesoureiro 265.
Ferreira, J. A.: Escritor. 37* 130.
Ferreira, Jorge: Capitão. 206 524.
Ferreira, Tito Lívio: Escritor. 37* 521 523 524.
Ferreira, Waldemar: Escritor. 37* 174 446.
* Ferreira Leão, Luís Gonzaga: 84.
FERREIRO: —Ver ARTES E OFÍCIOS.
FERRO: Espécie em que pagavam aos Padres 176-177 250 351, o que valia 402, Nóbrega pede-o para o Ir. ferreiro 490 503, pede ferramenta 119, objectos de ferro 444-445.
FIGOS: —Ver AGRICULTURA.
Filipe (S.): Apóstolo. 291.
Filipe o Belo: Rei de França. 91.
Filipe o Bom: Rei de França. 91.
Filipe II: 442.
Flandres: 21 135.
Florença: 54 55.
Florida: 63.
FOGAÇA: 330.
Folgado, Gaspar: Morador da Baía. 199.
* Fonseca, Luís da: 69.
Fonseca, Martinho da: Escritor. 43*.
FONTE MILAGROSA: Ajuda, Porto Seguro 316.
FORMIGAS: 148.
França: Os graduados 93; 22 28 47 56 89 90 201.
França, Carlos: Escritor. 37* 132 136 148.
FRANCESES: Nas costas do Brasil 353; 29 43 91 205.
FRANCISCANOS: —Ver ORDENS RELIGIOSAS.
Francisco de Assis: Santo. 363.
Francisco I: Rei de França. 26 90.
* Franco, António: Escritor. 37* 43 51 74 87 108 114 116 145 170 200 224 232 250 266 276 305 326 327 372 440.
Francoforte (Frankfurt am Main): 78-79.
* Frois, Luís: Mis. do Oriente. 54 60.
FRUTAS: —Ver AGRICULTURA.
Fulda: 74.
Funchal: 294.
FUNERAL: Gentio: ver ÍNDIOS; cristão: ver CULTO.

Gabriel, Juan: 478.
Gabriel, Nuno: Clérigo. 409 478.
GADO: Que El-Rei mandou ao Brasil 403, o primeiro da Compa-

nhia para sustento dos meninos 401 403, 12 vacas (Baía) 351-352, 10 vacas (S. Vicente) 501; 148 349 412.
Gaffarel, Paul: Escritor. 37* 90.
* Gago, Ascenso: 63.
GALINHAS: 148 412.
Galloti, Odillon: Escritor. 45*.
Gama de Andrade, Simão da: 173.
Gamboa: 255.
Gand: 62.
Gandia: 25.
* Garcia, Miguel: Prof. 371.
Garcia, Nuno: Pedreiro. 271.
Garcia, Rodolfo: Escritor. 35* 37* 42* 76 166 263 312 506 509.
* Genelli, Christoph: Escritor. 37* 216.
Génova: 60.
Gil, Frei: Santo. 525.
Goa: 22 34 49 50 53 54 64 66 94 192 218 402 424 454 497 510 521.
* Godinho, Manuel: 124.
Goes: 520.
* Goetstouwers, J. B.: Escritor. 44*.
Góis, Damião de: Escritor. 37* 101.
* Góis, Luís de: Voto de castidade e de entrar na Companhia 312 342, comunga com frequência 238; 222 420 423 526.
Góis, Pero de: Capitão-mor da Armada 131, benfeitor 423, comunga com frequência 238; 131 350 526.
* Góis, Pero de: 516.
Gomes, Álvaro: 47 48.
* Gomes, António: Mis. da Índia. 41.
Gomes de Brito, J. J.: Escritor. 43*.
* Gonçalves, Gaspar: Doutor. 67 370.
* Gonçalves, João: Chega ao Brasil 466 514, pensa-se em o fazer professo 39.
* Gonçalves, Simão: Primeiro Irmão Coadjutor recebido no Brasil 156 158, era soldado 127; 183 260 261 273.
* Gonçalves da Câmara, Luís: Esperado no Brasil 490 503, Nóbrega incumbe-o de saber se é morta ou viva a mulher de João Ramalho 522; 30 39 417 467 489 491 499 504 521.
* Gonzaga, Luís: Santo. Vocação pela leitura das cartas das Índias de Portugal 60.
Götz, J. Jorge: 38* 73 146.
Gouveia, Diogo de: Principal do Colégio de Santa Bárbara. Vida 32-33, iniciativa das missões S. I. 33 101; 19 21 24 26 65 87 88 90 94 96-98 105.
Governador (Ilha do): 429.
* Grã, Luís da: Vida 466, reitor de Coimbra 510, defensor de Simão Rodrigues 466, superior da 3.ª expedição missionária 355, prega na nau «Conceição» 515, chega à Baía 514, pregador na Baía 514, colateral do Provincial 509 511, profissão 509 511; 36 39 43 322 326 327 429 518 526.
GRAMÁTICA: Ensino de latim em S. Vicente e em Goa 497, na Baía 516.
Granada, Frei Luís de: 441.
«Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»: 38*.
* Granero, Jesús María: Escritor. 506.
Gratall: 25.
Grécia: 333.
GREGOS: 112.
Guadix: 470.
Guale: 63.
GUARANI (LÍNGUA): 46 341. — Ver TUPI (LÍNGUA).
Guarda: 37 42.
GUERRAS: — Ver ÍNDIOS.
Guiana Francesa: 11.
Guiana Holandesa: 11.

Guiana Inglesa: 11.
Guilherme IV: Duque de Baviera. 217.
Gusmão, A. N.: Escritor. 38* 43* 130 441.

HABITAÇÃO: Dos Índios 14-15.
HAGIOGRAFIA: — Ver CULTO.
Hanke, Lewis: Escritor. 38*.
Heitor, Luís: Escritor. 375.
Henrique, Cardeal: Rei de Portugal. Munificência 467; 24 130.
* Henriques, Francisco: Vida 349; 298 356 357.
* Henriques, Leão: Vida 327; 57-58 60 322.
HERANÇA: 106.
Hibérnia: 106.
«História da Colonização Portuguesa do Brasil»: 38*.
«História da Companhia de Jesus no Brasil»: Não apenas história missionária, mas geral 12-13.
* Hoces, Diego de: 94.
Hoehne, F. C.: Escritor. 38* 148 169 227.
Homem de Melo: Geógrafo. 38* 388.
«Homo Americanus»: 10.
«Homo Asiaticus»: 10.
HOSPITAIS: Da Baía 158 185 311, de Ilhéus 426.
Hrdlička, Aleš: Escritor. 10.
* Hurter, Hugo: Escritor. 38*.
Hutten, Maurício: Bispo. 217.

Ibiapaba: 384.
IGREJA: Espírito da primitiva Igreja 33 452, cumprem-se os mandamentos de abstinência na quaresma 234.
IGREJA DA AJUDA (BAÍA): 126 158 185 399.
— DA AJUDA (PORTO SEGURO): Fonte da Senhora 321, milagrosa 260 427; 20 43.
— DA BAÍA: Concluída por Março de 1550 185, deve-se refazer 349, devia El-Rei fazer outra 352 355, o Governador com outros refazem-na parte de pedra e cal 391 399; 125.
— DE BELÉM (LISBOA) 170.
— DO ESPÍRITO SANTO: 274 426 428.
— DA GRAÇA (BAÍA): 110.
— DO MONTE CALVÁRIO: 125 141 158 185 346.
— DE OLINDA: 246.
— DE S. ANDRÉ DA BORDA DO CAMPO: 222.
— DE S. MARIA DE MINERVA (ROMA): 124.
— DE S. ROQUE (LISBOA): Túmulo de Simão Rodrigues 458.
— DE S. VICENTE: 1.ª missa 1 de Janeiro de 1551 246, a mais devota de toda a costa 232-233, a melhor do Brasil 420 426 431 491; 209 232 239 484.
Ilha Grande (Espírito Santo): 299.
Ilha Grande (Peruíbe): 461.
Ilha Grande (Rio de Janeiro): 430.
Ilhéus: Ministérios de Nóbrega 426, hospital 426; 8 41 43 114 128 132 160-162 203 254 260 273 274 391 398.
Imbelloni, José: Escritor. 34*38* 10 19.
IMIGRAÇÃO: Necessidade de se povoar o Brasil 345, terra mal empregada em degredados, devem vir pessoas honradas 127, oficiais mecânicos com mulher e filhos 127, oficiais mecânicos, não funcionários 344-345, é preciso virem muitos portugueses 156, moradores que rompam e queiram bem à terra 344-347.
* Inácio de Loyola: Santo. Fundador da Companhia de Jesus. Vida 20-23, discípulo de D. Pe-

dro Fernandes 49 373 374, confessor de D. Pedro Mascarenhas 34, como escreve a palavra Portugal em latim 88, Patente do Ano Santo de 1550 190-191, ordena orações pelo Rei de Portugal 30 487, pede-se-lhe orientação para o caso de D. Pedro Fernandes 368, Patente de Nóbrega Provincial do Brasil 506; 32* 7 9 19 32 33 36 50 53-55 59 63 64 66 70 75 94 95 187 188 192 215 216 363 442 458 464 481 487 506 509-512 519.

Índia: Grande messe para a conversão 88; 3 9 18 22 28-30 34 48 49 51 54 56 57 60 63 64 71 87 94-96 100 107 140 155 166 192 193 215 218 283 288 289 326 339 349 360 365 402 408 448 450 454 458 465 497 511 520 521.

Índia Bartira: 222 435 524.

— Catarina Álvares: 369 — Ver Álvares.

— Maria da Rosa: Meirinha. 263 286.

— Mbci: 222 435.

— Paraguaçu: 369.

Índia do Brasil: 192 508 509. — Ver *Brasil.*

Índia de Goa: 510.

Índias Ocidentais: 188.

Índias Orientais: 188.

Índias do Imperador: 188.

Índias de Portugal: 188.

Índio Bastião Teles: Causa do Motim do Monte Calvário e a sua morte cristã 307-310 319 364.

— Cameri: 475.

— Gato: 364.

— Gato Grande: 429.

— Grilo: 376 381-382.

— Jaraguai: 364.

— D. João Tacuí: Principal que deu entrada aos Portugueses. 251 255-256 316-317.

— Maracajaguaçu: 429.

— Martim Afonso Tibiriçá: Principal de Piratininga. 208 435 524.

— Matias: 310.

— Porta Grande: 195 304 316 318.

— Sebastião de Lemos: 364.

— Simão: Pagé convertido 280, Principal amigo 117 255-256 317.

ÍNDIOS: Do Novo Mundo 9-10, origem e teorias 9-10, «civilização» e «cultura» 11, do interior da América do Sul 490 505, na «História da Companhia de Jesus no Brasil» 11; Índios Tupinambás 14-19, generalidades 14, nus 147 408, espantam-se de os Portugueses saberem ler e escrever (e mostram desejos de aprender) 110-111 139, em muitas coisas guardam a lei natural 153.

Habitação e seminomadismo 14-15 150 181, casas compridas de palha 379, aldeias 14-15, queimam-nas 278; adornos 15, pluma da terra 385, pinturas do corpo e diademas de pluma com alguma arte 205 225 228 pedras nos beiços 140 280, rapam as barbas até as pestanas 149, cabelo 407-408, pelo corte do cabelo se conhecem as nações 360; família 15 141 147 153, muitas mulheres (ver POLIGAMIA), costumes semelhantes aos dos mouros 224, conceito de geração 136.

Vida económica e social 15-16, sem governo nacional nem rei 230, mas em cada casa e Aldeia um principal 231, influência das velhas pelas quais se regem 385 387, comunidade de bens 137 138 147 153, concórdia dos índios amigos entre

si 138, hospitalidade 379 382, lavoura 12, lavradores do interior do continente 474-476, tecedeiras e fiandeiras 477, trabalho dos homens e das mulheres 403-404, antes da conversão só as mulheres faziam roças 179, redes 382, louça indígena 227 228, embarcações (canoas e jangadas) 204-205 381.

Guerras 16, contínuas 275, a 10 15 20 léguas se matam e comem 111 136 152 156 179 182 239 251 303 307 308, por ódio e vingança 137, por mar 204-205, espada pequena ou tacape 385-386, pintada e comprida 228, frechas 205, morte do cativo em terreiro (Ver ANTROPOFAGIA).

Religião 16-19 109 111-112, sua bem-aventurança: matar contrários, comer carne humana e ter muitas mulheres 267, não têm conhecimento de Deus nem ídolos 111, não adoram nada nem têm ídolos 150 267 324, não têm Deus por quem morram 347 446 452, mas costumes que não são ritos dedicados a ídolos 373 407, costumes «de tantos mil anos» 333, ídolo em forma de cabaça pintada com figura humana 225, conceito material de Deus 153, «Tupana» 150, não têm religião, só «abusões» 434, demónios 150, medo dos demónios 137, medo de que lhes botem a morte 379, queimam sal e pimenta para que lha não botem 379 397, morrem de imaginação crendo que lha botaram 122, funeral 137 152, pranto 364, sobrevivência da alma 152-153, metempsicose e tabus 439.

Magia 17 137, feiticeiros (pagés), as suas funções próprias 17 18 150-152 225; 117 231 248 277 304 320 380, pregam de madrugada passeando e batendo nos peitos 220 407, o que prometem aos Índios 325, umas vezes mentem outras acertam a dizer verdade 452, tratam das doenças 150 152, facas e tesouras que fingem tirar do corpo dos doentes 256 147 316; «Santos» 268 447, a «cabana do santo» 248, a «santidade» dos Índios 17 150-151 242 384, com vinhos e cantares 225, de ano em ano 324, índias «possessas» (transe) 151-152.

Lendas e mitos: origem do pão 116-117, das Amazonas 593, 504-505, de Zumé 18-19 153.

Os Índios de S. Vicente alguma vantagem fazem aos das outras Capitanias 496, incorporação ao Estado do Brasil 36: Ver *Brasil;* ver CONVERSÃO DO GENTIO.—Ver ALDEIAS, LIBERDADE DOS ÍNDIOS, MÚSICA, DANÇAS, VINHOS.

ÍNDIOS ACONGUAÇUS: 11.
— AGAZES: 474.
— AIMURÉS: Notícia 149; 11 13 138.
— AQUILOÇOS: 473.
— AZTECAS: 19.
— BARBACANES: 475.
— BRACANOS: 477.
— BROTOQUIS: 477.
— CAETÉS: 51.
— CANES: 476.
— CAPORES: 476.
— CARCARAIS: 473 476 477.
— CARIJÓS: Fama de serem os melhores da costa do Brasil 185, usos e louvor 339, uns libertados e postos no Espírito Santo 404, vestidos de pe-

les 268, os do Paraguai ao princípio eram poderosos, cruéis e comiam carne humana 474; 11 13 14 45 122 147 148 202 210 227 260 337 384 476 479-481.
— CEVICHICOCIS: 477.
— CHANDULES: 473.
— CHIBCHAS: 19.
— CORCORONES: 477.
— CORORES: 476.
— CORUMNA: 473.
— CUCHAMECAS: 474.
— GAIMURÉS: 13.
— GAMELAS: 11.
— GARINES: 473.
— DO GATO: 429.
— GATOS [GUATÓS?]: 475.
— GAXARAPOS: 475.
— GÊ [GRUPO]: 13.
— GESSARUÇUS: 11.
— GOIANASES: 13 148.
— GUARANIS: 13 122 384: — Ver p. precedente, CARIJÓS.
— IBIRAQUARAS: 13.
— INCAS: 19.
— JANDUINS: 11.
— JURUNAS: 11.
— LAENOS: 476.
— MAEPENOS: 476.
— MAIAS: 19 409 476.
— MARES VERDES: 11.
— MECORETAS: 474.
— MEPENES: 474.
— MORGANOS: 477.
— MORIANOS: 477.
— MORITIZES: 11.
— MOROMOMINS: 11.
— ORICOCHIS: 477.
— PAGAIS: 473 475.
— PAIAIASES: 11.
— PAICUNOS: 477.
— PARAIS: 475.
— PARANAUBIS: 11.
— PARECIS: 475.
— PATAXOSES: 11.
— PAYAGUÁS: 473.
— PEROIBE: 462.
— QUELIAQUIANOS: 476.
— QUENAS: 473.
— QUIRANDAS: 473.
— QUIRIRIS: 11.
— RIRIIÚ: 11.
— SABACOCES: 475.
— SAICOCES: 473.
— SEVERIS: 476.
— SOPORIANOS: 476.
— TAMACOCHIS: 477.
— TAMOIOS: 250 428 429.
— TAONAS: 476.
— TARAPACHOCIS: 477.
— TEMIMINÓS: 429.
— TIMBUES: 472 474.
— TOBAJARAS: 11.
— TUPENIQUES: 13 149.
— TUPINAMBÁS: Generalidades e características 14-19, 13 16 149-151 227.
— TUPINAQUINS: 156 162 165 227 480.
— TUPIS: 13 16 17 154.
Ingolstadt: 53 216 217.
Inocêncio Francisco da Silva: Escritor. 43* 45* 108 115 116 118 145 146 267 289 442.
INQUISIÇÃO: 164-165.
INSTITUTO ESPANHOL (ROMA): 73.
INSTITUTO HISTÓRICO S. I.: 84.
INSTITUTO S. I.: Fórmula 21. — Ver COMPANHIA DE JESUS.
INSTRUÇÃO: — Ver EDUCAÇÃO.
INTÉRPRETES: — Ver TUPI (LÍNGUA).
Irala, Domingo Martínez de: Governador do Paraguai. 476 477.
Iria, Alberto: Escritor. 37* 38* 5.
IRMÃOS: — Ver COMPANHIA DE JESUS.
Irriberi: 38.
Isabel: Rainha de Castela. 89.
Isac: Patriarca. 167 332.
Itália: 22 53 56 58 60 94.
ITALIANOS: 164.

Itanhaém: 341 460.
Itapagipe: 196.
Itaparica (Ilha de): 258.

Jacob: Patriarca. 167 332.
* Jacobsen, Jerome V.: Escritor. 38*.
* Jácome, Diogo: Torneiro e catequista. Vida 41, em Ilhéus e Porto Seguro 109 114 156, para S. Vicente 184 226 260 261 353 356, «sempre em casa» 243, pede missionários 239, cartas perdidas 210; 7 20 109 118 132 160-162 238 247 297.
Jacurutucoara: 299.
* Jaeger, Luís Gonzaga: Escritor. 38*.
* Jaio, Cláudio: — Ver Le Jay.
JANGADAS: 381.
* Janssens, João Baptista: Geral S. I. 83.
Japão: Viagem de Xavier ao Japão paga por Portugal 28; 22 54 56 59 64 339.
Japiúba: 523.
Jaques, Cristóvão: Guarda-mor da Costa. 90.
Jedin, Hubert: Escritor. 38* 93.
JERÓNIMOS (MOSTEIRO DOS): 172.
Jerusalém: 21 94 329 334 398 471 458.
JESUÍTAS: — Ver COMPANHIA DE JESUS.
JESUS CRISTO: — Ver CULTO.
Joana, Princesa D.: Mãe de D. Sebastião. 114 489, escolar da Companhia de Jesus 313.
João, Príncipe D.: Filho de D. João III. 458 489.
João II (D.): Rei de Portugal. 33.
João III (D): Rei de Portugal. Vida 26-31, cria bolsas de estudo na Universidade de Paris 32, pioneiro da propagação da fé 101-104. sua intenção principal nas Conquistas 102, convida os Padres da Companhia 102 458, com a sua ajuda se começou a fundar e a espalhar a Companhia 29 30 488; funda o Colégio de Coimbra e S. Inácio dá-o como exemplo ao Duque de Baviera 217-218, entre os príncipes cristãos o maior benfeitor da Companhia 487, munificência 464 467; cria o Governo Geral do Brasil 5, e envia Nóbrega e os primeiros da Companhia 35, ordena que se dê o necessário aos Padres do Brasil 211 297, esmolas de escravos e gado 351; deseja que haja Padres em todas as Capitanias 267 270, envia sete meninos órfãos para ensinar os meninos brasis 214, proíbe que se dêem armas ao gentio 444-445; Nóbrega pede bom governador 345, correspondência epistolar com Nóbrega e conta em que a tinha 31, Nóbrega pede o seu favor para o Brasil 347; 19 21 22 24 25 28 33 34 47 48 50 52 82 87-90 92 94 97 101 124 174 188 212 214 265 271 289 346 350 431 450 454.
João VI (D.): Rei de Portugal 68.
JOGO: Naipes e dados 274, combateu-se e moderou-se 234, cartas de jogar numa Aldeia gentia 382.
Jorge, Isabel: Mãe de Vicente Rodrigues. 40.
«Journal de la Société des Américanistes»: 228.
JUBILEU DO ANO SANTO (1550): Patente 192-193, prega-se no Brasil 393, todos os que puderam o ganharam 394; 188-190 313 392.
Júlio III: Papa. 29 50 71 72 188 192 510.

JURAS: Moderou-se o costume de as fazer 234 311 394 515.
JUSTIÇA: Deus não favorece a injustiça e com justiça tudo rende mais 456.
Juvenal: Poeta. 89.
Juzarte, António: Cónego. Refugia-se na Casa dos Órfãos (Baía) 372 481-482.

Kloster, W.: 38* 480 493.
* Koch, Ludwig: Escritor. 38*.

* Lacerda, Agostinho de: Mis. de Angola. 68.
Lafuente Machain: Escritor. 476.
Lagoa dos Patos: 490.
Laguna do Embiaça: 431 503.
LARANJAS: — Ver AGRICULTURA.
LATIM: 397. — Ver EDUCAÇÃO.
Latio, João: Impressor. 441.
LAVOURA: — Ver ÍNDIOS; ver AGRICULTURA.
* Laynes, Diego: Geral S. I. 27 39 53 59 62 94.
* Le Jay, Claudio: 53 94 216.
Leão X: Papa. 128.
Lebrón, Alfonso de: 149 481.
* Lefèvre, Pierre: — Ver Fabro, Pedro.
LEIGOS: — Ver COMPANHIA DE JESUS.
Leiria: 96.
Leitão, Pedro: Capitão. 263 386.
LEITE: Para os meninos dos Colégios 351 403 501.
Leite, Berta: 326.
* Leite, Gonçalo: Professor. 371.
* Leite, José: Escritor. 84.
* Leite, Manuel: Escritor. 54 70 356.
* Leite, Serafim: Escritor. 38*-39* 41* 33 77 78 87 124 130 170 192 269 313 433 448 468 472; e *passim*.
Leite Cordeiro, J. P.: Escritor. 39* 495 501.
Lemos, Duarte de: Dá uma sesmaria ao Colégio do Espírito Santo 299.
LENDAS: — Ver ÍNDIOS.
Leonor (D.): Rainha de Portugal. 33.
Lescaño, Juan Gabriel de: 478.
* Leturia, Pedro de: Escritor. 36* 39* 188 442 500.
LIBERDADE DOS ÍNDIOS: No Regimento do Governo Geral do Brasil 6, Nóbrega inicia a luta contra os cativeiros injustos 119 121 166-167, e pede a El-Rei uma provisão contra eles (1549) e os proiba 123 156, e liberte uns índios injustamente cativos 170 175 202 210 236; a defesa dos Índios desagrada aos moradores 453, excessos contra os Índios sem que os Padres da Companhia os possam evitar 434 436, e são ameaçados 437, mas não absolvem os que possuem índios injustamente cativos 453, embora haja clérigos que os absolvem 270; é uma dor do coração e a sujeição moderada dos Índios fazendo-os viver em liberdade entre cristãos até às coisas materiais ajudaria 449 455-456; o caso de consciência (Nóbrega) 370.
Lima: 63.
Lima, D. Diogo Lopes de: 345.
LIMITES: A Capitania de S. Vicente não os tinha fixos 452 485.
LIMÕES: — Ver AGRICULTURA.
LÍNGUA BRASÍLICA: O mesmo que língua geral ou tupi. — Ver TUPI (LÍNGUA).
LÍNGUA PORTUGUESA: Primeira Escola no Brasil 111, pregações e cantos em português pelos meninos da terra 396 432.

Lisboa: Empório missionário 57, órfãos da Ribeira que embarcam para o Brasil 171; 22 24 26 32 38 42 45 55 80 215 218 237 292 349 357 442 448 458 462 464 466 492 516 520 522; Casa de S. Roque 67 108 116 145 146 200 211 212 218 232 250 266 272 305 314 322 349; Arquivos e Bibliotecas 61, Arquivo Nacional da Torre do Tombo 88 174 289 372 375 378 483, Biblioteca da Ajuda 61 65 98 101 105, Biblioteca Nacional 61 66 70 145 487.

Lisboa, Frei Marcos de: Escritor. 363.

LIVROS: Pedidos por Nóbrega 119 156, chegam ao Brasil 131 168, mandados por D. João III 215, um numa Aldeia gentia 382, munificência dos reis portugueses para as bibliotecas do ultramar 464 467; 440.

Lobo, Mícia: Órfã. 166.

Lobo de Almeida, Joana Barbosa: Órfã. 166.

Lobo de Barros, Catarina: Órfã. 166.

Lobo de Sousa, Baltasar: 166.

Löfgren, Alberto: 44* 245.

Londres: 21.

Lopes de Almeida, M.: Escritor. 523.

LOUÇA: —Ver ÍNDIOS.

Lourenço: Santo. 145.

* Lourenço, Brás: Superior do Espírito Santo. Vida 43, chega ao Brasil 514; 20 465 513.

Lourenço, Manuel: Vigário da Baía. 121 313 372.

Lovaina: 60 114 520.

Loyola: 20.

Lucas: Santo. 36.

* Lucena, João de: Escritor. 40* 87 363.

Lucena, Simão de: Vigário de S. Vicente. 244 460 499.

Luís, Infante D.: Munificência 467.

LUTERANOS: 33.

Luz, Francisco da: Vigário do Espírito Santo. 203.

Machado, Diogo Barbosa: — Ver Barbosa Machado.

Madalena, Maria: Discípula de Jesus. 331.

Madeira (Ilha da): 63 294 327.

Madre de Deus, Frei Gaspar da: Escritor. 460.

Madrid: 61 68-69 132 451.

* Maffei, João Pedro: Escritor. 58 73.

Maffeo, Bernardino: Cardeal. 218.

Magalhães, Álvaro de: 424.

Magalhães, António de: Escrivão. 301.

Magalhães, Basílio de: Escritor. 526.

Magalhães Basto, A. de: Escritor. 44* 129.

MAGIA: 17. — Ver ÍNDIOS.

Malaca: 54 56 218 299 363.

Malheiro Dias, Carlos: Escritor. 90.

Maluco: 54 218 485.

MAMALUCOS: Definição 432 438, etimologia 355-356, Nóbrega manda recolher os que andavam perdidos no sertão nos costumes dos Índios e comendo carne humana 230 236 269 285 290-291, Miguel que vivia como índio 391 399, da Baía 258, as filhas do Caramuru 370, em Pernambuco todas as mamalucas se casaram 293, em S. Vicente grande fervor de mamalucos e mamalucas 504, os meninos mais espertos aprendem latim 497; os filhos de João Ramalho 244, as filhas casadas com os homens principais 524, Nóbrega leva consigo um filho

de João Ramalho ao sertão «para mais autorizar o nosso ministério» 524; 245 361 496 526.
MANDIOCA: — Ver AGRICULTURA.
Mangenot, E.: Escritor. 36*.
Maniçoba: — Ver *Aldeias.*
Manicongo: 188 193 218.
Manresa: 21.
Manuel I (D.): Rei de Portugal. 3 26 28 36 89 101 128 162.
MAR: Tormentas 261. — Ver NAVEGAÇÃO.
MARACÁ: Descreve-se 383. — Ver ÍNDIOS.
Maranhão: 475.
Marcelo II: Papa. 65 155 217.
Marchant, Alexander: Escritor. 403.
Maria (D.): Imperatriz. 114.
Maria (D.): Infanta de Portugal. 48.
Maria (D.): Rainha de Portugal. 26 89.
Mariz de Morais, José: Escritor. 40* 108 118 132 145 155 283 289 348 425 521.
Marrocos: 34 64 189.
Marta: Discípula de Jesus. 331.
Martinori, Edoardo: Escritor. 40* 91.
Mascarenhas, D. Leonor de: 33.
Mascarenhas, D. Pedro: Embaixador em Roma. Vida 33-34, angaria os Padres S. I. para as Missões portuguesas 104-107; 20 26 66 95 101 102.
Mason, J. Alden: Escritor. 19.
«Materiaes e Achegas para a Historia e Geographia do Brasil»: 40*.
Mato Grosso: 475.
Matos, Luís de: Escritor. 40* 32 33 37 48 49 92 95-97.
MATRIARCADO: 387.
MATRIMÓNIO: — Ver SACRAMENTOS.
* Maurício Gomes dos Santos, Domingos: Escritor. 40* 523.
* Maximiano: 206 226 247.
Mazoyer, Ph. de: Escritor. 34* 124.
MEDITAÇÃO: 414, dos novíssimos e paixão de Cristo 416, de S. Agostinho 335, meditação frequente (leigos) 333. — Ver ORAÇÃO.
MEIRINHO: Dos Clérigos 436, dos Índios 412.
MEL: 339 494 506.
Melo: 43.
Melo, António de: 211.
Melo, Francisco de: Bispo eleito. 94.
Melo Franco, Afonso Arinos de: Escritor. 35* 40* 419.
Melo-Leitão, C.: Escritor. 40* 136 470.
* Mendes, António: Mis. de Angola. 68.
Mendes de Almeida, Cândido: Escritor. 40* 348.
Mendes de Almeida, João: Escritor. 40* 461.
Mendes Corrêa, A. A.: Escritor. 40* 10.
Mendes da Costa, Francisco: Escrivão. 265
* Mendizábal, Rufo: 8* 84.
Mendoza, D. Pedro de: 470 472 484.
Menéndez y Pelayo, Marcelino: Escritor. 40* 441.
* Mercuriano, Everardo: Geral S. I. 24.
Messina: 53.
MESTIÇOS: — Ver MAMALUCOS.
METARAS: — Ver ÍNDIOS.
METEMPSICOSE: Entre os Índios 439.
MÉTODOS MISSIONÁRIOS: 410. — Ver MISSÕES.
Métraux, A.: Escritor. 40* 11 137 138 151 152 225 439.
Mieussy: 216.
Miguel: Menino mamaluco 400.
Milão: 94.
MILHO: — Ver AGRICULTURA.

MINAS: esperança de minas de oiro 169 294 414 450 451, no interior da América do Sul 472 479 492 493 505, expedição ao interior de Porto Seguro 290 484 486 516, de oiro e pedras preciosas 156, de prata 451, de oiro e prata 447 449 450 473 475 476 (Cárcara) 478, o estímulo das minas de oiro 478.

Minho: 34 35 41 111 124 130 403.

MINISTÉRIOS: Com os cristãos brancos 224 254, que ocupam muito 289, e não pode deixar de ser porque dos Portugueses recebem os Padres da Companhia o necessário para a conversão do gentio 323, da quaresma 233-234, dos Padres e Irmãos 349, com Índios e Brancos 453-454; 322 394 432 490, de Nóbrega na Armada 426, Nóbrega leva um mamaluco, filho de João Ramalho, para mais autorizar os ministérios da Companhia entre os Índios 524.

Pregações: do Evangelho 452, pelas ruas e praças da Baía 363, parece novidade 290, sermões quaresmais 233, por interprete 326, de Nóbrega 8 110 120 129 162 165-166 254 261 288 394 426 428 431, de Leonardo Nunes 203 206-207 209 210 233, de Luís da Grã 466, de Ambrósio Pires 466, ao modo dos Índios 407, do P. Navarro 38 43 252, de Pero Correia 235 248 431; 162 261 392-393 431-432 516; meninos pregadores orfãos e da terra 316 320 350 353 378 426-429 497-498, na língua brasílica 376. Pregações e confissões dos Padres 218 311 323. — Ver SACRAMENTOS.

Procissões: oficiais 128, do Anjo e Corpo de Deus à moda de Portugal 128-129, das sextas-feiras da Quaresma 432, da Semana Santa 253, pelas Aldeias 376, dos meninos com grinaldas na cabeça e ora pro nobis 382, da Confraria do Rosário 325-326, dos Índios com a cruz seguida de meninos, homens e mulheres 280-281; de Corpus Christi no Paraguai 471.

Obras de misericórdia: visitar o próximo 132, os doentes e o hospital 185, os presos da cadeia 311, assistir aos condenados à morte 257 316 321, ministérios com degredados (que se corrigiam de jurar e renegar) 430, fazer pazes entre inimigos e desavindos 156 161 202 290-291 394, concluída em paz a demanda de Brás Cubas 501.

Miranda: 96.

* Mirón, Diego: Provincial de Portugal 55 368 417 420 423 458 494 497 501 510 521 522.

MISERICÓRDIA: A da Baía não quis o encargo dos meninos 405, de Ternate 363; obras de misericórdia: ver MINISTÉRIOS.

MISSÃO DO BRASIL: Fundada por Nóbrega 7-8, dependente da Província de Portugal 510, fim principal: converter o gentio atendendo também aos Portugueses 8, não se pode esquecer o nome do P. Simão Rodrigues, que então governava a Província de Portugal 458.

MISSIONÁRIOS: Para a Missão do Brasil não são precisas muitas letras, mas muito zelo e virtude (Nóbrega) 142 355 (aparato)

Faltam: Não bastariam todos os do Colégio de Coimbra ainda que fossem três ou quatro vezes mais 227, se para os Índios do Oriente e mouros são precisos dez para os do Brasil são precisos vinte 324, «quão poucos somos para tantos!» 398; 119 133 204 223 231 233 234 237 242 249 254 259 260 291-292 322-324 349 391 392 478.

Pedem-se: Nóbrega pede-os a D. João III 346, e ao Provincial num brado de angústia 356; 109 116-117 123 141-142 156 168 209 239-240 288 294 314 355 398-399 410 412 415 479.

Esperam-se: 220 239 268 290 313 329 490 494 499 523.

Chegam: 7-9 20 171 514.

MISSÕES: Proposta do Dr. Gouveia e resposta de Pedro Fabro 88 89, as primeiras da Companhia 105, fim religioso e civilizador 12, escopo de Portugal 101, o Colégio de Coimbra 27, Lisboa centro missionário 57; 42 69 87 100 216.

MITOS: De Zumé 18-19 153.

Moisés: Patriarca. 123 162 284 314.

* Molina, Luís de: Escritor. 67 370.

Molucas: 26 54 56 263 451 485.

Monbeig, Pierre: Escritor. 40*.

Moniz, Diogo: Provedor. 159.

Monomotapa: 326.

Monserrate: 20 21 520.

Monteiro, Gonçalo: Capitão. 460 461.

Monteiro, Mozart: Escritor. 40* 523.

Montmartre: 21 23 100 458.

* Montoya, A. Ruiz de: Escritor. 41* 390.

«Monumenta Historica Societatis Iesu»: 41* 79 84.

Morais, Fernão de: Morador. 461.

Morais, Sebastião de: Recebedor. 520.

MORALIDADE PÚBLICA: Os Portugueses não têm brancas com que se casem e por isso se amancebam com índias: Nóbrega pede que venham brancas e até «erradas» (não desavergonhadas) 119-120, e órfãs 344, todas se casariam evitando mancebia 168; há muitos portugueses casados no Reino que vivem em pecado no Brasil com prejuízo das suas mulheres e filhos: Nóbrega escreve a El-Rei que os seus capitães tenham cuidado nisso 292; tinha-se por infâmia casarem-se portugueses com índias 285: Nóbrega inicia a campanha pela constituição de lares cristãos legítimos, e os portugueses ou as largam ou se casam com elas 120 286-287; Nóbrega funda o Recolhimento de Moças 292, faz que as mulheres más que iam na Armada durmam debaixo das escotilhas 430; e observa que grassava no Brasil uma heresia sobre o vício da carne, reprovada pela Igreja de Deus, mas em que consentiam os clérigos 125, mancebias públicas aprovadas por clérigos 270, que absolvem amancebados levando dinheiro (penas pecuniárias) 421, e ficam na mesma 434, o caso do meirinho dos clérigos 436; a moralidade pública ia melhorando em Pernambuco 262, na Baía 394-395, em S. Vicente 438; Nóbrega pede um indulto geral da Santa Sé para sanar casos de honestidade pública 525; no Paraguai 337-338.

Moreira da Maia: 222.
MORTIFICAÇÕES PÚBLICAS: — Ver COMPANHIA DE JESUS.
Mota, D. Carlos C. de Vasconcelos; Cardeal. 33*.
MOTIM DO MONTE CALVÁRIO: 307.
Moura, Américo de: Escritor. 41* 524.
MOUROS: 224 225 322 324.
MULHERES: Índias e brancas em S. Vicente 222, faltam brancas 119 e são muito desejadas 344 e necessárias 394, mulheres portuguesas 371 421-422.
Munique: 74.
Múrias, Manuel: Escritor. 28.
MÚSICA: Dos Índios 14, instrumentos índios 373 376 407, taquaras e maracás descrevem-se na Aldeia do Grilo 383, os meninos tocam ao modo dos Índios 385, e pedem instrumentos músicos portugueses (populares) 376 383-384, procissão com músicas na Baía à moda de Portugal (1549) 129, à moda dos Índios proibida pelo Bispo 358 359 368, coros de canto e flauta 46, de canto de órgão e flautas 246, os Índios gostam da música e do canto de órgão 431, atracção do canto e música 385, Escola de canto e música em S. Vicente 497, Nóbrega «com música e harmonia de vozes atrevia-se a trazer a si todos os gentios da América» 384.

* Nadal, Jerónimo: 59 79.
Nápoles: 54-56.
Narni: 59 60.
NAUFRÁGIOS: Do donatário Francisco Pereira Coutinho 4, do Bispo 51, de Leonardo Nunes 38, de Nóbrega 430, de Índios 269 303; 302 316.
Navarra: 38.
Navarrus (Doctor): — Ver Azpilcueta, Martín de.
NAVEGAÇÃO: Trabalhos entre Portugal e o Brasil 514-516, dificuldades da navegação das Capitanias entre si 392, mais fácil entre S. Vicente e Portugal que entre S. Vicente e a Baía 522 527, más embarcações com risco de morrer afogado 500, fluvial 219; galeão velho S. João Baptista 173 258, naus Galega 52, S. Bento 448 466, Conceição 515; canoas de Índios 204-205, jangadas 381; 263-264.
NEGROS: 110 322. — Ver *Guiné;* ver ESCRAVATURA.
Nemésio, Vitorino: Escritor. 41* 108 118 132 283 328 348 419 448 489 521.
Neves, Álvaro: Escritor. 43*.
Neves, José Cassiano. Escritor. 41*.
Nóbrega, Frei Afonso da: 36-37.
Nóbrega, Baltasar da: Juiz de Direito. Pai do P. Manuel da Nóbrega.
* Nóbrega, Manuel da: Fundador da Província do Brasil. Vida 34-37, formado em Direito Canónico 134, enviado de Portugal ao Brasil «por princípio de que o santo nome de Deus seja conhecido e louvado» 134, «esta terra é nossa empresa» 123.

I. — *Fundador da Missão do Brasil,* com dois fins: converter os Índios e reformar os cristãos 8.

1. Conversão dos Índios. Índios de que fala Nóbrega 13, e de que dá elementos para se determinar a sua religião primitiva 17.

a) Nóbrega inicia a catequese cristã do Brasil 111, zelo

ardente pela conversão dos Índios 113, honra o principal que se converte 113, a quem dá um barrete vermelho 113, converte um feiticeiro 144, pede roupa para se vestirem as índias 127-128, e manda plantar algodoais para os meninos se vestirem 352, vai em peregrinação pelas Aldeias da Baía até às pegadas de S. Tomé 376 385-386 410, necessidade de os Índios viverem juntos para se doutrinarem 522-523 (ver ALDEIAS), dá posse ao P. Navarro do governo de uma Aldeia 280, procura que o Caramuru seja pai e governador dos Índios 156 397-398 408, Nóbrega numa Aldeia em noite de luar 142-143; impede que os Índios se comam uns aos outros (ver ANTROPOFAGIA) e não vivam em poligamia mas em matrimónio cristão (ver SACRAMENTOS); ordena que se aprenda a língua brasílica (tupi) e se façam traslados 112 252, e se ponham em verso e canto os mistérios da fé 384, com cantos e música entraria seguro no sertão 384; usa e defende a confissão por intérprete 369; trata de que haja na terra quem prossiga a obra da conversão do gentio (ver CLERO INDÍGENA; ver VOCAÇÕES), e coloca a esperança sobretudo na educação de meninos 268-269 505, pede e alcança a sesmaria de «Água dos Meninos» para ensinar moços do gentio «que por tempos levem o nome do Senhor a todas as gentes» 195; ordena casas em todas as Capitanias para os filhos do gentio se ensinarem 288, e que aprendam a ler também os meninos de fora 433, queria mandar uns a Portugal mas não achou embarcação boa 353; esperança de que se faça um povo cristão 347 (ver EDUCAÇÃO).

b) Defensor dos Índios. Nóbrega inicia a luta contra os cativeiros injustos 121, manda Leonardo Nunes levar uns Índios libertados 202, recorre a El-Rei 123 166-167 455-449, «doi-lhe o coração» pelas injustiças que se cometem 165 449 456 (ver LIBERDADE DOS ÍNDIOS).

c) O Sertão. Já em 1551 Nóbrega pensa nos Carijós (ou Guaranis) de S. Vicente 268-269, e em ir para o Sul com o Governador 270, e entrar pela terra dentro 268 374 420; detém-no a fundação das Casas nas Capitanias 354-355, que visita 426, chamado de S. Vicente 355 (no Rio de Janeiro [1552] 429), e pede mais Padres para entrar ao Sertão (ver MISSIONÁRIOS), para aí fazer uma grande cidade 432 492; impedido por motivos políticos 432 449 450-452 486, espera que El-Rei permita ao menos casas entre o gentio mais próximo 502. trabalhará no Campo de Piratininga e depois irá ao Sertão 504, funda a Aldeia de Piratininga a 29 de Agosto de 1553 496, e entra pelo Rio Tietê levando consigo um filho de João Ramalho para mais autorizar o ministério da Companhia 524.

2. Reforma dos cristãos. Em geral (ver MINISTÉRIOS)

a) Em particular: dos Clérigos que viviam amancebados e

administravam indignamente os Sacramentos (ver CLÉRIGOS), e deviam vir clérigos que só buscassem a Jesus Crucificado 116; dos leigos procurando que vivessem em vida conjugal legítima (ver MORALIDADE PÚBLICA), empenhando-se por João Ramalho 524-526, em cuja família funda grandes esperanças 524; pede da Santa Sé amplas faculdades 123-124. e um indulto geral 525; dos que consentiam injustos cativeiros (ver LIBERDADE DOS ÍNDIOS).

b) Espírito apostólico: Tem os poderes do Núncio 123, primeira missa da Companhia no Brasil 110, missas de graça 270; toma à sua conta os cristãos da Baía 121 129-130, primeiro pároco (interino) da nova cidade 121 129-130, pregador do Governador e Portugueses 8 110 120 162 261 288, contínuos sermões e negócios espirituais com os cristãos 254, passa o Natal em Porto Seguro (1549) confessando 162 165-166; promove o uso «continuado» dos sacramentos 333, a comunhão nas condições devidas 285-286, a meditação frequente 333, manda tocar campainha pelas ruas 131, faz que os degredados se corrijam de jurar e renegar 430, congraça inimigos 291, conclui em paz a demanda de Brás Cubas 501, magnanimidade com que pede uma comenda para o Bispo 401; talento de adaptabilidade: «casas conforme a terra» 403, em 1553 no Brasil importava mais uma casa de palha para dez moços aprenderem que sumptuosos colégios em Portugal 403, a semelhança é causa de amor 407-408, sem que Nóbrega excluisse a hipótese de vir a ser morto e comido pelos índios do sertão 355; brado de angústia a pedir missionários 356; capelão militar 257.

II. — *Religioso.*

a) Cargos de governo: Superior da Missão do Brasil 9 22-23 87, «Maioral dos Padres da Companhia de Jesus» 176 213 297 357, «Reitor Geral destas partes do Brasil» 299; Vice-Provincial 9 22-23 510, Provincial (do Brasil «e outras regiões mais além») 506-508; fala dos súbditos com louvor 143 401, não perdeu nenhum dos que trouxe de Portugal 353.

b) Espiritualidade: Do Crucificado, que apresentaremos 8 114, do Corpo Místico de Cristo 288, afectos espirituais: «escritos no meu coração» 329, exortação aos moradores 329-335, profundeza da sua vida espiritual (1o soneto a Jesus Crucificado) 143, alegria espiritual 430, organiza a vida regular da Companhia no Brasil 132.

c) Humildade: Diz que não faz nada 130, e dá mau exemplo 353, escória 134, rebotalho 500, sou muito soberbo 406, não posso emendar-me dos meus pecados 491, pede a bênção ao Provincial de Portugal 109. pede que os letrados da Universidade de Coimbra resolvam as dúvidas do Brasil 408.

d) Votos: Recebe ordem para fazer a profissão solene 509-511; pobreza: vive de esmolas 403 500, comia com os cria-

dos do Governador para que se soubesse que os bens eram dos meninos 404, alimentação pobre deveras 500, pobreza pessoal 404, parece que não podemos deixar de dar aos Índios a roupa que trouxemos de Portugal para ficarmos iguais com todos 113, falta de camisa 372; castidade: corta ocasiões e murmurações e procede judicialmente para obstar à difamação da Companhia 498-499, zela a do clero (ver CLÉRIGOS), a dos leigos (ver MORALIDADE PÚBLICA); obediência ao seu superior (o Provincial de Portugal) a quem dá conta de si e de tudo nas suas cartas *(passim)*, e ao Bispo 393, que se confessa «muy devoto» de Nóbrega 365.

e) Fundador: Da Missão e Província do Brasil 29, chefe religioso na fundação da Baía cujo Colégio funda 125-126 271, assim como a igreja 125-126 158, dá princípio ao Colégio de Pernambuco 286, e ao Recolhimento de Moças 286 292, escolhe sítio para o Colégio de Porto Seguro 427, funda a Aldeia de Piratininga (São Paulo) 46 522-523, dá «princípio a casas que fiquem para enquanto o mundo durar» 402.

f) Particularidades: Nóbrega deixa as notícias da terra ao comento dos Irmaos 115, e manda-lhes que escrevam 392; exercita os súbditos em exercícios de humildade e mortificação pública ao estilo do tempo 362-363; manda a Vicente Rodrigues que não seja doente e sara 352-353; o seu catarro 169, adoece e é sangrado duas vezes 430, padece tormenta por mar na viagem de Pernambuco 261, naufraga em S. Vicente e é salvo pelos Índios 430, assinala as diferenças biogeográficas entre o Brasil e a Península Ibérica 136, pede ferramenta, sementes e livros 131, aço e ferro 502-503, e que em Portugal se socorra a mãe dum Irmão do Brasil 424; tem saudades religiosas dos Irmãos de Coimbra 284, saudades diferentes das dos oficiais mecânicos que deixaram mulher e filhos em Portugal 127; manda pagar a dívida da Missão do Brasil ao Colégio de Coimbra 423; recebe António Rodrigues na Companhia 480, pede a bula do Santíssimo Sacramento 124; acções e obras que são milagres 439-440.

III. — *Preocupação do bem público.*

a) Estadista 35 169, a unidade do Brasil: aconselha que a Capitania de Pernambuco e de toda a costa seja da Coroa 291, e também a de S. Vicente «por ser a entrada para dentro da terra» 496, a questão das Molucas e do Paraguai 451, correspondência com D. João III e caso que o Rei de Portugal fazia das suas informações 30-31, pede-lhe que favoreça o Brasil 347, como convém proceder com os Índios 346-347; interessa-se pelo futuro da família de Tomé de Sousa 345, e oxalá que o novo Governador não destrua o pouco que está feito 345-346; promove o casa-

mento de portugueses com índias 285 (ver MORALIDADE PÚBLICA); que venham oficiais mecânicos e tecelões 127, gente «que aproveite à terra» 346, «que rompa e queira bem à terra» 344; virtudes cívicas e religiosas de Nóbrega 36, amor de permanência ao Brasil 51, terra sã «e a melhor que há» 168, a «terra melhor do mundo» 458.

b) Alguns testemunhos: De S. Inácio 509-510, um dos «fundadores do Brasil» 53, o bibliógrafo Inocêncio emenda a mão 75, «o 1.º Missionário do Brasil» (Vieira) 384, «Apóstolo do Novo Mundo» (Vale Cabral) 67; «não há ninguém a quem o Brasil deva tantos e tão permanentes serviços» (Southey) 35.

IV.—*Homem de Letras.* Expansão das suas cartas 53-60, traduções 60, «Opera omnia» 78.

Outras referências: 35* 40* 41* 20 27 39 44 45 65 67 70 72-74 76-78 82 96 108 115 133 139 154 155 177 194 212 218 220 222 238 266 271 273 276 277 280 281 283 295 296 303-305 307 309 314 319 327 328 335 336 341--343 348 359 366 367 376 390 391 400 419 443 448 463 467 469 488 491 504 509 512 519 521 527.

Noé: Patriarca. 139.

* Nogueira, Mateus: Ferreiro. 206 226 421 502.

NOMADISMO: Os Índios mudam as Aldeias 181. — Ver ÍNDIOS.

Nordeste: O Nordeste do Brasil, fértil, mas faltou chuva 322.

Normandia: 91 92.

NOSSA SENHORA: —Ver CULTO.

Novo Mundo: 1.ª Missão da Companhia (Brasil) 9 18 67.

* Nunes, Leonardo: Fundador do Colégio de S. Vicente. Vida 37-38, Nóbrega manda-o para Ilhéus e Porto Seguro 109 114 128 129 156 160, e para S. Vicente 161 184, levando os Índios Carijós libertados 201-202 205, recebido em S. Vicente e Santos com alegria 206, faz grande casa 260, vai ao Campo de Piratininga 207-208, uma índia impede que seja maltratado 222 243-244, entradas 220--221 226 230-231 235 243 244 248, aos Patos donde voltou doente 426 431 490 503, tem obrado coisas que se não podem sofrer 231, pensa em ir aos Carijós do Paraguai 337 341, donde lhe escreveram 481; ministérios 239, bom pregador (o «Aarão» de Nóbrega 161) 203 206 207 233; cantor regente e músico 192 246 431, zeloso com índios e brancos 242 243, apóstolo da Eucaristia em S. Vicente 238, «Bareachu» 336, cristão novo 468, falecimento 212; 7 16 20 44 55 70 81 109 118 123 132 146 149 154 200 201 203 219 231 239 261 272 296 297 312 327 335 336 355 356 372 398 421 424 430 458 480 490 491 494 497 500 501.

* Nunes Barreto, Belchior: 219 222.

* Nunes Barreto, João: 223 229.

OBSERVÂNCIA REGULAR: — Ver COMPANHIA DE JESUS.

Ocaña: 464.

Ocidente: 9 28 29 53 485.

OFÍCIOS: —Ver ARTES E OFÍCIOS.

OIRO: —Ver MINAS.

Olinda: Recolhimento de Moças 286; 51 246 261 289 466. —Ver *Pernambuco.*

Oliveira, António de: Capitão-mor. Virtuoso e zeloso 237--238; 206 459 462 463 495.
* Oliveira, Gonçalo de: 319.
Oliveira, Miguel de: Escritor. 41* 124.
ONÇAS: 278 470.
ORAÇÃO: No Brasil uma hora antemanhã 132, utilidade e necessidade dela pelos missionários 324-325, verbal e mental (leigos) 312 396. —Ver MEDITAÇÃO.
ORDEM SACERDOTAL: — Ver SACRAMENTOS.
ORDENS MILITARES: De Cristo 27 196 198 345 406, de Santiago 27 345 406, de Avis 27 406.
ORDENS RELIGIOSAS: 97, Carmelitas 126, Cartuxa 95, «Ordem de Jesus» 463 (ver COMPANHIA DE JESUS), de S. Agostinho 25 48 49 (Crúzios 42), de S. Domingos 36-37, de S. Francisco 122 147 162 164 263 409 424 481 (Padres de S. António 156 164 277 278).
Ordônhes, Diogo de Toledo Lara: 67.
ÓRFÃOS: Primeiro embarque de meninos órfãos portugueses para o Brasil (sete) 170-174, atraem os meninos brasis com os seus cantares 269, repartem-se pelas Capitanias 259, pelas Aldeias cantam e pregam 320, pregam e ensinam a doutrina 287, cartas perdidas 210; 251 258 292 316 378 389 390 402 410 416 420-421 431 468 503.
ÓRFÃS: Vindas de Portugal para o Brasil a pedido de Nóbrega para ajudar o povoamento, onde todas se casaram, 156 166 290 293 344 345.
Oriente: 26 28 29 70 71 111 193 485.
* Orlandini, Nicolau: Escritor. 41* 104 506.
Ormus: 218 339 521.
ORNATOS: — Ver ÍNDIOS.
Orúe, Martín de: 451.
Osório, D. Jerónimo: Bispo de Silves. 93.

Pacífico (Oceano): 10 19.
PADROADO PORTUGUÊS: Fundado no Grão Mestrado de Cristo 27, o Rei de Portugal «prelado» das terras novamente descobertas 27; 345.
Pádua: 24 53 60 94.
PAGÉ: Feiticeiro. —Ver ÍNDIOS.
* Paiva, Manuel de: Vida 249-250, na Baía a carpinteirar e taipar 31, com o Ir. Vicente Rodrigues tira um cadáver das mãos dos Índios para estes o não comerem 306 308-309, a mortificação e ficção pia da venda pública ao estilo do tempo 362, esteve nos Ilhéus 260, Vice-Superior da Baía na ausência de Nóbrega 254 261 265, Superior do Espírito Santo 299, prega o Ano Santo 393 431, vai para S. Vicente 421 428, parente de João Ramalho 522 524, em Piratininga 523; 171 185 265 295 353 391 491 499.
Palavicino, Enrique: Escritor. 34* 151.
Palermo: 53.
Palestina: 333.
Palha, Fernando: Escritor. 41* 90-92.
Palma: 33 107.
Palmelaer: 62.
PALMITOS: —Ver AGRICULTURA.
Pamplona: 20.
PÃO: Lenda da sua origem: ver ÍNDIOS.
Paraguai: Comércio com S. Vicente 485, na demarcação de Portugal 451 490 492, Nóbrega,

impedido de ir lá, espera que fique de Portugal 495-496, caminho fechado por Tomé de Sousa 484, canto e doutrina 478, Procissões de Corpus Christi e louvores ao Santíssimo Sacramento 479, clero (bom e mau) 337, espera Padres da Companhia (1552) 338 341, e precisa deles (Nóbrega) 480; 11 23 45 149 336 338 458 470.

Paranhos, J. M. da Silva: Diplomata. 156.

Paripe: 388 397 410 411.

Paris: «Pragmatica Censio» dos estudantes 88, mestres portugueses 88; 21 23 24 50 55 87 92 93 97 101 156 373 455 458. —Ver COLÉGIO DE SANTA BÁRBARA.

Pastor, Ludwig von: Escritor. 41* 93.

Paulo: Santo Apóstolo: 314 330 335 363.

Paulo III: Papa. Louva a iniciativa de Portugal sobre as missões da Companhia de Jesus 106; 21 93 124 188 218.

* Pecorella, Domingos Anes: 169 183 516.

PECUÁRIA: Vacas ovelhas cabras 148, porcos 382 412. — Ver GADO.

Pegado, César: Escritor. 84.

Peixoto, Afrânio: Escritor. 35* 41* 45* 46 76 145 151 218 272 325 521.

Penafiel: 124.

PENITÊNCIAS PÚBLICAS: Nos tempos litúrgicos 371, proveitosas 331, aprovadas por S. Inácio 363, desaprovadas por D. Pedro Fernandes 358; 374. — Ver DISCIPLINAS.

Perdigão, Henrique: Escritor. 41* 93.

PERIGRINAÇÕES: de Nóbrega 35, dos meninos do Colégio da Baía 376, às ermidas das Aldeias 184, de Padres e meninos ao sertão da Baía e pegadas de S. Tomé 379 381 391 410, a N.ª S.ª da Ajuda (Porto Seguro) 260; 377 396 426. —Ver ENTRADAS.

Pereira: 109.

Pereira da Costa, F. A.: 42* 266 283 289.

Pereira Coutinho, Francisco: Donatário. 4 109 148.

Peres, Damião: Escritor. 523.

Peres, Diogo: Mestre de Obras. 127.

* Pérez, Fernão: Escritor. 67 370.

PERIGOS: de caminhos rios onças e índios selvagens 277-279 414, cobras 304, no mar (ver NAUFRÁGIOS).

Pernambuco: A Capitania principal e mais povoada 270, entrada em busca de oiro 486, estado moral à chegada de Nóbrega e seu companheiro, bem recebidos 261 269 284 289 291, Capitães virtuosos que ajudam os Padres 288 289, cortezia dos moradores 261 323, ministérios de Nóbrega e do P. Pires 289 322, fundam-se duas casas 284 290, reforma dos costumes 80% dos pecados são tirados 334. não chovia e choveu 324, fervor das índias forras 286-287, Exortação de Nóbrega aos moradores 328-335; 4 8 9 29 39 51 114 192 194 212 249-252 254 260 264 266 271 282-284 289 295 309 310 319 321 327 344 353 374 392.

Peru: Precisa de Padres S. I. 480; 11 19 63 336 409 451 470 477 479-481.

Perutbe: 44 459-463.

PESCA: Dos ÍNDIOS 137 148, muito pescado 275, curado ao sol 474,

ostras 388, camarão 388; 382 403 404 506.
Pesqueira, Gregório da: 44.
Pimenta, Alfredo: Escritor. 42*.
Pimenta, Bernardo Sanches: Capitão. 298 299 301.
Pimentel, D. Ana: Donatária 462.
Pina, Luís de: Escritor. 42* 108 132 145 523.
Pinda: 189.
Pinheiro, António: Doutor. 25 96.
Pinheiro de Carvalho, Inofre: Escrivão. 198 200.
Pinto, Estêvão: Escritor. 42* 12 360.
PINTURA: Do corpo (ver ÍNDIOS).
Pio IV: Papa. 71 72.
Pio V: Papa. 129.
PIRATAS: —Ver Ango, João.
Piratininga: 37 40 201 207 222 341 431 496 499. —Ver *Aldeias;* ver *São Paulo.*
* Pires, Ambrósio: Vida 466, chega ao Brasil 514, vai para Porto Seguro 514 516.
* Pires, António: Vida 38-40, porteiro do Colégio de Coimbra 327, coadjutor de Nóbrega na Baía 129, superior na ausência de Nóbrega em Porto Seguro 185, aprendeu as artes mecânicas (carpinteiro) 264, faz a casa e igreja da Baía por suas mãos 158 185, tinha cargo da casa da Baía antes de ir com Nóbrega para Pernambuco 254, chega a Pernambuco 284 322, visitador do Bispo 350 374-375, pregador 323, dos Índios (orações e sermões escritos) 262, em Pernambuco 128 251 284 332, humildade 322-323, carta perdida 210; 7 20 55 70 109 114 118 125 127 139 194 250 251 261 267 276 278 290 310 311 317 319 321 328 329 353.
* Pires, Francisco: Antigo crúzio, fundador da Igreja da Ajuda (Porto Seguro). Vida 42-43, ministérios em Porto Seguro 260, vai com Nóbrega para o Sul 421 426, adoece na viagem 430, mestre dos meninos em S. Vicente 431; 20 55 158 171 185 276 297 321 353 364 375 389 390 399 408 415 425 491 497 499.
Pirineus: 4.
Plasencia: 464.
Platão: 47.
Plínio o Velho: 135.
PLUMA: —Ver ÍNDIOS.
POBREZA: —Ver COMPANHIA DE JESUS; ver SUSTENTAÇÃO (MEIOS DE).
* Polanco, Juan Alfonso de: Secretário da Companhia de Jesus e escritor. Vida 24-25, assinala a entrada de Nóbrega 34; 42* 19 35 56 58 63 80 100 104 132 146 187 190 192 200 205 216 219 231 250 251 267 272 273 276 280 302 314 335 357 367 391 409 423 425 448 468 487 506 509 513 514 519 521 526.
POLIGAMIA: Dos Índios, 111 119 136 137 141 225 267 382.
Pompónio: 135.
Ponce de la Fuente, Constantino: Doutor que se fez luterano, os seus livros 440-442.
Portela de Sacavém: 40.
Porto: 35 93 129 222 301 448.
Porto das Naus: 459-461.
Porto Seguro: Nóbrega manda para aí o P. Leonardo Nunes e o Ir. Diogo Jácome 109, e vai ele próprio 184, Navarro e Vicente Rodrigues 202 277, a Fonte da Senhora 316 321, quer casa de meninos 277 393, Nóbrega escolhe sítio para o Colégio 427, entrada em busca de

oiro 486; 4 8-10 13 20 38 41-44 73 113 114 132 155 161 164 165 169 170 203 252 254 261 273 274 277 296 312 353 391 394 399 400 417 466 514 516 518 522.

Porto Seguro, Visconde de [Francisco Adolfo Varnhagen]: Escritor. 35* 42* 90 483.

Portugal: Como S. Inácio escreve este nome em latim 88.

a) No plano internacional. O Rei de França pede dinheiro emprestado ao de Portugal 88, defesa dos domínios ultramarinos 88, um Padre da Companhia empunha a bandeira de Santiago contra os piratas 43, a questão das Molucas 451, armas de Castela tiradas no Sul do Brasil 486, Nóbrega espera que o Paraguai fique de Portugal 495-496.

b) No plano da Igreja e Missões. A «Fé e o Império» 5, Portugal pioneiro da Propagação da Fé 102, e das Missões da Companhia de Jesus 22, iniciativa de as pedir 26-27 103, a sua bandeira patrocina as primeiras para o Oriente e para o Ocidente 29 30, paga as despesas da ida de S. Francisco Xavier ao Japão 28, e outras ajudas 467, os seus reis eram «Prelados» das missões ultramarinas portuguesas como grãos mestres das Ordens Militares 27, testemunho de Tacchi Venturi 27, S. Inácio dá Portugal como exemplo à Baviera 217-218.

c) No plano do Brasil. A propagação da Fé intenção principal de mandar povoar o Brasil 5, institui o Governo Geral 4-7, entrada dos Portugueses na Baía com majestade 115, procissões à maneira de Portugal 129, os Padres do Brasil desejam também o proveito do Reino de Portugal (Nóbrega) 346.

Portugal manda os Padres da Companhia para o Brasil 29, dá-lhes de comer e vestir 211 297, dá vestido e livros e tudo o que pedem aos órfãos do Brasil 215, os seus altos funcionários favorecem os Padres 130-131 e a conversão do gentio 254, o Rei de Portugal autoriza e faz caso das informações de Nóbrega para bem do Brasil 31.

Portugal promove também a civilização e proveito dos Índios 5, os meninos brasis aprendem a cantar em tupi e português 396, primeira escola de português no Brasil 111, o índio D. João Tacuí, que deu entrada aos Portugueses na Baía 225, incorporação dos Índios ao Estado do Brasil 36 186; e *passim* (todo o livro).

Portugal, D. Fernando José de: 68.

Portugal, D. Martinho de: Arcebispo do Funchal. 294.

Portugal, Tomás António de Vila-Nova: 67.

PORTUGUESES: Os do Brasil dão o necessário aos Padres para tratar com os gentios 323, ajudam a educação dos meninos 290, querem fazer Colégios pelas Capitanias 352; do Paraguai 336.

Postel, Guilherme: 24.

PRATA: — Ver MINAS.

PREGAÇÕES: — Ver MINISTÉRIOS.

Prestage, Edgar: Escritor. 42* 50.

Prevost, Pedro: 91.

PROCISSÕES: — Ver MINISTÉRIOS.
PROCURATURA: 349.
PROPAGAÇÃO DA FÉ: Escopo de Portugal 101, primeiro elemento do Regimento do Governador do Brasil 5, dificuldades 147.
Ptolomeu: 135.

* Quadros, António de: 359 451.
Querino, Manuel: Escritor. 132.

RACISMO: Ausente nos portugueses que se casam com as índias 259. — Ver MORALIDADE PÚBLICA; ver SACRAMENTOS.
Ramalho, André: Mamaluco. 524.
Ramalho, Beatriz: Mamaluca. 524.
Ramalho, Catarina: Mamaluca. 524.
Ramalho, Joana: Mamaluca. 524.
Ramalho, João: Capitão-mor do Campo. De Vouzela 525, há 40 anos 434 435, primeiras relações com Leonardo Nunes boas 207-208, depois más 243-244, excomungado quis maltratar o P. Nunes, impedindo-o uma índia 222, ele e os filhos escândalo eliminado por Nóbrega 490 498, conhecido e venerado entre os gentios 524, filhas casadas com os principais homens da Capitania 524, embora em pecado mortal sustentou a terra por causa de Cristo 525, deseja casar-se pela Igreja e Nóbrega pede informações da mulher que deixara em Portugal 522, e pede dispensa particular ao Núncio para ele se casar com a índia, não obstante ter conhecido outras irmãs dela 526, se houver gastos com as dispensas matrimoniais Ramalho pagará em açúcar 526, falecimento em boas contas com Deus 526.
Ramalho, Manuel: Morador no Espírito Santo. 300.
Ramos, Artur: Escritor. 42* 10 90 153.
Rates: 52.
Rebelo da Silva, Luís Augusto: Escritor. 36*.
RECOLHIMENTO DE MOÇAS: Nóbrega dá ordem para que se faça 286 290 292.
REDES: Dos Índios 382.
REGIMENTO DO GOVERNADOR: Sentido missionário 5; 196 445.
REGIMENTO DO PROVEDOR-MOR: 5.
Rego, António do: Escrivão. 200.
REGRAS: — Ver COMPANHIA DE JESUS.
RELIGIÃO: — Ver ÍNDIOS.
RESGATES: De ferro 446, feitos por Mateus Nogueira para sustento dos meninos 502-503, anzóis 443, sem resgates os Índios passarão fome 445, um escravo por uma cunha de ferro 446; 233-234 347.
«Revista da Academia Brasileira de Letras»: 42* 77 521.
«Revista do Arquivo Municipal de São Paulo»: 42* 77 521.
«Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro»: 42 74-75 108 116 118 146 267 289 328 343 348 400.
«Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo»: 42* 495.
«Revista do Museu Paulista»: 42*.
* Ribadeneira, Pedro de: Escritor. 42* 56 87.
Ribeira, Fernando de: 475.
Ribeiro, Gomes: Visitador do Bispo. 371 421 435 454.
Ribeiro, João: Escritor. 133 135-137 145 156 166.
Ricard, Robert: Escritor. 42* 441.
Rico, Pedro: Beneficiado. 164.

Rijo, Antão: Pai do P. Vicente Rodrigues. 40.
* Rijo, Jorge: Ministro do Colégio de Coimbra. 40.
* Rijo, Vicente: 110. — Ver Rodrigues, Vicente.
Rio Amazonas: 475.
— *Anhembi:* 338 523.
Rio Branco, Barão do: 156.
Rio de Cotegipe: 388.
— *Cururuípe:* 51.
— *Danúbio:* 53.
— *do Frade:* 165 277.
— *Guaraípe:* 462.
— *Guaraú:* 460.
Rio de Janeiro: Primeira catequese da Companhia (Nóbrega) 429, o governador quer fazer aí uma povoação de Portugueses 428, conquista 36 40 46; 4 29 41-43 67 426; Bibl. Nacional 61 67 108 116 118 176 200 211 212 218 224 229 232 239 249 250 264 266 272 276 284 295 296 302 305 314 322 366 417.
— *Madeira:* 11.
— *Maranhão:* 409 475.
— *de Matoim:* 380 381 388 389.
— *Mondego:* 32.
— *Paraguai:* 46.
— *Paraná:* 338.
— *dos Patos:* 431 503.
— *da Prata:* fronteira do Brasil 484; 336 409 470 486 495 503.
— *Reno:* 53.
— *de Santa Catarina:* 462.
— *Sena:* 32.
— *Tejo:* 215.
— *Tietê:* 220 230-231 338 523.
— *Vermelho:* 195 197 199.
— *Zaire:* 189.
RITOS: Romano e bracarense 150, dos índios (não idolátricos) 17 373. — Ver ÍNDIOS.
Rivara, Joaquim Heliodoro da Cunha: Escritor. 42* 66.
* Rocha, António da: 299.
* Rodrigues, António: Primeiro Mestre-Escola de São Paulo. Vida 45-46, viagens e expedições militares na América do Sul antes de entrar na Companhia 409 468-481, fundação de Buenos Aires 470, fundação de Assunção 474-475, pede que o deixem ir ao Paraguai com alguns Padres 409, cantor e músico 431 497; 20 336 458 478 485 491 493 523.
Rodrigues, António: Morador de S. Vicente. 461.
* Rodrigues, António Augusto: 84.
* Rodrigues, Francisco: Escritor. 42* 23 25 32-34 88 94 95 97 98 100 101 104 175 189 224 326 327 363 420 448 464 488 491.
* Rodrigues, Jerónimo: Mis. dos Carijós. 45 147.
Rodrigues, José Honório: Escritor. 35* 42* 76.
* Rodrigues, Pero: Provincial. 40.
* Rodrigues, Salvador: Mestre dos meninos 353, tocava e dançava com os meninos 359, ensina o gentio e visita as roças 311, quartãs e outras doenças 254, falecimento 212 518; 171 185 261 382 516 517.
Rodrigues, Sebastião: Físico-mor. Irmão do P. Simão Rodrigues 95.
* Rodrigues, Simão: Fundador da Província de Portugal. Vida 458. Superior maior das missões da Companhia, incluindo a Índia até 1549 e o Brasil até 1552 106-107. Funda o Colégio de Coimbra 27, e pensa em ir fundar pessoalmente a Missão do Brasil 7, discípulo de Pero Fernandes em Paris e foi princípio de ele ser nomeado bispo

373-374 406, recebeu na Companhia os Padres e Irmãos das três primeiras expedições do Brasil 115, mandou dar roupa aos que íam para o Brasil 403, perseveraram todos os que mandou ao Brasil com Nóbrega 353, deixa o cargo da Província de Portugal e informação errónea de Astrain 491; 8 21 22 25 26 32 33 50 64 66 69 88 94 95 97 108 118 146 155 156 177 187 190-192 201 209 229 237 246 271 281 298 314 348 355 357 367 372 400 417 419 420 425 433 448 466 502.

* Rodrigues, Vicente: Primeiro Mestre-Escola do Brasil Vida 40-41. Tem escola de ler e escrever 109 110, atende aos índios baptizados 129 179, ermitão do Monte Calvário 131 141 185 280, esteve em Porto Seguro, onde passou perigos e donde voltou à Baía com quartãs 254 260 279, era doente e Nóbrega mandou-lhe que ficasse bom e sarou 352-353, tira um cadáver das mãos dos Índios para que o não comessem e o enterrou 306 307 309, visita o hospital da Baía e os presos da cadeia e traslada orações na língua brasílica 311 378, que fala 410, na Aldeia de S. Tomé de Paripe 376 379 388 391 397 410, estratagema para baptizar um cativo em cordas antes de ser morto e comido pelos índios 514 517, Superior da Baía 516, espiritualidade 314; 7 20 55 109 118 127 139 156 158 192 256 261 277 278 281 292 296 302 305 312 321 360 364 409 415 467 482.

Rodrigues Correia, João: 495.

Rodrigues Sénior, Sebastião: 95.

Rodrigues de Vilarinho, Paio: Mestre. 96.

Roma: 19 21 22 24 25 34 38 53 57 59 60 63 70-72 80 94 95 97 101 124 192-194 363 385 458 466 506 509 512 522 526; ARSI 61 133 145 177 187 200 213 216 218 223 229 232 237 239 247 251 266 272 276 298 302 305 314 348 367 375 390 391 409 415 419 425 433 448 459 464 467 468 481 489 504 506 509 512 519 521; Bibl. Vaticana 60 61 65 70 146 155 179 200 224 229 232 237 239 247 251 266 272 276 306 314 391 409.

ROMANOS: 112.

ROMARIAS: Às cruzes das Aldeias 184. — Ver PEREGRINAÇÕES.

Romero, Gonçalo ou Jerónimo: 472.

Rosa, Maria da: Meirinha e intérprete. 263 286 326.

ROSÁRIO: — Ver CONFRARIAS.

Rosweyde: Escritor. 442.

Rouen [*Rudo*]: 90 92.

Sá, Mem de: Governador Geral do Brasil. Secundou Nóbrega 36, lia as cartas dos Padres 60; 46 194 312 372 454.

Sabóia: 23 216.

Sacavém: 40.

SACRAMENTOS: Nóbrega pede baptistérios 130, óleos para ungir e para baptizar 114 e um bispo de anel para conferir ordens sacras baptizar e crismar 422.

Baptismo: Adultos, antes baptizavam-se por camisas 386, e quantos podiam o que foi causa de muitos erros e escândalos 324; os primeiros pela Companhia em 1549 139, os Índios pedem o baptismo mas tem de deferir-se por não terem aldeias fixas e comerem carne humana 182-183 e mostrarem pouca fir-

meza 254 274; Nóbrega ordena que se façam primeiro os catecismos e exorcismos até mostrarem firmeza, crerem em Cristo de todo o coração e se emendarem dos seus maus costumes 252, e não em multidão 346; espera-se que os 50 catecúmenos de Piratininga mostrem por obras que merecem o baptismo 523, baptizados que perseveram 275, baptizmo de índios em cordas 165 517-518, in extremis 283 305 318, menino moribundo que, baptizado, viveu 305 306; 111 128 129 160 162 235 251 282 317 396 429; no Paraguai 339.

Confirmação: Nóbrega desejava que viesse um bispo de anel para crismar 422.

Eucaristia: 1.ª Missa da Companhia no Brasil 109, missa seca no mar 515, binação 394, procissão de Corpus Christi à moda de Portugal 129, bula do Santíssimo Sacramento (confrarias) 124, o Santíssimo em casa 233, visita e oração diante do Santíssimo 172 327; comunhões sacrílegas 421, homens que não comungavam e agora tornam a comungar 285-286 235, comunhão 208 262, comunhão frequente 238 424.

Penitência: Contrição 232 233, teologia da contrição e atrição 370, absolvição sacrílega de amancebados 290, os Padres da Companhia não os absolvem 404, confissões na armada 110 429, de combatentes e feridos (capelão militar) 257, por intérprete 253 326 333 358 361 365 368 369 401 407, boas confissões de índios e mamalucos 286-287 292 310 438-439 496 504; confissões 42 43 114 158 162 165 203 207-209 273 288 289 394 426 432 516, confissão frequente 329, semanal e quinzenal 428.

Extrema-Unção: Nóbrega pede óleos para ungir 130.

Ordem: 420 442.

Matrimónio: De portugueses com portuguesas e como desejam mulheres brancas 120, de portugueses com índias 207 259 262 268 285, as mamalucas de Pernambuco casam-se todas 293, de consciência 394, de índios e índias entre si 139 141 259 268 287 293, o capítulo «Gaudemus» 141, dispensas matrimoniais (indulto geral) pedidas por Nóbrega 525-526. — Ver CULTO.

Saint-Jean-de-Sixt: 23.

Salamanca: 21 34 35 460.

Salazar, Juan de: Capitão. 431 474 495.

Saldanha da Gama, João de: 36*.

Salgado, César: 42* 521.

SALINAS: 409 477.

* Salmerón, Alfonso de: 53 94 106.

Salomão: 323.

Salvador: Fundação 135; 4 29 35 52 110 121 132 410. — Ver *Baía.*

Salvador, Frei Vicente do: Escritor. 35* 42* 47 51 138.

Sanceau, Elaine: Escritora. 43* 36 375 521.

Sanfins (do Minho): 124 403 406.

Sanlúcar de Barrameda: 470.

Santa Catarina: 431 462 481 503

Santa Cruz, Cardeal de: 65 155 217 218.

* Santa Cruz, Martinho de: 8.

Santa Maria, Frei João de: 48.

Santa Rita Durão, Frei José de: Escritor. 43* 112 153-154.

SANTA SÉ: Favorece a Companhia a pedido do Rei de Portugal 26-27, graças concedidas à Companhia 510. Nóbrega pede amplas faculdades para a conversão do gentio e matrimónio cristão 119 123-124 156 167 522 525; 26 27 33 35.
Santarém: 215.
Santarém, Visconde de: Escritor. 42*.
Santiago de Compostela: 35.
Santos: Vila chamada «Todos Santos» 206, sem hospital (1549) 206; 201 232 233 460 475 484 495.
S. Amaro: Capitania e vila. 206 297 418 454.
S. Amaro (Ilha de): 245.
S. Amaro (Porto Seguro): 427.
S. André da Borda do Campo: Igreja 208; 222 244 493.
S. António (Ilha de): 299.
S. João da Madeira: 111.
S. João da Talha: 40.
S. Martinho, Pedro Gonçalo de: Impressor. 130.
S. Paio de Arcos: 41.
São Paulo (Cidade de): Fundada pelo P. Manuel da Nóbrega: ver *Aldeia de Piratininga;* 9 13 20 36 40 41 46 84 222 250.
São Paulo (Estado de): 37 84 227.
S. Pedro do Sul: 525.
S. Salvador (Congo): 189.
S. Tomé (Ilha de): 68 95 287 292 351.
S. Tomé de Paripe: 397.
S. Vicente (Vila e Capitania de): Ilha e vila 484, capitania até agora muito esquecida 491, matriz 246, rendimento da alfândega com o Paraguai 485, 1.º Engenho de Açúcar 526, chegada de Nóbrega 430 490, grande igreja e casa da Companhia fundadas pelo P. Leonardo Nunes 420-421 433, terras de Pero Correia 459, prosperidade mas faltam Padres 349 391 398, tem 14 Irmãos mas esperam-se Padres de Portugal 220 226 356 421, a capitania mais sã de todas 490, porta aberta do sertão 355 420, dela se deve fazer mais fundamento 421, devia ser da jurisdição de El-Rei 490 496; 8 9 13 17 18 20 29 36 37 41 42 44 45 122 138 147 154 156 161 184 200 201 206 208 212 218 219 222 227 229 232 237 239 245 247 252 272 295-298 307 328 335 336 342 353 355 394 418 419 425 431 436 442 445 448 454 460 463 466 468 475 479 480 484-486 490 493 495 499 504 511 522. — Ver COLÉGIO DE S. VICENTE.
S. Vicente da Beira: 37.
Sardinha, Gil Fernandes: 48.
Sardinha, Pero: Cura de Santa Cruz do Castelo. 50.
Sardinha, Pero Fernandes: Da diocese de Lisboa. 48.
Sardinha, D. Pero Fernandes: Ver Fernandes [Sardinha].
SAÚDE: Dos da Companhia 119 156 401 503. — Ver DOENÇAS.
Schaden, Francisco S. G.: Escritor. 154.
Schmidel, Ulderico: Escritor. 43* 473 475 493.
Schmidt, Max.: Escritor. 43* 473.
* Schmitt, Ludovicus: 44*.
* Schurhammer, Georg: Escritor. 37* 43* 24 32 34 58 60 65 87 94 95 101 104 155 177 187 190 216 394 441 521.
SÉ: Da Baía 468.
Sebastián, Maria: Mãe do P. João de Azpilcueta. 38.
Sebastião (D.): Rei de Portugal. 114 313 489.

* Sedeño, Antonio: Mis. da Florida. 63.
Sena: 94 107.
Senabria, Diogo de: 503.
SERMÕES:—Ver MINISTÉRIOS (pregações).
* Serrão, Gregório: Chega ao Brasil 466 514, para Porto Seguro 516; 194.
SERTÃO: Da Baía 11 46 186, entrada de sete léguas 381, de Nóbrega e outros 381, como os Índios recebem os Padres 397; de Porto Seguro, entrada 514; de S. Vicente, porta para dentro da terra 490 496, não se pode andar no sertão sem resgates ferramenta e guias 494 506, tenção de Nóbrega de descobrir terra 313, e de entrar e fazer uma grande cidade 432 492, mas primeiro é preciso dar princípio às casas das capitanias 346 354, impedida a entrada 440 442 449 450-452 485 486 490, Nóbrega persiste em entrar ao menos ao sertão mais próximo 447 502, carta de Nóbrega do sertão de S. Vicente 521; 41 201 209 226 268 336 345 346 349 354 355 374 384 421 434 499 504 522 523 527.
SERVIÇO DE DEUS: Fim principal de Portugal em povoar o Brasil 5.
SESMARIAS: Condições 196, Água dos Meninos 194-200 258 304, do Espírito Santo 298-302 393, de S. Vicente (Pero Correia) 462.
Setúbal: 33 107.
Sevilha: 440 442 451 469 470.
SEZONISMO: 128, quartãs 254.—Ver DOENÇAS.
Sicília: 22 53 55.
Siebra, Pedro de: Feitor e almoxarife. 295-297 418 454.
Silva, Alberto: Escritor. 43* 369.
Silva, Inocêncio Francisco da:—Ver Inocêncio.
Silva Lisboa, Baltasar da: Escritor. 43* 74 146.
Silva Rego, António da: Escritor. 43* 454.
* Silveira, D. Gonçalo da: Mártir de Monomotapa. Mestre do P. António Pires 327; 322 326 448.
Silveira, João da: Embaixador. 92.
Silveira, Luís: Escritor. 43* 130 441.
Silveira Camargo, Paulo Florêncio da: Escritor. 43* 244 460 499 502.
Silves: 93.
SINOS: Pedem-se 385.
Sixto V: Papa. 128.
Soares, André: 211.
Soares, Fernão: 300.
Soares, Frei Henrique: 3.
Socotorá: 450.
SOLDADOS: Que depois foram Jesuítas: —Ver Inácio (S.), Berze (Gaspar). Gonçalves (Simão), Rodrigues (António), Sousa (João de).
Sommer, F.: 38* 480 493.
* Sommervogel, Carlos: Escritor. 35* 43* 60 108 115 118 145 155 223 231 250 283 289 305 321 328 343 348 390 400 409 487
Sousa, Bernardino José de: Escritor. 43* 3 356.
* Sousa, Francisco de: Escritor. 44* 424.
Sousa, Gabriel Soares de: Escritor. 44* 411.
Sousa, D. Helena de: 52 345.
Sousa, João de: Prior de Rates. 52.
* Sousa, João de: Protomártir. Soldo de soldado antes de ser da Companhia 295-296, esmola a sua mãe 420 424, «alma bendita» (Nóbrega) 424; 45 209 226.
Sousa, José Soares de: 43*.

Sousa, Martim Afonso de: Donatário. Impede S. Francisco Xavier de ficar em Socotorá 450, testemunho de D. Pedro Fernandes contra ele na Índia 50; 29 206 459 460 462 484 491.
Sousa, Martim Afonso de: Filho de Pero Lopes. 206.
Sousa, Pero Lopes de: Donatário. 206.
Sousa, Tomé de: 1.º Governador Geral do Brasil. Vida 52-53, nomeação 4, Regimento 5 445, acede ao pedido de Nóbrega para libertar os índios injustamente cativos 123, favorece a conversão do gentio 254, coadjuva Nóbrega 264-265 351 402, dá a sesmaria de «Água dos Meninos» 194-200, sustenta o parecer de Nóbrega em conservar o Colégio da Baía 401, dá de comer 404, virtuoso e benfeitor 259 402 428, homem pio 311, recto não tanto os seus conselheiros 449, fecha o caminho do Paraguai por causa dos castelhanos 426 432 449-451 492; o que impede a ida ao sertão dos Padres da Companhia «tão virtuosos e tão meus amigos» 486, amigo da Companhia 354 427, «escolhido de Deus» 115, gostaria de ficar no Brasil e Nóbrega recomenda-o a El-Rei 345 349 354 455; 65 68 87 109 174 195 208 211 212 222 256 270 273 280 293 296 297 302 307 314 345 350 418 426 436 491 495 496 503 525.
Sousa Campos, Ernesto de: Escritor. 44* 40 111.
Sousa Couto, Luís de: Escritor. 44* 129 386.
Sousa Viterbo: Escritor. 44* 39.
Southey, Robert: Escritor. 36.
* Soveral, Diogo do: Mis. do Congo 130.
Staden, Hans: Escritor. 44*.
Steeloio, João: Impressor. 441.
Steward, Julian H.: Escritor. 38* 19.
Streit, Robert: Escritor. 73 98 101 104 108 115 118 132 145 155 177 187 200 216 223 229 231 238 245 250 266 272 276 283 289 305 328 343 348 390 400 409 506 509 519.
* Suárez, Cipriano: Vida 464.
Sucre: 478.
SUPERSTIÇÕES: 17 446-447.
SUSTENTAÇÃO (MEIOS DE): Mandados de pagamento para mantimento e vestiaria dos Padres do Brasil pagos em ferro 176 177[1] ou em mercadoria 366-367, farinha vinagre azeite vinho panos sapatos sombreiros e camisas 213 264-266 296-298, ou em dinheiro 418; 211 249 296-298 351 366-367 402-403; Nóbrega propõe que o subsídio régio abranja também os de S. Vicente 444, e todos os Padres e Irmãos da Companhia no Brasil 349 356, o subsídio paga-se mal no Brasil, seria melhor que se pagasse em Portugal 423 457-458; os Padres dão aos meninos o subsídio régio e vivem de esmolas 350-351. Para educar meninos em Colégios a Companhia adquiriu terras para fazer roças 401-402 (ver FAZENDAS; ver SESMARIAS), escravos para as laborar 293 351. e vacas para dar leite aos meninos 351 (ver GADO); também o Ir. ferreiro ajuda a manter os meninos 503, mas os meninos são muitos e seria difícil sustentá-los só com esmolas 402, nem é

possível ter Colégios e sustentar meninos sem meios adequados 405 434 496, o Governador deu esperança a Nóbrega de alcançar de El-Rei os dízimos de arroz da Capitania de S. Vicente 457.

TABACO: — Ver AGRICULTURA.
* Tacchi Venturi, Pietro: Escritor. 44* 27 363.
Tarragona: 25.
Taunay, Affonso de E.: Escritor. 33* 44* 325 435 524 526.
TECELÕES: — Ver ARTES E OFÍCIOS.
* Teles, Baltasar: Escritor. 44* 87 107.
TEMBETÁS: 280.
Ternate: 363.
Terra Santa: 458.
TERRAS: — Ver FAZENDAS; ver SESMARIAS.
Tetuão: 189 224.
Thevet, André: 429.
Tibiriçá: — Ver Índios.
Tito: Imperador. 471.
Toledo: 464.
Toledo, Francisco de: Governador do Peru. 62.
* Tolosa, Inácio: 67.
Tomé: Santo Apóstolo. Lenda das pegadas 18 117 138 153 376 379 381 388 397 410 411.
Tordesilhas: 451 485.
* Torres, Miguel de: Provincial de Portugal. 27 31 56.
Traglia, Aloisius: 8*.
Trento: 56.
Tumiaru: 461.
TUPI (LÍNGUA): Nóbrega procura tirar as primeiras orações na língua brasílica 112, e ordena que a língua se aprenda e se façam traslados 252, aprende-se pouco a pouco 268, intérpretes («línguas») 142 207 209 222 226 227 269 278 361 516, confissões por intérprete 310 326 369, sem intérprete 253, primeiras orações 112, Paixão de Cristo, mandamentos, Padre Nosso, Credo e Salve Rainha (1552) 416-417, orações e sermões 252 262 278 281 287 297 385 395 427 429 432, cantos 158 258 385 396 428, meninos línguas pregando e cantando 350 376 378, no Rio de Janeiro 426, traslados para pregações e cantos 378, vocábulos tupis 150 197 241 341-342 379 386 389-390 397, Pero Correia 45 221 230 231 248 426 431, Padre Navarro 18 38 310, Vicente Rodrigues 311 410 411, Maria da Rosa 326.
TURCOS: 450.

Udaondo, Enrique: Escritor. 44* 470 471 475 478.
UNIVERSIDADE DE COIMBRA: Estudos de Nóbrega 134, parecer pedido por Nóbrega 271; 32 34 47 78 96 147 408 466 523.
— DE ÉVORA: 74.
— DE INGOLSTADT: 217.
— DE PARIS: Bolsas de estudo portuguesas 36-37; 32 48 455 458.
— DE SALAMANCA: 34.
Uruguai: 11.
UVAS: — Ver AGRICULTURA.

Vacant, A.: Escritor. 36*.
VACAS: — Ver GADO.
Vale, António do: Escrivão. 463.
* Vale, Leonardo do: Escritor. 33* 44* 148 241 390.
Vale Cabral, Alfredo do: Escritor. 35* 40* 44* 67 68 76 108 109 112 116 119 122 133 146 153 155 156 267 284 289 328 343 348 400.

Van der Vat, Odulfo: Escritor. 44* 48 50 110 162 164 203 263 313 359 371 373 436 455 460 481 483 499.
Van Gulick, Guilelmus: Escritor. 45*.
Varnhagen, Francisco Adolfo: Escritor. 44*. — Ver Porto Seguro, Visconde de.
* Vasconcelos, Simão de: Escritor. O que diz de Nóbrega e a sua opinião sobre o canto e a música para atrair os Índios da América 384; 45* 75 125 309 314 341 385 465 499 506 523.
Vaticano: — Ver *Roma*.
Vaz, Afonso: Morador no Espírito Santo. 300.
* Vaz, Jorge: Mis. do Congo. 130.
Vaz, Marçal: Tabelião. 194.
Vaz, Miguel: Vigário Geral. 94.
* Vaz de Melo, Gonçalo: Provincial de Portugal. 41 56.
Vedia, Enrique de: Escritor. 45*.
Veneza: 21 23 53 60 95 458.
Venezuela: 11.
Vera Cruz: 3. — Ver *Brasil*.
Veralli, Jerónimo: Núncio. 21.
«Verbum»: 39* 45*.
Verlinden, Charles: Escritor. 29.
Vespasiano: Imperador. 471.
VESTIARIA: Dos Padres S. I. — Ver SUSTENTAÇÃO (MEIOS DE).
VESTIDOS: Para os Índios e Índias 109 119 127 347 401 408, os meninos sofre-se que andem nus 421, algodoais para vestir os Índios 126.
Viana do Castelo: 399.
Vianna, Hélio: Escritor. 45* 521.
Vicente, Pero Anes: Juiz. 164.
* Vidal, Pedro: Escritor. 45* 166.
* Viegas, Manuel: Apóstolo dos Miramomins. 13.
* Vieira, António: Escritor. 45* 77, o que diz de Nóbrega sobre o canto e a música 384-385.
Viena de Áustria: 216.
VIGÁRIO GERAL: Deve vir um de Portugal 109 116.
Vila Velha: 109 394 516.
Vilhegas, Diogo Ortiz de: Bispo de S. Tomé. 95.
Villabeltran: 25.
Villaret: 23.
* Villoslada, Ricardo G.: Escritor. 45* 96-97.
VINHOS: Que embriagam 226-228 278, excesso dos Índios nas bebidas 340 445, são mais guerreiros agora porque têm tudo até mais vinho 434; para missas 341. — Ver AGRICULTURA.
Vio, Tomé de: Cardeal. 44 407.
Virgílio: Poeta. 392.
Viseu: 95 129 458 525.
Vitória: 250 275 298 299 301.
VOCAÇÕES: «Soldados para Cristo» 402, primeiras vocações na Baía 183-184 353, Irmãos grandes e Irmãos pequenos 388, vocações em S. Vicente 207 209 226 239 420, o Brasil precisa mais de Padres que de Irmãos 232, pretendentes casados 312, entrada de João de Sousa «homem de armas» 295 (Ver SOLDADOS), perseveraram todos os que o P. Simão Rodrigues mandou para o Brasil 353; 127 156 169 233. — Ver COMPANHIA DE JESUS.
* Vogado, Inácio: 224.
VOTOS: — Ver COMPANHIA DE JESUS.
Vouzela: 458 525.

Wallace, Alfred Russell: 136.
Wanderley Pinho, José: Escritor. 45* 375 380 381.
* Wicki, Josef: Escritor. 36* 37* 45* 54 58 88 94 101 157 193 283 288 313 326 441 521 526.

† Xavier, S. Francisco: Entre os primeiros Padres fundadores da Companhia 21, vem para Portugal com destino à Índia 26, primeiro Provincial de Goa 22, louva e reconhece o apostolado e munificência portuguesa 27-28, impedido pelo Governador, que o levou para a Índia, de ficar em Socotorá 450; 32 34 38 64 66 69 72 94 107 140 157 192 193 360 363 521.

Zeeland: 520.

* Zubillaga, Félix: Escritor. 45* 62 63 100 515.

ZUMÉ (MITO DE): 18-19 116 153.

Zweig, Stefan: Escritor. 45* 521.

ACABOU DE SE IMPRIMIR
A 13 DE JUNHO DE 1956
DIA DE S. ANTÓNIO DE LISBOA
CONFESSOR E DOUTOR DA IGREJA
NA
TIPOGRAFIA DA ATLÂNTIDA
COIMBRA

MON. HIST. S. I.
VOL. 79

MONUMENTA MISSIONUM

VOL. 10

—

MONUMENTA BRASILIAE

1

(1538-1553)

ROMA 1956